

189
—
VI

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

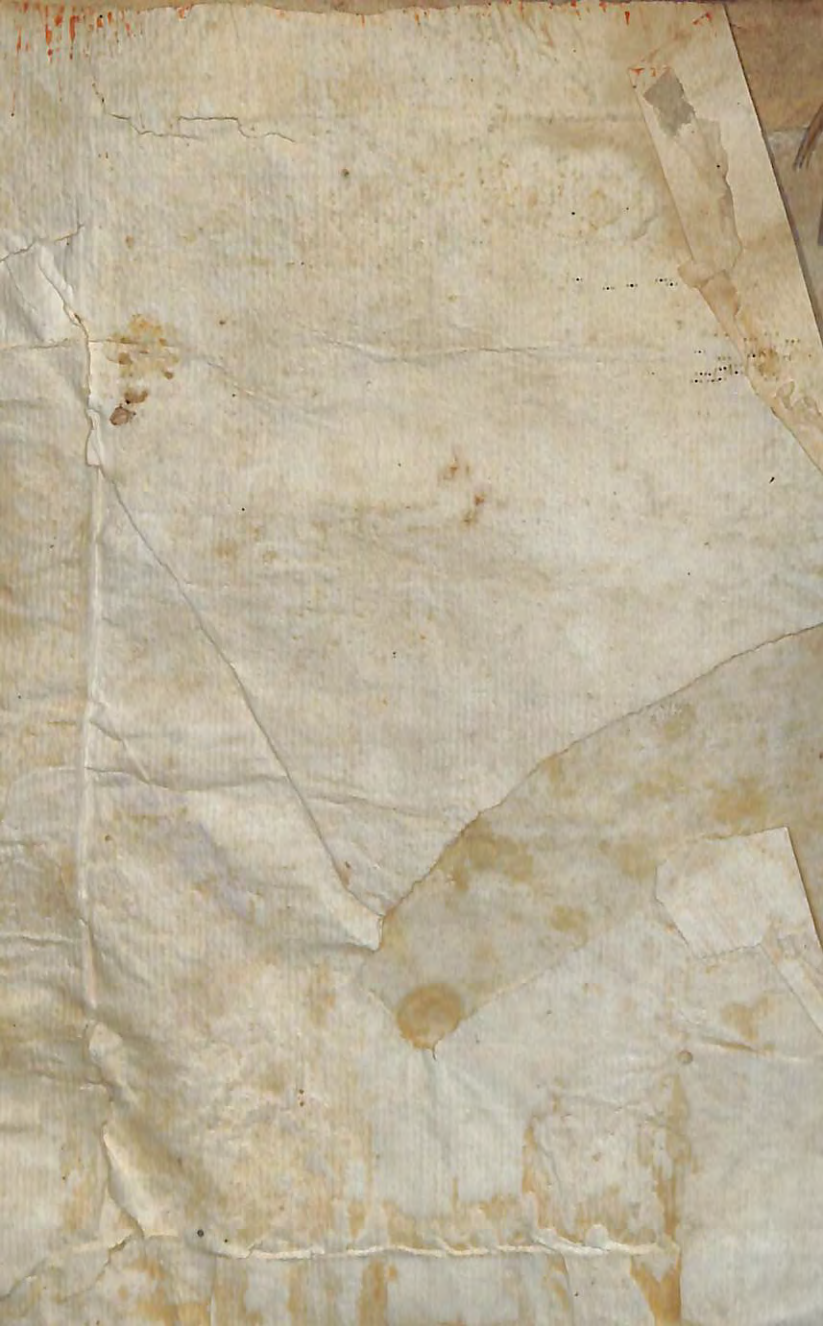
32

33

34

35





S E R M O E N S
V A R I O S,

E DISCURSOS PREDICAVEIS,
POLITICOS, PANEGYRICOS,
E MORAES,

D E

FR. MANOEL DE GOUVEA

Augustiniano.

Q U A R T A P A R T E,

O F F E R E C I D A

A' SEMPRE EXCELSA, SEMPRE AUGUSTA,
e serenissima Magestade

D A

V I R G E M M A R I A

N O S S A S E N H O R A

EM O PRIMEIRO INSTANTE DA SUA PURISSIMA,
Sacratissima, e Gloriosissima

C O N C E I C A M.



L I S B O A:

Na Officina de JOAM BAUTISTA LERZO.

M. DCC. XLIII.

Com todas as licenç. s necessarias.

2 M M O E N S

THE
POLITICAL

THE

QUALITY

THE

VIRGEMARIA

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE

THE



A' SOBERANA
RAINHA DOS ANJOS
MÃY DE DEOS,
E
SENHORA DOS HOMENS
MARIA
SEMPRE VIRGEM,
UNICA NAS GLORIAS DE PURA
NA SUA CONCEIC,AM ADMIRAVEL.

*Se prostra, se humilha, se tributa, e com profunda
veneração beija a tanta Alteza os pès*

Seu indigno escravo, e só no desejo devoto seu,

Fr. MANOEL DE GOUVEA.

L I C E N Ç A

DO Santo Officio.

PO'de-se tornar a imprimir a quarta parte dos livros predicaveis do Padre Presentado Fr. Manoel de Gouvea, e depois de impresso tornar á para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 5. de Outubro de 1725.

Rocha. Fr. R. Alencast. Cunha. Sylva. Cab.

Do Ordinario.

PO'de-se tornar a imprimir a Quarta parte dos livros predicaveis do Padre Presentado Fr. Manoel de Gouvea, e depois de impresso tornar á, para se conferir, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 19. de Fevereiro de 1726.

D. João Arcebispo.

Do Paço.

MAnda El Rey nosso Senhor que o P. Doutor Francisco de S. Bernardo veja este livro, e pondo nelle seu parecer, o remeta a esta Mesa. Lisboa 18. de Janeiro de 1714.

*Duque P. Lacerda. Costa. Andrade. Botelho.
Pereira. Baracho.*

Censura do Reverendissimo P. M. Francisco de S. Bernardo, Conego secular da Congregação do Evangelista, Doutor na Sagrada Theologia, e Pregador dignissimo de Sua Magestade.

S E N H O R.

SEndo todos os Sermoens do M. R. P. M. Fr. Manoel de Gouvea escritos cõ taõ aparada, e apurada penna, que logo nos primeiros voos de tal forte os eximio da cõmuã, e usual approvação do nosso juizo, que parece os ideou mais para singular, e indelevel memoria do seu applauso, que para cuidadoso, e reverente emprego da nossa imitação; era certo, que este livro, que he o quarto portentoso parto do seu grande entendimento, q̃ V. Magestade he servido mandarme rever, naõ podia como filho da sua vastissima fecundidade, e como effeito da sua affluente erudição deixar de ser formado com a mesma prerogativa na officina do seu altissimo engenho, e de apparecer escrito com o mesmo privilegio pela agigantada penna da sua eloquente profundidade, E como he taõ conhecidamente elevada a sua penna, he sem duvida, que na sublimidade, com que voa, tanto se remonta ao nosso discurso, que a naõ póde seguir o respeito, quanto mais alcançar a censura; porque observando em todos os Sermoens deste livro os rigidissimos preceitos de Declamador Evangelico, penetra, e discorre, com tanta igualdade na variedade numerosa dos assumptos, que propondo em cada Sermaõ huma sobida fórma para o exemplo, e dando em todo o livro huma larga materia para a admiração, he sempre o mesmo o seu juizo na numerosidade varia de qualquer dos argumentos; pelo que se me faz preciso confessar, que só o seu entendimento, que taõ altamente sabe discorrer, he o que a si proprio condignamente se havia examinar: *Suo enim utitur testimonio, Amb. lib. 1 non suffragio alieno,* disse Santo Ambrosio em semelhante exam. c. 9.

caso. O que he superior á nossa capacidade, não necessita da nossa approvação, e basta o nome do Author, para fer o mayor Crisís, e o melhor testemunho da nossa singularidade. Porque depois que este grande talento nos primeiros tomos, com que sahio a luz, principiou no amplo templo da Memoria a levantar a sublime estatua da Fama, e a collocar no altar da veneração a imagem do applauso, assim ficou para objecto do nosso respeito, que o não pôde alcançar o nosso exame; porque são tão inarrivaveis, e remontados os voos desta Augustiniana Aguia, que só da sua mesma penna se podem formar as azas para o seguir, e só das suas azas se pôde tirar a penna para os censurar; que se ao Sol só a activa vivacidade da Aguia lhe pôde beber os resplandores, Aguia, e Sol, he o P. M. Fr. Manoel de Gouvea, pois só a perficaz agudeza do seu engenho pôde examinar as brilhantes luzes dos seus discursos. Sol pelo rayos da doutrina, com que na estampa he admiração, como unico Orador da eloquencia. Aguia pelas subtilezas dos pensamentos, com que nos pulpitos he ouvido, como singular Mestre da Erudição, que em huma, e outra couza he este admiravel engenho a Aguia mais Real, e o Sol mais esclarecido; sendo nos caracteres da estampa as luzes deste Sol as mais intensas, e as mais claras; e sendo nas declamações do pulpito os voos desta Aguia os mais sublimes, e os mais elevados; porque sem a affectação de palavras usa de huma rhetorica natural, limada, suave, nervosa, e pura; e sem impropriedade de termos segue hum estilo uniforme, grave, cadente, selecto, e aprazivel; tão doce por clausulado, tão plausivel por florido, tão penetrante por agudo, tão persuasivo por doutrinal, tão profundo por sobido, tão discreto por sentencioso, e tão executados em tudo os mais novos realces da eloquencia, os mais altos primores da elegancia, e os mais apertados preceitos da rhetorica, que supposto hajaão escrito varoens tão doutos em materias predicaveis,

dicaveis, posso dizer sem lisonja deste grande Orador, que na pureza da frase, no pèzo das razoes, na formalidade dos discursos, na noticia dos sagrados Textos, e na intelligencia dos Santos Padres: *Nemo, ut opinor, erit sapientior illo.* E ainda que escreve como prèga, só se poderá achar menos nas suas obras a melhor parte, que he o *dicere* do Author; que consiste naquella doçura grave, naquella suavidade discreta, e naquella sympathy occulta, com que attrahe, eleva, e arrebatava os animos, os entendimentos, e as vontades dos ouvintes. Porém substituindo aos olhos a energia da lingua, e transfundindo o espirito da voz ao impulso da penna, tem tanta alma o corpo deste livro, que a muitos com superior alento pôde communicar vida. Porque nelle, e por elle o Prègador pôde animar discursos, o discreto estudar erudição, o Orador fabricar idéas, o erudito adquirir noticias, o eloquente decorar frases, o elegante usar tropos, o Escriurario expender Textos, e todos apreñder documentos para a piedade Christãa, para reforma dos costumes, e para o exemplo da vida. Assim que por estas circumstancias, e por não conter cousa alguma, que encontre o Real serviço de V. Magestade, he este livro tão digno da estampa, como o seu Author benemerito, de que V. Magestade com soberano preceito obrigue a sua modestia, para que nos cõmunique todos os fructos dos seus continuados estudos, e todas as obras do seu admiravel engenho, para que Portugal tenha a gloria de em todo o mundo se conhecer, que produzio hum entendimento de tão avultada, e primeira grandeza, que à sua vista falta a ambição para a inveja, e sobra a justificação para a fama. Este he o meu parecer. V. Magestade mandará o que for servido. S. Eloy de Lisboa 24. de Janeiro de 1714.

Francisco de S. Bernardo.

Que se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso, tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 9. de Março de 1713.

Pereira. Oliveira. Teixeira. Noronha.

L I C E N Ç A D A O R D E M .

Vistas as informações, damos licença ao M. R. P. Presentado Fr. Manoel de Gouvea, para imprimir o seu Quarto tomo dos Sermoens varios; havidas primeiro as mais licenças necessarias. Lisboa no Convento de N. Senhora da Graça aos 15. de Agosto de 1713.

O M. Fr. Luiz da Cruz Provincial.

Visto estar conforme com o seu Original, póde correr. Lisboa Occidental 26. de Março de 1713.

Rocha. Fr. R. Lancastre. Cunha. Sylva. Cabedo.

PO'de correr. Lisboa Occidental 27. de Março de 1726.

D. João Arcebispo.

TAxaõ este livro em 00. reis em papel. Lisboa Occidental 30. de Março de 1726.

Pereira. Oliveira. Teixeira. Noronha.

I N D I C E

DAS APPLICAC, OENS PARA AS FESTAS
principaes, e extravagantes de Christo Senhor Nosso,
da Virgem N. Senhora, e de outras, que espe-
cialmente celebra a piedade Catholica.

*applicaõ-se aqui não só os lugares deste tomo, mas depois delles
os dos tomos antecedentes.*

FESTAS DE CHRISTO.

KALENDA DO NATAL.

*Nova quoque ego annuncio: antequam orientur, audita
vobis faciam. Ita.*

SEja embora, que desde o principio do mundo Deos con-
quistou os coraçoes dos homens. * A' manhã porém nas-
cerá Deos no mundo, e por huma arte nova se verá con-
quistar coraçoes. * De ordinario as conquistas se fazem
com armas, as armas governaõ-se com forças, e as forças se sus-
tentão com riquezas. Mas oh prodigio! Nascerá Deos à manhã,
e virá tão desprovido de riquezas, que virá nu. Tão falto de ar-
mas, que apenas trará humas palhinhas; e ao parecer tão desti-
tuido de forças, que será hum Menino. Como logo vem Deos
a conquistar coraçoes sem armas, sem forças, e sem riquezas:
Mas que Divina conquista a do Menino Deos! He conquista de
amor, porque he Deos Menino, o que nos conquista; e para as
conquistas do amor as forças haõ de ser a brandura, as armas a
beleza, e as riquezas as lagrimas. Tudo no Menino Deos se ve-
rá à manhã. A brandura, porque sendo hum Deos, virá feito
hum Menino. A beleza, porque será hum Menino com a for-
mosura de hum Deos. E as lagrimas, porque ainda que Deos,
virá chorando como hum Menino. Nova conquista he, e se pó-
de acclamar por nova: *Nova quoque, &c.*

^[*]
*Præbe fili
mi cor tuu
mibi Porv.
23.v.26.*

^{*}
*Ille sempit
ternæ dei-
tatis majes-
tate serva-
ta, in bujus
seculi cam-
pum pug-
natus in
travit. D.
Fulg. Serm
de S. Stepæ*

Indice das applicaçoens

I. P O N T O.

BRANDURA. Aparecerá Deos feito Menino, e taõ brando por humanado, que mais parecerá Menino, do que Deos. *
* Generosa conquista! A vencer o amor tudo, quem resistirá a hum Menino, que he retrato do amor? p. 173. c. 2. p. 174. c. 1. Menino he, o que nos conquista, e sem embargo de o cremos Deos, posto em campo he Menino: conquista de coraçõens he, e até Deos para os conquistar, mais faz com as branduras de Menino, que com as fortalezas de Deos. Tom. 3. p. 331. c. 2. usque ad p. 333. c. 2. Neste Menino, em quanto Deos, conquistaõ as forças do seu poder; neste Deos, em quanto Menino, conquistaõ as branduras do seu amor. Oh differença! Na rebeldia dos nossos coraçõens mais pôdem as ternuras do amor, que as violencias do poder. Tom. 2. p. 252. c. 2. usque ad p. 256. c. 2. Palavra he do Pay este Menino Deos, e como palavra do coraçõ, he palavra terna. Divino Rey! Se muito conquista com o poder da obra, prodigios faz com o terno de huma palavra, p. 212. c. 1. usque ad p. 216. c. 1.

II. P O N T O.

BELLEZA. A nascer Deos feito Menino, se verá por nós em campo hum Menino com a formosura de hum Deos. Divino esplendor! Se a belleza humana he luz que agrada; esta junto da Divina, que será? Ou luz muy pequena, ou em nada luz, p. 445. c. 2. Na nuvem da humanidade se verá com Belém ecliptada a belleza toda de hum Deos; * mas a ser por amor o eclipse, naõ será o Sol, o que se eclipsa nesta nuvem, antes pela nuvem se affinaráõ mais os rayos deste Sol. Tom. 1. p. 419. c. 1. & 2. p. 420. c. 1. Tom. 3. p. 288. c. 2. p. 289. c. 1. p. 336. c. 2. usque ad p. 340. c. 1. Com toda a luz do seu Meyo-dia se verá nascido em Belém o Sol da graça. Prodigio grande! Ajuntar hum Sol no Occaso as luzes do seu Zenith, muito he; mas tellas no Oriente o Sol: ajuntar o seu Zenith com o seu Oriente, he mais que muito, p. 151. c. 1. usque ad p. 153. c. 1. Se he mortalha a humanidade: * oh defengano! Apenas huma belleza se vê nascida, se vê amortalhada. Descreve se o caduco de huma belleza.

*
*In carne
nostra puf-
silus, dulcis
in gremio,
mitis inba-
bitu, & in
nostro con-
tubernio
blandus.*
D. Petr.
Christ.

*
*Sacco mor-
talitatis
lucem coo-
peruit Di-
vinitatis.*
D. Ant.
ferat. 1. de
Adv.

*
*Sacco mor-
talitatis.*

para as Festas extravagantes.
leza. Tom. 3. pag. 382. col. 1. ufque ad p. 386. col. 1.

III. P O N T O.

LAGRIMAS. Vem o Menino Deos a conquistar corações, e vem, ainda que Deos, chorando como hum Menino. Se lagrimas são amor, nunca pôde chorar pouco, quem ama muito. Terno coração! Assim como se ama, assim se chora, p. 225. c. 2. p. 256. c. 1. p. 380. c. 1. e 2. p. 381. c. 1. Chora Deos pelos nossos corações; e que coração se não renderá, vendo chorar, como hum Menino, o mesmo Deos? Ao ver-se hum Sol derretido em lagrimas, que coração se não desfará em ternuras? Tom. 3. p. 334. c. 1. ufque ad 336. c. 1. Prodigios, que para enternecer corações, se descrevem no Nascimento do Menino Deos. Tom. 2. p. 26. c. 1. e 2. p. 27. c. 1. e 2. Tom. 3. p. 327. c. 1. e 2. p. 328. c. 1.

O SENHOR JESUS CRUCIFICADO.

REY SALVADOR.

Vocatum est nomen ejus Jesus. Luc. 2.

DOus titulos tem hoje o Senhor Jesus: o titulo de Rey, e o titulo de Salvador. Tudo no mesmo Nome de Jesus se contém: quer dizer Salvador: *Jesus Salvator*, e como de *formali*, diz a humanidade, que Christo tomou da Mãe: tambem quer dizer Rey, porque a humanidade foy coroa: *Coronavit, quando generavit.* A ser pois Christo Salvador, e Rey, hoje com hum diamante lavraremos outro: pelas insignias de Rey descobriremos nelle as glorias de Salvador. Tres são as insignias, por onde hum Rey se mostra Rey: o trono, o sceptro, e a coroa: tudo em Christo houve, quando Rey, e Salvador juntamente: por trono teve a Cruz, por sceptro os cravos, e por coroa os espinhos. Gloriosas insignias! Se em Christo Salvador se ostentou divindade, fineza, e gloria, para tudo lhe valerão as insignias de quando Rey: para exaltar a sua divindade, será a Cruz o melhor trono: para ostentar a sua fineza, os cravos o melhor

D. Amb.
L. de inf.
Virg. cap.
16.

Indice das applicaçoes

melhor sceptor; e para laurear a sua gloria, os espinhos a melhor coroa. Salvador Divino, com trono, com sceptro, e com coroa; poriflo nas insignias de Rey com gloria de Salvador.

I. P O N T O.

TRONO. Na sua Cruz teve Christo trono de Rey; e para exaltar como Salvador a sua divindade, teve na mesma Cruz o melhor trono. Trono admiravel! Na mesma insignia de Rey exalta a sua divindade o Salvador. Pela sua Cruz se exalta em Christo a divindade, p. 425. col. 2. usq. ad p. 434. p. 434. col. 1. Tambem he trono a Cruz, donde Christo como Rey se exalta. Dará como Rey exaltaçoes á divindade de Salvador, mas como Salvador as dá tambem á soberania de Rey. Exalta-se este Rey na Cruz, e se mostra Rey com soberania, p. 434. col. 1. usque ad p. 439. c. 1. O mesmo que para Christo Rey he trono, para Christo Salvador he Cruz; mas Cruz, de que o mesmo Salvador faz trono: converter em trofêo de honra o que foy officina de opprobrios, isso o faz só hum Rey Salvador, p. 422. c. 1. e 2. p. 423. c. 1. e 2. Tom. 1. p. 60. c. 1. usque ad p. 62. c. 1.

II. P O N T O.

SCETRO. No sceptro dos cravos tem o Salvador por insignia da sua fineza a insignia, de quem he Rey. Mysterosa insignia! Toda a mão, que empunha sceptro, he mão fechada, mas a serem sceptro os cravos, estaõ abertas as mãos. Isto fim: fineza com mãos abertas, não ha mais fineza, p. 29. c. 1. usque ad p. 31. c. 1. p. 380. col. 1. e 2. p. 392. col. 1. Dous faõ os cravos das mãos, e os sceptros por consequencia dous. Não vi Rey com tanto Imperio; mas a ter mãos para dar, que Imperio não terá este Rey? p. 200. c. 1. e 2. p. 216. c. 2. p. 217. c. 1. Tom. 2. p. 150. c. 2. usque ad p. 153. c. 1. *Etiam* Tom. 1. p. 283. c. 1. e 2. p. 284. c. 1.

III. P O N T O.

COROA. Insignia de Rey he a coroa, e para gloria do Salvador coroa foy de Rosas a dos seus espinhos. Industria de amor grande! Donde plantou o odio espinhos, o amor colheo Rosas,

para as Festas extravagantes.

fas, p. 440. c. 2. p. 441. c. 1. e 2. Coroa de Rosas foy a coroa, que foy de espinhos. Mas são milagres de amor: Rosas, e espinhos tudo para o amor são Rosas. Ibid. *Etiam* Tom. 1. p. 99. c. 1. e 2. Tom. *etiam*. 2. p. 282. c. 1. Coroa fim de espinhos, em quanto dada pelo odio, mas coroa só de Rosas, em quanto recebida pelo amor. Não está tanto o ser das cousas em quem as dá, quanto em quem as recebe. Ibidem. *Etiam* Tom. 3. p. 93. c. 1. e 2. p. 94. c. 1.

ASCENÇÃO DE CHRISTO.

Dominus quidem Jesus assumptus est in Calum. Marc. 16.

SOL he entre nuvens Christo na sua Ascensão. * Mas tão fó-
ra está, de que esta nuvem eclipse os rayos deste Sol, que antes o Sol despede pela nuvem mais activos rayos. Divino Sol, quanto mais eclipsado, mais activo, e quanto mais escondido, mais abraçado! No luminoso eclipse desta nuvem os mesmos rayos, que Christo encobrio, affinou mais. Tres cousas encobrio hoje em Christo a nuvem da sua Ascensão: as luzes da sua gloria, os reflexos da sua fineza, e os resplandores da sua divindade. São as tres cousas, de que o Thema faz menção em Christo: *Dominus quidem Jesus assumptus est in Calum.* No *Assumptus est* a sua gloria. No *Jesus* a sua fineza; e no *Dominus* a sua Divindade. Mas oh prodigio! Os mesmos rayos, que no Sol encobre a nuvem, despede pela nuvem mais claros o mesmo Sol. * Mais claro o rayo da sua divindade. Mais claro o rayo da sua fineza; e mais claro o rayo da sua gloria.

I. P O N T O.

DIVINDADE. Descobre luzimentos o rayo da Divindade na mesma nuvem, em que se encobre. Mas oh rayo de hum Sol Divino! Se o Sol quanto mais se encobre, mais activo he, Deos quando se esconde mais, se mostra mais Deos, p. 367. c. 1. e 2. p. 368. c. 1. Tom. 3. p. 336. c. 2. p. 337. c. 1. Por esta nuvem se descobrio em Deos o rayo, que nella se encobrio, mas sóbe Deos nella para o Ceo, e sóbe pelos trabalhos da Cruz: e pela

*
Nubes suscepit eum ab oculis eorum.
Act Apost I. v. 9.

*
Rutilat etiam desuper triumphans gradus de ore purpureos radios emittens.
D. Thom de Vill. Nov serm I. de Aic.

Indice das applicaçoes

pela sua Cruz se dá a conhecer mais a divindade de Deos, p. 425. c. 2. usque ad p. 434. c. 1. Entra a fazer no Ceo ostentação das chagas que recebera, e sem embargo de que á divindade repugnaõ chagas, as chagas foraõ aqui os clarins da mesma divindade. Tom. 1. p. 526. c. 2. usq. ad p. 532. c. 1.

II. P O N T O.

FINEZA. Pela nuvem, que de nós o aparta, o rayo da sua fineza se vê mais claro. Faz a nuvem que se ausente Christo, pois o rouba aos olhos; fineza do amor de hum Deos, quanto mais se aparta de nós, mayor fineza, p. 131. c. 2. usque ad p. 133. c. 1. Tom. 1. p. 417. c. 1. usque ad p. 120. c. 2. Affinão se no feyo da nuvem os rayos do Sol, e se he Sol hum amor, pela nuvem se defatou este Sol em activos rayos. Tom. 3. p. 289. c. 1. *Etiam* Tom. 1. p. 419. c. 2. Tambem na nuvem da sua Ascensão se affinou mais o nosso amor: roubou nos dos olhos a Christo, e apoz elle se nos vaõ os olhos: amar a quem me busca, muito he; mas buscar a quem me foge, mais que muito, p. 42. col. 2. pag. 43. col. 1.

III. P O N T O.

GLORIA. Rayo luzido se vê pela nuvem da Ascensão a gloria do Senhor. Gloria grande foy, a com que desceo do Ceo, e gloria tambem grande, a com que sóbe da terra. Mas medida pelas portas, por onde sóbio, e desceo, a com que no Ceo entra, he mayor gloria, p. 430. c. 2. usque ad p. 432. c. 1. Toda a nuvem ferve á luz de eclipse, mas os luzimentos da gloria hoje se affinaraõ por esta nuvem. Tal he o Divino Sol, que dos mesmos eclipses faz para gloria sua luzimentos, pag. 423. col. 1. e 2. Tom. 3. p. 96. c. 2. p. 97. c. 1. Encerrou-se nesta nuvem a gloria mayor de Christo, mas he Maria retrato cabal desta nuvem. Por Maria sóbe Christo aos luzimentos da mayor gloria. Tom. 1. p. 367. c. 2. usque ad p. 373. c. 1.

para as Festas extravagantes.

DOMINGO INFRA OCTAVAM.

DO CORPO DE DEOS.

Homo quidem fecit cenam magnam. Luc. 14.

CEa grande se chama hoje o Sacramento, sem duvida, que para mostrar que a dadiva foy grande, se lhe dá o nome de cea. Não tem o homem depois do Sacramento mais que esperar de Deos: e chama-se cea, porque depois della, nenhuma outra refeição ha que esperar. * Gloriosa cea, em quem assenta o titulo de grande por tres titulos differentes. He cea grande, he cea mais que grande, e cea muitas vezes grande: tudo he. Na penna do Arcebispo Cesar, huma dadiva se faz grande por tres titulos: pelo muito que nella se dá, pela vontade com que se dá, e pelo fim para que se dá. * Eis-ahi a cea do Sacramento: pelo muito que nella se dá, he cea grande: pela vontade com que se dá, cea mais que grande, e pelo fim para que se dá, cea muitas vezes grande. Ainda dou outra mão a esta pintura. Pay, Senhor, e Rey era o homem, que deo a cea. O Thema só diz que he homem, mas a mesma cea diz, o que não diz o Thema. He Senhor, porque a cea he grande. Pay, porque he mais que grande; e Rey, porque muitas vezes grande. Isto he: em quanto he grande a cea, mostra no muito, que se dá, grandezas de Senhor: em quanto mais que grande, mostra na vontade, com que dá, amores de Pay; e em quanto muitas vezes grande, mostra no fim, para que se dá, poderes de Rey. Grande Rey, grande Pay, grande Senhor; porque cea grande, mais que grande, e muitas vezes grande.

I. P O N T O.

CEA GRANDE. He cea grande o Sacramento, porque nella se dá o mesmo Christo em carne, e em sangue. E cea em que Christo se chega a dar a si mesmo, he taõ grande, que depois della, nem Deos tem mais que dar aos homens, nem os homens mais que esperar de Deos, p. 31. c. 2. usq. ad p. 34. c. 1.

Mais

*
Cena dicitur, quia post coenam suam convivium est.
D. Greg. Hom. 36. in Evang.

*
Tria sunt, qua donum maioris affectionis reddunt: scilicet pretium rei donatae, voluntas, qua donatur, & finis. propter quem impenditur.
Sug. Ingr. lib. 3. c. 8. §. 2. n. 686
Facile est, Dñe, ut inperasti iratus pater familias

Luc. 14. v. 21. & 22.
Intravit autem Rex
Math. 22. v. 11.

Indice das applicaçoes

Mais do que os homens pediraõ a Christo, deo Christo no Sacramento aos homens. Tom. 2. p. 129. c. 1. e 2. Senhor grande se mostra tambem Christo pelo muito que no Sacramento dá. Nasceo a grandeza nos braços da liberalidade, e donde Christo se ostenta mais liberal, ahi se mostra mais Senhor: em ter mãos, mostra hum Senhor o que he. Tom. 1. p. 282. c. 2. usque ad p. 284. c. 1. Tom. 2. p. 151. c. 1. e 2. p. 152. c. 2. Tom. *etiam* 3. pag. 312. c. 1. e 2.

II. P O N T O.

CEA MAIS QUE GRANDE. Pela vontade, com que Christo se dá, he mais que grande a cea do Sacramento. Medem-se os lanços da liberalidade pelos extremos da fineza, e não póde deixar de ser mais que grande huma cea, donde a vontade, que a dá, he mais que grande: conforme o que se ama, assim se dá, p. 29. c. 1. usque ad p. 31. c. 1. p. 379. c. 2. usq. ad p. 381. col. 1. Pay amoroso se mostra tambem Christo na vontade, com que dá. Dar tudo, e com toda a vontade, só o faz o amor de quem he Pay, p. 382. c. 1. usque ad p. 386. c. 1. Como Pay que he, poem consigo os filhos á sua mesa. Amor de Pay, tratar aos convidados como filhos, p. 38. c. 2. usq. ad p. 40. c. 1.

III. P O N T O.

CEA MUITAS VEZES GRANDE. O fim, para que Christo se dá no Sacramento, he para se unir a nós, e para nos unir a si. Duas cousas grandes são: abater-se Deos até se unir ao homem, e exaltar-se o homem até se unir com Deos. Mas se dous bastaõ para serem muitos: cea donde os prodigios são dous, não só he grande cea, mas muitas vezes grande, p. 391. c. 1. usque ad p. 393. c. 1. Tambem no fim, para que se da, se mostra grande Rey muitas vezes. Rey he, o que muito dá, mas o que para fins grandes, mayor Rey, p. 200. c. 1. e 2. p. 217. c. 1. Tom. 2. pag. 150. c. usque ad pag. 153. c. 1. *Etiam* Tom. 1. p. 283. c. 1. c. 2. p. 284. c. 1.

para as Festas extravagantes.

O S A N T O C H R I S T O

D A S M I S E R I C O R D I A S

D E T A R D E .

Miserationes ejus super omnia opera ejus. Psalm. 144.

SEja embora que a justiça tenha contrarios effeitos á misericordia; hoje porém, qual a luz á vista das trevas, e qual entre as sombras a pintura, veremos que avaliada em Deos a justiça com a misericordia, se exalta nelle a sua misericordia sobre a justiça. Por sentença do Espirito Santo, tudo o que Deos fez, sabemos, que foy com pezo, com conta, e com medida. * E se nas perfeicoens das creaturas houve pezo, medida, e conta, Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti. Sap. 11. v. 21. hoje para conhecermos em Deos a mayor das suas perfeicoens (esta he a sua misericordia, diz David) * nos valeremos tambem da conta, do pezo, e da medida. Mas porque Deos só com Deos se póde contar, só por Deos se póde pesar, e só em Deos se póde medir, sahirá hoje Deos a campo com o mesmo Deos: e se verá nelle a misericordia passar muito além da sua justiça. Pezaremos pois a justiça com a misericordia, e será a misericordia a mayor no pezo: contaremos a justiça com a misericordia, e será a misericordia a mayor na conta: mediremos pela justiça a misericordia, e será a misericordia a mayor na medida. Emfim, misericordia tal, que no pezo, medida, e conta, hoje sobre a justiça realça em Deos a misericordia. Miserationes ejus super omnia opera ejus. Psalm. 144. v. 9.

I. P O N T O .

MEDIDA. Huma das medidas da quantidade he ser largo. Dizem, que quem mais dá, mais largo he. A justiça no que dá mede-se pelos merecimentos de cada hum; a misericordia dá, e não se mede por merecimentos. Mais larga he logo no dar a misericordia que a justiça. Dar sem medida, não ha mais dar p. 379. c. 1. usque ad p. 386. c. 1. Tambem o ser extenso he medida da quantidade, dá a justiça, e porque só dá, a quem mere-

Indice das applicaçoes

ce, não dá a todos. Dá a misericórdia, e não attendendo a merecimentos, a todos dá. Muito além da justiça se estende logo a misericórdia: dar a todos he dar mais, p. 37. c. 1. usque ad p. 41. c. 2. p. 386. c. 2. usque ad p. 390. c. 2. Tom. 2. p. 123. c. 2. p. 124. c. 1. e 2. p. 432. c. 2. usque ad p. 446. c. 2. *Etiam* Tom. 1. p. 187. c. 1. usque ad p. 189. c. 1. p. 403. c. 1. e 2. p. 404. c. 1. e 2. O profundo he tambem na quantidade medida. Abate a justiça aos que castiga, levanta a misericórdia aos que premea; e se he mais levantar que abater mais profunda que a justiça he nos seus mysterios a misericórdia. Tom. 1. p. 284. col. 2. usque ad p. 287. col. 2.

II. P O N T O.

PEZO. Pende a justiça em Deos, e pende a misericórdia, mas se a balança, para onde mais pezo tem, inclina mais, mais peza a misericórdia, que a justiça; porque Deos recto fiel de balança, mais que para a justiça se inclina para a misericórdia. Tom. 2. p. 52. c. 2. p. 52. c. 1. conhece-se pela misericórdia Deos, e se faz tambem conhecer pela justiça. Mas que? Tudo na justiça são rigores, tudo na misericórdia benignidades, e para Deos mostrar quem he, não pezaõ tanto os rigores da justiça, quanto os favores da misericórdia. Tom. 1. p. 70. c. 2. usque ad p. 73. c. 1. p. 202. c. 2. usque ad p. 204. c. 1. No rendimento dos nossos coraçãoes dilata Deos o seu Imperio, e mostra que he Deos: mas até para render coraçãoes, a misericórdia faz mayor pendor que a justiça. Tom. 2. p. 252. c. 2. usque ad p. 256. c. 1. *Etiam* Tom. 3. p. 332. c. 1. e 2. p. 333. c. 1. e 2.

III. P O N T O.

CONTA. Deos que *citra condignum* castiga, diminue na sua justiça. Deos que *ultra condignum* premea, multiplica na sua misericórdia. E se na misericórdia usa Deos de multiplicar, e na justiça de diminuir, teraõ numero as obras da justiça, mas perde-se o algarifmo nas da sua misericórdia, p. 400. c. 1. e 2. Tudo, o que a justiça faz, he por conta, e sem conto o que faz a misericórdia. Logo até na conta passa em Deos a misericórdia muito além da justiça. *Ibid.*

para as Festas extravagantes.

SANTISSIMO SACRAMENTO.

DE TARDE.

Stetit itaque Sol in medio Cali. Job. 10.

PArrou no meyo do Ceo o Sol de Josué, e hoje no Ceo desta Casa temos parado aquelle Sol, mas ainda que entre as nuvens dos accidentes, tão ardentes, e activo he, que rompe hoje o eclipse de tres nuvens. Tres foraõ as nuvens, que na instituição do Sacramento se oppuseraõ á gloria deste Sol. A nuvem da ignorancia, a nuvem da inveja, e a nuvem da ingratakaõ. A da ignorancia, porque huns naõ criaõ: *Quomodo potest?* E duvidavaõ outros: *Durus est hic sermo.* A da inveja, porque alguns discipulos, como ciosos, se foraõ escandalizados: *Multi abierunt retrò*; e a da ingratakaõ, porque estava presente Judas, cujo coraçãõ estava entregue ao demonio, ou com quem tinha trocado o demonio o seu coraçãõ: *Ex vobis unus diabolus est.* Na dadiva pois do Sacramento rompe aquelle Sol estas tres nuvens: a nuvem da ignorancia, no muito que dá: *Caro, & sanguis*; a nuvem da inveja, nos muitos a quem dá: *Qui manducant, & bibit*; e a nuvem da ingratakaõ no fim, para que se dá: *In me manet, & ego in illo.*

I. P O N T O.

IGNORANCIA. No desconhecimento das suas finezas tem o amor huma nuvem, que o eclipsa; mas nas luzes da sua liberalidade rompe este Sol o eclipse desta nuvem. Amor com liberalidade, ninguem póde desconhecello de amor, p. 28. c. 1. usque ad p. 36. c. 2. p. 380. c. 1. usque ad p. 386. c. 1. Tom. 1. p. 282. c. 2. p. 283, c. 1. e 2. Pelo muito que no Sacramento dá, rompe Christo a nuvem da nossa ignorancia. Prodigioso amor! Naõ póde Deos amar mais aos homens, do que mostrar no que dá, que já lhe naõ póde dar mais, p. 31. c. 2. usque ad p. 34. c. 1. Prenda he o Sacramento do amor de Christo, e que mais nos póde Christo dar, que dar-nos o seu amor por prenda? Tom. 3.

Indice das applicaçoes

p. 248. c. 1. e 2. De tudo triunfã, quem chega a dar o proprio amor. *Etiam* Tom. 3. p. 269. c. 1. usque ad p. 271. c. 1.

II. P O N T O.

INVEJA. Não deixa lugar á inveja, quem a todos deixa satisfeitos no que dá. A todos se dá no Sacramento Christo; e que inveja pôde haver, donde a dadiva he igual para todos? p. 37. c. 1. usque ad p. 43. c. 1. Retrato he o amor do Sol; e se o Sol para todos nasce, a não ser a mor para todos, não será amor Tom. 2. p. 432. c. 2. usque ad p. 436. c. 2. *Etiam* Tom. 1. pag. 188. c. 1. e 2. p. 189. c. 1. p. 292. c. 1. e 2. p. 293. c. 1. p. 404. c. 1. e 2. Tom. *etiam* 3. p. 263. c. 2. usque ad p. 265. c. 1. Amor, que a todos se dá, não sabe fazer differença de bons a mãos. Até aqui amor! Por não deixar invejosos, não faz differença, p. 386. c. 2. usque ad p. 390. c. 2.

III. P O N T O.

INGRATIDAM. Nuvem de ingratitude he, que o homem por desamor se aparte de Christo: mas rompe Christo no Sacramento esta nuvem, e quanto mais o homem se aparta d'elle, elle se une mais com o homem, p. 43. c. 2. usque ad p. 48. c. 2. Unido a nós, parece estar no Sacramento distante: distante de nós, mostra estar pelo Sacramento unido. Oh amor grande! Presente, e mais ausente! E qual estará melhor a este amor? p. 121. c. 2. usque ad p. 129. c. 1.

O SENHOR JESUS DO BOM FIM.

DE T A R D E.

In finem dilexit. Joan. 13.

Gloriosos fins, os que se alcançaõ no amparo de tão bom Senhor. Elle he o fim dos nossos trabalhos, porque em Jesus se acabaõ; elle o fim dos nossos desejos, porque em Jesus se coroaõ; elle o fim das nossas pertençaõs, porque em Jesus se

para as Festas extravagantes.

se alcanção: emfim por elle as nossas penas tem fim, porque as alivia; as nossas necessidades fim, porque as remedeia; e fim as nossas tribulaçoens, porque as consola. Tudo finalmente são fins, que tendo o fim em Jesus, se não pôdem negar a ser bons fins. Mas porque da nossa parte façamos por merecer nestes fins o seu amor: *Dilexit*, digo, que se Deos no que obra não tem outro fim, que a si mesmo, nós em todos os nossos fins não havemos de ter outro, que o mesmo Deos. Tres são de ordinariõ os fins, porque o homem summamente se desvêla: que vem a ser: o fim de ter honra, o fim de ter vida, e o fim de ter gloria. Mas oh Jesus, e Senhor do Bom fim! Se o gozar a Deos he gloria, se o amar a Deos he vida; e se o servir a Deos he honra, tudo terá, quem todo o iêu fim tiver em Deos: por fim de o servir, terá em Jesus a mayor honra; por fim de o amar, terá em Jesus a melhor vida; e por fim de o gozar, também em Jesus terá a mayor gloria.

I. P O N T O.

HONRA. Pelo fim de ter honra, sabemos que trabalha o homem. Mas se não ha honra como servir a Jesus, em Jesus terá o homem este fim. Dizem que he desdouro, o que se chama servir. Mas donde o fim he Deos, o mesmo desdouro he honra, p. 309. c. 1. usque ad p. 317. c. 2. Vil he o servo por sua condição. Mas daimo que seja Deos o Senhor, ou que seja o seu fim servir a Deos, e vos darey Senhor o mesmo escravo Tom. 2. p. 368. c. 1. e 2. p. 369. c. 1. *Etiam* Tom. 1. p. 83. c. 1. e 2. p. 84. c. 1. Ter honra por nascimento, bom será, adquirilla por virtude, mais que bom. Venturofos, os que servem a Jesus: com a honra adquirida illustraõ a herdade, p. 226. c. 1. Tom. 1. p. 44. c. 1. p. 453. c. 1. Buscar a honra em Jesus, he bufcalla, em quem a pôde dar: dar honra só o sabe fazer, quem tem honra, p. 234. c. 2. p. 235. c. 1. Tom. 2. p. 403. c. 2. pag. 404. c. 1. e 2.

II. P O N T O.

VIDA. He Jesus a vida do homem, e se amar a Jesus he vida, no fim deste amor teremos todos o nosso fim. Vive o homem
Tom. IV. ** 3 mem

Indice das applicaçoes

mem pelo seu Jesus, e para que elle viva, o Senhor morre. Que cousa mais digna de amor: tomar Deos para si a morte, e requerer para nós a vida? p. 278. c. 2. usque ad p. 283. c. 2. p. 382. c. 2. p. 393. c. 1. Tom. 2. p. 39. c. 1. e 2. Tudo na vida são pezares, mas donde Jesus está, tudo são doçuras. Fazer doces as penas da vida, e converter-lhe os espinhos em flores, só Jesus o faz, ou quem tem amores a Jesus, p. 440. c. 2. p. 441. c. 1. e 2. Tom. 2. p. 301. c. 2. usque ad p. 305. c. 1. Para Jesus nos dar vida na morte, amemolo tambem na vida: morre com Jesus, quem com elle vive. Mas oh! Que conforme cada hūm vive, assim morre. Tom 3. p. 196. c. 2. p. 197. c. 1.

III. P O N T O.

GLORIA. Não ha gloria, como gozar a Jesus: o que muito se estima, muito custa, mil vezes se póde morrer, só por comprar a tanto custo tanta gloria: p. 370. c. 2. p. 371. c. 1. Em si mesmo nos dá Jesus a gloria toda, toda, sim, porque a dá em si mesmo. Depois de se dar a si, nem Jesus tem mais que dar aos homens, nem os homens mais que esperar de Jesus, p. 31. c. 2. usque ad p. 34. c. 1. A toda a gloria, que dá, nos leva pela sua Cruz, mas he Cruz sua, e ainda que Cruz, he gloria, p. 432. c. 1. e 2. p. 433. c. 1. A todos a dá, e com ancia tal, que morre, fenaõ he para todos, p. 459. c. 2. p. 460. c. 1.

FESTAS DE N. SENHORA.

NOME SANTÍSSIMO.

DE MARIA.

Et nomen Virginis Maria. Luc. 1.

Não sey se Maria dá nome ás flores, ou se as flores daõ o nome a Maria. Sey sim, que se pelos nomes se conhecem as entidades, sendo Maria huma flor por graça, só por flores se podia descrever o Nome de Maria. Na contemplaçõ de Santo Herma-

para as Festas extravagantes.

Hermano não he o Nome de Maria outra cousa*, que huma Primavera deliciosa de flores. * E se he Primavera o Nome de Maria, nas melhores flores da Primavera retrataremos as letras do seu Nome. Com cinco letras se escreve Maria, e não he outra cousa cada letra, que huma flor. No *M* se lé a Maravilha, no *A* o Amor perfeito, no *R* a Rosa, no *I* o Jacinto, e no ultimo *A* a Açucena. Diz pois Maria no seu Nome, ou diz-nos este Nome, que he Maria huma Maravilha, hum Amor perfeito, huma Rosa, hum Jacinto, e huma Açucena. Melhor o direy: A Maravilha inculca admiração, o Amor perfeito fineza, a Rosa Graça, o Jacinto sentimento, e a Açucena exaltação: será pois Maria pelo seu Nome, no admiravel dos prodigios Maravilha, na fineza dos extremos Amor perfeito, no engraçado dos privilegios Rosa, na commiserção dos peccadores Jacinto, e na exaltação dos seus devotos Açucena.

*
*Quoties ad
Non Virgi-
nis sacræ
humani me
abjicio odor
omnium.
storum se
terra influ
it in naves
meas.
Surius in
vit. S. Her
man.*

I. P O N T O.

M. A Maria (que no Nome de Maria corresponde a letra *M*) mostra que no admiravel dos prodigios he Maravilha toda a Mãe de Deos. Desde que Maria teve ser, toda foy nos prodigios admiravel. Prodigios toda. Comparada na sua Conceição commosco. Prodigios toda, comparada na sua Conceição com figo. Prodigios toda, comparada na sua Conceição com Deos. E a ser por Maravilha tão singular nos prodigios, o seu Nome lhe dá justamente o nome de Maravilha, p. 4. c. 2. usque ad p. 6. c. 2.

II. P O N T O.

A. O Amor perfeito (flor que inculca fineza) corresponde neste Nome á letra *A*. Dizem que o amor pelas dadas se conhece. Deo-nos Maria o Filho, de quem he Mãe, e tudo o que podia darnos, nos deo neste Filho. Oh amor de Maria! Se não podia ser mais perfeita a dada, que mais o podia ser o amor? Mas donde o amor he tão perfeito, como he, justamente no Nome que tem, tem Maria o nome de Amor perfeito, p. 379. c. 2. usque ad p. 386. c. 1.

Índice das applicaçoes

III. P O N T O.

R. A Rosa, prototypo que he da graça, a letra a que neste Nome corresponde he o *R*. No engraçado dos privilegios he Rosa por excellencia a Mãe de Deos. Teve como a Rosa Maria o nascer como ella enre espinhos; mas com privilegio tal, que não foraõ nella naufragios da belleza, foraõ sim triunfos da bizzarria. Porisso entre a graça das mais flores he Maria huma Primavera de graças, e a ver-se na Rosa Maria belleza tanta, o mesmo Nome, que tem, lhe dá o nome de Rosa, p. 12. c. 2. usque ad pag. 16. col. 1.

IV. P O N T O.

I. O Jacinto, flor toda de sentimentos, corresponde tambem á letra *I*. Na commiseraçãõ dos peccadores Jacinto he aquella Senhora, que no sentimento dos nossos males nos affiste com o mayor sentimento. Nossos são, mas a sermos nós filhos, e ella Mãe, que mãe ha, que não finta, como proprios, os males dos filhos? Porisso qual Jacinto amoroso que he, tem por inculcas do Nome o nome de Jacinto, p. 104. c. 2. usque ad p. 106. c. 1.

V. P O N T O.

A. Tambem a Açucena corresponde por fim á letra *A*. Na exaltaçãõ dos seus devotos he elevada Açucena a Mãe de Deos: Açucena, que entãõ se engrandece a si, quando nos exalta a nós. E a ser taõ gloriosa Açucena Maria, o seu Nome lhe dá tambem o nome de Açucena, pag. 18. col. 2. usque ad pag. 20. col. 2.

N. SENHORA DE NAZARETH.

DE TARDE.

A Nazareth potest aliquid boni esse? Joan. 1.

A Esta pergunta, a que já se deo huma resposta só, hoje para a satisfazermos melhor, daremos tres respostas. Responderá Maria, responderá Christo, e responderão os homens. Por ventura (se diz no Thema) de Nazareth pôde sahir coufa boa? Sim, responde Maria: porque Nazareth para mim foy o berço da mayor honra. Primeira resposta. Mais sim, responde Christo: porque para mim Nazareth foy o throno da mayor gloria. Segunda resposta. Tambem sim, dizem os homens, porque Nazareth para nós foy o centro das mayores felicidades. Terceira resposta. Oh felicissima Nazareth! Para Maria de mayor honra, porque em Nazareth se fez Maria Mãe de Christo: para Christo de mayor gloria, porque em Nazareth se fez Christo Filho de Maria: e de felicidades para os homens, porque todas lhe vem da protecção da Senhora de Nazareth. Diremos pois que he Nazareth taõ boa, que todos no feu titulo interessão: he titulo de honra para Maria: he titulo de gloria para Christo; e he titulo de felicidade para os homens.

I. P O N T O.

MARIA. Titulo he de honra para Maria o titulo de Nazareth. A honra mayor de Maria consistio na dignidade de Mãe, e a ser Nazareth para a Senhora o berço desta dignidade, fêra Nazareth para ella o titulo de mayor honra. Donde Maria he Mãe de Deos, ahi he mayor que tudo a honra de Maria, p. 82. c. 2. p. 83. c. 1. p. 223. c. 1. e 2. p. 224. c. 1. Tom. 1. p. 501. c. 2. p. 502. c. 1. He Nazareth o mesmo que flor, ou vara de flores; * e sendo o fructo, que Maria colheo destas flores, o ser Mãe: flores de honra são para a Senhora as de Nazareth, p. 227. c. 1. usque ad p. 230. c. 2. Tom. 1. p. 499. c. 2. p. 500. c. 1. Na mesma patria, em que Maria nasceo, se vio a Senhora no auge da D. Hier. mayor

*Nazareth
flos, vel flo-
rida integr*

Indice das applicaçoes

mayor honra. Sol, que sem se apartar da patria, sóbe ao zenith da grandeza: Sol que no mesmo berço do Oriente se vê com as luzes todas do Meyo-dia. Glorioso Sol! p. 151. c. 1. usque ad pag. 153. col. 1.

II. P O N T O.

CHRISTO. Tambem o titulo de Nazareth he de gloria mayor para Christo. Concebeo-se Christo em Nazareth Filho de Maria; e se gloria taõ singular lhe veyo a Christo de Nazareth, que gloria não dará Nazareth ao mesmo Christo? Donde Christo tem Maria por Mãe, dahi lhe vem os titulos da mayor gloria, p. 463. c. 1. Tom. 3. p. 464. c. 2. usque ad p. 460. c. 1. *Etiam* Tom. 1. p. 385. c. 2. usque ad p. 386. c. 1. Toda flores he Nazareth para Christo: isso diz o seu nome: *Id est flos*, e tendo seus espinhos o Senhor estando na Cruz, o rigor destes espinhos se adoçou na delicia destas flores. Dainçe a Christo Nazareno, e vos darey que flores, e espinhos sejaõ flores para Christo, p. 440. c. 2. p. 441. c. 1. Tom. 3. p. 92. c. 1. Na mesma Cruz o titulo de Nazareno se poz sobre a cabeça de Christo. Glorioso titulo! A ser a cabeça o lugar da coroa, este titulo o tem Christo por coroa da sua cabeça. Representa-se na cabeça a diyindade, * e á mesma diyindade serve este titulo de coroa. *Ibid.* p. 450. c. 2. usque ad p. 152. c. 1.

*
Caput, id est, Divinitas.

Lauret.
verb. cap.

III. P O N T O.

HOMENS. De felicidades para os homens he tambem o titulo de Nazareth. Em Nazareth, donde Maria foy Mãe de Christo, se fez tambem Mãe dos homens. De Christo foy Mãe por natureza, e dos homens Mãe por graça. * e que mayor felicidade para os homens, que esta que lá lhe vem de Nazareth? A terem os homens a Maria por Mãe, tem a felicidade mayor das felicidades, p. 344. c. 2. usque ad p. 346. c. 2. p. 463. c. 1. c. 2. p. 44. c. 1. Tom. 3. p. 460. c. 2. usque ad p. 464. c. 2. *Etiam* Tom. 2. p. 120. c. 1. usque ad p. 124. c. 2. Tom. *etiam* 1. p. 110. c. 2. usque ad p. 112. c. 1.

*
Est autem Maria omnium viventium Mater per Christum
D. Petr.
Chr. fol.

N. S. DO LIVRAMENTO.

DE TARDE.

Loquere Regi pro nobis, & libera nos. Esth. 15.

DEpois que os homens se fizeraõ réos pela culpa, andou em litigio sempre o seu livramento, mas a terem por Advogada a Maria, que seguro está o livramento destes réos. Pelo peccado do primeiro homem não ficou o mundo outra cousa, que hũ carcere, donde todos estamos prezos; prezos nos grillhões das nossas misérias, e mais prezos nas correntes das nossas paixões; prezos emfim, contra quem se forma o processo, de que só para Maria appellamos no ultimo dia. Nesta prizaõ pois, ou neste carcere, tres cousas temos na Mãe de Deos para o nosso livramento: os cuidados de Advogada, os empenhos de Protecçõra, e os valimentos de Padroeira: tudo Maria tem, quando o Rey he Deos, e a que falla he Maria. Falla Maria, e qual Esther formosa, são tres os memoriaes porque falla: o primeiro, os agrados da sua belleza, o segundo, os respeitos de mayor Rainha, e o terceiro, os valimentos de mais alta Espõsa: não ha mais seguro livramento: em Maria Espõsa temos para amparar-nos a melhor Padroeira: em Maria Rainha temos para patrocinar-nos, a melhor Protecçõra, e na formosura de Maria temos para defender-nos a mayor Advogada.

*Typus est
Esther Be-
atissima Vir-
ginis, quæ
victò diabo
lo liberat
peccatores.
Laur. verb
Esth.*

I. P O N T O.

PADROEIRA. Nos valimentos de Espõsa cifrou Esther os empenhos de Padroeira: e que Padroeira não será nossa huma Espõsa, que o he de Deos? Oh Maria admiravel! Por Espõsa de Deos toda a grandeza vem a Maria, p. 92. c. 1. e 2. p. 93. c. 1. e 2. Tom. 3. p. 440. c. 1. *Etiam* tom. 1. p. 15. c. 1. e 2. p. 16. c. 1. e 2. Na razaõ de Espõsa se vê estar com Maria a mãe de Deos. Donde Deos tem a sua mãe, ahi tem o seu poder. Não ha mais grandeza! He tal Padroeira Maria, que para livrarnos, tem

Indice das applicaçoes

tem delegados em si os poderes de Deos, p. 457. c. 2. p. 458. c. 1. Tom. 3. p. 114. c. 1. e 2. p. 115. c. 1. Com os poderes, que Deos lhe dá, obra tal vez Maria mayores prodigios que Deos. Não digo que he mais poderosa, mas cede por gloria sua o mesmo Filho a Mãe. O certo he, que nos livra Maria daquillo, de que muitas vezes o mesmo Deos nos não livra, p. 453. c. 1. e 2. pag. 454. col. 1. e 2.

II. P O N T O.

PROTECTORA. Tambem com os respeitos de Rainha entrou Esther nos empregos de Protectora. Mayor Rainha he Maria que Esther, e se os respeitos de Esther atárao as mãos a Asluero, os de Maria ao mesmo Deos ataaõ as mãos. Não nos castiga Deos, quando he Protectora Maria, p. 458. c. 1. e 2. p. 459. c. 1. Até os males respeitaõ tanto os seus respeitos, que nenhum chega, donde Maria está. He a morte o mayor dos males, mas assim nos livra da morte a Mãe de Deos, que donde o seu respeito chega, não chega a morte, p. 455. c. 1. usque ad p. 457. c. 1. Rainha taõ soberana he Maria, que tem sujeito ao seu Imperio o mesmo Deos. E que Protectora nossa não será, quem ao mesmo Deos impéra como Rainha? Tom. 3. p. 461. c. 1. usque ad p. 466. c. 2. *Etiam* tom. 2. p. 12. c. 1. usque ad p. 15. col. 1. Tom. *etiam* 1. p. 24. c. 1. e 2.

III. P O N T O.

ADVOGADA. Aos agrados da formosura avinculou tambem Esther os timbres de advogada. Advogada nossa he para com Deos Maria sua Mãe, e se a belleza de Esther pode mover tanto o coração de Asluero, a de Maria (por tantas razoes mais apta) que não fará de hum Deos? Todo cera se torna Deos pela belleza de Maria, p. 12. c. 2. usque ad p. 16. c. 1. p. 361. c. 2. Tom. 3. p. 426. c. 2. usque ad p. 430. c. 1. *etiam* tom. 2. p. 95. c. 1. usque ad p. 97. c. 1. Tom. *etiam* 1. p. 46. c. 1. e 2. pag. 47. c. 1.

para as Festas extravagantes.

N. SENHORA DA LAPA.

DE TARDE.

Columba mea in foraminibus petrae. Cant. 2.

VEnturosa Lapa se já destinada para berço do melhor Filho, hoje escolhida para hospício da melhor Mãe ! Nasceo em huma Lapa Christo, appareceo em huma Lapa Maria : não sey se o Filho quiz fazer sua a gloria da Mãe, ou se a Mãe quiz ter por sua a gloria de seu Filho ; o que sey he, que constituindo ambos em Lapas os seus domicilios, se quizeraõ appropriar o titulo de Senhores da Lapa. Na Lapa, em que Christo nasceo, vejo tres cousas em huma só : huma Lapa, que he Templo ; huma Lapa, que he Palacio ; huma Lapa, que he Paraíso : Templo, em que, como a Santo, o adoráraõ os Pastores ; Palacio, em que, como a Rey, o cortejaraõ os Magos : e Paraíso, em que como a Deos o festejáraõ os Anjos. Não de outra forte a Lapa, em que appareceo Maria. Para consagrar as finezas do seu amor he Templo magnifico : para exaltar as maravilhas do seu poder Palacio sumptuoso ; e para estabelecer a grandeza das suas glorias Paraíso delectavel. Ora vamos vendo neste Templo, neste Palacio, e neste Paraíso, o que em Maria ha de glorias, de maravilhas, e de finezas.

I. P O N T O.

TEMPLO. Para Maria sacrificar as finezas do seu amor he Templo a sua Lapa. Em huma Lapa por todos os lados aberta nasceo Christo, e em outra aberta por todos os lados appareceo Maria. Mas não fora Templo do seu amor, se nella não tiveraõ entrada todos. Amor, que para todos he, he só o mayor amor, p. 37. c. 2. p. 38. c. 1. p. 386. c. 2. usque ad p. 390. c. 2. Tom. 3. p. 263. c. 2. usque ad p. 265. c. 1. *Ettam* Tom. 2. p. 432. c. 2. usque ad p. 436. c. 2. Tom. *ettam* 1. p. 187. c. 1. pag. usque ad p. 189. c. 1. p. 403. c. 1. e 2. p. 404. c. 1. e 2. Nas pedras desta Lapa tem para o sacrificio Aras o amor da Senhora.

Naõ

Indice das applicaçoes

Naõ são menos, que as Aras, os extremos, nem as pedras menos, que os sacrificios. Estremado amor! Fineza que para amar se multiplica, naõ se póde dar mais fineza, p. 195. col. 2. p. 196. c. 1. e 2. Tom. 2. p. 81. c. 2. p. 82. c. 1. p. 417. c. 1. usque ad p. 421. c. 2. *Etiã* Tom. 1. p. 301. c. 2. p. 302. c. 1. Arde neste Templo o amor, (que sem luzes naõ fora Templo) e donde o coração de Maria arde, Templo de amor he a Lapa de Maria, p. 355. c. 2. usque ad p. 362. c. 1. Tom. 2. p. 79. col. 1. usque ad p. 84. c. 1.

II. P O N T O.

PALACIO. Para exaltar as maravilhas do seu poder, Palacio he tambem esta ditosa Lapa. Nas mercês, que os Reys fazem, se deixa conhecer bem o poder dos mesmos Reys, e se nesta Lapa abre para todos Maria hum tribunal de mercês, que poder mayor, que o seu poder? Rainha em mercês taõ liberal, poderosa Rainha! p. 200. c. 1. e 2. p. 216. c. 2. p. 217. c. 1. Tom. 2. p. 150. c. 2. usque ad p. 153. c. 1. Ao seu Imperio fugeita os coraçãoes de todos a Senhora da Lapa: Senhora he de tantos Imperios, quantos os humanos coraçãoes, e se as mercês são as armas, com que os conquista, he, que para conquistar coraçãoes naõ valem as armas tanto como as mercês, p. 24. c. 1. usque ad p. 27. c. 2. Tom. 3. p. 331. c. 2. usque ad pag. 333. col. 2. *Etiã* Tom. 2. p. 252. c. 2. usque ad p. 256. c. 2. Das pedras desta Lapa faz coraçãoes de cera o poder de Maria; mas se dadas quebrantaõ penhas, Maria nas mercês que faz, faz das mesmas pedras coraçãoes. Tom. 1. p. 431. c. 1. usque ad p. 433. c. 2.

III. P O N T O.

PARAISO. Tambem para estabelecer, as gloria da Senhora he a sua Lapa Paraiso. Na assistencia do seu Jesu se cifraõ as glorias todas de Maria; e que Paraiso naõ terá Maria em ter na Lapa, em que está, o seu Menino Jesus da Lapa. Sem o seu Jesus hum Paraiso será para a Senhora estreita Lapa, mas com o seu Jesus a Lapa mais estreita será hum agradavel Paraiso. Tom. 1. p. 323. c. 1. usque ad p. 327. c. 1.

para as Festas extravagantes.

N. SENHORA DO CABO.

DE TARDE.

*A finibus terra ad te clamavi, dum anxiaretur cor meum, in
petra exaltasti me. Pl. 60.*

SE tambem he cabo o mesmo, a que chamamos fim: hoje que Maria se nos propoem nos fins da terra: *A finibus terra*, Senhora do Cabo he a mesma Senhora. Mas que cabo? Bem sey que sendo Maria exercito como he, * seus Cabos ha de ter este exercito; e sey que sendo hum mar de graças Maria, * seus cabos ha de ter tambem este mar: em quanto mar, Cabo he para nós Maria de Boa Esperança; e em quanto exercito, tambem para nós he Cabo da mais celeste esquadra. Mas deixando estes cabos todos, o assumpto não será por hora outro, que iremos com tudo ao cabo. Deos, Maria, e os homens, todos hoje vão ás do cabo com tudo: Deos com os seus extremos para com Maria: Maria com os seus beneficios para com nosco, e nós com os nossos applausos para com ella. O que supposto, não em hum cabo só, mas em tres cabos, *A finibus*, veremos exaltada hoje a Mãe de Deos: *Exaltasti me*. Quero dizer: Maria exaltada em Deos por chegar com ella ao cabo dos seus extremos: Maria exaltada em si, por chegar com nosco ao cabo dos seus beneficios; e Maria exaltada em nós, por chegarmos tambem com ella nestes applausos ao cabo.

I. P O N T O.

EXTREMOS. Ao cabo dos seus extremos chegou para com Maria o amor de Deos. Conhece-se o amor pelas dadivas, diz S. Bernardo, e se Deos, na dignidade de Mãe, deo tudo o que podia dar a Maria, que amor mayor? Donde Deos poem termo ao dar, ahi chega ao cabo o seu amor, p. 29. c. 1. usque ad pag. 31. c. 1. p. 279. c. 2. usque ad p. 381. col. 1. Extremo de amor foy dar Deos seu Filho ao mundo, diz S. Joaõ. * Mais foy o que Deos

*
*Castro-
rum
acies ordi-
nata. Cât.
6.v 9.*

*
*Gratiarũ
congregat.
Maria. Al-
berio Mag.
in Mar.c.
198.*

*
*Sic Deus
Dilexit
mundu, ut
Filium suũ
unigenitu
daret. Joa.
3.v.16.*

Indice das applicaçoes

Deos fez por Maria, porque se ao mundo deo seu Filho, a Maria deo-lho por Filho seu. Dar Deos seu Filho, extremo he; mas por Filho a quem o dá, isso he o fim dos extremos, p. 382. c. 1. usque ad p. 386. c. 1. p. 399. c. 2. usque ad p. 407. c. 1. Não só a fez Deos Mãe sua, mas quiz ter Mãe por amor della. Amor grande! Nascer Deos de Maria, só porque Maria fosse Mãe de Deos! Não ha mais amor, p. 463. c. 1. Tom. 3. p. 448. c. 2. usque ad pag. 452. col. 1.

II. P O N T O.

BENEFICIOS. Para com nosco tambem chega ás do cabo Maria nos seus beneficios. Beneficio grande he a laude do homem, mais que grande o da vida, e a graça sobre todos grande. Mas pela Senhora do Cabo, não só temos beneficios ás mãos cheas, mas estes beneficios de enche-mão: Temos por esta Senhora a graça, p. 457. c. 1. usque ad p. 460. c. 1. Temos por esta Senhora a vida, p. 453. c. 1. usque ad 557. c. 1. E a laude tambem por esta Senhora, p. 448. c. 2. usque ad p. 453. c. 1. A todos se estende a grandeza dos seus beneficios. Não fora amor seu o seu amor, se nos beneficios não fora geral para todos, p. 37. c. 2. p. 38. c. 1. p. 386. c. 2. usque ad p. 390. c. 2. Tom. 3. p. 263. c. 2. usque ad p. 265. c. 1. Tom. *etiam* 2. p. 432. col. 2. usque ad p. 436. c. 2. *Etiam* Tom. 1. p. 187. c. 1. usque ad p. 199. c. 1. p. 403. c. 1. e 2. p. 404. c. 1. e 2.

III. P O N T O.

APPLAUSOS. Tambem nestes grandes applausos chegamos ás do cabo com Maria. Dos grandes da Corte são os applausos, com que hoje vimos ao Cabo. E applausos, que os grandes tributaõ, não só são grandes, mas os mayores applausos, p. 116. c. 1. e 2. Tom. 1. p. 406. c. 1. e 2. Tambem são applausos estes, que na repartiçãõ dos annos se fazem eternos; não tem fim, porque o são de todos os annos; e donde se não dá cabo aos applausos, ali por eternos se vay com elles ao cabo, p. 165. c. 1. e 2. Tom. 2. p. 385. c. 2. p. 386. c. 1. e 2. *Etiam* Tom. 1. p. 93. c. 1. e 2. p. 94. c. 1.

para as Festas extravagantes.

N. SENHORA DAS BROTAS.

DE TARDE.

Omnis gloria ejus quasi flos agri. Ifai. 40.

SE o brotar he proprio das flores, não será alheyo de Maria hum titulo, que por ser de quem he flor, he de quem brota. Senhora das Brotas he nesta Casa o titulo da Mãe de Deos, e para desempenharmos bem as glorias deste titulo, veremos como brota entre estes montes esta flor. Tres cousas tras huma flor comfigo, quando brota: sua virtude, sua fragancia, e sua formosura; he formosa, he suave, e he util. Peregrina flor, e quanto mais entre montes desterrada, mais peregrina! Pelo que toca á virtude, brota esta flor como Maravilha; pelo que toca á fragancia, brota como Angelica; e pelo que toca á formosura, brota como Açucena. Será pois o assumpto: huma flor, de que para gloria de todos brotaõ tres flores. Para Deos huma, porque para exaltar se nella o poder de Deos, brota Açucena: para os Anjos outra, porque a ser feita por mãos de Anjos esta Imagem, brota Angelica; e outra para os homens, porque na multiplicadaõ immensa dos seus milagres brota Maravilha.

I. P O N T O.

ACUCENA. Exalta-se a Açucena entre as flores, e para Deos se exaltar em Maria, brota a Senhora como Açucena. Estremada flor! Nos prodigios desta Açucena exalta o poder de Deos os seus prodigios. Pela Açucena Maria se exalta glorioso o mesmo Deos, p. 18. c. 2. usque ad p. 20. c. 2. Tom. 3. p. 454. c. 2. usque ad p. 460. c. 1. *Etiam* Tom. 3. p. 9. c. 2. usque ad p. 11. c. 1. Tom. *etiam* 1. p. 180. c. 2. usque ad p. 182. c. 1. p. 359. c. 1. e 2. p. 384. c. 2. usque ad p. 392. c. 2. Abre a sua copa a Açucena, e ficando para a terra fechada, só se vê aberta para o Ceo. Flor, em que se exalta Deos, mais parece do Ceo, do que da terra, p. 16. c. 2. p. 17. c. 1. Na inclinaçãõ da Açucena se vê claro o amor de Maria; cresce a haste, e inclina a flor. E

Tom. IV. *** ver-se

Índice das applicaçõens

ver se Deos em throno de amores, que mayor exaltação para Deos? p. 528. c. 1. e 2. p. 461. c. 1. Tom. 3. p. 290. c. 1. e 2. p. 394. c. 2. p. 395. c. 1. *Etiã* Tom. 1. p. 174. c. 2. p. 275. c. 1.

II. P O N T O.

ANGELICA. Por mãos de Anjos brotou neste lugar gloria a flor de Maria; e a trazerem-na nas palmas os Anjos, Angelica he, que aos mesmos Anjos levou a palma. Tal he Maria, que podem ter por lisonja até os Anjos, o chamar-se Angelica esta flor, p. 9. c. 1. usque ad p. 12. c. 2. Trouxeraõ aqui os Anjos a sagrada Imagem da Mãe de Deos. Tradição he, que apparecendo a Imagem, os Anjos, que vinhaõ em fórma humana, desapparecêraõ. Angelica tal, que á vista della as mais ficaõ a perder de vista. Tom. 1. p. 40. c. 2. usque ad p. 42. c. 1. Angelicas são os Anjos por natureza, e Maria por virtude se faz Angelica. Nobreza adquirida mais illustre he, que a herdada. *Etiã* 1. Tom. p. 42. c. 2. usque ad p. 44. c. 1. p. 452. c. 1. usque ad p. 454. colun. 1.

III. P O N T O.

MARAVILHA. Na inmensa vastidaõ dos seus milagres brota Maravilha aqui a Senhora das Brotas. Toda a Maravilha inculca admiração, e a ser Maria nos milagres taõ admiravel, que será sennaõ Maravilha: p. 4. c. 2. usque ad p. 8. c. 2. Em campo, para os milagres que faz, se poem nestes campos Maria. Maravilha grande! Naõ só para os milagres caberem busca o seu amor campos largos, mas he este amor tal, que sempre para os milagres a tem em campo, p. 458. c. 1. e 2. p. 459. c. 1. Tom. 2. p. 434. c. 2. usque ad p. 436. c. 1. *etiam* Tom. 1. p. 185. c. 2. usque ad p. 187. c. 1. Milagres em campos occultos são milagres, que se escondem: mas naõ foraõ tanto os milagres a montes, se os montes naõ encobrissem aqui os milagres. Fazer milagres, maravilha he; mas fazellos, e encobrillos, mayor maravilha, p. 367. c. 1. e 2. p. 368. c. 1. Tom. 2. p. 439. c. 1. e 2. p. 440. c. 1.

N. SENHORA DA OLIVEIRA.

DE TARDE.

Ierunt ligna, ut ungerent super se Regem, & dixerunt olive; Impera nobis. Judic. 9.

PAra as arvores escolherem Rey, que as governasse, fizeraõ Cortes, e daquelle conclave eleitoral, o que sahio, foy que a Coroa se desse primeiro que todos á oliveira. Mas se a oliveira não quiz aceitar entãõ a coroa, que as plantas lhe offerenciaõ, hoje a mesma oliveira, como Rainha, ha de servir ás melhores plantas de Coroa. Que Oliveira he esta, senãõ Maria Santissima, a quem veneramos hoje formosa Oliveira? Formosa, digo, por mais florida, formosa, por mais frutifera, e formosa por mais frondosa: florida para o agrado mayor de Maria: * frutifera para a delicia mayor de Christo, * e frondosa para com a sua sombra ser o amparo mayor dos homens. * Oliveira emfim de tanta gloria, que toda a gloria de Maria, diz Ofças, se cifra nõ que hoje tem de Oliveira. * Sendo pois Maria planta gloriosa, sendo planta tambem Christo, e geralmente os homens todas plantas, a todos esta Oliveira formosa coroará hoje; e se na oliveira ha folhas, flores, e frutos: a Maria coroará de delicias com as suas flores, a Christo coroará de riquezas com os seus frutos, e aos homens de felicidades com as suas folhas.

Quasi oliva speciosa in campis. Eccl. 24. v. 29.

Fulcite me floribus Cõt. 2. v. 5

Fructus ejus dulcis gutturi meo. Cant. 2. v. 3.

Sub umbr. illius, quem desideraveram, sedi Ibid.

Et erit quasi oliva gloria ejus. Oze 14. v.

I. P O N T O.

FLORES. Jeroglifico das delicias saõ as flores, e quando Maria se vê Oliveira com flores, planta he que se vê coroada de delicias. Nas flores da oliveira tem Coroa de delicias a Mãe de Deos: gloria singular! Flores, que saõ de Maria, delicias saõ, com que se coroa, p. 22. c. 2. p. 23. c. 1. p. 227. c. 1. p. 235. c. 1. p. 440. c. 2. p. 441. c. 1. Tom. 1. p. 92. c. 1. usque ad p. 94. c. 1. p. 444. c. 1. c. 2. p. 445. c. 1. Não tem a Primavera flores, a quem não

Indice das applicaçoes

dem mate as da Oliveira. Flores ha de tanta graça, que huma só equival por huma Primavera de flores, p. 87. c. 1. e 2. Tom. 3. p. 92. c. 2. usque ad p. 94. col. 1. Da delicia destas flores só a Mãe de Deos pôde ser Chronista: só Maria, que tem bocca para lhe gostar a doçura, poderá, se quizer, para as louvar tomallas na bocca, p. 320. c. 2.

II. P O N T O.

FRUTOS. Na riqueza dos seus frutos dá a Oliveira a Christo huma coroa de riquezas. Frutos são, que dão luz, os da Oliveira: e tirar Christo com estes frutos as suas perfeições a luz: ver-se a esta luz Christo tão rico de perfeições, que riqueza, e coroa mayor para Christo? p. 236. c. 1. e 2. Oleo he o nome do Senhor, e fruto da Oliveira por ser oleo. A todos o oleo sustenta, e este nome remedeia a todos. Opulento Senhor! Que riqueza mayor que hum oleo, que a todos remedeia com a sua riqueza? p. 279. c. 2. p. 280. c. 1. e 2. Aos remedios, que por meyo da Oliveira Christo dá, cedem na estimação de Christo os mayores remedios. Ibid. Tom. 2. p. 377. c. 2. p. 378. c. 1. Riqueza, no muito que dá a todos, só a mostra Christo entre plantas de Oliveira, p. 38. c. 2. usque ad p. 40. c. 2.

III. P O N T O.

FOLHAS. Sombra tem para seu amparo os homens nas folhas da Oliveira, e se he felicidade achar por favor huma boa sombra, na sombra destas folhas temos a coroa todos da mayor felicidade. Não ha felicidade, que á sombra de Maria não alcancem todos, p. 450. c. 2. p. 451. c. 1. Tom. 3. p. 354. c. 1. e 2. p. 464. c. 1. e 2. *Etiam* Tom. 2. p. 434. c. 2. usque ad p. 436. c. 2. Tom. *etiam* 1. p. 107. c. 2. p. 108. c. 1. p. 190. c. 1. e 2. p. 191. c. 1. p. 403. c. 1. e 2. p. 404. c. 1. Felicidade he o lograr saúde, felicidade o dilatar a vida, e felicidade o conservar a graça. Tudo á sombra de Maria temos. Temos graça, p. 457. c. 1. usque ad p. 460. c. 1. Temos vida, p. 453. c. 1. usque ad p. 457. c. 1. e temos saúde, p. 448. c. 2. usque ad p. 453. c. 1.

FESTAS DE SANTOS.

O CORPO SANTO

CHAMADO EM VOZ MARITIMA.

S. TELMO.

DE TARDE.

Hoc est corpus meum, quod por nobis datur. Luc. 22.

SE os corpos gloriosos são Corpos Santos, hoje as excellencias de hum Corpo Santo se contarão pelos dotes de hum corpo glorioso. Quatro são os dotes, que em qualquer corpo glorioso se distinguem: A claridade, a agilidade, a subtiliza, e a impassibilidade. He claro, he agil, he subtil, e he impassivel. Glorioso S. Telmo, pacifico dominador dos ventos, serenador dos mares, reparador dos naufragios, e Protector dos navegantes. Corpo Santo sois, e corpo, que transformado em luzes celestes, na noite da mais procellosa tormenta servis aos navegantes de farol: Corpo enfim, que a todos, que se vem a Deos misericordia, apparecis para os livrar como Corpo Santo. Se por Santo que sois, sois corpo glorioso; hoje pelos dotes de glorioso se admirarão os vossos dotes. Apparece S. Telmo aos navegantes, e nas luzes, em que lhes apparece, todo este corpo he claro. Acode S. Telmo aos navegantes, e na pressa, com que lhes acode, todo este corpo he agil. Subtil, porque como a todas as partes se vê, tudo penetra; e impassivel, porque domando ventos, e mares, resiste a tudo. Vem pois a ser os dotes de corpo glorioso neste santo corpo: corpo claro, corpo agil, corpo subtil, e corpo impassivel.

Indice das applicaçoes

I. P O N T O.

CLARO. Luzes são os Santos por bocca de Christo; mas este corpo (que por antonomasia he Santo) apparece com especialidade todo em luzes. Em luzes transformado se vio o Espirito Santo no mundo. Glorioso S. Telmo! No nome sóis corpo, mas na apparencia Espirito Santo. Apparecer em luzes, só o Espirito Santo o faz, ou quem com elle se parece, p. 10. c. 2. usque ad p. 12. c. 1. p. 316. c. 1. e 2. p. 317. c. 1. Tom. 3. p. 247. c. 1. p. 262. c. 1. *Etiã* Tom. 1. p. 419. c. 2. p. 534. c. 1. Nas luzes, em que apparece, se vê o Corpo Santo duas vezes claro: claro, porque he Santo, e mais claro, por vir em luzes. Corpo admiravel! Não só com claridade de Santo, mas Santo com mais especial claridade. Tom. 1. p. 46. c. 1. e 2. p. 47. c. 1. *Etiã* Tom. 3. p. 279. c. 2. usque ad p. 283. c. 2. Farol para os navegantes são na noite da mayor tormenta tão claras luzes. Singular farol! Transformar a tempestade em praya, e fazer bonança o que he tormenta, só o faz no mar do mundo hum farol do Ceo. Tom. 2. p. 418. c. 1. e 2.

II. P O N T O.

AGIL. Na pressa, com que aos navegantes acode, se vê o Corpo Santo corpo agil. He todo amor este corpo, porisso como fogo, que se vê em luz: e se não ha fogo, que não tenha propriedades de rayo, que rayo não será, por agil, hum corpo, que todo he amor? Dayme o amor em fogo, e vos darey rayos em pressa. Tom. 2. p. 170. c. 1. p. 171. c. 2. *Etiã* Tom. 3. p. 257. c. 2. usque ad p. 260. c. 2. Primeiro que os clamores dos navegantes se ouçaõ, acode como tão agil o Corpo Santo. Mais do que os homens no pedir, he este corpo agil no socorrer. Mas a ser amor como he, nem elle dará a mão a ninguem, nem ninguem lhe ganhará por mão. Tom. 2. pag. 162. colun. 1. e 2. pag. 163. col. 1.

para as Festas extravagantes.

III. P O N T O.

SUBTIL. Penetra ao cristal a luz: e reverberando no cristal das agoas he taõ subtil este corpo, que tudo penetra. Nas velas, nos mastros, na popa, e no convez, em toda a parte esta luz derrama hum diluvio de resplandores; mas he timbre de quem he luz, o luzir em todas as partes, p. 196. c. 1. e 2. Tom. 3. p. 412. c. 1. *Etiam* Tom. 2. p. 417. c. 1. usque ad p. 421. c. 2. Tom. *etiam* 1. p. 186. c. 1. Dizem que o amor mais delgado mais subtil he: se em multiplicar as presenças se adelgaça o amor mais, o corpo Santo em luzes multiplicado, que amor subtil não será? *Ibid.*

IV. P O N T O.

IMPASSIVEL. Na terrivel confusão das tormentas, donde como em ultima perdição a todos cahe o animo, descahe o brio, esmorece o valor, e geralmente defanimaõ todos; o Corpo Santo porém, em luzes triunfantes no ar, quanto mais se padece tormenta, elle no auge das suas luzes nem hum eclipse padece. Gloria singular! Fazer dos perigos seguros, e achar triunfos nos naufragios, não ha mayor gloria. Tom. 2. pag. 6. c. 2. usque ad p. 8. c. 1. *Etiam* Tom. 1. p. 13. c. 1. e 2. pag. 14. col. 1. e 2.

S. S E B A S T I A M.

D E T A R D E.

Sagittæ tuæ infixæ sunt mihi, & confirmasti super me manum tuam. Psalm. 37.

NÃO são só pennas, as que chamamos settas, plumas sim, e penachos são, com que tambem se coroa, quem dellas triunfa. Divino Santo: Sebastião illustre: se o amor se pinta com settas, vós feito huma aljava de tantas settas, que fereis, fcaõ hum retrato do amor? * E se o amor tudo vence, que
*** 4
settas

Indice das applicaçoes ¶

settas não vencerá, quem por seu amor vence tudo? Tres settas sabemos que arrojou Jonathas para salvar a David: * e Sebastião para se acclamar vencedor, e se coroar a si, se arrojou a tres generos de settas. Settas são as lisonjas do Palacio: settas as tirannias do martyrio; e os achaques ou, castigos, que Deos dá, também são settas. Mas que valerosamente triumphou destas settas todas o nosso invicto Martyr! Foy S. Sebastião na Corte o mais valido, foy no campo o mais valeroso, e no Ceo he hoje o mais valedor. Como valedor, que he, rebate no Ceo as settas da Epidemia; como valeroso venceo no campo as settas da tirannia; e como valido triumphou no paço das settas da lisonja. Vem pois a ser: tres generos de settas da lisonja: no campo como valeroso, as settas da tirannia, e no Ceo como valedor, as settas da Epidemia.

Tot Sebastiani sagittis plenus aspicio, libere contempnari eum esse simul signum, & pharetra. Escob. tom. 6. de Sanct. in D. Sebast.

Tres sagittas mittam quasi exercens me ad signum. 1. Reg. 20. v. 20.

Adulatio &c Haec sagitta lacerat. & cito infigitur. Calliod. in Epist.

I. P O N T O.

LISONJA. Settas de Palacio são as lisonjas, e quanto mais doces são, mais cruéis settas. Rebateo-as no valimento Sebastião illustre. Não ha mais valor! Quanto mayores são os altos da fortuna, tanto mais irreparaveis os tiros da lisonja, p. 293. c. 2. usque ad p. 297. c. 1. Tom. 1. p. 125. c. 2. usque ad p. 132. c. 2. Ainda que corteção na terra, era Sebastião palaciano no Ceo. No Ceo adora se a verdade, e na terra sómente a lisonja: e como Sebastião era mais do Ceo, q̄ da terra, refutava os enganões da lisonja, e abraçava os defenganos da verdade. Tom. 3. p. 384. c. 1. usque ad p. 386. c. 1. Invejem as Cortes todas aquelle Heroe, a quem tanta gloria deveo a sua Corte. Corte ditosa, donde por hum homem, ao menos, a lisonja se desprezou, e se abraçou a verdade: mas defeituosas Cortes, donde a verdade he abatida, e exaltada a lisonja! p. 296. c. 1. e 2. p. 297. col. 1. Tom. 1. p. 131. c. 1. e 2. p. 132. c. 1. e 2.

II. P O N T O.

TIRANNIA. Settas foraõ da tirannia as do martyrio de Sebastião, e foraõ settas da tirannia porque foraõ settas. Toda a setta he arma do amor, e para atormentar he o amor taõ cruel, que á vista do amor fica o odio a perder de vista. Será grande a tiran-

para as Festas extravagantes.

a tirannia do odio, mas a do amor dobrada tirannia, p. 369. c. 2. p. 370. c. 1. Tom. 2. p. 84. c. 2. p. 85. c. 1. e 2. Neste diluvio de settas, atado a hum madeiro, não fez S. Sebastião pé atraz. Regulavaõ-se os seus martyrios pelos seus extremos, e quem tinha hum coração tão cheyo de extremos, não podia fazer pé atraz nos martyrios, p. 440. c. 1. e 2. O mesmo amor, que o poz em campo, lhe adoçou as penas a que o expoz. Das pontas das settas o seu amor lhe fazia pontas de prata. Industriofo amor! Assim faz dos tormentos doçura, que não ha para elle mais do çura que os seus tormentos, p. 440. c. 2. p. 441. c. 1. Tom. 2. p. 301. c. 2. usque ad p. 304. col. 1.

III. P O N T O.

EPIDEMIA. Settas são os castigos, que Deos dá, e o da Epidemia mais cruel setta. Lá no Ceo por força da sua protecção gloriosa nos livra desta setta S. Sebastião. Se para o mayor mal se requer a protecção mayor, não ha mais gloriosa protecção, porque não ha nos males do mundo mayor mal. Tom. 1. pag. 121. c. 2. p. 122. col. 1.

A sagitta volante in die, &c. Merbasor. ista sumpta est à morbo epidemie, &c (Cact. in Ps. 90.)

FILIAÇÃO DO EVANGELISTA.

Mulier ecce filius tuus. Joan. 19.

VEnturoso Santo! Não só dado por encommenda a Maria, mas por verba de testamento filho tambem seu por herança. Tudo val o amor, que Christo tem a João, e tudo o muito, que João merece a Christo. Na Cruz entre as agonias da morte o Senhor poz os olhos no Evangelista; que como lhe soube roubar o coração na vida, até na morte lhe levou os olhos. Vio pois Christo a Maria, e a João, e vendo a Maria huma Mãe sem filho, e a João hum filho sem Mãe, fez juntamente a Maria Mãe do Evangelista, e ao Evangelista filho de Maria. Admiravel entrega! Gloriosa filiação! Mas se gloriosa para o Evangelista, tambem para Christo, e Maria a mais gloriosa. Foy gloriosa para o Evangelista, porque feito filho de Maria ficou substituindo o lugar de Christo; foy gloriosa para Chris-

Indice das applicaçoes

to, porque havendo de substituir-se o seu lugar, ninguém melhor que o Evangelista: e para Maria foy tambem gloriosa, porque depois de Christo filho seu não teve Maria melhor filho. Vem pois a ser: huma filiação, de que a todos resulta a mayor gloria: gloria a Christo, gloria a Maria, e gloria ao Evangelista.

I. P O N T O.

CHRISTO. He o Evangelista tão grande, que havendo de substituir-se o lugar de Christo, ninguém melhor que o Evangelista. Porisso Christo o deo na Cruz por filho á Senhora. Tal he Joaõ, que não só he gloria sua o pollo Christo em seu lugar, mas substituir-se este lugar com gloria de Christo, quem, senão só Joaõ? Substitutos que não tem igual, ainda quando he Deos o substituído, lhe dão a Deos mayor gloria, p. 399. c. 2. usque ad p. 407. c. 1. Tom. 1. p. 272. c. 1. e 2. p. 273. c. 1. e 2. Por filhos de Maria ficavaõ Joaõ, e Christo tendo o lugar de Irmãos: Christo Irmão primeiro, e Joaõ Irmão segundo. E mostrar Christo (no caso de o não saberem os olhos) que aonde Joaõ era o segundo, era elle o primeiro: mostrar que á vista de hum Irmão tal, como Joaõ, o morgado, e Irmão mayor, era Christo: oh gloria grande! Quanto a competencia he mayor, he mayor a victoria, p. 161. c. 2. p. 162. c. 1. Tom. 2. p. 48. c. 2. p. 49. c. 1. e 2. *Etiam* Tom. 2. p. 102. c. 2. usque ad p. 105. c. 2. Com duas recomendaçoens se fez filho da Senhora o Evangelista; huma dando-lhe a Maria por Mãe, e outra dando-se a Maria por filho. Tal he para Christo a gloria desta filiação, que na repetição della quiz assegurar os interesses da sua gloria, pag. 136. c. 1. Tom. 3. p. 249. c. 2. usq. ad p. 252. c. 2. *Etiam* Tom. 1. p. 432. c. 1.

II. P O N T O.

MARIA. Em Christo tinha Maria por filho hum homem Deos, em Joaõ o filho que tinha era puro homem. Como logo com gloria de tal Mãe podia substituir este filho aquelle filho? Mas oh que se hum retrato supre tal vez a falta do original, não podia ter Maria melhor filho, porque não deixou tal original melhor retrato. Tom. 3. p. 131. c. 2. usque ad p. 139. c. 1. Filho Deos era o filho de Maria, filho homem era o segundo filho, mas

para as Festas extravagantes.

mas homem de tantas prendas, que sendo homem parecia hum Dcos. Não ha para huma Mãy gloria mayor que a hum filho, que he de prendas, tello por filho. Quanto he mayor a grandeza dos filhos, tanto mayor he a gloria dos pays, p. 77. c. 1. ufque ad p. 84. c. 1. p. 147. c. 2. p. 148. c. 1. p. 168. c. 2. p. 169. c. 1. ufque ad p. 184. c. 1. p. 147. c. 2. p. 148. c. 1. p. 168. c. 2. p. 169. c. 1. p. 226. c. 2. p. 227. c. 1. e 2. p. 232. c. 1. e 2. p. 233. c. 1. e 2. Tom. 3. p. 442. c. 1. e 2. *Etiam* Tom. 2. p. 284. c. 1. e 2. p. 285. c. 1. e 2. Tom. *Etiam* 1. p. 493. c. 1. e 2.

III. P O N T O.

EVANGELISTA. Gloria sua chamou Christo a sua Mãy, e *Gloriam* dizendo não havia de dar a outro a sua gloria, a deo na Cruz ao *neam alteri non dabo* Evangelista. Mas não he o Evangelista taõ outro, que por amor *Is. 42. v. 8.* não seja o mesmo com Christo. E ser o Evangelista tal, que por *Ecce Mater tua.* filho de tal Mãy aposte equivoçações com Christo, que gloria *Joan. 16. v. 27.* mayor do Evangelista? p. 344. c. 2. ufque ad p. 346. c. 1. Gloria grande he para huma Mãy o ter hum filho grande; mas ter huma grande Mãy, que gloria não será para hum filho? Teve o Evangelista a gloria de ter a Maria por Mãy: oh grande Evangelista! Nem ha mais Mãy, nem mayor gloria! *Ibid.* Tom. 3. p. 454. c. 2. ufque ad p. 460. c. 1. *Etiam* Tom. 1. p. 384. col. 2. ufque ad p. 386. c. 1.

S A N T O A M A R O.

DE T A R D E.

Et protinus consolidatæ sunt bases ejus, & plantæ.

Aç. Apost. 3.

T Ambem como outro Hercules glorioso, o nosso Santo Amaro poem hoje em duas columnas o seu *Non plus ultra.* Lá, em duas celebradas columnas o poz o antigo Hercules ás forças da mayor valentia, e cá nas columnas das nossas pernas, este Hercules da sanjidade S. Amaro, o poem aos esforços da mayor protecção. Famosa baliza as columnas de Hercules! Famoso

Non

Indice das applicaçoes

Non plus as columnas de Amaro! Em tres diferentes columnas vejo retratadas as pernas na Eſcritura: em columnas de marmores: eſtas ſão as do Eſpoſo dos Cantares. * Em columnas de ferro: eſtas ſão as da Eſtatua de Nabuco; * e em columnas de bronze: e eſtas ſão as do Anjo no Apocalypſe. * Venturoſos os que tem por ſi, e em favor ſeu, a protecção de S. Amaro: Teraõ as noſſas pernas (pelo que tem de noſſas) a brandura da cera, a fragilidade do vidro, e a inſtabilidade do barro: ſeraõ por fragéis hum barro fraco: por enfermas hum vidro caduco, e por mortaes, huma cera branda. Mas graças ao glorioſo Santo Amaro: elle converte eſta cera em marmore: elle congella eſte vidro em bronze, elle conſtipa eſte barro em ferro. Vem pois a ſer: que por favor de Santo Amaro as noſſas pernas ſão duas eſtaveis columnas: columnas de ferro, columnas de bronze, e columnas de marmore.

*Crurailius
columna.
marmorea.
Cant. 5. v.
15.
*
Tibio autẽ
ferrea, pe-
di quẽdã
pars erat
ferreaque-
dam autem
fẽtilis.
Dan. 2. v.
33.
*
Pedes ejus
familes au-
rickelco.
Ap. 1. v.
17. Baſes
ejus. Vert.
Wat.*

I. P O N T O.

FERRO. O tempo, que tudo gasta, faz do duro ferro hum barro fraco. Santo Amaro, que tudo pôde, ao meſmo barro faz parecer hum ferro. Columnas ſão de ferro as noſſas pernas, a termos em favor noſſo Santo Amaro. Venturoſas columnas! Quereraõ os annos arruinar eſte ferro, mas ſerá martelar em ferro frio, a termos Santo Amaro contra os annos. Poder que vence o tempo, não ha mayor poder. Tom. 1. p. 179. c. 1. uſ. que ad p. 182. c. 1. p. 5 11. col. 1. e 2. De ferro ſão as columnas, que Santo Amaro nos dá; a ſerem de ouro, menos ſeria que de ferro: no outo podiaõ ſer precioſas, mas no ferro ſão eſtaveis, e favor que he mais eſtavel, eſſe he o mayor favor. *Ibid.* Nas diligencias de huns pés de ferro ſe aſſeguraõ as fortunas de huma cabeça de ouro. Oh poder de Amaro! Para nos coroar de fortunas à cabeça, nos conſerva o eſtavel deſtes pés. Sem pés, nem ſe alcança, o que ſe quer, nem o que ſe logra. Tom. 3. p. 356. c. 1. e 2.

para as Festas extravagantes.

II. P O N T O.

BRONZE. Tambem o caduco vidro se converte por Santo Amaro em forte bronze. De vidro saõ as nossas mortaes columnas; mas quem do barro faz ferro, bronze fará do vidro. Amaro admiravel! A serem por vós as nossas columnas de bronze, que estaveis naõ seremos nós por taes columnas, p. 331. c. 1. e 2. Com pés de bronze naõ ha que recear passadas, e a darnos Santo Amaro huns pés de bronze, que passadas pouparemos nós com Santo Amaro? Na fineza de o buscar, mostraremos a firmeza destes pés. Tom. 1. p. 150. c. 2. p. 151. c. 1.

III. P O N T O.

MARMORE. Na cera branda das nossas columnas converte Amaro em pedra, o que he cera. Póde fazer Deos das pedras homens, diz S. Mattheus: * mas a fazer o que póde, as columnas seriaõ de pedra. Amaro prodigioso! O que só Deos póde fazer, o fazeis vós. Columnas em marmore convertidas, ou columnas, que saõ de marmore? Só Amaro, e só Deos. Tal he por protector das pernas Santo Amaro, que ou he Deos, que obra pela sua maõ, ou elle com a maõ do mesmo Deos. Tom. 2. p. 381. c. 2. p. 382. c. 1.

* Potens est
Deus delat
pidibusistis
suscit a testi
lios Abrab.
Matth. 3.
v. 9.

O PAY DOS POBRES

S. THOMAZ DE VILLA-NOVA,

da fagrada Ordem Auguftiniana.

DE TARDE.

Manum fuam aperuit inopi, & palmas fuas extendit ad pauperem. Prov. 31.

Divino Efmoler! Que tendo com a pobreza sempre tantos dares, e tomares, o canoniza a Igreja Pay, e Protecçor universal de toda a Pobreza. Abria Thomaz a maõ para dar ao pobre: *Aperuit*; e para receber do pobre estendia as mãos: *Extendit*; dares, e tomares eraõ em Thomaz: dares, no que despendia: *Aperuit inopi*; e tomares, no que lucrava: *Extendit ad pauperem*. Digaõ todos de Thomaz o que elle he: cu naõ passarey das mãos, ou de huma só maõ de Thomaz: *Manum suam*. Maõ, que para dar ao pobre se abre: *Aperuit*, he maõ rota. Maõ, que para ao pobre se estende: *Extendit*, he maõ larga. Maõ que para os pobres tem que dar, e dá, he maõ chea. Divino Thomaz sobre os Esmoleres todos o mayor Esmoler! Esmoler de maõ chea, Esmoler de maõ larga, Esmoler de maõ rota.

Omnia dedit ei Pater in manus.
Joan. 13.

I. P O N T O.

MAÕ CHEA. Os Thefouros do Eterno Pay se depositaõ todos nas mãos de Christo. E donde Christo teve thefouros ás mãos cheas, que Esmoler naõ seria de enche-maõ? * Thomaz admiravel! Duplicava-se o ouro na maõ de tal Esmoler, e quanto mais a maõ o repartia, entaõ era maõ mais chea. * O que por amor de Deos se dá, cresce ás mãos cheas, e o tem por mais seu a mesma maõ, p. 137. c. 2. pag. 183. c. 1. Tom. 3. p. 430. col. 2. usque ad p. 432. col. 1. *Etiam.* Tom. 1. p. 441. c. 2. usque ad pag. 449. c. 1. Foy Thomaz o Sol dos Esmoleres, e

na

para as Festas extravagantes.

na sua mão rodeada de dedos se diviava um Sol coroadado de raios. Prodigioso Sol! A todos dava este Sol ás mãos cheas, porque para encher a todos só o Sol tem mão. Tal he Thomaz, que quanto mais lhe enchia Deos as mãos, elle como Sol a todos enchia. Tom. 2. p. 11. c. 1. e 2. p. 354. c. 1. e 2. Taõ pobre morreo Thomaz, que a mesma cama deo antes de morrer. Morria por dar na vida, e na morte, (tendo dado tudo) morreo por não ter que dar. Oh prodigio! Quem de dar ás mãos cheas faz vida, logo nem vida tem, tanto que para dar não tem mãos, p. 33. c. 1. e 2. p. 34. c. 1.

Tolle, pauperas moribundus inquit: Tolle cubile. In ejus Off.

II. P O N T O.

MAÕ LALGA. Estende Thomaz a mão, e taõ larga no que se estende, que para o que chamamos dar, he mão larga. A todos dava Thomaz, e taõ geralmente a todos, que da sua caritativa piedade se não excluia ninguém. Isto sim: mão que na grandeza do dar he mão que a todos chega, não se dá mais larga mão, p. 37. c. 2. usque ad p. 43. c. 1. p. 386. c. 2. usque ad p. 390. c. 2. Tom. 2. p. 123. c. 2. p. 124. c. 1. e 2. p. 432. col. 2. usque ad p. 436. c. 2. *Etiã* Tom. 1. p. 187. c. 1. usque ad pag. 189. c. 1. p. 403. c. 1. e 2. p. 404. c. 1. e 2. Taõ larga mão era a de Thomaz, que igualmente dava aos que tinha perto, e abrangia aos que lhe ficavaõ longe. Isto não só he ser Principe dos Prelados, mas he ser Prelado Principe. A mão Real ha de ser taõ larga no favorecer, que longes, e pertos, tudo lhe ha de ficar á mão. Taõ perto ha de ser para ella longe, como o perto, p. 208. c. 2. usque ad p. 210. c. 1. Tom. 3. pag. 357. col. 1. usque ad pag. 360. col. 2.

III. P O N T O.

MAÕ ROTA. Rotas eraõ as mãos de Thomaz, e por dar geralmente tudo, dava como humas mãos rotas. Mas era Thomaz Pay de pobres, e não podia ter fechadas as mãos, quem tinha entranhas de Pay. O certo he, que nem ha mãos fechadas com coração aberto, nem mãos abertas, donde ha coração fechado. Tal he o amor, taes saõ as mãos, p. 29. c. 1. usque ad p. 31. c. 1. p. 379. c. 2. usque ad pag. 381. c. 1.

FESTAS DE SANTAS.

SANTA ROSA DE LIMA.

DE TARDE.

Coronemus nos rosas, autequam marcescant. Sap. 2.

DEm licença as flores da Primavera, que á vista hoje de huma Rosa as flores todas ficaõ a perder de vista. Rosa he a Santa, que festejamos, e não diremos della outras excellencias, que as excellencias da Rosa. No Jardim da Igreja todos os Santos são flores, e flores, que florecendo na terra ás mil maravilhas, sobem a ser no Ceo vistosas perpetuas. Retrata-se no candido das Açucenas o candor das Virgens, no amarello das Giestas a penitencia dos Anacoretas, e no rasciuro das violetas a humildade dos Confessores. Porém, oh Rosa admiravel! Se entre as flores todas se leva a Rosa a coroa, a nossa illustre Rosa dá matte a todas as flores. Na pureza das Virgens matte ás Açucenas, na penitencia dos Anacoretas matte ás Giestas, e na humildade dos Confessores matte ás Violetas. Peregrina Rosa! A levar-se elle a flor entre as mais, coroa direy que he de todas as flores: *Coronemus nos rosas, &c.*

I. P O N T O.

ACUCENAS. Na pureza de Virgem dá ás Açucenas matte a nossa Rosã. Rosa de Santa Maria foy o seu nome, e o teve por bocca da Mãe de Deos: duas vezes foy pura, huma no nome, e no sobre-nome outra: e se as Açucenas das Virgens huma só vez são puras por Açucenas, mais pura que ellas he, quem duas vezes he pura, p. 13. c. 1. e 2. Tom. 3. p. 277. c. 1. usque ad p. 284. c. 2. *Etiam* Tom. 1. p. 46. c. 1. e 2. p. 47. c. 1. e 2. p. 124. c. 1. e 2. p. 125. c. 1. Por não perigar nas vistas a pureza de Rosa, ella, qual verdugo de si mesma, affeou com artificio cruel a sua formosura. Mais fez Rosa, que as mais Virgens: se as mais deraõ a vida

para as Festas extravagantes.
a vida em defença da pureza, mais he sacrificar a formosura, que dar a vida. Tom. 3. p. 163. c. 1. usque ad p. 166. c. 2.

II. P O N T O.

GIESTAS. Sejaõ pallidas Giestas os mais penitentes Anacoretas; mas a ser Roíã penitente huma Carça coroadã de espinhos, que mate não dará ás mesmas Giestas esta Roíã? Natureza he trazer a Roíã os espinhos ao pé, mas a nossa Roíã os trazia por verdugos na cabeça. Roíã admiravel! Fazer da penitencia, pag. 326. col. 2. pag. 327. col. 1. Tom. 2. pag. 281. col. 1. e 2. pag. 282. col. 1. Espinhos eraõ os com que Roíã se coroava, mas delles fazia flores o seu amor: Roíã sim entre os espinhos, mas entãõ flor entre as flores. Não ha amor grande, a quem não pareçaõ flores os que são espinhos, pag. 440. col. 2. pag. 441. colun. 1. e 2. Tom. 2. pagin. 301. colun. 2. usque ad pagin. 305. colun. 1.

III. P O N T O.

VIOLETAS. Na humildade são rasteiras Violetas os Confessores, e por summamente humilde deo a nossa Roíã mate a estas Violetas. He em nós a humildade, como he nas fontes a agoa: tanto mais sobe, quanto mais desce. Illustre Santa! A não ter de Roíã a regalia por boca da Mãe de Deos, a sua humildade a elevára entre as flores ao ser da Roíã, pag. 309. col. 1. usque ad pag. 315. col. 2.

SANTA ROSA DE VITERBO.

DE TARDE.

Quasi flos rosarum in diebus vernis. Eccl. 50.

ENtre os espinhos nasce a Roíã, e na Roíã, que festejamos, huma Roíã vemos entre espinhos: espinhos no aspero das penitencias, espinhos no rigor das disciplinas, espinhos no aperto dos jejuns, espinhos no desprezo das vaidades, espinhos

Indice das applicaçoes

na mortificação das paixoes, e finalmente Rosa com mais espinhos, que os espinhos todos de huma Rosa. Porém oh Rosa admiravel! Seja qualquer Santa embora huma flor entre as flores, mas a Rosa entre os espinhos com pico mayor he Rosa. Os espinhos só desta Rosa veremos hoje, e se espinhos seus piques tem, não será muito a vejamos picada; pois he Rosa entre espinhos. Mas picada? E com quem? Picada com Deos, picada comfigo, e picada com nosco. Tres cousas admiro nesta estremada Rosa: toda foy milagres, toda foy virtudes, e toda amores. Oh que Rosa tam bem picada! Com Deos picada em amores, comfigo picada em virtudes, e comnosco picada em milagres.

I. P O N T O.

AMORES. A' vista do amor, que Deos mostrava a Rosa, se picava Rosa em amores para mais amar a Deos. Estremado amor! Picado sim, porque de Rosa, mas porque mais picado, mayor amor, p. 359. col. 2. pag. 360. c. 1. e 2. Derretia-se em finezas Rosa pelo seu Jesus; mas via-se picado o amor no coração de Rosa. E quanto mais o amor se picava, mais ella se derretia, pag. 361. col. 1. e 2. Mais do que bastava para ser Santa fazia Rosa, mas não ha amor picado, que sempre no que faz não faça o mais. Tom. 3. p. 251. c. 1. e 2. p. 252. col. 1. *Etiam* Tom. 2. p. 362. c. 1. e 2. p. 363. c. 1.

II. P O N T O.

VIRTUDES. Emula de si mesma se picou Rosa nas virtudes comfigo. Picava-se de que os annos lhe ganhassem por maõ a virtude, e assim fez que a virtude se adiantasse nella aos annos. Prodigio grande! Adiantar virtudes ao tempo, he picar-se em mayores virtudes, pag. 53. col. 2. pag. 54. col. 1. Tom. 3. pag. 156. c. 2. usque ad pag. 162. col. 1. Tambem as virtudes humas com outras se picaraõ, sobre qual em Rosa havia de ser mayor; mas não deixando a emulaçãõ lugar á maioria: Rainha se coroou Rosa em todas as virtudes. Flor, em quem se achaõ as virtudes todas, he a Rainha das flores, p. 87. col. 1. e 2. Tom. 3. pag. 92. col. 2. usque ad pag. 94. col. 1. *Etiam* Tom. 1. pag. 95. col. 1. e 2. p. 96. c. 1. e 2.

III. PON-

para as Festas extravagantes.

III. P O N T O.

MILAGRES. Picava-se Rosa nas affiçoens , e molestias , que no mundo via , anciosa de remediar tudo á força de milagres , quanto mais ella o via , mais se picava. Ninguem já mais recorreo a Rosa , que picada a não achasse sempre para os milagres. Condição pia , o mesmo he nella o ver , que o remediar , p. 203. c. 1. e 2. p. 204. c. 1. Tom. 3. 177. c. 2.

S A N T A R O S A L I A.

D E T A R D E.

Sicut dies verni circumdabant eam flores rosarum.
Ex Eccles.

MAis diz Rosalia que Rosa : se Rosa he huma flor só , o ser Rosal , ou Rosalia he ser hum Jardim de todas as Rosas. Tres generos de Rosas ha : Rosas brancas , Rosas amarellas , e Rosas encarnadas. Todas estas , ou as virtudes de todas observe no Rosal de Rosalia. No candor da sua pureza as Rosas brancas ; no ouro da sua caridade as Rosas amarellas , e no ardente fervor do seu zelo as Rosas encarnadas. Diremos pois que em Rosalia , como Jardim , e Rosal que he , todas as Rosas se encerraõ , ou as virtudes de todas as Rosas : das Rosas brancas o candor da mayor pureza ; das Rosas amarellas do ouro a mayor caridade ; e das Rosas encarnadas o ardente do mayor zelo. Ora ainda que neste caso não julgem de cores os olhos , vamos cor por cor vendo em Rosalia hum Jardim de todas as Rosas : *Circumdabant eam flores rosarum.*

I. P O N T O.

PUREZA. Na pureza de Virgem teve Rosalia o candor de Rosa branca. Rosa branca foy , e taõ admiravel , que justamente na razão de pura se coroa Rainha esta Rosa. He a Rosa a Rai-

Indice das applicaçoes

na das flores, e a pureza a coroa das virtudes, pag. 316. colun. 1. e 2. pag. 317. col. 1. Tom. 2. p. pag. 93. col. 2. pag. 94. col. 1. *Etiã* Tom. 1. pag. 449. col. 2. pag. 450. col. 1. Por confagrar a Deos a pureza de Virgem, deixou-se com os pays que tinha, o Esposo, que a buscava. Fogir dos homens por entregar-se a Deos, só o fazem, ou as Estrellas, que são Rosas brancas do Ceo, ou Rosalia, que por ser do Ceo Estrella he Rosa branca. Tom. 3. pag. 225. col. 2. pag. 226. col. 1. e 2. Com hum Anjo, por fogir a Esposos da terra, fugio Rosalia para hum deserto: nem pureza tal podia fazer menos parçaria, que com hum Anjo: sejaõ no Ceo as Angelicas todas puras, mas a vista de Rosalia ficaõ a perder de vista até as Angelicas, pag. 10. col. 2. usque ad pagin. 12. col. 2. Tom. 2. pag. 209. col. 1. e 2. pag. 210. col. 1. e 2. *Etiã* Tom. 1. col. 2. usque ad pag. 42. col. 1.

II. P O N T O.

CARIDADE. Rosa he amarella, pelo ouro da sua caridade Rosalia. Em defazete annos de deserto mudou o amor as cores a esta Rosa. Eraõ cores de penitencia, e porisso, ou pallida, porque em morte cor, ou macilenta, porque da cor da morte, pag. 326. col. 1. usque ad pag. 328. col. 1. Tom. 2. pag. 276. c. 2. usque ad p. 282. col. 1. Absorta em extasis amorosos se via Rosalia como morta, estando viva. Se tambem de amores se morte, não he muito se pinte da cor da morte, quem tem amor, pag. 261. col. 2. pag. 363. col. 1. Mas ainda que morta, he sempre a flor da belleza. Donde a morte he de amores, a belleza se conserva flor. Tom. 3. pag. 426. col. 2. usque ad p. 430. c. 1.

III. P O N T O.

ZELO. No ardente do zelo foy tambem Rosalia encarnada Rosa. Pica se Rosa entre os espinhos, e o zelo picava a Rosalia. Picado he, quanto tem no fogo a cor da Rosa, mas porque zelo, que ardia picado, quanto mais picado era, mais ardia, p. 359. c. 2. pag. 360. col. 1. Tom. 2. p. 362. c. 2. p. 363. c. 1.

BULLA DA CRUZADA.

Omnes sitientes venite ad aquas. Isa. 55.

A Goas de vida são as graças, ou indulgencias da Igreja. Porisso do Peito de Christo, se bem sahiraõ em sangue, tambem correrão em agoa: *Sanguis, & aqua*. Para vermos pois a perenne inundaçãõ de Graças, que na Bulla que se publica temos hoje, a natureza nos o ferece nos tres domicilios das agoas tres espelhos, e espelhos tão claros como a meisma agoa. O primeiro he humna Fonte, o segundo hum Rio, e o terceiro hum mar. Por David, no sentir dos Padres, as graças que a Bulla encerra são hum Mar: *Mare magnum*. Pelos Escriturarios, em Christo na lançada do peito, são hum Rio: *Perennes effluunt rivus*, e por Ilaías ouço que se chamaõ Fontes: *De fontibus salvatoris*. Prodigioso thefouro de tantas graças! Fonte que não pára, Rio que não séca, e Mar que se não esgota. Diremos pois (e será o assumpto) que para os que tem sede da sua salvaçãõ, a Bulla he hum Mar, he hum Rio, e hum Fonte. Para nella se beberem as graças he Fonte; para com ella se lavarem as almas he Rio; e para se afogarem nella as culpas he Mar.

I. P O N T O.

Fonte. He esta sagrada Bulla humna fonte de graças, donde todos geralmente bebem: o pobre, o rico, o pequeno, o grande, o Ecclesiastico, e o secular; finalmente mortos, e vivos (que tambem por modo de suffragio aproveita aos mortos) todos geralmente bebem nesta fonte; e fonte, que he geral para todos, não ha melhor fonte, pag. 37. col. 2. pag. 38. col. 2. pag. 386. col. 2. usque ad pag. 390. col. 2. Tom. 3. pag. 263. col. 2. usque ad pag. 265. col. 1. Tom. *etiam* 2. pagin. 432. col. 2. usque ad p. 436. col. 2. *Etiam* Tom. 1. pag. 187. col. 1. usque ad p. 189. col. 1. Os thesouros, que nesta fonte se bebem, custão pouco, e valem muito. Oh grande Deos! Dar por hum preço limitado hum bem infinito, que grandeza mayor? pag. 319. col. 1. e 2. pag. 320. col. 1. Tom. 3. pagin.

Indice das applicaçoes

354. col. 1. e 2. pag. 355. col. 1. e 2. Felicidade summa dos que bebem em tal fonte! Por hum nada de custo tem hum bem taõ grande. *Ibid.*

II. P O N T O.

RIO. Para lavar as almas he Rio tambem de graças a sagrada Bulla. Saõ na Bulla as graças tantas, que pelo Paraíso da Igreja correm a rios. Mas a ferem rios estes, que lá nascem do coração de Christo, que almas se não laváraõ nestes rios? Tudo em nós lavaõ os rios deste coração, pag. 252. col. 2. pag. 253. col. 1. Tom. 1. pag. 66. col. 2. pag. 67. col. 1. pag. 215. col. 1. e 2. pag. 216. col. 1. Assim se lavaõ nestes rios as manchas das nossas almas, que nem vestigios apparecem nellas da menor mancha. *Ibid.*

III. P O N T O.

MAR. Tambem para afogarmos como no mar as culpas, faõ as graças, que a Bulla encerra, hum grande mar; donde as indulgencias faõ a mares, afoga se dentro nelles hum mar de culpas, p. 118. c. 2. p. 119. col. 1. p. 142. c. 2. Tom. 1. p. 421. c. 2. p. 426. c. 1. e 2. p. 427. c. 1.

E X E Q U I A S D E A L M A S.

Miserere mei ... quia crucior in hac flamma. Luc. 16.

MArtyrio grande! Não só para quem hum verdugo só concorre, mas para quem juntamente concorrem tres verdugos: concorre o Ceo, concorre o Purgatorio, e concorre o mundo: o mundo na impiedade do esquecimento, o Purgatorio no rigor do martyrio, e o Ceo na dilacão do premio. Tiranno mundo! Rigoroso Purgatorio! Justiceiro Ceo! A's mãos pois destes tres verdugos as benditas almas padecem, ou a chamma de tres incendios, ou o incendio de tres chammas. Por parte do Ceo, huma chamma em fogo lento. Tal he a sua dilacão. Por parte do Purgatorio, huma chamma em fogo vivo. Tal he o seu rigor;

para as Festas extravagantes.

rigor; e por parte do mundo huma chamma em deshumano fogo. Tal he a sua impiedade. Vem pois a ser chammass, que no Purgatorio sentem as bemitas almas: a do mundo na falta dos suffragios, a do Purgatorio na pena dos martyrios, e a do Ceo na tardança dos premios.

I. P O N T O.

MUNDO. No esquecimento dos vivos se accende no Purgatorio a chamma mayor dos defuntos. Faltaõ no Purgatorio os suffragios, porque a morte, que tirou a vida a huns, tirou a lembrança a outros. Oh chamma cruel! Pudera extinguir-se bem esta chamma, ou nas memorias do sangue, ou nas lembranças do amor. Mas até-aqui destino de mortos! Nem para os que craõ amigos val o amor, nem para os que são parentes monta o sangue. Tom. 2. p. 393. c. 2. ufque ad p. 402. c. 1.

II. P O N T O.

PURGATORIO. Mais activa que no mesmo inferno he no Purgatorio a viva chamma. No inferno (como he o demonio o que ministra o fogo) he chamma, que accende o odio. No Purgatorio (como he o mesmo Deos o que o fomenta) he chamma, que incende o amor. Terrivel chamma! Se para a tormentar he grande a tyrannia do odio, a de amor he em dobro mayor tyrannia. p. 369. c. 1. e 2. p. p. 370. c. 1. Tom. 2. pag. 84. c. 2. p. 85. c. 1. e 2.

III. P O N T O.

CEO. Tambem na dilacão do premio o Ceo a fogo lento martyrizo no Purgatorio as almas. Fecha-se o Ceo para os gemidos da sua dor, e quanto mais lhe dilata o refrigerio, mayor lhe faz o martyrio. Vivem de esperança as bemitas almas, e senão ha esperança sem Cruz, Cruz he a em que o Ceo as poem na sua esperança, Tom. 3. p. 237. c. 2. pag. 238. c. 1. e 2.

INDICE

Dos Sermoens desta Quarta Parte.

- SERM. da Conceição da Virgem Senhora nossa, No Mosteiro de Odivellas. pag. 1.
- SERM. na festa do Corpo de Deos. Na Paroquial de S. Juliao. pag. 24.
- SERM. do glorioso S. Braz Bispo, e Martyr. Na Igreja do mesmo Santo na Cidade de Evora. p. 50.
- SERM. da gloriosa S. Anna. No Mosteiro da mesma S. p. 74.
- SERM. do Desterro da Mãe de Deos. No Convento de São Bernardo. p. 96.
- SERM. do Mandato. Na Sé de Lisboa. p. 116.
- SERM. na Canonização de S. João de Sahagum. No Convento da Graça. p. 142.
- SERM. do Insigne Portuguez Santo Antonio. No Convento do mesmo Santo na Villa de Estremoz. p. 169.
- SERM. na Dominga da Esimola. Na Capella Real. p. 196.
- SERM. em acção de Graças á Virgem da Conceição pelo Nascimento do Conde de Cantanhede. No Collegio de Santo Agostinho. p. 219.
- SERM. na Quarta feira das Encenias. Na Capella Real. p. 236.
- SERM. da Circumcisão, e Enfermidade de amor de Christo, na Igreja do Hospital. p. 261.
- SERM. na Dominga da Verdade. Na Capella Real. p. 283.
- SERM. de N. Senhora da Paz, e Purificação da Senhora. Na Paroquial da Magdalena. p. 303.
- SERM. de S. Nicoláo de Tolentino. No Collegio de Santo Agostinho. p. 324.
- SERM. do Coração de Santa Theresa. No seu Convento dos Remedios da Cidade de Evora. p. 355.
- SERM. do Monte do Amor Divino. No Mosteiro da Esperança. p. 379.
- SERM. do Patriarca S. Jozé. Na Capella Real. p. 400.
- SERM. do Triunfo da Cruz. Na Igreja de Nossa Senhora das Necessidades. p. 422.
- SERM. de Nossa Senhora da Luz, e Natividade da Senhora. No Convento da Luz. p. 448.
- SER.



S E R M ã O
 DA IMMACULADA CONCEIC,AM
 D A
 VIRGEM MARIA
 NOSSA SENHORA,
 P R E G A D O

No Real Mosteiro de Odivellas.

*Liber generationis Jesu Christi. Mariae, de qua
 natus est Jesus. Matth. I.*

EM que, senão nas
 flores da Primave-
 ra se podia retra-
 tar hoje a pureza da
 melhor flor? Festejamos ho-
 je a Conceição admiravel
 de Maria, flor por graça
 de todas as flores. Disse-o
 Tom. IV.

em louvor da Senhora San-
 to Hermano: *Quoties ad
 nomen Virginis Jacrae, diz
 o Santo, humili me abjicio,
 odor omnium florum è terra
 influit in nares meas.* Nem
 por outra razão a Patria
 gloriosa da Mãe de Deos

A foy

foy Nazareth : como em Maria nasce a flor da pureza, que Patria havia de ter, senão a terra das flores? *Nazareth florida interpretatur*. Esta pois, que dando ás flores todas glorioso mate, he a Maravilha do mundo, a Angelica do Paraíso, a Rosa de Jericó, o Jacinto do Ceo, e a Açucena da terra : esta digo, que sendo huma flor só, he huma Primavera de todas as flores : *Omnium florum*, será o objecto hoje, que no agradavel de hum Jardim nos componha hum florido Sermão. Vamos ao Evangelho, e nelle acharemos com novidades o que buscamos.

Liber generationis Jesu Christi. O que o Evangelho nos offerece, he hum Livro : *Liber*. Mas que Livro? *Mariae, de qua natus est Jesus*. He este Livro Maria : ainda que o não disserão os Padres, eu o dissera. He Maria Livro, e Livro, que tendo a Deos por Author, o imprimio na Officina da Graça o mesmo Author da natureza : *Altissimus creavit illam in Spiritu Sancto*. He

Livro dourado, e escrito com letras de ouro, porque teve em si a gloria, e riqueza do Ceo : *Mecum sunt divitiae, & gloria*. Foy de tão perfeita impressão, que não teve erratas, porque se lhe não achou, nem hade achar defeito : *Quaeretur peccatum illius, & non invenietur*. Teve este Livro seu titulo, que foy o da Rainha dos Anjos, ou o de Escrava do Senhor : *Ecce Ancilla Domini*. Teve sua approvaçãõ, porque o examinou, e approvou o proprio Deos : *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te*. Verdade he que teve suas contradicçoens, porque sahindo a luz, se lhe imputaraõ sombras, mas só teve a do Altissimo, a quem se dedicou, e quem o defendeo : *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*. Original humano não o teve, porque foy idéa do Divino Author : e quem teve em Deos a origem, mal podia ter de Adam o Original. Em fim, serviraõ neste Livro de branco papel a pureza, de primeiro exordio a Graça, de columnas a constancia,

tancia, de pontos os da humildade, e de admiraçoens

D. Da- os prodigios. Ouvi agora a *mascen.* São João Damasceno, e ve-
orat. 2. de o como chama Livro a
de Af- Maria. *Novus Liber*, falla
sumP. da Senhora, *in quo inenarrabili modo Deus Verbum citra omnem manus operam inscriptus est.*

Eis aqui temos a Maria Livro, e não só Livro, diz Damasceno, mas Livro novo: *Novus Liber*. Aqui reparo. E em que estive agora a novidade deste Livro? A Senhora em huma Exposição de Pedro Galatino o diz nos Cantares. *Lectulus noster floridus*, diz Maria, e Pedro Galatino pela Senhora:

Pet. *Hoc est, Conceptio*
Gal l. 7 *nostra est florida, & odorifera absque omni peccati corruptione.* Sabeis, diz a Mãe de Deos, em que está neste Livro toda a novidade? Pois he, que transmutada nella a poderes da Graça a Natureza, as suas folhas se converterão em Jardins, e as suas letras se equivocaráo em flores. Prodigioso Livro! Mimo singular do Prado, enveja mayor do

Abril, e gloria immortal da Primavera! *Conceptio nostra est florida, & odorifera.*

Para formar pois das flores deste Livro o meu Sermaõ: ou para o Sermaõ ser hum Livro, em cujas folhas hoje impressas, em cujas letras hoje escritas, se vejaõ estampadas as melhores flores, digo, e notay bem: Que entre as flores do Abril as mais pintadas para o Livro de Maria são cinco. A primeira he a Maravilha: a segunda a Angelica: a terceira a Rosa: a quarta o Jacinto, e a quinta a Açucena. Chamo pintadas para este Livro estas flores, porque na verdade sendo Maria o Livro, pintadas vem as tais flores para as letras de Maria. Ora notay as letras, e vereis as flores. A primeira letra do nome de Maria he M. eis-ahi a flor Maravilha: a segunda he A. eis-ahi a Angelica: a terceira he R. eis-ahi a Rosa: a quarta he I. eis-ahi o Jacinto: e a ultima he outro A. eis-ahi a Açucena. Tal he (torna a dizer Santo Hermanno) Maria, ou o Livro de Maria:

Odor omnium florum, diz o Santo, e a Senhora: *Concepcio nostra est florida, & odorifera.*

Temos pois (e ferá o assumpto do Sermaõ) hum Livro, e todo de flores, donde, senaõ em figura viva, a pureza da Mãy de Deos se verá pintada. Veremos como a Senhora na sua Conceição gloriosa foy Maravilha, foy Angelica, foy Rosa, foy Jacinto, e foy Açucena. Melhor o direy: foy Maravilha na Graça, foy Angelica na pureza, foy Rosa na formosura, foy Jacinto na regalia, e foy Açucena na clemencia. Estas as cinco excellencias da Conceição de Maria, escritas hoje nas cinco letras do seu nome, e impressas nas cinco estampas do seu Livro: *Liber generationis Iesu Christi, Mariæ, de qua natus est Iesus.*

I. P O N T O.

EM primeiro lugar: Na primeira flor, ou primeira estampa deste Livro mostra Maria, que na sua

Conceição foy Maravilha: flor primeira, que corresponde á primeira letra do seu Nome: e hoje espelho em flor da sua florida pureza: *Concepcio nostra est florida.* O ser Maravilha (no sentido, em que havemos de fallar agora) não he mais, que ser entre as leys universais a izençaõ de toda a ley: ser entre as regras commuas a excepção de toda a regra. Nesta conformidade a Mãy de Deos a empenhos da Graça foy na sua Conceição Maravilha, e Maravilha não huma vez só, mas muitas vezes. Isto he: Maravilha, comparada na sua Conceição com-nosco; Maravilha, comparada na sua Conceição comfigo; e Maravilha, comparada na sua Conceição com Deos. Tudo direy; comecemos primeiro pela primeira Maravilha.

Todos os ascendentes de Maria, em que no Evangelho falla Saõ Mattheus, sabemos, como S. Paulo diz, que encorreraõ na culpa de Adam: *Omnes in Adam peccaverunt.* A todos, e a nós AdRo. 5. v. 12 com todos acodio Deos com o re-

o reparo da Graça. Mas quando? Depois de haverem cahido, e encorrido na culpa. Isto he, o que passou em nós; e em Maria? Oh maravilha da Graça a da Mãe de Deos! Os mais padecerão primeiro o achaque, e tiverão depois o remedio: Maria primeiro se lhe applicou o remedio, do que padecesse o achaque. Os mais, acodiolhes Deos, depois de cahirem: Maria, antes de cahir, lhe acodio Deos. Os mais tiverão Graça depois do peccado, Maria nunca teve peccado, porque desde o seu principio lhe acodio Deos com a Graça. Não he isto ser Maria por singular huma Maravilha? Ora ide á Escriitura.

Quiz Deos Senhor nosso imprimir em Maria Santissima o sello, ou finete da sua Graça, e fallando para isto ao coração da Alma Santa, vemos nos Cantares, que pedio a Senhora o coração:

Cant. 1
v. 6.

Pone me ut signaculum super cor tuum. Quiz depois fazer aos homens este mesmo favor, e escolhendo-lhe a testa para lamina desta pin-

tura, vemos no Apocalypse, que mandou se imprimisse a todos na testa: *Quoadusque signemus servos Dei nostri in frontibus eorum.* Supposto isto, pergunto agora: se este sello, ou finete, pelo qual entende Ruperto a Graça, se havia de imprimir aos mais homens na testa, porque se imprime a Maria no coração? E se a Maria se lhe imprimio no coração, aos mais porque se imprime na testa? He a razão a meu ver.

Aristoteles diz, que a natureza feita architecta deste composto humano, primeiro forma o coração, fundamento forçoso deste admiravel edificio; porque he o coração o pay dos espiritos vitais, fragoa do calor natural, principio do movimento, causa da vida, e governo de todos os cinco sentidos. Depois de fabricar o coração, vay assistindo ás mais partes do corpo humano, e por ultimo se occupa em lhe aperfeioar o roito, que he como assento dos sentidos todos, e frontispicio deste humano Pala-

cio. O que supposto, acusamos agora á solução da duvida.

Aos mais poemse-lhe o finete na testa, denotando nelle a tardança da Graça: a Maria poemse-lhe no coração para mostrar a pressa, com que foy preservada da culpa. O coração he a primeira pedra do edificio humano, e o rosto he a ultima. E pôr o finete o Esposo no coração da Esposa, he mostrar, que lhe communicou logo a Graça no primeiro instante da vida: pôr porém aos mais o finete na testa, he mostrar, que lhe não communicou a Graça, fenaõ depois de cahidos na culpa. A templos de menos grandeza gravaõ-se as armas no frontispicio: a templos grandes, e magnificos, esculpem-se na primeira pedra do alicerse. Dos templos pequenos he sempre esta pedra tosca: dos templos grandes he sempre esta pedra dourada. Aquella lança-se acaso pelos mesmos Arquitectos do templo: esta com apparatus grandioso lança-se pelas mãos de hum Rey ma-

gnifico. Templos fomos todos os filhos de Adam, e fomos Templos de Deos:

Templum Dei sanctum est, quod estis vos. Porém só no templo soberano de Maria lançou Deos a primeira pedra, e nos mais poz Deos a ultima: aos mais, como servos, mandoulhes pôr o finete na testa em final do cativoiro passado: *In frontibus eorum*: a Maria como Mãe poz-lhe o finete no coração em final de amor, pelo qual a preservou da culpa, e a encheo de Graça: *Pone me ut signaculum super cor tuum.*

Digamos logo: se para os mais houve huma regra commua, e Maria foy a excepção desta regra: se para os mais houve huma ley universal, e Maria foy a izenção desta ley: he Maria, a que na sua Conceição admiravel foy a empenhos da Graça huma maravilha. Mas se he Maravilha na sua Conceição comparada a Senhora conosco; mayor maravilha será comparada tambem consigo. Notay assim.

Em

Em todos os Myfterios da Mãy de Deos as ordens da natureza se observáão sempre. Primeiro foy na Senhora a sua Conceyção, e depois o feu Nascimento. Primeiro o feu Nascimento, e-depois a sua Presentação, e finalmente primeiro se vio na terra nascida, e depois no mais alto Ceo gloriosa. Porém no Myfterio admiravel da sua Conceyção, que houve? O Evangelho o diz: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.* Assim se eximio Maria de toda a leyordinaria, assim se exceptuou Maria de toda a regra commua (que lá na sua predestinação gloriosa) havendo de ser primeiro creatura do que Mãy, primeiro se diz que foy Mãy, do que creatura: *De qua natus est.* Digamolo de huma vez: havendo de preceder nella a natureza á Graça, foy primeiro na Senhora a Graça do que a natureza. Ha maravilha mayor? Ouvi a David.

Homo natus est in ea, & ipse fundavit eam Altissimus. Duas cousas diz aqui

o Real Profeta: que Deos creou a Maria: *Fundavit eam*, e diz que Maria he Mãy de Deos: *Natus est in ea.* Mas he de notar, que havendo de preceder na Senhora o ser creatura ao ser Mãy, primeiro a nomea Mãy: *Natus est*, e depois lhe chama creatura: *Fundavit eam Altissimus.* Oh alta maravilha da Rainha dos Anjos! Maria como creatura he obra da natureza: Maria como Mãy he obra da Graça, e precedeo na Senhora o ser Mãy ao ser creatura, para que vissemos, que primeiro foy em Maria a Graça, que a natureza: *Homo natus est in ea, & ipse fundavit eam Altissimus.* Logo (he a conclusão) se na Mãy de Deos se guardáão nos mais mysterios as ordens da natureza, e se na sua Conceyção se não guardáão tais ordens, Maria ainda comparada consigo, he na sua Conceyção maravilha.

O melhor nos falta. Tambem comparada com Deos digo, que foy maravilha esta Senhora. Ponde o con-

ceito de razaõ , e mais de prova. Tudo será junto , na prova irá a razaõ. Creou Deos a luz , e della formou o Sol ; mas comparada , se advertires , a formação do Sol com a creação da luz , esta foy taõ unica , que até o dia , por não ter segundo , se não chamou primeiro. Foy , como diz o Texto ,
Gen 1. v. 5. dia hum : Vespere , & mane dies unus. E pois como affim ? Se o Sol he a alma de luz , e tanto mais fermoso que ella , porque ha de ser mais celebrada na sua creação a luz , do que o Sol ? Direy , e de caminho a razaõ do nosso conceito. Entre a formação do Sol , e a creação da luz passa o mesmo , que entre a Conceição de Christo , e a de Maria. A luz , quando Deos a creou , tirou-a das trevas , e o Sol , quando o formou , fello da luz. Eis-ahi a Maria , e eis-ahi a Christo : Christo concebido em Maria foy hum Sol , que se formou da luz : Maria concebida em Anna foy huma luz , que se tirou das trevas. E comparada Conceição com Con-

ceição , mais parece que he tirar huma luz das trevas , como Maria de Anna , do que formar-se hum Sol da luz , como Christo de Maria. Conceição , donde hum Sol se forma da luz , será maravilha , mas parece natureza ; porém Conceição , donde huma luz se tira das trevas , esta he tanto sobre as ordens da natureza , que por unica , e singular he maravilha : *Factum est vespere , & mane dies unus.* Oh grande , oh alta , oh prodigiosa excellencia da Mãy de Deos ! Maravilha , comparada na sua Conceição com-nosco , maravilha , comparada na sua Conceição comsigo , e maravilha , comparada na sua Conceição com Deos , em tudo , a poderes da Graça , huma , e mil vezes maravilha : flor , que corresponde á primeira letra do seu nome , e primeira florida estampa do Livro da sua pureza : *Liber generationis Jesu Christi , Conceptio nostra est florida.*

II. P O N T O.

A Segunda flor, ou eſtápa deſte livro moſtra que a Senhora foy na ſua pureza huma Angelica. Digno reparo he, que no Evangelho ſe não faça expreſſa menção dos pais immediatos de Maria. Falla S. Mattheus, em que Abraham foy pay de Ifaac, e Ifaac pay de Jacob; mas chegando á Virgem Santiffima, muda de eſtylo, e não declara, nem diz que tiuelle pays. A ração, a meu ver, foy; porque como o ter pais ſuppoem geração, e a Senhora, ainda que humana, toda foy Angelica, não ſe havia de declarar que fora gerada, como ſão os homens, havia-ſe de ſuppor, ou deixar entender, que fora creada, como foraõ os Anjos.

Huma das mais altas prerogativas dos Eſpiritos Angelicos he haverem ſahido a luz por milagroſiffima criação: por iſſo perfeitamente creados. Pergunta ſe nas Eſcolas, ſe Deos por milagre creaffe de nada hum homem, ſe havia de incorrer eſte na

culpa original: e responde-ſe que não; a ração he: Não ſe dar neſte homem ração hereditaria de filho para pay: não ter o ſer por geração, ſenaõ por criação. Eſta foy a immundade, para que apellava David, quando pedia hum novo coração a Deos: anhelava a incontaminada joya de hum coração puro: *Cor mundum*, e pedia a Deos hum coração creado: *Crea in me Deus*.

Pela ração pois de creados, e não de produzidos ſe conhece ſerem os Anjos perfeitamente puros. Mas o que elles tiveraõ por excellencia da ſua criação, teve Maria por privilegio da ſua Graça. Ouçamos a meſma Rainha dos Anjos: *Qui creavit me, Ecl. requievit in tabernaculo meo. Reparo ſó no creavit. Não diz a Virgem Santiffima, que deſcançara em ſeu puriffimo ventre aquelle Deos, que a produzio, ou que a gerou por ſeus pays, ſenaõ absolutamente aquelle, que a creou: Qui creavit me. E pois não he certo que foy eſta Senhora produzida? Não he certo que foy*

foy gerada? Sim, gerada, e produzida foy; mas he taõ Angelica Maria, que o que nella foy geraçãõ, se explica com voz de creaçãõ: *Creavit*. Como humana teve da geraçãõ o natural concurso, mas como Angelica teve da creaçãõ o sobrenatural privilegio. Porisso no Evangelho se naõ nomeaõ os pays desta Senhora, porque para se entender, que foy como os Anjos pura, havia-se de deixar entender que fora como os Anjos creada: *Qui creavit me, requievit in tabernaculo meo*.

Ora eu naõ me accommodo (e assim o devo fazer) com deixar a Santissima Virgem na esfera dos Anjos, porque acho, que ainda que estes lhe excedem muito na natureza, a Senhora os excede muito na graça. Naõ ha duvida, que toraõ creados em Graça, assim os Anjos, como a Senhora; mas com esta differença, que os Anjos no instante da sua creaçãõ puderaõ peccar, e muitos com effeito peccaraõ. Foy a pureza dos Anjos humana flor, que podia murchar-

se, e hum cristal, que podia escurecer-se. Foy ouro, que se naõ eximia das fezes, e luz, que podia ter seus eclipfes: Porém a Virgem Santissima, naõ só naõ contrahio peccado, mas nem o podia contrahir. Tanta foy a belleza, de que Deos dotou esta flor, tanto o esplendor, de que enriqueceo esta luz, que nem podia haver mancha, que a affeasse, nem sombra, que a desluzisse. Oh excellencia verdadeiramente mais que Angelica! Vede, como até os mesmos Anjos conhecendo este excesso, assombraõ, quando o contemplaõ, e pasmaõ, quando o veneraõ.

*Que est ista, que pro-Cant. 6
greditur quasi Aurora con-v. 9.
surgens, pulchra ut Luna,
electa ut Sol?* Quem he esta Princeza taõ soberana (perguntaõ hoje humas a outras estas celestiais Gerarquias, todas suspensas no que admiraõ, e todas admiradas do que vem Q em l esta Princeza taõ soberana, que excedendo as ordens da natureza multiplica na sua Conceyçãõ as Auroras; porque
se

fe o Ceo cá tem huma, ella lá he outra: *Quasi Aurora confurgens*, e com tantas ventagens á do Ceo, que se esta cá he toda celeste, ella lá he toda Divina? Quem he esta, que apenas se concebe hoje, começa a resplandecer entre as sombras da culpa, assim como a Lua entre as sombras da noite: *Pulchra ut Luna*; e tanto mais adiante haõ de passar os limites do seu Imperio, que se a Lua he só Rainha entre as Estrellas, ella o ha de ser á vista do mesmo Sol? Quem he finalmente esta, que pelo excessivo dos seus rayos, a mesma Santissima Trindade tem já votado nella para Sol: *Electa ut Sol*; e com taõ grande excessõ ao material, que se aquelle corre sempre ao seu Occaso, este sempre ha de estar no seu Oriente?

Mas suspendey ó celestiais Paraninfos, suspendey as vossas admiraçoens, que huns Espiritos, que todos faõ luzes na pureza, naõ haõ de ter por novidade tanta o verem luzes. Da luz, que Deos creou no primeiro

dia do mundo, dizem os Padres, que significa a natureza Angelica: *Lux primo die facta designat naturam Angelicam*: refere-o Laureto, e huns Anjos, cuja natureza se retrata na luz, como podem allombrallos os luzimentos? Mas sendo estes como os que ostenta Maria, he preciso que fiquem os Anjos taõ allombrados, quanto ficaõ excedidos. A luz do primeiro dia, em que se representa a natureza Angelica, foy luz, que se teve sua manhãa, tambem teve sua tarde: *Factum est vespere, & mane dies unus*. Porém a luz, que os Anjos contemplaõ na Senhora, he luz sem tarde, porque a todo o tempo he luz. Chamaõ-lhe Aurora, Lua, e Sol. A Aurora luz na manhãa, a Lua luz na noite, e o Sol luz no dia. He luz, que em nenhum tempo admite trevas, porque nas ausencias do Sol entra a luzir a Lua, nas ausencias da Lua entra a luzir a Aurora, e nas ausencias da Aurora torna o Sol, e a Lua. Venho a dizer: na sua creação pode ter a luz

dos

dos Anjos seu eclipse , porisso se retrata em huma luz , que tevè tarde. Mas na creação de Maria , não podia haver nenhum genero de sombras , porque a creou Deos com todo o genero de luzes.

Tres ordens de luzes observaõ os Anjos na Mãe de Deos : Aurora , Lua , e Sol ; e o mysterio foy , a meo ver , que como distinguimos tres culpas , quiz Deos que resplandecessem em Maria tres graças. Ha culpa original , culpa mortal , e culpa venial. Ha graça auxiliante , graça santificante , e graça consummada , que he a Glória. E como em Maria tomou a Graça todos os portos á culpa , viraõ os Anjos , que nenhuma das tres Graças , lhe faltou ; porque com todas as tres ordens de luzes resplandecio. E observarem os Anjos que aquella , a quem elles excediam na natureza , os deixava taõ excedidos na Graça , grande suspenção para o seu discurso , e motivo digno do seu assombro : *Que est ista , que progreditur ? &c.*

Essa devia de ser a causa , porque Tertuliano chamou carne Angelificada á incontaminavel substancia de Maria ; e Saõ Pedro Damiaõ chamou aos privilegios de creatura taõ perfeita reflexos da natureza Angelica. Donde eu venho a entender , que assim como a luz do Sol he muitas vezes mais resplandecente nos seus reflexos , do que na mesma fonte , donde nasce , assim a pureza Angelica resplandece mais , do que na sua origem , na candida nuvem de taõ immaculada Senhora. Por onde , se não for lisonja de Maria , o será dos Anjos chamarmos hoje Angelica á sua pureza : flor segunda , que corresponde á segunda letra do seu nome , e compoem a segunda estampa do Livro da sua Conceição gloriosa : *Liber generationis Jesu Christi. Conceptio nostra est florida.*

III. P O N T O.

NA terceira estampa do Livro de Maria se vê como a Senhora na sua Conceição

ceição he Rosa na formosura. Sabido he que o prototypo da formosura he a Rosa: gala dos Prados, enfeite dos Jardins, e ornato da Primavera. Nem por outra razão os Antigos, que cortáram as purpuras á Rosa, admittirão huma ferida, que Adonis empregou em Venus: deste sangue, dizem, que nasce a Rosa, e não podia deixar de ter a belleza por herança huma flor, que teve por mãy huma Venus, e teve por pay hum Adonis. Mas se da belleza he a Rosa o melhor prototypo, Maria na sua Conceição toda na belleza he Rosa: Rosa fim, e com singularidades grandes na belleza.

Quasi plantatio Rosæ in Jerichò, diz da Mãy de Deos o Espirito Santo. He Maria na sua Conceição Rosa, e Rosa plantada em Jericó. Expressamente fallana na Conceição, porque fallana na planta, ou no nascimento da Rosa: *Plantatio Rosæ*. O que noto porém, e o em que reparo he, que havendo Maria de ser Rosa plantada, seja plantada em Je-

ricó: *Plantatio Rosæ in Jerichò*. E pois a que vem aqui o Jericó, quando Maria te chama Rosa? Direy: Jericó conforme a interpretação do seu nome, quer dizer Lua: *Interpretatur Luna*. A Lua sabeis já, que he o Espelho da formosura, e o retrato da perfeição: he toda perfeita, diz David: *Quasi Luna perfecta*, e he toda formosura, dizem os Anjos: *Pulchra ut Luna*. E chamar-se Rosa de Jericó a Rosa de Maria, he mostrar, que não só tem na sua Conceição a formosura de Rosa, mas que he Rosa com attributos novos de formosura: *Jerichò interpretatur Luna*. *Plantatio Rosæ in Jerichò*.

Nem, se advertires, será outra a razão, porque fazendo Maria da Lua trono, poem na sua Conceição os pés sobre ella, e a traz, ou pintaõ com a Lua a seus pés: *Luna sub pedibus ejus*. *Apoc.* Dizem huns, que he para pizar manchas (mas eu digo que para se exaltar em bellezas.) He a Lua o significado de Jericó; e porque Maria plantada em Jericó he na for-

formosura Rosa, porisso na sua Conceição piza bellezas na Lua. Oh Rosa admiravel, que sobre a Lua de Jericó não fazeis nos minguantes naufragio, triunfais fim nos seus enchentes: Rosa, que fazendolhe a Lua pontas de prata, se para lhe infundir vidas he nova, para a exaltar em bellezas he cheya: *Luna sub pedibus ejus. Jericó interpretatur Luna.*

Emfim, he na belleza Maria, como he a Rosa. Mas valha-me Deos! A Rosa prototypo de Maria, e da sua belleza? Toda a Rosa, sabemos que tem seus espinhos, e se os espinhos são o fenaõ da Rosa, será a belleza de Maria belleza com feu fenaõ? Mas oh deixay, que se ha espinhos na Rosa, todos como vencidos lhe cahem ao pé. Epizar Maria, Rosa Divina, com pé os espinhos da culpa, isto mais são triunfos da bizarrria, que naufragios da belleza. Ouvi o que o Esposo diz.

Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis! Que formosos,

que engraçados, e que bem parecidos (diz o Esposo) são, Princeza minha, os vossos passos! Notay: Louva-lhe os passos, e chama-lhe Princeza? He Princeza, diz elle, e com formosura nos passos: *Pulchri sunt?* Mas tudo he, vamos por partes. Aos passos de Maria chama Deos passos de formosura: *Pulchri.* Mas que passos? O Alapide divinamente: *Quàm bene calceata ingrederis à Maria!* ^{Alapida} São passos estes, por onde Maria entra, ou começa a entrar no mundo, porisso os da sua Conceição gloriosa: *Ingredieris.* Bem: e pois são passos de formosura os passos da Conceição? Sim, e a razaõ he: Maria na sua Conceição, os passos que dá, são sobre a Lua, porisso lha pintaõ aos pés, e nos pés se representaõ os passos: *Luna sub pedibus.* Mais: a Lua, dislemos já, he figurativa, e representativa de Jericó, terra, a quem o Texto chama terra esteril; que em lugar de flores brota espinhos: *Habitatio civitatis optima est, terra verò sterilis.* E pizar Maria (ve-

nho a dizer) pizar na sua Conceição os espinhos de Jericó: cahirem-lhe estes espinhos ao pé, e pôr o pé sem offensa sobre os mesmos espinhos: *Luna sub pedibus. Jericho, id est, Luna*; isto fim que he dar Maria passos de formosura, e ser na sua Conceição unica na formosura dos passos: *Quàm pulchri sunt gressus tui, filia Principis!*

Naõ diffemos ainda tudo: Maria exaltada na Lua, he Maria plantada em Jericó: isso quer dizer Jericó: *Id est Luna*. Bem: e como foy Maria plantada em Jericó? Foy Rosa, e como Rosa *Plantatio Rosæ in Jericho*. Eis-ahi a Maria Princeza, porque no Imperio das flores, a que se chama Princeza, he a Rosa: *Filia Principis*. E ser Maria huma Rosa Divina, e tal Rosa, que tendo o pé nos espinhos, estes como vencidos lhe cayão, e a beijem no pé: *Sub pedibus*; nem ha mais belleza de passos: *Pulchri sunt*, nem Rosade mayor belleza: *Filia Principis*. Notay ainda: naõ diz só que ha bel-

leza nos passos de Maria: *Pulchri*, mas que são passos de mayor belleza: *Quàm pulchri*. E qual he a belleza, a que se póde chamar mayor? Aquella, que he belleza sem fenaõ. Belleza como a de Maria, diz Deos, sem dezar; porque naõ tem mancha, e sem fenaõ, porque naõ tem culpa: *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te*. E se esta

Rosa pizando espinhos tem esta belleza nos passos, he Maria Rosa nos passos da sua Conceição, e he a Rosa da mayor belleza: *Quàm pulchri sunt gressus tui, filia Principis!*

Nascey pois, estremada Rosa; Delicia dos Jardins por bella, e enveja dos Pra-dos por formosa. Nascey, que ainda que entre os espinhos da culpa, sois Rosa pela Graça: Rosa, em quem os espinhos, que pizais, mais são triunfos, que naufragios: mais guardas para defendervos, que Aspides para macularvos: Rosa, em fim, que se tendes algum espinho, que vos pique, he só para que picada em finezas:

Cant. 4
v. 1.

zas vos despiqueis em favores; e se he certo, que Rosa quer dizer Graça, huma Senhora, que toda na Conceição foy obra da Graça, será por engraçada hoje a mais bella Rosa: Flor terceira, que corresponde á terceira letra do seu Nome, e terceira florida estampa do Livro da sua pureza: *Liber generationis Jesu Christi. Conceptio nostra est florida.*

IV. PONTO.

A Quarta florida estampa do Livro da Senhora he a flor Jacinto. Desta flor retêre Plinio, que teve a sua purpurea origem do sangue, que destillou em a terra o corpo ferido de Aias: *Hyacinthum ex Aiacis cruore editum.* :: Era o sangue de Aias tão esclarecido, que era Real por geração; porisso nos Jardins de Licia, diz Manzerino, se achão Jacintos, em cujas folhas está escrito este nome *Regum*; ao que sem duvida alludio aquella pergunta do mayor Poeta: *Dic, quibus in terris inscripti nomi-*

na Regum Nascantur flores? Esta he a regalia da flor Jacinto: nascer de hum sangue Real, ou ser descendente de Reys. Esta he tambem a regalia da nossa sagrada Flor: descende, não só dos Reys da terra, mas do Rey do Ceo. Fundemos esta excellencia.

O Evangelho (em que os pays de Maria expressamente se não nomeão) nos deixa entender, que fora descendente de Deos esta Senhora. Não se nomeão a Maria pays humanos, porque he Maria filha do Divino Pay: disse-o Simão Cassiano, gloria da minha Religião sagrada: *Divina Virgo filia Patris Aeterni.* E a meu ver, isto quizerão dizer os Anjos, quando na Assumpção da Senhora a chamáráo para o Ceo com estas palavras: *Revertere, revertere Sumanitis, revertere, revertere, ut intueamur te.* Tornay Senhora, tornay para o Ceo, a dar á nossa bemaventurança nova gloria: que se no mundo fois hum Ceo com alma, na gloria sereis a alma do Ceo: *Revertere, ut*

Plin.
21. c.
11.

Cant. 6
v. 12.

ut intueamur te. O que aqui noto, ou no que reparo he, que chamando os Anjos a Mãe de Deos, não digaõ: vinde Senhora para o Ceo: *Ascende*, senão: Tornay, Senhora, para o Ceo: *Revertere*. Pois acaso havia descido do Ceo esta Senhora, para que agora ao seu sobir se chama volta? Sim, diz Ghislerio, como Maria era mais Filha de Deos do que dos homens, mais parecia haver descendido do Ceo que nascido na terra. Assim mostrava ter em Deos a sua origem; que aquelle throno, aonde sobia a reynar, se avaliava por berço, donde tivera o ser: *Reditum appellat*, diz Ghislerio, *ut indicarent e Cælis potius descendisse, quàm e terra orta videretur.*

Filha, e descendente do Altissimo foy a sagrada Virgem, donde se vê que huma descendencia tão esclarecida não podia ser maculada. Mas se ainda assim não deixou a Senhora de ter pays humanos, porque foy Filha de Joaquim, e Anna, (inlytos descendentes do Tribu

illustringissimo de Judá, e do tronco Real de David) nem porisso lhe faltou a gloria de não contrahir a menor macula, e de não incorrer na menor culpa. Verdade he que o sangue, de que descendeo no mundo a Mãe de Deos, ainda que era nobilissimo, estava maculado: bem como o sangue, de que nasceo o Jacinto, que por cahido, e misturado com a terra, ainda que sangue Real, era sangue baixo; mas a gloria esteve em ser, como o nascimento do Jacinto, o Nascimento da Senhora. Na flor o mesmo he brotar, que sobir: assim explica a Escriitura o Nascimento da flor de Jessé: *Flos de radice ejus ascendet.* Eis-ahi a Senhora, flor immaculada, e Divina: nasceo de hum sangue impuro, ainda que Real, mas não como nós nascemos, senão como nasce a flor. Nós propriamente nascemos por descendencia, porque o descender, em fraze equivoca, he baixar; porém Maria ainda que descendente, nasce como a flor, porque o seu nascer he sobir: nós

como peccadores nascemos cahindo, Maria como innocente nasce triunfando.

Na Escritura (conforme as interpretaçoens dos Santos Padres) achamos, que esta Senhora se chama Nuvem: *Ecce Dominus ascendet super nubem levem*; e tambem achamos, que os peccadores se representaõ na agoa: *Quasi aquae dilabimur*. A agoa, e mais a nuvem tem entre si muito parentesco, porque da agoa se condensam as nuvens, e as nuvens se desfazem em agoa. Da mesma sorte, tem a Senhora muito parentesco com-nosco; porque he nuvem condensada da agoa da nossa natureza, mas entre nós, e ella ha tanta differença, quanta vay da nuvem á agoa; e he, que a nuvem assim como se fórma da agoa, naturalmente sobe, e a agoa assim como se desfaz da nuvem, naturalmente desce. Assim nós, e assim Maria: nós nascemos propendendo para a ruina, Maria nasce triunfando contra a culpa: nós cahindo como agoa: *Dilabimur*. Ma-

ria sobindo como nuvem: *Ascendet*. Foy o nascimento de Maria de pays humanos, mas ainda que descendeo, naõ cahio: triunfou como a nuvem, e sobio como a flor.

Este glorioso triunfo se vê perfeitamente retratado nas folhas do Jacinto. He cousa sabida, que nas folhas desta flor se escrevem ays: *Ut Ay legatur inscripta*, diz Viegas, e dos mesmos ays da culpa vencida formou o Jacinto de Maria a sua coroa. Ao mesmo tempo que a Senhora pizava a culpa com os pés, dava inimiga ays, com que lhe corou a cabeça. Os melhores clarins dos vencedores são os suspiros dos vencidos, e quando em Maria fazem ecco os ays da culpa, entaõ dá mayor brado a sua vitoria. Glorioso Jacinto, Espelho da mais triunfante Senhora, Retrato da sua Real descendencia, e estampa florida do Livro da sua Conceição gloriosa: *Liber generationis Jesu Christi. Conceptio nostra est florida*.

Vieg. in
Apoc. c.
9. tom.
3. secl. 5.

V. PONTO.

Ultimamente: na estampa ultima do nosso Livro se vê ser Maria na sua Conceição Açucena na clemencia. Tem a Açucena (se advertires) huma propriedade bem notavel, e he, que quanto mais cresce a haste, tanto mais inclina a flor. Nesta propriedade (se quem nos he inclinado, nos tem amor) direy eu que se retrata o amor na Açucena pela sua inclinação. Tambem na sua raiz, diz Lorino, se vé hum coração em imagem, ou em figura: he raiz, e em forma de coração: *Lilii radix cordis figuram gerit*, Em fim, toda he amor a Açucena, porque se he coração na raiz, he toda inclinação na flor. Divina Maria, Açucena hoje do Ceo plantada na terra! Toda para nós fois amor, porque toda nasceis Açucena. Ouvi o que o Esposo diz.

Lorin.
in Psal.
109. v.
2.

Cant 2
v. 2.

Sicut Lilium inter spinas,
diz elle, *sic amica mea inter filias.* Notay: chama-

lhe amiga: *Amica*, se chame Açucena: *Lilium*. E pois Açucena, e logo amiga? Sim. Duas coufas ha na Açucena: ha pureza, e ha amor. E no titulo de amiga que ha? Que igualmente prova nesta Açucena o amor, e mais a pureza. Tudo direy: prova nesta Açucena a pureza, porque em voz do Esposo, entao he Maria pura, quando he amiga: *Tota* ^{Ibid. 4.} *pulebra es amica mea,* & ^{v. 7.} *macula non est in te.* Eis-alli pura a Senhora: *Macula non est in te*, e amiga juntamente: *Amica mea*. Prova-lhe tambem o amor, porque se a verdadeira amizade he huma correspondencia mutua dos affectos: Maria sendo amiga, seria amada, mas Maria sendo amiga, era amante. Logo chamar Christo amiga a Maria, quando lhe chama Açucena, he mostrar, que se na sua Conceição a vé Açucena pura, tambem na sua Conceição he Açucena amorosa. Pureza, e amor inculca em si a Açucena; e chamar-lhe amiga Christo, he abonar-lhe o amor, e he provar-lhe

a pureza. Oh illustre Senhora! Toda a pureza de Maria na sua Conceição he em ordem a si, todo o amor de Maria na sua Conceição he em ordem a nós; a pureza he gloria sua, o amor he felicidade nossa: e representar-se isto junto nesta Açucena Divina, he mostrar, que não estima menos hum amor, que he para nós, do que estima huma pureza, que he para si: não menos hum amor, que he felicidade nossa, do que huma pureza, que he gloria sua. Não ha mais timbre de amiga, nem graça mayor de Açucena: *Sicut lilium inter spinas, sic amica mea inter filias.*

Em fim toda no amor Açucena he hoje Maria. Mas perguntára eu: e em que mostra esta Açucena hoje o seu grande amor? Em que? Em derramar piedades, e em respirar clemencias. Tudo Maria tem, como Açucena que he. De Açucenas (diz Novarino) era a bordadura, que a Senhora fez na tunica de Christo: tunica inconsutil, tecida a pontos de amor, e conservada indi-

visivel por pontos de amante. E se esta tunica só toda dava faude, diz São Marcos toda a faude dos homens lá vem das Açucenas de Maria. De Açucena (diz o Abulenle) era a Co-roa, que Deos antigamente ^{Abul. in Exod. 25. q. 51.} mendou pôr na sua mesa, e os labores do candieiro no tabernaculo tambem, diz elle, eraõ de Açucenas: serve o candieiro para dar luz, e a mesa para sustentar a vida: Açucenas da Mãe de Deos aos mortais daõ vida, e aos cegos daõ luz. Finalmente: de Açucenas cercava Maria em seu Ventre (dizem os Cantares) hum monte de trigo: Felicidades a montes só as communica Maria pelas suas Açucenas. Até aqui clemencia de huma Açucena do Ceo, e até aqui amor, de quem logo que nasce, nasce como Açucena: flor ultima, que corresponde á ultima letra do seu nome, e estampa tambem ultima do Livro da sua Conceição gloriosa: *Liber generationis Jesu Christi. Conceptio nostra est florida.*

Novar
de Agz
Eu-
char. l.
5. exc.
38. n.

I N D E X.

Tenho acabado com as folhas do Livro, floridas estampas da pureza da Mãe de Deos, mas ainda que acabárao as folhas, não dou o Livro por acabado. Não ha livro, que não tenha seu index, e a fer de flores o Livro de Maria, quem fenaõ o Sacramento, Paõ de flores, será o index deste Livro? Flor se chamou Christo nos Cantares: *Ego flos*, e flor tambem no Sacramento: *Flos saturitatis*. Mas dizendo-se de Christo que he flor, só se não diz delle, que flor he. E pois he flor, e sem individuação especifica? Isto (se o indefinito equivale a universal) he ser Christo, como he, huma flor só, mas he equivaler a todas as flores. E que? Passará isto no Sacramento? Sim, e porisso Index do Livro de Maria, ou das flores do seu Livro. O Index, sabeis já, he huma recopilacão breve de tudo, ou quasi tudo, o que hum Livro contém: e como todo he flores

Tom. IV.

o Livro da Senhora, o Sacramento, por flor universal, he o Index de todas estas flores. Ora hide com atençaõ, e vede.

O que Maria contém no seu Livro he huma Primavera: saõ maravilhas, saõ Angelicas, saõ Rosas, saõ Jacintos, e saõ Açucenas. Mas oh Index glorioso! Tudo no Sacramento ha como em Index. Buscaís a Maria maravilha da Graça: e no seu Index que achais? A flor maravilha. He o Sacramento a maravilha mayor do mundo: *Miraculorum maximum*, e he a memoria de todas as maravilhas; *Memoriã mirabilium*. Quereis a Maria Angelica na pureza: e que achais no Index? A flor Angelica. He Paõ Angelico o Sacramento, porque ainda que nosso, o he dos Anjos: *Panis Angelicus sit panis hominum*. Buscaís Rosa na formosura a Maria: e no seu Index que vedes? Que entre os espinhos da Paixaõ floresce alli Christo encarnada Rosa: *Carpis illic novum florem*, diz Santo Ambrosio, *carpis Rosam*.

B 3

Fi

Finalmente quereis a Senhora Jacinto na regalia: bufcáis a Senhora Açucena na clemencia: e tudo tem o Index: Christo, que juntamente he Açucena, e mais Jacinto: Jacinto entre os suffpiros dolorosos da sua morte: *Memoria passionis*, e Açucena entre os candores puros da castidade: *Lilium convallium*, *Carpis lilium*.

De maneira, que sendo todo flores o Livro de Maria; o Sacramento, em que todas as flores se encerraõ, he o Index deste Livro. Porisso ainda que huma flor só, he no nome como todas as flores: *Flos campi*, *Saturitatis flos*. Agora sim, agora direy eu, que não por acaso, mas com mysterio, prégando atèqui da Conceição da Senhora, huma só palavra no Sacramento não falley; mas he, porque fallando de hum, era o mesmo que prègar de ambos: tudo era do Sacramento, o que prègava da Conceição. Tudo, porque ambos em flor retratados, e na mesma flor; ambos são Maravilha, ambos Angelica, ambos Rosa: am-

bos Jacinto, e ambos Açucena. E se por isto do Livro da Conceição he Index o Sacramento, direy eu, que nem a ser tal o Index, se podia negar a ser grande a gloria do Livro, nem a ser este o Livro, deixar por gloria sua de ter tal Index.

F I N I S.

Finalmente he o Finis o remate ultimo de hum Livro, e seja tambem neste Livro o *Finis* o seu remate. Em voz de hum Anjo ouço dizer a Christo no Apocalypse, que elle he o principio, e o fim de tudo: *Ego sum Alpha, & Omega: Principium, & Finis*. No Apoc. 8. v. 8. Livro de Maria esse he tambem o seu fim, e o seu principio: Christo he o principio, por onde o Livro começa: *Liber generationis Jesu Christi*, e Christo tambem o fim, por onde o Livro acaba: *Maria, de qua natus est Jesus*. Glorioso Livro! Livro, donde o fim remata com o principio, e o principio com o fim, mais he no circulo Coroa, do que

que Livro; mas se he Livro de flores, que muito tenha nelle Maria a sua Coroa? Toda a Coroa he remate, e todo o remate he fim; seja pois o Finis deste Livro ter huma Coroa de flores por remate.

Nas maravilhas tem Maria huma Coroa, que lhe dá a Graça, e pela muita graça que lhe dá, he Coroa ás mil maravilhas. Nas Angelicas lhe tributaõ os Anjos huma Coroa de pureza, e por ella se coroa Angelica sobre os Anjos. Nas Rosas tambem a formosura a coroa Rainha das flores: he Coroa com muito garbo, porque a ser de Rosas tem seu pico. Finalmente tambem as Açucenas, e os Jacintos entraõ á fabrica desta Coroa. Em obsequio da regalia, com que nasce, os Jacintos, e em applauso da clemencia, com que reina, as Açucenas. Nesta Coroa pois tem Maria o Finis do seu Livro: como he Livro, que em

Christo começa, e em Christto acaba: circulo he o Finis, e por isto Coroa: *Alpha, & Omega, Principium, & Finis.*

Ora Virgem Santissima: de tanta gloria, a quem, fenaõ a Deos, se devem dar os louvores? Louvores a Deos na Pessoa do Pay, louvores a Deos na Pessoa do Filho, e louvores a Deos na Pessoa do Espirito Santo. Divisaõ he de Pessoas, de que o vosso Livro fez mençaõ: em Abrahaõ a Pessoa do Pay: *Deus Abraham*; em Isaac a Pessoa do Filho: *Deus Isaac*; e em Jacob a Pessoa do Espirito Santo: *Deus Jacob*. O Pay vos fez pura, porque vos fez sua Filha; o Filho vos fez pura, porque vos fez sua Mãy, e o Espirito Santo vos fez pura, porque vos fez sua Esposa. E se de Deos foy para vós o empenho todo, remate em fim o Livro neste fim: parabens a vós, e louvores a Deos.

S E R M A Õ
 N A F E S T A D O
 C O R P O D E D E O S ,
 E I N S T I T U I C , A M D O
 S A N T I S S I M O S A C R A M E N T O ,
 P R E G A D O

Na Paroquial Igreja de São Julião.

Caro mea verè est cibus , & sanguis meus verè est potus : qui manducat meam carnem , & bibit meum sanguinem , in me manet , & ego in illo. Joan. 6.

NAõ acertou a discreta Antiquidade, quando para debuxar as victorias do amor, o pintou tocando á arma, brandindo o arco, e despedindo a setta; porque se he certo, que dadas quebrantaõ penhas, mayores seriaõ os triunfos de hum amor, se deixando a setta, e abrindo a maõ, conquistalle os coraçoes humanos, naõ com a setta

ferindo, fenaõ! com a maõ dispendendo. Esta pintura, que a Antiquidade errou em hum Cupido Deos do amor, emmendou hoje discretamente naquelle paõ o amor daquelle Deos; e se lá se viraõ, muitas vezes, as settas rebatidas, e desmayadas aos pés do adversario á valentia do ferro; hoje com doce violencia se vê aqui rendido tudo áquelles pés, porque vay muito de obrigar

gar com dadas a tirar com fétas. E como as fétas, que despede hoje aquelle amor, são as liberalidades da sua mão, os mesmos coraçoes, que na conquista do amor humano resistirão á violencia das fétas, hoje na conquista do amor Divino ferenderão á liberalidade das

D. Elig. & D. poris Domini, diz Santo Aug. l. 2. ad Fan. in mundus.

Agn. Eueb. p. 336. n. 10. 48. Lá fingio a mal aconfehlada, ainda que discreta, Antiguidade ao amor huma vez empenhado na conquista de tres coraçoes, e que lhe faziaõ guerra : hum, por ser cegamente desconhecido; outro, por ser demaziadamente cioso; e outro, por ser tyrannamente defamavel. No primeiro militava o desconhecimento, no segundo ardia o ciu-me, e no terceiro reynava o odio. Não podia contender contra inimigos mais poderosos a ficticia Deidade dos Antigos; porque são crueis homicidas de hum amor o desconhecimento, de quem o ignora, o ciu-me de

quem o ama, e o odio de quem o aborrece; o odio por natureza, o ciu-me por ambição, e o desconhecimento pelas duvidas.

Sahio pois a dar batalha a generosa valentia do amor; apontou as melhores fétas da sua aljava, preparou o arco, apertou a corda, segurou o tiro, e começando a conquistar aquelles coraçoes com tantas ancias, como fétas, o amor (oh malogrado empenho!) vendo frustradas as diligencias, quebradas as forças, rendidas as armas, e perdidas as fétas, deixou em fim (que isto foy o que deixou) as insignias militares por affrontos despojos da sua batalha, e não fez que os inimigos coraçoes ficassem trofeos rendidos á sua valentia. Esta empreza porém, que o amor humano intentou, e não conseguiu, he hoje o glorioso triunfo do amor Divino, que na conquista daquelle Sacramento (não a poder de fétas, deshumanos instrumentos de quem mata, mas a poder de dadas, suaves artificios, de quem

quem obriga) alcançou com os irreparaveis esforços da sua industria nos voluntarios rendimentos dos nossos corações.

A tres generos de corações se reduzem todos os corações humanos: que vem a ser: corações amantes, corações inimigos, e corações indifferentes, que nem são inimigos, nem amantes. Nos corações indifferentes reside o desconhecimento, porque este he a causa da sua indiferença: (ninguem pôde amar, o que não sabe, nem aborrecer, o que não conhece.) Nos corações amantes vive o ciúme, porque este, como dizem, he filho legitimo do amor; e nos corações inimigos habita o odio, estímulo da inimizade, e escandalo da razaõ. A todos estes corações, e nelles juntamente incluídos os corações de todos, rendeo alli com suavidade amorosa o amor daquelle Deos, porque, como veremos no Sermão, dividido em tres assumptos: triunfa o Divino amor do desconhecimento, do ciúme, e do odio: des-

conhecimento, nos corações indifferentes; do ciúme, nos corações amantes, e do odio nos corações desamovíveis. Nos primeiros converte Christo o desconhecimento em gratificação; nos segundos converte o ciúme em conformidade, e nos terceiros converte o odio em amor. O desconhecimento o converte em gratificação, porque o beneficio he tão grande, que ninguem o pôde desconhecer. O ciúme o converte em conformidade, porque a dadiua he para todos tão igual, que a ninguem lhe fica que envejar: e o odio o converte em amor, porque o bemfeitor he tão amavel, que rouba os corações de todos, e a todos se mete no coração.

Vejaõ agora, se para não faltarnos o Evangelho nestes triunfos, temos os tres triunfos do Evangelho. Tres clausulas tem o nosso Thema, e em cada huma conta o Divino amor huma victoria. Na primeira vemos o muito que Christo nos dá: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.*

E aqui triunfa o seu amor do nosso desconhecimento: porque se as dadivas são sobre-escritos do amor, diz S. Bernardo, e pelo muito que se dá, se conhece o muito que se ama: *Amor sentitur in donis*: não pôde deixar de conhecerse huma fineza pela mais extremosa, donde huma liberalidade he a mais excessiva: *Caro, & sanguis*. Primeiro triunfo do amor, e primeiro ponto do Sermaõ.

Na segunda clausula do Thema vemos, que se dá Christo a todos sem excluir a ninguem: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem*. E aqui triunfa o seu amor do nosso ciu-me, porque se tanto dá a hum, como a outro, deixando satisfeitos a todos, fica assim o ciu-me vencido, e o amor vittorioso: *Qui manducat, & bibit*. Segundo triunfo, e segundo ponto. Na terceira, e ultima clausula do Thema, diz Christo, que nos dá o Sacramento para se unir a nós, e para nos unir a si: *In me manet, & ego in illo*. E aqui

triunfa o amor do odio; porque se o odio aparta os extremos mais unidos, o amor une aqui os mais apartados extremos, ficando assim vencido o odio, e triunfante o amor: *In me manet, & ego in illo*. Terceiro ponto, e terceiro triunfo.

Temos pois para os tres pontos do Sermaõ os tres triunfos do amor: primeiro, pelo muito que Christo dá: *Caro, & sanguis*. Segundo, pela igualdade, com que dá: *Qui manducat, & bibit*. Terceiro, pelo fim, para que se dá: *In me manet, & ego in illo*. Começemos pelo primeiro ponto, e vamos vendo, como triunfa do desconhecimento dos homens o amor de Christo, e acredita alli os extremos da sua fineza com os lanços da sua liberalidade: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus*.

I. PONTO.

EM primeiro lugar: que o desconhecimento seja inimigo capital de hum amor, he taõ certo, que o mostra

mostra o mais claro exemplo da natureza. Comparação-se as duvidas em o amor com as sombras em o Sol. Na opposição das sombras padece o Sol eclipfes, e na opposição das duvidas padece o amor defeitos. He o Sol hum retrato do amor, sabem todos, a quem o peito serve de pólo, as suas frechas de rayos, e de movimentos os seus affectos. Tem as ternuras por influencias, os extremos por resplandores, e a esfera, em que anda, he o coração, em que se sustenta: *Amor ignis est, & Sol*, diz quem melhor o define. Mas se ha duvidas no amor, e se neste Sol ha sombras, que succede? Que assim como no Sol material se eclipfa o diadema dos resplandores, com que brilha, neste Sol dos coraçoes se escurece o esplendor dos extremos, com que se coroa. Amar a hum desconhecido, he tomar o amor por alvo dos seus tiros o mesmo metal, que lhe rebate as suas settas, e he a purar o claro das suas luzes na escuridade de huma nuvem, que lhe

reverbera eclipfes, por onde fica sendo o desconhecimento do amado o mais cruel verdugo do amor.

Mas. oh triunfo glorioso do amor de Christo! Empeña-se o amor hoje em vencer o desconhecimento dos homens, e qual o Sol, que rompe a nuvem, este amor desfaz a nuvem da incredulidade humana com a luzida ostentação da sua liberalidade Divina. Antes de Christo se dar no Sacramento, diz São João, não criaõ os Judeos: *Quomodo potest hic?* E duvidavaõ os Discipulos: *Duru est hic sermo.* Mas para o Senhor desfazer estas duvidas, fatais eclipfes da sua gloria: para vencer estas incredulidades, crueis estorvos da nossa ventura, o que faz? (oh prodigio grande) he desempenhar com a execução a promessa, e acreditar os extremos da sua fineza nos lanços hoje da sua liberalidade: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.*

O melhor, e mais claro argumento do amor, diz S. Gregorio, saõ as dadas, suaves

suaves tributos do querer, doces frutos da vontade, e gloriosos trofeos da fineza: *Probatio ergo dilectionis*, diz o Padre, *exhibitio est operis*. Por onde digo, que se a liberalidade nasce do amor, o amor se conhece pela liberalidade; e taõ identificadas entre si huma cousa, e outra, que nem vós (notay agora) nem vós me dareis mãos fechadas com peito aberto, nem eu, donde ha mãos abertas, vos darey coração fechado. Vamos a Escrittura.

No dia do Juizo, diz Christo, que ha de condemnar aos precitos, porque lhe não déraõ de comer, nem de beber: *Esurivi, & non dedistis mihi manducare; sitivi, & non dedistis mihi bibere*. Notavel sentença em tal Juizo! Senhor, por ventura manda isto o vosso primeiro mandamento? Não por certo: só diz, que vos amem com todo o coração, com toda a alma, e com toda a vida: *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde, ex tota anima, ex totis viribus tuis*. E pois

porque não condemnais estes homens, porque vos não amáraõ, senaõ porque vos não déraõ: *Non dedistis?* Mas não vos enganaes, diz Christo, que esse he o delicto, sobre que eu fundo a minha sentença. Sabeis porque estes homens me não déraõ, diz o Senhor, porque me não amáraõ. Se elles me amáraõ, fora impossivel que me não déraõ. O não terem amor lhes atou as mãos, que se nelles o houvera, elle lhas desatára: mas como me não fouberaõ querer, não fouberaõ dar: *Esurivi, & non dedistis mihi manducare; sitivi, & non dedistis mihi bibere*.

Logo, se quem tem fechadas as mãos, não tem aberto o peito, clara consequencia he, que quem tem para comigo mais rotas as mãos para as dadivas, tem mais patente o coração para as finezas: antes sim, será erro, que se repute por crime duvidar, de que tenha aberto o peito, quem mostra rotas as mãos. Lançada para o peito de Christo, diz Santo Ambrosio, foy o exa-
me, D:
Amb.

Matth
25. v.
42.

Marc.
12. v.
30.

Joan.
20. v.
27.

me, que nelle fez S. Thomé: *Ob digitus, ob lancea!* Mas foy para o Senhor lançada este axame, porque depois de Thomé examinar as Chagas das mãos: *Vide manus*, passou a examinar a Chaga do peito: *In latus meum*. No exame da Chaga do peito buscava Thomé hum coração aberto; no exame das Chagas das mãos tinha visto Thomé humas mãos rotas; e duvidar Thomé, depois de ver rotas as mãos, que Christo não teria aberto o peito: duvidar, de que não teria patente o coração para as finezas, que tanto soube romper as mãos para as dadivas, isto he duvida para hum coração tão sensível, que a reputa Christo por lançada do coração: *Ob digitus, ob lancea!*

Naõ errou quem disse, que era o amor como hum relógio; ou porque sempre anda n'uma roda vida, e não descança de noite, nem de dia pára; ou porque, assim como o relógio, se se destempera, dá sem conto, assim o amor se se extrema, dá sem termo. Bem sey, que

se não póde verificar bem isto do amor humano, porque não tem pezo por considerado; mas assentará melhor no Amor Divino, que coimõ he amor advertido, he amor de pezo. *Amor meus*, diz o meo Agostinho, *pondus meum*. Porém se o amor he relógio, quem o ha de mostrar, senão a mão? A mão he, que manifesta o amor: a liberalidade, quem o dà a conhecer: e como são as mãos rotas antecedente infallível do peito aberto, porisso foy culpa grande de Thomé duvidar da Chaga do peito, depois de examinar as Chagas das mãos; porque devia crer a infabilidade das finezas, depois de examinar a liberalidade das dadivas: *Ob digitus, ob lancea!*

Oh Divino Amante! Quê ha de duvidar hoje á vista dessa mão, desse peito: á vista desse mostrador, desse relógio? Porque quando a profundidade dos mysterios vos faça arduo aos tentidos, a liberalidade das dadivas vos facilita os creditos. Triunfe pois do nosso desconhe-

nhecimento o voffo amor, que he jufto se não duvide da fingular fineza de hum peito aberto, quando se não desconhece a liberalidade infinita de humas mãos rotas? *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.*

Triunfa hoje do desconhecimento dos homens o amor de Christo, e mostra Christo naquelle Sacramento o feu amor, desterrando á cuf-ta das fuas dadivas as noffas duvidas. Como o excesso da sua liberalidade acreditaõ os extremos da sua affeicãõ, nem para tais extremos podia haver prova melhor, que taõ grandes excessos. Em carne, e em sangue se nos dá todo hoje o mesmo Christo: *Caro, & sanguis.* E chegãraõ alli os effeitos da liberalidade, até onde poderãõ chegar as forças da Omnipotencia, porque daqui (diz Santo Agostinho) nem a Omnipotencia pôde passar a mais, nem tem mais que dar a liberalidade. Ouvi o Padre: *Cùm sit omnipotens, plus dare non potuit: cùm sit sapientissimus, plus dare nescivit: cùm sit diti-*

ssimus, plus dare non habuit. Até aqui o que Agostinho diz, ouvi agora a Escritura sobre o mesmo Agostinho.

Tibi post hæc, dizia lá Gen. 27 v. 37. Isaac a feu filho Esaú, *post hæc fili mi ultra quid faciam?* Tudo tenho dado a voffo irmão Jacob (diz elle) esta data, ou doaçãõ, que lhe fiz, foy o *Non plus ultra* de tudo; e como lhe dey tudo, quanto tinha, a vós, diz Isaac, vos não posso dar nada: *Post hæc ultra quid faciam?* E que tinha dado Isaac a feu filho Jacob? Elle o diz logo: *Fru mento, & vino stabili vi eum.* Paõ, e vinho: o Paõ figura do Corpo de Christo, e o vinho figura do feu Sangue. E se já não havia mais que dár, e o Sangue de Christo em figura como se poderá dar mais, quando se dá na realidade o Corpo, e Sangue do mesmo Christo: *Caro, & sanguis?*

Nem por outra razaõ aos dous filhos do Zebedeo, a quem se havia offerecido o Caliz do Sacramento: *Calicem quidem meum bibetis,* respondeo o Senhor, que Ihes

D. Aug de Eu-
charist. *cùm sit omnipotens, plus dare non potuit: cùm sit sapientissimus, plus dare nescivit: cùm sit diti-*

Ihes não podia dar mais do que Ihes tinha dado: *Non est meum dare vobis*. Repitamos o successo, e acharemos em hum lugar muito commum huma prova particular. Pedirão estes dous Discipulos a Christo dous assentos na sua gloria, e como nesta petição se mostráráo ambiciosos, não sahiráó bem despachados: *Non est meum dare vobis*. Porém eu não me admiro tanto de não conseguirem os Discipulos, o que intentavaó, como de dizer Christo, que não estava na sua mão dar-Ihes o que pedião: *Non est meum*. Isto que me pedis, diz Christo, não o posso dar eu: he só direito reservado ao poder de meu Pay: *Sed quibus paratum est à Patre meo*. E o Sylveira neste lugar: *Potestatem in se denegat, facultatem tamen ad Patrem refert*. Supposto isto, pergunto agora: Ou Christo podia dar estes lugares, ou não os podia dar: Se os podia dar, parece que falta aqui á sua verdade, pois diz que não póde: *Non est meum*. Se os não podia dar, parece que

encontra o seu poder, pois sendo este igual ao do Pay: *Omnipotens Pater, omnipotens Filius*; como aquillo, que o Pay póde dar, o não póde o Filho conceder? Ora direy.

A estes dous Discipulos, que fizeraó esta petição, tinha Christo prometido o seu Caliz: *Calicem quidem meum bibetis*: Pelo qual entende S. Remigio o Caliz do Divinissimo Sacramento. E como nesta Soberana dadiva se esgotáraó todos os thesouros da sua Omnipotencia, e todas as riquezas da sua gloria, achou Christo, que depois della não tinha mais que dar, porque com ella ficava esgotado todo o seu poder: *Non est meum dare vobis*. Como se mais claramente differe o Senhor: se me pedis dous lugares na minha gloria, ahi vos offereço no Caliz do Sacramento a gloria toda: nelle me dou a mim todo, e vos dou a vós tudo, e assim não tem mais a que aspirar o vosso desejo, nem se póde estender a mais a minha liberalidade: *Non est meum dare vobis*.
Oh

Oh como se parece aqui a figura com o figurado ! Nem Isaac tem mais que dar a seu filho Jacob, nem Christo póde dar mais aos filhos do Zebedeo. Oh Isaac Divino, que não tendo termo os thesouros da vossa Omnipotencia : não tendo fundo as riquezas da vossa gloria, assim fizestes o Sacramento hum *Non plus* de tudo, que nem a Isaac lhe ficou que dar na figura : *Ultra quid faciam*, nem a vós na realidade mais que dar : *Non est meum dare vobis*.

Esta seria a razão tal vez, porque o Senhor, tanto que deo o Sacramento no Cenario, permittio logo, que lhe prendessem as mãos no Horto : como na quella dada soberana se havia esgotado toda a liberalidade de suas mãos Divinas, logo quiz ficar depois della com as mãos prezas, e prezas, ou porque não podia dar mais, ou porque o mesmo não ter que dar, lhe prendia as mãos. Porisso tambem depois da instituição do Sacramento se seguiu logo a morte do Senhor, por-

Tom. IV.

que da mesma sorte, que a Rosa, depois que exhala todo o cheiro, logo murcha ; e o Sol, depois que evapora toda a sua luz, logo declina : Christo, para mostrar que na instituição do Sacramento evaporara toda a luz da sua sabedoria, e exhalara toda a suavidade da sua gloria, quiz que se seguisse logo a sua morte, em que, ou se murchou como a Rosa ; ou se eclypsou como o Sol.

Finalmente he o Sacramento aquella maravilhosa obra, donde o Filho de Deos poz o *Non plus ultra* à sua liberalidade Divina, porque depois della, sendo infinitamente poderoso, não póde dar mais a sua omnipotencia : *Cum sit omnipotens, plus dare non potuit*. Sendo infinitamente Sabio, não soube dar mais a sua Sabedoria : *Cum sit sapientissimus, plus dare nequivit* ; e sendo infinitamente rico, não teve mais que dar a sua riqueza : *Cum sit ditissimus, plus dare non habuit*. Chegou até onde podia chegar, porque chegou até allí, e

C não

naõ mais, que naõ podia ser mais que atè alli: *Non plus ultra*. E se na dadiva do Altissimo Sacramento se considera esgotado atè hum Deos, sendo, como dissemos; o muito que se dà, a melhor prova do muito que se ama; como naõ ha de triunfar de todo o desconhecimento o amor daquelle Deos, quando hoje mostra o grande extremo, com que ama, no grande excessõ, com que dà? *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.*

Hum reparo se offerece, e na sua soluçaõ terà o amor a melhor Coroa. Se pelas dadivas (pergunto assim) se graduãõ os amores, e Christo naquelle Sacramento nos dà naõ só o que he menos, que he a sua carne, e sangue, senaõ tambem o que he mais, que he a sua alma, e divindade; porque causa, quando quer triunfar alli do desconhecimento dos homens, naõ diz, que nos dà a alma, e a divindade, que he o mais, senaõ só a carne, e o sangue, que he o menos? *Caro, & sanguis*. Se o amor, como he certo, se conhece pelas

dadivas, mayor serà o triunfo do amor de Christo, quando naõ só diga, que dà o menos, senaõ quando tambem diga o mais que dà. Mas oh politica generosa da liberalidade de Christo! Oh credito singular da dadiva do Sacramento! Costuma hum animo todo generoso, quando dispensa hum favor, e falla nelle, callar o que he mais, e dizer o que he menos. Se offereceis huma flor com hum diamante, e he preciso fallares nesta dadiva, naõ dizeis que destes hum diamante, mas que destes huma flor: porque vos parece, como na verdade he, que a grandeza do beneficio mais se acredita declarando-se pelo menos, e menos se acredita declarando-se pelo mais.

Duvidou Thomè, e reduzio-o Christo; mas o Senhor para o reduzir lhe mostrou as suas Chagas, e lhe mandou, que naõ só as visse com os olhos: *Vide manus meas*, mas que tambem as tocasse com as mãos: 17. *Mitte manum tuam*. Assim o fez Thomè, vio, e tocou; e foy o mesmo vêr, e tocar

Joan.
20. v.

17.

as Chagas, que logo crer : *Dominus meus, & Deus meus.* Vendo pois o successo Christo, lhe diz assim : *Quia vidisti me Thoma, credidisti.* O' lá Thomè, diz o Senhor, porque me viste, porisso creste. Tende mão, meu Deos, que Thomè não só vio, mas tambem tocou : vio as Chagas com os olhos : *Vide manus*, e tocou as Chagas com as mãos : *Mitte in latus meum.* E pois se Thomè vio, e tocou juntamente, porque lhe não dizéis, que creio porque tocou ; senão que creio porque vio ? *Quia vidisti.* Direy : mandar Christo a Thomè, que visse, e que tocas-se as suas Chagas foy hum favor, e hum beneficio grande, que lhe fez : mas entre o ver, e o tocar ha esta differença ; que o ver as Chagas com os olhos he menos ; e o tocar as Chagas com as mãos he mais, e havendo Christo de lancar-lhe em rosto a grandeza deste beneficio, não o quiz explicar pelo exame dos toques, que era o mais ; mas pelo exame das vistas, que era o

menos : *Quia vidisti me Thoma, credidisti.*

Ora corraõ agora os olhos do beneficio das Chagas para o beneficio da mesa, e veraõ á vista hum mesmo modo de explicar hum, e outro beneficio, Lá houve vistas, e houve toques ; mas não se falla no exame dos toques, que he o mais, senão no exame das vistas, que he o menos. Cá dá-se carne, sangue, alma, e divindade ; mas não se falla no mais, que he a alma, e divindade, senão no menos, que he a carne, e mais o sangue : *Caro mea, & sanguis meus.* Se já não he, e seja esta a ultima razaõ, que não declarou Christo alli a sua Divindade, porque lhe pareceo, que a grandeza de tanto beneficio o dava a conhecer por Deos. Houve-se o Senhor nesta materia, como naquella parabola de S. Lucas, em que se refere aquella Cea grande, e nella a grandeza do mesmo Senhor.

Diz Christo por S. Lucas que hum homem particular fizera huma grande Cea :

Luc.
 14.
 16.
Homo quidam fecit cœnam magnam. Applaudio a Cea de grande, mas não chamou grandioso ao homem, que a fez. E pois se louva a Cea, e lhe chama grande, porque não louva o homem, e lhe chama grandioso? He sem duvida, porque achou, que dizendo-se qual era a grandeza da Cea, se dizia, qual era a grandeza do homem. Este homem he Christo, esta Cea o Sacramento, e he a obra do Sacramento tão grande, que com ella se acredita o seu Author: para se conhecer quem he a Pessoa de Christo, basta que se conheça, qual he a obra do Sacramento: *Homo quidam fecit cœnam magnam.* Não faz naquelle Sacramento o Senhor menção da sua Divindade: como a natureza de Deos he dar, acha, que em hum Sacramento, donde Deos dá tanto aos homens, não he necessario mais prova, para se dar a conhecer que he Deos. E se Deos, como diz o Evangelista São João, não he outra cousa, que o mesmo amor: *Deus charitas est*, que duvida tem,

que se dá a conhecer o amor em hum Sacramento, em que Deos se dá tanto a conhecer. Primeiro triunfo, que hoje alcança do desconhecimento dos homens o amor de Christo; e demonstração primeira, em que para qualificar cabalmente os extremos do seu amor, Christo chega a apurar os thesouros do seu poder: *Plus dare non potuit: plus dare nescivit: plus dare non habuit.* Mas assim triunfa, quem assim ama, e assim ama, quem assim dá: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus.*

II. PONTO.

EStamos na segunda parte do Sermão. Triunfa o Divino amor do desconhecimento dos homens, pelo muito que dá: *Caro, & sanguis.* Triunfa tambem este amor do nosso ciuime pela generalidade, com que dá: *Qui manducat, & bibit.* Em sentença de Santo Thomàs, os bens limitados, diz elle, e não os infinitos, podem só ser capazes de todo

do o ciuime: os limitados fim; porque partindo-se para se lograrem, mostraõ, que não abrangem a todos igualmente. Os infinitos não; porque logrando-se sem se repartirem, podem inteiramente chegar a todos. *Ex defectu bonitatis*, diz o grande Padre, *contigit, quòd quedam parua bona non possunt integrè simul possideri à multis*; e a accrescenta: *Ex amore talium causatur zelus inuidie: non autem propriè ex his, que integrè possunt à multis possideri*. Pòde logo hum ciuime fazer guerra ao amor humano, porque como limitado que he, não pòde abranger a todos os seus extremos: mas não pòde hum ciuime fazer guerra ao amor Divino, porque como he infinito, a todos pòde communicar os seus beneficios. Vê-se no Sacramento: *Sumit unus*, come hum: *Sumunt mille*: comem muitos: *Manducate ex hoc omnes*, comem todos. A todos se dà: *Qui manducat, & bibit*. É tanto se dà a hum, como se dà a muitos, como se dà a todos.

Tom. IV.

Oh amor admiravel! Amor que para todos he, não pòde haver mais amor!

Ao meyo dia comparou a Espòsa dos Cantares a mesa do Sacramento: *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie*. Do Sacramento entendem este lugar os Expositores: *De pastu sanctissimi corporis, & sanguinis Christi*, diz Ghislerio. E pois como assim? Que mysterio tem comparar a Alma Santa a mesa do Sacramento ao meyo dia? *Meridie*. Sem duvida, que assim como à hora do meyo dia tem sobido o Sol ao mais alto ponto do seu Zenith, em fòrma, que nem tem mais a que sobir, nem pòde sobir a mais, assim no Sacramento, diz esta Alma, o amor de Christo se vio no grão mais sobido, que podia ser; porque he Sol, e Sol no ponto do meyo dia: *Meridie*. Boa razão, mas temos outra em outra propriedade do Sol.

Não comparou a Alma Santa a mesa do Sacramento ao Sol na manhã, quando nasce, nem ao Sol na tarde,

C 3 quan-

D. Th.
12. q.
38. tra-
st. 4. ad
2.

Cant. I
v. 6.

Gb. sl. c
I. d. xv.
7. in
apex. ex
ant Pa-
trib.

quando se poem; mas ao Sol à hora do meyo dia: *Meridie*. E a razão he; porque o Sol na manhã, quando nasce, dà nos montes, e ainda não dà nos valles: o Sol na tarde, quando se poem, e já não dà nos valles, quando ainda dà nos montes: porém ao meyo dia valles, e montes todos tem Sol, porque he o Sol à hora do meyo dia, assim para os montes, como para os valles. Pois para que se sabia (diz a Alma Santa) que o Sacramento he de todos igualmente, e para todos, não se compare ao Sol na manhã, quando nasce, nem ao Sol na tarde, quando se poem, mas ao Sol à hora do meyo dia, quando para todos he: *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie*.

Sol em o meyo dia he Christo no Sacramento: nem podia deixar de ter seu meyo dia hum Sol, que teve seu Oriente: *Orietur Sol*, e hum Sol, que teve seu Occaso: *Sol cognovit Occasum suum*. E se ao meyo dia se communicão a montes, e a valles os rayos do Sol, como não

ha de ser para todos hum Sacramento, em que fez o melhor Sol o seu meyo dia: *Meridie*? Seja pois (oh amante Divino) seja, que contra o amor se arme o ciu-me, mas hoje nem o mayor ciu-me poderá fazer guerra ao mayor amor. A todos igualmente se dà no Sacramento Christo; e assim converte alli o ciu-me em conformidade, que todos na posse deste bem, ou ficão fatisfeitos sem enveja, ou conformes de todo sem ciu-me.

Filii tui sicut novelle olivarum in circuitu mensæ tue. Senhor, diz David fallando da mesa do Sacramento, todos os Christãos filhos vossos, diz elle, estaõ como plantas de oliveira ao redor dessa mesa Divina: *Sicut novelle olivarum in circuitu mensæ tue*. Dous reparos tenho neste lugar: o primeiro he chamar David aos filhos da Igreja plantas de oliveira: *Novelle olivarum*; e o segundo he dizer, que estas plantas, ou estes filhos, assistem em circulo à mesa do Sacramento:

In

In circuitu mensæ tuæ. Na intelligencia do segundo reparo acharemos a soluçãõ para o primeiro. Vamos assim: diz David, que os Christãos estãõ postos em circulo á mesa do Sacramento: isto he, que Christo está feito centro de todos nós, e que todos nós rodeamos como circulo este centro: *In circuitu mensæ tuæ.* E que mysterio tem (perguntõ agora) esta ordem, esta disposiçãõ, e esta postura, com que os Christãos assistem áquella Divina mesa? Direy, e para o dizer, naõ menos peço attençaõ aos olhos, que aos ouvidos; porque casos ha, em que melhor se explicaõ as mãos do que a lingua.

Quiz Christo mostrar, que vencia neste Sacramento o nosso ciume, dando-se nelle a todos com toda a igualdade; e para isto que fez? Fez-se a si centro de seus filhos, e a seus filhos circumferencia deste centro. Notay agora: ensinaõ os Geometras, que sãõ perfeitamente iguais todas as linhas, que correm do centro á circumferencia (como

bem póde experimentar a nossa especulaçãõ se quizer) tomay na mão hum compasso, e com hum pé delle formay hum ponto, que sirva de centro; e com o outro pé rodeay huma esfera circular, ou formay hum circulo em redondo, e por fim disto lançay desde o centro ao circulo muitas linhas, por todas as partes, e achareis que todas estãõ iguais, todas medidas, e todas compassadas; e sem fer huma mayor que outra, se igualaõ de tal sorte entre si, que todas igualmente se medem, se ajustaõ, e se compassaõ. Pois, diz David, para que se saiba, que naquelle Sacramento se dá Christo com toda a igualdade a todos, veja-se, que he Christo alli o centro, de quem todos os Christãos sãõ o circulo: e da mesma sorte (he a conclusãõ) que sãõ iguais as linhas, que vaõ do circulo ao centro, assim tambem he igual a dadiva, que allí recebem todos os Christãos. Todas as linhas do centro tem huma mesma medida, e para todos tem aquella da-

diva a mesma igualdade : como o mesmo compasso com que a infinita grandeza de Deos mede o que dá a hum , com esse mesmo mede o que dá a outro ; porque ainda que a dadiva por ser infinita não tem medida , pela igualdade com que se dá , parece , que vá compassada : e para que constasse ao mundo esta igual repartição do Senhor , por isso se poz alli como centro de seus filhos , e a seus filhos como circumferencia deste centro : *Filii tui in circuitu mensæ tuæ.*

Vista a solução deste segundo reparo , entre agora a do primeiro. Plantas de oliveira (diz David) são aquella mesa os filhos do Senhor : *Filii tui sicut novelle olivarum.* Que sejaõ plantas os homens , isso sabemos já ; mas à mesa do Sacramento plantas de oliveira ? Sim. A oliveira (sabem todos) he o jeroglifico da paz. E como na igualdade , com que Christo se dá no Sacramento , triunfa o seu amor do nosso ciúme , assim fica alli o ciúme vencido , que tudo , o que nos homens se vê , he

a paz da oliveira : *Sicut novelle olivarum.* Não deixa alli o Senhor lugar à inveja , para que fomente a emulação : antes convertendo o ciúme em conformidade , todos ficaõ alli satisfeitos , todos focogados , e todos pacíficos : he dadiva infinita ; e como he para todos tão igual , toda a que podia ser discordia , he uniaõ , e todo o que podera ser ciúme , he paz. Por isso se chamaõ plantas de oliveira , os que cercaõ aquella mesa Divina : *Filii tui sicut novelle olivarum in circuitu mensæ tuæ.*

Mas oh prodigio : oh admiração ! Que Christo para vencer o nosso ciúme se dê no Sacramento a todos , amor será ; mas que dando-se alli a todos , se dê igualmente a dignos , e a indignos ? Mayor amor. Notaveis são os epitectos , que no Sacramento se dão a Christo ! Os Padres , e Doutores sagrados lhe chamaõ Sol. *Solin Eucharistia Christus est.* E figurado o Sacramento no Manà , o mesmo Deos lhe chamou chuva : *Ecce ego pluam vobis*

panes de Cælo. E pois como assim? Chuva, e juntamente Sol, como pôde ser? A chuva molha, o Sol aquece: a chuva he agua, e o Sol fogo. E pois he o Sacramento fogo, e juntamente agua? he o Sacramento Sol, e juntamente chuva? Sim: do Sol, e mais da chuva, sabemos, que sem escolher a dignos, nem reprovar a indignos, se dão, e communicão igualmente a todos. Nasce o Sol, e tanto nasce para os mãos, como para os bons: *Oriri facit super bonos, & malos.* Cahe a chuva, e tanto cahe nos justos, como nos injustos: *Pluit super justos, & injustos.* E para Christo mostrar, que na sua geral distribuição se acredita o feu amor, não basta dizer só, que se dá a todos: *Sic totum omnibus;* mas especificar, que tanto se dá aos mãos, como aos bons: declarar, que tanto se dá aos justos, como aos injustos. Porisso na realidade Sol: *In Eucharistia Sol.* E porisso com especialidade chuva: *Pluam vobis panes.*

Matth
5.v.
48.

Ainda este ouro tem mais que apurar: tornemolo ao fogo, e apuremolo mais. Da-se Christo no Sacramento, e nelle se dá a bons, e a mãos: a justos, e a injustos. Pergunto agora: e em qual destas duas cousas se requinta mais o amor de Christo: em se dar aos que dignamente o recebem, ou aos que o commungão indignamente? Oh amor admiravel! Requinta-se o ouro nas chammas, e apura-se nas offensas o amor. Dar-me eu a quem me ama, será correspondencia de affectos: mas dar-me, a quem me offende, he paga de ingrati-doens: e para hum amor, que presume de fino, a fineza mayor não he render-se todo, a quem mais lhe merece, he sim render-se mais, a quem lhe merece menos.

Vulnerasti cor meum, diz Cant. 4 v. 9. á Esposa querida o Esposo amante, *in uno oculorum tuorum.* Por hum dos vossos olhos (quer dizer) vos dey, Esposa minha, o meu coração já: *In uno oculorum.* Mas sabey (acrescenta mais) que a porme os olhos ambos
(per-

(perdoay o defamor) vos digo que afasteis, e que tireis de mim esses olhos: *Averte oculos tuos à me.* Notavel variedade! Quando a Espo-
sa namora ao seu Esposo com os olhos ambos, não se dá por obrigado: *Averte;* e quando o namora com hum só dos olhos, então se mostra rendido? *Vulnerasti.* Ha de obrigar-se mais de hum só dos olhos, que dos olhos ambos? Mas he pelo que ja disse, e direy ainda; namorar a Esposa ao seu Esposo com os olhos ambos, era merecerlhe mais: namorallo porém com hum só dos olhos, era merecerlhe menos: e a fineza do amor mayor não está em render-se todo, a quem mais lhe merece: *Oculos tuos,* mas sim em render-se mais, a quem lhe merece menos: *In uno oculorum tuorum.*

Oh Divino amante! Fineza de amor será darvos nesse Sacramento aos que são dignos, mas haver indignos, e darlhes o Sacramento, mayor fineza. Sim. Dignos se fazem do Sacramento aquelles, que com amor o buscão,

e não menos se fazem indignos aquelles, que com defamor lhe fogem. Mas oh amor raro! Se amar, a quem me busca, he amor grande, buscar, a quem me foge, he o ultimo do amor.

A petição ultima, que lá fez a alma Santa a seu Esposo, foy pedirlhe, que se ausentasse, e que fugisse: *Fuge dilecte mi.* Extremada petição! He possível Espo-
sa Santa, que quando por ultima conclusão do vossó amor lhe havieis de pedir que vos não deixe, então lhe pedis, que vos fuja? *Iuge.* Sim diz ella, e sabeis porque? Porque não quero que falte ao meu amor a fineza de o buscar, depois de o ver fugir. Que eu o ame, quando me busca, he amar com razão; mas que eu o siga, quando me foge, he amar com fineza. E o amor para ser fino, não ha de parar em arrezoado, porque a sua mayor fineza ha de ser amar nas sem-razões. E para que esta fineza não me falte, diz a Esposa, quero ultimamente que me fuja: *Fuge dilecte mi.*

A quem vos foge seguis, Divino amor! A quem vos offende vos dais, amante Divino! E se para vós não ha finezas, que vos offendaõ, parece, que ha esquivanças, que vos obrigaõ. Em fim, he esse amor amor vossio, e para se levantar ahi com os creditos de singular, por isso no Sacramento se quiz fazer taõ commum: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem.*

III. P O N T O.

ULtimamête pelo muito, que o amor dá, triunfa do nosso desconhecimento. Pela generalidade, com que dá, triunfa do nosso ciume. E por fim triunfa tambem do odio pelo fim para que se dá: *In me manet, & ego in illo.* Todo o empenho do odio, sabemos, que he apartar, e o unir he aqui todo o empenho do amor: *Sanè cum comedimus, diz S. Paschasio, unum cum illo efficimur.* O amor he certo, que une; o odio, tambem he certo, que aparta. Mas que? Assim tri-

unfa alli o amor do odio, que quanto mais o odio se empenha apartar, entaõ o Divino amor se mostra mais empenhado em unir. Grande pezo faz S. Paulo em Christo consagrar o paõ na mesma noite, em que foy prezado: *In qua nocte tradebatur, accepit panem.* Na mesma noite, em que mais se cerráraõ as trevas, accendeo o amor de Christo nas especies de paõ as chammãs; e diz a glosa moral, que esta noite teve grande congruencia com o Sacramento: *Nox congruit Sacramento.* Teve esta noite grande congruencia com o Sacramento, porque nesta noite se acrecentáraõ os grãos da unidade. Pezay bem as palavras: *In qua nocte tradebatur, accepit panem.* Na mesma noite, em que o entregáraõ aos inimigos: *Tradebatur* o receberaõ os Catholicos: *Accipite, & comedite.* E pois para que se quer commungado na noite de prezoneiro? Direy: porque venceo na communhaõ o amor, o que o odio executou na prisaõ. Sim. Foy a prizaõ hum roubo, que

que dividio a Christo dos seus queridos, e a communhaõ foy logro, que intimou a Christo com seus amados: e o amor de Christo foy taõ illustrado na noite da Cea, teve este mortal estrella com esta noite, que penetrou o tempo do roubo no Horto com o tempo da unidade no Cenaculo; para que se visse, que quanto mais se empenhava o odio em apartar a Christo dos homens, entaõ se empenhava mais o amor em unir os homens com Christo: *In qua nocte tradebatur. Accipite, & comedite.*

Oh odio, e como ficas vencido! Oh amor, e como ficas vitorioso! Aparte muito embora o odio a Christo dos homens, mas o amor Eucharistico os une em si tanto, ou entre si, que havendo Christo de apartar-se, ou a si dos homens, ou a si de si mesmo, mais facil parece serã apartar-se de si mesmo, do que apartar-se dos homens. A lançadas do odio humano se ferio na Cruz o peito de Christo, que tanto antes esteve passa-

do já, e trespassado com as fectas do Divino Amor. Me-teo o odio a lança, e logo com sangue, e agua respondeo o peito. Porém he de notar, diz S. Joaõ, que não sahio primeiro a agua que o sangue, antes sim primeiro o sangue, e depois a agua: *Sanguis, & aqua.* Não parece, que havia de ser assim. A agua, além de ser humor mais liquido, he menos natural ao peito, que o sangue. E pois porque não sahe a agua primeiro, e o sangue depois? Direy, ou vede vós o que era o sangue, e o que era a agoa. O sangue, como era figura do Sacramento da Eucharistia, era o mesmo Christo Sacramentado, diz Ludolfo: *Im-* Ludol. de Sax. c. 64. de Pass. Dom. *mo est ipse sanguis, quem quotidie sumimus.* Na agoa, conforme aquelle Texto do Apocalypse, se simbolizavaõ os homens: *Aque sunt populi.* E era tal a uniaõ, que havia entre os homens, e Christo por meyo do sangue, que era o Sacramento, que havendo de apartar-se Christo, ou dos homens figurados na agoa, ou de si mef-

mesmo figurado no sangue, primeiro se apartou de si mesmo, e depois dos homens: primeiro de si mesmo, lançando sangue: *Exiit sanguis*, e depois dos homens, lançando agoa: *Exiit aqua*. Empenhe-se pois o odio em apartar, mas veja-se, que para unir he mais eficaz o amor: *In me manet, & ego in illo*.

Em fim, a pezar do que o odio aparta, o amor une. Mas que pouco he dizer-se que une, se na verdade elle he amor? Ouço, que o amor de extremos he amor grande: mas a ser grande, direy eu, que ha de ser amor, e não ter extremos. A razão he: Extremos só os ha, donde se contaõ dous, e se na Arithmetica do amor não ha dous: se no amor só unidade ha, o mesmo será ter extremos, que não ser amor. Pouco he logo o fallarmos hoje em uniaõ, donde o mais congruente he dizer unidade. A uniaõ suppoem partes distintas, a unidade diz identificação de partes: e o timbre do amor mayor não está só no que

une, mas no que transforma; não só no que enlaça, mas no que identifica; está em que duas pessoas distintas fiquem por identidade de amor huma só pessoa.

Quer mitigar Jonathas a indignação de Saul invejoso contra David innocente, e enfurecido Saul contra Jonathas, porque fazia as partes de David, quiz arrojalle ao peito huma lança: *Et arripuit lanceam, ut percuteret eum*. Vê esta temeridade Jonathas, por consequencia infere logo, que seu pay queria matar a David: *Intellexit ergo Jonathas, quòd definitum esset à patre suo, ut interficeret David*. Notavel consequencia! E pois porque Saul quer atirar a Jonathas, infere Jonathas que quer matar a David? Sim; porque aquelle amor, que lhes tinha unido as almas, lhes tinha identificado as vidas. Tinha chegado o amor entre Jonathas, e David a tal excessão, que estava a alma de David em Jonathas, e a alma de Jonathas em David: *Conglutinata est anima Jonathae anima*

1. Reg.
20. v.
33.

1b. 18.

v. 1.

anime David. E como aquellas duas almas andavaõ em hum corpo, a mesma lança, que ameaçava a vida de hum, ameaçava a vida do outro: como por amor viviaõ com huma mesma vida, perigavaõ com huma mesma lança: *Intellexit, quòd definitum esset à parte, ut interficeret David.*

Mas ceda ao amor Divino nesta identidade o amor humano. Notay, que no Sacramento se vê com Divino primor. Vê Christo, que hum de seus Discipulos, a quem se tinha dado de amor em graça, o havia de vender por muy limitada quantia, e querendo distinguillo na cea entre os mais, o final que deo foy este: *Qui intingit mecum manum in paropside, hic me tradet.* Aquelle que mete comigo a mão no prato, diz Christo, he o traidor: *Hic me tradet, &c.* Pergunto: se a mão no prato todos a metiaõ com Christo, como diz Christo, que o traidor he o que mete com elle a mão no prato? *Mecum manum in par pside.* A ser o mesmo

prato, que final he este para os Discipulos se distinguirem de Judas, e Judas dos mais Discipulos? Mas sim; porque os mais Discipulos neste caso não eraõ já pessoas distinctas do mesmo Christo. Taõ identificados com Christo pelo Sacramento, que não havia ao parecer differença, nem de Christo a elles, nem de elles a Christo: Judas só ficava distinguido aqui dos mais, porisso só elle por este final conhecido: *Qui intingit mecum manum in paropside, &c.*

Mas dirmeheis, e eu o confesso, que Judas tambem com os mais Discipulos commungou. Assim he. Mas eu digo que se commungou com elles, não commungou como elles; commungou com elles, porque todos comerãõ á mesa: *Manducate ex hoc omnes:* não commungou como elles, porque elles commungáraõ em graça, e Judas em culpa: e para effeito de se unir com Christo, ou não se unir, unefe quem communga em graça, que saõ os mais Discipu-

cipulos; mas não quem o communga em culpa, que he só Judas. Por isso Judas ficou entre os mais cousa distincta: *Qui intingit*; e os mais ficáraõ com Christo huma mesma cousa: *In me manet, & ego in illo.*

Aqui agora, (e seja este o fruto do meu Sermaõ, que eu me contentarey, com que seja este.) Aqui verá o Catholico, o como chega, e recebe a Christo naquella mesa. Meus Catholicos, buscar a Deos em mão estado, e querer unirse com Deos, isso não he buscallo, para se unir a elle, he buscallo para se apartar, e fogir delie. A muitos, que buscaõ a Deos no Sacramento, lhes succede o mesmo que a Herodes, quando em Belêm buscou nascido ao mesmo Deos. Houve este sacrilego Monarca de buscar em Belêm a Deos nascido, e disse o Anjo a S. Jozé que com elle fugisse; porque Herodes o havia de buscar para o per-

Matth
2.v.13 *der: Futurum est, ut He-*
rodes querat puerum ad
perdendum eum. Desgraça-
da diligencia, e muito mais

desgraçado Herodes! Aquillo, que se busca, não he para se perder, he sim para se achar: pois como não diz o Anjo, que Herodes busca a Deos para o achar, senão que busca a Deos para o perder: *Ad perdendum eum.*

Mas sabem porque? Porque o busca hum homem taõ perdido como Herodes, e este, e outros perdidos, como este, se algum dia buscaõ a Deos, não he para o acharem, he para o perderem: como o buscaõ pelo caminho da perdição, vão errados, e ficaõ perdidos, porque se perdem a si, e perdem a Deos: *Ad perdendum eum.* Oh quantos Herodes ha no mundo, que buscaõ a Deos, para perderem a Deos! Buscar a Deos hum sacrilego, sem fazer huma verdadeira confissão de seus peccados: buscar a Deos hum ambicioso, sem moderar a ancia, com que só aspira ás dignidades: buscar a Deos hum avaro, sem extinguir a sede, com que só procura as riquezas: buscar a Deos hum

laf-

lascivo, sem refrear o appetite, com que só ama as formosuras: buscar a Deos hum malevolo, sem emendar em tantos annos a sua má vida: buscar a Deos hum impenitente, sem chorar por suas culpas huma só lagrima: buscar a Deos hum obstinado, destes que vivem com tanta impiedade, como se não houvera Deos no mundo, com tanta confiança, como se na outra vida não houvera inferno, e com tanta cegueira, como se houvera de durar, e não acabar nunca esta miseravel vida: isto he buscar a Deos para o achar, ou para o perder? He buscallo como Herodes, que porque buscou a Deos perdido, perdeu a Deos: *Ad perdendum eum.*

Oh busquemos, Christãos, busquemos a Deos, como Deos quer, que o busquemos: pela oração, pela penitencia, pelo jejum; pela disciplina, e pelo cilicio, que o mais he ser como Herodes: he buscar a Deos para não achar a Deos, he buscar a Deos para se não unir com Deos: he buscar a De-

os para perder a Deos: *Ad perdendum eum.*

Naõ permittais vós, que seja assim, meu amoroso Senhor; fazey sim, que o nosso amor vos busque, e que em buscarvos, saiba mostrar que he amor; que he amor, buscando-vos só, para vos unir comfigo: *In me manet*; e que he amor, buscando-vos só, para se unir com vosco: *Et ego in illo.* E se até aqui, Senhor, os nossos coraçoes vos fazião guerra, vancey, e ao imperio do vosso amor subjugay vencidos todos os nossos coraçoes: os coraçoes amantes, os coraçoes inimigos, e os coraçoes indifferentes, que não são inimigos, nem amantes: nestes o vosso amor converta o desconhecimento em gratificação pelo muito, que nos dá: *Caro, & sanguis*; naquelles o cume se torne em conformidade pela generalidade, com que se dá: *Qui manducat, & bibit*; e nos mais se transforme o odio em amor pelo fim, para que se dá: *In me manet, & ego in illo.*

E supposto (oh Divino aman-

amante) supposto que ahief-
tais taõ pontual com-nosco,
que naõ faltais nenhum só
ponto; em hum atomo naõ
faltais, sendo nesse breve
circulo o vosso amor de ma-
yor esfera: fazey, que seja
o branco desses accidentes
alvo dos nosos affectos, ve-
nerando sempre nesse centro
de maravilhas esse epilogo
de finezas: nesse Jardim a
melhor flor, nesse thesouro
a melhor joya, nessa con-
cha a melhor perola; e

quando disto nos queira di-
vertir o amor do mundo,
abrinos Senhor os olhos, pa-
ra que vejamos, que este
mundano amor, se tudo ce-
ga com suas azas, se tudo
facilita com suas settas, só
vossas queremos as settas, e
mais as azas: as settas para
nos roubar os coraçoens com
a vossa graça, e as azas pa-
ra sobirmos a gozar a vossa
gloria: *Quam mihi, & vo-
bis. &c.*

S E R M A Õ
 DO G L O R I O S O
 S. B R A Z.
 BISPO, E MARTYR,
 P R E G A D O

Na Igreja do mesmo Santo na Cidade de Evora.

Siquis vult post me venire, abneget semetipsum, & tollat crucem suam, & sequatur me. Matth. 16.

SE o amor se castiga como delitto, porque lhe poem huma cruz ás costas, e o crucificaõ: *Siquis vult, tollat crucem*, desgraça parece logo o amar. Se o viver amante he o mesmo que viver crucificado, quem vos hade amar, meu Deos? e o mais he, que só para o amor nasceo a cruz. Aquelles dous Serafins, que vio Isaias, diz hum Expositor, que com as seis azas formavaõ tres cruces: *Dispositio alarum*

ex trina cruce constabat. E pois porque se haõ de pôr em tres cruces os Serafins? Só os Serafins, e não os outros espiritos haõ de estar crucificados? Sim; porque só os Serafins saõ symbolo do amor: *Plenitudo amoris.* E quem se havia de ver em cruz, senaõ o amor? Quais haviaõ de ser os crucificados, senaõ os amantes? Não em huma cruz só, senaõ em tres cruces: *Trina cruce.* Se a cruz he a medida do amor, diz S. Agostinho

nho meu Padre: *Dolor est, sicut amor*, quem mais ama, mais padece, e porisso só se crucifica quem ama: *Siquis vult, tollat crucem.*

Quem me amar para me seguir, diz Christo, ha de fazer tres cruces: ha de negar-se a si: *Abneget semetipsum*: ha de pôr huma cruz aos hombros: *Tollat crucem suam*; e ha de seguir meus passos: *Et sequatur me.* São tres cruces, em que poem, e crucifica hoje, a luz de Armenia, a gloria de Sebaste, o exemplar dos Bispos, o mayor dos Martyres, o mais illustre dos Santos, o glorioso São Braz: Santo tão admiravel, que venerando-o o mundo por Santo do estreito, he estreito o mundo todo para tão grande Santo. São, digo, tres cruces, em que Deos hoje crucifica a São Braz, que para fazer a São Braz hum Serafim do Ceo, em tres cruces o havia de pôr na terra: *Trina cruce.*

Mas na verdade que parece muito, o que Christo pede a São Braz. Para os Apostolos irem ao Ceo, bastou

que deixassem o pouco, que tinhaõ: *Reliquimus omnia*, e que seguissem a Christo: *Secuti sumus te.* Deixar, e seguir foy, o que os Apostolos allegarãõ, mas sem fazerem menção do mais, que se manda a São Braz: quero dizer: sem fallarem, nem em negar-se a si: *Abneget semetipsum*, nem em tomar huma cruz: *Tollat crucem suam*, os premiou o Divino Senhor: *Sedebitis & vos.* E pois, valhame Deos! Ha de custar a São Braz o ir ao Ceo mais do que custou aos sagrados Apostolos? Sim; que como o amor está no padecer, e mais padece, quem mais ama: menos parece esperava Christo do amor dos Apostolos, e mais parece que esperava do amor de S. Braz. Oh grande Santo! Em quem o esforçado do mayor amor puzeraõ a baliza, não em se abraçar com huma cruz só, mas com tres cruces.

Tres, se advertires, são as cruces, com que hoje se vê na terra este Serafim do Ceo. Vejo a São Braz com huma cruz no peito, vejo a

S. Braz com huma cruz nos hombros , vejo a S. Braz com huma Cruz nas mãos. Com huma Cruz no peito , como insignia da dignidade de Bispo ; com huma Cruz nos hombros , como estandarte da paciencia de Martyr ; e com huma Cruz nas mãos , como instrumento da gloria de milagroso : tinha benção de fazer milagres , e os fazia com a Cruz da benção. Maravilhosas Cruzes ! Nem o Evangelho as podia melhor pintar para o Santo , nem o Santo , ajustar-se melhor com as do Evangelho. Na Cruz , que S. Braz tinha no peito , crucificava sendo Bispo a propria vontade : *Abneget semetipsum*. Na Cruz , que S. Braz tomou aos hombros , crucificava como Martyr a propria vida : *Tollat crucem suam*. E na Cruz de milagroso , que com a mão formava a benção , crucificava as enfermidades de todos , a quem farava , e assim nesta , como nas mais Cruzes , se vio ser hum retrato de Christo , e imitador das suas accoens : *Et sequatur*

me. Temos pois (e ferá o Sermão em tres assumptos) a S. Braz, qual Serafim posto em tres Cruzes ; na primeira veremos a S. Braz o mais prodigioso Bispo. Na segunda veremos a S. Braz o mais generoso Martyr. Na terceira veremos a S. Braz o mais milagroso Santo. Ora de fundamento o Thema , e vejamos na Cruz peitoral de Bispo crucificada a propria vontade de S. Braz : *Abneget semetipsum*.

I. P O N T O.

PRimeiramête : diz Christo no Evangelho , que quem houver de o seguir a elle , primeiro se ha de negar a si : *Abneget semetipsum*. Preceito he este , que á primeira vista traz consigo huma fatal consequencia , negar-se para seguir a Christo ? Não sey se diga , que quem seguindo a Christo tiver animo para se negar a si , o terá tambem para negar ao mesmo Christo. Vay Pedro seguindo ao Senhor até a casa de Caifaz , pergunta-lhe nella se he Discipulo seu , e nega

Luce. e nega Pedro dizendo : *O' homo , non sum.* Santo Ambrosio he de parecer, que Pedro nesta negação não negára a Christo , mas que se negára a si : *Mahit*, diz o Santo, *videlicet se negare, quàm Christum.* E mais adiante : *Utique se negavit.*

Ref. Syl voir. Vedes já negando-se Pedro a si , quando vay seguindo a Christo ? Ora esperay-lhe pela consequencia. Fazem logo a Pedro outra pergunta, e que succede ? Negar a Christo , e negar jurando , e tresjurando o mesmo que negava : *Capit detestari , & jurare, quia non novisset hominem.* E pois que he isto ? assim nega a Christo hum taõ grande amante como Pedro ? Assim nega a Christo huma pedra , e rocha firme , e taõ firme como Pedro he ? Mas que hade ser , diz Santo Ambrosio , não vedes que se negou Pedro a si seguindo a Christo ? *Utique se negavit.* Pois que menos se podia esperar de quem , seguindo a Christo , se negou a si , senão que tendo animo para se negar a si , o teria para negar a Christo ?

Tom. IV.

Quem não tem lealdade cõfigo, que se nega a si : *Homo non sum*, nem com o mesmo Christo terá lealdade : *Furavit ; quia non novisset hominem.*

Logo, se no mayor Apóstolo, e mais amante Discipulo se vio esta desgraça : se se negou a si , como se manda no Evangelho a S. Braz, que se negue a si para seguir a Christo ? *Abneget semetipsum , & sequatur me.* Confia por ventura Christo mais de S. Braz do que podia cõfiar de S. Pedro ? Assim parece, e dou a razão : quando Pedro seguio a Christo , era já velho : deo a Christo o refugio da vida , que he a velhice ; mas S. Braz, quando seguio a Christo , foy de menino : assim consta da sua historia. S. Pedro era mais velho na idade que no amor, S. Braz era taõ velho no amor, como na idade, e por mais antigo no amor, estava no amor mais seguro. Na antiguidade do querer consiste a firmeza do amor.

Quer o Evangelista Saõ Joaõ acreditar o amor de Christo na morte : *In finem*

D 3 dile-

dilexit; e o credito, que lhe buscou, que cuidais que foy? Foy a antiguidade, diz S. João, *Cum dilexisset*. Na antiguidade se buscou o credito á fineza; porque para a firmeza do amor não ha mayor credito que a antiguidade no querer: *Cum dilexisset, dilexit*. Eis-ahi porque fia mais Christo do amor de S. Braz; e ainda que por seguir a Christo se negue a si: *Abneget semetipsum*, não hade ser como Pedro, que por se negar a si: *Uti que se negavit*, negou a Christo. *Non novi hominem*. Não ha de S. Braz negar a Deos, ainda que se negue a si. Por isso Christo póde com segurança mandar-lhe, que se o quizer seguir, se hade negar: *Siquis vult, abneget semetipsum*.

Mas demos sentido Evangelico ao *Abneget semetipsum*. Diz Christo a S. Braz: hade negarte Braz a ti: e para que Senhor? Por amor de mim. Ahi ha negar de negar: ha negar-se a si por amor de si, ha negar-se a si por amor de Christo. Aqui esteve a desgraça de Pedro:

negar-se a si por amor de si. Se confesso, diz Pedro, matao-me; se não confesso, fico com vida. Pois vida a toda a ley, diz Pedro, negar tudo: negouse a si por amor de si, oh que desgraça! Não he este o *Abneget semetipsum* do Evangelho. O amor da vida do corpo lhe fez perder a Pedro a vida da alma. Ao contrario havia de ser; e ajuntemos aqui o *Abneget semetipsum* ao *tollat crucem*, e veremos o bom sentido na explicação do Maldonado.

Falla Christo da vida da alma, e da vida do corpo, e diz: *Abneget semetipsum. Non animam, sed vitam corporis, ut anima vivat*. Se queres vida para a tua alma, diz Christo, não hade amar a vida do corpo: *Abneget*, hade crucificar o corpo na vida; que fogir com o corpo á Cruz, he querer mal á tua alma. He o que Santo Agostinho diz: *Si amas, perdes*. Se amas o corpo, perdes a alma, que o mayor inimigo da alma foy sempre o corpo. Ora pois, diz o Senhor, crucificar o corpo, por-

por-lhe huma Cruz ás costas: *Tollat crucem*; que as fraquezas do corpo são as valentias da alma: não se falva a alma, sem crucificar o corpo.

Tollite jugum meum super vos, diz o mesmo Christo. Tomay sobre vós a minha Cruz; e acrescenta logo. *Et invenietis requiem animabus vestris*, achareis descanso para as vossas almas: não parece razaõ, que hum tenha a Cruz, e outro tenha o descanso. Se o corpo hade ter o trabalho, porque tambem o corpo não ha de ter o descanso? O descanso he para a alma, e a Cruz he para o corpo? Mas illõ he, diz Christo: o corpo no padecer grangea para a alma o descansar: *Et invenietis requiem animabus vestris*. Hade desprezar a vida do corpo: negarte a seus appetites: *Abneget semetipsum*. Crucificallo, pollo em huma Cruz: *Tollat crucem*, para que affim cobre alentos a alma, e figa melhor a Deos: *Et sequatur me*.

Oh Braz admiravel! Oh

Santo prodigioso! Quem mais se crucificou na vida que vós, e não em huma Cruz só, mas em tres cruzes? Todas diremos, e se a de Bispos he a primeira, comecemos pela Cruz de Bispo: *Abneget semetipsum*. Ha de negarte a si, diz o Senhor. Negarte a si, não he outra cousa, que mortificar o gofio, crucificar a vontade, e sacrificar a razaõ: *Abneget semetipsum*, diz hum Expõitor dos Evãgelhos, *sua desideria, suam voluntatem, quamque humanam rationem*. Eis-ahi o que Saõ Braz fez na dignidade, a que o promoveraõ de Bispo. Mortificado, e taõ mortificado sobio S. Braz aquella dignidade, que, como diz S. Vicente Ferreira, as lagrimas respondiaõ nelle ás intancias, e as contradicçoens ás profias: *Ipsõ autem contradicente, fuit electus, & flens assumpsit*. Mas oh servo o mais obediente do Evangelho! Ao mesmo tempo que S. Braz recufava a dignidade de Bispo, parece que ouviõ dizer ao Senhor: *Abneget semetipsum*,

sum, & tollat crucem. Braz, convêm terem digno Pastor as minhas ovelhas, tomar por meu amor essa Cruz: *Tollat crucem*, e negate agora a ti por amor de mim: *Abneget semetipsum.* Assim o fez S. Braz, sacrificou a razão, mortificou o gosto, crucificou a vontade, e por não faltar a Deos por amor de si, o que fez, foy crucificar-se a si por amor de Deos. Vedes a S. Braz, ora vede se fez niſto, o que Christo fez.

Na cadeira da Cruz se ostentou Christo Prelado universal do mundo: *Dominus regnavit à ligno.* Foy esta dignidade verdadeiramente Episcopal, porque o Senhor dando pelas suas ovelhas a vida fez officio de Pastor, e de bom Pastor: *Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis.* Mas que fez, ou como se houve o Pastor Divino na promoçãõ de taõ alta dignidade? Parece-me que da mesma sorte, que tambem se houve S. Braz. *Pater*, dizia Christo antes de sobir á Cruz, *transeat à me Calix iste.* Pay meu, a

vontade (posto que inferior) repugna: o Caliz he amargoso, a Cruz pezada, fazey Senhor, que se transfira esta Cruz, e que passe de mim este Caliz: *Transeat à me.*

Tá meu Deos, e o remedio das almas, e o amparo das ovelhas, e a vontade do Pay? Por quem se hade dizer agora aquelle: *Abneget semetipsum, & tollat crucem?* Por mim, diz o Senhor: *Pater, non mea, sed tua voluntas fiat.* Pay meu, verdade he que a vontade repugna; mas se convêm tomar eu esta Cruz, se as ovelhas haõ de ter Pastor, e o Pastor se ha de crucificar pelas ovelhas, aqui Senhor cruzo as mãos, crucifico a vontade, e não vos faltando a vós por amor de mim, o que faço, he crucificarme a mim por amor de vós: *Non mea, sed tua voluntas fiat.* Eis-ahi tambem a S. Braz: amargoso Caliz, dizia o Santo: Senhor, compadecei-vos destas lagrimas, e passe de mim este Caliz: *Transeat à me*; mas como imitador verdadeiro de Christo fez

fez o mesmo, que Christo fez: cruzou as mãos, crucificou a vontade, e assim como Christo por amor do Pay se negou a si, Braz se negou a si por amor de Christo: *Abneget semetipsum, & tollat crucem.*

Ainda na dignidade de Bispo se crucificou mais S. Braz. Naquelle tão cruel perseguição, que na Cidade de Sebaste se levantou contra a vida dos Christãos, S. Braz por não padecer martyrio fogio de Sebaste, e se retirou a huma cova no monte Argeo: *Se in speluncam abdidit montis Argæi.* Verdadeiramente que não parece acção esta digna de S. Braz. Se o bom Pastor ha de dar por suas ovelhas a vida, que razão ha para não morrer S. Braz, não só com as ovelhas, mas pelas ovelhas? *Pro ovibus.* Que ferindo-se o Pastor se desgarem as ovelhas, isso disse Christo: *Percutiam pastorem, & dispergentur oves;* mas que morrendo as ovelhas, fuja o Pastor, não parece razão. Ora o certo he, que não foy isto medo da

morte, foy sim negação da vontade: *Abneget semetipsum.*

Não ha duvida, que desejava S. Braz padecer martyrio, como muitas de suas ovelhas padecião. Differaõ-lhe que se retirasse, porque a sua vida era ainda necessaria para o bem das Almas. Retirou-se S. Braz, e disse: *Abneget semetipsum.* O meu desejo, dizia o Santo, desejo era de padece; mas se para o bem das almas ainda a minha vida convém, negue-se o desejo á morte: fuja eu, e crucifique-se o desejo: *Abneget semetipsum, & tollat crucem.* Oh Pastor admiravel! Negar-se ao desejo de morrer, quando da sua vida dependem as ovelhas, isso he ser bom Pastor. Tão pouco Senhor de si hade ser hum Pastor, que nem para morrer hade ter Senhor de si. Não hade morrer, quando quizer, hade morrer a seu tempo: hade mortificar-se, hade negar o seu desejo á morte, quando com a sua morte ficão desemparradas as ovelhas. Ora notay.

Muito desejo tinha Christo

sto de morrer por nós. Isso quiz dizer o Senhor naquella *Desiderio desideravi hoc pascha*. Com tudo sabemos que fugio à morte muitas vezes, e a razão deo-a Santo Agostinho meu Padre: *Fugit ut illuminaret, non ut lateret*. Não fogio Christo por fogir á morte: fogio sim, porque ainda seus Discipulos necessitavaõ da sua vida para a doutrina: *Ut illuminaret*. Verdade he, que a fineza mayor era dar por nós a vida, mas não seria tanta fineza o dalla a qualquer hora. Bem suspirava pela morte: *Desiderio*; mas como era amante, soube negar a seu desejo o que pedia, porque nem todo o morrer he fineza: *Fugit ut illuminaret, non ut lateret*. He o que succedeo na Cruz ao mesmo Christo.

Passante de tres horas esteve Christo vivo na Cruz, porque sobio a ella antes do meyo dia: *Hora quasi sexta*, e morreo ás tres da tarde: *Hora nona*. E pois para que está Christo padecendo na Cruz tanto tempo? O morrer na Cruz era obri-

gação, mas não era obrigação estar tres horas na Cruz. Que razão ha logo para se dilatar na Cruz a morte de Christo? Se hade morrer, porque não morre logo? Porque? Porque se Christo morrera logo, não se salvara o Ladrão, que, como diz S. Lucas, na primeira hora ainda o Ladrão blasfemava: *Cōvitiabantur ei*. Se morrera logo, deixara a Mãe desamparada sem Filho, e deixara o Discipulo desconsolado sem Mãe. Verdade he, que Christo suspirava pela morte: *Desiderio desideravi*; mas a salvação daquella alma, e amparo daquella Mãe, e o remedio daquelle Discipulo, pediaõ mais tempo de vida. Assim o fez o Senhor: remediou o Discipulo, amparou a Mãe, esperou que se convertesse o Ladrão, e depois de tudo feito, depois do Ladrão convertido, depois de amparada a Mãe, e remediado o Discipulo, não teve mais que esperar, e entãõ morreo: *Expiravit*. A Christo estava-lhe bem o morrer logo, porque se livrava de

tres horas de Cruz, ou das penas de tres horas; mas neste caso dizia o Ladrão, ou a sua alma: Senhor, se a vós vos está bem o morrer logo, a mim não me está bem essa pressa esperay por mim. Assim o fez Christo. Negou-se o Senhor a si: *Abneget semetipsum*, mortificouse mais, abraçou mais tempo a Cruz: *Tollat crucem*. E quando aquella alma estava apta para o seguir: *Memento mei*, então não teve mais que esperar, e se deliberou a morrer: *Expiravit*.

Eis-aqui a S. Braz: não fogio á morte por gozar da vida: fogio, porque a sua vida era necessaria para muitas vidas. Sem S. Braz ficavaõ os Christãos perseguidos, ficavaõ desamparados, filhos sem Pay, e ovelhas sem Pastor. Foge logo, não á Cruz, mas para mayor Cruz. Para mayor Cruz? Sim. Ha vida mais crucificada, que a vida fugitiva, para quem deseja dar a vida? Digao S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est, & ego mundo*. A minha vida (diz

o Apostolo) he huma vida crucificada: vivo perpetuamente em huma Cruz. E isto porque, Apostolo sagrado? Elle o diz: porque desejando eu morrer: *Cupio dissolvi*: tendo todo o meu bem na minha morte: *Mori lucrum*; vejo que he necessario andar todas as horas fogindo, porque necessitaõ as almas da minha vida. Fugio do mesmo, que desejo, diz Paulo; e se para fogir he necessario saltar muros, e lançar-me delles abaixo, assim o faço: *Per fenestram in sporta demissus sum per murum, & sic effugi manus ejus*. Vedes o que São Paulo diz? Vida crucificada, a de quem foge á morte pela vida alheya? Pois eis-ahi a S. Braz. Não fogio S. Braz á cruz, fogio da morte, que dezejava, para a Cruz da vida fugitiva. Negou seu dezejo à morte: *Abneget semetipsum*, e tomou a Cruz da fugida: *Tollat crucem*, que he a vida mais crucificada para seguir a Christo: *Sequatur me*.

Ou digamos, que mais se crucificou S. Braz em não mor-

2. Ad
Corint.
II. v.
33.

morrer, do que pudera crucificar-se em morrer. Em morrer crucificava S. Braz a sua vida, em não morrer crucificou S. Braz o seu dezejo, e mais he crucificar o dezejo, do que crucificar a vida. Dou a prova, e logo darey a razão. Dezejou David aquella agoa da cisterna de Belém, e rompendo tres valerosos soldados por entre o exercito dos inimigos lhe trouxeraõ a agoa, e David a sacrificou a Deos, e a não bebo: *Noluit bibere, sed libavit eam Domino*. Perguntaõ aqui alguns Doutores, quem fez neste caso mayor proeza: se os soldados, que a tão custo trouxeraõ a agoa a David, se David em não beber, e sacrificar a Deos aquella agoa? Origenes diz que a proeza mayor foy de David: *Ipsè plus ultra libavit*. Como assim? Sacrificar huma pequena de agoa, he mais que romper exercitos de inimigos? Sim. Os soldados em romper exercitos sacrificavaõ a vida: *Animarum periculum*. David não bebendo a agoa sacrificou o dezejo: *Desideravit*

David. E se a mayor proeza está no mayor sacrificio, mais fez David em sacrificar o dezejo, que os soldados em sacrificarem a vida: *Ipsè plus ultra libavit*.

Prometti a razão, e com ella darey outra prova. Quê sacrifica o dezejo, sacrifica aquillo, que quer; quem sacrifica a vida, sacrifica aquillo que logra: e se faz muito, quem sacrifica o que logra, mais faz, quem sacrifica o que quer. Quiz Deos fazer experiencia do amor de Abrahão, e mandoulhe, que lhe sacrificasse a Isaac: *Tolle filium tuum, quem diligis Isaac, &c.* E pois se Deos quer fazer experiencia do amor de Abrahão, assim como lhe manda q̄ sacrifique a Isaac, porque lhe não manda que a si mesmo se sacrifique? Faz mais Abrahão em sacrificar a Isaac, que em sacrificar-se a si? Parece que faz. Abrahão no sacrificio da sua vida offerecia a Deos aquillo, que lograva: Abrahão no sacrificio do seu Isaac offerecia a Deos aquillo, q̄ queria: *Quem diligis Isaac*: e achou parece Deos que
mais

mais fino se mostrava Abrahão offerecendolhe em Isaac o que queria, que em si mesmo o que lograva. Foy Isaac todo o dezejo de seu pay Abrahão : depois de logrado filho de gosto : *Id est risus*, e antes de logrado filho do dezejo : *Dominus Deus quid dabis mihi?* E ver Deos em Isaac hum gosto sacrificado : ver Deos em Isaac hum dezejo offerecido, foy isto para Deos hum sacrificio tão grande, que não suppoz em Abrahão mayor sacrificio : *Tolle filium tuum, quem diligis, Isaac.*

Oh Braz divino ! Oh Braz admiravel ! Fogis á Cruz do martyrio, e abraçais mayor Cruz. Fogis de crucificar a vida, e crucificais o dezejo. Fogis de crucificar, o que lograis, e crucificais, o que quereis ; e negando por amor das almas o vollo dezejo á morte : *Abneget semetipsum*, abraçais a Cruz da vida fugitiva : *Tollat crucem*, e seguís com primor mayor os passos de Christo : *Sequatur me.*

II. P O N T O.

EStamos na segunda parte do Sermaõ : crucificou-se S. Braz na Cruz de Bispo : crucificou-se S. Braz na Cruz de Martyr : na Cruz de Bispo negando-se a si, e tomando a Cruz a peitos : *Abneget semetipsum, & tollat crucem* : na Cruz de Martyr, pondo aos hombros outra Cruz, e seguindõ os passos de Christo ; *Tollat crucem, & sequatur me.* Depois de S. Braz se negar a si, mandoulhe Christo que tomasse huma Cruz aos hombros, e que seguísse seus passos : *Tollat crucem suam, & sequatur me.* Seguir com hũ a Cruz os passos de Christo, e ir para onde elle for, grande Cruz ! Muitos ha, que seguem a Christo, e tal vez perdemse : começaõ, e não acabaõ : he necessario ir com mais tento, e mais attento nos Passos. Lá seguio Pedro a Christo, e perdeo-se no seguimento : começou, e não acabou ; do caminho se tornou logo : *Egressus foras.* Nesta hora fez Pedro figura

figura dos amigos do mundo, que se são amigos, o são de longe: *Sequebatur à longe.*

Mas vamos ao *Tollat crucem, & sequatur me.* Pois Senhor, dirá S. Braz, heide tomar huma Cruz, e ir para onde vós fores? Se vós fores a casa de Caifaz, lá heide ir eu tambem? Lá foy Pedro, e veyo chorando: *Flevit amarè;* e se Pedro veyo com as mãos na cabeça, e com as lagrimas nos olhos, que farey eu? Se fores a casa de Pilatos, lá heide ir tambem? Dessão casa sahio o Discipulo amado chorando de ouvir huma sentença taõ injusta, como foy a que lá vos deraõ. E quando Joã sahe chorando, e vós com huma Cruz aos hombros, como Senhor quereis que eu vos siga? Tudo isso hafde fazer, diz Christo a S. Braz. Faz outra pergunta: e se fores ao Calvario a morrer como ladraõ entre dous ladroens, tambem vos heide seguir? Aqui não, diz Christo: a tanto não obrigo eu a ninguem: isso não. Ha sim? Ora pa-

remos aqui, e vejamos se até aqui seguio S. Braz os passos de Christo. Mas se heide dizer a verdade, quando vi o modo, com que S. Braz seguio a Christo, e os seus passos, quasi estive para não fallar neste seguimento, porque no modo, com que S. Braz seguio ao Senhor, Christo diante, e S. Braz de traz: *Post me,* confiderey que o valor de S. Braz merecia, o que? Que fosse Christo de traz, e S. Braz diante? Não digo tal. Mas sim, que verificando-se em S. Braz, o *Maiora horum faciet,* que Christo diz, S. Braz a beneficios da graça foy em muitas cousas igual a Christo nos passos, e em outras deo passos avantajados ao mesmo Christo. Ora notay, e comecemos estes passos muito de principio.

Na noite, em que prenderaõ a Christo, se sacramentou o Senhor, e commungou seu Divino corpo, e sangue sacramentado: *In qua nocte tradebatur, accipit panem.* Isto mesmo mandou Christo a S. Braz antes da sua prizaõ: mandou que com-

commungasse antes de lo prenderem , porque como havia de padecer tantos tormentos , quiz que com o Sacramento alentasse o coração para o martyrio. Assim o fez S. Braz , mas reparay na differença , ou desigualdade dos effeitos. Vay Christo ao Horto , e cheyo de agonias o seu coração : *Tristis est anima mea* , ora o Senhor tres vezes : *Oravit tertio*. Mas que oração fez ? De fraco : *Caro autem infirma* , recusava a morte : *Transcat à me calix iste* , e como a fraco o veyo confortar hum Anjo : *Apparuit autem illi Angelus confortans eum*. Vede agora a S. Braz.

Avizado de Christo que era chegada a hora da sua prizaõ , fez tambem oração tres vezes , e em todas ellas lhe appareceo Christo. E que orou ? Que não morresse ? Que o livrasse da morte ? Isto não. Quando Christo lhe deo a nova , diz a sua Lenda , que respondeo o Santo : *Lætatus sum in his , quæ dicta sunt mihi*. Senhor esta he a mais alegre nova , que me podeis dar. Não re-

parais como não diz já , ou não condiz , este *Lætatus sum* de S. Braz com aquelle *Tristis est anima mea* de Christo ? Christo diz q̄ se entristece , e S. Braz q̄ se alegra : a morte de Christo he tristeza para Christo , o martyrio de S. Braz he alegria para S. Braz. Ora vede se quem (sem conhecer os fugeitos) ouviisse huma cousa , e outra , se diria que podia S. Braz ir diante de Christo , e Christo de traz de saõ Braz ? Mais.

Chegáraõ os algozes , e diz-lhes S. Braz : *Benè veniatis filii mei*. Sejais bem vindos filhos meus. Graças sejaõ dadas a Deos , que se lembrou de mim : *Dominus memor fuit mei*. Oh quanto tenho que dizer sobre estas palavras ! Notemolas de per si. Quando prendem a S. Braz , e o levaõ para o martyrio , diz que Deos se lembrou d'elle : *Dominus memor fuit mei*. Na Cruz ouço eu queixar a Christo de se ver esquecido , e desamparado de Deos : *Deus meus , Deus meus , ut quid dereliquisti me ?* Ora vede como diz

diz aqui este *Dereliquisti me Deus* de Christo com aquelle *Dominus memor fuit mei* de S. Braz. S. Braz no martyrio dá graças a Deos, porque Deos se lembrou: *Dominus memor fuit mei*; Christo queixa-se a Deos na Cruz, porque nella se vê desamparado de Deos: *Ut quid dereliquisti me?* Vede agora, (se quanto ao que vemos) pôde ir Christo detraz, e pôde S. Braz ir diante.

Esta foy a differença dos effeitos, que o Sacramento obrou em Christo, e mais em S. Braz: em Christo fez hũ effeito, e ao que parece faltou n'outro: fez hum effeito, porque o sangue sacramentado animou o sangue de Christo. Quando o corpo como fraco recusa o morrer, sahio como valeroso o sangue das veas, e diz, Senhor, se o corpo recusa por fraco, aqui estou eu. Mas faltou ao parecer n'outro effeito, porque o corpo sacramentado não mostrou dar valor ao corpo de Christo, ficou sem fraco, como era dantes: *Caro autem infirma*. Não assim S. Braz, tão alentado ficou

com o Sacramento, e tão valeroso, assim no corpo, como no sangue, que diz: *Latatus sum. Dominus memor fuit mei*. Vamos á outra palavra.

Bene veniatis filii mei. Chama S. Braz filhos aos ministros da sua prizaõ: *Filii mei*. A Judas chamou Christo amigo: *Amice, ad quid venisti*. Mais, dissera eu, fez aqui S. Braz, do que alli fez o mesmo Christo. Christo fez muito em chamar amigo a Judas, mas S. Braz fez mais em chamar filhos a seus inimigos: Christo fez muito, porque mostrou que amava a seu inimigo, como amigo: S. Braz fez mais, porque mostrou, que amava a seus inimigos, como filhos: e se muito faz, quem ama a seu inimigo, como amigo: *Amice*, mais faz, quem não só os ama, como amigos, mas como filhos: *Filii mei*.

Ainda mais: esta palavra *Amice*, podemos dizer que foy ironia, porque com estes amigos dá Deos muitas vezes no inferno. Lede o Texto, e achareis, que muitas

tas vezes aquelles, a quem Christo chamou amigos, se perderão. A Judas chamou o Senhor amigo: *Amice*. Aos da vinha, que se não dêraõ por contentes com a paga, chamou ao mayoral amigo: *Amice non facio tibi injuriam*. Ao que entrou nas bodas sem a gala, ou joya da graça, tambem amigo: *Amice, quomodo huc intrasti?* Pois segundo isto, não he muitas vezes bom o nome de amigo, porque depois de chamarlhe amigos, dá com elles no inferno: filho fim, que por máo que foy o prodigo, huma vez que lhe chamou filho: *Filius meus*, logo o segurou no seu amor: *Osculatus est eum*. Ora vede a differença que vay de amigos a filhos, e se fez mais S. Braz em chamarlhe filhos, que Christo em chamarlhe amigos, e juntamente (se quanto ao exterior destas açoens) pôde ir S. Braz diante de Christo, e Christo detraz de S. Braz.

Destá sorte, abraçando na Cruz de Christo a sua Cruz: *Crucem suam*, entrou S. Braz no diluvio dos

Tom. IV.

seus tormentos, e servindo-lhe Christo de exemplar: *Post me venire*, elle se fez retrato do mesmo Christo: *Sequatur me*. Ora notay, que ainda que da cor da morte, o retrato he muito de viva cor. Não he (dizia S. Braz ao tiranno) não he para mim taõ violenta a morte, que fazendo eu o gosto de a padecer, a não venha bulcar por meu gosto: *Ecce me adhuc presento*, diz em nome seu S. Vicente Ferreira. Oh prodigio grãde! Fez S. Braz, o que o Evangelho manda, tomou a Cruz da morte: *Tollat crucem*, mas por gosto seu, e porque quiz: *Siquis vult*. Eis-ahi a S. Braz hum retrato de Christo: padecer martyrios, e fazer gosto de os padecer: morrer, e offerecer-se á morte por seu gosto! Isto não o faz hum homem puro, fallo quem he Deos, ou hum retrato de Deos. Ide á Escritura.

Semelhante he a Deos, diz Nabuco, este menino quarto, que vejo nesta fornalha: *Species quarti similis filio Dei*. Havia lançado

Dan. 3
v. 92.

naquelle fornalha Nabuco tres meninos, e chegando a ver se os tinha já consumido o fogo, achou quatro. Este quarto, diz elle, he Deos, ou Filho de Deos: *Similis Filio Dei*. E pois se o barbaro não conhece a Deos, quem lhe diz que he Deos aquelle menino? Mas foraõ as contas estas, e não foraõ más. Estes tres meninos, diz Nabuco, os lancey eu nesta fornalha. Este quarto eu que o não lancey, se veyo aqui por seu gosto. Pois he Deos, afirma Nabuco. Menino que offerecendo-se a padecer martyrios, faz gosto de os buscar, e os padece por seu gosto, eu não sey quem possa mais ser; mas sey, que se ha Deos na forma de menino, este menino, quem póde ser senão Deos? *Species quarti similis Filio Dei*.

Naõ applico o Texto, porque o mesmo que for applicar, será repetir. Digo só, que se Christo fez gosto da sua Cruz: *Proposito sibi gaudio*, e S. Braz toma a sua Cruz por gosto: *Siquis vult, tollat crucem*,

he por imitação S. Braz hum retrato do mesmo Christo: *Et sequatur me*.

Offerecido em fim á Cruz da morte, padeceo S. Braz, não hum martyrio só, mas muitos martyrios. Padeceo açoutes, padeceo carcerees, padeceo fomes, tormentos crueis, não equuleo, unhas de ferro, que lhe despedaçáraõ o corpo, e por fim foy lançado em hum lago de agua, e a golpes de ferro duro entregou com a cabeça a vida. Oh valentia fatal! Padeecer em hum só martyrio huma Cruz sómente, isso faz o valor de qualquer Martyr; mas padeecer a Cruz de muitos martyrios, ou padeecer o martyrio de muitas Cruzes, isso fará só o Martyr de mayor valor. Para huma Cruz só a menos constancia basta; mas para Cruzes repetidas, para padeecer huma Cruz sobre outra Cruz, só hum Deos, que for passivel, ou quem for hum retrato de Deos.

Aquella pedra, que antes de a ferir a vara de Moyses era só pedra: *Supra petram*, depois que duas vezes se lhe applicou a vara, o Texto
lhe

Ihe chamou pederneira : *Percutiens virga bis silicē.*
 Num. 20. v. E pois he pederneira depois
 II. dos golpes da vara, e antes
 delles he só pedra? Sim. Na
 vara de Moisés (dizem os Pa-
 dres) se representava a Cruz,
 e nos dous golpes da vara
 (diz Santo Agostinho) se fi-
 gurava huma Cruz repeti-
 da : eraõ aquelles dous gol-

D. Aug. pes duas Cruzes. *Gemina*
tract. *percussio*, diz o Santo, *duo*
 26. in *ligna crucis significat.* E
 Joan. quiz mostrar o Texto, que
 donde sobre huma Cruz se
 seguia outra, a constancia
 de huma pedra não bastava ;
 mas donde se via Cruz so-
 bre Cruz, só no duro de
 huma pederneira se podia
 achar constancia. Porisso a
 que antes dos golpes he pe-
 dra : *Suprapetram*, depois
 delles he pederneira. *Percu-
 tiens virga bis silicem.*

Melhor direy : Applica-
 das áquella pedra as duas
 Cruzes, não fahiraõ della as
 aguas com a primeira, diz
 o Texto, senaõ com a se-
 gunda ; ferio-se com a vara
 duas vezes : *Bis silicem*, e
 entaõ diz, que correrã as
 aguas : *Egressæ sunt aquæ*

largissimæ. Mas claro está.
 Tormento donde a Cruz he
 huma só, soffrello-ha huma
 pedra sem chorar ; mas tor-
 mento donde ha huma Cruz
 sobre outra Cruz, este fará
 chorar as mesmas pedras.
 Naõ ha para hum tormento
 de muitas Cruzes, nem du-
 reza que resista, nem const-
 tancia que se não renda :
Percutiens virga bis silicem,
egressæ sunt aquæ largissi-
mæ.

Em conclusaõ ; duas Cru-
 zes na repetiçaõ da vara se
 applicaraõ (diz Agostinho)
 áquella pedra : *Duo ligna*
crucis significat. Mas era a
 pedra (como S. Paulo diz) fi-
 gura de Christo : *Petra au-*
tem erat Christus. E só
 Christo, ou huma figura sua,
 póde na Cruz do martyrio
 padecer hum martyrio de
 muitas Cruzes. Naõ basta
 para huma Cruz dobrada
 valor qualquer, ou ha de
 ser de hum Deos homem,
 ou de quem for retrato de
 Deos : *Erat Christus. Ge-*
mina percussio duo ligna
crucis significat.

Eis-ahi (oh prodigio gran-
 de!) eis-ahi, qual aquella
 E 2 pedra

pedra o nosso S. Braz : applicaraõ-se á pedra do deserto Cruzes repetidas, e a S. Braz tambem cruces, e mais Cruzes: huma Cruz no martyrio dos açoutes, outra Cruz no martyrio dos carceres, e no martyrio tambem das fômes outra Cruz. Em fim foraõ nelle tantas as Cruzes, quantos os martyrios; mas taõ constante em Cruzes tantas, que bastando para lhe tirar a vida huma só, Deos (diz S. Vicente Ferreira) por milagre lhe conservava a vida: sem duvida lhe quiz o Senhor dilatar o morrer, só por ter o gosto de o ver triunfar. Isto fim, que he tolerancia de Cruz: *Tollat crucem*: mas porisso imitando a Christo na pedra do deserto, se faz pela Cruz da morte hum vivo retrato de Christo: *Et sequatur me*.

III. P O N T O.

Ultimamente, a terceira, e ultima Cruz, que respeito em S. Braz, he a Cruz da sua benção. Taõ notavel era a benção de S.

Braz, e taõ milagroza nelle a Cruz da benção, que os seus milagres eraõ dobrados só por esta Cruz. Abençoado Santo! Lançava a benção, formava a Cruz, e á vista logo da Cruz da benção, tudo em S. Braz eraõ milagres; e mais milagres. Naõ posso dizer todos, este só direy.

Sabido he o caso daquella lagôa taõ profunda de agoa, sobre que lá andou, e passou S. Braz. Foy S. Braz lançado em huma grande lagôa, e formando nella a Cruz da benção, as aguas ao final da Cruz se solidaraõ tanto, e sustiveraõ, que como se fosse firme pedra, S. Braz se passeava nellas como por sua casa: em fim, andou S. Braz, e passou a pé enxuto sobre as aguas. Oh benção admiravel! Oh milagroza Cruz a da benção de S. Braz!

Quiz passar Moyses com o povo de Deos o mar Vermelho, e ferindo as agoas com a sua vara, se dividio em muros de neve, o que eraõ campos de crystal: *Erat enim aqua quasi murus*

Exod. rus à dextra eorum, & le-
 14. v. *va.* Passou em fim o povo,
 22. passou Moysés, e todos a

pé enxuto: *Et per arentem*
 3. v. 17 *alcum transibant.* S. João
 Damasceno, a quem seguem
 muitos Doutores, diz que
 obrou Moysés este milagre,
 não só por virtude da vara,
 em que se figurava a Cruz de
 Christo, mas porque ao fe-
 rir as agoas com a vara,
 formára Moysés sobre ellas
 huma Cruz: *Virga Moysai-*
 D. fo- *ca,* diz o Padre, *in simili-*
 an. *tudinem Crucis mare per-*
 Dam. l. *cussit, & salvavit Israel.*
 4. c. 12.

Ora aqui temos dous mi-
 lagres, hum de Moysés, e
 outro de S. Braz, ambos
 obrados por virtude da sa-
 grada Cruz: o de Moysés
 com a Cruz da vara; e o de
 S. Braz com a Cruz da ben-
 ção. O que agora quizera
 saber he, qual destes dous
 milagres foy mayor: se o
 de S. Braz, se o de Moysés?
 Não ha duvida que o de S.
 Braz. E porque? Porque
 Moysés ainda que vitorioso,
 andou pelo fundo do mar:
 dividiraõ-se as aguas, e lá
 no fundo, ou pelo fundo
 passou Moysés. Porém S.

Tom. IV.

Braz não foy assim: não se
 abrião as agoas para pas-
 sear; mas passava, e passa-
 va por cima das agoas. As
 mesmas agoas se solidáraõ,
 e como trono de prata servi-
 raõ aos pés de S. Braz de
 vistosa peanha. E pois, va-
 lhame Deos! Se a mesma
 Cruz faz hum, e outro mi-
 lagre, porque ha de ser ma-
 yor o de S. Braz, que o de
 Moysés? Porque não faz
 Moysés o mesmo, que fez
 S. Braz? Sem duvida (dirão
 huns) porque vay muito da
 brandura ao rigor, e da se-
 veridade á clemencia. A
 Cruz na mão de Moysés era
 vara de Juiz, a Cruz na
 mão de S. Braz era benção
 de Pay: na mão de Moysés
 obrava a Cruz ferindo; na
 mão de S. Braz obrava
 abençoando: Em Moysés
 era Cruz rigorosa, e em S.
 Braz era Cruz benigna. Mas
 ou seja assim, ou não seja,
 o certo he (dizey eu) que até
 a Cruz de Christo se póde
 muito na mão de Moysés,
 parece que póde mais na
 mão de S. Braz: mais pro-
 digiosamente obra, quando
 he Cruz de S. Braz, que

E 3 quan-

quando he Cruz de Moysés.

Com esta mesma Cruz, oh Santo admiravel! Curava S. Braz as enfermidades de todos: era a Cruz para todos glorias, e só para as enfermidades Cruz, crucificava S. Braz as enfermidades todas, e a todas farava. Mas com especialidade, as de que ficou particular advogado; e protector são as da garganta. Assim havia de ser, que se nos postos de mayor perigo se poem na guerra os soldados melhores, o estreito, que he o mais perigoso posto, se havia de reservar só para S. Braz. He o corpo humano huma Cidade formosissima, sitiada de tantos inimigos, quãtos são os achaques, que a combatem, e os danos que a offendem: disso se queixava David:

Pj. 16. *Circundederunt inimici mei*
v. 10. *animam meam.* Quiz porém o Senhor dos Exercitos defender pelos seus soldados esta Cidade, e que fez? Re-partio pelos soldados os postos, e a todos pelas partes do nosso corpo poz para a defenza, como em corpo de guarda: sim, o castello def-

ta Cidade, que he a cabeça, entregou-a, a quem? Ao grande Bautista. Os arrabaldes, que são os pés, fiou-os, de quem? De Santo Amaro. O coração com todos os seus peitos, e parapeitos a Santo Agostinho. Assim as mais partes aos mais Santos. Porém o posto mais arriscado, o lugar mais perigoso, a nossa garganta, a quem a deo? Ao glorioso S. Braz: neste estreito poz ao nosso Santo, e nunca mayor, que quando Santo do estreito.

Falla David em Deos, quando exaltado, e diz assim: *Exaltationes Dei in ps. 149*
guttur eorum. Sabeis, diz v. 6.
o Profeta, donde se vê exaltado, glorificado, e magnificado. Deos: *Exaltationes Dei?* pois he na nossa garganta: isso quer dizer o *guttur: In gutture eorum.* Na nossa garganta? Se David dissera, que nas nossas mãos, na nossa cabeça, ou no nosso coração, como já disse: *Accedet homo ad cor altum, & exaltabitur Deus,* isso muito embora; mas na garganta: *In gutture?* Estreito

treito lugar, e muito mais para hum Deos, para quem todo o lugar he estreito! Mas porisso mesmo fizesse Deos na garganta Santo do estreito, isso he exaltar-se nelle a grandeza de Deos: ferá para Deos estreito este lugar, mas quanto mais estreito para Deos, mais alto he. Porisso lugar, em que Deos se ostenta grande, e taõ grande, que se exalta, e magnifica aqui o mesmo Deos: *Exultationes Dei in gutture eorum.*

Oh Braz illustre! Se Deos se magnifica tanto, quando tem o posto de S. Braz, S. Braz occupando este posto, direy eu, que se naõ he hum Deos na realidade, sera por excellencia hum quasi Deos. ainda se me faz mais verosimil esta excellencia.

Entre os notados de hum Medico antiquissimo (diz na vida de S. Braz hum Escriitor) se achou para os achasques da garganta esta notavel receita: se alguem (diz Accio, que este era o Medico) se alguem tiver, ou se lhe atravessar na garganta alguma espinha, invoque a

S. Braz, e diga assim: *Blasius dicit: aut ascende, aut descende.* Raro poder de fazer milagres! *Blasius dicit:* porque o diz S. Braz? E pois basta o dizello S. Braz para o milagre se fazer? Fizesse, e só porque S. Braz o diz: *Blasius dicit?* Verdadeiramente, que se a fé me naõ ensinára, que S. Braz era puro homem, eu o tivera por hum Deos em carne, ou por hum homem Deos.

Si filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant. Se-4. v. 3. Math
nhos, (diz o demonio a Christo) se sois Filho de Deos, fazey hum milagre, convertey aqui estas pedras em paõ, e tervos-hemos por Deos. Pouco pede o demonio: humas pedras convertidas em paõ he o milagre, em que quer experimentar as forças do Divino poder, e conhecer aqui se Christo he Deos, ou o naõ he? Mas naõ vos enganeis: pedio o demonio, o que podia pedir. Naõ pedio só que Christo fizesse o milagre, mas que o fizesse com huma palavra só: *Dic ut lapides isti panes fiant.*

E fazer Christo milagres só com hum diz: dizer Christo, e só porque o diz, fazer milagres: *Dic*; isto he a pedra de toque, em que Deos descobre os quilates do seu poder, e isto no toque daquellas pedras, o em que o demonio quiz experimentar, e conhecer a Deos: *Si filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.*

Oh valhame o Ceo! E que differa aqui o demonio, se o mesmo que buscava em Christo, o viu em S. Braz? Milagres com hum diz: *Blasius dicit*, a Christo o daraõ a conhecer por hum Deos homem, e a Braz por hum homem, que tem muito de Deos; a Christo por Filho de Deos: *Filius Dei*, e a Braz por hum retrato de Christo: *Et sequatur me.*

Aqui pois (oh Evora felicissima!) aqui se vê, que justa, e devidamente se fesa tanto nesta grande Cidade este Santo tão grande: era bem, que donde elle he tão singular para nós, o fofsemos tambem nós para elle: elle para nós singular nos prodigios, e nós para elle

singular nos applausos. Reparay, que quando Deos se fez Santo do estreito: *Ingiture eorum*, entãõ o reconhece David com exaltações de Deos: *Exaltationes Dei.* Aqui donde S. Braz nos milagres do estreito he para nós tão largo, justo era o fofsemos tambem nós para elle nas exaltações: fim: na exaltação, que lhe dá hum tão numeroço sequito, na que lhe dá hum tão repetido concurso, e que lhe dá tambem hum tão festival applauso. Cresce aqui a devoção com os milagres, e os milagres se fazem aqui maiores com a devoção: em fim, S. Braz unico no sempenhos para com Evora, e Evora nos dessempenhos unica para com S. Braz; nem falta para isto a circumstancia de tão famoso, e formoso Rocio, que naõ podiaõ caber em campo menos largo, nem os empenhos de S. Braz com Evora, nem os dessempenhos de Evora com S. Braz.

Ora Braz esclarecido, Santo ineffavel, e soberano, acabey com os vossos louvores, ainda que por louvores

vores vossos os não devia acabar. Aceitay o leal affecto da minha voz, e perdoay, querer reduzir abreve lamina tão alta grandeza, e querer estreitar a pequena copia tão Divina pintura. Santo fois, que sendo na realidade homem, lograis as preeminencias de Serafim: Serafim com huma Cruz no peito, Serafim com huma Cruz nos hombros, e Serafim com huma Cruz nas mãos. Tres Cruzes são, empreza, que só he propria de Serafins: *Dispositio alarum ex trina cruce constabat.*

Naõ vi (meu esclarecido Braz) naõ vi Serafim mais ao vivo, porque para o feres, vos vem pintadas as Cruzes. Na Cruz do peito Serafim, na abnegação da vontade, em quanto Bispo: *Abneget semetipsum*: na Cruz dos hombros Serafim, nos esforços da constancia, em quanto Martyr: *Tollat crucem suam*; e na Cruz das mãos Serafim

Santo, e entre os Santos milagrosos o mais milagroso Serafim. Donde nesta, e nas mais Cruzes, naõ fois hum Serafim sómente, mas hum retrato, e modello do mesmo Senhor dos Serafins: *Et sequatur me.*

Fazey agora (Divino Braz) que venerando nós todos as vossas Cruzes, fin-tamos no vosso favor o fruto dellas. Como tão illustre Bispo, seja essa Cruz o cajado, com que guardais, qual Pastor vigilante, o rebanho das nossas almas. Como tão invicto Martyr, seja essa Cruz o bastaõ, em que allegureis, qual Capitaõ insigne, o lauro das nossas victorias; e como tão milagroso Santo, essa Cruz, que forma a maõ, seja florecente palma, que coroadando-nos nesta vida dos favores da graça, depois triunfantes na outra, nos coroe com os premios da gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ
 DA GLORIOSA
 SANTA ANNA
 MÃY DIGNÍSSIMA
 DA MÃY DE DEOS,
 P R E G A D O

Na Igreja da mesma Santa.

Simile est regnum Cælorum thesauro abscondito in agro. Matth. 13.

Que não bastando para coroar hum Ceo a luz de huma só Estrella: que não bastando para enriquecer hum thesouro o valor de huma só Joya: que não bastando para esmaltar hum campo a gala de huma só Flor, se veja hoje (oh prodigio grande) hum Ceo, sem mais que com huma Estrella luzido; hum thesouro, sem mais que com huma Joya opulento; e hum campo, sem mais que com huma só Flor vistoso, até aqui maravilha de Anna, a quem respeitamos Ceo, Thesouro, e Campo: até aqui gloria de Maria, a quem veneramos Estrella, Joya, e Flor. De Anna foy excelsa, e esclarecida Filha a Mãy de Deos, e com esta Flor, com esta Joya, com esta Estrella, não podiaó faltar, nem neste Campo delicias, nem neste Thesouro riquezas, nem neste Ceo resplan-

plandores. Felice Mãy, a que teve tal Filha! Excelsa Filha, que tanta gloria deo á melhor Mãy!

A esta Mãy venturosa, a esta Mulher soberana, a esta Santa esclarecida, se consagra, se offerece, se tributa todo o obsequio desta devota solemnidade, e todo o apparatus desta solemne veneração. O Sacramento he taõ propria circumstancia desta festa, que não seria cabal a festa sem a circumstancia do Sacramento; e se nas mais festas he a assistencia de Christo para dar gloria, hoje tambem he de gloria para Christo esta sua assistencia. Em fraze de Santo Ambrosio he Christo flor no Sacramento: *Carpis illic novum florem*, diz o Santo, *carpis lilium, carpis rosam*. E se Anna (conforme aquelle texto de Isaías) foy a raiz, de que nasceo Christo como flor: *Flos de radice ejus ascendet*, a mayor louçania de huma flor nasce de estar unida á sua raiz. Vêr-se huma flor á sua raiz pegada, vêr-se huma raiz da sua flor assistida, isso não só he estar uti-

na a raiz, mas estar pomposa a flor.

Senaõ digamos, que como Christo flor Sacramentada, e Divina, faz gala de nos amar com firmeza, quer mostrar, que por ser a flor mais firme, he flor que atè tinha raiz. Ou tambem como o seu amor tem por gloria prender-se com amorosos laços á creatura, quiz que villemos, que sem embargo de ser flor do Ceo, lançara raizes na terra. Mas quando a conveniencia, o parentesco, e o amor não foraõ causa desta assistencia, sempre na festa de huma Santa, cujo nome quer dizer Graça: *Anna, id est, Gratia*, havia de assistir hum Sacramento, que tambem se interpreta acção de graças: *Eucharistia gratiarum actio nuncupatur*.

Da mesma sorte que a festa se ajusta com o Sacramento, o Evangelho se ajusta com a festa. Diz Christo, que o Ceo he semelhante a hum thesouro escondido no campo: *Simile est regnum Caelorum thesauro abscondito in agro*. Ceo, Thesou-

D.
Amb.

Isai.
II. v.
I.

ro, e Campo, tudo he Santa Anna: Ceo com a melhor Estrella, Thefouro com a melhor Joya, e Campo com a melhor Flor. Mas como a Anna em quanto Ceo se não pôde penetrar a altura, como a Anna em quanto Campo se não pôde medir a grandeza, ficarmehey com Anna, em quanto Thefouro, que ainda que no Evangelho se difficulte por escondido: *Thefauro abscondito*, tambem se facilitapor muito achado: *Quem cum inveni homo*.

He este Thefouro a gloriosa Santa Anna, diz em hum Sermão seu hum seu Orador: *Hic thesaurus est Beata Anna*. E Santa Brizida, chamando-lhe tambem Thefouro, diz: *Venerabilis Anna omnipotentis Dei Gazophilacium, &c.* Mas he Anna hum Thefouro tão precioso, he Anna hum Thefouro tão opulento, que sendo hum Thefouro só, encerra hoje as riquezas, não de hum, mas de tres Thefouros. As mayores, e mais altas excellencias de Santa Anna se reduzem a tres: te-

ve Santo Anna a excellencia de ter por Filha a Rainha dos Anjos, e por ser Mãy desta Filha, teve a excellencia de ter a Jesus por Neto, e fallando metaforicamête, teve a excellencia de ter o Espirito Santo por Genro; porque a Senhora, de quem Anna foy Mãy, sabemos, que sendo Mãy felicissima de Jesus, foy Esposa gloriosa do Espirito Santo.

No logro pois destas maravilhosas excellencias considero em Santa Anna as riquezas de tres inextimaveis Thefouros. Como Mãy que foy de Maria, he Anna hum Thefouro, onde se encerraõ as virtudes da Filha. Como Avó que foy de Jesus, he hum Thefouro, onde se recopilãõ os amores do Neto. Como Sogra que foy do Espirito Santo, he hum Thefouro, onde se depositãõ os favores do Genro, Retrato glorioso de Maria, empenho amoroso de Jesus, e mimo delicioso do Espirito Santo. Esta he Santa Anna, e estes nas tres partes do meu Sermão os tres thefouros, que descobriremos hoje em hum

hum só Thesouro: *Thesau-
ro abscondito in agro. Hic
thesaurus est Beata Anna.*

I. PONTO.

PRimeiramente; em ne-
nhuma cousa se daõ a
conhecer melhor as virtudes
de Santa Anna, que em ser
Mãe como foy da mesma
Mãe do Filho de Deos. No
jardim da humana natureza
saõ os pays humas viventes,
e animadas plantas, de quem
os filhos se chamaõ frutos;
e da mesma sorte, que pe-
los frutos se conhecem as
plantas, diz Christo, pe-
los filhos se daõ a conhecer
os pays: *A fructibus eorũ,*
diz o Senhor, *cognoscetis
eos.* Como os filhos herdaõ
dos pays o sangue, e com
o sangue os costumes, diz
Avancino: *Transit enim à
parentibus sanguis in filios,
& cum sanguine mores, &
indoles*: vir a ser argumento
claro das virtudes, que co-
roaõ os pays, as virtudes, de
que se esmaltaõ os filhos.
Ora ouvi o mesmo Christo,
que para os louvores de An-
na quer ser o primeiro!

Matth
7. v.
20.

Avan.
Ref. D
Episc.
de
Maxt.
t. 4.
Serm. I

Pater venit hora, diz no
Cenaculo o Senhor fallando
ao Eterno Pay, *Venit hora,
clarifica Filium tuum, ut
Filius tuus clarificet te.*
Pay meu, diz Christo, he
chegada a hora, clarificay a
vosso Filho, para que vos-
so Filho vos clarifique a
vós. Naõ reparo na petiçaõ,
reparo na clausula, ou no
pretexto della. Clarificay a
vosso Filho, para que vosso
Filho vos clarifique a vós:
e pois he preciso, que para
o Pay clarificar ao Filho:
Clarifica Filium tuum, pro-
metta o Filho de clarificar
ao Pay? *Ut Filius tuus cla-
rificet te.* Naõ sey q fosse pre-
cisa a promessa; mas sey q foy
isto consequencia, q Christo
quiz tirar, ou deduzir, infe-
rindo da gloria do Filho a
gloria do Pay. Notay assim.

Esta clarificaçaõ, que o Fi-
lho pedia a seu Pay, qual
era? Era que o mesmo Pay
desse a conhecer no mundo,
e ao mundo a santidade do
Filho: *Postulat à Patre,*
diz neste lugar hum Exposi-
tor dos Evangelhos, *Postu-
lat à Patre, ut ipse agnos-
catur ab hominibus, non
tantum*

Si. v.
hic.

tantum ut homo, sed etiam ut Deus. E como a santidade, que se conhece nos filhos, he argumento da santidade, que resplandece nos pays, preciso era, que do conhecimento de hum filho, infinitamente Santo, resultasse o conhecimento de hum Pay tão Santo como seu Filho. De hum Filho de conhecida virtude, que se havia de inferir, fenaõ hum Pay de maravilhosa santidade? Porisso Christo disse, que quando o Pay clarificasse, e desse a conhecer a elle, elle havia de clarificar, e dar a conhecer o Pay: *Clarifica Filium tuum, ut Filius tuus clarificet te.*

Como se mais claramente differa o Divino Senhor: Se os filhos herdaõ as virtudes de seus pays, e os pays se conhecem em seus filhos, sendo vós meu Deus a fonte inexhausta, donde sem alienação do mesmo que me dais, bebo todas as affluencias da vossa virtude, e participo os mananciais todos da vossa santidade, quem não dirá, que sendo tão Santo o Filho, he igualmente

Santo o Pay? Por essa causa, quando digo que me clarifiqueis a mim, digo que vos hey de clarificar a vós: *Clarifica Filium tuum, ut Filius tuus clarificet te.*

Supposta esta inferencia, ou conclusão do mesmo Christo, (fallando com a proporção, que se deve entre Deos, e as creaturas) venho a dizer, que quem vir, e venerar em Maria hum Thefouro requissimo de virtudes, ha de suppor, e respeitar em Anna hũ Thefouro maravilhoso de perfeições; porque se dos pays benemeritos não ha indice melhor que os filhos virtuosos, he sem duvida que toda a gloria de Anna como Mãy se vê retratada em Maria como Filha; e quem bem vir, e conhecer, o que he a Filha, tambem verá, e conhecerá bem o que he a Mãy. Tornay a ouvir o mesmo Christo.

Dezejavaõ os Discipulos do Senhor conhecer ao Eterno Padre, e passando o seu desejo a significações, e a sua ancia a encargamentos, fez hum delles a Christo

flo

Joan. 14. v. 8. Ito esta petição : *Domine ostende nobis Patrem, & sufficit nobis.* Senhor, mostraynos a vosso Pay, unico termo do nosso dezejo, e satisfação unica do nosso gos-

Ib. v. 9. to: *Et sufficit vobis.* Ouvio Christo a petição, e qual vos parece que feria o despacho della? Huma queixa, ou huma reprehensão do mesmo Christo: *Tanto tempore vobiscum sum, & non cognovistis me?* He possivel, diz o Senhor, que estou com vosco, e entre vós ha tanto tempo, e ainda agora me ignorais, ainda agora me não conheceis! *Non cognovistis me?*

Senhor com vossa licença; os Discipulos não dizem que vos não conhecem a vós, dizem que lhe mostreis ao Pay para o conhecerem. Oh que esta he a causa, e o motivo, porque o Senhor diz que o não conhecẽ os Discipulos; se os Discipulos o conhecerão a elle, he sem duvida, que conhecerao ao Pay: como o Filho he do Pay o melhor retrato, todo o conhecimẽto do Pay se cifra no conhecimento do Filho. He o que

Christo diz: *Qui videt me,* diz elle, *videt & Patrem meum.*

O Pay, e eu nos parecemos tanto, diz o Senhor, q̄ quem bem vê o que eu sou, não póde desconhecer o que he meo Pay; e se a caso ainda o Pay he de alguem ignorado, será porque o Filho não he ainda bem conhecido: *Non cognovistis me.*

Verdadeiramente, que se hoje chegarãmos a Maria Santissima, e lhe pedissemos que nos desle a conhecer Santa Anna sua Mãy, me parece, que se ouviria da sua boca, o que Christo disse, e proferio pela sua. *Tanto tempore vobiscum sum, & non cognovistis me? Qui videt me, vide & matrem meam.* He possivel que ainda me não conheceis? Diria a Senhora. Bem parece que não sabe o que he a Filha, quem ignora o que he a Mãy. Pois se quereis ver, e conhecer a Mãy, olhay, e conhecey a Filha. Se Christo como Filho que he de Deos, he de seu Pay o mais perfeito retrato, eu como Filha que sou de Anna, sou de minha Mãy o mais ajustado

estado modello : *Qui videt me, videt & matrem meam.*

Oh grande, oh alta, oh prodigiosa excellencia de Anna! Taõ parecida nas virtudes com Maria, que só Maria póde ser o indice das suas virtudes: só na Filha como em treslado se manifestta a Mãy, porque na May como em Thesauouro se contem as excellencias da Filha: *Thesauouro abscondito in agro.*

Mas não vos pareça (e tiremos desta advertencia hum grande louvor) não vos pareça, nem vos venha á imaginação, que ainda que Santa Anna (como digo) se retrata em Maria, deixou de exceder Maria incomparavelmente a Santa Anna, porque já sabeis, que se Anna foy Santa, Maria foy Santissima. Porém adverti, que aqui mesmo consiste o realce mayor, e o mayor encarecimento das virtudes de Anna: aqui (digo) em lhe dar Deos huma Filha, a quem ella sendo Mãy ficou inferior, como he, e muito inferior. Olhay, Deos Senhor nosso dá a gloria conforme os merecimentos

de cada hum; e foraõ tais as virtudes, e os merecimentos de Anna, que por elles lhe deo Deos huma gloria, que he a mayor, que entre as máys do mundo póde ter huma máy; e qual he esta gloria? Dar-lhe huma Filha, não só igual, mas mayor que ella, e superior a ella. Notay affim.

Naõ soffrendo nunca a nossa natureza que ninguem lhe seja superior, só tem por bem, que a superioridade dos filhos seja a coroa dos pays. Haver filhostaõ grandes, que não só deixaõ aos pays igualados, mas excedidos, he a felicidade, que mais estimaõ ainda os menos soffridos coraçoes. Nos seus Principes observou Sidonio esta verdade dita com ventura, e elegancia: diz elle, vendo a virtucsa educação de hum Principe perfeito, que affim como o pay, dando o ser, e a doutrina, o fizera grande, elle excedendo nas virtudes ao pay, o fizera felice: *Quo comparatus pater, inde felicior incipit esse, quia vincitur.* Excederem os filhos aos pays, he

Sidon.

he deixarem-nos tanto mais gloriosos, quanto mais excedidos: como o pay de algum modo está no filho, e o filho no pay, estimaõ a sua gloria como propria, porque tudo he honra, que lhe fica em casa. Disse-o Nicoláo de Lyra, naõ menos Escriturario, que Politico: *Non est invidia patris ad filium, si eum excedat in gloria, & honore; nam pater manet quodammodo in filio, & ideo bonum filii est bonum patri.* Naõ ha mais dizer; vamos agora com tudo á Escritura.

De todos os filhos, que no mundo nascêraõ, o que foy de mayor gosto para seu pay, foy o grande Bautista: essa promella fez o Anjo a Zacarias, quando lhe annunciou o nascimento deste filho: diz que seria para elle de gosto, e grande gosto:

Uxor tua pariet tibi filium, & erit gaudium tibi, & exultatio. Mas isto por nenhuma outra razãõ a meu ver, fenaõ pela grandeza, em que o Bautista se havia de preferir a seu mesmo Pay. Como o Bautista havia de ser o

mayor entre todos, os que nascêraõ de mulheres, naõ se podia excluir Zacarias de lhe ficar tembem inferior. E ver Zacarias que tinha hum filho, que naõ só o deixava igualado, mas excedido, isto he gosto para hum pay taõ grande, que só a grandeza do filho póde ser medida do gosto do pay: *Erit gaudium tibi, & exultatio.*

Mas naõ he só isto, o que eu quero dizer. Fallou o Anjo com Zacarias, e annunciando-lhe o nascimêto do Bautista lhe disse entre outras estas palavras: *Uxor tua pariet tibi filium, erit gaudium tibi, & exultatio, erit enim magnus coram Domino, Spiritu Sancto replebitur adhuc ex utero matris sue, & præcedet ante Dominum in spiritu, & virtute Elie.* Terás ó Zacarias hum filho, o qual será grande diante de Deos. O Espirito Santo o encherá de graça, ainda no ventre de sua mãy: e como Precursor que será de Deos humanado, irá diante d'elle com o espirito, e virtude de Elias.

Isto, e muito mais disse

o Anjo do Bautista. Mas he de notar, que dizendo del- le tanto, só de Zacarias não disse nada. E pois se do Bau- tista, que ha de ser filho de Zacarias, diz o Anjo taõ altas excellencias, de Zacarias, que ha de ser pay do Bautista, porque não diz as suas mara- vilhofas prerogativas? Por- isso mesmo, porque dizia tanto do filho, escufava de dizer nada do pay. Como os pays tem por gloria sua a gloria de seus filhos, o mes- mo que no Bautista encare- cia o Anjo, estimava Zaca- rias como proprio. Era Za- carias pay, e podia entender que tanto lograva aquella gloria, e taõ suas eraõ quel- las excellencias em seu filho, como em si mesmo. Porisso quando o Anjo fallou, e dis- se tanto do filho, teve por escufado fallar, e dizer na- da do pay.

Ainda temos em outro mayor exemplo outra me- lhor confirmação. A gloria, e a grandeza toda da Virgem Santíssima, sabem todos, que he nascida da dignidade de Mãy. Assim entendem os Padres aquelle Texto de Da-

vid: *Omnis gloria ejus filie regis ab intus*; e a razaõ d'isto verdadeira, e unica he; porque o Filho, de quem a Senhora foy Mãy, era infi- nitamente mayor que ella: era hum Filho Deos; e de Deos á creatura, sabem já, vay huma distancia, e huma desigualdade infinita. E ser Maria (oh gloria grande!) ser Mãy de hum Filho, que com infinitas desigualdades se reconhece inferior a elle, e o respeita superior a si, isto he a coroa, que mais il- lustra a sua grandeza, isto he o resplendor, em que mais realça a sua gloria: *Omnis gloria ejus filie regis ab in- tus*. Mais diz ainda o lugar.

Falla o Anjo com a Se- nhora na Encarnação do Fi- lho de Deos, e diz assim: concebereis Senhora hum Fi- lho, que sendo de Deos se- rá voffo: *Concipies, & pa- rries Filium*. Este Filho será grande: *Erit magnus*, cha- mar-se-ha Filho do Altissimo: *Filius Altissimi vocabitur*. O mesmo Deos lhe dará o throno de David seu pay: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus*, reinará

reinará eternamente na casa de Jacob: *Regnabit in domo Jacob in æternum*, e o seu Reyno não terá fim: *Et Regni ejus non erit finis*. Depois finalmente de todas estas grandezas, que o Anjo disse do filho, nem huma só palavra sabemos que disse da Mãy. Mas como esta Mãy era Mãy deste Filho, todas as suas glorias lhe tocaraõ tanto, que sendo de seu filho eraõ tambem suas. Por taõ proprias as reputava Maria, que achou o Anjo, e o mesmo Deos, que o mandava, que tanto as lo-grava Maria nelle como em si mesma, e por esta causa depois de fallar do Filho, era escusado fallar da Mãy.

Verdade he, que Maria Santissima excede incomparavelmente a Santa Anna, mas a mayor gloria de Anna sendo Mãy, he que lhe exceda Maria sendo Filha. E se na grandeza dos filhos tem os pays tanta parte, que sendo dos filhos he sua, por mais que Maria exceda a Anna, tudo he honra, que lhe fica em casa, e juntamente tudo abono, e con-

firmação das virtudes de huma Mãy, a quem Deos quiz fazer o favor, e dar a honra de ter tal Filha.

Mas valhame Deos! Se a Filha excede tanto à Mãy: se Maria excede tanto a Anna, como dizemos, ou podemos dizer, que Anna he hum Thefouro, donde se encerraõ as virtudes de Maria? Em fim, foy Anna a custodia, em que no mundo se encerrou Maria, e não será muito dizermos que Maria está hoje sacramentada em Anna. No Divino Sacramento sabemos, que o limitado encerra em si o infinito. Alli está Deos, que he infinito, reduzido todo aos apertos de huma hostia, e às margens de huma particula. Bem como o Sol, que na cristalina planicie de hum espelho se retrata todo. Mayor he o Sol que o espelho, e sem agravo das suas luzes, recopila nelle o Sol os seus resplandores. Dous espelhos, em que se retrataõ dous Soes, respeitamos hoje, hum he o Sacramento, e outro he Anna. No Sacramento se retrata o Sol da

Graça , e em Anna o Sol da belleza ; e assim como o Sacramento he Thefouro, onde se recopilaõ as maravilhas de Deos, Anna tambem he Thefouro, onde se encerraõ as perfeçoens de Maria : *Thefauro abscondito in agro. Hic thesaurus est Beata Anna.*

II. PONTO.

EStamos na segunda parte do Sermaõ. Se como Mãy de Maria he Anna Avó de Jesus, tambem em quanto Avó será Anna hum Thefouro , em que se recopilaõ os amores do Neto. Querendo hum dia Christo encarecer o muito, que amava a sua Mãy, disse (conforme S. Bernardo notou) estas palavras nos Cantares : *Vulnerasti cor meum soror mea Sponsa, vulnerasti cor meum;* comenta Bernardo : *Pro tuo amore carnem sumpsi.* Quer dizer : de tal forte , e com tal fineza vos amey , querida, e prezada Maria, que por amor de vós me fiz homem: *Pro tuo amore carnẽ sumpsi.* Oh valha-me Deos ! O en-

carnar Deos , e fazer-se homem , não ha duvida, que o fim primeiro que teve foy a honra, e gloria do mesmo Deos. Mas que? He tal o amor, que este Filho tem a sua Mãy: he Maria Mãy taõ amada de Deos seu Filho, que o mesmo Deos só por nascer Filho seu , diz que quiz no mundo nascer de Maria. Nasceo Deos de Maria, só porq̃ Maria fosse Mãy de Deos. Tal he o amor, que a taõ Divina Mãy teve este Filho : *Pro tuo amore carnem sumpsi.*

Vedes, ao que chegou o amor de Deos para com Maria ? Ora esperay , que não foy menor para com Anna o seu amor. Por excessõ de amor seu , Deos quiz nascer homem só por nascer de tal Mãy. Bem , e será o mesmo para com Anna o amor de Deos ? Sim , e tanto assim que não estimou Deos em menos o ser Neto glorioso de Anna, que o ser Filho felicissimo de Maria. Não vos pareça encarecimento : he verdade certa , que vereis provada aqui , e bem provada.

Egre-

Cant.
4. v. 9.

D.
Bern.
lic.

Isai. II
v. I.

Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet. Nascerá huma vara da raiz de Jessé, (diz Isaias) e da mesma raiz ha de nascer huma flor. Tres cousas temos aqui, raiz, vara, e flor. E se conforme Santo Agostinho, e S. Jeronymo, a flor representa a Christo, e a vara a Maria, segue-se que a raiz representa a Anna. O que supposto, já se offerece a difficuldade: Se Christo não nasceo de Anna, senão de Maria, como diz, ou como não diz o Profeta que a flor nasceria da vara, senão da raiz: *De radice ejus ascendet.* Nascer a flor da raiz, era nascer Christo de Anna, e nascer da vara, era nascer de Maria, e se Christo nasce de Maria, e não de Anna, como se diz que nascerá a flor da raiz, e não da vara: *De radice ejus.*

He sem duvida, que como Christo estima igualmente o nascer de Maria, e o descender de Anna, quiz que vissemos que equivocada a vara com a raiz, não era para esta flor menos gloria

o brotar da raiz, que o nascer da vara. A vara he Maria, e Anna he raiz, e para a estimação de Christo não he de gloria menor o ter a Maria por Mãe, que o ter a Anna por Avó. Se não dizemos, que foy hum glorioso Patrocinio, que Christo quiz fazer a sua Mãe. Vio o Senhor a gloria, que Maria tinha em nascer de Anna, e como se lhe envejasse, ou podesse envejar tão grande gloria, que faria? Quiz mostrar, que da mesma raiz, donde Maria teve o seu principio, ahi tivera elle o seu nascimento. Mas escusado he, Senhor, o latrocinio, no que he tão vólto, e com razão; porque se os netos são filhos duas vezes, mais filho sois vós de Anna sendo Neto, do que o he Maria sendo Filha; e assim não he muito, que da mesma raiz, donde Maria nasce como planta, se diga que nasceis vós como flor: *Flos de radice ejus ascendet.*

Eis-aqui como Christo estimou igualmente o ser Neto de Anna, e o ser Filho de Maria; e seo mesmo Senhor

encarnou, e se fez homem por amor de Maria, que diremos d'elle por amor de Anna? Emfim, deveo-lhe o mesmo amor, porque lhe deveo a mesma estimação: mas ainda não para aqui, nem a estimação, nem o amor. Busquemos-lhe outra razão, e antes de descermos a Anna, principiemos por Maria.

Christo, que como Deos que he, não podia ser mayor, nem crescer em si, só por Filho de Maria pareceo, e avultou mais do que era. Isto foy o que o Anjo disse à Senhora na Encarnação:

Luc 8. *Incipies, & paries Filium,*
v. 31. *& hic erit magnus:* Con-

cebereis Senhora, e parireis hũ filho, e este será grande: *Erit magnus.* Mas era Filho de Maria, e tal a estimação que fazia de o ser, que tendo grandeza infinita, parece cresceo mais na grandeza: euy hum Expositor: *Deus, cui nihil accrescere potest, dicitur, erit magnus, quia Filius Virginis, cum pro peculiari honore, ac decore de tanta Matre gl'rietur.* Esta foy a honra, e esta a gloria, que Christo teve por Filho

Sylv.
kic.

de Maria; vede agora se teve, e lucrrou o mesmo por Neto de Anna. Torneinos ao lugar que já tocamos.

Flos de radice ejus ascendet. Da raiz de Jeshé, diz Isai. v. 6. *hic.*

Isaias, ha de nascer huma flor, mas adverti, diz o Profeta, que esta flor ha de ter hum nascimento tão glorioso, que nella, isto a que chamamos nascer, ha de ser sobir: *Ascendet.* Notay o *Ascendet.* Não diz que nascerá: *Nascetur,* senão que subirá: *Ascendet.* Com o mesmo verbo, com que a quer explicar nascida, a publica exaltada: *Flos ascendet.* E pois que flor he esta, ou que ha nesta flor, para que os seus principios sejaõ triunfos, e o mesmo, que nella he nascimento, se publique exaltação? Mas que ha de ser? He ser esta flor Christo, e he ser esta raiz Anna, e o nascer de Anna he para Christo cousa tão grande, que quando se diz que nasce, se suppoem que sobe. Tão glorioso he este nascimento, que o mesmo he brotar da raiz, que sobir a flor: *Flos de radice ejus ascendet.* Não

Naõ dissemos ainda tudo. Como flor, diz que ha de nascer Christo desta raiz : *Flos*. Mas que flor? Se pelo encarnado he Christo Rosa, se Assucena pelo candido, e pelo admiravel maravilha: se he pela Paixaõ Jacinto, Perpetua pela Resurreiçaõ, e pelo amor Amor perfeito; porque lhe naõ chama huma destas flores Isaias? Diz que he flor, e naõ diz que flor he? Naõ. O ser flor com nome generico, he mais que ser flor com nome especifico: este diz huma flor fõmente, aquelle, como he nome transcendental, e quivale a todas as flores. E quando Anna he a raiz, de que Christo nasce como flor: quando Christo he a flor, que procede de Anna como raiz, naõ se chama o Senhor Rosa, Assucena, Maravilha, Jacinto, Perpetua, ou Amor perfeito; que fora agravo da sua grandeza estreitar a huma flor só toda a Primavera. He flor com locucaõ indefinita, que equivale á universal. Flor taõ crescida na gloria, e taõ sublime na grandeza, que sendo huma

no ser, he no nome como todas as flores: *Flos de radice ejus ascendet*.

Oh Anna prodigiosa! Oh Santa felicissima! Avó fois daquelle Jesus, de quem Maria he Mãy, mas que? Tanto para a estimaçaõ de Christo ella, e vós huma mesma cousa, que nem o ser Neto voffo o reputa elle por menos, nem o ser Filho seu, o a valia por mais: o mesmo fim, ter a Maria por Mãy, e tervos a vós por Avó. Antes (valha-me o Ceo! Devamos hum encarcerimento á devoçaõ) antes digo; que se apparencias naõ mentem, e conjecturas naõ falhaõ, persuadome, que contrapezado na estimaçaõ de Christo, (isto he: aos nossos olhos, e na sua estimaçaõ) contrapezado o ser elle Filho de Maria, e o ser tambem Neto de Anna, mais parece (naõ digo que fera) mais parece, estima o Senhor o descender de Anna, e ser seu Neto, que o nascer de Maria, e ser seu Filho. Ainda naõ quero deixar o lugar, de que sahimos agora.

Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet. Já estais nas palavras, e na duvida. A Christo, que realmente nasceu da vara, e não da raiz, Isaías attribue o seu nascimento, e o refere mais á raiz, do que á vara: *De radice ejus.* E pois porque não diz, que nascerá de Maria, que he a vara, senão de Anna, que he a raiz? Mas eis-ahi o que Anna he no amor, e para o amor de Christo. Ha de attribuir-se este nascimento, diz Isaías, ou á vara, ou á raiz: pois alto: leve-se as atenções a raiz, e fique-se em silencio a vara. He verdade, que igualmente o Senhor nasceu de Maria, e descendo de Anna; mas he tal a gloria, e estimação que faz de ser Neto de Anna, que á sua vista o Senhor não faz menção, nem diz que nasceu de Maria: *Flos de radice ejus ascendet.*

Póde haver estimação mayor, nem mayor amor? Anna (no que parece) anteposta a Maria! Prezar-se mais Christo, ou mostrar que se preza mais de Neto, que de

Filho! Antepor-se (no modo possivel) á mesma, que he Mãe, á que só he Avó! Até-qui extremo de amor, até-qui excelso de estimação! Mas para dizermos tudo, digamos de huma vez, e concluamos: será hum Neto os amores todos de sua Avó, mas esta Avó, direy eu, he as delicias todas deste Neto. Ora ide aos Cantares, e vereis o que achais.

Quæ est ista, dizem ad-^{Cant. 8} mirados os Anjos, *quæ af-^{v. 5.} cendit de deserto deliciis affluens innixa super dilectum suum?* Teodoreto neste lugar: *Innixa super Nepotem<sup>Theo-
doret.
bic.</sup> suum.* Quem he esta (perguntaõ humas a outras essas celestiaes Jerarquias, todas suspensas no que admiraõ, e todas admiradas do que vem.) Quem he esta, que reclinada sobre os braços de seu Neto, a vemos sobir agora enveja sagrada das glorias, e ditosa emulação das delicias: *Ascendit deliciis affluens.* Já vedes, que de Santa Anna fallaõ aqui os Anjos: se o Neto, em que sobe reclinada, he Christo, quem teve á Christo por Neto,

to, senão Santa Anna: *Nepotem suum*. E pois como assim? Admirão-se os Anjos de ver exaltada Anna nos braços de Christo? Se os Justos tem por trono a mão de Deos: *In manu Dei sunt*, como de trazer Christo nos braços a Anna, se admirão, e suspendem os Anjos? Mas sim, que se o dar os braços he final de amor, o amor de Christo para com Anna, até os Anjos, ainda no Ceo, o admirão. He tão grande este amor, que suspendendo na terra o juizo dos homens, admira até no Ceo o entendimento dos Anjos.

Mas digamos outra vez, e diremos mais: Admirão-se os Anjos, sim; que se da novidade nasce o espanto, menos fora que Anna délle os braços a Christo, do que fer Christo o que trouxesse nos braços a Anna. Dar Anna os braços a Christo isso faz hũa avó por qualquer neto, mas trazer Christo nos braços a Anna, isso só o faz este Neto por sua Avó. Aquillo, que se traz nos braços, he o que mais se mete no coração: e quem a Anna lhe dá os bra-

ços por prenda, bem mostra, a traz no coração por medalha. Emfim ferá este Neto os amores todos de sua Avó, mas esta Avó he as delicias todas de seu Neto: *Inmixta super Nepotem suum*. O melhor, se notais, nos falta ainda.

Vem os Anjos a Anna nos braços de Christo, e admirão-se do que vem: *Que est ista... Inmixta super Nepotem suum*. E pois porque Christo traz a Anna nos braços: porque Anna he amor, e amores de Christo, se suspendem, e admirão os Anjos? Sim; porque ter Christo por Mãe a Maria, e antepor-se (se se póde antepor) esta Avó a sua Mãe! Dar-lhe por prenda os braços, e havendo de chamar-se Filho, que diz relação a Mãe: *Inmixta super Filium*, se nomee, e chame Neto, que diz relação a Avó: *Inmixta super Nepotem*, isto parece, e não ferá, que he pôr Anna no lugar de Maria, ou que o amor, que ha de fer de Maria, se dá a Anna. E se assim he (dizem os Anjos) não só he isto admiração, nem

nem só amor; mas he hum amor, que he huma admiracão: *Quæ est ista, quæ ascendit, deliciis affluens, Immixa super Nepotē suum?*

Ora remate com o Sacramento o discurso; mas para isto tomando a salva primeiro em hum protesto, havemos de excitar depois huma questaõ. He o protesto este: Comparada no amor de Christo Maria com Anna, podemos cõsiderar este amor de dous modos: ou o podemos considerar pelo que he quanto às realidades, ou o podemos considerar pelo q̄ he quanto às demonstraçoens: pelo que he quanto às realidades, digo que o amor de Christo para com Maria he mayor, que para com Anna; mas pelo que toca às demonstraçoens, mayor amor mostrou Christo a Anna do que a Maria. Nesta supposiçãõ, em que falley até aqui, e ainda fallo, venha a nossa questaõ agora. Christo por excessõ de amor deo os seus braços a Anna: Christo por excessõ de amor, meteo-se nos braços de Maria. Pergunta-se ago-

ra, e quanto a esta demonstraçãõ de amor, qual destes dous amores será mayor? O que mete a Christo nos braços de Maria, ou o que faz dar Christo os braços a Anna? A questaõ por huma, e outra parte pôde pleitear maiorias, mas por hora o Sacramento nos darà a resposta.

In me manet, & ego in illo. Pelo Sacramento, diz o Senhor, o homem fica todo em mim: *In me manet*, e eu fico todo no homem: *Et ego in illo*. Reparay: naõ dà Christo o primeiro lugar, nem poem primeiro a fineza de se unir elle ao homem: *Et ego in illo*, mas a fineza de se unir o homem com elle: *In me manet*. Como se dissera Christo, ou como (se com os olhos em Anna, e em Maria) quizesse dizer: Dar-me eu aos braços de Maria, isto he, entregarme todo ao homem, e unirme eu a elle, ou com elle: *Ego in illo*, fineza grande he. Mas tomar eu a Anna em meus braços: digo, meter o homem no coraçãõ, e unillo a mim todo, e só comigo:

In me manet, esta fineza he entre as mais a primeira, e por ter o primeiro lugar, he mayor fineza: *In me manet*, & *ego in illo*. Oh Anna admiravel! Amores toda de Christo, e retrato tambem de Maria. Porisso hoje, se Thesouro de virtudes da Filha, Thesouro dos amores do Neto: *Thesaurum abscondito in agro. Hic thesaurus est Beata Anna*.

III. P O N T O.

Ultimamente, dos favores do Genro foy Anna o mais admiravel Thesouro. Por Esposo de Maria o Espirito Santo (a nosso modo de fallar) ficou Genro de Santa Anna; mas Genro, que fazendo gala de o ser, logo no dia, em que o foy, sahio por festa cõ a melhor gala. A gala melhor de Deos, e de que elle se preza, e gloria mais, he (diz o Ecclesiastico) a sua santidade summa: *Gloriam dedit sanctitatis amictum*. Mas que? E podia esta gala ser nova, e nova neste caso para o Espirito Santo? Naõ;

porque Deos, sabeis já, que he Santo desde que he Deos. Porém o fazer elle ostentação da gala da sua santidade: o sahir a luz, e apparecer com a mesma santidade por gala, isso reserva o Espirito Santo, e o faz, quando Anna se lhe dá por Sogra, e elle se faz Genro de Santa Anna.

Desce a tratar São Gabriel o mysterio da Encarnação com Maria, e diz entre outras estas palavras: *Spiritus Sanctus superveniet in te*. Em vós Senhora, diz o Anjo, e sobre vós hade descer o Espirito Santo: *Spiritus Sanctus*. Aqui reparo: desde que o mundo he mundo, ao Espirito Santo se não deo o titulo, ou nome de Santo, senão agora: *Spiritus Sanctus*. Nos dias da criação andava o Espirito Santo sobre as aguas, e se chamava Espirito do Senhor: *Spiritus Domini ferebatur super aquas*. Lá no Ceo o vio Ezequiel sobre as rodas de huma carroça, e se chamava Espirito da vida: *Spiritus vite erat in rotis*. Por Isaías se lhe deraõ tam-

bem

bem outros muitos titulos , porque se chamou Espirito de sabedoria , e entendimen-

Isa. 11. to : *Spiritus sapientiae* , & v. 2. & *intellectus* , Espirito de conselheiro , e fortaleza : *Spiritus consilii & fortitudinis* , Espirito de sciencia , e piedade : *Spiritus scientiae* , & *pietatis* ; e finalmente conclue : *Et replebit eum spiritus timoris Domini* : Espirito de Deos , e do temor de Deos. *Timoris Domini*. Este era o Espirito Santo antes da Encarnação ; mas he je , e pela Encarnação , o titulo , e denominação , que tem , he de Espirito Santo : *Spiritus Sanctus*. Não foy

Rupert. reparo só meu : Ruperto o ad c. 1. notou já , e disse assim : *Ab Matth. hoc loco* , diz elle , *ferè primum sonuit in auribus nostris* , *hoc reverendum* , & *insigne vocabulum* : *Spiritus Sanctus*. E pois que he isto ? Se o Espirito Santo sempre foy Deos , e como Deos não só Santo , mas Santissimo , porque só pela Encarnação , e não antes se levanta com o titulo , e nome de Santo ? *Spiritus Sanctus*. He pelo que já disse , e direy ainda :

pela Encarnação o Espirito Santo contrahio os seus desposorios com a sagrada Virgem. Isso diz (dizem os Padres) o *Spiritus Sanctus superveniet in te*. Agora pergunto : e desposado com Maria o Espirito Santo , que parentesco contrahio com Santa Anna ? O de Genro. Se Anna era Mãy , e Maria Filha , o Esposo , que o he da Filha , Genro fica sendo da Mãy. Pois alto (diz Saõ Gabriel) Desposorios , em que o Espirito Santo tem a Santa Anna por Sogra : desposorios , em que o Espirito Santo se faz Genro , e he Genro de Santa Anna , de tal estimação , e gloria saõ para o Senhor , que fazendo gala do parentesco , se reveste neste dia da melhor gala. Sempre Santo , porque sempre Deos , mas hoje por gala de festa apparece , sendo Deos , novamênte Santo : *Spiritus Sanctus superveniet in te*. *Ab hoc loco primum sonuit hoc vocabulum* : *Spiritus Sanctus*.

Isto sim , Anna gloriosa , e infavel ! Isto sim , que sendo fineza do Genro , saõ felici-

felicidades da Sogra. Fazer gala o Espirito Santo de vos ter por Sogra, fer Genro vosso, e vestir-se de gala, nem ha mais ventura vossa, nem mayor fineza sua. Da humanidade santissima, de que se vestio em Maria o Sol da Graça, sabemos que fez na Encarnação gala o mesmo Sol. He o que São Bernardo diz: *Vestis eum*, diz o Santo, & *vestiris ab eo: vestis eum substantia carnis, & ille te gloria sua majestatis: vestis solem nube, & sole ipsa vestiris.* Vestido em fim desta gala o Sol Divino, Maria que se dá os parabens diz assim: *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes Generationes.* Agora sim, diz a Senhora, agora he a minha dita grande, e desde agora me cante o mundo todo, e decante a vozes tão boa dita: *Ex hoc beatam me dicent omnes Generationes.* E pois agora, e desde agora? *Ex hoc.* Sim: Aparentar-se comigo Deos (diz Maria) e fazer gala de se aparentar: tomar a minha Humanidade, e mostrar sendo minha, que a tem por

gala, isto ferá em Deos fineza sua, mas he em mim ventura minha; e se as venturas trazem os parabens por ecco, hoje no logro das minhas ditas o mundo me cante a vozes os parabens: *Ex hoc beatam me dicent omnes Generationes.*

Para bem vos seja, Anna ditosissima, para bem vos seja, fair de gala o Espirito Santo, quando por Genro vosso vos tem por Sogra: fer hum Genro tal, e fazer gala de o fer: aparentar-se com vosco, e fair de gala: *Sanctitatis amictum. Spiritus Sanctus.* Venturas são na verdade, em que podeis entrar com Maria ao logro dos parabens, e dizer tambem com ella, ou como ella. *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes Generationes.*

Mas tudo faz por huma Sogra o Espirito Santo, por quem tanto fez já para a ter por Sogra. Para que Anna fosse Sogra sua, o Espirito Santo a fez o Santuario da graça, o Paraíso de Deos, a raiz florecente de Jessé, a Estrella do Empyreo, e a

Ma-

Madre-perola do mundo. Fella Santuario da Graça; porque se he Arca do Testamento Maria, Anna foy o Santuario, em que se encerrou esta Arca. Fela o Paraiso de Deos; porque em Maria se plantou nella a Arvore da vida, e por ella colhemos em Christo o fruto desta Arvore. Fela a Raiz de Jessé, em que igualmente brotou a melhor vara, e a mais bella flor: a flor no Neto, e a vara na Filha. Fela Estrella do Empyreo, e Estrella da Alva; porque por ella sahiraõ á luz dous Soes no mundo: em Christo o Sol de Justiça, e em Maria hum Sol por Graça. Fela finalmente a Madre-perola, ou da perola melhor do mundo, de quem Anna foy Madre: Madre-perola, porque Mãy de Maria, joya da Divindade, e medalha da Omnipotencia. Em fim, assim como ao Sacramento o fez Deos huma cifra das suas maravilhas, a Anna o Espirito Santo a fez hum compendio de todas as graças; porisso em final das graças, que lhe deo, lhe deo tambem

o nome de Anna, que á imitação do Sacramento quer dizer Graça: *Bona gratia nuncupatur. Anna, id est, Gratia.* Tudo isto fez; e tudo o Espirito Santo deo a Santa Anna. Mas se para a fazer sua Sogra a fez tanto, depois de a fazer, que seria? Fez, como dissemos, gala do seu parentesco, e por parentesco seu no dia de o contrahir sahio de gala: *Sanctitatis amictum. Spiritus Sanctus.* Oh dita grande! Oh felicidade summa! Nem no Genro podia o amor ser mayor, nem Anna Thesouro mais rico dos favores do Genro: *Thesouro abscondito in agro. Hic Thesaurus est Beata Anna.*

Ora Sãta esclarecida: Anna a todas as luzes grande, e Mãy, mais que excelsa sempre, e soberana. Esta he a breve copia da vossa sagrada luz; mas se como Mãy que sois de Maria, de todas as luzes sois Mãy, que luz haverá que para formar de vós huma copia não seja breve? Thesouro sois, e taõ opulento, que nas margens de hum Thesouro só, encerrais

as riquezas de tres Theſouros: Theſouro de virtudes, em que como Mãy ſe encerraõ as virtudes da Filha. Theſouro de amores, em que como Avó ſe recopilaõ os amores do Neto. Theſouro de mimos, e de favores, em que como Sogra ſe contem os favores do Genro. Retrato de Maria por Mãy, empenho de Jeſus por Avó, e mimo do Eſpirito Santo por Sogra.

Ditoſa creatura, prodigioſa Mulher, maravilhofa Santa! Debaixo da voſſa ſagrada mãõ tendes a familia mayor da Caſa Real do Ceo: o Eſpirito Santo por Genro, por Neto a Jeſus, e a Maria por Filha: naõ ha familia mais alta, nem o mundo vio mais elevada Matrona. Fazey pois Anna eſclarecida, que deſta Fami-

lia hoje da voſſa Real Caſa paſſemos, os que começamos devotos, a ſer eſcravõs, e que para eſtes cultos da voſſa, e ſua grandeza, ſe continue em nõs obrigaçaõ, o que começou piedade; e ſuppoſto, que para pagar affectos tambem nãſcidos tendes a miſericordia em Maria, de quem ſois Mãy, as Graças todas no Eſpirito Santo, de quem ſois Sogra, e em Jeſus a gloria, de quem ſois Avó, lembraivos, ſe quereis favorecernos, do meſmo que ſois: moſtray, que por Mãy de tal Filha o ſois de toda a miſericordia, e fazendovos com o Eſpirito Santo medianeira para os favores da Graça, acharemos que tambem para com Jeſus ſois huma fiel deſpenſeira dos bens da gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ
DO DESTERRO
D A V I R G E M

M A R I A
SENHORA NOSSA,
P R E G A D O

No Convento de São Bernardo.

Liber generationis Jesu Christi. Matth. i.

O Evangelho da Natividade na festa do Desterro? Isto bem póde ser diffusão da providencia; mas he difficuldade grande para o Prégador. Se Maria nasceu muitos annos antes de se desterrar, se Maria se não desterrou senão muitos annos depois de nascer, como vemos que na festa do seu Desterro se canta o Evangelho da sua Natividade? *Liber generationis Jesu Chri-*

sti. Mas oh providencia altissima de Deos! Oh diffusão admiravel de Maria! Se o Sol, quando nasce a hum emispherio, se desterra do outro: se no Rey dos Astros o mesmo he nascer que desterrar-se, não he muito, que nascendo Maria hum Sol por graça: *Electa Gen.6: ut Sol*, se veja desterrada *v. 9.* hoje quando nascida, ou a vejamos apenas nascida, logo desterrada.

Aquella Mulher que São
João

Joaõ vio no Apocalypse , diz o mesmo Evangelista , que toda era Sol : *Amicta Sole*. Apareceo no Ceo esta Mulher, diz Saõ Joaõ : *Apparuit in Cælo*, e do Ceo desappareceo, porque voou logo para hum deserto : *Fugit in solitudinem*. Prodigiosa figura da Mãy de Deos, e da Mãy de Deos na celebridade deste dia, ou na uniaõ destas duas celebridades. Representava-se primeiramente no apparecimento desta Mulher o nascimento admiravel da Senhora. Porisso Saõ Joaõ naõ usou aqui de outro verbo, que do verbo *Apparuit*, que conforme o Apostolo das Gentes he o verbo, porque o nascimento do mesmo Christo se explica : *Apparuit humanitas Salvatoris nostri Dei*. Na fugida, que esta Mulher fez para o deserto, se retrata o desterro da Mãy de Deos, tambem para os desertos do Egypto fugitiva. Porisso o mesmo Saõ Joaõ o verbo, de que tambem usa, he o verbo *Fugit*, que na boca do Anjo foy o mesmo, com que se de-

Tom. IV.

cretou o desterro da sagra-da Virgem : *Fugit in Ægyptum*. Matth 2. 2. 13

E pois valhame Deos ! Em huma só figura vê Saõ Joaõ a Senhora do Desterro, e o Nascimento da mesma Senhora ? Sim ; que como nesta figura tudo, o que na Senhora se via era Sol : *Amicta Sole*, ajuntou-se nella o ver-se desterrada, ao tempo de apparecer nascida. Nasceo Maria no Ceo : *Apparuit in Cælo*, e desterrou-se para hum deserto : *Fugit in solitudinem*. Tal he a fortuna das luzes, que ou o desterro he o berço em que nascem, ou logo que nascem, o desterro lhe vem nascendo. Porisso o Sol de Maria, ou Maria quando toda he Sol : *Amicta Sole*, aos mesmos olhos, que no Ceo a viraõ nascida : *Apparuit in Cælo*, se mostrou juntamente desterrada : *Fugit in solitudinem*.

Senaõ dizemos, (e naõ me parece menos digna esta razã) que ajuntou aqui Maria o Desterro ao Nascimento para mostrar, que assim como teve alentos para vi-

viver, os tem tambem para amar: quero dizer: que madrugara tanto o seu amor nas finezas, que apenas começou a viver nascendo, logo começou a amar desterrando-se. Oh amor grande, e verdadeiramente digno, não só do coração de Maria, mas do animo, e coração de hum Deos!

Nasceo Deos no mundo feito homem, e nasceo o Verbo no Ceo em quanto Deos. Hum, e outro nascimento foraõ nascimentos de amor: tanto val ser Deos aquelle que nasce, diz S. João: *Deus charitas est.* Mas observay estes nascimentos de per si, e o mesmo que achais em Maria, o vereis em Deos. Sendo certo, (vamos ao Nascimento do Verbo em quanto Deos) sendo certo q̃ o Verbo nasce pelo entendimento do Pay, que isso he ser filho, e nascer Verbo: o Evangelista fallando neste Verbo, que o Pay gera, diz que o seu eterno domicilio he o coração do mesmo Pay: *Unigenitus, qui est in sinu Patris.* Notay: O coração do Pay

he o domicilio, em que o Verbo assiste, o entendimento do Pay he o berço, em que o Verbo nasce. E pois que? O lugar em que nasce he o entendimento, e o em que assiste o coração? Sim; q̃ isso faz, quem nasce amante, ou quem todo he amor, tanto que nasce. He o caso: nascer em hum lugar, e assistir em outro, que outra cousa humanamente parece senão hum desterro? Desterra-se, quem tendo em huma parte o seu nascimento, tem em outra o seu domicilio. Eu não digo que Deos póde ser desterrado em quanto Deos; mas digo, querer ter o domicilio aqui, e alli o nascimento, desterro parece: e para Deos mostrar que todo em seu nascimento era amor, apenas se vio nascido, logo quiz parecer desterrado.

Eis-aqui o que succede em Deos no Nascimento eterno. E no temporal que succede? Nasce Christo no mundo, e o seu Nascimento he desterro. Desterro, não só porque vem á terra como desterrado do Ceo: *Qui è sinu*

Lauret *sinu Patris*, diz o Laureto,
Verb. *venit in terram peregrina-*
Abrab. *tionis*; mas Desterro, por-
 que por ordem do Ceo se co-
 meça a ver hoje desterrado
 na terra: *Fuge in Aegyptum*.
 Nascey pois, fagrada Ma-
 ria, e ao mesmo tempo que
 nasceis vos desterray: se isto
 he requintar finezas de
 amor, ajunte-se á festa do
 Desterro, que se solemniza,
 o Evangelho do Nascimento,
 que nella se canta: *Liber*
generationis Jesu Cærisii.

Ora supposto que temos
 hoje o Desterro, e o Nasci-
 mento de Maria: o Nasci-
 mento no Evangelho, e o
 Desterro na festa, de tudo
 prégaremos. Vamos ao E-
 vangelho, e fundemos o
 Sermaõ: *Liber generationis*
Jesu Christ. O que o Evã-
 gelho nos offerece he hum
 Livro: *Liber*. Mas que Li-
 vro? Os Padres convêm em
 que he Maria, e eu differa
 que quem melhor desco-
 bre nella a razão de Livro,
 acha que não só he Livro,
 mas Livro da razão. Isto
 val escrever-se na Senhora
 aquella palavra, em que des-
 de a eternidade a mesma ra-

zão se encerra. Ouvi a Santo
 Antonino de Florença: *Grandis Liber*, diz o Santo,
est Beata Virgo Maria, quia
continuit in se divinam
sapientiam incarnatam. E
 S. Joaõ Damasceno: *Novus Liber*,
in quo inenarrabili modo
Deus Verbum citra omnem
nanus operam inscriptus est.
D. An-
ton. de
Flor.

D.
Joan.
Da-
masc.
orat. 2.
de Assump.

Supposto isto, temos no
 Livro de Maria hum Li-
 vro, a que chamey da razão,
 e Livro tambem chamado
 vulgarmente Livro de gas-
 to, e de recibo: Livro de
 receita, e de despeza. Nes-
 ta conformidade, em tres
 capitulos deste Livro, que
 nos darão materia a tres dis-
 cursos, veremos hoje os
 empenhos de Deos para com
 Maria, e os desempenhos
 de Maria para com Deos?
 Isto he: no tocante ás glo-
 rias do Nascimento: empe-
 nhos de Deos com Maria, e
 no tocante ás finezas do De-
 sterro, desempenhos de Ma-
 ria com Deos. Em huma pa-
 lavra: tudo o que no Nas-
 cimento recebo Maria em
 glorias, veremos que no
 Desterro o paga a Deos em

finezas. Isto será nas tres partes do Sermaõ, o que mostraráõ os tres capitulos deste Livro: *Liber generationis Jesu Christi. Maria est Liber grandis, & novus Liber.*

I. PONTO.

EM primeiro lugar: desempenhou Maria no seu Desterro o primeiro favor, que no seu Nascimento recebeu: e qual foy? A sua vida. Recebeo Maria a vida no Nascimento, em que todos começaõ de a ter. Mas no Desterro, assim pagou a Deos na mesma moeda, que o proprio que recebeu lhe sacrificou: a mesma vida, que Deos no Nascimento deo a Maria, sacrificou Maria no Desterro por amor de Deos. Mas como assim? Se Maria, quando se desterra, não morre, como sacrifica a vida em seu Desterro? Mas isto he hum desterro, e isso o desterrar-se Maria. Para Maria sacrificar hoje a vida, não era necessario que morresse, bastava-lhe que se desterrasse; porque a vida, de

quem se desterra, ou não he, ou não parece vida: viver desterrado, he o mesmo que não viver.

Poem Deos a Adam no Paraíso, e diz que no ponto, em que comer do fruto da sciencia, morrerá Adam: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* Por

dous modos prova este lugar o pensamento, hum que me parece mais commum, e outro mais particular. Antes do particular, ouçamos o cõmum. Come Adaõ do fruto prohibido, desobedece a Deos ingrato, e não obstante a sentença de morte, vive muitos seculos Adaõ. E pois como assim? Passa Deos hum decreto cõtra Adaõ, e sendo este decreto irrevogavel: *Morte morieris*, vive Adaõ, e quebra-se o decreto? Não se quebra o decreto, porque ainda que vive, não vive Adaõ. Naquelle dia se desterrou Adaõ do Paraíso; porque foy o mesmo comer do pomo vedado, que condemnallo Deos a hum desterro: *Emisit eum Dominus* Ibid. 3.
de Paradyso. Pois, diz Deos, v. 13.

Adaõ

Adão desterrado, beni poderá estar vivo, mas ha-se de reputar como morto. Assim faz hum desterro as vezes dá morte, que para se executar em Adão hum decreto de morte: *Morte morieris*, basta que se lhe execute huma sentença de desterro: *Emisit eum Dominus de Paradyso*.

Naõ dou por concluida a prova, porque visto este quadro a outra luz, ainda tem melhor vista. Notay: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*. No mesmo dia, em que comes (diz Deos a Adão) hasde morrer com a morte: *Morte morieris*. Hasde morrer com a morte? Notavel dizer! E pois ahi ha outro modo de morrer, senão com a morte? Sim: o de morrer com o desterro. Havia de desterrar-se Adão naquelle dia, e como com o desterro tambem se morre, para que Adão naõ cuidasse que só havia de morrer com o desterro, se declarou Deos cõ elle, que tambem havia de morrer com a morte: *Morte morieris*.

Tom. IV.

Oh Divina Maria! Condenar-se a hum desterro será morrer sem morte, mas he morrer. Duas mortes tem contra si huma vida: huma, que lhe dà o desterro, e outra, que lhe dà a morte. Tal a fugitiva vida da Mãe de Deos. Mas o certo he, que para hum desterrado, desterro, e morte, tudo he morte. Vede o Sacramento. No Sacramento do Altar retratou Christo a sua Paixão, diz a Igreja: *Recolitur memoria passionis ejus*. Alli estavaõ os cravos, estaõ os espinhos, esta a Cruz, estaõ os açoutes, as affrontas, as injurias, e as descortesias, e finalmente alli esta Christo, ainda que vivo na realidade, morto na representação: *Memoria passionis*. E pois tudo alli esta, e assim esta Christo no Sacramento? Sim; porque no Sacramento deixou-se Christo presente aos olhos da Fé, mas desterrado à vista dos olhos; e ainda que Christo no Sacramento esta impassivel, basta-lhe o ficar desterrado, para se retratar como morto: *Recolitur memoria pas-*

G 3 *sionis*

tionis ejus.

Eis aqui o rigoroso estado de hum desterro. Porisso eu digo que tem a vida duas mortes contra si, a do desterro, e da morte. Mas supposto havemos de fondar aqui fineza grande da Mãy de Deos, estamos em termos de huma famosa conferencia. Notay. Se he certo (vamos assim) que duas mortes tem contra si huma vida, o desterro, e mais amorte: pergunto agora: e em qual destes sacrificios mostraria a Senhora mayor amor? Por ventura em sacrificar-se á morte, ou em sacrificar-se ao Desterro? Tenho para mim, que mais no desterro, que na morte; e a razão he, porque na morte morre-se huma vez só, e no desterro morre-se muitas vezes: e o que vay de morrer muitas vezes a morrer huma só, vay de padecer hum desterro a padecer huma morte.

Que no desterro se morra, não só huma, mas muitas vezes, he tão evidente, que o mostra o Sol todos os dias. Todos os dias morre o

Ecl. 1. Sol: Oritur Sol, & Occidit.

v.5.

E pois assim morre o que he pay, e principio da vida? Sim. Anda o Sol perpetuamente desterrado, porque quando nasce a hum emisferio, se desterra do outro: e como todos os dias se desterra, todos os dias morre. Não apanhece dia para hum desterrado, ainda que seja hum Sol, que se lhe não repita huma morte, e como as mortes se lhe contaõ pelos dias, não se morre no desterro huma vez só, morre-se muitas vezes.

Oh extremo de amor grande o da Mãy de Deos! Se o sacrificar-se a huma morte só, he o fino da caridade mayor, diz Christo: *Maiores charitatem nemo habet;* ^{Joan. 15. v. 31.} que amor, e que caridade não será, sacrificar-se hoje Maria a tantas mortes! Entre as finezas mayores do amor de Christo, as que passaõ de amor a excessõ, saõ duas: o sacrificio da Cruz, e o Sacramento do Altar. Ao sacrificio da Cruz, chamou excessõ de amor S. Lucas: *Loquebantur de excessu;* ^{Luc. 9. v. 31.} e no Sacramento do Altar chamaõ os Padres amor dos

Zach.
9.v.
19.

dos amores de Deos: *Amor amorum Dei*. Porém noto eu, que avaliadas entre si estas duas finezas, ainda a do Sacramento prefere à do Calvario. Foy sentença de Zacarias: *Quid bonum, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?* Mas q̄ singular sentença! Pergunto: Se no Sacramento, e mais na Cruz se nos deo o mesmo Christo, porque ha de exceder ao sacrificio da Cruz a fineza do Sacramento? He pelo que já disse, e pelo mais que direy. Na Cruz padeceo Christo a morte, e no Sacramento abraçou hum desterro: na morte morreo huma vez só, e no desterro morreo o Senhor muitas vezes: e como Christo no Sacramento se desterrou, e no desterro multiplica as mortes, porisso à vista da fineza do Sacramento as mayores finezas ficão a perder de vista: *Quid bonum, & quid pulchrum ejus, nisi frumentum electorum?*

Grande amor, sagrada Maria, grande amor! Condemnar-vos à morte de hum

desterro, e em hum desterro a padecer muitas mortes; isto he pagar em dobro, quando desterrada, a vida que recebestes, quando nascida: he corresponder a Deos com primor grande, regulado pelo que vos deo no Nascimento, que hoje lhe sacrificaes no desterro.

Outra razão, em que a vida da Senhora se sacrifica, acho no seu desterro. Desterrou-se hoje Maria, e para não ser ella só a desterrada, tambem com Maria se desterra Jesus: *Accipe puerum, & matrem ejus, & fuge in Egyptum.* Ainda este desterro he para a Senhora mais cruel. Desterra-se Maria por amor de seu Filho, pena he, que o maternal amor podia consolar na Senhora; mas ver Maria a seu Filho desterrado, isto se nos não segurara o Ceo, que a Senhora tivera vida para voltar, dillera eu, que no desterro acabara a vida.

Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem, diz Christo para explicar aos homens a vida, q̄ no Sacramento lhes dà: *Et*

qui manducat me, vivet propter me. De todas estas palavras, que são altísimas, só nas primeiras tenho o meu reparo: *Sicut misit me vivens Pater.* Assim como gerou (diz Christo) e me mandou à terra o Pay que vive: *Vivens Pater.* Aqui reparo: O Pay que vive: *Vivens Pater.* Parece na verdade superfluo este verbo *Vivens.* Se este Pay he Deos, e Deos por natureza he immortal, superfluo parece dizer-se: o Pay que vive: porque Deos não póde morrer; que isso he ser Deos. E pois para que declara, e diz Christo que não morre, e que vive o Pay: *Vivens Pater.*

Para soltar esta duvida, cõsideray a Christo em dous Nascimentos, que ambos suppoem aqui o Verbo: *Misit. Misit me Pater.* O Nascimento eterno, em que o Pay o gera, e o Nascimento temporal, a que o mandou o mesmo Pay: *Misit me.* Quanto ao primeiro q̃ he o eterno, que achais em Deos? Hum como desterro no sentido, em que já falla-

Sylv.
tom. 3.
lib. 5.
cap. 35
n. 297.

mos: ter o Verbo o Nascimento em hum lugar, que he o entendimento, e o domicilio em outro, que he o coração: *Unigenitus, qui est in sinu Patris.* Bem, e no temporal, que vedes em Christo? O mesmo; porque veyo à terra como desterrado do Ceo, e ainda hoje se começa a ver na terra fugitivo, e desterrado: *Fuge in Aegyptum.* Ha sim? diz Christo: Eu desterrado na terra, e tambem no Ceo como desterrado? Pois seja embora immortal aquelle Pay, que me dà o ser; mas porq̃ no desterro de hum Filho até hum Pay immortal se póde cuidar que morre, para que se não cuide, que contra os privilegios de immortal morre o que he Deos, digo, que sem embargo, de que se desterre o Filho, ainda vive, e não morre o Pay: *Sicut misit me vivens Pater.*

Divina Maria, peregrina Aurora, Estrella desterraada, e fugitiva: se no desterro de hum Filho até de hum Deos se póde cuidar que morre, porque he Pay, que se não

se não cuidará de vós, quando sois Mãy? E se a vida de hum desterro he o mesmo que não ser vida, oh como pagais a Deos, quando desterrada, os favores de quando nascida! E regulando neste Livro da razaõ o recibo pelo gasto, e o gasto pelo recibo, o mesmo que no Nascimento recebeis em glorias, no Desterro o correspondeis em finezas. Digna açcaõ de taõ generoso primor! Pundonorosa verba de taõ soberano Livro! *Liber generationis Jesu Christi. Maria est Liber grandis, & novus Liber.*

II. P O N T O.

EStamos na segunda parte do Sermaõ. O desempenho següdo, com que hoje no Desterro corresponde ao seu Nascimento Maria, he o sacrificio da patria. Patria, e vida deo Deos no Nascimento a sua Mãy, vida, e mais patria sacrifica hoje no Desterro a Mãy de Deos. Ja sey que de ordinario vivem as flores sem patria; porque deixando a ter-

ra, em que nascem, se trasladão para outra terra. Nascio Maria flor por graça, e tendo por patria a Nazareth, terra de flores, se desterrou para o Egypto terra de espinhos. Mas que espinhos taõ crueis, Virgem Maria! Em fim sacrificar a patria huma flor, he fazer, que a que nascio Açucena, se transforme espinhos em Rosa.

Huma vez, que o Espirito Santo chamou Rosa a Maria, não foy, quando a vio em Nazareth nascida, foy, quando a vio em Jericò transplantada: *Plantatio Rosæ in Jerico.* Não ha Rosa, que não tenha seu espinho, e quando Maria em Jericò se vê flor sem patria, logo pelos espinhos se dá a conhecer que he Rosa: *Plantatio Rosæ.* Rosa entre espinhos se vio Christo na Cruz: *Plectentes coronam de spinis.* Mas he de notar, que tendo a Rosa espinhos ao pé, Christo tivelle os espinhos na cabeça: *Posuerunt super caput ejus.* E pois na cabeça, sendo Rosa? Sim. Sobre a cabeça de Christo estava hum titulo, em que

Matth
20. v.
29.

o Senhor sacrificava a patria. *descendit*; por mais que seja de flores, não lhe haõ de faltar espinhos: bem pôde ser todo flores este Paõ, mas haõ de reverdecer os espinhos entre estas flores: *Memoria passionis ejus*.
 A patria, porque sendo Christo natural de Belêm, se chamava alli Jesus de Nazareth: *Jesus Nazaremus*.
 E donde esta flor Divina se desterrava da patria, ahi, ou da hi lhe nascia toda a magoa dos espinhos: *Coronam de spinis*. Não ha patria sacrificada, que não seja toda espinhos para o mimo de huma flor.

No Sacramento do Altar, diz a Igreja, que entre as flores do amor, reverdecem os espinhos da Paixão: *Memoria passionis ejus*. Mas he o Paõ Sacramentado hum Paõ desterrado da sua patria: tem por Patria o Ceo: *Panem Cæli*, e do Ceo se desterrou para a terra: *De Cælo descendit*. Se não dizemos: no Sacramento os accidentes estaõ apartados da substancia: a substancia he a patria dos accidentes, porque della nasceraõ, e se eduziraõ. Pois mysterio, donde os accidentes se vem sem patria: Sacramento, donde hum Paõ, que tem por patria o Ceo, se vê desterrado na terra: *De Cælo*

Oh Rosa admiravel, peregrina flor; Maria soberana! Não me admiro de vos ver flor desterrada, pois nasceis flor peregrina: admiro-me sim, de que a ternura de huma flor possa com hum sacrificio taõ cruel. Dous sacrificios faz hoje a Mãe de Deos no seu Desterro: sacrifica a vida, e sacrifica a patria. Sacrifica a vida, porque a vida, de quem se desterra, mais he morte do que vida. Sacrifica a patria, porque pelos estranhos climas do Egypto deixa o nativo folio de Nazareth. Mas que peregrina questaõ agora! E qual será hoje na Mãe de Deos mayor sacrificio: o que faz da vida, ou o que faz da patria? Se o mais custoso he o mayor, digo que sacrificar a patria he mais que sacrificar a vida.

Notavel he a differença, com que Abrahão se houve
 affim

Gen.
21.v.
10.

Ibid.
22.v.
2.

affim no sacrificio de Isaac, como no desterro de Ismael. Mandou Deos a Abrahaõ, que desterrasse a seu filho Ismael: *Ejice ancillam hæc, & filium ejus*, e mandoulhe que tambem sacrificasse a seu filho Isaac: *Tolle filiũ tuum Isaac, & offeres eum in holocaustum*. Mas houve-se aqui Abrahaõ com tanta differença, quanta se colhe do que diz; e do que não diz o texto. Não consta do Texto, que Abrahaõ tivesse por duro o sacrificio de Isaac, e só o desterro de Ismael, diz, e declara o Texto, que fora duro para Abrahaõ: *Durè hoc accepit Abraham pro filio suo*. E pois como affim? Se ambos eraõ filhos, e se de ambos era pay, porque se ha de mostrar Abrahaõ mais sentido, ou porq̃ lhe ha de doer, e custar mais o desterro de Ismael, que o sacrificio de Isaac? Porque? Porque Isaac no seu sacrificio offerencia a vida, e Ismael no seu desterro sacrificava a patria: e o pay que nestes casos tomava a dor pelos filhos, sentia mais em Ismael o sacrificio

da patria, do que sentia em Isaac a perda da vida. Tanto se estima menos a vida, que a patria: tanto se ama mais a patria, que a vida; que não sendo para Abrahaõ dura a perda da vida em Isaac; foy só duro para Abrahaõ o sacrificio da patria em Ismael: *Durè hoc accepit Abraham pro filio suo*.

Temos confirmação em hum lugar já tocado, mas não expendido. Falla S. Joaõ naquelle titulo, que sobre a Cruz de Christo lhe firmou Pilatos, e he notavel a energia, com que falla: *Scriptis autem & titulum Pilatus, & posuit super Crucem*. Notay: não diz que o titulo se puzera na Cruz, se não sobre a Cruz: *Super Crucẽ*. Donde veyo a entender hũ Author grave, que o realçar o titulo sobre a Cruz, era mostrar, que sobre os tormentos da Cruz ainda sobrepujavaõ os tormentos do titulo: *Super Crucem*. Estremado dizer! Pergunto: e que tormentos são estes, que o titulo dá a Christo, que comparados huns com outros: os da Cruz com

os do titulo : ainda os que dá o titulo , são mayores , que os que da a Cruz ? He pelo que dissemos já , e direy ainda ; entre a Cruz , e o titulo , houve esta differença , que na Cruz acabava Christo a vida , e no titulo sacrificava a patria. Sacrificava a patria no titulo , porque sendo natural de Belém , se chamava Jesus de Nazareth : *Jesus Nazaremus*. E he tanto mais custoso o sacrificio da patria , que o da vida , que ainda sobre os tormentos da Cruz , em que Christo sacrificava a vida , realça os tormentos do titulo , em que sacrificava a patria : *Jesus Nazaremus. Posuit, & Pilatus titulum super Crucem.*

Custoso sacrificio , (Virgem soberana) custoso sacrificio ! Sacrificar a patria ; assim como não ha golpe mais sensitivo , não ha sacrificio mais custoso. Mas aqui (peregrina Senhora) aqui donde he mayor o sacrificio , se vê mais requintado o amor. Dizem , que o amor mayor he sacrificar a vida pelo que se ama : *Maiorem*

charitatem nemo habet , ut Joan. animam suam ponat. Porém ,^{15.v.}
^{13.} se na execucao mais custosa tem o amor a prova mais cabal , digo , que mais ama , quem sacrifica a patria que a vida , porque sobre o sacrificio da vida mais custoso he o sacrificio da patria.

Dous amantes encontro na Escritura , e ambos muy celebres no amor : hum foy David para com Micol , e outro foy Jacob para com Raquel. Mas feita comparação entre hum , e outro amante , entre huns , e outros amores , achamos , que mais celebres , mais decantados , e mais applaudidos no mundo , são os amores de Jacob para com Raquel , que os amores de David para com Micol. Assim o divulga a fama , o publica a historia , o decanta a poesia , e o confirma a Escritura. Mas sobre isto pergunto eu : Davida não atropellou exercitos , não derribou Gigantes , não venceo inimigos , não corooou com riscos evidentes da vida os extremos grandes do seu amor ?

Naõ

Naõ tem duvida. Como logo se ha de applaudir, e celebrar mais o amor de Jacob para com Raquel, que o amor de David para com Micol? Sabem porque? Porque David, he verdade, que atropellando exercitos arriscou a vida; mas Jacob condenando-se a desterrros, sacrificou a patria. Arriscou a vida David, porque em batalha campal sahio a degolar Filisteos, para se casar com Micol. Sacrificou a patria Jacob, porque em quatorze annos, que servio a Labaõ, se fez andar desterrado por solicitar a Raquel. E como o sacrificar a patria seja empenho mais custoso, que o offerecer a vida, menos parece que ama David, quando arrisca a vida por Micol, e mais parece q̃ ama Jacob, quando sacrifica a patria por Raquel. Porisso comparados huns amores com outros, se acha ser mais amada Raquel, do que Micol, e ser mais amante Jacob, do que David.

Isto que lá fez Jacob pela sua Raquel, faz hoje outra melhor Raquel pelo seu Ja-

cob: sacrifica hoje Maria a patria por amor de Christo, e se bem mostra que ama muito em sacrificar a vida, ainda mostra que ama mais em sacrificar a patria. Naõ ha emblema mais proprio do amor do que o Sol. Arde o Sol em incendios, e naõ está longe de mostrar q̃ ama hum Sol, que se abraza. No circulo da sua esfera tem este retrato do amor o seu arco; e porque naõ ha amor sem settas, nos rayos da sua luz tem settas de fino ouro o Sol. Emfim, pinta-se o amor sem olhos, e se o naõ desmentem as Aguias, o Sol a todos faz cegos. Na opiniaõ de Anastasio Sinaita este Principe dos Planetas, assim como se formou na terra, o desterrou logo Deos para o Ceo. Mas retratava-se o amor no Sol, e naõ podia deixar de sacrificar os logros da patria hum Sol, que pelo ardor dos incendios todo se inculcava amor. Digamo-lo de outra sorte, e terá melhor.

Nasce o Sol, e morre, diz Samalaõ: *Oritur Sol, & Occidit.* Mas notay, que fallan-

fallando aqui do Sol em dous estados : no sepulcro , e mais no berço , Salamaõ lhe chama Sol , quando o vê no berço : *Oritur Sol* , e não lhe chama Sol , quando o vê no sepulcro : *Et Occidit* . E pois no sepulcro não he Sol , e só no berço o he ? Sim . O berço he o lugar , em que o Sol nasce , o sepulcro he o lugar , em que o Sol morre : morrer o Sol he acabar o curso da vida , nascer o Sol he começar o sacrificio da patria (illo val fahir do lugar , em que nasce , e remontar-se a outro lugar .) E como isto de sacrificar a patria inculca amor mayor que sacrificar a vida ; não lhe chama Salamaõ Sol retrato do amor , quando sepulta a vida : *Occidit* ; só lhe chama Sol retrato do amor , quando sacrifica a patria : *Oritur Sol, & Occidit* .

Que Sol mais abrazado em amores que o Sol Eucharistico ? Amor dos amores de Deos lhe chamou Santo Thomaz : *Amor amorum Dei* . Mas he o Sacramento , como já dissemos , hum Sol sem patria , porque assim co-

mo o Sol material se desterrou da terra para o Ceo , o Sacramento he hum Sol Divino desterrado alli do Ceo para a terra : *De Cælo descendit* . E Sacramento donde até a patria se sacrifica , que ha de fer , senaõ hum mystério dos amores de Deos ? Hum Sol , que assim como o he dos seus mystérios , o he tambem dos seus amores : *Amor amorum Dei* . Oh Maria soberana ! Filho he o vosso sacrificio , do vosso amor . Sacrificar a patria por amor de Deos , nem ha amor mais fino , nem sacrificio mais heroico ; mas assim paga , quem assim ama , e porisso a patria , que no nascimento recebeis , no desterro a sacrificais . Desempenho segundo da vosla fineza , e segunda pundonorosa verba do vosso Livro : *Liber Jesu Christi. Maria est Liber grandis, & novus Liber* .

III. P O N T O .

Ultimamente , o terceiro sacrificio da Mãe de Deos no seu desterro he o da

o da sua liberdade. Sacrificou a vida que recebeo no Nascimento, sacrificou a patria, que tambem nelle recebeo, e juntamente com a patria, e com a vida até a propria liberdade sacrificou. Não sey se reparais naquelle decreto, porque hoje se desterrou a Rainha dos Anjos: *Fuge in Ægyptum, & esto ibi, usque dum dicam tibi.* Va desterrada Maria, diz o Anjo a S. Jozé: *Puerum, & matrem*; mas advirta-se que neste desterro ha de ter a Senhora o Egypto por prizaõ; e prizaõ tão apertada, que della sem ordem do Ceo não ha de tornar a fahir: *Esto ibi, usque dum dicam tibi.* E pois que? Prizaõ o Desterro do Egypto? Ha de fer o Egypto para a Senhora desterro, e mais prizaõ? Sim; que isso he o desterrar-se, ou fer a que se desterra Maria. Não ha prizaõ, que não seja hum desterro da liberdade; e Maria, quando se desterra pelo seu Jesus, até da sua propria liberdade se desterra. He prizaõ para a Senhora o seu desterro: tudo he, Desterro, e mais pri-

zaõ: Desterro, porque a Senhora se ausenta, e prizaõ, porque se cativa. Tão fina se mostra com Deos, que a não ficar por seu amor cativa, lhe parecerá pouco, e estar desterrada. Emfim, sacrifica-se na prizaõ a liberdade, e huma vez que Maria por seu Filho se desterra, he tão amante, que até a liberdade sacrifica: *Esto ibi, usque dum dicam tibi.*

Ora supposto, que no seu desterro sacrifica a liberdade a Mãe de Deos; venhaõ agora a juizo os mayores sacrificios da Senhora, e vejamos se o da liberdade merece entre todos o titulo de mayor: Dous sacrificios notamos já no Desterro da Sagrada Virgem, que vem a fer: o sacrificio da vida, e o sacrificio da Patria. Parecevos, que será mayor que ambos o da liberdade? Ora notemolos de per si, e comecemos pelo da vida.

Sansaõ, aquelle famoso Sansaõ, a quem as impacencias do seu cativoeiro lhe fizeram abraçar as columnas do templo, e de improviso lho fizeram arruinar, diz elle, que

7.udd.
16.v.
30.

que com a morte de tres mil Filisteos a si mesmo sepultado em ruinas se deo a morte: *Moriatur anima mea cum Philisthim*. Não cuidey, que era Sanção mais cego do q̄ parecia : parecia cego dos olhos, e ainda o vejo mais cego da paixão. Que Sanção quizesse matar os Filisteos, por lhe usurparem a liberdade, e o cativarem, muito embora, mas que elle juntamente quizesse morrer, e se mataste com os Filisteos, porque razão ? Ora o certo he, que não foy a cegueira tanta como cuidamos. Vio Sanção, ainda que cego, que enfim tinha a liberdade cativa, porq̄ estava prezo pelos Filisteos: vio tambem que nas ruinas daquelle templos elle se matava de improvizo, e se sepultava Mas que ? Fez este discurso, como bem mostrou a occasião. Eu arruinando sobre mim a maquina deste edificio (diz Sanção) perco a vida : eu vivendo no carcere, em que me tem violentas prizoens dos Filisteos, perco a liberdade. Pois havendo de sentir hum destes ma-

les, (diz elle) havendo de perder, ou a liberdade, ou a vida, antes quero perder a vida do que viver sem liberdade : *Moriatur anima mea cum Philisthim*.

Oh generosa Maria ! Donde não chegáão os brios de hum Sanção valente, chegáão os do vosso amor mais valente hoje, que o mesmo Sanção. Sanção, aquelle que pizou os medos, e desterrou os temores de perder a vida, só não teve valor para cativar a liberdade. Porém vós com mais animo que Sanção, hoje de huma vez, e de hum só golpe, não só sacrificais a liberdade, nem só a vida, mais a vida, e juntamente a liberdade : a vida ; porque vos desterrais : *Fuge* ; e a liberdade, porque vos prendeis : *Esto ibi*. Mas se comparado o sacrificio da liberdade com o da vida, he mayor o da liberdade, vejamos, se com o da patria ainda aquelle nos parece mayor.

No carcere estava Jozé, e taõ opprimido das angustias da sua prizaõ, que se lamentava assim : *Memento*

*Gen.
40.v.
mei,* 13

mei, ut suggeras Pharaoni, ut educat me de isto carcere; quia furto sublatus sum de terra Hebræorum, & hic innocens in lacum missus sum. De dous males se queixa aqui o affligido Jozé: do seu desterro, e do seu cativoiro. Mas he de notar, que fallando no desterro huma vez só: *Sublatus sum de terra Hebræorum*, no cativoiro falla, não só huma, mas duas vezes: *De isto carcere*, e isaqui huma: *In lacum missus*, eis-aqui outra. E pois porque ha de fallar mais Jozé, ou porque se ha de sentir mais de se ver cativo, que de se ver desterrado? Porque? Porque Jozé desterrado via-se sem patria, Jozé cativo, via-se sem liberdade: e como pelas vozes desabafa o coração, e se alivia a dor, Jozé que busca mayor desafogo ao mayor mal, mais se queixa do cativoiro em q̃ sacrifica a liberdade, do que se queixa do desterro, em que sacrifica a patria. Porisso, fallando no desterro huma vez só: *De terra Hebræorum*, no cativoiro, não só falla huma,

tenaõ duas vezes: *De isto carcere. In lacum missus.*

Oh valhame Deos! Tal he o sacrificio da liberdade, que ou seja comparado com o da vida, ou seja comparado com o da patria, sempre o da liberdade he mayor. E que sendo este sacrificio taõ custoso, o faça no seu desterro a Mãy de Deos! O certo he, que só hum taõ grande amor podia fazer por Christo hum sacrificio taõ grande. Grande foy o sacrificio da vida, mayor o sacrificio da patria, e sobre todos o sacrificio da liberdade. O da vida foy grande, o da patria mayor, e o da liberdade maximo. O da vida foy grande, porque sacrificar a vida; he grande sacrificio: o da patria mayor, porque sacrificar a patria, he mais que sacrificar a vida; e o da liberdade maximo, porque he sobre o da vida, e sobre o da patria. Não ha mayor empenho, para quem tanto no Nascimento recebeo; nem desempenho mayor, para quem tanto no Desterro sacrificou: ultima, e generosa verba do

Livro da razaõ de Maria :
*Liber generationis, Maria
 est Liber grandis, & no-
 vus Liber.*

Tenho acabado o Sermão; só faltava, que em remuneraçãõ do que Maria sacrificou a Deos no seu Desterro, vissemos agora a gloria, com que hoje corresponde Deos aos empenhos de Maria; mas quem vir, e advertir as circumstancias, com que a Mãy de Deos nesta Casa se vê tão magestosamente servida, se vê tão gloriosamente festejada, dirá, que huma das satisfaçoens, que Deos lhe deo, he a gloria grande, com que aqui se vê. Toda a gloria de hum desterrado consiste em se restituir á sua patria; e se a patria da Senhora he Nazareth, que quer dizer flor, ou terra de flores: *Flos, vel florida interpretatur*; a Caia, ou Religiaõ de Saõ Bernardo, que outra cousa he senão hum Jardim de flores, donde, como em Nazareth florida patria, tem a Mãy de Deos a mais agradavel Primavera? Primavera, sim: donde na nobreza do sangue

florece as purpuras das Rosas, no candor do habito a candidez das Afluceñas, na caridade os Amores perfeitos, nas letras as Maravilhas, na pureza d'alma, e do corpo as Angelicas, e nos Benjamins dos Papas, e dos Reys, os Girafões. Em huma Religiaõ pois, que he a flor da santidade (por não dizermos, que com enveja das mais he só a que se leva a flor) tem hoje Maria (sem lhe fazer faudades a patria de Nazareth) toda a gloria, e o refrigerio todo da sua patria. Será Desterro esta Casa na superficie do nome, mas nas delicias, que encerra, he patria á Mãy de Deos: *Flores apparuerunt in terra nostra*, dizia a Senhora nos Cantares. Aparecerãõ as flores da nossa terra. Reparem, que logo lhe chamou terra sua: *Terra nostra*, tanto que a vio com flores: *Flores apparuerunt*. Por onde digo, que huma terra, ou Religiaõ, em que as virtudes florecem tanto, e são nella tantas as flores, quantas as virtudes, he para a Mãy

Mãe de Deos sem contro-
versia a sua patria, porque he
com propriedade a sua ter-
ra: *Flores apparuerunt in
terra nostra*. Não digo mais,
porque não quero, que pa-
reça lisonja o mesmo, que
respeito realidade.

Tambem nesta casa tem
hoje a Senhora a mayor gloria,
não só porque se festeja
aqui com os mayores ap-
plausos, mas porque a feste-
jaão aqui os applausos dos
mayores. Toda a gloria da
Mãe de Deos rematou no
Apocalypse São João em a
ver com Estrellas por coroa:

Apoc. 12. v. 1. In capite ejus corona stellarum. São as Estrellas o ge-
roglifico dos mais illustres.
E obsequios, que os mais
illustres tributaão á Mãe de
Deos, ou ella os estima tan-
to, q̄ se coroa com elles, ou
elles lhe daão tanta gloria, q̄
lhe servem de coroa. He a
coroa (fallando em termos
vulgares) isto a que chama-
mos remate: e são taõ glo-
riosos para Maria estes ap-
plausos: são taõ gloriosos
para Maria estes obsequios,
que por não poderem sobir
mais na grandeza, rematao

nelles as glorias como em
coroa: *Coronam stellarum*.
Mas assim coroa Deos a Ma-
ria, porque assim soube
Maria empenhar hoje a
Deos.

Ora Virgem Santissima,
nascey, e logo que nasceis
vos desterray. Nascey, pa-
ra que no vosso glorioso
Nascimento vos dê Deos
patria, liberdade, e vida:
e logo que nasceis vos de-
sterray, para que de huma
vez sacrificueis a Deos a
vida, a patria, e a liberdade
Tudo achamos em vós co-
mo em Livro de admira-
veis finezas: que de finezas
taõ admiraveis só vós po-
deis ser hoje o melhor Li-
vro: *Maria est Liber gran-
dis, & novus Liber*. Sim:
Livro sois, e Livro da ra-
zaão, donde regulado pelo
recibo o gasto, e pelo ga-
sto o recibo, hoje no Des-
terro dispendeis em finezas
o mesmo, que no Nascimen-
to recebestes em glorias.
Fazey agora, oh Sagrada
Maria, que acompanhando-
vos neste Desterro hoje
o amor, e a lealdade
dos nossos coraçoes, se

achem nesse Livro entre nós, e vós juntamente, verbas tambem de recibo, e de gasto: de recibo, dignando-se a vossa piedade de aceitar no seguimento dos vossos passos os nossos affe-

ctos; e de gasto, fazendo que nesta vida se nos assegurem por vós os favores da graça, e na outra os logros immortais da eterna gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ

D O

M A N D A T O,

P R E G A D O

Na Sé de Lisboa.

Sciens Jesus, quia venit hora ejus, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos. Joan. 13.

HOje, que o amor de Deos todo he prodigios, quem, senão o allombro lhe podia servir de Orador? Vós meu Deos em horas taõ poucas de vida: *In finem*, com finezas tantas de amor: *Cum dilexisset, dilexit.* Vós, que sois Deos,

e sabeis o que sois: *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit*, hoje como esquecido do mesmo, que he fer Deos: *Tu mihi lavas pedes?* Vós, digo, com as riquezas do Pay ás mãos cheyas, e todas na vossa mão: *Omnia dedit ei Pater in manus*, ansioso de servir, vos leyan-

levantais da mesa: *Surgit à cena*, e para ministrar solícito despôs a tunica: *Ponit vestimenta sua*. Finalmente, vós que cingido com huma toalha, e posto pelo amor em apertos: *Præcinxit se linteo*, vos lançais a mares profundos, que nas margens de huma bacia, quanto mais se estreita o mar, mais fundo he: *Misit aquam in pelvim*, humilde, amante, e reverente, pedis de joelhos os pês aos homens, e lhe lavais os pês de joelhos: *Cæpit lavare pedes Discipulorum*. Isto, Senhor, são huns mysterios tão levantados, são huns extremos tão maravilhosos, são huns prodigios tão estupendos, que deixando entre naufragios o juizo, só podem encarecellos os passmos, e só exprimillos os assombros: *Potius*, diz o grande Agostinho meu Padre, *potius admiranda sunt, quam dicenda*.

D.
Aug.
tr. 55.
in
Joan.

Neste dia pois Pedro, que em tanto mar de finezas se arrojou a tomar pê, não achou fundo: *Quod ego facio, tu nescis modo*. E donde faz naufragios até

hum Pedro, que juizo não perderá o norte? E que entendimento se não hirá a pique? Mas oh amorosissimo Deos! Tudo o que em nós são naufragios no juizo, são em vós triunfos no amor.

Se entendiaõ as finezas, que elle havia feito, se percebiam os extremos, que elle havia obrado (pergunta nesta hora Christo aos seus Discipulos) *Scitis, quid fecerim vobis?* Mas não fora este amor seu, se o mesmo que viaõ os olhos, o penetrassem os entendimentos. Amor, a quem o discurso alcança, não he o mayor amor. Grande fim he só aquelle, que ainda que manifesto á vista, sobrepuja á intelligencia.

Quem só podia fallar no amor deste dia, era o mesmo amor: porque se Deos voando sobre os Querubins superou já a mesma sabedoria: *Ascendit super Cherubim, & volavit*: os Serafims, que todos são amor, forão só os que voaraõ ao peito de Deos: *Velabant faciem ejus, & volabant*.

Psal.
17.v.
11.

Isai. 6.
v. 2.

Porisso hoje o Chronista q̄
fó foy de Christo, e dos a-
mores de Christo, foy o
Evangelista S. Joaõ, como
fó elle reclinou a cabeça no
peito do Senhor, só elle, que
no seu coração bebeo os dis-
cursos, fallou nos extremos.
Tal amor só póde ser o
Chronista de si mesmo, e
querer outrem, que não se a
elle, fazer-se seu Chronista,
quando não seja temerida-
de, parecerá ignorancia:
*Quod ego facio, tu nescis
modò.*

A' vista pois de tão ma-
nifesto defengano, quizera
eu, se podera, ser hoje mais
ouvinte, que Prégador; ;
mas alenta-me a considera-
ção, meu Deos, ver que
passando vós hoje por tan-
tas offensas, também dissi-
mulareis as minhas ignorañ-
cias: e se de vós só falla bem
neste dia hum coração que
ama, perdoay ser o meu
coração tão pouco amante,
que não tem boca para fal-
lar, mas a minha lealdade
ha de fallar de vós hoje com
o coração na boca: vamos
ao Thema.

Sciens Jesus, quia venit

*hora ejus, cum dilexisset
suos, in finem dilexit eos.*

Nestas palavras ultimas do
nosso Thema, o Evangeli-
sta S. Joaõ (Chronista que he
dos amores do nosso amante
Jesus) diz, q̄ amando sempre
aos seus com mil ternuras,
agora que se aparta delles,
os amou com prodigiosas
finezas: *Cum dilexisset suos,
in finem dilexit eos.* Este en-
carcencimento tão notavel do
Evangelista me faz consi-
derar agora, ou admirar,
que sendo o amor de Chri-
sto sempre hum prodigio,
hoje com especialidade pó-
demos notar tres prodigios
no seu Divino amor. Vistos,
e ponderados bem, entre as
clausulas do Thema os my-
sterios deste dia, tres cousas
obseruo hoje no amor de
Christo: vejo hum amor
com excessos: vejo hum a-
mor com retiros: vejo hum
amor com abatimêtos. Com
excessos, porque Christo se
ausenta sendo amante; e
morre sendo hum Deos:
*Transseat ex hoc mundo ad
Patrem.* Com retiros, por-
que além de morrer, e se
ausentar, deixa-se em hum

I. Ad
Corint.
II. v.
13.

Sacramento, donde não daõ fé delle os nossos olhos, permitindo-se só a os olhos da nossa fé: *In qua nocte tradebatur, accepit panem.* Finalmente com abatimentos, porque postrado hoje aos pés dos homens lança agua em huma bacia, e com profunda humildade começa a lavar-lhes os pés: *Cepit lavare pedes Discipulorum.*

Mas oh prodigio do amor admiravel! De ordinario os abatimētos desfoduraõ a soberania, os retiros defacreditaõ a fineza, e os excessos deslustraõ a razaõ. Hoje porém he taõ prodigioso este amor, que nem os excessos o deslustraõ, porque he sabio; nem o defacreditaõ os retiros, porque he fino; nem os abatimentos o desfoduraõ, porque se ostenta soberano. Temos pois hoje para assumpto do Sermaõ tres singulares prodigios no Divino amor: hum amor com excessos, mas sabio. Hum amor com retiros, mas fino. Hum amor com abatimentos, mas soberano. Vem a fer (e dividamos o Sermaõ em tres assumptos) Hum

amor sabio nos seus excessos. Este o primeiro. Hum amor presente nos seus retiros. Este o segundo. Hum amor feberano nos seus abatimētos. Este o terceiro. Estas as tres maravilhas do amor de Christo, e as tres partes do meu Sermaõ. Vamos agora vendo em cada parte, o como foy prodigioso nesta hora este amor: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

I. P O N T O.

O Primeiro prodigio do amor de Christo he fer sabio nos seus excessos. Mas se o fer nos excessos sabio he prodigio, não será menos prodigio, que sendo amor seja sabio. Comecemos por aqui. Em toda a experiencia o amor se pintou sempre menino por antonomasia. Seria cabal a copia para a ternura, mas não para a madureza. Menino, donde são poucos os annos, que fracos são nelle os discursos? Nas letras, assim Divinas, como humanas, o amor se chama huma vez morte,

e outra vez enfermidade: se he enfermidade, não está longe dos delirios; e se morte, muy perto dos defacordos. Tambem se diz, que he fogo ardente o amor; mas se o fogo arde no coração, seu fumo ha de haver para os olhos. Porisso como cego que, he tambem se pinta vendado: fumos de ignorante: cuida que tem olhos que tapar, e não vê, que de nascimento he cego: emfim, delirios de louco, trazer os olhos em venda, e dar os olhos de graça.

Mas oh, que faltar-lhe ao amor entendimento, he o mesmo, que não ser amor. Se ao fogo falta a luz, ao arder, que gloria he? Amor sem juizo he fogo sem luz, e trocar os luzimentos por estrago, mais he ser Jupiter, que Cupido. Tocha foy de amor o Sagrado Bautista, porisso por antonomasia amigo do Senhor: *Amicus sponsi*. Mas que tocha, ou que amor foy este, que se retratou nesta tocha? Foy, diz Christo logo, o que só he, e pôde ser amor: *Ille erat lucerna ardens, & lu-*

cens. O amor, que na verdade he amor, diz Christo, não só se retrata em fogo, nem só em luz; mas em luz, e juntamente em fogo. Em fogo, porque he tocha que arde: *Ardens*; e em luz, porque he tocha que resplandece: *Lucens*. Tal a tocha, ou o amor do Bautista: todo fogo, e todo luz: luz para luzir entendido: *Lucens*, e fogo para arder abrazado: *Ardens*. Oh amor grande! Luz sem fogo, seria luzir, mas não arder: fogo sem luz, seria arder, mas não luzir. Pois seja o amor luz, e juntamente fogo, para que se veja, que ha de arder, e luzir juntamente: *Ille erat lucerna ardens, & lucens*.

Eis-ahi, e com perfeição sem igual, o amor de Christo: amor, que todo no entendimento he luz por hum *Sciens* entendido. Amor, q̄ todo no coração he fogo por hum *Dilexit* abrazado. Nem S. Joaõ o definio só pelo *Sciens*, que isso seria ser luz, e não fogo; nem só o definio pelo *Dilexit*, que seria ser fogo só, e não luz: mas

Joan.
3. v. 59.

Ibid. 5
v. 35.

mas por luz, e fogo juntamente: por fogo, a quem o *Dilexit* inculca, e por luz, a quem o *Sciens* manifesta: por hum *Sciens Jesus*, e hum *In finem dilexit*.

Oh amor, hoje tanto mais sabio, quanto mais amor! Reparay, que entre dous *Sciens* nos poem São João no Evangelho o *Dilexit* de hoje. Hum, que escreve antes: *Sciens quia venit hora, ut transeat*; e outro, que poem depois: *Sciens quia à Deo exiit, & ad Deum vadit*. Notavel Evangelho, mas mais notavel amor! Duas sciencias, e o amor hum só? Sim, que no amor, o de mais sciencias he mayor amor. Finezas, que não são muy advertidas (diz São João) avalião-se por menos delgadas: antes se não são delgadas, não eraõ finezas. Hum *Sciens* antes poem o Evangelista, e depois outro: hum antes, para mostrar, que o Senhor entendia, quando obrava; outro depois, para mostrar, que o Senhor obrava, como entendia. Estremado amor o de tanto *Sciens*! Se o *Sciens*

estivera só depois, e não antes, mostraria ser o amor sabio no fim, mas não no principio: se o *Sciens* estivera só antes, e não depois, mostraria ser sabio o amor no principio, mas não no fim. E como o amor he circulo perfeito, diz Santo Thomas: *Circulatio apparet in amore*, ha de unir nos dous *Sciens* o seu fim com o seu principio. Ha de ter por base hum, em que comece: *Sciens Jesus*, e por coroa outro, em que remate: *Sciens quia à Deo exiit, & ad Deum vadit*. Peregrino *Sciens*! Maravilhoso *Dilexit*! Não só sabio huma vez, mas duas vezes sabio: huma por onde começa: *Sciens dilexit*; outra por onde acaba: *Dilexit sciens*. Isto fim, se só he amor, o que mais sabio he, direy eu, que até aqui, e não mais amor!

Mas se he prodigio, que seja sabio hum amor, tambem o ser nos excessos sabio, será prodigio. Dous excessos (diz o nosso Evangelista) se virão no Divino amor na presente hora: soy hum o

exces-

excesso de partir : *Ut transeat*, e outro foy o excesso do morrer : *In finem*. Mas taõ sabio se mostrou o amante Divino na disposiçaõ destes excessos, que deixando por conta do entendimento a traça do partir, deixou por conta do amor a fineza do morrer. Ouvi a Saõ Joaõ: *Sciens quia venit hora, ut transeat*. Eis-alli o *Transeat*, que he a partida, junto do *Sciens*, que he a sciencia : *Sciens ut transeat*. Diz mais: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*. Eis-alli o *finem*, que he o morrer, junto ao *Dilexit*, que he o amor : *In finem dilexit*. Mas oh prodigio ! E isto que foy (diz Saõ Joaõ) se não traças tudo de hum amor sabio ? Não quiz o Divino amante deixar a ausencia por conta do seu amor, porque o amor defacredita-se com a ausencia : deixou sim a morte por sua conta, porque o mayor credito de hum amor he só morrer pelo que se ama. Bem lhe está ao amor huma morte, mas não lhe está bem huma ausencia : huma morte

sim, porque he fineza : huma ausencia não, porque he mudança. Bem lhe está ao entendimento o partir, mas não lhe está bem o morrer : o partir sim, porque he traça discreta, o morrer não, porque he fineza amorosa. Pois, diz Christo, para que se veja o como he sabio o meu amor, olhe-se para a disposiçaõ dos seus excessos. A cada hum dou o que he seu : ao entendimento a traça do partir : *Sciens ut transeat*, e ao amor a fineza do morrer : *In finem dilexit eos*. Alta prova, e na occurrencia de dous textos intrincada.

Parte Christo para o Ceo glorioso, e diz David, que os Querubins lhe faziaõ o apparato : *Ascendit super Cherubim, & volavit*. Ap-^{Pf. 17. v. 11.} pareceo no Ceo a Ifaías crucificado, e diz elle, que foy nas azas dos Serafins : *Sera-^{Ifai. 6. v. 2.}phim stabant super illud*. Advertidos os casos, tem seu mysterio. Pergunto : morrendo, he nos braços dos Serafins, e sobindo, os Querubins o levaõ nos braços ? Sim : olhou Deos para estas Jerar-

Jerárquias, e deo a cada huma, o que lhe tocava. Os Serafins são por natureza amâtes: *Plenitudo amoris*. Os Querubins são por natureza sabios: *Plenitudo scientiæ*. E como os Serafins são amor, porisso lhes deo a morte, porque a morte corre por cõta do amor: *Seraphim stabant*. E como os Querubins são sabedoria, porisso lhes deo a ausencia, porque por conta da sciencia está a partida: *Ascendit super Cherubim*.

Entre Serafins morre, entre Querubins se parte: entre Serafins morre; porque como o morrer era a mayor fineza, as finezas correm por conta do amor, que são os Serafins: *Seraphim stabant*. Entre os Querubins se aparta; porque como o apartar era ausencia, as ausencias correm por conta da sabedoria, que são os Querubins: *Ascendit super Cherubim*. O amor o mata, a sciencia o leva. Pela vontade morre, pelo entendimento se parte. Porisso o Evangelista ponderosamente distinguia hoje a sciencia

do amor, e o morrer do ausentar; querendo mostrar-nos, que era este amor tão sabio na disposiçãõ dos seus excessos, que deixando o ausentarse por conta da sciencia: *Sciens ut transeat*, o amor tomava o morrer á sua conta: *In finem dilexit*.

Oh amor admiravel! Oh traça maravilhosa! Traça foy do Divino amor o repar-tir estas duas potencias: o entendimento, e a vontade: o entendimento para a partida, e a vontade para a fineza. Seria injuria do seu amor, se traçasse elle esta partida. A parte o entendimento embora a Christo dos homens, mas não se diga tal do seu amor. Amar, e partir, não se concordaõ bem: accommodarse-ha o amor a morrer, mas a partir, não se póde o amor accommodar.

Questaõ muy ventilada he, que havendo Deos de redimir o mundo, havendo de encarnar para isto huma pessoa, que fosse Deos, sem embargo de ser o Espirito Santo tão Deos, como he o Verbo, encarnasse o Verbo, e não

Joan.
I. v. 14

e não encarnasse o Espírito Santo: *Verbum caro factum est, & habitavit in nobis.* Pergunto: o Espírito Santo não concorre também para a Encarnação do Verbo?

Luc. I.
v. 35

Sim: *Spiritus Sanctus superveniet in te*, nos diz S. Lucas. *Et conceptus est de Spiritu Sancto*, diz a Igreja. Agora pois: se para a redempção do mundo o Espírito Santo se mostra tão empenhado em encarnar o Verbo, elle como deixa de encarnar, e tomar a seu cargo a obra da Redempção? Direy, ou Santo Athanasio a favor meu o dirá melhor. Esta obra da redempção (supposto o decretado) havia de consummar-se com duas cousa: com huma morte da pessoa, que nos remisse, e com huma ausência della mesma pessoa. He o que passou em Christo: morreo, e depois que morreo, se ausentou: *Assumptus est in Celum.*

Pois alto, diz o Senhor: ausência, e morte, muito parece; mas a ser muito para sentir huma morte, he mais para recear huma ausência. Obra, que se ha de

consummar (diz o Espírito Santo) com ausentar-se dos homens, não he para quem todo he amor. E como por formalidade da sua processão he todo amor o Espírito Santo, achou, que sendo amor, bem poderia morrer, mas pelo mesmo caso, que era amor, não se poderia ausentar. Ouvi a Santo Athanasio: *Spiritus Sactus mori poterat*, diz o Padre, *sed non patiebatur iterum assumi.* O Espírito Santo, como valente, bem se atrevia com a morte, mas por muito amante não se atrevia com a ausência, que tendo o amor forças para morrer: *Mori poterat*, só para se ausentar não tem forças: *Non iterum assumi.* Parece que no peito do Espírito Santo lutavao neste caso os desejos de morrer, e os temores de se ausentar: os desejos de morrer lhe diziao que encarnasse, os temores de se ausentar lhe diziao que não viesse: e pode mais para não encarnar o temor da ausência, do que para vir o desejo da morte: sendo amor, bem se accommodava

D.
Athanasio

modava a morrer, mas por fer amor, se não accommodava a partir: *Mori poterat, sed non patiebatur iterum assumi*. Eis-ahi o amor de Christo, e as destrezas hoje do feu amor: reparte o entendimento, e a vontade: a vontade para a fineza, e o entendimento para a partida: as partidas, que são do entendimento, correm só por conta da sciencia: *Sciens ut transeat*: e as finezas, que são da vontade, por conta só do amor: *In finem dilexit eos*.

Outra circumstancia tiveram estes excessos, que acreditaõ de muy entendido o amor de Christo, e foy, que para Christo obrar hoje excessos de amor, esperou que chegasse a sua hora, diz S. Joaõ: *Sciens Jesus, quia venit hora ejus*. Reparem nas palavras: diz que a hora veyo: *Venit hora*. Bem se segue logo, que foy o amor o que a esperou. Mas não vem, que era amor entendido: *Sciens*. Pois claro está, que havia de esperar horas este amor, porque amor, que para obrar excessos não

sabê esperar horas, he amor nescio.

A huma voz, que pela meya noite foy ouvida: *Medita autem nocte clamor factus est*, se levantaraõ cuidadofas dez Virgens a preparar suas luzes: *Surrexerunt omnes virgines illæ, & ornaverunt lampades suas*. Mas ainda que taõ iguaes neste cuidado, ficaraõ muy diferentes no premio, porque humas foraõ avaliadas por nescias: *Quinque autem ex eis erant fatue*, e por prudentes outras: *Et quinque prudentes*. Agora pergunto eu. Se em todas houve a mesma vigilancia, como tiveraõ taõ diversa recompensa? Humas prudentes, e entendidas, outras fatuas, e nescias? Sim. Não vem, que ainda que tiveraõ feu amor, porque todas tiveraõ feu cuidado: *Surrexerunt omnes virgines illæ*: humas foubereaõ esperar a hora, em que o Espofo veyo, e celebraraõ as bodas: *Intraverunt cum eo ad nuptias*, e outras não foubereaõ esperar esta hora: *Dum autem irent emere, venit Sponsus? Pois sejaõ*

sejaõ só as que fouberaõ esperar a hora entendidas : *Quinque prudentes*, e siquem, as que a não fouberaõ esperar, por nescias : *Quinque fatuæ*, e pelo mesmo respeito em grande cuidado postas : *Vigilate, quia nescitis horam*. Digamos logo, e concluamos : se o amor, que não sabe esperar horas he muy nescio, como está provado, muy entendido se mostra hoje o amor do nosso Deos, pois sabe esperar a sua hora : *Sciens quia venit hora ejus*.

Temos, a meu ver, provado este discurso : mas não ha prova, que não tenha contra si hum argumento : argumento pois assim contra o provado. He certo, que o amor, que para mostrar seus quilates espera horas, nem sempre obra finezas : logo mais fino he que este amor, o que a toda a hora, e sem differença de tempo as executa. Corroboro a cõsequencia : Amor, que suspen de extremos, e espera determinadas horas para obrar excessos, ou se escrupuliza mudavel, ou se não

mostra o mesmo a toda a hora, ou dá a entender que se cança, ou que decançando espera : e se quem ama dizem que corre, direy eu, que quem espera não ama. Logo o amor, que espera horas, não he o mais fino amor. Assim parece, mas não he assim.

O amor, que sem distincção de tempo, a toda a hora se empenha em obrar excessos, he só amor da vontade, que como potencia cega, não sabe determinar horas, nem conhecer as occasiões : e que se segue destes desperdicios ? Duas cousas : a primeira, não se estimarem as finezas por muy continuadas ; e lá vay o amor, porque se envilece o respeito : a segunda, faltarem os extremos na occasião, porque se dispenderaõ sem reparo, ficando o tal amor neste póto, como cego, precipitado de golpe.

O amor, que sabe esperar horas, eleger tempos, e conhecer occasiões, he amor, sobre voluntario, muy entendido, e como sempre leva a razão por norte, nun-

ca o deslustra o erro: não falta na occasião, e acredita-se: não obra fóra de tempo, e perpetua-se: com que livrando-se de ficar todo cinza em tanta chamma, rompe luminoso rayo de tanta luz. Emfim: he o peito de hum amante entendido relogio muy concertado; e peito, que for relogio, sua hora hade ter muy a seu tempo.

Que mayor amor que o do Eterno Padre para com seu querido Filho, e mais, para acreditar com obras, em que o amor consiste:

I. *Non diligamus verbo, sed opere*, foy necessario que chegasse aquella hora, por largo tempo esperada: *Pater, venit hora, clarifica*

Filium tuum. Que mayor affecto vio em si o mundo, que o que Christo bem nosso teve a sua Mãe Santissima? E mais, pedindo-lhe em certa occasião a Senhora que obrasse por seu amor huma fineza, respondeo, que não era ainda chegada a sua hora: *Quid mihi, & tibi mulier? Nondum venit hora mea*. Como se quizes-

se dizer nisto, (e fechemos aqui o discurso) que não era lustre de hum amor entendido obrar excessos a todo o tempo, porque sabia muy bem hum entendido amor a hora, em que para os não perder, os havia de executar: e porque o nosso maior amante vio que era chegada hoje a que esperava, porisso como entendido os obrou com tal fineza: *Sciens quia venit hora ejus: cum dilexisset suos, in finem dilexit eos*.

II. PONTO.

O Segundo prodigio do amor de Christo he, que affectando retiros no Sacramento, nelle, para perfistir amor, se vê presente hoje nos seus retiros. Na especulação de quem ama, ainda se não averiguou a questaõ: em qual de duas cousas se estimava mais o amor, se na ausencia, se na presença? Na variedade das razões se tem feito atéqui problematica a resolução. Mas por hora ouviremos as partes, e daremos a sentença.

Primeiramente: tem para si alguns, que o amor se aviva mais na presença, que na ausência, e funda-se na experiencia a sua razão; porq̃ a presença, como máy que he, alimenta as ternuras, e a ausência, em tudo madrastra, esquivava as memorias: porisso dizem, que o meter terra de permeyo, he desterrar sem culpas ao amor. Pintaõ os humanos ao amor vendado, e eu tomára saber, porque tapaõ os olhos a hum cego? Mas já sem, que lhos não tapaõ, para que não veja, prendem-no sim, para que não fuja. Passos, que hum amante dá, feráõ passos para o caminho, mas são trespassos para o cuidado. Em ternas lagrimas rompem sempre os olhos nas ultimas vistas, dizem, que para qualificar ternuras de hum amor fino, mas eu digo, que para solenizar exequias por hum amor finado.

São os eclipses do Sol, confôrme os Mathematicos, por interposiçaõ da Lua, e os da Lua por interposiçaõ da terra. Mete-se a Lua en-

tre nós, e o Sol, e eclipsa-se o Sol: mete-se a terra entre o Sol, e a Lua, e eclipsa-se a Lua. O amor do mundo, eu não digo, que he aluado, mas que tem seus minguan-tes, e enchentes: mete-se a terra em meyo de dous amã-tes, e logo se conhecem no feu amor os eclipses. Emfim he a presença uniaõ, de que o amor vive, he a ausência separaçãõ, em que o amor morre. Na presença o amor he Feniz, que se abraza, na ausência o amor he Aguia, que se remonta. Alli o calor he fogo, para arder esta Feniz, aqui a tibieza he ar, para desapparecer esta Aguia. He logo certo, que na ausência o amor acaba, na presença só persiste amor. Atéqui a experiencia, e a razão, agora a Escritura.

Em huma cisterna grande, mas secca (diz o Texto) escondéraõ lá os filhos de Israel o fogo do Templo, antes de irem para o cativeiro de Babylonia: *Ignem absconderunt in valle, ubi erat puteus altus, & siccus.* Dig-^{2.} *Math.*
no reparo he, que havendo de esconder-se este fogo, o
eicon-

escondêsem em huma cisterna : *Ubi erat puteus*. Cisterna para esconder fogo? Isto mais he reputar o fogo por agua, do que por fogo. Mas eis-ahi o que nas ausencias do seu cativoiro entendêraõ os filhos de Israel. Huma vez , que entre elles, e o fogo mediou ausencia, logo o mesmo, que era fogo , se reputou por agua. He o fogo symbolo do amor , he a agua gergolifico da tibieza , e que ausencia ha (ainda na imaginaçãõ considerada) em que se naõ ache tibieza , o que he amor , e em que se naõ torne agua , o que he fogo : *Ignem , ubi puteus erat*.

Parece que foy discurso , mas vio-se por experiencia. Voltáraõ depois os Israelitas , e buscando outra vez o fogo, que deixáraõ antes, que se diz que acharaõ ? *Non ignem* , diz o Texto ; *sed aquam crassam*. Ausentayvos lá , e vereis , se quando voltais he agua o mesmo , que quando partis, he fogo. Tudo fogo ao despedir : *Ignem* , mas ao voltar tudo agua : *Aquam crassam*. O

Tom. IV.

que porém tenho por mais aqui, he , que convertido o fogo huma vez em agua, depois na volta dos Israelitas a mesma agua se converteo em fogo : *Et accensus est ignis magnus*. Tal he a presença no amor, e tal a ausencia : na ausencia o fogo todo he agua : *Aquam crassam* , e na presença a agua toda he fogo : *Ignis magnus*. Emfim amor em fogo , affecto em agua , só a ausencia o faz , ou a presença : se o presenciais , a agua he fogo : *Ignis* , e se vos ausentais , o fogo he agua : *Aquã*. *Non invenerunt ignem , sed aquam*. *Accensus est ignis magnus*.

Atéqui tem allegado a presença pela sua parte. Entremos a ouvir agora, o que tambem pela sua diz a ausencia. Exame estreito do amor, dizem, que he a comunicação frequente. Mas ser a comunicação , a que mais diminue o preço, direy eu , que o mayor exame mais está na despedida , que na comunicação. Febre se chama o amor cõmummente : *Febrem amoris* , diz Sã-

I

to

to Ambrosio , e se na febre ha tambem symptomas , o symptoma mayor desta febre he começar o desejo com fome, e acabar o logro com fastio. Não são logo as finezas , as que se acabaõ nas despedidas , antes se inventáraõ no mundo as despedidas para ultima prova das finezas. Sim : despedida , para se ver até onde chegava a ternura : despedida , para se saber até onde cursa a fineza Mais estremado he logo hum amor nos braços de huma despedida, que nos logros de huma afflictencia. Melhor o direy.

Nascer de huma presença terna o amor fino , he nascer da manhã o dia , o Sol da Aurora , do fogo a luz , e o effeito da causa. Tudo natureza, mas não façanha. Nascer porém de huma ausencia o amor , he fazer da homicida máy , brotar dos espinhos a Rosa , tirar da morte a vida, do veneno a triaga , e o antidoto da peçonha. Logo o amor mais estremado não he o da presença só, mas o da ausencia. Emfim amor, que para con-

servar-se amor, necessita dos carinhos ternos de huma presença amorosa, pequeno amor he. Amor porém, que sabe persistir amor, e o he a pezar de huma rigorosa ausencia , este de todo o amor he remate, porque atéqui, e não mais amor.

Hum livro todo escreveu de amores finos Salamaõ nos Cantares. Amores eraõ de Rey na realidade, e na figura os Reys dos amores. Porisso para tanto amor curto papel todo hum livro. Na primeira folha do livro começou este amor a solicitar presenças , affectando a uniaõ mais intima da prenda que amava : *Osculetur me osculo oris sui*. Viramos a folha, e achamos que este amor valente entrou em competências com a morte : *Fortis est ut mors dilectio*. Da mos emfim com os olhos no fim do livro, e que achamos? Hum desdem, huma esquivança, e huma despedida : *Heu fuge, dilecte mi*. Esta he a palavra ultima daquelle livro, que foy todo do amor hum Epifodio. Notavel livro, e mais notavel amor. No

No principio o amor solicita presenças: *Osculetur*, e no fim affecta distancias: *Fuge*. Sim, que isso he estar o amor no fim, ou no principio: isso he ser amor Menino, ou ser Gigante: amor, que solicita presenças para acreditar-se amor, he hum amor muy tenro, porque saõ isto principios, por onde o amor começa: *Osculetur me*. Amor, que affecta distancias, e persiste amor, he hum amor robusto, porque saõ isto remates, em que o amor se coroa: *Fuge dilecte*. Presenças no amor saõ os primeiros alentos do amor: ausencias no amor saõ os ultimos esforços do querer; porisso se começa só em solicitar presenças: *Osculetur me*; remata em affectar distancias: *Heu fuge dilecte mi*.

Mas notay, que nas duas palavras: *Fuge*, e *Dilecte*, o mesmo que atégora dissemos, resumõ agora. Naõ poem (se bem advertires) o *Dilecte* primeiro que o *Fuge*, poem fim o *Fuge* primeiro, e depois o *Dilecte*: *Fuge dilecte mi*. Mas cõ

razaõ. No *Dilecte* tudo o que soa he amor. No *Fuge* tudo o que se vê he ausencia. E a gloria do amor mais fino, e mayor, naõ está em ser amor antes de sentir huma ausencia, está em haver ausencia, e depois persistir amor. Porisso o *Dilecte* se naõ poem antes do *Fuge*. Porisso o *Fuge* se poem primeiro que o *Dilecte*: *Heu fuge dilecte mi*.

Tem allegado as partes ambas pela sua parte, e dito da sua justiça. Mas com licença sua, a Justiça sendo de ambas, de nenhuma o he. O amor fino, e o mais abalizado extremo, sabeis em que está? Naõ só na ausencia, nem só na presença. E pois em que? Na presença, e juntamente na ausencia. He o que na instituição do Sacramento se vê hoje. Deixa-se naquelle Sacramento Christo, e como? Presente, e mais ausente: presente aos olhos da fé, e ausente á vista dos olhos: pouco conhecido pela vista, mas muy bem visto pela fé. Com retiros, fim; mas (por existencia ineffavel) presente nos seus

retiros. Oh amor grande ! Quem for de parecer , que o amor na ausencia se diminua , alli tem a Christo presente aos olhos da fé. Quem for de parecer , que na ausencia se acredita mais o amor , alli tem a Christo ausente á vista dos olhos ; presente para o logro , ausente para o dezejo. Tudo se acha hoje no amor Divino , por isso hoje mais que sempre mayor amor.

He de fé , que os Anjos na gloria estão gozando sempre a vista do summo bem :

Math *Angeli eorum semper vident*
18.v. *faciem Patris*, diz Christo.

10. O Apostolo S. Pedro , falando ainda assim nesta gloria , a define pela esperança :

I. Pet. *In quem desiderant Angeli*
1.v. *prospicere*; diz o Santo. Não
12. vi difficuldade mais facil de

encontrar , nem mais difficullosa de resolver. Se possuem , como dezejaõ , e se dezejaõ , como possuem ? Porque o possuir exclue o dezejar , e o dezejar não se compadece com o possuir. Ora a soluçãõ desta duvida está em ser a gloria o summo bem , que isso he o ser

gloria , e na felicidade de possuida se compadece com a ancia de dezejada. Melhor: consiste a gloria toda na vista de Deos , que todo he amor por essencia , e na pena do Evangelista amado o mesmo amor : *Ipse Deus* *I. Joan*
charitas est. E hum amor , 3.v. 16 que he o mesmo que Deos he , e val huma gloria toda , presente ha de estar , e mais ausente : presente para o logro : *Semper vident* , e ausente para o dezejo : *In quem desiderant Angeli*.

Nem por outra razaõ , diz Isaias , naquelle trono , em que Deos se vio abrazado em amor , e taõ abrazado , que lhe refrigeravaõ o peito as azas dos Serafins : *Vola-* *Isai.* 5.
bant super illud , os mesmos ^{v. 2.} Serafins , diz o Profeta , cobriaõ com suas azas o rosto do mesmo Deos : *Vela-*
bant faciem ejus. Mas he em Deos o rosto hum espelho da sua gloria , e he hum sobrescrito do seu amor. E hum amor , em que a gloria de Deos se cifra , e de que elle faz tanta gloria , não se fatisfazem os Serafins com o lograrem presente , quan-

quando lhe assistem : *Stabant*, mas tambem com o lograrem distante, quando o encobrem : *Velabant faciem*.

Porisso (diz mais Isaias) os Serafins se bem estavaõ no trono : *Stabant*, tambem no mesmo trono voavaõ : *Et volabant*. Estarem os Serafins, era sollicitar presenças ; voarem os Serafins, era affectar distancia. E donde o amante he Deos, e seu só o seu amor, ausencias havia de haver, e mais presenças : presenças para o logro, quando estavaõ : *Stabant*, e ausencias para o dezejo, quando voavaõ : *Et volabant*.

Eis-ahi (oh amor admiravel!) o que no amor de Deos se vê entre os Serafins do Ceo, e o que hoje se vê no seu amor entre os homens da terra. Tal he Deos, que se ha hoje com os homens, assim como lá se houve com os Serafins. Presente se nos deixa hoje, e mais ausente. Não podia este amor adelgaçar-se mais, nem Christo em melhor pedra de toque descobrir mais quilates ao

Tom. IV.

seu amor. Mas para tirarmos este requinte a luz, venha o mesmo amor a juizo, e responda-me.

Christo no Sacramento não menos ausente, que presente? Não reparo no como, só pergunto o porque? Deixar-se presente Christo, isto he posse. Deixar-se Christo ausente, isto he esperança. Formosos contrarios! A esperança he hum dezafocego ansioso, a posse he hum descanso socego. Na esperança vivem as penas em seu centro, na posse estaõ as glorias em seu ser. Na esperança ha sentimentos pela duvida, na posse ha alivios pela certeza. Penas, e glorias, sentimentos, e alivios, dezafocego, e descanso, contrarios saõ na verdade, e por conclusaõ esperança, e posse mais contrarios. E pois, porque á custa de contrariedades tantas se deixa presente Christo, e mais ausente? Mas sim, responde o amor. Hum bem se de todo se possui, enfastia. Hum bem, se de todo se espera, maltrata. E donde o amor em si he summo bem, nem

I 3

de

de todo se ha de esperar, nem de todo se ha de possuir: ha de possuir-se, para que a esperança não maltrate, e ha de esperar-se, para que a posse não enfastie. Agrãdecêra a razão, se não requintára em outra mayor.

Une Christo no Sacramẽto presença, e ausencia, e para que? Porque não contentê com hum amor só, nos quer hoje amar com dous amores: hum amor, para nos amar na ausencia, e outro amor para nos amar na presença: he o que se vê hoje no amor de Christo: *Cùm dilexisset suos*, diz S. João, *in finem dilexit eos*. Dous amores expressa aqui o Evangelista: *Cùm dilexisset*, eis-aqui hum. *Dilexit*, eis-aqui outro. O primeiro amor cahê sobre a presença de atégora: *Cùm dilexisset*, o segundo amor sobre esta hora de ausencia: *In finem dilexit*. Não ha mais amor, amante Divino! Amar na ausencia, e amar na presença: na presença deixando-vos aos olhos da fé, e na ausencia retirando-vos á vista dos olhos. Na ausencia, pa-

ra que a posse não enfastie, e na presença, para que a esperança não maltrate. Na ausencia, emfim, e na presença, para que não haja duvida n'um amor, se o he mais na presença, se na ausencia! Atéqui amor estremado, e se sabio nos seus excessos, fino ho' e nos seus retiros: *Cùm dilexisset suos, in finem dilexit eos*.

III. PONTO.

Ultimamente: o prodigio ultimo do amor de Christo he ser nos abatimentos soberano. Aos pés daquella celebrada Estatua cahio da altura de hum monte huma pequena pedra: *Abscissus est lapis de monte, Daniel & percussit statuam in pedibus*. Mas foy o mesmo, diz Daniel, dar a pedra pelos pés da Estatua, que sobir a ser hum monte, sendo só pedra: *Lapis autem, qui percusserat statuam, factus est mons magnus*. Oh pedra admiravel! Sobis pelos montes: *Mons magnus*, porque cahis pelos pés: *Percussit in pedibus*. Quem he esta pedra

D. dra senão Christo, dizem
Hilar. os Padres, e a Santissima
 Trindade he o monte, diz
 Santo Hilario, de que cahio
 esta pedra: *Ipsa Trinitas est
 mons*, diz o Santo, *unde
 abscissus est lapis*. E foy o
 mesmo ver-se esta pedra pe-
 los pés cahida: foy o mesmo
 cahir a pedra, e andar pelos
 pés: *In pedibus*, que sobir
 a ser hum monte na grande-
 za, ou a coroar-se sobre a
 grandeza dos montes: *Fa-
 ctus est mons magnus*.

O lugar, de que a pedra
 desceo, he o coração do Pay:
Origen. *Lapis, qui è sinu Patris
 descendit*, diz Origenes.
 Porisso pedra de amor, por-
 que pedra do coração: *E
 sinu Patris*. Desceo pois es-
 ta pedra, e cahio aos pés
 dos homens: *Cepit lavare
 pedes*. Mas aqui tanto sobio
 a pedra, diz S. Joaõ, quan-
 to desceo: desceo do Pay:
Ad Deo exiit, e sobio para
 o Pay: *Ad Deum vadit*. Oh
 prodigio grande! Descer de
 Deos para os pés dos ho-
 mens, profundo descer! E
 dos pés dos homens sobir
 para Deos, estremado sub-
 bir! Emfim, pedra de amor

foy Christo, ou pedra hoje
 de toque de seu amor: pe-
 dra de amor, e porisso, se
 para descer toda pezo: *Pon-
 dus meum*; para subir toda
 fogo: *Ignis, atque flamma-
 rum*. Pedra tambem de to-
 que, porque no toque dos
 pés dos homens descobre
 nesta pedra Christo os qui-
 lates maiores de amor. Por-
 isso fazendo dos abatimen-
 tos triunfos, hoje nos to-
 ques da pedra se vê sobera-
 no o amor nos seus abati-
 mentos: *Cepit lavare pe-
 des. Sciens quia à Deo exi-
 vit, & ad Deum vadit*.

Mas que abatimento taõ
 grande, amante Divino!
 Não era tanto este abatimẽ-
 to para se discorrer, quanto
 era para se admirar! Vós
 meu Deos, prostrado aos
 pés dos homens, e posto de
 joelhos para lavar-lhes os
 pés? Admirou-se S. Joaõ de
 ver no Apocalypse a Lua aos
 pés de huma mulher: *Luna*
Jub pedibus ejus. Mas se hu-
 ma Lua aos pés cahida cau-
 sou assõbros em S. Joaõ, hoje
 que assõbros não causará
 ver-se rodar hum Sol por de-
 baixo dos pés: *Sub pedibus*.

Neste caso fez hoje Christo por amor dos homens, o que o mesmo Eterno Pay por amor de Christo. Aos pés de Christo, diz David, poz, e fugeitou tudo o Padre Eterno: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus*. E se aos pés de Christo o mesmo Pay fugeitou tudo: *Omnia*, tudo poem hoje Christo aos nossos pés: *Sub pedibus*. O tudo do Eterno Pay, diz S. João, está nas mãos hoje do mesmo Christo: *Omnia dedit ei Pater in manus*. E quem aos pés dos homens fomete aquellas mãos, em quem o Pay poz tudo: *Omnia*; tudo ás mãos cheyas nos poem aos pés, e tudo debaixo dos pés, nas palmas das mãos: *In manus*. Emfim faz elle por nós neste dia, o q̃ o mesmo Pay por amor delle: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus*.

Mas oh Deos meu (repetem-se as admiragoens, porque são mayores que ellas os prodigios.) Vós de joelhos aos pés dos homens, e lavando-lhes os pés de joelhos? Até aqui prodigio de amor nunca visto! Até aqui

extremos de' amor nunca imaginado! Notou Origenes, que não houve circumstancia, por pequena que fosse na Paixão de Christo, que se não profetizasse, como achamos na Escritura a cada passo: *Ut adimpleretur, Origenes, quod dictum est per Prophetas*; só esta do lavapes se não acha em profecia alguma na Escritura toda, e quanto a mim foy, por não ser nunca imaginada. Como havia de vir á imaginação dos Profetas, que Deos havia de lavar os pés ás creaturas? O amor de Christo bem o pode fazer, mas o entendimento dos homens nunca o pode imaginar. Que digo eu - os homens? Palmaõ os Anjos, allombraõ-se os Serafins, suspendem-se todas as Jerarquias, e ainda as tres Divinas Pelloas sahem a ver o glorioso espectáculo deste prodigioso acontecimento. Assim o diz Santo Agostinho meu Padre: *Gloriosum totius Trinitatis spectaculum*.

Esta devia de ser a causa, porque até aquella Aguia soberana, o Evangelista S. João,

Joaõ , que no Sol Divino bebeo os rayos dos seus amores , começando a contar este prodigio, não quiz proseguir : *Cæpit lavare pedes Discipulorum.* Diz que o Senhor começou; mas como o profeguido não o diz : *Cæpit lavare.* Coube no amor de Christo esta fineza , mas não coube na penna do Evangelista. Nós tambem não passaremos hoje dos principios : *Cæpit lavare.*

O primeiro, que chegou a este lavatorio, foy o perfido Judas, assim o ensina Chrysofotomo : *Videtur mihi solum proditorem ante Petrũ lavasse.* Despoja-se Christo das purpuras da Magestade, e arrastando aos pés de Judas a sua soberania , tomalhos em suas mãos sagradas , e começa a lavar-lhos , e a beijar-lhos , como tambem notou S.Lourenço Justiniano. Bem sey eu , que desejou a Alma Santa hum purissimo , e amorosissimo osculo da boca de seu Esposo: *Osculetur me osculo oris sui.* Porém não se lê em todos os Cantares , que esta petição tivesse despacho , nem

que estes desejos passassem a logros. Negou-se este favor naquelle dia , para se fazer só neste dia este favor. Os osculos Divinos, que se não deraõ entaõ aos labios mais santos , se deraõ hoje aos pés mais peccadores. Isto meu Deos he hum excessõ de amor , que fogindo ao mais sobido discurso , vay parar em o mais profundo pasmo , porque aos pés de Judas vay parar!

Começa o Senhor a lavar, e a beijar os pés de Judas : Mas aqui , quanto mayor foy a conquista, tanto foy mayor a resistencia. Oh Judas endurecido ! Oh Judas obstinado ! Oh coraçãõ mil vezes mais que hum penhasco duro ! Que tenhas valor para resistir a hum Deos , a quem tudo se rende ? Para te não renderes a hum Deos, a quem nada resiste ? Deos conquistando a Judas, e Judas resistindo a Deos ? Lembra-me outra vez, q̃ aquella Estatua de bronze, em quem se representava a obstinaçãõ do mundo , (ao leve toque de huma pedra sem mãos : *Daniel Lapis sine manibus*) só por-
que ^{v. 6.} _{sub.}

que esta pedra representava a Christo, se rendeo, e reduzio a cinzas toda a Estatua: *Redacta quasi in favillam*. Mas oh Judas! E que quando aquella Estatua se reduz a cinzas, te não reduzas tu ao toque de tantas finezas? Aquella pedra, que então fez aquelle estrago, figura he desta pedra, que te offerece este lavatorio:

Origen. *Lapis avulsus de monte est Christus egressus de Cælo*, diz Origenes. E que então aquella pedra, por ser figura de Christo (ainda sem mãos) podesse reduzir hum bronze, e agora o figurado, o mesmo Christo, esta pedra animada do peito do Padre Eterno, com as mãos, com os olhos, com as lagrimas, e com a boca, não faça reduzir o teu peito? Oh 'peito mais que hum bronze duro!

Mas aqui (estremado amante) aqui donde este metal vos rebate as settas, apura em vós requintes o voffo amor. Nessa nuvem affinay vossos rayos: nessa neve os vossos incendios, e nesse empedernido alvo os vossos ti-

ros. Seja ingrato Judas, mas porisso mais fino vós. Engana-se quem ama, se cuida que a mayor fineza de hum amor consiste em render-se todo, a quem mais lhe merece. Está definido hoje entre os que mais amaõ, que seja a sua mayor fineza, render-se mais, a quem lhe merece menos. Isto he, obrigar-se mais das ingraticidões para os excessos, que das finezas para os extremos.

Muito amava Jacob a seu filho Jozè, e muito amava David a seu filho Absalaõ. Mas o mesmo Texto, q̄ nos intima estes amores, nos diz tambem, que sentira mais David a morte de Absalaõ, do que Jacob a morte de Jozè; porque Jacob só desejava acompanhar a seu filho na morte: *Descendam ad filium meum lugens in infernum*; e David queria tomar para si a morte, e dar a vida a seu filho: *Quis det mihi, ut moriar pro te fili Absalon?* Pois como assim? Não havia as mesmas razoens em Jacob para amar a Jozè, que em David para amar a Absalaõ? Sim; que ambos eraõ filhos, e de

e de ambos eraõ pays : pois como fente tanto David , e como fente menos Jacob ? Direy. Porque Joze, aquem amava Jacob , correspondia a seu pay com o mesmo amor. Absalaõ, a quem amava David , era hum filho ingrato ao amor de seu pay. Pois mostre-se David mais amante no que chora, e menos amante Jacob no que lamenta; porque se Jacob acha correspondencias , e David ingraticoens ; hum amor, q̄ he fino , obriga-se mais das ingraticoens para os excessos, que das correspondencias para os extremos : *Ut moriar pro te fili mi Absalon. Descendam ad filium meum lugens in infernum.*

Naõ, Divino Jesus, naõ se esfria o vosso fogo em tanta neve : naõ se congelaõ estas labaredas em tanta frialdade : nem as luzes de tanto amor se escurecem em tamanho eclipse. Antes qual rayo, que na mayor opposiçaõ mostra mais o que he , o vosso amor se apura mais aos pès de Judas : ahi sóbe hoje de ponto atè naõ mais. Nem por outra razãõ o E-

vangelista , que falla no lavatorio de hoje, se bem diz, o que o amor de Christo passou com Pedro , só naõ diz, o que o amor de Christo passou com Judas. Achou , parece, que podendo-se dizer em Christo aquellas finezas , estas só naõ cabiaõ na esfera do dizer. Taõ alto sobio a estes pès aquelle amor , que para tanto fogo , nem os os olhos de huma Aguia tiveraõ lume : foraõ curtas pennas para taõ altos voos, e para taõ luzidos raios caducos olhos. Do mais amor, ou deste para com os mais, póde ser Chronista S. Joaõ , mas deste amor , só elle podia de si mesmo ser Chronista. Oh que sobido se vê hoje hum amor , que tanto se abate ! Mas se dos abatimentos faz este amor triunfos, soberano, direy eu, se vê este amor hoje nos abatimentos : *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.*

Tenho acabado o Sermaõ, e lastima-me na verdade , que do Sermaõ dos incendios, assim o Pregador , como os ouvintes, fayaõ taõ tibios. Mas se isto nasce da frialdade

frialdade do meu espirito, tudo pòde remediar, meu Deus, o ardente fogo do voffo amor. Oh pegay Senhor, pegay huma faifca de tão to fogo em os noffos coraçõs, abranday estes marmores, derrethey estes bronzes, e reduzi em cinzas agora, os que foraõ de neve atéqui. Que Sol ardeo no Ceo, que com os feus rayos não aquẽtasse a terra? Está hoje ardendo em fogo o Sol de Justiça; e que coraçõs de terra se não aquecentarão aos rayos deste Sol? Fogo pois, Catholicos meus, e mais fogo! Nem ha que temer a chama, porque para refrigerar-vos não falta agua naquella bacia; mas se na bacia são mais as lagrimas que a agua; nesta agua (fogo que he do coração derretido em lagrimas) buscareis refrigerio, e achareis incendios; mas a ser este de amor como he, o mesmo que for incendio, será refrigerio.

Vede oh Christãos, que aos pés de cada hum de nós está Jesu Christo a esta hora, e pedindo-nos os pés de joelhos, de joelhos nos está

lavando os pés: *Invisibilis D. Aug Deus*, diz Santo Agostinho meu Padre, *singulorum nostrorum pedes lavat*. E que lastima será, que em algum de nós tenha tambem seu Judas este lavatorio? Mas não amoroso Senhor, nenhum de nós quer hoje, nem ser nas resistencias Pedro, nem nas ingraticidões ser Judas. Queremos sim, que a todos nos laveis, e supposto estais tão sequioso de lavar, la vaynos todos. Pedro vencido do voffo amor entregou não só os pés, mas a cabeça, e as mãos: *Non tantum pedes, sed manus, & caput*. Tudo Senhor lavay em nos, porque em tudo tendes muito que lavar: lavai-nos os pés, e nelles os noffos passos: lavai-nos as mãos, e nelas as noffas obras: lavai-nos a cabeça, e nella os noffos pensamentos: os pensamentos para não offendervos, as obras para não aggravarvos, e os passos para não fugirvos. E lavados assim todos de pés á cabeça, fazey que só a vós amemos, e nada mais que não sejais vós. A vós só, por venerarmos em vós hum amor,

amor, que nos seus excessos he sabio. A vós, por admirarmos em vós hum amor, que nos seus retiros he fino; e a vós, por adorarmos em vós hum amor, que nos seus abatimentos he soberano: amor sabio nos excessos, amor presente nos retiros, amor soberano nos abati-

mentos: em tudo amor como vosso, e por vosso todo hum prodigio de amor: *Cum dilexisset, dilexit.* Oh amor, eterno prodigio da graça! Mas oh amor, maravilha immortal da eterna gloria! *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ

N A

CANONIZAC, AM

D E

S. JOAÕ DE SAHAGUM

PATRAM DE SALAMANCA, E

gloria da Religiaõ Eremitica,

P R E G A D O

No Convento de Nossa Senhora da Graça.

Nolite timere pusillus grex, quia complacuit Patri vestro dare vobis Regnum. Luc. 12.

Que gloriosa se vê hoje a minha Religiaõ sagrada! (Divina, Omnipotente, e Sacrosanta Magestade.) Que gloriosa se vê hoje a minha Religiaõ sagrada! Taõ alegre, e taõ gloriosa, que por naõ haver imagem que a retrate na terra, fobio a correr as cortinas ás imagens do Ceo. Vio Saõ Joaõ

no Apocalypse huma lustrosa Mulher, a quem servia de throno a clara Lua, o Sol lhe dava a gloria mais vistosa, e a coroa se lhe formava luzida nas Estrellas. Vio-a, e admirouse Saõ Joaõ; mas vio Estrellas em quem trajava Sol, e naõ he pouco para admirar ver sujeitos, que saõ Soes, e tem Estrella: *Signum magnum*

Apoc. 12. v. appa- 2.

Na Canonizaçãõ de S. Joaõ de Sabagum. 143
apparuit in Cælo. Por Esta Mulher, dizem muitos Padres, se entende a Igreja Catholica: outros dizem, que huma Republica; e eu agora, que a minha Religiaõ sagrada.

Era primeiramente huma Religiaõ esta Mulher, porq̃ nella resplandeciaõ aquellas virtudes, que na Religiaõ se professaõ. Na Lua a seus pés, ou na prata, que pizava na Lua, se via em throno de cristal exaltada a pobreza: *Luna sub pedibus.* No Sol em o peito (Planeta que já parou á voz de Josué: *Stetit Sol*) se via em laminas de ouro escrita a obediencia: *Amicta Sole*; e nas Estrellas, em que os doze Coros dos An'os se figuravaõ, dizem os Padres, estava a castidade, virtude Angelica, e porisso lá posta nas Estrellas: *Corona Stellarum.* Em summa, a pobreza, a exaltava na Lua, a obediencia, a revestia no Sol, e a castidade a coroava nas Estrellas. Era logo esta Mulher huma Religiaõ. Mas se até aqui he huma Religiaõ em cõmun, vejamos se he a minha em particular.

Tinha esta Mulher, diz Saõ Joaõ, duas azas de huma Aguia grande, defenfa, que contra hum Dragaõ o Ceo lhe deo: *Datæ sunt mulieri alæ diæ Aquilæ magnæ.* Alberto Magno diz, que estas azas foraõ armas, que se lhe deraõ; ou se lhe deraõ como armas: *Tanquam Arma.* E Mulher, ou para melhor dizer, Religiaõ, que tem por armas as azas de huma Aguia grande, que outra póde ser, senaõ a do grande Agostinho meu Padre? Elle foy a Aguia de grandes azas, ou das azas grandes: *Aquila magnarum alarum*; e as suas azas, as que tem no feu escudo por armas a minha Religiaõ: *Alæ Aquilæ. Tanquam arma.* Mais.

Voou, e ausentou-se esta mulher, diz Saõ Joaõ, para os retiros de hum ermo desamparado, e só: *Ut volaret in desertum!* Traslada Santo Agostinho: *In eremum.* Mas se ella representava huma Religiaõ de Eremitas, que habitaçãõ havia de buscar senaõ nos ermos? *In eremum,* Isto tem as coufas

fas singulares, que não forão singulares, se não estiverão sós. Porisso a luz do Sol não quer admittir na sua companhia a das Estrellas, e então mais soberana, quando mais solitaria.

Teve tambem esta Mulher hum filho, diz elle, o qual nasceo para reger, e meter a caminho todos os homens do mundo: *Peperit filium masculum, qui re-cturus erat omnes gentes in virga ferrea.* Este filho assim como nasceo, triunfou gloriosamente do infernal Dragaõ, e passou em paz dos braços da máy para o throno de Deos: *Raptus est Filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus.* Mas que filho, e filho tão soberano foy o desta mulher? Tenho para mim, que foy o sempre excelso, o sempre augusto, e sempre esclarecido S. João de Sahagum, a cuja Canonização gloriosa se consagraõ hoje as solemnidades desta festa, e se dedicaõ as glorias desta solemnidade. Elle foy o filho, q̃ no Religioso gremio de tão sagrada Mãy, fazendose nas virtu-

des grande, nos milagres insigne, e nas perfeiçoens eminente, encaminhou o errado mundo com o seu exemplo: *Recturus erat omnes gentes*; e prégando para este fim com Apollonica confiança, e zelo da honra de Deos, era a doutrina que prégava a espada, com que seria: *In virga ferrea.*

O Dragaõ, que lhe fez guerra, foy o commum inimigo, perturbador infernal da sua altissima, e devotissima contemplação; mas desta guerra lhe resultava ordinariamente hum fervor tão grande, que o arrebatava em extasis gloriosos, e o elevava em raptos suavissimos: *Raptus est ad Deum.* Senão dizemos, que foy este Dragaõ aquelle sacrilego Duque, que fulminando iras contra a zelosa aspereza, com que o Santo o reprehendia, o mandou matar; mas o Ceo, que aos ministros desta morte suspendeo o concurso, fez que arrependidos da sua impia crueldade se prostrassem a seus pés venerando a sua grande virtude.

Sobio

Sobio finalmente este filho dos braços da Mãy para o throno de Deos: *Raptus est ad Deum, & ad thronum ejus.* E sendo este throno, como dizem os Padres, aquelle mesmo, em que Isaias vio dous Serafins acclamando por Santo o Senhor dos Santos: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*, sobio a ter lugar entre estas acclamações do Ceo, o que hoje he canonizado por São na terra. Lá ouviria Joaõ, q̄ se davaõ a Deos os vivas, e cá ouvimos nõs, que soáraõ por Joaõ os eccos; era justo que sendo Joaõ taõ mimoso de Deos no Sacramento, viessem a dizer os eccos pelo Santo, o que lá diziaõ os vivas pelo Santissimo: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.*

Oh ditoso filho! Oh felice Mãy! Participe, ou reverberem hoje na Mãy as glorias do filho; e exornando-se em demonstrações de gloriosa com os Astros do Ceo, triunfe sobre hum throno de Lua, brilhe com huma gala de Sol, e reine com hum diadema de Estrelas. Por estas Estrelas, con-

Tom. IV.

forme o que a Igreja diz, se entendem os Santos: *Fulgentur sicut stelle;* e com mais propriedade os da minha Religiaõ sagrada: 3. porque se Santo Agostinho he o Abraham da ley da graça, todos os filhos de Abraham tem muito parentesco com as Estrelas: *Multiplacabo semen tuum sicut Stellae caeli.* No Sol se representa aquelle grande Pay, e Patriarca Santo Agostinho, que quem he pay de Estrelas, naõ está muito longe de ser Sol: *Quasi Sol resurgens in templo Dei.* A Lua he Monica soberana, a quem as lagrimas, que derramou pela conversaõ de Agostinho fez andar como Planeta humido no Signo de Aquario: *Flebat uberrimis lacrimis, ut visitaret Deum filium suum.* Todos estes Astros hoje mais resplandecem es, mais brilhantes, e mais luzidos, estaõ publicando com linguas de luz as glorias de taõ ditosa Mãy, e justamente dando-lhe os parabens daquelle filho, que quando no Ceo está occupando hum throno: *Raptus est ad*

K thro-

thronum ejus, no Evangelho está dominando hum Reyno: *Complacuit Patri vestro dare vobis Regnum.*

Este he o Evangelho, com que hoje festejamos a São João de Sahagum, lustre glorioso da Igreja Catholica, e gloria immortal da minha Augustiniana Familia. Contém este Evangelho a promessa de hum Reyno, que em nome do supremo Pay faz Christo aos seus Discipulos; promessa, e execução, em que o amor, que a faz, antepoem hum *Complacuit* excessivo a hum *Dare Regnum* grandioso: *Complacuit Patri vestro dare vobis Regnum.* Hugo Cardeal, cuja luz, e exposição seguiremos hoje, a este, a q̄ Christo chama Reyno, dá elle tres titulos differentes: chamalhe Reyno de doutrina, chama-lhe Reyno de graça, e chama-lhe Reyno de gloria: *Dare vobis Regnum*, diz Hugo: *Regnū doctrinæ, Regnum gratiæ Regnum gloriæ.* Peregrina intelligencia, e por mais accommodada ás insignias de João, mais peregrina! Em S. João

Hug.
Card.
bic.

de Sahagum, Principe acclamado hoje no Reyno de Christo: *Vobis Regnum*, venero tres insignias, e todas ellas Reais: venero a soberania de hum Throno, venero a Magestade de hum Sceptro, e venero a preeminencia de huma Coroa. O Throno (figamos a Hugo Cardeal) supposto ser de doutrina o Reyno, será huma cadeira de Mestre, em que João sendo menino pré-gava doutrina: *Regnum doctrinæ.* O Sceptro he o Sacramento, com que a Igreja o pinta nas mãos; e se o Sacramento todo he graça, será o Sceptro a graça do Sacramento: *Regnum gratiæ*; e a Coroa será nesta sua felice Canonização a gloria de se manifestar a todos a sua grande gloria: *Regnum gloriæ.* Vem a ser (e será o assumpto este) João hum Principe acclamado, e com todas as insignias de Principe. Huma cadeira de doutrina por Throno: *Regnum doctrinæ.* A graça do Sacramento por Sceptro: *Regnū gratiæ*, e a gloria da sua Canonização por Coroa: *Regnum*

Na Canonizaçãõ de *gnum gloriae*. Principe com Throno, Principe com Sceptro, e Principe com Coroa. Este o Santo que festejamos, as tres insignias do seu Reyno, e as tres partes do meu Sermaõ: *Complacuit Patri vestro dare vobis Regnum. Regnum doctrine, Regnum gratiae, & Regnum gloriae.*

I. PONTO.

E primeiro lugar: teve S. Joaõ por Throno do seu Reyno huma cadeira de doutrina, e foy para elle esta cadeira hum Throno, porque nella, e nelle se exaltou Joaõ sobre os mayores Mestres do mundo. Abranos caminho ao discurso o nosso Evangelho. Diz Christo no Evangelho a S. Joaõ de Sahagum, que não tema, porque seu Eterno Pay lhe quer dar huma cadeira de doutrina: *Nolite timere, quia complacuit Patri vestro dare vobis Regnum doctrine.* Já se offerrece a difficuldade, pergunto: se a baze da sabedoria, se o seu principio, e fundamento,

S. Joaõ de Sahagum. 147
diz o Espirito Santo, que he o temor: *Initium sapientiae est timor*, como diz Christo, e manda a S. Joaõ de Sahagum, que não tema, quando lhe quer dar huma cadeira de doutrina? *Nolite timere.* Se os mais sempre começaõ com temor, Joaõ porque não ha de temer, quando começa? Porque? Porque vay muito, e muita differença de S. Joaõ aos mais: os mais temem, porque começaõ ignorando, Joaõ não teme, porque começa sabendo: os principios dos mais fundaõ-se no temor; porque são principios: os principios de Joaõ excluem o temor, porque são remates: os mais (digamo-lo de huma vez) temem, porque começaõ; Joaõ não teme, porque começa, por onde todos acabaõ. Entre primeiro, que a Escritura, a darnos na vida do Santo fundamento a sua historia.

Naquelles primeiros annos, em que a ignorancia he natural aos fugeitos, deo mostra o nosso Santo, de que ganhara antiguidades aos annos de menino; porque

nelle, e nas suas acçoens se viaõ adiantadas as vittorias da razaõ aos triunfos do tempo. Começava este soberano Infante o exercicio da escola, e como se já fosse Mestre, e Prégador Evangelico, o menino (cousa notavel!) na mesma escola lia já huma cadeira de celestial doutrina. He o caso: sobia-se Joaõ em huma pedra, e fazendo nella pulpito, ou cadeira, envolvia nas balbucientes vozes de menino as serias palavras de Prégador, e dalli ensinava aos mais meninos, e os instruhia no amor das virtudes, no aborrecimento dos vicios, e no culto, que a Deos se devia, e ao nome de Deos:

In ejus off. De loco superiori, diz a Igreja, ad ceteros pueros crebrò verba faciebat, quibus eos ad virtutem, & Dei cultum hortabatur.

Oh prodigio raro! Oh af-sombro maravilhoso! Joaõ apenas principiante, já Mestre! Joaõ apenas menino, já Prégador! Joaõ nas primeiras Auroras da infancia já coroado com as luzes da sabedoria! He a sabedoria

dos Doutores como nos seus orbes o Sol: tem o Sol seu Oriente, e tem seu meyo dia: Oriente he o seu principio, e o meyo dia o seu remate: chamo remate ao meyo dia, porque he o throno, em que o Sol se coroa: *Sol in Meridie coronatur.* Uber-tin. Porém Saõ Joaõ de Sahagum he hum Sol taõ singularmente prodigioso, que teve o remate por principio, e teve o meyo dia por Oriente. Os mais, ainda que Soes, teraõ o seu Oriente, donde começãõ, e o seu meyo dia, aonde se coroaõ, mas Joaõ, nascendo logo no Zenith da grandeza, começou por onde acabaõ os mais: Sol admiravel, em quem o principio he remate: em quem o Oriente he meyo dia! Grande Texto para debuxarmos aqui hum Sol por outro Sol.

O Sol mais milagroso, que o mundo vio, foy o Sol de Josuè: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.* Jos. 10. v. 14. Mas que teve de milagroso este Sol? O que hoje vemos em Saõ Joaõ de Sahagum: O seu meyo dia no seu Oriente, e o seu remate no seu

seu principio. Ora notay ,
 que ainda que o lugar seja
 de Sol , naõ he taõ claro co-
 mo elle he : *Stetit itaque*
Sol in medio Cæli, & non
festinavit occumbere spatio
unius diei. Diz o sagrado
 Chronista , que o Sol de
 Josuè parou hum dia inteiro
 no meyo dia. Isto supposto,
 houve aqui dous dias em
 hum só dia. He sentença do
 grande Agostinho meu Pa-
 dre : *Sol duos dies in unum*
conclusit ; hum foy dia natu-
 ral , e outto foy dia mila-
 groso : no dia natural sobio
 o Sol do berço do Oriente
 para o throno do meyo dia ,
 e desceo do throno do meyo
 dia para a sepultura do Oc-
 caso. Porém no dia mila-
 groso , que houve ? Agora
 comigo : que o Sol sem a
 ancia do sobir , e sem a fal-
 ta do descer , teve o seu Ori-
 ente no seu meyo dia : alli
 principiou o dia , e alli o
 acabou : *In medio Cæli.* Dif-
 se-o Nicolao de Lyra : *Ex*
hoc videtur, quòd erat tunc
in puncto Meridiano. De
 sorte , que no ponto do
 meyo dia começou , e aca-
 bou o Sol o dia milagroso :

1b.
14.

D. A^{us}

Nicol.
de Lyr.

In puncto Meridiano. Logo
 se este dia milagroso come-
 çou pelo meyo dia , com
 razaõ affirmava eu , que o
 Sol tivera aqui o meyo dia
 no Oriente : tivera o remate
 por principio , e que o mes-
 mo berço , em que nasceo ,
 fora o throno , em que reyn-
 nou : *Stetit Sol in medio Cæ-
 li. In puncto Meridiano.*

Eis-ahi o Sol milagroso
 S. Joãõ de Sahagum. Já Mes-
 tre, quando menino, já Pré-
 gador , quando principian-
 te : começou Joaõ , por onde
 podia acabar : naõ sobio este
 Sol do berço do Oriente pa-
 ra o throno do meyo dia ,
 antes sim o throno do meyo
 dia lhe servio de berço do
 Oriente. Oh grande Santo !
 Mas para darmos hum novo
 realce à sua grandeza , que-
 ro fazer no Sol huma com-
 paraçãõ ; e sendo delle com
 elle , naõ irá nella pouco de
 Sol a Sol. Notay. Em dous
 tempos (he a comparaçãõ)
 podera , naõ sem milagre ,
 o Sol ostentar em si as luzes
 do meyo dia ; ou podera of-
 tentar luzes no Occaso, quã-
 do he Sol veterano , ou as
 podera ostentar no Oriente,

quando se vê Sol menino. Neste caso pergunto agora : E em qual destas duas occasioens seria mayor este milagre do Sol ? Temos o caso na Escriitura.

Correrá o Sol por milagre (diz hum Profeta a Ezequias) e de duas huma : ou fobirá dez linhas em hum instante, ou no mesmo instante se atrazará dez linhas. Foraõ os dous finais milagrosos, que pela faude de Ezequias lhe propoz á ordem de Deos o Profeta: *Vis* (diz elle) *ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus?* Escolhe neste caso Ezequias, e que escolhe ? Naõ que vá o Sol adiante: *Nec hoc volo ut fiat*; mas sim, que retroceda atraz: *Sed ut revertatur retrorsum.*

Mysteriosa escolha! Pergunto: E porque mais escolhe Ezequias que torne o Sol atras, do que correr adiante? Se ambos estes dous finais eraõ milagrosos, porque mais se ha de fazer escolha, ou ter por mayor final, naõ que se adiante, mas que retroceda o Sol ? He pelo

que já dissemos, e direy ainda: Correr o Sol adiante, era avizinhar-se ao Occaso; tornar o Sol atras, era repor-se no Oriente: como o Sol tinha chegado já ao póto do meyo dia, e nelle ao cabedal mayor de seus resplandores, seria facil, diz Ezequias, que hum Sol com tanta luz no Occaso se visse grãde na idade mais crecida; mas naõ he facil, que tornando atras o Sol, se mostrasse grande na meninice mais tenra. Melhor o direy: Era o Sol no Occaso hum Sol veterano, era o Sol no Oriente hum Sol menino; correr adiante, era ajuntar o meyo dia de suas luzes com as madurezas do Occaso: tornar atras, era repor a pompa de seus resplandores nas ternuras do Oriente; e achar-se hum Sol (diz Ezequias) com toda a luz do meyo dia, quando he Sol veterano, isso he menos; mas achar-se hum Sol com toda a luz do meyo dia, quando he Sol menino, isto he mais. Porisso o milagre mayor (diz elle) ou o que para mim he só milagre, naõ he

he ostentar as luzes do meyo dia hum Sol no Occaso, he ostentar as luzes do meyo dia hum Sol no Oriente: naõ he hir o Sol adiante, e fer crescido, quando acaba, he tornar o Sol atraz, e fer Gigante, quando começa; naõ ter a coroa no fim, mas fim he ter o principio por Coroa: *Nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum.*

Divino Sol, illustre Joaõ: fer Sol, e ter no Occaso as luzes do Zenith, curta façanha; mas fer Sol, e ter no Oriente hum tal cabedal de luzes, alta maravilha! Naõ he isto fer Joaõ Sol como os mais; mas fer entre todos Sol, porque só: os mais passariaõ pelas meninices do Oriente, primeiro que chegassem aos progressos do Zenith: mas Joaõ superior aos mais, o mesmo que havia de ter no Zenith, o teve no Oriente: emfim começariaõ os mais, por onde todos começaõ, mas Joaõ começa, por onde acabaõ todos. Neste caso (tiremos a conclusãõ agora.) Naõ tem que temer Joaõ, diz Christo: *No-*

lite timere. Eu o dissera: Santo que tem o remate por principio: Santo que tem o meyo dia por Oriente, naõ só exclue o temor: *Nolite*, mas dando que temer a todos, elle naõ tem que temer: *Nolite timere.*

O Santo que mais temido foy, e juntamente o menos timido, foy o grande Bautista. Teme-o Herodes, diz S. Marcos, e elle o naõ temeo: *Herodes metuebat Joannem*; e até no seu nascimento, como S. Lucas diz, naõ temendo elle, o temeraõ todos: *Factus est timor super omnes vicinos eorum.* Mas oh gloria, em que hoje a hum Joaõ se parece outro Joaõ! Adiantou-se no Bautista, dizem os Padres, a razãõ á idade, e com anticipados progressos a mesma razãõ, quando o Bautista nasceo, estava nelle adulta, vigorosa, e provecsta. Ainda o Bautista estava nas auroras da infancia, e já a luz da razãõ o tinha nos vigores do meyo dia. Pois menino, q̄ começa por onde os outros acabaõ: Sol, que tem no seu Oriente o

seu throno, no seu principio o seu remate, e os esforços de Gigante nas fraquezas de menino, este temelohaõ huns, quando nasce: *Factus est timor*, outros o temeraõ, quando morre: *Mertuebat Joannem*; mas dando que temer a todos, elle não tem que temer: *Nolite timere*. Seja pois (João infavel) seja nos mais o temor effeito de não saber; mas em vós (Divino João) direy, que donde ha saber, não ha temor: *Nolite timere pusillus grex*.

Outra difficuldade temos á vista, e sendo a primeira grande, he mayor a segunda. Torna a dizer o Espirito Santo, que não só se funda no temor o principio da sabedoria, mas que o complemento, e a coroa della he o temor: *Complementum sapientiae est timere Deum*; e outra vez: *Corona sapientiae est timor Domini*. Logo não ha de deixar de temer João (drey eu) e deve temer, ainda que os seus principios sejaõ remates, ainda que os seus rudimentos sejaõ Coroa? Respondo. Ha (se

advertires) dous modos de saber, e nestes, hum exclue o temor, e outro não. Ha saber para si, e ha saber para os outros. Quem sabe para si, sabe para saber: quem sabe para os outros, sabe para ensinar. Saber para si he ser como as Estrellas, que não chegaõ á terra com a sua luz: saber para os mais he ser como o Sol, q̄ a todos illustra com os seus resplandores. O primeiro saber não exclue o temor, o segundo sim, que isto vay de ser Estrella a ser Sol. Nunca ninguem vio temer o Sol, e todos percebendo a scintillação das Estrellas as vemos tremer. Mas isto val luzirem menos as Estrellas, e o Sol mais: se as Estrellas de raõ tanta luz como o Sol, nunca a sua fraqueza se deixára perceber da nossa vista. Tais os sabios da terra, e tal João: sabios, que não communicãõ as suas luzes, seraõ sabios, mas tremulos como as Estrellas; porém sabios, que como João as communicãõ, nunca se mostraõ tímidos como o Sol.

Eis-ahi o Mestre da celestial

ftial doutrina Joãõ admiravel: era Sol, que illustrava a todos, e mal podia temer, quem luzia como Sol. Mas valha-me Deos! Elevernõs de huma vez a fabledoria de Joãõ. Se o saber para ensinar exclue o temor (pergunta) e que ensinava Joãõ, ou porque modo, e estylo ensinava? Coufa notavel! Prégava este Menino Santo, e sendo sempre *Ad mores* os seus Sermoens, se muito dizia com a palavra, mais persuadia, e ensinava com a obra. He o que a Igreja diz: *Ad pudicos mores* (diz ella) *condiscipulos non tam verbo, quàm exemplo hortabatur.*

In ejus
off.

Oh grande Mestre! Viase alli a virtude em hum menino da escola, mas o mais he, que se via alli n'um menino huma escola de virtudes. Menino, mas no semblante composto; menino, mas nas vistas modesto, menino, mas nas palavras comedido, menino, mas na condiçãõ brando, menino emfim, e sendo menino era na comida regrado, era na oraçãõ continuo, era

no jejum rigoroso, e para o dizermos de huma vez, era hum menino, que sendo para todos hum espelho de crystal, nelle como em espelho se viaõ os mais meninos: *Non tam verbo, quàm exemplo hortabatur.*

Oh como podia prégar sem receyo o menino Joãõ! Ordinariamente quem houver de cortar pelos outros, ha de advertir primeiro, que naõ tenha que notar em si. Mas como Joãõ com o exemplo da vida justificava tanto a sua innocencia, sem o receyo de ter que notar em si, podia com Apostolica confiança cortar pelos outros. No Exodo mandou Deos a Moyfés, que fizesse no Temple hum candieiro de muito custo, e que para despertar as luzes delle fizesse humas tizouras, que fossem de ouro purissimo: *Fiantque de auro purissimo.* E pois tanto custo para as tizouras de hum candieiro? Naõ bastava que estas fossem de bronze dourado, ou sómente de bronze, mas haõ de ser de ouro, e ouro purissimo: *Auro purissimo.*

Exod.
25. v.
38.

Sim:

Sim: fervem as tizouras no candieiro para cortar aquellas superfluidades, q̄ eclipfaõ a luz. Tristes luzes, que se quizerem luzir, hão de deixar-se cortar. Mas deixemos a luz pela tizoura: fervem, digo, as tizouras para cortar: e quem houver de cortar por outrem, ha de ser taõ puro, que naõ tenha que notar em si. Se Deos mandára que as tizouras fossem só de ouro, podersehia entender, que tinhaõ tambem suas fezes, e quem houver de cortar como tizoura, ha de ser de taõ puro metal, que nem fezes ha de ter: ha de ser ouro de muitos quilates, e ouro naõ só puro, mas purissimo: *De auro purissimo.*

Sempre reparey muito em que S. Pedro naõ fizeffe algum arrojõ digno da sua valentia, quando Thomé duvidou da Resurreiçaõ de Christo no Cenaculo. Lá no Horto, quando os inimigos de Christo prenderaõ ao Senhor, puxou Pedro pela espada, e assim como se vio com a espada na mão, se vio com huma orelha de Malco

na outra. Porém no Cenaculo duvidando Thomé da Resurreiçaõ de Christo, naõ vemos, que puxasse Pedro pela espada, nem desse alguma cutilada em Thomé. E pois valha-me Deos! Pedro taõ valente no Horto, Pedro taõ fraco no Cenaculo! No Horto falla, e corta, no Cenaculo naõ córta, nem falla? Naõ, e a razãõ he. Quando Pedro cortou a Malco a orelha no Horto, ainda Pedro naõ tinha negado a Christo; quando podem podia reprehender a Thomé, já era depois de o haver negado: e em quanto Pedro naõ teve faltas em si, cortou pelos outros; mas tanto que as teve, naõ se meteo em reprehender a Thomé. Entendeo que podia Thomé dizer-lhe: E vós Pedro naõ sabeis que quem tem o telhado de vidro, naõ deita pedrinhas no alheyo? Quem vos mete em reprehender as minhas incredulidades, se estais vendo as vossas negaçõens? Olhay para vós, e logo naõ cortareis por mim; ou deixay o cortar por outrem para o tem-

Na Canonizaçãõ de S. Joãõ de Sahagum. 155
tempo, em que não tinheis
o olhar para vós.

Divino Santo ! Joãõ pro-
digioso ! Com muita confi-
ança podia reprehender a
todos, quem era tão justifi-
cado, que não tinha que
notar em si. Erreis na breve
esfera de menino hum pro-
rotypo da pureza, hum es-
pelho da humildade, hum
retrato da innocencia, hum
theatro da mortificaçãõ,
hum troféo de amor, hum
epilogo de todas as virtudes,
e hum compendio das per-
feiçoens todas, e de todos.
Porisso sem temor, nem re-
ceyo, ainda quando princi-
piante, Mestre, e ainda
quando menino, Prègador.
Mas assim exclue os temo-
res, quem não só sabe para
faber, mas quem sabe para
ensinar; ou para o dizer me-
lhor, quem justifica com o
exemplo das obras o mes-
mo, q̄ ensina com a erudiçãõ
das palayras. Porisso sendo
a coroa da sabedoria o tem-
or : *Corona sapientie est*
timor, a Joãõ se exclue o
temor, quando se lhe dá
hum throno de sabedoria :
Nolite timere, quia compla-

cuit Patri vestro dare vobis
Regnum doctrine.

II. P O N T O.

E Stamos na segūda par-
te do Sermaõ. A segun-
da insignia deste Reyno he
o sceptro, e o sceptro, com
que a Igreja pinta a S.
Joãõ de Sahagum, he o divi-
nissimo Sacramento. Cof-
tuma pintar a Igreja as ima-
gens dos seus Santos naquel-
la figura, e com aquellas in-
signias, que melhor, e mais
vivamente declaraõ assim as
virtudes, em que foraõ mais
eminentes, como os favores,
em que os fez Deos mais sin-
gulares. S. Pedro se pinta
com as chaves, porq̄ a ma-
yor excellencia de S. Pedro
foy o poder, que sobre as
portas do Ceo teve na terra.
S. Paulo se pinta com a es-
pada, porque a prerogativa
mayor de S. Paulo foy a sua
pregaçãõ, espada, que nos
estragos da synagoga alle-
gurou triunfos á Igreja. Sã-
to Antonio se pinta com o
Menino Jesus nos braços :
porque a gloria mais enca-
recida de Santo Antonio foy
a mul-

a muita mão, que com Deos teve : taõ poderoso com Deos, que o teve todo da sua mão. Assim tambem pinta-se com a Hostia, e o Caliz na mão S. Joaõ de Sahagum, expresso final dos favores de que, Deos recebeo, e mostrador glorioso das virtudes, em que luzio. Tudo veremos, e antes q̃ as virtudes, vejamos os favores.

Todas as vezes que S. Joaõ de Sahagum dizia Missa, logo que entre ternuras de amor consagrava a Hostia, Christo (caso notavel!) em carne visivel lhe apparecia nella. Alli lhe manifestava as suas glorias, alli lhe mostrava as suas Chagas, alli lhe explicava as Escrituras, e revelando-lhe alli os mysterios mais fundos da nossa Fè, (principalmente o da Trindade altissima, e beatissima) o Senhor correndo, ao que se não vê, as cortinas, lhe fez alli visivel o invisivel: *Ut*, diz a sua reza, *ut caelestia gaudia prægustans Christum Dominum, Sole splendidiorem, ac micantiora stellis vulnera exhibentem intueretur.* Elo-

go mais: *Vivis è fontibus Salvatoris hauriens fluenta vita; & arcana Cælorum mysteria.* Oh favor grande! Oh mimo singular! Ver Joaõ a Christo, e vello na Hostia, onde se não deixa ver, estupendo favor! Que Christo na esfera de Menino, que Christo na fórma de crucificado appareça fóra da Hostia, e o veja Joaõ, favor grande he. Mas na Hostia, em que aos mais se esconde: na Hostia, donde se nos esconde mais: *Tu es Deus absconditus*, ahi se não encubra a Joaõ, ou ahi se lhe descubra: *Intueretur*: Até aqui estranheza de mimo! Favor, e mercê até aqui!

Indica mihi ubi pascas, Cant. i ubi cubes in meridie. Se me amais Esposo meu (diz lá a Esposa Santa) quero no favor da vossa vista ver a ultima prova do vosso amor. Mas adverti, que o vovos, e o lograr-vos, ha de ser no lugar, em que assistis ao meyo dia: *Ubi pascas, ubi cubes in meridie.* E pois porque não onde reside na manhã? Porque não onde habita na tarde? Mas no meyo dia

dia ha de estar o favor mayor? Ha de vello, e fer ao meyo dia? *In meridie*. Sim. Tres estados faõ os do Sol: Meyo dia, Occaso, e Oriente. Tal o Esposo: o Esposo no lugar da manhãã era Sol no Oriente, o Esposo no lugar da tarde era Sol no Occaso, e o Esposo neste lugar, era Sol no meyo dia. E ver eu (diz a Esposa agora) ver eu no meyo dia o meu Sol: ver o meu Esposo, e vello qual Sol no feu meyo dia! Este favor sim, que em comparaçãõ de todos he o mayor favor. Bem encarecido, mas naõ bem explicado. Pergunto: e porque ha de estar o favor grande em ver ao meyo dia o feu Sol? Direy: ao meyo dia he taõ cioso o Sol da luminosa actividade da sua luz, que por mais que queiraõ, lhe naõ pòdem os olhos dar alcance. Poderse-ha ver o Sol no Oriente, porque começa; poderse-ha ver o Sol no Occaso, porque acaba; mas ao meyo dia he a soberba dos seus rayos taõ intratavel, que á mayor oufadia naõ deixa levantar

olhos. Pois, diz a Esposa, ver eu hum Sol, e vello, quando naõ he facil o deixar-se ver: ver hum Sol, e fer no meyo dia, que quanto aos mais se nega, a mim que o vejo me penhora mais! Isto sim, que he favor com singularidade, e porque com singularidade, mayor favor: *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie*.

Isto mesmo (oh prodigio grande!) Isto, que a alma Santa queria do feu Esposo, Joãõ o alcançou de Christo Esposo da sua alma. O que a alma Santa queria, era ver o feu Sol, mas quando? Naõ nascendo, como Sol na manhãã, naõ declinando, como Sol na tarde; mas no throno da sua luz, como Sol no meyo dia: *In meridie*. O feu Sol vio tambem S. Joãõ, mas donde? Naõ no Presépio, Sol no Oriente: naõ no Calvario, Sol no Occaso, mas sim no Sacramento, Sol no meyo dia: *In meridie*. Pelo Sacramento se entende, qual no Sol da Esposa, o meyo dia deste Divino Sol: *Ubi pascas in meridie*.

Ghisl. Diz Ghislerio : *Hoc est* :
c. 1. ex *Pastu Sanctissimi Corporis*,
v. 7. In *& Sanguinis Christi*. Mas
apen. oh favor ! Mostrar-se no
ant Oriente este Sol a Joaõ, era
pat. ver hum Sol, que nascendo
 a todos se fez tratavel : vi-
 raõ-no em Belêm até os ruf-
 ticos Pastores, diz S. Lucas :
Videntes cognoverunt de
Verbo. Mostrar-se no Occaso
 este Sol a Joaõ, era ver hum
 Sol, que declinado o viraõ
 todos : viraõ-no no Calva-
 rio até os Judeos sempre ce-
 gos : *Ut viderunt eum jam*
mortuum, diz S. Joaõ. Mas
 mostrar-se a Joaõ este Sol,
 e vello no meyo dia : no
 meyo dia, donde Sol he o
 Sacramento ; e Sacramento
 que permittindo-se aos olhos
 da fé, se esconde todo à vis-
 ta dos olhos : *Deus abscon-*
ditus ; isto se na esposa foy
 desejo, em Joaõ foy logro,
 e se para a Esposa favor grã-
 de, para Joaõ o mayor fa-
 vor : *Ut Christum, ac mi-*
cantiora Stellis vulnera ex-
hibentem intueretur.

Em fim, que via Joaõ
 a Christo, e o via na Hostia.
 Mas que mais? Via as suas
 Chagas, Estrellas reluzen-

tes, em que scintillava luzes
 o Sol da graça : *Christum*
Sole splendidiorum, ac mi-
cantiora Stellis vulnera.
 Valhame o Ceo ! Christo
 em Sol : *Sole*, e em Estrel-
 las as Chagas? *Stellis*. Pa-
 rece que a noite do mysterio
 se confundia aqui com o
 dia do favor. Viaõ-se alli
 Estrellas, porque para os
 olhos tudo no Sacramento
 he noite : *Stellis* ; e via-se
 Sol, porque para Joaõ o
 favor o tornava em dia : *Sole*.
 Felice concurso : e se
 glorioso para as Estrellas,
 porque luzem com tanto
 Sol, glorioso para o Sol,
 porque se vê com muita Es-
 trella. Naõ sey, como para
 tanta luz podia Joaõ ter
 olhos, mas era Aguia, e
 tem os seus olhos pazes com
 as luzes : Aguia huma vez
 por Joaõ, e por filho de
 Agostinho ainda mais Aguia.

O que noto só, e o que
 me admira he, que as suas
 Chagas, que aos mais que-
 ridos seus Christo naõ per-
 mittio facilmente, as offere-
 cesse aqui taõ liberal a Joaõ.
 Aos seus Discipulos mos-
 trou as suas chagas o Se-
 nhor.

nhor. Mas fallando niſto os Evangeliſtas, hum falla nas mãos, e nos pés, que he S. Lucas, mas naõ no lado :

Luc. 14. v. 32. *Videte manus meas, & pedes.* Outro falla no lado, e nas mãos, que he S. Joaõ,

Joan. 20. v. 20. *Oſtendit eis manus, & Latus.* A

27. Thomé diz, que mostrou as mãos, e mais o lado; mas nos pés naõ falla: e até a Magdalena havendolhe dado os pés antes de ter chagas: *Secus pedes ejus*, logo que as teve, lhas negou: *Noli me tangere.* Joaõ porém (oh dita grande!) aſſim foy a todos preferido, e ſobre todos, que o meſmo favor, em que para os mais ſe mostrou Chriſto avaro, o fez a Joaõ liberal: *Ut micantiora Stellis vulnera intueretur.* Mais.

Via Joaõ as chagas, e naquelle peito, que via aberto, via com eſpecial favor communicaremſe-lhe os ſegredos todos do meſmo peito: *Vivis è fontibus Salvatoris hauriens fluentia vita, & arcana celorum mysteria.* Oh mimo muitas vezes admiravel! Secretario foy já

outro Joaõ do peito do Senhor; mas naõ ſey ſe eſte Joaõ o foy com gloria mayor que aquelle Joaõ. Aquelle os ſegredos, que no peito bebeo, foraõ quando dormia? Eſte os ſegredos, que alcançou no peito, foraõ quando velava. Aquelle na occaſiaõ, em que ſe via me-nos, porque era a olhos fechados; eſte na occaſiaõ, em que podia ver mais, porque era cõ olhos abertos. Aquelle n'um coração fechado, por naõ ter ainda Chaga no peito; eſte n'um coração aberto, porque era coração já com Chaga. Tanto mais patente a eſte Joaõ que aquelle, quanto vay de ter hum a noticia por fóra, e outro a experiencia por dentro. Finalmente, ſe reclinada a cabeça applicou aquelle os ouvidos para os ſaber por fé, eſte, chegando-os a ver com os olhos, os conheceo de viſta. Mayor foy logo a gloria (em ordem á communicaçãõ dos ſegredos) neste Secretario, que naquelle Secretario: mayor em S. Joaõ de Sabagum, que no Evangeliſta S. Joaõ.

Tenha logo o nosso João illustre, em final de que leva a palma nos favores, o mesmo Sacramento nas palmas. Pinte-se com o Sacramento nas mãos, q̄ quem em favores tantos leva a palma, só pôde ter por palma o Sacramento.

Tambem (esigão-se as virtudes aos favores) tambem por indice das suas virtudes se pinta com o Sacramento nas mãos S. João de Saha-gum. Com tochas nas mãos accesas se mandavaõ pintar no Evangelho os servos do Senhor: *Lucerne ardentes in manibus vestris*. Com Estrellas tambem nas mãos se pintava lá aquelle Anjo, que S. João vio no Apocalypse: *In dextera sua Stellas septem*; e até entre os humanos, ao grande Alexandre o pintou com hum rayo na mão o celebrado Apelles. Que outra cousa he o Sacramento nas mãos de João, senão hum rayo, huma Estrella, e huma tocha? Rayo, em que se fazem manifestas as proezas deste Alexandre: Estrella, com que se descobrem luzidas as virtudes deste Anjo; e to-

cha, em que se retrataõ gloriosas as obras deste servo:

Lucernas in manibus tenemus, diz S. Gregorio, *cum per bona opera exempla monstramus*. Divino João; ter

D. Gre^o
gor Pap
Homil.
12. in
Evang

o Sacramento por insignia nas mãos, e serem as insignias o indice das virtudes, que virtudes (deixai-mo dizer assim) e virtudes ás mãos cheyas, não mostrará em nós tão grande insignia?

Sacramentado Christo, poem o Senhor os olhos no Ceo, e fallando com seu Pay lhe diz assim: *Nunc clarifica me tu Pater claritate, quam habui, priusquam mundus esset apud te*. Agora (diz Christo ao pay) agora, que acabo eu de me sacramentar: *Nunc*, quero Senhor, que me clarifiqueis *Clarifica me tu Pater*; mas seja com aquella claridade, que eu desde ab eterno em vós tive? *Claritate, quam habui, priusquam mundus esset apud te*. Que claridade, ou que clarificação he esta, perguntaõ os Padres? E respondem: He conhecer-se Christo, darem-se nelle a conhecer aquelles resplandores,

Joan.
17.

dores, em que Deos o ge-
rou Deos: em que o filho
procede Deos, e procede
Filho. Tudo naquelle *Apud*
te diz o Senhor. Significa o
Apud te neste lugar *Identi-*
tatem nature: eis-ahi o Fi-
lho em quanto Deos. Signi-
fica tambem o *Apud te*
Distinctionem persone, e
eis-ahi a Deos em quanto
Filho. Foy intelligencia de
Santo Hilario, a que nesta
clarificaçãõ refere hum Ex-
positor dos Evangelhos: *Postulat à Patre*, diz elle,
ut ipse ab hominibus agnos-
catur ut verus Deus, ve-
rusque Filius Dei.

De maneira, que a clarifi-
caçãõ, que o Filho pede
aqui ao Pay, he que o Pay
o dê a conhecer naquelles
resplandores, em que delle
procede como Filho: *Ut*
Filius Dei. Bem: e como
procede o Filho do Pay, ou
quais sãõ estes resplandores,
com que procede? Na opi-
niãõ de alguns Theologos
sãõ as virtudes, e perfeições
de todos os Santos. Esse he
o acto, em boa opiniãõ, por
onde o Pay gera a seu Filho:
conhece as perfeiçoens, e

virtudes dos Santos: *Futu-*
rorum, possibilium, & ex-
istentium, e por este acto,
e este conhecimento o gera.
Disse-o por David o mesmo
Pay: *In splendoribus San-*
ctorum ex utero ante lucife-
rum genui te.

E pois, valha-me Deos!
pergunto agora, e concluo:
Estas virtudes, e estes res-
plandores dos Santos, acto,
por onde o Pay gera a seu
Filho, he a clarificaçãõ, que
na hora de sacramentar-se
pede o Filho ao mesmo Pay?
Nunc clarifica me tu Pater.
Sim. Na occasiãõ de sacra-
mentar-se o que Christo fez,
foy tomar nas mãos o paõ
do Sacramento: *Accepit pa-*
nem in sanctas, ac venera-
biles manus suas. E que ha-
via de ostentar Christo em si,
fenaõ virtudes ás mãos che-
yas, huma vez que no paõ
do Sacramento tinha nas
mãos o Espelho de todas as
virtudes. Vêo mundo a Chri-
sto com o Sacramento nas
mãos, pois vejaõ-se as vir-
tudes dos Santos todos re-
copiladas em Christo. Por-
ilõ havendo-o gerado o Pay
pelo conhecimento plenissi-

Psal.
109.
4.

Silv.
bic.

mo das virtudes dos Santos: *In splendoribus Sanctorum*, pede, quando se sacramenta, o clarifique o Pay com o resplendor; e virtudes, em que foy gerado: *Claritate, quam habui, priusquam mundus esset apud te.*

Que virtude, Divino João, não mostrará em vós huma insignia, que o he por admiração, de todas as virtudes? Se a vara na mão de Moysés mostra os seus milagres, se as chaves na mão de Pedro mostram o seu poder, se a espada na mão de Paulo mostra a sua doutrina, se nas mãos de Agostinho o coração mostra o seu amor, nas de Jeronymo a pedra a sua penitencia, e as palmas nos Martyres, e nas Virgens mostram igualmente a pureza, e a constancia: tudo em João Divino mostra aquella insignia, que tem nas mãos. Aquella he a vara, que nos milagres o faz parecer outro Moysés; a chave, que para abrir as portas do Ceo o faz hum Pedro; a espada, que na efficacia da doutrina o faz hum Paulo; finalmente he o coração, que no amor o

transforma em Agostinho, a pedra, que o faz na penitencia hum Jeronymo; e a palma, que fazendo-o contar por hum entre os Martyres, o faz reputar por muitos entre as Virgens. Vem pois a ser o Sacramento nas mãos de João o melhor indice das virtudes, e o estendarte mayor dos favores. Principe soberano, que empunhando hum Sceptro de tanta graça, se constitue nos favores, e nas virtudes o mayor Principe: *Complacuit dare vobis Regnum. Regnum gratiæ.*

III. P O N T O.

Ultimamente, na gloria da sua Canonização tem S. João de Sahagum por insignia ultima do seu Reyno huma Coroa de gloria. A gloria mayor, que o Ceo mostrou na terra, foy aquella, que lá vio Isaias, quando os Serafins aclamaram Santo o Senhor dos Santos: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Vio-se primeiramente neste caso sobre hum throno de Magestade exaltado o mesino

Isai. 6.
v. 1.

mesmo Deos: *Vidi Dominum sedentem super solum excelsum, & elevatum.* Os Bemaventurados, diz S. Joaõ, estavaõ taõ de festa, que vestidos de gala branca, todos nesse dia sahiraõ de gala: *Circumamicti vestimentis albis.* O que se ouvia, eraõ vozes em musica: *Cantabant dicentes;* o que soava, eraõ melodias em cithara: *Singuli habentes citharas.* Cantavaõ-se letras: *Canticum novum,* entoavaõ-se vivas: *Viventem in secula;* e era tanta alli a abundancia de glorias, que por naõ caberem no Ceo, encheraõ a terra: *Et plena est omnis terra gloria ejus.*

Oh valha-me o Ceo! E que gloria taõ grande he esta, ou qual a causa, e occaõsõ desta gloria? Mas que ha de ser? He a fantificaçaõ, ou para melhor dizer, a declaraçaõ da fantidade do Santo mayor do mundo: Santo a que todos os Santos adoraõ, e sem o qual naõ seriaõ Santos: he, digo, acclamar no Ceo por Santo ao mesmo Deos, que he o Santo de todos os Santos: *San-*

ctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Omnipotens. E quando hum Santo taõ grande se canoniza no Ceo, as glorias, que no Ceo naõ cabem, descem a encher a terra: *Plena est omnis terra gloria ejus.* Deos acclamado no Ceo por Santo, oh que gloria para a terra, e para o Ceo! Gloria, que por naõ caber no Ceo, trasborda na terra: *Omnis terra gloria ejus.*

Que outra he neste dia a gloria de Joaõ, senaõ esta, a quem o Ceo publica pela mayor gloria? Lá o canonizado por Santo foy Deos, e cá o Santo canonizado he Joaõ; mas com elle ser Joaõ, todo hoje parece Deos. Cõbinay as Canonizaçoens, e o vereis: quem lá canonizou a Deos no Ceo, foraõ dous Serafins: por duas bocas foy Deos alli canonizado: *Duo Seraphim.* Tambem Joaõ foy por duas bocas canonizado na terra: canonizou-o o povo em virtude dos seus milagres em Salamanca; e hoje em premio das suas virtudes o Pontifice em Roma o canoniza: o

povo acclamando-o por Santo o canonizou em vida :

In ejus off. *Ob patratum miraculum,* dizem as suas liçoens, *Sanctus passim acclantatus*, e o Pontifice fazendo verdadeira a voz do povo o canoniza hoje Santo, e por Santo: *Acclamatus Sanctus*. Daquelles Serafins, que lá canonizavaõ a Deos, diz S.

D. Pedro Damiaõ, que hum era Anjo, e outro homem: *Duo Seraphim*, diz o Padre, *Angelum, & hominem accipe*. E se a Deos o canonizavaõ no Ceo vozes humanas, e Angelicas: *Duo Seraphim*, a Joaõ, na voz do Summo Sacerdote, o canoniza huma voz Angelica: *Angelum*, e na voz tambem do povo o canoniza huma voz humana: *Hominem accipe*. Huma só differença observe, mas nella o mesmo Deos parece quiz aventajar a Joaõ. Deos no Ceo foy acclamado Santo pelos Serafins: mas como? Naõ huma vez só, senaõ tres vezes: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. E Joaõ quantas vezes se acclamou Santo na terra? Naõ só tres vezes,

mas mais que tres, e sobre este mais, muitas vezes mais, isso diz o adverbio *passim*: *Sanctus passim acclamatus*. Naõ podia Joaõ ser taõ Santo, como Deos he; mas aquellas ventagens, que Deos lhe levava na santidade, quiz elle que lhe levasse Joaõ nas acclamaçoens. Por este modo parece quiz o Senhor desempenhar-se com o seu servo: se na santidade era Deos, o que levava ventagens a Joaõ, Joaõ nas acclamaçoens levava ventagens a Deos. Em fim, equivooca-se neste dia Deos, e Joaõ; mas donde há acclamaçoens de santidade (ou Deos seja, ou Joaõ) tudo o que se vê, parece Deos. Naõ deixemos o lugar, de que naõ sabemos ainda.

Naquelle trono, em que Isaias vio a Deos no Ceo, diz elle, que dous Serafins cruzando as azas superiores cobriaõ o rosto do mesmo Deos: *Vidi Dominum super solium excelsum, & elevatum, & Seraphim velabant faciem ejus*. Naõ reparo, em que se esconda Deos debaixo das azas dos Serafins, por-
que

que já fey que para affervorar defejos, não ha mais que affectar retiros. O em que reparo he, que estando Deos affim escondido, que estando Deos affim encuberto, diga neste caso Ifaiás, que vê a Deos: *Vidi Dominum*. E quem lhe disse a Ifaiás, que era Deos, o que estava alli? *Dominum*. Mas quem fenaõ a santidade, que os Serafins acclamavaõ? Quem fenaõ as acclamaçoens repetidas, que se ouviaõ da santidade? *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. Como se dissera Ifaiás: hum Santo, a quem com gloria tanta os mesmos Serafins acclamaõ Santo: *Duo Seraphim*: Santo por vozes Angelicas, e Santo por vozes humanas: por vozes Angelicas, quando o acclama hum Seraphim, que he Anjo, *Angelum*; e por vozes humanas, quando o acclama hum Serafim que he homem: *Hominem accipe*. Finalmente hum Santo, em cuja Canonizaçãõ confundidas humas com outras glorias, ou a terra passou aqui a fer Ceo, ou o Ceo se trasladou aqui para a terra:

Plena est omnis terra gloria ejus. Este (diz Ifaiás) se elle não he Deos, eu não fey quem possa fer. Seja embora quem for, mas Santo com tanta gloria, não póde deixar de fer Deos: *Velabant faciem ejus. Vidi Dominum*.

Divino Joãõ: se hoje não obtára a fé, que dissera eu? Ver nesta Casa hoje hum Ceo aberto na terra: ver revestidas estas paredes em armaçoens custosas, e em bordado de fino ouro todos esses Altares: ver apurada a musica em melodias, e confundidos entre si os jubilos, os applausos, e os festejos: ver hum Santo, que sendo canonizado Santo, o he na morte, e o foy na vida: na morte por huma voz Angelica, que he o Pontifice em Roma; e na vida por huma voz humana, que foy o seu povo em Salamanca. Finalmente, ver que sendo Deos acclamado Santo, foy por tres vezes só, e elle passando a mais o acclamáraõ todos, e tantas vezes Santo: *Sanctus passim acclamatus*. Isto, Joãõ Divino, não di-

go, que he fer Deos na realidade, mas que á vista d'isto, quem vos vir, cuidará que sois Deos: *Vidi Dominum*. Oh grande gloria a desta Canonizaçaõ admiravel! Oh illustre Joaõ, hoje Principe de hum Reyno, e nelle com huma Coroa de gloria: *Complacuit dare vobis Regnum: Regnum gloriæ*.

Tenho acabado o Sermaõ, mas em occasioens de tanto gosto nunca acaba bem, quem com parabens não acaba: parabem seja (comecemos pela Mãy, a quem como proprias tocaõ as glorias de seu filho) seja, oh sempre Augusta, e Augustiniana Familia! Seja parabem o novo Astro, de que hoje se adorna esse Ceo; a nova flor, de que se esmalta hoje esse Jardim; e a pedra sobre todas preciosa, que servindo á tua Coroa de Coroa, podemos dizer por ti com a Igreja: *Posuisti in capite ejus Coronam de lapide pretioso*. Mas se ás mãys tambem tocaõ as glorias dos filhos, outra vez digo, te repito parabens, pois o mesmo, com que hoje se exalta,

e gloria o filho, vejo que tambem exalta, e glorifica a Mãy. Vê-se hoje o filho principe em hum Reyno: *Dare vobis Regnum*, e porisso com trono, com Sceptro, e com Coroa: vê-se tambem a Mãy Princeza hoje por seu filho, e porisso tambem com Trono, Coroa, e Sceptro. Grande gloria a deste filho, mas não menos a desta Mãy!

Naquella Mulher do Apocalypse (acabemos por onde começou o Sermaõ) naquella Mulher do Apocalypse, dissemos já se figurava a minha Religiaõ sagrada. Mas taõ gloriosa, quando S. Joaõ a via, que tendo na Lua o prateado Trono, a Coroa nos diamantes das Estrellas, e nos rayos do Sol Sceptro de ouro, era esta Mulher huma Princeza, e porisso com Trono, com Sceptro, e com Coroa. Mas a fer esta Mulher Mãy de hum filho, que no Reyno, de que era Senhor, tudo isto tinha: *Dare vobis Regnum*, que muito, que no mesmo que lograva o filho, se visse a igual parte, que

que tinha a Mãy? E se aqui tocaõ tanto á Mãy as glorias do filho, devidos lhe faõ hoje os parabens de tanta gloria.

E vòs excelso Joãõ, parabem vos seja mil vezes, e mais parabem. Entray a ser Principe entre os Santos, e Santos com as insignias de Principe. Principe, porque occupais hum Trono: Principe, porque empunhais hum Sceptro; e Principe, porque cingis huma Coroa. Santo tambem sobre Principe, porque o Trono he huma Cadeira de doutrina: *Regnum Doctrinae*, o Sceptro a graça do Sacramento: *Regnum gratiae*, e a Coroa, a gloria de Canonizaçãõ: *Regnum gloriae*. Neste triunfo pois, e nesta gloria, vos cantem parabens o Ceo, e mais a terra, louvores os Anjos, e mais os homens: os homens entoando vivas, e os Anjos letras; a terra ornãdose de primaveras, e o Ceo de luminarias. Todos festejẽ em Deos o fazerse admiravel nos seus Santos, e em vòs o feres hum Santo, por quem se faz Deos taõ admiravel.

O que agora queremos

he, que lá nesse folio da Bemaventurança, em que reinais (Santo Principe, e Principe dos Santos) vos lembreis, que como filhos que fomos do mesmo Pay, e da mesma Mãy, fomos irmãos inteiros: (provera a Deos nos pareceramos em tudo como irmãos) e sabeis já, que quando figurados nas Estrellas adoráraõ os irmãos a Jozè, Jozè repartio mil abundancias com seus irmãos. Hoje o dia, em que naõ só as Estrellas vos adoraõ, mas como a outro Jozè, o Sol, a Lua, e as Estrellas: o Sol em Agostinho, que com affectos de Pay vos festeja; a Lua em Monica, que com carinhos de Mãy vos abraça; e as Estrellas nestes indignos irmãos vossos, mas ditos por vossos, e mais ditos por irmãos. A estes ebsequios (oh Joãõ admiravel!) respondey (quanto ao Sol, e á Lua) com reciprocos applausos, e ás Estrellas, em que entramos todos, nesta vida com reflexos agradaveis da graça, e na outra cõ eternos resplandores da gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

EPIGRAMMA.

F *Acundum illustrant insignia parva Joannem,
 Quæ merito indulgens donat habere Deus.
 Hunc thronus, hunc sceptrum radians, hunc celsa corona
 Condecorat: triplici Divus honore nitet.
 Dat doctrina thronum, sceptrum dat gratia, pulchrum,
 Quæ non marcescēt, pulchra corona facit.
 Hec tria sic miro eloquio describit, & ornat
 Divini Præco fulgidus eloquii;
 Ut, ceu gemma micans, fulvum quæ dividit aurum,
 Hec tria jure suo vendicet ipse sibi.*

Authore Algarbiensi Cæco.

HIC EST JOANNES RODERICUS DO REGO

*Musarum cultor; imò & Magister excultissimus,
 Utroque corporeo lumine à nativitate orbus,
 Aquilis tamen perspicacissimis
 Oculatior;*

Qui vel aquilina ingenia longè prætervolat.

In Algarbii regione ferè meridiana natus,

Ea Aquilarum patria est.

Aquilæ nempè proximos Joanni honores ambiunt;

At ille micat inter omnes,

Velut inter ignis Luna minores.

Cum alii fidem ex auditu,

Hic & fidem, & amplissimum Scientiarum thesaurum

Hausit, & concepit.

Inditoque à Patre luminum splendido lumine

Ad stuporem adauxit;

Et in audientes, pariterque monstrum hoc mirantes

Affluenter effudit.

S E R M A Õ
 D E T A R D E
 DO GLORIOSO, E INSIGNE PORTUGUEZ
 S^{TO}. ANTONIO,
 P R E G A D O

Aos Religiosos Capuchos do Convento do mesmo Santo na Villa de Estremoz.

Vidimus Stellam ejus, & venimus. Matth. 2.

Quem dissera, que tambem ao Divino havia feitiços? Mas a ser certo como he, que tambem ao Divino se ama, quem não dirá, que he certo, que tambem ao Divino se enfeitiça? Divino Antonio, maravilha fatal do mundo, crédito admiravel dos Santos, e gloria singular de Deos! Quem vir, que dando-vos o amor a forma, ou sendo vós, como sois, hum vivo retrato do amor; porque se este se pinta com arco, e setta, vós

com o Menino Jesus nos braços tendes setta, e tendes arco, nos mesmos braços; em o Menino está: *Posuisti brachia mea ut arcum,* Psal. 15. v. 35. e setta, no mesmo Menino: *Et posuit me sicut sagittam electam.* Isai. 4. v. 2. Quem vir, digo, que sois hum amor em carne, ou hum retrato do amor, que dirá de vós? Que vos fez Deos hum feitiço, que a todos encantais: que vos fez Deos hum encanto, que enfeitiçais a todos: hum feiticeiro São, mas feiticeiro, e hum encantador Divino.

vino, mas encantador.

Por gloria, e louvor de Christo, a quem os de Jerusaleem chamarão feiticeiro por injuria: *Samaritanus es tu, & demonium habes*, Santo Ambrosio, o grande Doutor da Igreja, lhe chama por amor feiticeiro:

D. Amb. ref. o P. Ant. V. rem Dominum Jesum Christum. Feiticeiro, (diz o Santo) Incantatorem! Mas feiticeiro por amor; porque

a destrezas de amor seu Christo encantou o mundo, e o desencantou: desencantou-o, tirando-lhe os feitiços do demonio: *Nunc ejicitur foras*; e encantou-o, attrahio-o com os seus Divinos feitiços: *Omnia traham ad me ipsum*. Tal he Christo, tal he Antonio, ou o amor de ambos, que tanto tem de feitiço, quanto tem de amor: *Habet incantatorem suum*.

O feiticeiro, que no mundo ha mais destreza, e o encantador mayor, que vio o mundo, he o amor: tudo no mundo enfeitiça por huma arte nova, enfeitiça as

vontades, porque as arrasta, enfeitiça as potencias, porque as enleia, enfeitiça as liberdades, porque as cativa, os sentidos, os corações, e os affectos, tudo quanto namora encanta, e quanto enfeitiça rouba. Encantador, emfim, a cuja vista podem ceder vencidos os feitiços de Canidia, os encantos de Medea, as Magicas de Circe, e sobre tudo as consonancias de Orpheo, e as melodias de Amphion. He o que hum Poeta diz, e todos podem dizer com elle: *Omnia vincit amor, & nos cedamus amori*.

Virgil. Eclog.

9.

Naõ de outra forte Christo, e mais Antonio. Christo na Cruz tudo enfeitiçou, porque tudo attrahio: *Omnia traham ad me ipsum*. Oh que braço do seu amor este *Omnia! Omnia vincit*, se diz do amor: *Omnia traham*, se diz de Christo. Antonio tambem como Christo attrahio tudo, e enfeitiçou a tudo. Em ambos se vê: Christo na Cruz attrahio a terra para os terrores, os Astros para os eclipfes, o véo do Templo para os ras-

D. Leo Serm. 6 de Pass. cap. 4.

Joan. 8. v. 48

D. Amb. ref. o P. Ant. V. rem Dominum Jesum Christum. Feiticeiro, (diz o Santo) Incantatorem!

5.

Joan. 12. v. 32.

Sylv.
bic.

rafgos, as pedras, o inferno, as sepulturas, e o q̄ mais he, o Ceo para o dar aos homens, e os homens para os levar para o Ceo: *Omnia*, diz hum Expositor: *Id est, omniũ affectus ad se rapuit, & traxit.*

Santo Antonio (aqui as admiraçoens) attrahio os peixes, dominou os brutos, focogou os elementos, conheceo coraçõens, resuscitou mortos, profetizou futuros, revelou pensamentos, e para attrahir rudo em Deos, até o mesmo Deos attrahio. Trazia com familiar trato em suas mãos aquelle Senhor, a quem com suas azas não ousaõ a chegar os Serafins. Prodigio raro! He Deos o familiar de Antonio: e que feiticeiro não serà, quem tem familiar? Porisso, a ser esta a tocha, com que Antonio depara a todos as cousas perdidas, ao mesmo tempo encanta o mundo, e o defencanta: defencanta-o, no que depara, e encanta-o, no que obriga: *Incantatorem habet. Omnium affectus ad se rapuit, & traxit.*

Para celebrarmos pois as glorias deste feitiço grande, o mayor que a natureza vio, e creou a graça, temos em campo hoje, diz S. Matheus, huma Estrella, feitiço que foy dos feitiços, porque aos mesmos, que entaõ enfeiticavaõ, enfeiticou. Esta he a Estrella dos Magos, diz o Thema: *Vidimus Stellam ejus, & venimus.* Mas que? E que Estrella he esta? Via-se, dizem os Padres, hum Menino na Estrella: *Formã* ^{D.} *quasi pueri parvuli*, e na mesma Estrella se via tam- ^{Chrif.} ^{Hom. 2.} ^{in Imp.} *Et similitudinem Crucis.* Já pelos finais se vê que he Santo Antonio: Estrella que tem huma Cruz n'uma mão: *Formam Crucis*, e na outra mão hum Menino: *Et pueri parvuli.* Oh Estrella admiravel! Se dos Magos attractivo iman, e se dos mesmos feiticeiros feitiço, não vi eu Estrella mais feiticeira: *Vidimus, & venimus.*

Na contemplação pois, e observação desta Estrella, o que veremos hoje em Santo Antonio, que serà? Diga a lingua, o que sentem os

cora-

coraçõens. Tudo enleyos, tudo encantos, tudo feitiços: quero dizer: huma Estrella que he hum feitiço, huma Estrella, que he hum encanto, e huma Estrella, que he hum enleyo: isto he, hum feitiço para Deos, hum encanto para os homens, e hum enleyo para todos. Melhor o direy: Tres cousas observo em Santo Antonio: Virtudes, em que foy insignificante, milagres, em que foy eminente, e favores, em que foy admiravel. Formosa Estrella! Nos seus favores será Antonio para Deos hum feitiço. Nos seus milagres será para os homens hum encanto, e nas suas virtudes será para todos hum enleyo. Temos em tres partes o Sermão: vamos agora vendo, que reproduzida em Antonio a Estrella dos Magos, hoje enfeitiza a todos por força da Estrella: *Vidimus Stellam ejus, & venimus.*

I. PONTO.

EM primeiro lugar: foy Santo Antonio para Deos, e para os favores de

Deos hum feitiço. Dos seus antigos Magicos, e feiticeiros mais celebres nas Fabulas dos Poetas (dizem elles) que por arte Magica, e feitiçaria, eraõ taõ poderosos, que chegavaõ a tirar a Lua do Ceo, e a traziaõ á terra: *Carmina vel celo*, diz Virgilio, *possunt deducere Lunam*. Não me admiro já, de que Amphion famosissimo feiticeiro, aos sonoros encantos da sua voz fizesse desfazer rochedos, e mover penhascos; pois ha feitiços taõ poderosos (ou se chega fingir que os ha) que do Ceo arrancaõ, e trazem á terra a mesma Lua: *Possunt deducere Lunam*. O que noto porém, e o que reparo nesta mentida, mas decantada Fabula, he, que havendo feitiços só para a Lua, os não houvesse tambem para o Sol: não se diz que arrancavaõ, e traziaõ o Sol, mas que arrancavaõ, e traziaõ a Lua: *Deducere Lunam*.

Oh Antonio admiravel! Verdadeiramente, que se aquelles Poetas vivessem hoje, e vissem os feitiços de Santo Antonio, achariaõ sem

fem duvida, que muito além das forças da sua imaginação passava nelle o poder de tão admiraveis feitiços. Não foubraão imaginar os homens, que bouesse feitiços no mundo, que do Ceo podessem arrancar o Sol, e trazello á terra: a Lua sim, mas o Sol não. Hoje porém, que diriaõ estes homens, se vissem em Santo Antonio, o que nós vemos? Que diriaõ, se lá do mais alto Ceo (naõ o quarto, mas o Empyreo, naõ o dos Astros, mas o dos Anjos) se lá do folio, e trono da Divindade, vissem arrancar hum Sol? (este he Christo, naõ Sol material, mas Divino: naõ Sol da natureza, mas da graça) Christo enfim, unico, e verdadeiro Sol: *Sol iustitie Christus Deus noster*. Se vissem, digo, arrancar este Sol, e trazendo-o do Ceo á terra se pozesse nos braços de Santo Antonio, e nelle como em trono de delicias, hum Sol allentasse o trono em outro Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum*. Isto (valha-me o Ceo!) se naõ são feitiços do amor (di-

riaõ todos) que pôde ser? Mas sim, feitiços são, e mais feitiços. Eu o differa.

Vós meu Deos vindo do Ceo á terra por amor de Antonio! Vós deixando o peito do Pay pelo seu peito, os braços dos Serafins pelos seus braços, e a companhia dos Anjos pela sua companhia! Vós metido todo nos braços de Antonio, e abraçado com elle todo, todo chegado a seu peito, e unido todo ao seu coração! Vós enfim destillando ternuras, apostando caricias, derretido em amores, o Senhor pelo servo, Deos pelo homem, o Creator pela creatura, e por huma Estrella hum Sol! Isto he, meu Deos, ou que diremos que he! Mas que ha de ser? Enfeitiçar Santo Antonio a Deos, e Deos andar enfeitiçado com Santo Antonio: feitiços de amor, e porque de tal amor, os maiores feitiços.

O amor mais feiteiceiro, que o mundo vio, foy o amor de Christo: *Incantatorem habet*, diz Santo Ambrosio: Quiz este Divino amor enfeitiçar huma hora aquel-

Ex
Eccl.

Psal.
13.v.
6.

aquelle Discipulo, com quem já taõ enfeitado andava (o Evangelista S. Joaõ) Discipulo por antonomasia amado do Senhor, e o mais amado entre os mais Discipulos: *Discipulum, quem diligebat Jesus*. Quiz, digo, enfeitigar o seu amado Evangelista, e que vos parece, que faria o amor? A que chegaria aqui a força, e efficacia dos seus feitiços? Naõ menos, que a attrahir Joaõ a si, chegallo a seu peito, e na cea reclinallo nelle, ou sobre elle: *Qui supra petus Domini in cena recubuit*. Esta foy a proeza, ou baliza ultima, a que chegáraõ os feitiços de hum amor empenhado, qual o de Christo para com Joaõ. Pergunto agora: E isto q̃ Deos fez com Joaõ, naõ foy o mesmo, que Santo Antonio fez com Deos? Sim: Deos na Pessoa de Christo attrahio Joaõ a si, e o chegou ao peito: assim enfeitiga Deos. Antonio no mesmo Christo tomou a peitos hum Deos, meteo-o em seus braços, e unio-o a seu coração: assim enfeitiga Antonio. Logo,

enfeitiga Santo Antonio, naõ por outra arte, mas pela mesma, porque o mesmo Deos enfeitiga? Sim: He Deos na arte de enfeitigar hum como Antonio, e Antonio nos primores desta arte hum como Deos. Póde haver mais? Digo que sim, e para agora he que quero as atençaõs.

Muito além dos feitiços de Deos para com Joaõ passáraõ (quanto ás circunstancias) os feitiços de Antonio para com Deos. Combinay successos: enfeitigou Christo a Joaõ: isto foy menos, porque foy hum Deos enfeitigar a hum homem. Enfeitigou Antonio a Christo: isto foy mais, porque foy hum homem enfeitigar a hum Deos. Christo chegando Joaõ ao peito, fez deixar hum homem a terra pelo Ceo: Antonio tomando nos braços a Christo, fez trocar hum Deos o Ceo pela terra. Nos feitiços, que Christo fez a Joaõ, sobio elle ao peito do Senhor huma vez só: nos feitiços, que Antonio fez a Christo, desceo o Senhor aos seus braços infinitas

finitas vezes. Joaõ, quando sobio ao peito de Christo, entrou pequeno, e ficou grande: Christo, quando veyo aos braços de Antonio, era grande, e pareceo pequeno; taõ pequeno, que se vê alli hum Menino. Finalmente, Joaõ enfeiticado por Christo, deixou huma barca no mar, e humas redes na praya; Christo enfeiticado por Antonio, deixou a riqueza de hum Ceo, e hum trono de gloria. E se Joaõ por amor de Christo deixou com o Pay, que tinha, barcos, e redes: Christo por amor de Antonio deixou Anjos, deixou Serafins, deixou Bemaventurados, e no modo possível, hum Pay amoroso, Pay, de quem o Filho (pelo ser de tal Pay) he o Sol da verdade, o centro da graça, e o luzeiro da gloria: *Vidimus gloriam ejus, quasi unigeniti à Patre plenum gratia, & veritatis.* Oh quanto fez o amor de Christo enfeiticando a Joaõ! Mas oh quanto mais o amor de Antonio enfeiticando a Christo! Emfim feitiços de Antonio, que trouxeraõ do

Ceo á terra, naõ a Lua, mas o Sol, e posto este nos braços, e coração de Antonio: *Ut signaculum super brachium, ut signaculum super cor;* hoje, qual a Estrella aos Magos, vemos enfeiticar-se hum Sol por huma Estrella: *Vidimus Stellam, & venimus.*

Ainda (e em qualidades bem notaveis) temos mais que ver nestes admiraveis feitiços. Escreve Plinio, que certos feitiços ha (diz elle) taõ fortes, taõ finos, e taõ efficazes, que aquelles, a quem huma vez tocaõ, naõ só ficaõ enfeiticados, mas tambem feiticceiros. Ouvei a Plinio: *Tantum remanet virus, excepto semel malo, ut venefici fiant, venena passi.* Nesta conformidade achamo-nos com dous feiticceiros aqui de huma mão para a outra. Hum he Antonio, que enfeitica a Christo, e outro he Christo, que sendo feiticceiro já: *Incantatorem habet,* o torna a ser por Antonio: *Venefici fiant venena passi.* O que supposto pergunto: E Christo nesta forma enfeiticado por Santo

Antonio, a quem se diz que enfeitica? Ao mesmo Santo Antonio: elle a Christo, e Christo a elle. Mas isto como! Agora o direy. Hum das emprezas, que costuma fazer a Magica, he mudar, como sabemos, as apparencias as cousas em tal fórma, que hum ponto abbreviado o faz avultar, e parecer hum grande monte; e hum monte crescido o faz diminuir, e parecer hum breve ponto. Isto (oh Magica do amor mayor, e quanto mayor amor mais fina Magica) he o que Antonio faz com Christo, e Christo faz com Antonio. Por Antonio, o monte da grãdeza em Christo se reduzia ao atomo da sua meninice. Eis-ahi o monte, parecendo hum ponto. Por Christo o atomo da menoridade em Antonio sobio a ser o monte da mayor grãdeza. Eis-ahi o ponto parecendo hum monte: póde haver mais estremados feitiços? Vamos por partes.

Enfeitica Santo Antonio a Christo, e como? Naõ só arrancando do Ceo o Sol, e trazendo-o à terra, mas com

hum força tal em seus feitiços, que faz parecer menino hum Sol gigante: o mesmo que tinha chegado já aos vigores do meyo dia, o torna a reparar menino nos albores do Oriente. Ha maravilha mayor? Vede, se este Sol se descobre bem em outro Sol. *Vis*, diz là hum Profeta a ElRey Ezequias: *Ut ascendat umbra decem lineis, an ut revertatur totidem gradibus?* Dous finais grandes (diz ao Rey o Profeta) vos proponho aqui: ou se apressará o Sol, adiantando-se dez linhas em hum instante, ou o Sol tornará atraz retrocedendo outras dez linhas. Escolhe neste caso o Rey, e que vos parece que escolheria por mayor final? Por ventura, que corresse o Sol adiante? Naõ. Que tornasse atraz? Isso sim: *Nec hoc volo ut fiat*, diz elle, *sed ut revertatur retrorsum*. Notavel escolha, para o nosso caso mais notavel! Se destes finais qualquer era final grande, em que está logo no retrocesso o milagre mayor? Em que? Em ver-se entãõ neste Sol, o que

4. Reg.
20. v.
9. &
10.

que no de Antonio se vê. O Sol no meyo dia, em que já estava, era Sol gigante; o Sol no Oriente, para que descia, era Sol menino: e trocar hum Sol (como alli vemos) o seu Zenith pela meninice, e o seu meyo dia pelo Oriente: deixar hum Sol o trono pelo berço, e reduzir ás ternuras de menino as esferas altas de gigante: isto he huma maravilha tal, que não fazem comparação com ella as mais maravilhas. Porisso não escolhe o Rey que o Sol prosiga: *Nec hoc volo ut fiat*, mas fim que retroceda o Sol: *Sed ut revertatur retrorsum*.

Oh grande Antonio! Por vós, e por Ezequias, o Sol retrocedeo, e tornou atraz, mas com differença, que por vós hum Sol Divino, e por Ezequias hum Sol creado, e vay de vós aqui tanto a Ezequias, quanto vay de hum Sol a outro Sol. Grave requinte, no que por consequencia deste caso o Texto diz. Feito a favor de Ezequias este milagre do Sol, e convalecido elle da doença,

Tom. IV.

que deo occasião ao milagre, diz o Texto, que Berodach Rey de Babilonia mandou logo render vassallagem, e dar obediencia a El Rey Ezequias: *Misit Berodach literas, & munera ad Ezechiam*. Alta demonstração! Vassallagem tão voluntaria, isto de huma Coroa para outra Coroa, e de hum Rey para outro Rey? E porque razaõ? Pelo que está dito, e direy ainda. Adoravaõ (diz Ruperto Abbade, que sua he a razaõ) adoravaõ os de Babilonia neste tempo ao Sol por Deos: soube Berodach, que o seu Deos, que era o Sol, tinha feito a Ezequias o obsequio de tornar a traz por elle, e retroceder: soube, que voltara do Zenith para a meninice, e do meyo dia para o Oriente: *Reversus est sol in horologio Abaz*. E homem, diz este Rey, por quem o Sol, a quem temos por Deos, torna do trono para o berço, e depois de se ver gigante, se faz menino: *Reversus est*. Este homem, he justo que as Coroas se lhe tributem, e tido por mais que

M ho-

Rupert

homem, se venere por coroa das mesmas coroas. Tu he de Ruperto: *Audierat, diz elle, petitione Ezechie ad ortum solem conversum, quem Chaldei adorant: dumque Regi mortali obsequium Deum suum praeuuisse cognouissent, illum adorando, plusquam hominem crediderunt.*

Eis-ahi (oh gloria singular) eis-ahi o que Antonio he na maravilha rara, e empreza maravilhosa, de trazer, não só o Sol a seus braços, mas reduzir ao ponto de menino o mesmo Sol. Se em Ezequias este caso se fez respeitar tanto, sendo em hum Sol, que era hum Deos menino, em Antonio que será, fazendo-se em hum Sol, q̄ he hum Deos verdadeiro? E que isto o faça Antonio, não mais que a puros feitiços de amor: oh força, oh efficacia, e poder grande o de tais feitiços!

Mas se Antonio enfeitica a Christo reduzindo o Sol a hum ponto, Christo enfeitica a Antonio, fazendo de hum ponto hum grande Sol. Taõ pequeno por

humilde era Santo Antonio, que por habito, e profillaõ se fez menor. Mas que fez aqui o amor de Christo? Os feitiços deste amor que fizeram? Taõ grande a Santo Antonio, q̄ o mesmo Christo á sua vista parece pequeno. De maneira, que Antonio se fez menor por amor de Christo; e Christo pagádo-lhe este amor, quiz fazer-se á sua vista menor que Antonio. Glorie-se muito embora o Bautista, de que para Christo se mostrar grande, elle se fazia pequeno; mas Antonio póde gloriarse, de que o mesmo Christo quiz parecer pequeno, para que elle se mostrasse grãde. Parece, que por Antonio está o Senhor dizendo com o Bautista: *Illum oportet crescere, me autem minui.* Tambem ouço dizer, que ha no mundo tais feitiços, que fazem voar. Assim o fez á vista de toda Roma Simão Mago. E se isto fazem os feitiços mãos, os de Christo, taõ santos como poderosos, que farão? A Santo Antonio o fizeraõ sobir, e voar taõ alto, como em pre-

Joan.
3.º.
30.

presença do mesmo Christo mostra a sua grandeza. E qual he? A que por ventura vay de hum homem a hum menino? Eu não sey: sey que vejo alli a Christo Menino, e a Santo Antonio o vejo homem.

Mas ainda por outro modo lhe quero tomar as medidas. (se estas se lhe podem tomar) Toda a grandeza dos Santos tem, se advertires, certa demarcação em Christo, medidos elles pela sua Divina grandeza. Medio-se com Christo a Magdalena, e a sobir muito, lá lhe deo

Luc. 8. v. 38. pelos pés: *Stans retro secus pedes ejus.* Medio-se o Bautista, e sobindo hum pouco mais, lhe deo pelas mãos:

Ibid. 1. v. 66. *Manus Domini erat cum illo.* Medio-se emfim o Evangelista, e passando além de todos, lhe deo pelos peitos:

Joan. 22. v. 20. *Supra pectus Domini in cœna recubuit.* De maneira, que hum não passou dos pés, que foy a Magdalena: *Pedes*; outro chegou às mãos, que foy o Bautista: *Manus*; e sobindo outro a mais, lhe deo pelos peitos, que foy o Evangelista: *Pe-*

ctus Domini. Bem, e o nosso Santo Antonio, se a caso se medio tambem, por onde deo a Christo? Não pergunteis assim: E Christo, se se medio com Santo Antonio, por onde lhe deo? Oh prodigio raro! Christo, a quem os mayores Santos chegaraõ a dar ou pelos peitos, ou pelas mãos, elle medido com Santo Antonio lhe dà alli pelas mãos, e pelos peitos. Não he Antonio, o que dà pelas mãos, e peitos a Christo, Christo he o que dà pelas mãos, e peitos a Antonio; da-lhe pelas mãos, porque nellas assenta; e dà-lhe pelos peitos, porque a elles se encofta, pelas mãos, porque se poem em seus braços por prenda; e pelos peitos, porque o traz no coração por medalha: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.*

Pòde haver altura, ou grandeza mayor? Agora digo eu, e com razão, que justamente se applicaõ a Santo Antonio aquellas taõ notaveis palavras de David: *Altissimū posuisti refugium* Psal. 90. v. 9
tuum.

tuum. Poz Deos (quer dizer o Profeta) em Antonio o trono do seu refugio , ou o refugio do seu trono : *Refugium tuum*. Mas notay , que o lugar , em que o poz (este he Antonio) não só se diz que he alto , mas altissimo : *Altissimum posuisti*. Esta palavra altissimo he propria só de Deos na Pessoa do Pay : elle he o Altissimo por antonomasia : *Altissimi Filius. Et virtus Altissimi*. E pois altissimo a Santo Antonio , quando nelle poem Christo o seu trono ? *Posuisti refugium*. Sim. Quando Christo poem o seu trono em Santo Antonio , da-lhe pelos peitos o mesmo Christo : e Antonio com Christo nos peitos , ou pelos peitos , q̄ se ha de chamar senão Altissimo ? O peito , e o coração do Altissimo , he o relicario , diz S. João , em que o Verbo está : *Unigenitus , qui est in sinu Patris*. E se Antonio tem no peito , e no coração este Verbo , que diremos que he ? Altissimo como o Padre ? Isso não. He o Padre Santo Antonio , mas Padre com

prerogativas de Altissimo : *Altissimum posuisti refugium tuum*.

Verdadeiramente , que eu me não sey resolver , qual dos dous enfeitiga com mayor arte : se Antonio a Christo , ou se Christo a Antonio : se Antonio a Christo , fazendo-o de tão grande parecer pequeno ? Se Christo , a Antonio , fazendo-o de pequeno parecer tão grande. Mas tudo n'um , e outro são feitiços de amor , e porisso n'um , e outro os mayores feitiços. E se Antonio na arte de enfeitigar he tão destro como Christo he , que muito tenha poder , e arte para enfeitigar ao mesmo Christo ? Enfeitigallo trazendo nelle o Sol do Ceo à terra , enfeitigallo , reduzindo nelle a hum ponto o mesmo Sol , e finalmente enfeitigallo , para que sobre enfeitigado todo , fique tambem feiticero. Oh Estrella dos Magos , hoje reproduzida em Antonio ! Oh Antonio , feitiço hoje de hum Sol por força de Estrella : *Vidimus Stellam ejus , & venimus*.

II. P O N T O.

EStamos na següda parte do Sermaõ: hum encanto para os homens foy Santo Antonio nos seus milagres. Todos os milagres de Santo Antonio não são, nem para nós foraõ outra cousa mais que encantos. Encantou Santo Antonio aos homens, reduzindo nos Herejes a sua obstinação, e cegueira, e como? Com o milagre dos peixes, que obedeceraõ á sua voz, e com o do bruto, que adorou o Sacramento nas suas mãos. Encantou Santo Antonio aos homens, convencendo nelles os erros da sua justiça, e como? Com o milagre de fazer fallar hum defunto, o que elle fez para justificar a innocencia de seu Pay. Finalmente Santo Antonio aos homens, e com incansavel beneficencia está penhorando sempre a nossa obrigação, e porque? Pelo milagre, que em deparar a todos as cousas perdidas, nos faz cada dia. E para que lhe não ficasse, a quem não en-

Tom. IV.

cantar no mundo, até ao mesmo demonio, no caso do seu Noviço, quiz encantar. Ora vamos ponto por ponto, encanto por encanto, milagre por milagre.

Primeiramente, obedeceraõ no mar os peixes á voz de Antonio, e o bruto, adorando o Sacramento, obedeceo tambem á sua voz: os peixes, attendendo á palavra de Deos por Antonio proferida, e o bruto adorando a palavra de Deos em Antonio sacramentada. Oh prodigios raros! Oh encantos maravilhosos? Escutavaõ os peixes, como se tivessem capacidade de homens, e adorava o bruto, como se tambem fora homem na capacidade. Huns, e outros deixavaõ o pasto corporal, e seguiaõ o do entendimento: porisso como se tiveraõ luz de razão, e uso della, todos, ainda que brutos, pareciaõ homens. Não são isto verdadeiramente encantos? Vede agora.

Circe, aquella famosa encantadora, que enfeitigou a Daphnis, dizem, que por

arte da sua arte trásformava os homens em brutos. Mágica diabolica, que fazia o que o peccado faz. O peccado faz tornar ao homem bruto, e assim se vê. Diffe-ne-se o peccado pela privação da razão: *Est privatio rationis*; e se o homem pela razão differe do bruto, bruto por privação da razão se faz o homem pelo peccado: porisso em castigo da sua culpa vestio Deos de pelles de animais Adão, e Eva: quiz que parecessem por fora aquillo mesmo, que eraõ por dentro. He o que em Nabuco se via: *Fœnum ut bos comedit*, e o que do homem diz David: *Comparatus est jumentis, & similis factus est illis*. Atéqui o que o peccado faz, e o que fazia Circe: vamos agora a Santo Antonio. Adorava o bruto ao Sacramento, e parecia mais homem que bruto: ouviaõ os peixes a Santo Antonio, e mais pareciaõ homens que peixes. E pois que? He isto encanto, ou não he? Dizey-o vós, ou inferi assim: Não he menos, nem procza, fazer que os

homens pareçaõ brutos, do que fazer que os brutos pareçaõ homẽs: tudo he igual. Logo se transformar homens em brutos, era hum encanto em Circe; fazendo que os brutos pareçaõ homẽs, que encanto não será em Antonio?

Ouçamos agora a Nabuco, que póde fallar aqui com experiencia: *Signa, & mirabilia fecit apud me Deus excelsus*. Maravilhas, e as mais estupendas (diz Nabuco) prodigios, e os mais admiraveis (diz elle) fez em mim o excelfo Deos: *Deus excelsus*. E que prodigios, que maravilhas são estas, que Deos fez em Nabuco? O mesmo Nabuco, reflectindo nisto mesmo (como querem os Expositores) o diz depois: *Nunc igitur laudo, & magnifico Regem Celi*. Eu (acrescenta elle) louvo, e magnifico ao Rey do Ceo: *Regem Celi*. Bem: e louvar hum homem, ou magnificar a Deos, he maravilha que tal nome tenha? He maravilha das maravilhas: *Signa, & mirabilia*. Sim, e não. He, e não he.

Não

Dan. 5
v. 21.
Psal. 48. v.
13.

Dan. 3
v. 99.

Ibid. 4.
v. 34.

Naõ he, se homem he qual-
quer dos outros. Mas he, se
Nabuco he este homem. E
isto porq̃? Porque Nabuco
tinha-se pouco antes visto
bruto, e taõ bruto, q̃ pastava
na relva. diz o Texto: *Fæni
ut bos comedit.* E que louve
hum homem a Deos; e o co-
nheça, quando he homem,
isso naõ he muito; mas que
hum bruto reconheça o que
Deos he, e como homem,
sendo bruto, louve a Deos,
isto he hum prodigio taõ
grande, que por grande
equivale a outros prodigios:
*Signa, & miracula apud
me.*

Eis ahi o que Deos fez em
Nabuco, e o que tambem
nos animais fez Santo Anto-
nio. Nabuco depois de
bruto reconhece a Deos, e
o engrandece: *Laudo, &
magnifico Deum;* e os ani-
mais ás vozes de Antonio,
huns ouviaõ no seu Sermaõ
a palavra de Deos, e outros
em Deos sacramentado ado-
ravaõ a sua palavra, e pala-
vra, que tambem he Sermaõ:
Omnipotens sermo tuus. E
como se fossem mais homens
do que brutos, alli com o

seu exemplo fizeraõ reduzir
os Herejes, e até nelles os
mesmos, que eraõ brutos, se
tornaraõ homens. Emfim,
encantos tudo daquelle Di-
vino Encantador, que no
encanto dos seus milagres
todo para nós he de encan-
tos. Vamos a outro mila-
gre.

Resuscita Santo Antonio
hum defunto, e por elle
quiz justificar em seu pay a
sua innocencia. Falla o de-
funto, livra-se o pay, e re-
suscitado assim o vivo, e
morto outra vez o defunto;
os Ministros de justiça se as-
sombraõ do milagre, e dei-
xam-se assombrados a todos,
o milagre se vey, e desapa-
rece. Aqui veem-se deiramẽ-
te naõ chegaõ, nem as in-
dustrias do encanto, nem os
artificios da Magica. Resuf-
citar mortos; e tirar as almas
lá dos lugares, em que Deos
as tem, ou depositadas, ou
prezas, isto naõ ha Magica,
que lá chegue, nem com to-
da a sua arte Magica. An-
tonio porẽm (oh admira-
çaõ!) Naõ em corpo fanta-
stico, como a Nicromancia
faz, mas visivel, real, e ver-
dadei-

dadeiramente fez fahir o defunto á luz da vida, e dado o testemunho, a favor de seu pay, tornou a se sepultar o defunto. Neste caso, só pelos encantos de Christo se pódem regular os de Antonio, é ainda mais a favor seu, que do mesmo Christo. Notay assim.

Resuscita Christo a Lazaro, e foraõ notaveis nelle as circumstancias desta resurreiçaõ. Affligio-se primeiramente o Senhor, e turbou-se: *Infremuit spiritu, & turbavit se*. Inquirio o lugar, onde o defunto estava: *Ubi posuistis eum?* Derramou lagrimas: *Lacrimatus est Jesus*. Mandou tirar a pedra da sepultura: *Tollite lapidem*. Rompeo em clamores: *Voce magna clamavit*. E finalmente sahio fóra Lazaro: *Et prodit, qui fuerat mortuus*. Esta foy aquella notavel resurreiçaõ, em que cifrou a sua gloria mayor o mesmo Deos, e Senhor da gloria: *Videbis gloriam Dei*. Porisso para a gloria de o resuscitar depois (diz Agostinho meu Padre) não quiz o Senhor farallo

antes: *Distulit sanase, ut posset resuscitare*.

Vedes o que passa em Christo na resurreiçaõ de Lazaro? Ora ide a Santo Antonio, e combinay resurreiçaõ cõ resurreiçaõ. Christo turbado, e afflicto: Antonio socegado, e quieto: mayor proeza. Christo perguntando pela sepultura, como quem não sabe: Antonio, que podera não saber, não pergunta: mayor caso. Christo com lagrimas nos olhos: Antonio com o custo da mesma lagrima: mayor maravilha. Christo, *clamum*, mandou tirar a pedra, e deo clamores: Antonio nem clamores deo, nem tirou a pedra: mayor prodigio. Finalmente sahio á luz o defunto de Christo, e sahio á luz o defunto de Antonio, (esta para mim he admiraçaõ mayor) o de Christo nem huma palavra disse: o de Antonio fallou, respondeo, testemunhou; e sendo alli perguntado em juizo, sem querelar, nem accusar ao matador, callou a culpa, e declarou a innocencia. Oh valha-me Deos! E que

E que combinado caso com caso, sendo Christo mayor que Antonio, o caso de Antonio seja mayor que o de Christo! Que diremos aqui? Que sem pacto, nem em Antonio podia haver tais encantos. Pacto? E que pacto? O que Antonio fez com Christo. Fez Christo pacto com Antonio, que com o poder, e virtude, que elle lhe dèsse, faria o servo mayores obras que o

Johan.
14.^{v.}
12.

Senhor : *Opera, quæ ego facio, & ipse faciet, & maiora horum faciet.* Em virtude pois deste pacto (que até Santo Athanasio chamou assim : *Pro ipsius Salvatoris pacto*) Santo Antonio faz, o que não faz Christo, ou passa muito além do que Christo faz. Porisso, se foy prodigiosa em Christo a resurreição de Lazaro, a de Antonio, ou do defunto, ainda se fez parecer mais prodigiosa. E se os Judeos encantados do primeiro milagre seguiraõ a Christo; Antonio a todos os Ministros de justiça deixou alli sobre vencidos, encantados. Mas assim encan-

D.
Ath.
in Apol
ad Imp
Const.

ta a todos, quem no encanto dos seus milagres he todo encantos. Outro milagre.

Hum perpetuo deparador das cousas perdidas he Santo Antonio. Porisso, como diz Cassiano, hum Santo tão agradavel, e tanto mais que os outros Santos, quanto se estima, e festeja mais aquillo, que depois de se perder se logra, do que aquillo, que se logra antes de se perder. He de Cassiano :

Vehementius, diz elle, *Cassian. Ref. o*
est gaudium, cum res invenitur deperdita; quam dum P. Ma-
possessa, antequam deperderetur. Naõ espereis que vos noel da
traga aqui a Estrella dos Sybr. t.
Magos, que depois de per- I. serm.
dida em Jerusalem, deo go- 10.
sto mayor, do que lograda

antes no Oriente : *Gavisissimi sunt gaudio magno valde.* Naõ seguirey isto, porque a outro intento o disse já; e ao de hoje o dizem muitos. Direy sim que Santo Antonio, por ser deparador, como he, das cousas perdidas, he hum feitiço, que a todos namora : he hum encanto, que rouba, e enfeitiça a todos. Venha aqui agora a nossa

noſſa Eſtrela , e poderá ſer que por modo mais ſingular , que até aqui.

Huma Eſtrela deo o Ceo aos Magos , e não ſey ſe lhe chame mais encanto , que Eſtrela : encanto , porque lhe levou os olhos : encanto , porque lhe arrastou os paſſos ; e encanto , porque lhe roubou os affectos. Tudo ſe vio : levou-lhe os olhos : *Vidimus ſtellam* , arrastou-lhe os paſſos : *Venimus adorare* , e roubou-lhe os affectos : *Gaviſi ſunt gaudio magno valde*. E para que não houveſſe couſa , que nelles não encantaffe , toda para o ſeu juizo foy paſſimos , e para o ſeu entendimento aſſombros : *Ecce Stella*. Notavel Eſtrela , e notavel encanto ! E que teve para fer toda encantos eſta Eſtrela ? Seria (como diz S. Leão Papa) pela novidade rara da ſua luz ? *Stella novæ claritatis apparuit*. Seria (diz elle) por mais illuſtre que as mais Eſtrellas , e não menos tão formoſa como illuſtre ? *Illuſtrior cæteris , pulchriorque ſideribus*. Tudo ſeria , mas

com licença deſte , e dos mais Padres , o Texto nos dará a razaõ : *Videntes Stellam* (diz o Texto) *invenerunt Puerum*. Buscavaõ os Magos a Deos nascido , e guiados pela Eſtrela , diz o Texto , o acharaõ : *Invenerunt Puerum*. Reparay : Não diz que o viraõ : *Viderunt* , mas que o acharaõ : *Invenerunt*. Achar-ſe huma couſa , he ſuppor-ſe que ſe perdeõ antes de ſe achar (poriſſo ſe diz achado , porque perdido) e não he alheyo de hum Deos , que vem a buscar homens perdidos , o ver-ſe perdido elle por amor dos homens. Emfim , bem perdido de amores eſtava por nós o Menino Deos , quando foy achado. E quem foy , que o deparou aqui aos Magos ? A Eſtrela : *Videntes Stellam invenerunt Puerum*. Pois Eſtrela , por quem hum bem perdido ſe logra , e ſe depara : Eſtrela , por quem a joya do peito do Pay , no ſeno da humanidade eſcondida : *Omnis caro ſenum* , ſe deſcobre com ventura , e ſe acha com felicidade : *Invenerunt Puerum*.

Eſta

Esta Estrella todos os agra-
dos leva, todos os animos
rouba, e porque encanta a
tudo, namora a todos: *Vidimus, & venimus. Ecce
Stella.* Applicar o passo não
está mais q̄ em mudar hum
só nome, ou o de Antonio
em Estrella, ou o de Estrel-
la em Antonio. Vamos ao
mais, e concluamos.

Até ao Demonio encan-
tou Santo Antonio. Indu-
zido pelo Demonio hum
Noviço furtoou hum livro a
Santo Antonio, e escondi-
damente se foy com elle, e
fugio da Religiaõ. O livro
digno era de ser envejado,
porque enfim eraõ concei-
tos de hum taõ grande Pré-
gador, como Santo Antonio
era. Mas o Santo (caso no-
tavel) não tanto pela falta
do livro, como pela com-
miseracão do Noviço, e ca-
stigo do Demonio, que cui-
dais que faria? Ao mesmo
Demonio, que fez o enredo,
o mandou desfazer. Vay
(diz Santo Antonio ao De-
monio) e já que por encan-
tos teus me tiraste o meu li-
vro, e o meu Noviço, ago-
ra por força de mayores en-

cantos, me torna a restituir
o Noviço, e mais o livro.
Assim o fez o Demonio, e
o mesmo que fez como en-
cantador, o desfez logo co-
mo encantado. Encantou
Santo Antonio ao Demo-
nio, e com tanta gloria sua,
que pode, e soube encantar
ao mesmo encantador. Pó-
de haver mais?

Da Estrella dos Magos
sabemos, que se falla nella
por hum *Ecce*, particula
que he exaggerativa: *Ecce
Stella.* Estrella a mais ad-
miravel entre as mais Estrel-
las, isso diz o *Ecce*. Mas isto
porque? Porque foy Estrel-
la esta, que encantou aos
que eraõ Magos. Os Ma-
gos, sabem já, que se cha-
mavaõ Magos, não só por
sabios, mas por encantado-
res: não só por Astrologos,
mas por feiticeiros: isso
quer dizer Magos: *Id est,
Malefici.* E Estrella, que
aos mesmos que encanta-
vaõ, encantou: Estrella,
que he a encantadora dos
encantadores; esta não he
só Estrella como as mais,
mas o prodigio, e admira-
cãõ das Estrellas: *Ecce Stella.*

Nem

Nem por outra razaõ o Evangelista, que falla dos Magos, naõ lhe dá aqui o titulo de Reys, sennaõ de Magos, *Ecce Magi*. Quiz mostrar, que aquella Estrella, que o Ceo tinha, era muito mayor, e mais singular Estrella, por encantar Magos, que por avassallar Reys. Nos Magos, em quanto Reys, avassallava sceptros, e nos Reys, em quanto Magos, encantava encantadores: e ter huma Estrella poder para encantar os mesmos que encantaõ, até aqui prodigio de Estrella: *Ecce Stella*.

Divino Antonio! Quem ao mesmo encantador encanta, aos mais, que o naõ saõ, que fará? Emfim, fois para Deos feitiço, e para os homens encanto: Estrella dos Magos, que encantando, enfeitiça a todos por força de Estrella: *Vidimus Stellam, & venimus*.

III. PONTO.

Ultimamente, pelas suas virtudes he Santo Antonio para todos nós

hum enleyo. A tres diferentes classes se pôdem reduzir todas as que chamamos virtudes: virtudes humanas nos homens: virtudes Angelicas nos Anjos, e virtudes Divinas em Deos. Pergunto agora: E a qual destas tres classes pertencem as virtudes de Santo Antonio. De qual dellas será Antonio pelas suas virtudes? Será como os homens? Naõ. Será como os Anjos? Taõ pouco. Será Deos, ou como Deos? Nem isso. E pois que he? Eis-ahi o enleyo. Naõ he Santo Antonio Deos, naõ he Anjo, nem he homem. Homem naõ, porq̃ he mais que homem. Anjo naõ, porque he mais que Anjo. Deos naõ, porque he menos que Deos. E pois que he? Hum enleyo, em que se naõ sabe resolver o que he. Antonio pelas suas virtudes deixa taõ enleados a todos, que ninguem sabe dizer o que he Santo Antonio. Vamos á Escritura.

Por mão de Moysés manda Deos fabricar a Arca do Testamento, e assim correo por conta sua a perfeiçaõ da obra,

Exod.
25.v.
10.

obra, que até as medidas della quiz dar a Moysés: dous covados, e meyo (diz Deos) ha de ter de comprimento esta Arca: *Habeat duos, & semis cubitos.* Dous covados, e meyo? Notavel Arca, e notavel medida! E porque não tres, ou porque não dous covados? Mas dous, e meyo, que não chegam a tres? Dous, e meyo, que passão de dous? Nem dous, nem tres, senão dous, e meyo: *Deus, & semis, sim*, e vede vós o que a Arca era, e o que nestas medidas se figurava. A Arca, não só por por authoridade do Papa Gregorio Nono, mas pelo que nella havia, e se via, era Santo Antonio. Dentro nesta Arca estava a vara, e estava o Maná. Eis-ahi a Santo Antonio, no seu Menino tem o seu Maná, e na sua Cruz a sua vara. Tinha tambem esta Arca as Taboas da Ley; e em Santo Antonio esta posta a ley em melhor taboa: em Christo, que foy a taboa, em que se salvou a Ley:

Matth Non veni solvere legem, 5.v.17 sed adimplere. Mas ainda o

direy melhor. Revelia-se no Propiciatorio esta Arca, e ornava-se com cortinas de diversas cores. Huma era de grã, de linho outra, e outra de burel: *De bysso, coccoque bis tincto, & Jaga cilicima.* Eis-ahi Santo Antonio nos tres habitos, que na vida teve. Na grã o habito de Menino do Coro, que veste de encarnado, no linho o habito do Conego Regrante, que veste de branco; e no burel o habito de S. Francisco, penitente cilicio, e humilde sayal.

Exod.
26.v.1
& 7.

Atéqui temos a Santo Antonio Arca do Testamento, vamos agora às medidas desta Arca. Não diz, que são dous covados, nem que são tres, senão dous, e meyo. E porque? Porque nos tres covados se representava em Antonio a natureza de hum Deos, que he Trino, e juntamente hum: hum na essencia, e Trino nas pessoas: e feria aqui Antonio hum como Deos: unidade na arca, hum, e na triplicidade dos covados, Trino. Nos dous covados representar-sehião em Antonio as duas nature-

zas por Deos creadas , e abaixo de Deos : a humana nos homens , e a Angelica nos Anjos , e aqui não seria Antonio outra cousa , que com os Anjos Anjo , e com os homens homem. Alto pois , diz o Senhor , não tenha dous covados a Arca , nem tenha tres : tres não , porque Antonio considerado a respeito de Deos he menos : dous não , porque considerado com os homens Antonio , e com os Anjos , he mais. Dous covados , e meyo fim , que se he mais a respeito de dous , he menos a respeito de tres : menos que tres , para que se veja , que não he Antonio o que Deos he ; e mais que dous , para que se saiba , que Antonio passa muito alem de todos os mais : porisso não são dous os covados , nem são tres , senão dous , e meyo : *Duos , & semis habeat cubitos.*

Oh enleyo muitas vezes grande ! De maneira , que Santo Antonio he mais que homem , Santo Antonio he mais que Anjo , Santo Antonio he menos que Deos.

E pois que? Se não he Deos , se não he Anjo , e se não he homem , que he logo Santo Antonio ? Fatal enleyo ! Aqui não ha juizo , que , ou de suspenso não pare , ou de affombrado se não retire. Tornemos à Arca do Testamento. Entrou pelo rio Jordão esta Arca , e divididas em duas partes as aguas , diz David , por huma parte pararaõ suspenças , e por outra correrão fugitivas. He o que o Profeta diz : *Quid est tibi mare , quod fugisti ?* Eis-ahi as aguas correndo : *Et tu Jordanis : quia conversus es retrorsum.* Eis-ahi as aguas parando. E pois que tem esta Arca com o Jordão , ou o Jordão com esta Arca , para q̄ do labyrintho de suas ondas , huma onda se lhe vâ , e outra se lhe venha ? Que tem , para pararem humas , e fugirem outras ? Mas he o que já dissemos , e direy ainda.

Era Santo Antonio a Arca do Testamento , e Santo Antonio não homem , porque mais que homem ; não Anjo , porque mais que Anjo : nem Deos , porque menos que

Ibid. in
Ind.
Nom.

que Deos, o que tudo se via nas medidas da Arca. Bem, e o Jordaõ que era? Era rio chamado do Juizo, que affim se chama o Jordaõ: *Jordanis fluvius judicii*. Pois alto, veja-se suspenso o Jordaõ, e veja-se fugitivo; porq̃ a encõtrar-se o Juizo mayor com Santo Antonio: a topar nelle, ou com elle hum rio de Juizo, impossivel he, que, ou de corrido não fuja, ou de affõbrado se não suspenda. Neste caso, corra embora o Juizo, e corra, rios, seja Juizo, ou corrente, seja fundo, ou profundo, q̃ á vista de Santo Antonio, de duas huma, ou ha de parar suspẽso: *Conversus es*, ou ha de fugir corrido: *Quid est tibi mare, quod fugisti?*

Oh grande Antonio! E á vista disto poderey fahir eu deste enleyo, e dizer o que Santo Antonio he? Meu Santo, vós que nos mayores apertos acodis a todos, para agora vos quero eu. Eu heide dizer (e Santo Antonio ha de fazer este milagre) heide dizer quem he Santo Antonio. Sabem, ou querem saber, quem Santo

Antonio he? Ora ajude-me Deos. Santo Antonio (em huma palavra) Santo Antonio he Santo Antonio. Ha mais que dizer? Não: *Omnia dixi, cum virum dixi*. Plin. Que he Santo Antonio, dizer de Santo Antonio, he dizer tudo: nem ha mais, nem póde haver mais.

Ego dico tibi (diz Christo do mayor dos Apostolos) Matth 16. v. 18o. *Ego dico tibi, quia tu es Petrus*. Pedro, diz o Senhor, eu para dizer quem fois, digo de vós que fois Pedro. Isso sabemos nós, meu Senhor. E que nos quereis dizer nisso? Que? Que hum sũgeito sobre todos eminente só se diz delle o que he, quando se diz que he elle: *Tu es Petrus*. Foy Pedro taõ grande, que foy Vigario de Deos em a terra, mas foy menos que Deos, porque foy Vigario. Foy taõ grande, que servindo dos Anjos no carcere, pareceo mayor que os Anjos: *Angelus asitit, & eripuit me de manu Herodis*. Act. Aposto 12. v. 6. & 11. Taõ grande emfim, que sobre todos os homens o constitulio Deos univereal Principe:

cipe: *Tu es Pastor ovium, Princeps Apostolorum.* E fugeito, que não he homem, porque he mais q̄ homem, não he Anjo, porque he mais q̄ Anjo, nem he Deos, porque he menos que Deos; este, para se dizer delle quem he, só o faz quem diz que he elle: *Tu es Petrus.*

Eis-ahi a Pedro, eis-ahi a Antonio; mas ainda temos mais que ver neste eis-ahi. Sois Pedro, lhe diz Christo, e não mais: *Petrus.* Pedro he o mesmo que pedra: *Super hanc petram.* E que pedra he Pedro, para melhor se saber o que he? Isto não o diz Christo: *Petrus.* E porque não? Não foy Pedro pelo seu amor fino Diamante? Não foy pela sua caridade ardente Rubim? Não foy pela sua esperança verde Esmeralda? Pela sua sabedoria não foy luzido Ametisto, e Chrysolito luminoso? Pois porque não diz Christo que he Chrysolito, que he Ametisto, que he Esmeralda, que he Rubim, e que he Diamante? Isto não; que seria aggravado das suas luzes estre-

tar a huma pedra só os seus resplandores. He pedra com locução indefinita, q̄ equivale a universal. Pedra que sendo huma no ser, equival a todas as pedras: *Tu es Petrus.* Não de outra sorte Antonio: *Quasi vas aurisolidum* (canta delle a mesma Igreja) *ornatum omni lapide pretioso.* Hum vaso de fino ouro (porisso retrato po amor, que não póde deixar de ter muito de ouro, quem tem tanto de fino) hum vaso de fino ouro ornado, não com hum só genero de pedras, mas com pedras de todos os peneros: *Omni lapide pretioso.* Hugo Cardeal: *Omni genere virtutum.* Eu o dissera: se todas as pedras tem sua virtude, todas as virtudes tem, quem se orna com todas as pedras: *Omni lapide, omni virtutum genere.* E se Pedro he este, e este he Antonio, porisso de hum, e outro se não diz mais, que ser hum Antonio, e outro Pedro: *Tu es Petrus. Tu es Antonius.*

Agora entendo eu a causa, porque Santo Antonio teve

teve por excellencia especial sua o multiplicar as presenças: ao mesmo tempo estava cantando no coro, e prégando no pulpito; ao mesmo tempo estava assistindo na Cidade de Padua, e livrando a seu Pay na Cidade de Lisboa: era Santo Antonio hum só, mas como se em si mesmo não coubesse, se multiplicou em muitos Santos Antonios. Era hum, mas numerozo, era hū mas reproduzido. Era hum, multiplicado. E por dar mais dilatados enfanches á sua grãdeza, dividio em muitos, o q̄ em hum só não cabia: era hum, mas distincto, e repartido em muitos. Oh Santo admiravel, credito singular dos homens, e gloria immortal dos Santos! Se nas margens de hum só fugeito fois para tantas virtudes curto mappa, fois para tanto Sol estreita esfera, e fois para tanto mar angusta praya, que, senão hum enleyo dos sentidos, podemos dizer que fois, e fereis sempre? Em fim Estrella dos Magos, enleyo de todos hoje por força de Estrella:

Tom. IV.

Vidimus Stellam ejus, & venimus.

Acabey o Sermaõ, e se bem he verdade, que no Sacramento não falley até-qui huma só palavra, seria tal vez, porque prégar de Santo Antonio, não he outra coufa, que prégar do Sacramento. Nesta excellencia terá Antonio a ultima coroa. Huma grande festa se via no Ceo, (diz S. Joaõ) e foy, que assentado hum Cordeiro sobre hum trono, o que por huma parte se via he, que os applausos se rendião ao trono: *Mittebant coronas suas ante thronum*, e por outra parte os obsequios se tributavaõ ao Cordeiro: *Et seniores ceciderunt corã Agno.* Apo. 4. v. E pois que? Ou esta festa se fazia ao Cordeiro, ou se fazia ao trono? Se ao trono, como se festeja o Cordeiro? *Cram Agno.* E se ao Cor- Ib. 5. v. 8. deiro, como se celebra o trono? *Ante thronum.* Mas na equivocação dos objectos se desfaz a duvida dos applausos. Era o Cordeiro Christo no Sacramento, porque alli está Christo

N Cor-

Cordeiro: *Agnus Dei*, e Cordeiro, ainda que vivo na realidade: *Agnum stantem*, morto na representação: *Tamquam occisum*. Era o trono Santo Antonio, porque em seus braços se poz, e descansou Deos como em seu trono: *Quasi thalamo tota die morabitur, & inter humeros ejus requiescet*. E como o Cordeiro era o Sacramento, e o trono Santo Antonio, o mesmo era ver-se festejado o trono, que ver-se applaudido o Cordeiro: assim he hum o espelho do outro, ou ambos a mesma cousa entre si, que os mesmos applausos, que no trono festejavaõ a Antonio: *Ante thronum*, no Cordeiro applaudiaõ o Sacramento: *Ceciderunt coram Agno*.

Mas porque tanta semelhança entre o trono, e o Cordeiro, entre o Sacramento, e Antonio? Porque? Porque tudo, o que atèqui se vio em Antonio, se vê à risca no Sacramento. He Santo Antonio hum enleyo, he Santo Antonio hum encanto, he Santo

Antonio hum feitiço. Eisahi o Sacramento, he feitiço, he encanto, e he enleyo: tudo he. Feitiço, porque no Sacramento Christo subjugou a si o mundo todo: tudo enfeitiçou, porque tudo attrahio: *Sacramento corporis Domini*, diz Santo Eligio, *subjugatus est totus mundus*. He encanto, porque à vista dos milagres do Sacramento ficaõ a perder de vista os mais milagres: *Miraculorum ab ipso factorum maximum*, diz Santo Thomas. He finalmente enleyo, porque os mysterios faõ allí tão fundos, e profundos, que só penetra a Fé, o que nenhum dos sentidos penetra: *Præstet fides supplementum*, diz a Igreja, *sensuum defectui*. E se o Sacramento he enleyo, he encanto, e he feitiço, ha com propriedade no Sacramento o mesmo, que em Santo Antonio ha. Porisso lá eraõ applausos do Sacramento os que eraõ de Santo Antonio, e cá he o mesmo prégar de Santo Antonio, que prégar do Sacramento.

Ora

Ora Divino Antonio : feitos são tal vez melhores oradores que os discursos, encanto maravilhoso dos do intimo da alma aceitam homens, e enlevo soberano os vivas, que damos à vossa do mundo : como ha de falar grandeza : viva Santo Antonio de vós o juizo, se para Antonio, para ser o enlevo maior dos sentidos; viva Santo embarçallo todo sois hum Antonio, para ser encanto mais singular dos affectos : enlevo? Como ha de discor- viva Santo Antonio, para rer de vós o entendimento, mais singular dos affectos : se para suspendello todo viva Santo Antonio, para sois hum encanto? Só de ser o feitiço mais admiravel vós poderá conhecer o cora- dos corações, e finalmente ção, porque para rouballo viva, para que enfeitçando sois todo hum feitiço. Diga na terra a todos com tanta pois o silencio, o que o juizo graça, nos leve por seus fei- não póde, e profira o as- tiços a lograr no Ceo a eter- fombro, o que o entendi- na gloria : *Quam mihi, &* mento não sabe, e se os af- *vobis, &c.*

SERMAO
DA
ESMOLA.

REMEDIOS DE HUM REYNO POBRE
Nos bons dictames de hum Rey.

NO QUARTO DOMINGO

DA
QUARESMA,
PREGADO

Na Capella Real.

Cum subleuasses Iesus oculos, & uidisset... dixit: unde ememus panes, ut manducent hi? Accepit ergo Iesus panes, & distribuit. Joan. 6.

Que glorioso se vê hoje Christo sobre hum monte! Cuidava eu, que o monte Thabor para Christo fora o teatro mayor das suas glorias, mas hoje neste

ditoso monte vejo outro melhor teatro das altas grandezas de Christo. Porisso (se advertires) he este montesó, e não aquelle, o em que Christo hoje se vê com acclamaçoens de Rey: *Ut raperent*

perent eum, & facerent eum Regem: mas tudo he, pelo que os montes saõ, ou pelo que nelle vay de monte a monte. Naquelle monte o que em Christo se vio, foy o Sol no rosto: *Resplenduit sicut Sol*. Neste monte, o que se vê em Christo, he o paõ nas mãos: *Acceptit Jesus panes*. Naquelle môte tudo em Christo toraõ resplandores para luzir: *Resplenduit*. Neste monte tudo saõ em Christo liberalidades para dar: *Distribuit*. E para hum Rey soberano, ou para se lograrem as aclamaçoens de Rey, naõ parece, servem tanto as luzes, de quem resplandece, quanto parece, que servem as liberalidades, de quem reparte.

A Jozé naõ chamàraõ Rey seus irmãos, quando o virãõ com as Estrellas aos pés; quando porém lhe virãõ nas mãos o trigo, entãõ lhe chamàraõ Rey: *Numquid Rex noster eris?* Mas eu o dissera: As Estrellas aos pés de Jozé seriaõ luzimento para a grandeza; o trigo nas mãos de Jozé

Tom. IV.

era donativo para a liberalidade: e naõ he Jozé Rey, em quanto só tem Estrellas para luzir; mas he Jozé Rey, quando nelle ha trigo, e paõ que dar: *Rex noster eris*.

Oh grande gloria (torno a dizer) a com que neste monte se vê hoje Christo! Mastudo val o exercicio de huma virtude, que ostentando em si virtudes a montes, coroa no monte a Christo de todas as virtudes. He virtude esta taõ soberana, que quanto mais se abate á plebe das miserias, mais se eleva ás glorias da divindade: *Cum sublevasset Jesus oculos, & vidisset*. He taõ milagrosa, que confederando em si effeitos contrarios, juntamente he mãy, e homicida: homicida da fome, e mãy da vida. *Manducaverunt omnes, & saturati sunt*. Finalmente, he taõ formosa, e agradavel, que expressando-se toda em dar, naõ ha no mundo taõ bella virtude. Esta (se já estais dezejados de saber qual he) digo que he a Esmola: virtude entre as mais como o

N 3 Sol

o Sol entre os Astros, como o ouro entre os metais, e como a Rosa entre as flores. Rosa por engraçada, ouro por preciosa, e Sol por esclarecida. Em fim virtude mayor, diz S. Paulo, que as mais virtudes: *Ma-*

1. ad
Corint.
13.v.3

ior autem est charitas.

Neste caso (digo agora) já me não admiro, nem de que os homens dessem hoje a Christo huma Coroa: *Ut facerent eum Regem*; nem de que fugisse Christo á Coroa, que lhe davaõ os homens: *Fugit iterum in montem*. Davaõ os homens a Christo huma Coroa, porque donde se coroava a Esmola Rainha das virtudes, era bem que o Esmoler se coroasse Rey dos Monarcas. Fugio tambem Christo á Coroa, que lhe davaõ os homens, porque donde tinha por Coroa sua a virtude da Esmola, não quiz admitir o Senhor outra nenhuma Coroa: *Fugit iterum*. Oh Coroa inestimavel! Todas as virtudes em Christo são Coroas da sua santidade, mas a compassiva commiseração da pobreza, diz David, he

a Coroa de todas as suas Coroas: *Miserationes ejus super omnia opera ejus*.

Para fazer pois, que nos interesses desta virtude assegurem os homens aquellas glorias, que ella lhes promette, ou Christo por exemplar della, digo, que não Esmola, em que os homens haõ de imitar hoje a Christo, tem que ver tres modos, ou tres generos de Esmola. Notay assim. Toda a Esmola, que em Christo como exemplar observe hoje, acho, que nelle nasce de tres principios: o primeiro foraõ os seus olhos, o segundo a sua boca, e o terceiro as suas mãos. Tudo o Thema diz: o Senhor olhou: *Cum sublevasset oculos, & vidisset*; o Senhor fallou: *Dixit: Unde ementis panes*, e o Senhor deo: *Acceptit ergo panes, & distribuit*. Oh dictame muitas vezes admiravel! Não só no que a mão dá consiste o dar ao pobre, mas dá-se a Esmola com os olhos: dá-se a Esmola com a boca, e dá-se a Esmola com as mãos. Sim: a Esmola nos olhos he huma com-

commoção na vista: a Esmola na boca he huma compaixão na palavra; e a Esmola nas mãos he huma commiseração na obra. Melhor o direy: he Esmola para o pobre huma vista condoida nos olhos: *Cum vidisset*: Esmola huma palavra compassiva na boca: *Unde ememus panes*; e Esmola huma obra caritativa nas mãos: *Et distribuit*.

Temos assumpto, mas o lugar, e não sey se a occasião, ainda para o assumpto me empenhaõ mais. Christo que sempre foy Rey, e exemplar de Reys, hoje o està sendo com especialidade, não só Rey, mas exemplar. O que supposto: para remediar a hum pobre Reyno, e taõ cheyo de misérias, que póde fazer bem o papel de pobre, digo, que o seu Rey tem para isto hoje tres Espelhos; hum Espelho nos olhos de Christo: hum Espelho na boca de Christo; e hum Espelho nas mãos de Christo. Quero dizer: veja o Rey, e logo remediará com os olhos: falle o Rey, e logo

remediará com a boca: obre o Rey, e logo remediará com as mãos. Digamolo melhor: nos olhos de Christo verá o Rey, o que póde com huma só vista. Na boca de Christo verá o Rey, o que obra com huma só palavra; e nas mãos de Christo verá o Rey, o que acaba com huma só obra. O Sermaõ, supposto incluye a Christo exemplar nosso, e de Reys, para todos será; para Christo, para os Reys, e para nós. Comecemos pelos olhos do Senhor, e seja este o espelho primeiro dos nossos olhos: *Cum sublevasset Jesus oculos, & vidisset*.

I. PONTO.

PRimeiramête: em huma vista de olhos deo hoje Christo aos seus pobres a primeira Esmola. (pelo commum haõ de começar os discursos, e acabarão no particular) Poz Christo hoje os olhos nos pobres: *Cum sublevasset oculos, & vidisset*. E para os remediar, baõtu que lhes puzesse os olhos.

Ruperr
lib. 6. n.
Joan.

He o que Ruperto diz neste lugar : *Sublevatio oculorum Jesu*, diz o Padre, *miserorum compassio est*. Todos os attributos Divinos, sabemos, que são perfeitamente iguais, e todos igualmente perfeitos. Mas o da sua misericordia he, o que mais traz Deos nas meninas dos olhos, porisso donde os olhos vão, se váy com elles a misericordia : *Sublevatio oculorum miserorum compassio*.

Là fingirão hum retrato da Misericordia os Antigos, e foy notavel a idéa deste retrato : pozeraõ-lhe azas nos pés, pintaraõ-lhe as mãos abertas, e nas palmas das mãos muitos olhos. Azas nos pés, porque para acudir ao pobre, não hade ter a Misericordia passos, senaõ voos. Mãos abertas, e olhos nas palmas, porque taõ liberaes haõ de ser nella as mãos para remediar, como perspicazes os olhos para ver. Deste retrato, que na antiguidade foy fingido, só o Filho de Deos he original verdadeiro. Com azas nos pés da sua humanidade o vio

Malachias : *Orietur Sol, & sanitas in pennis ejus*. As mãos foraõ taõ abertas para nosso remedio, que asteve na Cruz cravadas; e os olhos das palmas das mãos taõ rafgadas ao vivo, que mais parecia ter olhos de cravos, que palmas com olhos. Oh Divino original, o daquela mentida copia! Assim se unirão aqui os olhos com os remedios, que ou os olhos se lhe viaõ todos nas mãos, ou as mãos todas em olhos : olhos todo para ver, e todo mãos para remediar. Mas esse he Deos, taõ hum entre os remedios, e as vistas, que o mesmo que nelle são vistas, são remedios.

Quem mais afflicto que o povo de Moysés : *Vidi afflictionem populi*, diz Deos. ^{Exod. 5. v. 7. & S.} Poz-lhe o Senhor os olhos; *Vidi*, e remediou-se o povo : *Descendi, ut liberem eum*. Não houve para o remedio mais que hum pôr de olhos : vio compassivo : *Vidi*, e remediou amoroso : *Descendi*. E notem, que entre o *Descendi*, e o *Vidi* não está de permeyo mais que hum *Et* : *Vidi, & descendi*. O *Et*, dizem

zem os Grammaticos, he huma conjunção que une, e hum laço que prende. Tais são os olhos em Deos, e tais os remedios: vem tão unidos, que com huma conjunção vem atados: *Vidi, & descendi*. Mas não disse bem: Se he laço, como dizemos, o *Et*, hade unir duas partes entre si divididas, hade enlaçar dous extremos entre si separados. E que cuidais que ha em Deos? No que toca a olhos, e a remedios, nem ha divisaõ de partes, nem separação de extremos: tudo passa nelle de uniaõ a unidade, e tudo, se advertires, he a mesma cousa em Deos.

Poço de Deos vivente, e Deos vindête, chamou Agar áquelle celebre poço, donde com os seguros, que o Ceo lhe deo da descendencia de Ismael, bebo consolaçoens notaveis a terna saudade de Agar. Chama-lhe poço de Deos vidente, porque alli lhe pozera Deos os olhos, e a vira: *Appellavit puteum viventis, & videntis me*. Notavel dizer! E porque não diz Agar, que Deos,

ou as misericordias de Deos, todas como em mar se encerraraõ para ella naquelle poço? Porque não, que fora poço de Merçês, e tão fundo, ou tão profundo, que nelle foraõ mais que as aguas as misericordias? Mas diz só, que a vira Deos, e não diz mais? *Videntis me*. Não. Para Agar dizer, que Deos a remediara, bastava só dizer, que Deos a vira: ver, e remediar, he tanto em Deos huma mesma cousa, que nelle remedios, e vistas, tudo são remedios. Porisso donde Deos remediou a Agar, diz q̄ a vira Deos: *Puteum viventis, & videntis me*. Eis-ahi o que hoje passa em Christo: olhou o Senhor: *Cum vidisset*, e assim trazia o remedio nos olhos, que para onde os olhos se lhe foraõ, foy o remedio: *Sublevatio oculorū, miserorum compassio. Cum sublevasset Jesus oculos, & vidisset*.

Mas a ser digno effeito este de huns olhos, que são de *Jesus oculos*, quais seraõ hoje os olhos, que o poderaõ imitar? Quais os de hum
Rey.

Rey. Não ha para a conser-
 vação de hum Reyno reme-
 dio melhor, que por lhe hum
 Rey os seus olhos. Nem por
 outra razão, diz Plinio, os
 olhos na Monarquia do nosso
 corpo se chamaõ Princi-
 pes: *Oculos*, Diz elle, *na-
 tura ut Principes in subli-
 mi loco collocavit*; Principes,
 que a natureza poz no lugar
 mais alto, e mais sublime:
In sublimi loco. Mas se os
 olhos, como Plinio diz,
 são entre nós os Principes:
 os Principes, direy eu, haõ
 de ser para nós todos olhos.
 Com os olhos abertos dorme
 desvelado o Leão: nasceo
 destinado para Rey, e até
 dormindo havia de ser lince
 nos olhos. Porisso naquella
 vara de Jeremias, diz elle,
 era tudo olhos o que se via:
Virgam vigilantem, diz o
 Profeta; e outros lem: *Vir-
 gam oculatam*. Mas vara, em
 quem o sceptro dos Reys se
 representa, ou todos haõ de
 pôr nella os olhos, ou ella
 ser toda olhos para ver a
 todos.

A esta pois taõ natural vi-
 gilancia anda nos Reys
 vinculado o remedio dos se-

us Reynos. He o que na Mo-
 narquia de nosso corpo (se
 advertires) passa entre os
 olhos, e as mais partes del-
 le. Que seria dos pés, se os
 olhos lhe não resistassem as
 passadas? Que seria das
 mãos, se os olhos lhe não
 especulassem as acçoens? E
 que seria do corpo todo,
 se para o governar, e reger,
 não houvesse vigilancia nos
 olhos? Tal no governo de
 huma Monarquia o Rey,
 ou os olhos do Rey. Se o
 Rey vê, se olha tudo, e
 por tudo, vay o Reyno co-
 mo deve ir. Mas se para ver
 o Rey não tem olhos: se he
 Rey, que por nada olha,
 ou para nada, que esperais
 do Reyno? Tudo ruinas,
 tudo defordens, tudo mise-
 rias, e tropeços tudo. Eis-
 ahi o que para hum Reyno
 he a vista, e os olhos de
 hum Rey. Vamos á Escri-
 tura.

*Homo erat pater familias,
 qui plantavit vineam*. Huma
 vinha, diz S. Mattheos, em
 que hum Reyno se figura,
 plantou hum homem: este
 Reyno, ou esta vinha, diz
 elle, cercouse com hum mu-
 ro:

ro: *Sepem circumdedit ei*, e se lhe edificou huma torre: *Et edificavit turrim.* Torre, donde a vinha tem muro, que a guarde, para que? Se o muro he para guardar a vinha, e a torre para a vigiar, escusado he, que donde o muro guarda, a vigie a torre? Mas oh, que huma vinha, que he hum Reyno, mais lhe importa a vigia da torre, que a guarda do muro: antes não a guardara o muro, se a não vigiara a torre. Expliquemonos: por esta torre, diz o Alapide, se entende o Rey, ou Principe, a quem incumbe olhar pelo seu Reyno: *Reges, ac Principes populi, hi enim quasi è turri speculatores.* E se o Rey, que ha de ser torre para vigiar o Reyno, o não faz; se os olhos do Rey não olhaõ, o que no Reyno passa, ou pelo Reyno, que será da vinha? Por mais que sejaõ os muros que a guardem, será o mesmo que não ter muros: porisso o que hade guardar o muro, *Sepem*, se diz que o hade vigiar a torre: *Edificavit turrim.*

*Alapide
bic.*

Mas não sayais ainda do lugar, sem que na verdade do Texto vejaes expressa esta verdade. *Plantavit vineam*, diz S. Mattheos, & *locavit eam agricolis*; e acrescenta: *Et peregrè profectus est.* Arrendou-se a vinha a huns Lavradores (diz o Evangelista) e o Senhor della, logo que a arrendou, se foy para longe: *Profectus est.* Logo, tiro esta consequencia, ainda que a vinha tivesse torre, não vigiou della o Senhor da vinha. Claro está; porque o deixar a vinha, e irse, foy não vigiar da torre. Bem. E qual foy o logro, que da sua vinha vio este homem? O primeiro, não lhe colher os frutos, ou recolherihos. O segundo, que mandando servos a esta colheita, os Lavradores ferirão huns, e matáraõ outros; e o terceiro, que sendo a vinha a herança do filho, quizeraõ até matarlhe o filho, sô por se levantar com a vinha. He o que o Evangelista diz.

Misit servos, ut acciperent fructus ejus. Eyloahi 34-35-
bul.º 38.

buscando os frutos, que não teve: *Apprehensis servis, alium ceciderunt, alium occiderunt.* Eis-ahi feridos huns, e o utros mortos: *Occidamus eum, & habebimus hereditatem ejus.* Eis-ahi tambem morto o filho, só por lhe tirar a herança. De maneira, que da sua vinha o logro, que este homem tirou, foy haver nella furtos, haver homicidios, roubarem, ferirem, e matarem, e se vinha tão amargosa, que esperando-se della frutos, deo Espinhos: *Spectavit ut faceret uvas, fecit autem labruscas.* Vinha em fim, que para seu senhor foraõ uvas de fel as suas uvas: *Et uva eorum uva fellis.* Mas isto porque? Porque sem embargo de ter a vinha sua torre: *Turrim,* o senhor por não vigiar da torre deixou a vinha: *Peregrè profectus est.*

Ah torres, que por não vigiares bem, perdeis as vinhas? Senhor, a torre desta vinha he Vossa Magestade, se queremos que se não perca a vinha, vigie a torre. Vigie, e veja, se a vinha es-

tã mais cheya de cepos, que de cepas; ou se o lugar, e lugares, que nella haviaõ de ter as cepas, os tem os cepos. Veja, se o vicio das folhas lhe faz amontoar verduras; ou se o que nella haviaõ de ser frutos, saõ folhagens. Veja, se se inchaõ os bagos mais, ou se se enchem, e se saõ para si de ouro, e para nós de fel, se os cachos saõ defeituosos, ou não? E se para o resguardo do Sol achaõ mais sombra huns do que os outros; se huns tem todo o refrigerio da sombra, e outros andaõ á torreira do Sol. Veja em fim, se as varas se trocem sendo varas, e se ha na vinha ladroens, ou não ha, e mostre, que se ha para os ramos forquilha, tambem para os ladroens ha forza. Tudo isto tem da sua torre que vigiar o Senhor da vinha, e o logro bom, ou máo de tudo, o em que está, he só em vigiar, ou não vigiar. Porisso ainda que tenha muro a vinha: *Sepem,* o principal he ter tambem sua torre: *Ædificavit turrim.*

Esta

fax. 5
v. 2.

Deu.
32. v.
32.

Deſta forte ha de vigiar o Rey, aſſim para aproveitar o Reyno. Mas vamos individuando mais, e regulando pelos olhos de Chriſto os olhos do Rey. Levantou hoje Chriſto os olhos, e olhou, diz S. Joaõ: *Cum ſublevaſſet Jeſus oculos, & vidi, et.* E que olhou? Em que poz o Senhor os olhos? Em huma grande multidaõ que o ſeguiu: *Quia multitudo maxima venit ad eum.* Notay: Huma multidaõ, em que huns eraõ grandes, e outros eraõ pequenos. Huma multidaõ, em que huns ſe viaõ mais perto, e outros mais longe. Multidaõ emfim, em que tudo havia, e de tudo, que iſſo vem a ſer multidaõ: *Multitudo maxima.* Eis-ahi o como nos ha de o Rey ver, e olhar para nós. Naõ menos haõ de ſer bem viſtos do Rey os pequenos, que os grandes, nem taõ pouco ao longe ha de ver menos o Rey que ao perto: a todos ha de ver, e ter olhos para fôr em todos. Ora vamos por partes.

A differença mayor, que

entre os Reys ha, e os mais homens, he a que ſe lhe vê em os olhos: os homens tem por eſfera da viſta certa diſtancia de lugar, os Reys tem por eſfera dos olhos a largueza do mundo todo: olhaõ ao perto, e mais ao longe, e o mais he, que tanto vem ao longe como ao perto: ao perto olhaõ para os que andaõ chegados; e ao lonoe para os que naõ ouzaõ a chegar: eſtes, por mais deſviados do Rey, ainda que ſejaõ grandes, ſe reputaõ pequenos; aquelles, por mais chegados ao Rey, ainda que ſejaõ pequenos, ſe avaliaõ grandes. Mas o certo he, que ou ſejaõ grandes, ou pequenos, ou ſe conſiderem perto, ou longe, a todos o Rey ha de ver, que iſſo he ter viſta, e olhos de Rey.

Em acclamações de Rey rompe David fallando com Deos, e diz aſſim: *Deus ^{Psal 9.} autem Rex noſter ante Jæ-^{v. 2.}cula operatus eſt ſalutem in medio terræ.* Remio-nos no meyo da terra o Rey Divino, diz elle; e ahi moſtrou ſer noſſo Rey: *Rex noſter.* E pois

E pois he Rey, e entãõ se mostra Rey, quando o remir-nos he no meyo.da.terra? *In medio terræ.* Sim. Christo no meyo da terra para todos olhava igualmente: posto o Senhor no meyo: *In medio*, aqui nem lhe ficavaõ mais perto huns, nem mais longe outros. Isso he estar no meyo. E ser Christo taõ igual no olhar, que naõ ha para elle perto, nem longe: longe em que os grãdes pareçaõ pequenos, e perto em q os pequenos pareçaõ grãdes; isto he ser Rey a olhos vistos, e ter nos olhos de todos eternas aclamaçoens de Rey: *Rex noster ante secula: operatus in medio terræ.*

Mas no caso (torno a dizer) em que para hum Rey houvesse pequenos, e grandes: houvesse longes, e pertos, digo, que o Rey, que verdadeiramente he Rey, só nos pequenos havia de empregar mais a vista, e só os longes lhe haviaõ de levar mais os olhos.

Respexit Dominus Petrum, se diz dos olhos de Christo na conversãõ de S.

Pedro. Negou Pedro, e olhou Christo, *Respexit.* A energia deste verbo *Respexit* naõ está em olhar sómente, mas em olhar, e tornar a olhar; isso significa o *Respexit.* E pois duas vezes olha Christo, quando Pedro o nega? Ha de pôr os olhos em Pedro, e poelhos aqui duas vezes? Sim, que donde Pedro por peccador está longe de Christo, nestes longes apura Christo mais a vista dos seus olhos. Logo que Pedro houve de negar a Christo, se foy como peccador pondo ao longe, diz S. Matheus: *Sequebatur à longe.* E por mais que estes longes se viaõ em Pedro, as vistas se repetiaõ em Christo: *Respexit Dominus.* Mais alma encerra ainda: *Respexit Dominus Petrum.* Tres coufas temos aqui: hum desvalido em Pedro: *Petrum*; hum Senhor grande em Christo: *Dominus*, e huns olhos taõ inclinados a ver, que vendo huma vez sobre outra, viaõ duas vezes: *Respexit.* Mas eu o dissera: nem Christo sendo Senhor podia dei-

zar de repetir as vistas a hum desvalido : *Respexit* ; nem huma vez que lhas repetia , deixar de se conhecer Principe , e acclamar Senhor : *Respexit Dominus Petrum*.

Oh se assim olhassem os Reys , e ao menos se lhes não ficassem mais longe os pequenos , que os grandes , ou se o perto fora para elles o mesmo que o longe , que outro poderia ser que fosse o estado dos seus Reynos ! Mas a desgraça he , que não só não olhão assim , mas nem ainda olhão. Digão-no os que servem nas Conquistas , os que militão nas Fronteiras , os que cursaõ nas Universidades , os que suaõ , os que lidaõ , e os que trabalhaõ , e vereis se nem em porlhe os olhos lhe paga , quem só com pôr os olhos premea. Mas o peor he (que ainda isto he peor :) ver-se desmayar o animo , porque se vê faltar o favor. Como ha de haver quem peleje na guerra , se o soldado depois de tantos annos de serviço não tem hum dia , em que melhore de po-

sto ? He soldado da fortuna , mas com taõ pouca , que só no nome a conhece de vista. O Letrado , ou o principiante nas letras , como ha de proseguir , e cançar-se , se vê tantos talentos , e todos por mal vistos , mal logrados ? Emfim , enfraquecem os brios , porque se lhes negaõ os olhos. Quer pois o Rey (digamolo de huma vez) quer o Rey , que na sua Republica haja fugeitos , que sirvaõ de esplendor , e gloria á mesma Republica ? Pois saiba que só emporlhe os olhos , os faz crescer , só com lhe pôr os olhos , os faz avultar. He o que no Evangelho se vê hoje.

Segue a Christo huma grande multidaõ de gente , e S. Joaõ , que falla nisto , falla por dous modos : primeiro diz que a multidaõ era grande : *Multitudo magna* , e depois diz que a multidaõ era maxima *Multitudo maxima*. Do maximo ao grande vay aquella desigualdade , que do positivo ao superlativo. Não ha mais , nem mayor desigualdade.

dade. O que supposto, pergunto : E como cresceo tanto mais esta gente , que a mesma multidaõ ; que era antes, ficou maxima depois? Como cresceo? Levantando o Senhor os olhos, e olhando : *Cùm sublevasset Jesus oculos*, diz S. Joaõ, & *vidisset*. Levantou os olhos, e pollos na gente : *Cùm vidisset*. E foy tanto, o que a gente cresceo só com o pôr dos olhos de Christo, que a mesma multidaõ, que antes de a ver era grande : *Magna*, depois de a ver, ficou maxima : *Multitudo maxima*.

Oh que Divino exemplar de Reys he o Rey Divino! Saibaõ os Monarcas, o quanto pôde nelles huma vista de olhos, e vejaõ que remediar hum Reyno, ou naõ o remediar, ter fugeitos a Republica, ou naõ os ter, o de que pende só, ou só depende, he da vista, e olhos de hum Rey : Espelho, que para os Reys do mundo offerecem os melhores olhos em huma só vista : *Cùm sublevasset Jesus oculos*, & *vidisset*.

II. PONTO.

E Stamos na segunda parte do Sermão : tambem na commiseraçã da palavra se deo hoje a segunda esmola de Christo. Olhou o Senhor : *Cùm vidisset*, e assim como olhou, diz S. Joaõ, logo fallou : *Dixit ; Unde ememus panes*, *ut manducent hi*? Oh palavra verdadeiramente Divina ! Assim foy aqui a esmola a consequencia desta palavra, que o mesmo foy proferir Christo a palavra : *Dixit*, que tratar da esmola : *Unde ememus panes*? Da palavra Divina, diz o Senhor, que com ella se sustenta o homem : *In omni verbo, quod* Matth 4 v.4. *procedit de ore Dei*. E donde a palavra sustenta como esmola, que consequencia naõ será a esmola da palavra? *Dixit : Unde ememus panes*.

Mas notay, e levay de caminho isto para casa. A palavra, que sustenta como esmola, diz Christo, he a que procede da boca de Deos : *Quod procedit de ore Dei*

Dei. Vejaõ lá os Esmoleres, de que palavras usaõ: palavras asperas, e dezabridas não consolaõ ao pobre, porque não faõ palavras de Deos, nem da boca de Deos: hum perdoe por amor de Deos compassivo, hum favoreça-o Deos, e perdoe-me, isso sim, esta palavra he da boca de Deos, porque ao proferilla temos a Deos na boca: *Quod procedit de ore Dei.*

Emfim, com huma só palavra o Senhor teve hoje que dar, e deo a tanta gente a mayor esmola: *Manducaverunt omnes, & saturati sunt.* Aprendaõ pois do Rey do Ceo os Reys da terra, e seja este o Espelho segundo dos Reys. Se com huma palavra só, o Divino Rey remedeia hoje tanto, e a tantos, vejaõ os Reys, o que remediarão sendo Reys com huma palavra!

Lá quiz o demonio tentar no dezerto a Christo, e sabendo, que os Reys faõ Deoses terrenos: *Ego dixi dii estis*, elle para o acclamar Rey, o que fez, foy investigar, se era Deos: *Si Fi-*

lius Dei es. Mas com que vos parece, que o demonio faria a experiencia? Elle o diz logo: *Dic, ut lapides isti panes fiant.* Ibid. v. 2. Haveis de converter estas pedras em paõ, diz elle, e isto com huma palavra: *Dic.* Notay o *Dic.* E pois com huma palavra só hum prodigio taõ grande? Sim, diz o demonio, que Rey, que com huma palavra não faz prodigios, não he Rey: se elle he Rey, diz o demonio, ha de fazer prodigios, e fazellos com huma palavra: *Dic, ut lapides isti panes fiant.*

Na penna do Evangelista amado as obras todas da creação se attribuem ao Divino Verbo: *Omnia per ipsum facta sunt*, diz S. Joaõ, Joan. I. v. 3. *& sine ipso factum est nihil.* Mas porque mais ao Verbo (perguntára eu) que ao Espirito Santo? Ou porque não ao Espirito Santo (dizeis vós) e só ao Verbo? Porque o Verbo, e não o Espirito Santo (sabem todos) he a palavra do Pay: *Verbū Patris.* Palavra sim, mas palavra, que he toda obras, porque he palavra

substancial. E quando hum Rey, qual o Pay he, quer mostrar, que he Rey: *Rex potens, & Dominans Deus*, só á sua palavra ha de attribuir todas as suas obras. He Rey, e tudo o que o Rey faz, o faz só por huma palavra: *Omnia per ipsum, & sine ipso nihil*. Oh grande Rey! Ao imperio desta palavra Divina toda a maquina do Universo teve ser: formou-se a terra, congregou-se o mar, e estendeo-se o Ceo: o Ceo se coroou de luzes, o mar se enriqueceo de perolas, e a terra se esmaltou de flores. Emfim, proferio o Rey a palavra: *Dixit*, e em tudo o que fez, mostrou que era palavra de Rey: *Ipsè dixit; & facta sunt*.

Naõ posso esperar, que seja como do Rey do Ceo a palavra dos Reys da terra: mas se Deos he o Espelho mais cabal dos que são Reys, vejaõ lá, se tambem o devem ser na palavra. Sim, Principes excelfos, e soberanos: huma palavra só basta para remediar hum Rey todos os desconcertos da

sua monarchia: com huma palavra póde o Rey castigar, e absolver: castigar as culpas, que se apadrinhaõ, e absolver as innocencias, que se condenaõ. Com huma palavra póde consolar os pobres, condenar os culpados, e premiar os benemeritos. Finalmente as injustiças dos Tribunais, as sem razoes dos Ministros, os erros dos Conselheiros, a soberba dos humildes, tudo hum Rey com huma palavra emmenda, se he Rey. He o que nos diz a Escritura, e o que todos vemos.

Que desconcerto mayor, (notay assim) verem-se no mundo os indignos na classe dos benemeritos, e isto com fortuna taõ igual, que naõ lograõ mais os benemeritos, do que lograõ os indignos? Tudo porém com huma palavra emendou o Rey, que lá fez as bodas a seu filho: diz S. Mattheus: *Entravit o Rey no convite: Intravit autem Rex*, e sem dizer mais que huma palavra: *Dixit ministris*, os bons ficaraõ comendo á mesa, e os máos foraõ lançados

dos fóra: *Mittite in tenebras exteriores.*

Que desconcerto mayor, que ferem as rendas, as tenças, e as commendas, tão mal repartidas, quetudo he de huns, e nada dos outros? mas com huma palavra tudo o Rey Divino emendou; porque vendo que hum menino tinha hoje o paõ todo: *Habet quinque panes*, elle para remediar a todos mandou que se repartisse o paõ: *Facite homines discumbere. Et distribuit.*

Emfim, não está o bem, e o mal de huma Monarquia: não está a dita della, ou a desdita, mais que em fallar o Rey, ou em não fallar: se o Rey falla, tudo se remedeia; e se não falla, tudo se arruina; o peyor he, que se arruina de huma vez a Monarquia, e mais o Rey.

Arruinou-se a Estatua de Nabuco, e com tão universal ruina, diz Daniel, que ao impulso de huma pedra sem mãos se reduzio a cinzas toda a Estatua: *Redacta quasi in favillam.* Tinha esta Estatua a cabeça de ouro, os braços de prata,

o corpo de ferro, e bronze, e os pés ultimamente de barro. Mas desde o barro até o ouro, desde os pés até a cabeça, a Estatua se reduzio a pô, e se destruhio: *Nullusque locus inventus est eis.* Oh justiça formidavel, mas justiça! Representava-se nesta Estatua huma Monarquia, em que igualmente no barro dos pés se viaõ os pequenos, e os humildes; no ferro, e bronze, os fortes, e os militares; nos braços de prata os poderosos, e grandes; e na cabeça ultimamente de ouro o Principe, ou o Rey: *Tu ergo Rex es caput*, diz Daniel. E Monarquia (digamos logo) donde o Rey he Estatua muda, e tão muda, que ainda que tem cabeça, he Estatua: aqui não só se arruina o Rey, nem só a Monarquia, mas de huma vez a Monarquia, e mais o Rey: *Nullus locus inventus est eis.*

Ah Reys, que sois cabeças sem lingua, e Estatuas sem voz! Mas porisso, como na Estatua de Nabuco, igualmente se arruinaõ os

pés, e mais as cabeças. Falle pois o Rey, que o remedio de tudo está; em que o Rey falle. Mas advirta, que tambem o fallar nos Reys ha de ter seu termo, e qual he? Fallar huma só palavra, e não mais. Nem o Rey ha de fallar muito, nem ha de deixar de fallar. Fallar muito he facilitar a Magestade; deixar de fallar he arruinar a Monarquia. Pois para que nem esta se arruine, nem se facilite aquella, falle o Rey huma palavra, e isso será fallar como Rey.

Pfal.
31. v. 3 *Quoniam tacui*, diz David a Deos, *inveteraverunt ossa mea, dum clamarem tota die*. Grande ruina, Senhor, os meus ossos se inveterarão em mim, e eu por envelhecido, e velho, o fiquey até os ossos: *Inveteraverunt ossa mea*. Mas que razão haveria para esta queixa de David; ou para a ruina grande, de que David se queixa? Elle que o sente o dirá: *Quoniam tacui*, diz elle, *dum clamarem tota die*. Duas cousas são: O callar sempre, he huma: *Tacui*;

e o estar sempre a clamar, he outra: *Dum clamarem*. Não averiguo agora, como David podia callar, e fallar juntamente. Basta-me que diga, que sempre fallava: *Dum clamarem*, e que callava sempre: *Quoniam tacui*.

E pois este he o crime, que Deos castiga no Rey dos Profetas? Sim, que este crime he o mayor em hum Rey. Ser David Rey, e fallar muito: Ser David Rey, e não fallar nada! Ser Rey, e callar sempre: ser Rey, e estar sempre a fallar! Isto são excessos, que nos Reys se castigão como excessos. Porisso David, que devia fallar como Rey, e não falla, o castiga Deos; e porque sente nos ossos o castigo, diz que o castiga Deos até os ossos: *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea, dum clamarem tota die*.

Mas se o Rey nem ha de fallar sempre, nem sempre ha de callar, como diremos (torno a dizer) que deve fallar hum Rey? Com huma só palavra (dissemos já) e ouvi a Job: *Semel loquitur*

Job.
33. v.
34.

tur Deus, diz elle, & *secundo idipsum non repetit*. Falla Deos huma só vez (diz Job) e não repete outra vez o mesmo que diz: Escusada advertencia. Se não repete o que diz, claro está que falla huma só vez? *Semel loquitur*; e se falla huma só vez, para que acrescenta: e não repete o que diz: *Secundo non repetit*. Mas quiz Job, que no Rey do Ceo vissem como deviaõ fallar na terra os mais Reys. Quiz que vissem, que nem haviaõ de fallar muito, nem haviaõ de deixar de fallar: haviaõ de dizer huma palavra só, e esta, nem ser mais que huma, nem menos que huma: tal deve ser o Rey, e o fallar do Rey: *Semel loquitur, & secundo non repetit*.

Aqui (rematando com o Evangelho o discurso) digo por fim, que querendo sobre o paõ de hoje fazer Concelho de Estado o Rey do Ceo: *Unde ememus panes, ut manducent hi*; o mesmo Senhor resolvendo duvidas, foltando difficuldades, e atalhando dilacõens: *Quot*

Tom. IV.

panes habetis? Tudo com huma palavra concluhio, e em conclusãõ accõmodou a todos com huma palavra: *Facite homines discumbere*. Isto sim, que he ser Rey verdadeiro: isto sim, que he ser espelho de Reys. Poriffo sobre o que os Reys podem com huma só vista: *Cum vidisset*, se vê nelle, o que tambem podem com huma só palavra: *Dixit, unde emenus panes, &c.*

III. PONTO.

ULTimamente fez hoje Christo a ultima Esmola na caritativa obra das suas mãos: he a terceira parte. Nas mãos, diz advertidamente S. Joãõ, que o Senhor tomara o paõ, e o repartira: *Accepit Jesus panes, & distribuit*. Mas na hora, em que Christo se acclamava Rey: *Ut facerent eum Regem*, que havia de mostrar o Senhor, senãõ que para dar tinha mãos: *Distribuit*. Não sey que segredo tem as mãos com isto de dar (ou para melhor dizer) que segredo tem o dar

O 3 com

com as mãos, que são de hum Rey, que na verdade o ser Rey, ou não o-ser, o em que está he só em dar, ou em não dar: se o Rey tem mãos para dar, Rey conhecido he; mas se para dar não tem mãos, nada mostra que tem de Rey.

Notavel differença, a com que fallão na Pessoa de Christo, assim Thomé no Cenaculo, como Pedro no atrio do Pontifice. Thomé confessa a Christo Rey a boca cheya: *Dominus meus, & Deus meus*, e Pedro tão fóra está de o confessar, que antes o desconhece de Rey: *Non novi hominem*. E pois nisto vieraõ a parar as fidelidades de Pedro? Nisto vieraõ a parar as incredulidades de Thomé? Quem assim mudou a Thomé? Quem assim mudou a Pedro! Ora eu creyo que o segredo de tudo se vio aqui nas mãos do Senhor. O que Thomé vio em Christo foraõ humas mãos abertas: *Vide manus meas*. O que Pedro vio em Christo foraõ humas mãos atadas: *Vinctum adduxerunt*. E donde Christo tem

mãos atadas, o desconhece de Rey até hum Pedro: *Non novi*. E donde Christo tem mãos abertas, ainda hum Thomé incredulo o acclama Rey: *Dominus meus, & Deus meus*. Oh se tivessem mãos os Reys, e se fossem mãos para dar! Mãos para dar premios a beneméritos, e mãos para dar castigos a criminosos: como neste genero de dar se mostrariaõ Reys, e como da plebe da miseria se levantariaõ os Reynos ao auge da fortuna!

A fortuna mayor, que o mundo teve foy, quando Christo na Cruz se coroou Rey: *Rex Judeorũ*. Christo se vio aqui Rey coroado, e o mundo nesta occasiaõ pelo mesmo Senhor redemido. Mas foy occasiaõ esta, em que o Divino Rey não só estendeo os braços, mas abriu as mãos: na mão direita o que abriu, foy o centro da misericordia, e na esquerda abriu o thesouro da Justiça: e quando a Justiça abre a mão para os castigos, e quando a Misericordia abre a mão para os pre-

premios, então o mundo se vê posto em salvo, e Christo mayor Rey do mundo. Tenha pois mãos hum Rey para dar: dê o Rey premio, e dê castigo, e logo se exaltará o Reino, e mais o Rey. Exaltação foy para Christo a sua Cruz: *Cum exaltatus fuero*, e assim foy de exaltação para Christo, que o mundo todo teve tambem nella sua exaltação: *Omnia traham ad me ipsum*. Mas donde o Rey Divino tem mãos para estender, ou donde mostra que para dar tem mãos, o Reyno se exalta, e mais o Rey: o Rey na gloria de sublimado: *Cum exaltatus fuero*; e o Reyno na fortuna de redemido: *Omnia traham ad me ipsum*.

Esta (oh Senhor) esta he a Esmola, que não só está na mão do Rey, mas a que mais propria he, e mais cõ-natural ás suas mãos. E se para remediar hum Reyno pobre, tanto pôde hum Rey com a obra, tanto pôde hum Rey com a palavra, e tanto pôde hum Rey com a vista, justamente lhe propomos hoje em hum Espe-

lho só tres Espelhos: em Christo o Espelho dos olhos para ver, o que o Rey pôde com huma só vista; em Christo o Espelho da boca para ver, o que o Rey pôde com huma só palavra; e em Christo o Espelho das mãos para ver o que o Rey pôde com huma só obra.

Tais são as prerogativas, que hum Rey ha de ter para ser Rey: mas veja lá, que a faltarem-lhe estas prerogativas, ou será Rey de zombaria, ou nada terá de Rey. Reparay, que por zombaria chamaraõ no Pretorio Rey a Christo: *Illudebant dicentes: Ave Rex Judaeorum*. Mas se advertires, foy o Pretorio o lugar, em que Christo se achou sem olhos, sem boca, e sem mãos. Sem mãos, porque lhas tinhaõ prezo: *Vinctum adduxerunt eum*. Sem olhos, porque lhos tinhaõ tapado: *Velaverunt eum, percutiebant*. e sem boca, porque perguntando-lhe, quem lhe dava: *Quis te percussit?* O Senhor a nada respondia: *Sicut mutus non aperiens os suum*. E para o Senhor pa-

decera afronta (como taõ ancioso de padecer) de lhe chamarem Rey de zombaria, achou, que a occasiaõ de naõ ter boca, naõ ter olhos, e naõ ter mãos, era a melhor occasiaõ. Rey que naõ falla, Rey que naõ vê, e Rey que naõ obra; isto he, Rey sem mãos, Rey sem boca, e Rey sem olhos (dê licença a Magestade) ou he Rey de zombaria, ou naõ he Rey: *Illudebant dicentes: Ave Rex Judeorum.*

Naõ foy assim, quando Christo, figurado naquelle homem Rey do Evangelho, entrou a ver a sua casa: *Intravit autem Rex, ut videret discumbentes.* Notay: Chama-lhe o Texto Rey: *Intravit Rex.* E porque? Porque vio, porque fallou, e porque obrou; entrou para ver: *Ut videret*; entrou para fallar: *Dixit ministris*; e entrou para obrar: *Mittite in tenebras exteriores.* E se hum Rey, que naõ falla, nem vê, nem obra, he Rey de zombaria; hum Rey, que obra, falla, e vê, he verdadeiramente Rey: *Intravit autem Rex.* Naõ he

meno, so que passa no dia de hoje.

Hoje foy o dia, em que as acclamaçoens de Rey busca- raõ a Christo, diz S. Joaõ: *Ut raperent eum, & facerent eum Regem.* Mas quando Christo mostra, que para remediar tem olhos: *Cum vidisset*, que para favorecer tem boca: *Dixit*, e que para obrar tem mãos: *Distribuit*: Quando Christo mostra, que ha nelle mãos com que obra, que ha nelle boca com que falla, e que ha nelle olhos com que vê: *Cum vidisset, Dixit, Et distribuit*; entaõ he Rey sem controversia, e entaõ o buscaõ as acclamações de Rey: *Ut raperent eum, & facerent eum Regem.*

Oh q̃ grandes Espelhos, Senhor, tem vossa Magestade no Rey Divino Espelho, que na verdade o he de todos os Reys! E nós todos, meus Catholicos, que Espelhos naõ temos tambem em taõ bom Espelho! Se hoje a Esmola, que Christo fez aos pobres, foy Esmola, que fez com os olhos: *Cum vidisset*, foy Esmola, que fez
com

com a boca: *Dixit*, e foy Esmola, que fez com as mãos: *Distribuit*; aprendamos nós na caridade deste Espelho a fazer Esmola com caridade. Naquelles olhos, para que a Esmola em nós seja huma commoção na vista: naquella boca, para que a Esmola em nós seja huma compaixão na palavra: e naquellas mãos, para que a Esmola em nós seja huma commiseração na obra. Sim: olhemos para o pobre, e seja com huma visita condoida nos olhos: *Cum vidisset*. Fallemos com o pobre, e seja com huma palavra compassiva na boca: *Dixit*. Demos ao pobre, e seja com huma obra caritativa nas mãos: *Et distribuit*. Tudo, como em Espelho glorioso, o temos nos mais Divinos tres Espelhos: *Cum sublevasset Jesus oculos, & vidisset ... dixit: Unde ememus panes? Et accepit Jesus panes, & distribuit*.

Ora Divino Jesus, Espelho de Reys sóis, e exemplar de Esmoleres. Imitemos hoje todos, e faberão ser Esmoleres, e mais Reys.

Ou para melhor dizer, saberao, que o ser Rey consiste em ser Esmoler, e que o ser Esmoler, he o mesmo que ser Rey. Consiste o ser Rey em ser Esmoler porque a mão Real não respalda tanto no Sctro que empunha, quanto no donativo que communica: he com o Sctro empunhado mão fechada: he com o donativo exposto mão aberta; e para a mão de hum Rey, que em dar se acredita, melhor que a regalia do Sctro lhe está a graça do donativo: *Melius*, diz Hidelberto, *regiam manum donativo splendere quam Sceptro*. Tambem he o mesmo ser Esmoler, que ser Rey, porque com a Coroa da liberalidade mais Rey se mostrava Alexandre, que com a propria Coroa. Da caridade sabemos, que he a Coroa das virtudes: *Maior autem est charitas*. E não será Rey com poucas Coroas, quem por Esmoler tiver por Coroa a caridade.

Meus Catholicos, todas as virtudes (e concluamos) são caminho para a salvação,

çaõ, a quem S. Paulo chama Coroa: *Reposita est mihi Corona*. Mas fabeis, qual entre todas he, a que mais certa nos faz esta Coroa? A Esmola, virtude das virtudes. Ouvi o mesmo Christo, que para final do Sermaõ o diz por huma sentença final: *Venite Benediciti*, dirá aos seus escolhidos Christo no ultimo dia, *possidete paratum vobis Regnum à constitutione mundi*. Escolhidos meus, dirá Christo, este Reyno para vós destinado, desde que o mundo hemundo, entray, e tomay possedelle: *Possidete Regnum*. E porque, Senhor? Em que fundais a execuçaõ de huma taõ copiosa mercê, que atè vós lhe chamais copiosa: *Merces vestra copiosa est in Cælis*. Tudo o Senhor diz: *Esurivi enim, & dedistis mihi manducare: sitivi, & dedistis mihi bibere*. Pobre fuy, ou me representey a vossos olhos na pessoa do pobre, e vós condoidos, e lastimados *Dedisti mihi*. Me

destes Esmola.

Reparay: Naõ falla aqui o Senhor, nem na fé dos Patriarcas, nem no zelo dos Apostolos, nem na constancia dos Martyres, nem na penitencia dos Confessores, nem na pureza das Virgens, o de que só faz mençaõ, he da Esmola, que lhe deraõ: Achey em vós esmola, e mais esmola: *Dedistis mihi manducare; & dedistis mihi bibere*. Foy ponderaçãõ de Chrisologo, com que acabo: *Quod Abel passus sit, quod mundum restauraverit Noè, quod Abraham fidem incepit, quod Moyses legem tulit, & quod Petrus resupinus Crucem ascendit, ante Deum tacet, & clamabit tantum, quod comedit*, oh virtude, por quem entre as mais virtudes se nos allegura no Ceo a melhor Coroa. Vós Senhor, prevenindo-a na terra com os favores da graça, no la asseguray no Ceo com eternidades de Gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ
 E M A C C , A M D E G R A C A S
 A' V I R G E M N O S S A S E N H O R A
 D A C O N C E I C A Õ

PELO FELICE NASCIMENTO DO
*Excellentissimo Senhor D. Pedro de Menezes , Con-
 de de Cantanhede , Filho primogenito da Illustrissima
 Casa de Marialva , e Neto glorioso da Casa preclaris-
 sima de Villa Verde.*

P R E' G A D O

No Collegio de Santo Agostinho.

De qua natus est Jesus , qui vocatur Christus.
 Matt. 1.

O Utra vez (Virgem
 soberana) subo es-
 te pulpito a cele-
 brar a grãdeza das
 vossas glorias , e a decantar
 a gloria das nossas venturas.
 Eu fuy aquelle ditoso Prè-
 gador (e hoje) não fey , se
 com mais razaõ mais dito-
 so) que neste pulpito , e com
 este Evangelho , prèguey ,
 vinte e dous annos ha , o
 nascimento felice daquella ,
 que nascendo entaõ illustre
 filha , renasce hoje ventu-
 rosa mãy. Filha , digo , da
 sempre excelsa , sempre in-
 clita , e mais que esclareci-
 da sempre , Casa de Ma-
 rialva. E filha , torno a di-
 zer , que sendo a beneficios
 da Mãy de Deos produzida ,
 hoje

hoje por filha sua, he mais gloriosa entre as mais filhas:

Prov. 31. v. 29. Multæ filiae, direxerunt eam, congregaverunt divitias, tu supergressa es universas.

Mã y tambem, e a mais ditosa mã y, porq̃ hoje, qual o fruto, em que a flor brota, qual o rayo, que a Estrella lança, e a mesma, que tendo o nome de Alva, produz de si mesma o Sol, assim de taõ illustre mã y nasce glorioso hoje o filho mais illustre. Profecia foy minha, em que forcejando o affecto, rompeo entaõ o desefo. Disse eu entaõ, que n'uma Casa, que tinha tanto de Alva, primeiro que o Sol havia de amanhecer a Estrella. Assim foy. Nasceo primeiro a Estrella da Alva, e depois ao brilhar da Estrella nasceo o Sol: *Impleti sunt dies, ut pareret, & peperit filium suum primogenitum.*

Luc. 21. v. 61.

Esta gloria pois, esta felicidade, e esta dita (senão grande por primeira, hoje mayor, por lhe preceder outra grande) a quem, senão á Mã y de Deos se havia de agradecer nesta Casa?

A' Mã y de Deos, porque se no Sol, de quem as Estrellas participaõ a luz, a reverberaõ; e se ao mar, de quem tomaõ as agoas os rios, as restituem: sendo na sua Conceição Maria hum mar de graças, e sendo pela sua Conceição Maria hum Sol de purezas: a Maria se haõ de tributar agradecimentos taõ nobres, quaes Estrellas ao seu Sol: a Maria se haõ de dirigir applausos taõ graves, quaes os rios ao seu mar.

Mas que devido agradecimento a taõ alto favor! Favor grande, quando a que hoje he Mã y, a vimos nascer filha; mas mayor favor, quando a que entaõ foy filha, a vemos hoje mã y. Na mesma Mã y de Deos, de quem este favor he, temos a prova: *Homo natus est in ea*, diz David; *& ipse fundavit eam Altissimus.* *Psalm. 86. v.* Aqui temos a Maria filha, e juntamente Mã y. Mas he de notar, que primeiro se declara Mã y: *Natus est in ea*, e depois se inculca Filha: *Fundavit eam Altissimus.* Já vemos, que o Filho, de quem

quem a Senhora he Mãy, he Deos: *Jesus, qui vocatur Christus*, diz o Thema, e o Pay, de quem a Senhora he Filha, o mesmo Deos: *Filia Patris Aeterni*, diz Simão de Cassia. Mas oh gloria sobre todas grande a da successão! Tal he a successão de hum Filho para a gloria de huma Princeza, que sem embargo de ser para Maria cousa grande o nascer Filha, he cousa mayor para Maria, e favor mais principal, o ver-se Mãy. Porisso he Mãy primeiro: *Natus est in ea*, e logo Filha depois: *Fundavit eam Altissimus*. Nem por outra razaõ (notay o Thema) o titulo só de Mãy, e não outro, se dá no Evangelho á Senhora: *De qua natus est Jesus*, diz S. Mattheus. Filha será tambem, pois hoje nasce: *Altissimus creavit illam*. Mas a ter aqui Maria hum Sol por successão: *Orietur Sol*, mais gloria lhe dará o ser Mãy, do que o ser Filha: *De qua natus est Jesus. Homo natus est in ea, & fundavit eam Altissimus*.

Simon.
Cassia.

Ora supposto, que o ter successão de Filho, ou hum Filho por successão, he para a mayor Mãy a gloria mayor, hoje por correspondentes motivos lhe agradeceremos nós semelhante gloria. Tornemos para fundar o Sermaõ ao Evangelho. Toda a gloria, que na sua successão teve Maria, o em que se vê, diz S. Mattheus, o em que se escreve, ou descreve, he não mais, que no ser de Mãy: *De qua natus est Jesus*. Bem. E no ser de Mãy porque causa? Porque Maria, em quanto Mãy de Deos (diz o Espirito Santo) foy Casa, e he Casa do mesmo Deos: *Sapientia*, diz o Senhor, *edificavit sibi domum*. Prov. 9. v. 1. Hugo Cardeal: *Domus Sapientie Maria est*. Isto mesmo se vio em Christo com Jacob, e com David, ambos foraõ pays, e em cada hum o mesmo Deos achou Casa: *In domo Jacob. De domo David*. Logo (venho a dizer) se Maria por Mãy de Deos foy Casa de Deos, que gloria (conclui assim) que gloria para hu na Mãy não

Eccles.
2. v. 8.

Luc. 1.
v. 17.
& 32.

naõ ferá , ver na successão de hum filho exaltada a sua Casa ? Temos assumpto , e na divisaõ se verá o melhor.

Tres , entre as mayores Casas de toda a Europa , saõ mais interessadas hoje na successão felice , que festejamos : vem a ser. A preclarissima Casa de Marialva : esta he a primeira. A illustissima Casa de Villa Verde : esta he a segunda ; e a mais que todas , e sobre todas gloriosa a Casa de Cantanhede : esta he a terceira. Para exaltar pois a gloria destas tres Casas , hoje nesta felice successão lhes deo tres cousas a Mãy de Deos : á Casa de Marialva deo o mais glorioso Filho : á Casa de Villa Verde deo o mais venturoso Neto , e á Casa de Cantanhede lhe deo de juro herdade o mais inclito successor. Diremos pois (e ferá o Sermão em tres assumptos) que por este glorioso Filho se verá a Casa de Marialva a mais esclarecida : este o primeiro. Por este venturoso Neto se verá a Casa de Villa Verde a

mais illustrada : este o segundo. E por este inclito successor a Casa de Cantanhede se verá entre todas a mais gloriosa : este o terceiro.

Ora vamos casa por casa , vendo as glorias deste Filho , deste Neto , e deste Successor , e dando juntamente as graças á Mãy de Deos , por se ver (qual na sua successão) exaltada na melhor Mãy a melhor Casa :) *Domus sapientie Maria. De qua natus est Jesus , qui vocatur Christus.*

I. P O N T O .

EM primeiro lugar : por hum Filho , que gloriosamente sahio á luz , a Casa de Marialva se verá a mais esclarecida , e he o favor primeiro , que agradecemos á mãy de Deos. Nobilissima em serie sempre gloriosa , e preclarissima em estirpe sempre soberana , sabemos se levantou com o appellido illustre de Continhos a sempre esclarecida Casa de Marialva. Taõ alta no proceder , e no subsistir
taõ

taõ excelsa, que não fey, se foy ella a que floreceo nos titulos, ou os titulos os que floreceraõ por ella. Nobres Marichaes, inclitos Cõdes, todos por nascimento titulos desta Casa, e por aliança enlaçados tambem nella os Condes de Borba, os Condes de Redondo, e outros muitos em diversos Condados.

Desta sublime Arvore a Casa Serenissima de Bragança tirou hum florecente ramo, e a Casa Real deste Reyno huma bellissima flor. Na Casa Real, a Senhora Condeça D. Guiomar Coutinho, casada com o Infante D. Fernando, filho segundo de El Rey D. Manoel; e na de Bragança o terceiro Conde de Marialva D. Joaõ Coutinho, casado com a Senhora Dona Catharina, filha do segundo Duque D. Fernando.

Emfim que pelo dizer de huma vez, isto he o que mais ha que dizer: sobio esta Arvore illustre, e tocãdo lá nas Estrellas com os ramos, se enlaçou com o alto appellido dos Menezes.

Pela Senhora D. Catharina Coutinho, herdeira glorioza desta Casa, a Arvore se corrou naquelle esclarecido Heroe o grande D. Antonio de Menezes, Conde de Cantanhede, em quem o Condado de Marialva passou nelle a felicissimo Marquezado. Já me não admiro, que tenha por Armas esta familia hum escudo com cinco Estrellas; o certo he, que não podia deixar de ter Estrellas por braço huma familia taõ illustre em tudo como as Estrellas. Mas a servir-lhe (oh gloria grande!) de Coroa mayor successor taõ alto, hoje com S. Pedro Damiaõ lhe emprestemos estas palavras por D. Petr Dam. *Clarior* (diz o Pa- *serm. 2.* *de Nat.* *titulis, sed incomparabili- Virg.* *ter clarior generositate pro-* *lis.*

Para dizermos pois, que o illustre Conde recém-nascido serviria de novo esplendor á Casa, de que nasce, bastava dizer, era Filho de taõ inclytos Ascendentes, e parto de progenitores taõ elevados. Se he certo (vamos

mos assim) que a Nobreza, a que chamais adquirida, he mais illustre, que a que chamamos herdada: *Pulchrius est*, diz hum Politico, *nobilem virtute fieri, quam generatione nasci*. E se he certo (digamos mais) que o nascer de Pays nobres, he empenhar os filhos em procedimentos illustres: *Transit enim*, diz Avancino: *a parentibus sanguis in filios, & cum sanguine mores, & indoles*; hum Principe (venho a dizer) que hoje nasce de taõ illustre vea, quem não dirá, que ajuntando á Nobreza herdada a adquirida, assim como recebe de seus Pays a Nobreza, com que nasce, dará a seus mesmos Pays a Coroa da mayor Nobreza? Tudo disse hum Author grave, não com menos ventura, que elegancia: *Crediderim*, diz o Douto, *nullum maius decus parentibus obvenire posse, quam illud, quod de filiorum virtute provenit*.

Naõ posso no Nascimento de hoje seguir este caminho, porque no de sua Mãy

(flor de que este fruto nasce) o segui já. O que farey, será combinar nascimento com nascimento: o do Filho com o da Mãy; e não vos admire, que para lustre mayor da Casa de Marialva diga com Santo Agostinho meu Padre, que *Præclarior est secunda nativitas, quam prima*. Emfim, que nasceo por favor de Maria a Mãy illustre do nosso Conde, e que nasce o nosso Conde tambem debaixo do favor, e protecção de Maria. Pergunto agora: E para esplendor de taõ nobre Casa, por qual destes dous nascimêtos se póde dizer o *Præclarior* de Santo Agostinho? Pelo da Mãy, ou do Filho? O mesmo Santo Agostinho diz: que *Secunda est præclarior Nativitas, quam prima*. Não impugno a sentença, mas a razão eu a não quero senão, de quem fez o favor: ouvi a Mãy de Deos.

Flores mei, diz a Senhora: *Eccel. Fructus honoris, & honestatis*. As minhas flores, diz Maria, são flores, e juntamente frutos. He intelligencia de Hugo Cardeal: *Flores ejus fructus*

Mar
mez ad
Max.

Avanc
Ref. D.
Episc.
de
Mart.
t. serm.
I.

Agiev.
liv. 2. c.

D.
Aug.
serm. I.
infra
oet.
Epiph.
Bapt.
Dom.

Eccel.
24. v.
23.

fructus sunt. Mas sabey (acrescenta mais) que a serem frutos como são, são frutos, em que tudo o que vejo he honra: *Fructus honoris*, e são frutos, em que tudo o que respeito he Nobreza: isso diz tambem o *Honestatis. Fructus honoris, & honestatis.* Notavel dizer! Reparemos: se aqui o que se quer intimar he nobreza, se aqui o que se quer inculcar he honra, porque mais ha de ser isto, quando as flores são frutos, que quando são flores? Diga a Senhora: As minhas flores são flores de honra, as minhas flores são flores de nobreza; mas para o dizer assim, para fallar em nobreza, e em honra, primeiro as flores se haõ de bautizar em frutos: *Flores mei fructus?* Sim, que para coroar os frondosos ramos de huma Arvore ditosa, mais nobre esplendor he o ver-se ornada com frutos, que o ver-se esmaltada com flores: será gloria grande, que tenha flamantes flores por coroa, mas he gloria mayor, que tenha preciosos frutos

Tom. IV.

por diadema. Porisso, quando as flores são frutos, ou daõ frutos, entaõ os troncos se vem esmaltados de mayor honra, entaõ os ramos se vem coroados de mayor Nobreza: *Flores mei fructus honoris, & honestatis.*

Oh Arvore muitas vezes excelsa! Oh familia muitas vezes illustre! Que he huma illustre familia, senaõ huma excelsa Arvore? Arvore, em que os filhos são frutos, q a coroaõ: Arvores, em que as filhas são flores, que a esmaltão? Mas dê licença a nossa sublime Arvore, que até quando as flores são da Mãy de Deos, e as dá ella: *Flores mei*, mais se exalta esta Arvore com os frutos, que com as flores: *Fructus honoris, & honestatis.* Alta confirmação, e nos termos a mais a justada.

Como Sol (se diz) que nasceo Christo de Maria: *Ex te enim ortus est Sol*, diz a Igreja, e de Jacob sabemos, porcedeo o Senhor como Estrella: *Orta est stella ex Jacob.* Felice succes-

P são,

saõ, que logo que nasce Sol, he Sol com muita Estrella! Toda a gloria porém, toda a felicidade, e dita grande, não se canta aqui tanto por Jacob, quanto se canta só por Maria: *Beatam me dicent*, diz a Senhora, *omnes generationes*. Mas fim, que isto vay de ter hum Sol por successão, a ter por successão huma Estrella. Será para a Casa de Jacob gloria grande o ter successão de Estrella; mas para a de Maria que gloria não será o ter hum Sol: *Ortus est Sol. Beatam me dicent*. Não sey se ainda me explique por mais claros termos: Notay.

Da Casa de Deos altissima sabemos, que descende hum Filho, e huma Filha: a Filha he Maria: *Filia Principis*, e o Filho he Christo: *Iesus Filius Dei*. Em Maria a melhor Estrella: *Stella Cæli*, e em Christo o melhor Sol: *Sol Justitie*. Mas que? Perguntara eu: e de qual resulta aqui a Deos, ou á Casa de Deos mayor gloria? Da Estrella, ou do Sol? Do Filho, ou da Filha? Todos sabeis, que do

Filho: todos direis que do Sol. Elle foy, a quem o Pay clarificou com a Nobreza do seu ser: *Clarifica Filium tuum*, e elle o que deo ao Pay novos resplandores á sua Nobreza: *Ut Filius tuus clarificet te*. Oh grande Casa! Se altamente gloriosa, por ter tal Filha, ainda por este Filho mais gloriosa: se muito por huma Estrella, ainda mais por hum Sol.

Applicay o passo (se he que tem que applicar) e eu na ultima razaõ minha corroarey o discurso. Da successão felice desta illustre Casa a Protectora hoje que he, he a Senhora da Conceição. Temos sabido: successão, que tem taõ alta Protectora, não só se lhe dá huma flor para Mãy, mas dase-lhe hum fruto por Filho. He o que vemos: nasceu a Mãy (e não sey se princeza das flores, ou se para flor das Princezas) mas desta flor nasce hoje por Filho o melhor fruto. Emfim, proteccoens de Maria fazem nascer os frutos ao pé das flores.

Videamus, diz nos Cantares

Luc. 1.
v. 48.

Cant.
7. v. 1.

Luc 8.
v. 28.

Joan.
17. v. 1.

Cant. 7
v. 12.

tares a melhor Esposa, *videamus si flores fructus parturiunt*. Vejamos, diz ella, se estaõ de parto as flores, e se parem frutos. Isto diz o *Parturiunt*. E pois que? Parirem frutos as flores he materia, que possa ter duvida? Não, e fim. Sim, se a Protectora não he Maria; e não, se tem a Maria por Protectora. Se a Protectora não he Maria, poderãõ as flores não parir; mas se he Maria a Protectora, haõ de parir as flores, e parir frutos: *Si flores fructus parturiunt*. Mas notay, que no *Videamus* está o melhor. Não diz a Esposa, saibamos: *Sciamus*, senão diz: *Videamus*, vejamos. Mas fim. Nos olhos da Esposa se retrataõ bem os olhos de Maria, e toda a protecção da Senhora não está mais que em hum pôr, ou não pôr de olhos. Se Maria não poem os olhos para patrocinar, as flores mais fecundas se murchaõ, e se Maria para patrocinar poem os olhos, as flores mais estereis frutificaõ: sem a sua protecção murchaõ-se os frutos ainda em

flor: e com a sua protecção, todas as flores parem, e daõ seu fruto: *Si flores fructus parturiunt*.

Mas não digamos taõ pouco, donde ha mais que dizer: não só faz a Senhora que as flores dem frutos, como vemos; mas para o darem (diga-o a Casa de Marialva) primeiro que o fruto nos dá a flor. Tudo deo aqui a Senhora: a flor na Mãe, e o fruto no Filho. He o que faz a Senhora da Conceição: não dá frutos sem flores, nem flores sem frutos. Alta prova na vara de Araõ.

Reverdeceo no Tabernaculo esta vara: *Invenit germinasse virgam*, e igualmente, como o Texto diz, se revestio em flores, e se desentranhou em frutos: *Et eruperunt flores, qui foliis dilatatis, in amygdalas deformati sunt*. Mais fez Deos aqui, do que prometeo (diz contemplando este milagre adalgadeza de Origenes) Em reverdecer a vara, estava só a promessa de Deos: *Germi- navit virga*; mas os frutos, e mais as flores, tudo isto foy

de mais. Ouvi a Origenes :

Hoc unum repromissum fuerat, sed adduntur, & alia.

Et protulit flores, & germinavit nucs. E pois como affim? Taõ liberal Deos com esta vara, porque razão? E se se ha de alargar no favor, ou lhe dê só frutos, ou lhe dê só flores; mas flores, e mais frutos? Sim.

Reverdeceo esta vara a sombras do Tabernaculo: *In tabernaculo testimonii*, e sendo o Tabernaculo sombra de Maria: *Requievit in tabernaculo meo*, por Maria, e pela sombra, muito além das nossas esperanças passãõ em Deos as nossas venturas. Reverdecer a vara, e naõ mais, seria ficar só no verde das folhas com o verde da esperança. Pequena mercê para generosidade tamanha. Veja-se pois, que sobre a gloria do reverdecer naõ tem só frutos a vara, nem só flores, mas para reverdecer com mais gloria tem juntamente flores, e mais frutos: *Protulit flores, & germinavit nucs. Flores, qui foliis dilatatis in amygdalas deformati sunt.*

Oh mercê grande a da Mãy de Deos! Arvore autõnal, tronco infructifero, esteve por espaço de quatorze annos a Casa hoje florecente de Maria!va. Mas que? Chegou-se qual a vara de Araõ ao Tabernaculo de Maria: chegou-se á sombra de Maria figurada no Tabernaculo: *In tabernaculo testimonii*, e sobre a gloria de reverdecer, como vimos, teve para Mãy huma flor, e hoje hum fruto para Filho. Teve como a vara de Araõ naõ só frutos, nem só flores, mas flores juntamente, e mais frutos.

Atéqui fortuna de successão, atéqui exaltação de ascendencia! Exaltação pela flor illustre, que a esmalta, e mais exaltada pelo fruto glorioso, que a coroa. E se Casa taõ nobre se vê exaltada affim pela Mãy de Deos, juntamente lhe damos as graças hoje, por se ver, qual na sua successão, exaltada na melhor Mãy a melhor Casa: *Domus sapientiae. Maria. De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

II. PONTO.

EStamos na segūda parte do Sermaõ : para esmalte glorioso da Casa de Villa Verde lhe deo hum Neto felice a Mãy de Dcos, e he este o novo esplendor desta nobre Casa : de alto trono, porque de duas Coroas produzido : de regio berço, porque em duas Coroas sublimado : da raiz, digo, naõ menos que de duas Reaes Coroas, procede por dous Infantes Serenissimos a mais que illustre Casa de Villa Verde. Pelo Serenissimo Infante D. Afonso, lá nasce de hũa testa coroada, ElRey D. Henrique segundo de Castella; e pela Serenissima Infante D. Isabel, cá procede de outra coroada testa, ElRey D. Fernando de Portugal. Destas Reaes, e esclarecidas raizes nasce aquelle illustre tronco, em cujas veas naõ pulsa gotta de sangue, que naõ seja Real. Tal he o sempre excelso, e mais que esclarecido sempre o tronco dos Noronhas.

Tom. IV.

Naõ parece que nobreza tanta se podia estreitar a hum tronco só, e porisso em diferentes Casas se extendeo em titulos differentes. Os Condes de Arcos, os Condes de Linhares, os Condes de Monsanto, os de Villa Real, Valadares, Alcoitim, e Odimira, e por coroa de todos os de Villa Verde. Tres vezes se trocaraõ nesta famosa Casa os Appellidos : huma, o de Albuquerque pelo de Noronhas, e duas, o de Noronhas pelo de Menezes. Naõ sey, que possa chamar-se escolha, porque nem hum (por illustre) se póde trocar por ninguem, mas a poder-se dar troca aqui, Noronhas, e Alburqueques se podem só trocar por Menezes. As armas de taõ excelsa familia, como enlaçaõ em si Portugal, e Castella, saõ duas vezes Reais : os Leoens coroados de Castella, e as Chagas, ou Quinas de Portugal. Oh familia illustre! Oh estirpe soberana! Oh Casa muitas vezes sublime! Huma Casa pois taõ sublime, taõ soberana, e

P 3

taõ

taõ illustre , terá hoje , ou poderá ter coufa , com que novamente se exalte ? Sim ; e o que ? O Neto glorioso , que lhe festejamos . Tal Casa só pôde ter por exaltação sua tal Neto . Acharemos prova ? Sim , que neste dia não ha ventura , que nos falte .

Entre delicias toda a mais ufana , e entre glorias toda a mais vistosa , sobe (dizem os Cantares) reclinada sobre o seu amado huma ditosa mulher . Virão-na os Anjos sobir , e logo se admirarão do que virão :

Cant.
1. v. 5. *Quæ est ista , dizem elles , quæ ascendit de deserto delitiis affluens , innixa super dilectum suum .* Mas que tem esta mulher sobindo , para que de a verem sobir se admirem os Anjos ? Sobir quem vive entre glorias ? Sobir quem está entre delicias ? *Deliciis affluens .* Isto que novidade he ? Ora a mim me parece , que os Anjos não se admirão , de que estando entre delicias suba a mulher : admirão-se sim , de que sendo as delicias tantas , tenha ainda af-

sim a que sobir , e suba ainda : *Ascendit .* Fundo esta razaõ .

Signum magnum apparuit in Cælo , mulier , diz S. João , & datae sunt mulieri ale duæ , ut volaret .

Admirou-se o Evangelista , de que apparecendo huma mulher no Ceo , se lhe def-

fem para voar duas azas : *Ut volaret .* E bem , porque fer o Ceo a patria das delicias , e ver huma mulher , que estando no Ceo , ainda para voar tem azas , ou tem ainda a que voar ? *Ut volaret .* Isto he admiração , diz o Evangelista : *Signum magnum apparuit in Cælo .* Agora atraz , e digamos . Ver-se huma mulher taõ abundante em delicias : ter , como diz o *Affluens* , delicias em abundancia : *Deliciis affluens* , e sobir ainda assim , ou mostrar que ainda tem que sobir ? *Ascendit* ; por-

que razaõ ? O Texto o diz , e huma versão a declara : *Theod. Innixa super dilectum suum* , diz o Texto , e a versão : *Innixa super nepotem suum .* Tinha esta mulher para sobir reclinada hum

Neto

Apoc.
12. v. 1
& 14.

Ref. o P
Mano-
el de
Nax.
Jerm.
de S.
Anna.

Neto feú: *Nepotem suum*, e Neto taõ chamado delle, que donde huma voz diz Neto: *Nepotem*, outra nos diz amado: *Dilectum suum*. Ha fim? Pois sejaõ glorias com abundancia as glorias desta mulher: *Deliciis affluens*. Mas veja-se, que he tal a gloria, que este Neto lhe dá, que ainda donde naõ póde sobir, sobe pelo Neto a mayores glorias: *Ascendit. Immixa super nepotem suum*.

Glorioso Neto, venturosa mulher! Mas para dizermos tudo, vejamos quem he esta mulher, e quem este Neto. A mulher, dizem commumente os Padres, que he a Igreja; outros, que huma Republica; e alguns tambem, que huma familia. Fiquemos aqui. E que Familia he esta, que se figura aqui nesta mulher? Huma familia Real, porque lá vinha, e descendia de Principes: *Filia Principis*. Bem, e que mais? Tinha como por Armas esta familia seus Leões: Armas que saõ dos Reys de Castella. *Veni de cubilibus Leo-*

num; e tinha tambem suas Chagas: Armas que saõ dos Reys de Portugal: *Percusserunt me, & vulneraverunt me*. Logo (concluamos) Familia, que he descendente de Principes, e Reys, e nas Armas, que tem, tem as de Portugal, e Castella, naõ sey que se pareça com outra, que com a Familia esclarecida dos Noronhas. Era logo aquelle Neto Neto desta Familia. E he Familia taõ excelsa, a que tem este Neto, que sendo a mais gloriosa atéqui, *Deliciis affluens*, ainda pelo Neto que tem, se faz mais gloriosa: *Ascendit. Immixa super Nepotem suum*.

Neste caso se me offerece a mim huma questãõ, a meu entender peregrina: questãõ, naõ menos que entre a Casa de Marialva, e a Casa de Villa Verde. A Casa de Marialva, já vemos que tem hum Filho: a Casa de Villa Verde sabemos que tem hum Neto. He a questãõ agora: e de qual, ou por qual resulta a estas duas Casas a gloria mayor? pelo Neto, ou pelo Filho? Naõ

meto a mão entre duas pedras, que ainda que preciosas, me poderey entalar. O que digo, he, que se os Netos são filhos duas vezes, será grande pelo Filho a gloria de Marialva, mas he dobrada pelo Neto a glória de Villa Verde.

Da mulher, que no Apocalypse voou, se admirou S. Joaõ, e não mais: *Signum magnum*; e da mulher, que nos Cantares sobio, até os Anjos se admirarão: *Quæ est ista, quæ ascendit?* E pois he por ventura mayor a gloria desta mulher, que a daquella? Sim. Aquella, diz S. Joaõ, que tinha hum Filho: *Peperit Filium*, e esta, dizem os Anjos que tinha hum Neto: *Nepotem suum*. E quando as glorias, que hum Filho dá á Casa, de que nasce, só fazem admirar aos homens: *Signum magnum*; as que dá á sua Casa hum Neto, são tanto mayores, que até fazem admirar aos Anjos: *Quæ est ista, quæ ascendit?*

Agora sim, e para agora empreste a Mãe de Deos á Casa de Villa Verde, e lhe

dê por'troféo das suas glorias estas palavras suas: *Ego quasi Therebintus*, dirá esta Casa, *extendi ramos meos, & rami mei honoris, & gratiæ*, Os ramos da minha frondosa Arvore (he o que diz) sabeis o que são? São ramilhetes, e são ramos: ramos, em que tudo o que florece he honra; ramilhetes, em que tudo, o que respira, he graça: *Honoris, & gratiæ*.

Mas tá, que se póde queixar o tronco, e se póde queixar a raiz. Huma arvore compoem-se de raiz, tronco e de ramos: isto he ser arvore e se huma geração he Arvore como as mais, como só os ramos, ou só nos ramos, se ha de ver a graça toda, e toda a honra? *Rami mei honoris, & gratiæ*. Eu não sey: sey, que n'uma arvore o tronco nasce da raiz, e os ramos nascem do tronco. Melhor o direy: A raiz, em bom Portuguez, he Mãe, o tronco he Filho, e os ramos são Netos: e na illustre Casa de Villa Verde haverá muita honra, e muita graça na raiz: have-

haverà muita honra, e muita graça no tronco: mas nestes ramos, ou neste neto, a honra ferve de Coroa à mesma honra, e a graça de esplendor à mesma graça: *Rami mei honoris, & gratie.*

Oh Casa sobre todas gloriosa! Oh familia mais que toda excelsa! A mesma Mãy de Deos, que emprestou as palavras por troféo, diz nas mesmas palavras, que este Neto he ramo feu: *Rami mei*: e Netos, que Maria dà, e são de Maria, ramos vem a ser, por quem a mesma graça tem graça e por quem a mesma honra tem honra: *Rami mei honoris, & gratie.* Coroe pois (oh excelsa Casa) este Neto tão clara raiz, este ramo tão sublime Arvore, este Astro tão luzido Ceo, e este Girafol tão flamante Jardim: e a ver-se tão gloriosa a Casa por tão inclito Sucessor, demos as graças à Mãy de Deos, por se ver, qual na sua successão, exaltada na melhor mãy a melhor Casa: *Domus Sapientie. Marie. De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

III. PONTO.

Ultimamente: a Casa illustissima de Cantanhede exaltada hoje por Sucessor tão felice, he a mercè ultima da Mãy de Deos, tão alta he a nobreza desta illustre Casa, que tudo o que em louvor feu naõ for suspender a penna, mais parece offensa que lizonja. Pelo que, sirvalhe só de Chronica o meu primeiro Sermaõ; e supposto se eternizaraõ nelle pelo papel as vozes, escusado he dizer hoje no nascimento do filho, o que já deixey escrito no nascimento da mãy.

Digo só, que para exaltação gloriosa desta grande Casa, o Conde recém nascido desenvolve do titulo de Marialva o titulo de Cantanhede, e dando logo que nasce a cada hum o que he feu, toma para si o de Cantanhede, e a seus Pays deixa o de Marialva. Oh exaltação admiravel! Ter Cantanhede o feu titulo atèqui absorvido: tello sem se fallar nelle, nem fair a luz, e logo

*Thom:
1 serm
do Nasc
da S.D
Joach.*

logo que o titular lhe nasce, resnarcerlhe o titulo !
Que mayor exaltação ?

Houve de pôr Jacob em huma pedra hum titulo , e logo , diz o Texto , que se exaltara a pedra : *Erexit Jacob lapidem in titulum.* Não sey se o titulo se poz na pedra , porque se exaltou , ou se se exaltou a pedra por amor do titulo. O que sey he , que as mesmas mãos , que lhe deraõ o titulo , essas mesmas exaltaraõ a pedra : *Erexit lapidem in titulum.* Nesta pedra de Jacob se representava a Casa de Deos , que he a Igreja ; *Petra vero Ecclesia*, diz Santo Agostinho. Porisso Jacob alli não vio outra cousa senão Casa de Deos : *Domus Dei, & porta Cæli.* E sair (oh Jacob illustre) sair a luz huma Casa grande , ou hum titulo que tem tirallo a luz : *In titulum*, isto he exaltar-se o titulo : *Erexit lapidem in titulum.*

Eis-ahi o nosso famoso Jacob , o Illustre Conde de Cantanhede : acordou do sono de nove mezes no ventre materno , e levantando-se

logo com a Casa , e com o titulo , exaltou igualmente o titulo , e mais a Casa : *Erexit Jacob lapidem in titulum.* Mas isto porque ? pergunto ainda : e respondo : Naquelle titulo , que Jacob poz na pedra , lançou (como o Texto diz) não sey que oleo. *Erexit in titulum fundens oleum desuper.* O oleo (sabeis já) que dá luz , e sustenta a luz : *Fovet ignem*, diz S. Bernardo. E sair huma pedra a luz com o titulo que tem : ter huma pedra titulo , e tirallo a luz , isto he exaltar-se o titulo , e mais a pedra : *Erexit lapidem in titulum fundens oleum desuper.*

De Christo Senhor nosso sabemos , que foy Senhor de titulo estando na Cruz : *Erat autem titulus.* Mas se advertires , não foy outra cousa a crucifixão de Christo (diz elle) senão huma gloriosa exaltação : *Et ego si exaltatus fuero à terra.* Eis-ahi o que succede. Até em Christo se não vê exaltação sem titulo ; nem titulo sem exaltação : *Si exaltatus fuero. Erat titulus.*

Oh

Gen.
28. v.
18.

D.
Bern.
serm. 5
in Cant

D. Aug.
tract. 7
in Joann

Marc.
15. v.
26.

Joann
32. v.
32.

Oh illustre Conde ! Oh excelsa Casa ! Casa exaltada já nos Progenitores, mas hoje pelo Sucessor, que lhes nasce, mais exaltada. Nasce o titulo, e não menos se exalta a Casa pelo titular. Em fim, o que em Maria vemos: huma tão inçlyta successão, que por ella se vê na melhor Mãy exaltada hoje a melhor Casa: *Domus sapientiæ Maria. De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Tenho acabado o Sermão, pequeno theatro para tão grande gloria, e breve mappa para tão largo mundo. Por parte de tres Casas nobilissimas se agradece à Mãy de Deos tão alto nascimento; e se no Nascimento de Christo se viraõ tres Soes no Ceo, que appareceirão festivos, hoje para o nascimento, que festejamos, tambem no esplêdor de tres Casas se desencerraõ tres Soes. Ou digamos: fo o Sol o formou Deos no quarto dia, e nos tres primeiros precederaõ tres Autores ao nascimento do Sol: hoje que este Sol terreno nasce,

que muito que a tanto Sol o festejem em tres Casas tres Auroras? Huma Aurora na Casa de Marialva, outra Aurora na Casa de Villa Verde, e na Casa de Cantanhede outra Aurora. A Casa de Marialva, por se ver por este Sol a mais esclarecida: a Casa de Villa Verde, por se ver por este Sol a mais illustrada; e a Casa de Cantanhede, por se ver por este Sol a mais gloriosa.

Tambem por partes destas tres Casas entra para os applausos a Casa, em que estamos, e lhe toma as partes: mas se o que nasce hoje he Sol, quem havia de tomar parte nos seus applausos, senaõ as Estrellas? Nas Estrellas do Ceo representou Deos toda a familia de Abrahaõ: *Semen tuum sicut Stellas Cæli*: e se Santo Agostinho meu Padre foy o Abrahaõ da Ley da graça: *Ego velut Abraham in vobis*: de Estrellas, direy eu, que he toda a familia de Agostinho: *Sicut Stellas*. Mas a ser de Estrellas esta familia, quem senaõ tais Estrellas podiaõ festejar

jar hoje este Sol? Mas: ou para melhor dizer, falta o melhor.

O Astro, que entre os Astros do Ceo preside às Estrellas, he a Lua: e se a Lua dividida em duas partes, ou meyas Luas, representã, como sabemos, as Armas Africanas, nestas Armas por parte de toda a Africa vem tambem a ter parte nestes applausos a luz de Hypponia: e se Hypponia toma aqui o sobre escripto de Lua, não só serã, porque preside nesta Casa às Estrellas, mas porque só para o Sol, que nasce, quer deixar o titulo de Sol. Ou digamos, que cheya hoje Hypponia de gosto atè não mais, nunca mais propriamente Lua, porque nunca mais perfectamente cheya. Em fim, se nobilissima hoje Marialva, se preclarissima hoje Villa Verde, e se Cantanhede hoje gloriosa, a Illustre Hypponia, tambem por illustrada hoje, Illustrissima.

Alto pois, a vós convoco, Auroras esclarecidas, Estrellas reluzentes, flam-

mante Lua, e radiante Sol. A vós convoco, e se já para louvares a Deos vos convidou outra hora David, eu vos convido hoje, para que louveis tambem a Mãe de Deos: *Laudate eam Sol, & Luna, laudate eam omnes Stelle, & lumen.* Louve fim (oh Virgem soberana) louve este Sol nascido a vossa grandeza, pois por vós, e pelo vosso favor nasce hoje Sol. Seja embora Sol, mas não seja só; que donde a Alva, de que nasce, he tão grande, por vós podem amanhecer de tal Alva muitos Soes.

Louve tambem a Lua a tão alta Senhora, e mostre, que nestes obsequios, que o feu amor vos tributa, vos faz, ainda que cheya, pontas de prata. Finalmente as Estrellas vos louvem, e louvem-vos as Auroras, humas com a nobreza da sua luz, e outras com a luz de tanta Nobreza. E se já no Apocalypse apparecestes com Sol, com Lua, e com Estrellas; e nos Cantares tambem, toda Aurora, toda Lua, e toda Sol, tudo aqui ten-

Fez a festa o illustrissimo S. Bispo de Hypponia morador no mesmo Collegio, e gloria immort de toda a familia, e Religião Eremitica.

tendes, e a vossos pés humilde se prostre, e vos louve tudo.

Mas Rainha dos Anjos, se agradecer hum beneficio he pedir outro: *Futurorum petitio*, diz Caetano, *ex praeteriorum gratitudine conjurgit*: o que agora pedimos, he, que vivo por favor vosso o mesmo, a quem já por favor destes vida: viva para luminoso enfeite de toda a Lusitana Monarquia, viva para precioso

Caiet.
in Jo-
an. 6.

esmalte da nossa Coroa Portugueza: viva para terror dos inimigos, para esforço dos domesticos, para admiração dos estranhos, e para maravilha universal de todos; e agora viva para os applausos, viva para os affectos, viva para os corações, e todos, a pezar do ser mortal, lhe cantem vivas: viva emfim para os favores da graça, e por fim viva para mil Coroas de gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

SERMAÕ

NA QUARTA FEIRA DAS

ENCENIAS.

Renovação do Templo da Alma pela penitencia.

P R E G A D O

Na Capella Real.

Facta sunt Encenia in Hierosolymis, & ambulabat Jesus in Templo in porticu Salomonis. Joann. 1.

HUm Templo profanado por Anti-ocho, e renovado por Judas, nos propoem a letra do Evangelho. Hum Templo profanado pela culpa, e renovado pela penitencia, nos dará a materia do Sermaõ. Que outra cousa vos parece que he o homem, senaõ hum Templo, que Deos na terra edificou para si: *Templum Dei sanctum est, quod estis vos*, diz S. Paulo. Porisso este animado edificio (que-

ro dizer) o homem, o fez Deos (se advertires) à maneira de hum Templo: os seus pés saõ os seus alicerces, e sobre elles em duas estaveis colunas se sustenta o peito, que he o santuario. De Altar lhe serve o coração. Os braços, e os hombros de Cruzeiro, e nos olhos estaõ juntamente as luzes, e as Capellas.

Mas deixando por hora o material pelo espirital, digo, que fez Deos o homem a maneira de hum Templo dan-

dando-lhe como Author de todas as virtudes profundos rendimentos para alicerces, firmes propositos para muros, e altas contemplaçoens para remates. Deo-lhe por alampada a luz da Fé, e por columnas a Esperança, e a Caridade. Nos affectos lhe deo os Ministros, nas potencias os Altares, e nos habitos virtuosos os ornamentos.

Este Templo pois, que Deos fez na terra para morada sua: *Aedificavit sibi domum*; este, em que fez gloria de estar, e habitar o mesmo Deos: *Locum habitationis gloriae suae*, profanou (oh que delirio!) sacrilegamente o homem, collocando em seus Altares aquelles idolos, que sendo agradaveis illusoens da sua fantasia, foraõ infernais prefigios da sua perdição. Disse-o assim David em zelo de Deos, ou o mesmo Deos por boca de David: *Confundantur omnes qui adorant sculptilia; & qui gloriatur in simulacris suis*. Infelice Templo, e coração mil vezes infelice; pois havendo

fido Palacio do Rey da gloria, es hoje hum tenebroso carcere, sepultura das luzes, e officina das sombras: es hum medonho labyrintho, hum profundo Caos, hum Egypto, hospicio triste da idolatria, e domicilio funebre da infidelidade: *Anima erroribus, & vitiis obtenebrata*, diz S. Jeronymo, *est Aegyptus tenebrosa*.

Para se renovar pois, e tornar ao seu antigo ser este profanado Templo, o que a Igreja nos propoem, diz o Evangelho, he a festa das Encenias: *Encenia in Hierosolymis*. Isto he, a renovação de hum Templo, a quem profanou Antiocho, e Judas Machabeo renovou. A estas memorias consagrava a Metropoli de Jerusalem a festa das Encenias, que na voz Grega quer dizer cousa nova, e o dia consagrado a esta festa, diz S. Joaõ, que no atrio do mesmo Templo assistira Christo: *Facta sunt Encenia in Hierosolymis, & ambulabat Jesus in Templo*.

Prodigiõsa renovação, assim sirva hoje para nossa refor-

Pro-
verb.
9.v.1.

Pf. 25.
v. 1.

Ibid.
56.v.7

D.
Hier.
apud
Sylv.
Aleg.
verb.
Ægyp

reforma, como nos servirá
tambem para nossa idéa. O
nome de Judas, que foy o
Author desta renovação,
sabem todos que quer dizer
penitencia: *Judas, id est,*

D. Ant de Pad. panitens, e propomos a I-

ref. greja a renovação de hum

Enig. Templo feita por Judas, he

Numer traç. 9 dizer-nos, que por meyo da

de Num penitencia se haõ de reparar

§. 9. no Templo da alma as rui-

nas da culpa: *Et ideo*, diz
hum Expositor, *oportet in-*
novari nos per Judam, id
est, per panitentiam.

Da Feniz, e da Aguia,
dizem os Authores, que pa-
ra renascer huma, e se reno-
var outra, se arroja a Feniz
aos incendios de huma abra-
zada fogueira, e se banha a
Aguia nas affluencias de hu-
ma cristallina fonte. Do fo-
go, em que a Feniz se abra-
za, sahe renascida, e da
agoa, em que a Aguia se ba-
nha, sahe renovada. Fogo,
e agoa he a penitencia; fo-
go, porque he Purgatorio:
e agoa, porque he Bautifmo.
E para o peccador renovar
o Templo da alma, e dedi-
callo a Deos, ha de imitar
em huma conversão peni-

tente esta renovação my-
steriosa: ou se ha de abraçar
nesto fogo para renascer co-
mo a Feniz, ou se ha de sub-
mergir nesta agoa para se
renovar como a Aguia.

Para a Serpente se reno-

var, diz tambem Beyerlinch,

que poem o peito sobre hu-

ma pedra, e unindo, ou

apertando áquella pedra o

peito, despe a pelle antiga,

e fica com outra pelle. Ser-

pente he o peccador, diz

Christo: *Serpentes genimi-*

na viperarum, e he Serpen-

te muy venenosa, porque

está inficionada com o vene-

no da culpa: e se a Serpen-

te para se renovar da com o

peito em huma pedra; para

se renovar o peccador, por-

que não dará com huma pe-

dra nos peitos!

Edificaõ-se na terra os

Templos pondo pedra sob-

re pedra: e na reedificaçãõ

do Templo d'alma, quer a

Igreja, que sobre os pe-

nhascos dos coraçõens lan-

ce tambem sua pedra a pe-

nitencia. Mas que prodi-

giosa pedra, que não achan-

do em nossos coraçõens es-

tatua, que não desfaga em

Matth

23. v.

33.

cin-

cinza, he taõ divinamente artificiosa, que com as mesmas ruinas do peccador restaura as pedras do Templo! Prodigiosa pedra, que havendo-se ausentado Deos deste Templo por offendendo, he ella a pedra Iman, que mais attrahe a si a presença do mesmo Deos! Porrião Christo, diz S. Joaõ, assistio hoje em Jerusalem no Templo renovado por Judas; porque huma alma, de quem este Templo he figura, renovada, e reedificada pela penitencia, he digno Templo, em que assiste Christo: *Ambulabat Jesus in Templo.*

Supposto pois, que para lograr a Divina presença se ha de renovar nesta fórma, e por este estylo o Templo da nossa alma, já se vê, que he isto muy diferente da construcção dos edificios, em que a Architectura humana se apura; porque nesta mysteriosa renovação he preciso, que os fundamentos sejam ruinas, os materiaes lagrimas, e os instrumentos offertas. Quero dizer, que para renovar o

Tom. IV.

mystico Templo da alma havemos de cortar, havemos de chorar, e havemos de offerecer. Havemos de cortar pelos Idolos, havemos de chorar os peccados, e havemos de offerecer sacrificios.

- Estes tres effeitos da Architectura espirital dependem, se advertires, dos tres actos da verdadeira penitencia, que vem a ser: a contrição, a confissão, e a satisfação. A contrição corta, a confissão lava, e a satisfação a limpa: a contrição faz as ruinas cortando pelos Idolos, a confissão produz as lagrimas para lavar as manchas, e a satisfação offerece os sacrificios para alimpar as offensas. Começemos pela primeira circumstancia, e vamos vendo o que a contrição ha de cortar, para com milagrosas ruinas restaurar as nossas perdas, e assistir Christo venturosamente no Templo de cada hum de nós, assim como em Jerusalem no Templo renovado por Judas: *Et ambulabat Jesus in Templo.*

Q I. PON-

I. PONTO.

O Primeiro acto de hum penitente he a dor de haver offendido a Deos, e o primeiro effeito, que nelle ha de fazer esta dor, he aquella taõ catholica empreza, que lá Jacob com affectos de Pay, e zelo da honra de Deos, aconselhou em sua casa á sua familia: *Jacob verò, diz o Texto, convocata omni domo, ait: Abjicite deos alienos, qui in medio vestri sunt, & mundamini.* Vendo Jacob, que na pureza da vida se assegurava o remedio d'alma, convocou para ante si todos os seus domesticos, e a todos persuadio, que se purificassem, e lançassem de si os seus Idolos: *Abjicite deos alienos, & mundamini.* Por estes Idolos entende Hugo Cardeal os peccados: *Deos alienos, qui in medio vestri sunt, abjicite: id est: peccata de corde, quod est in medio.* E pela purificação, aquella pureza de espirito, que em nós he fruto suave da nossa dor, e

trofeo glorioso da nossa contrição: *Mundamini per contritionem.* E quando Jacob quiz persuadir contrição á sua familia: quando quiz ver contrição em sua casa, o que fez? Foy procurar que se lançassem os Idolos fóra della; porque achou, que para ser verdadeira a contrição dos peccados, havia de ser acompanhada com a deização dos Idolos: *Abjicite deos alienos, & mundamini per contritionem.*

E notem, que antes de Jacob fallar na contrição, fallou primeiro nos Idolos: *Abjicite deos, & mundamini;* porque em quanto não vão fóra os Idolos da culpa, não se falla em haver contrição dento n'alma. Contrição, que não tem por effeito primario, e principal, arrancar os Idolos, e lançallos fóra, não he contrição, nem vay para lá. Para hum peccador ter contrição verdadeira, a primeira cousa, que ha de fazer, he entrar em si mesmo com a superintendencia de Jacob: pôr os olhos, e olhar bem para

Gen.
35.v.2

Hug.
Card.
hic.

para a sua casa, que he a sua consciencia : chamar, e convocar os seus familiares, que saõ os seus affectos, e em quanto vir em si, ou nelles, o appetite sacrificado aos gostos, a intemperança aos regalos, a impiedade aos homicidios, e a cobiça aos augmentos : em quanto vir, ou sentir, que a ambição se rende aos póftos, a sagacidade aos enganos, a tafularia aos jogos, o amor proprio ás prendas, e o profano às lascivias, faiba, que não está contrito, senão idolatra, e neste caso ha de dizer-lhe o mesmo, que Jacob : *Abjicte deos alienos, qui in medio vestri sunt.* Lançay de vós, oh affectos meus, lançay effes falsos Deoses, a quem não só servís, mas adorais : arrancay por huma vez effes sacrilegos profanadores do Templo da Divindade, largay para nunca mais effes usurpadores indignos do culto, que só se deve a Deos, e nesta fórma, ou nesta refórma será o peccador verdadeiro penitente, porque este he o proprio final

do pezar da culpa, e o principal effeito da contrição verdadeira.

Falla Jeremias na verdadeira contrição, e havendo de retratalla em claro espelho, buscou no crystallino mar o seu retrato : *Magna ^{Treno} est velut mare contritio tua.* ^{2.v.12}

Que a semelhança, ou o retrato seja com propriedade, não o nego, porque já sey, que he o mar o centro das lagrimas, e o theatro das amarguras. Nas suas alteradas revoluçoens parece que sente o mar os effeitos de alguma grande dor, porque alterando os bramidos, mostra querer defabafar com os rochedos. Por toda a terra se destilla o mar em rios de lagrimas, mostrando tambem, que não sente pouco, quem chora a rios; e não achando sufficiente interprete da sua dor em tão largo pranto, com as mesmas ondas intenta communicar ás Estrellas o seu sentimento. Mas com licença de Jeremias, não he menos propria para retratar a contrição a terra que o mar; porque se o mar flu-

étua, também a terra se abala: se no mar se quebraão as ondas, na terra estalaão as pedras: se o mar tem para bramir em cada onda hum lingua, a terra para gemer tem em cada abertura hum boca. Pois porque mais compara Jeremias a contriçaõ ao mar, do que á terra? A razãõ mostra-a a experiencia, e confirma-a hum grande Doutor.

He a contriçaõ, como o mar, diz o Legionense, porque assim como o mar lança fóra os cadaveres, dos que se perderãõ em suas agoas, assim a contriçaõ lança fóra os Idolos, dos que naufragãõ em suas culpas: *Sicut mare adducit cadavera ad littus, ita anima adducit peccata sua.* Não permite o mar, que os corpos mortos achem em seu procelloso centro quieto domicilio, antes com impaciente agitaçaõ, como se receãra ver contaminado o seu cristal com estas miserias, as arroja nas prayas. Não assim a terra: recolhe dentro em si os corpos dos defuntos, e como ambiciosa de os ter até

o fim do mundo, os não largarã, senão para o dia do Juizo. Pois não retrate Jeremias a contriçaõ na terra, senão no mar, mostrando, que só donde se arrojaõ os peccados, podem ser verdadeiros os arrependimentos. Alma, que se abraça com os cadaveres dos Idolos para os não largar, senão quando o mundo se lhe acaba, tem muito de terra, e nada de contriçaõ: alma, que a estímulos da sua dor arroja logo de si estes immundos cadaveres, he mar, em que a contriçaõ se retrata, e só por ella se pode dizer com Jeremias: *Magna est velut mare contritio tua.*

Catholicos meus, hum coraçãõ penitente ha de ser hum mar fluctuante. O vento dos suspiros ha de mover as agoas deste mar, e nesta deliciosa tempestade haõ de fobir as ondas às Estrellas, porque nos haõ de vir as lagrimas aos olhos. Tumidas, e orgulhofas haõ de quebrar de sentimento as mesmas ondas, e com precipitada furia haõ de combater os rochedos, porque haõ de expel-

lir

Gasp.
Legion.
Serm. 5.
Dom. 2.
Quad.

lir os peccados ; mas vede là, e vede bem, que se a estes cadaveres os os lançar fóra huma onda, os não torne a recolher outra; porque esta barbara reincidencia não será deixar os peccados com arrependimẽto, serà ter arrependimento de os deixar.

Peccadores ha, que nos seus falsos arrependimentos tem a propriedade da serpente : vomita a serpente o veneno, quando quer beber, e depois de beber torna a tragar o veneno. Assim os peccadores : querem alguns beber no tempo da Quaresma da fonte da graça, e revestidos de huma apparente contriçaõ largaõ os idolos, e vomitaõ os peccados, mas como? Como a serpente o seu veneno : vaõ fóra hoje, e tornaõ a vir à manhãa, sahem pela Quaresma, e voltaõ pela Pascoa. Da contriçaõ destas racionais, mas venenosas serpentes, sabeis o que diz o grande Agostinho meu Padre? Que não rompe os peccados, mas que os interrompe : *De ista dicimus non rumpere pecca-*

ta, sed interrompere. Como agora.

Represente-se-vos, por exemplo, a parte mais populosa desta Corte, e neste numerofo concurso consideray a cada hum occupado, e influido na intelligencia do seu negocio : o Palaciano nas lizonjas, o Filosofo nas controversias, o Pretendente nos requerimentos, o Ministro nas negociaçoes, o Mercador nos commercios, o ocioso nas levandades, e o lascivo nos galanteios. Eis-que ao tempo, em que tudo he labyrintho, tudo rumor, e cõfusaõ tudo, passa a Magestade da terra, ou sahe fóra o Rey do Ceo : já todos paraõ, todos ajoelhaõ, suspendem a pratica, moderaõ as açoes, attentos, humilhados, e devotos, só se occupãõ em tributar respeito, e em render veneraçoes, ou a huma, ou a outra Magestade. Passou emfim a Magestade, que passava, e que vedes? Que achais? Que encontrais? O mesmo que de antes : cada hum outra vez ao seu negocio, por-

D.
Aug.

que aquillo não foy rompello, senão interrompello; tornaõ a continuar, e a infitir com o mesmo-animo, com o mesmo cuidado, e com o mesmo estudo, e talvez mais, porque querem recuperar aquelle tempo, que podendo chamar-lhe ganhado, o tem por perdido.

Naõ de outra forte no nosso caso, diz Santo Agostinho. Está o mundo huma Babilonia de vicios, nelle arde o luxo, reina a enveja, domina a detracção: tudo são aleivosias, impiedades, latrocínios, e sacrilegios: achando-se como em casa propria, a soberba nos nobres, a lizonja nos cortezaõs, a lascívia nos amantes, a presumpção nos doutos, e a altivez nos soberanos. Eis-que vem a Quaresma, tempo, em que mais nos visita o supremo Senhor com os avizos, com os auxilios, e com as inspiraçoens: e que succede, ou que fazemos? Deixamos os idolos, que adoramos? Apartamo-nos dos peccados, em que cahimos? Sim, mas acaba de

passar a Quaresma, e he o mesmo que de antes: tornamos a ser, os que eramos, e fomos os mesmos, que fomos. Deixámoslos, he verdade; mas não foy por modo de repudio, foy por modo de deposito: foy veneno de serpente, que se deixa para se tornar a buscar, e se vomita para se tornar a beber. Pois que he isto, diz Santo Agostinho, he romper os peccados? Naõ. He interrompellos? Sim: *Non rumpere peccata, sed interrompere.*

Ah Christãos! Esta he a dor verdadeira? Esta he a contrição fervorosa? Naõ he isto contrição de Catholicos, he sim obstinação de infieis. Ouvio-o a David: *In circuitu impii ambulat.* Ps. 111. Andaõ os impios peccadores, diz David, em huma continua roda: *In circuitu;* e sabeis porque? Porque são peccadores, e são impios: *Impii.* A roda sabeis ja, que por mais que anda, nunca se aparta do eyxo: tudo são voltas, e nada são despedidas. Assim os peccadores: chega a Quaresma, larga-

largamos os idolos, deixamos os peccados damos á vida hua volta: mas q̄ volta? A de huma roda, que do eyxo, em que anda, se não aparta: anda, mas nunca se despede do eyxo. A volta verdadeira sabeis qual he? He deixar os idolos por huma vez, e largallos para nunca mais: he o que la succedeo ao Corvo, que sahio da Arca de Noé: sahio, diz o Texto, mas depois de sahir, não tornou a voltar: *Egrediebatur, & non revertabatur*. Oh almas, que no diluvio das vossas culpás vos quereis salvar! Largue Noé o Corvo, e não torne á Arca, que o mais não he deixar os idolos, como queria Jacob: *Abjicite deos*, he suspirar pelos idolos, como fazia Labaõ: *Cur furatus es deos meos?* O mais he não sahir do eixo, como peccadores, e andar sempre em circulo, como impios: *In circuitu impii ambulant*.

Emfim que a dor verdadeira, e o pezar, que só he pezar, he dar á vida huma volta, que outra vez não

torne á mesma vida. Mas agora) para que a volta, que dermos, seja esta? Que remedio para os idolos não tornarem, ou não tornarmos nós aos mesmos idolos? Eu o direy: Todo o peccado tem duas cousas: tem culpa, e tem occasião: e quanto a mim, ainda a occasião he mais para se temer, que a culpa. Quereis, que vão fóra os Idolos para nunca mais? Pois juntamente com elles vá tambem a occasião, porque se a occasião de todo não for fóra, ou he que não vão, ou que tornaõ a vir os Idolos.

Vá fóra meu filho Ismael, (diz por conselho de Sara seu Pay Abrahaõ) e juntamente com Ismael vá tambem fóra sua mãy Agar: *Ancillam banc, & filium ejus*. Gen. 12. v. 10. E pois filho juntamente, e mãy ambos vão fóra? Ismael vay fóra por causa de huns jogos nãos, que fazia com Isaac; mas sua Mãy Agar porque? Se he pela criação do filho, já com dezafete annos de idade se póde criar sem mãy, e viver sem ella: pois porque se

que remedio (me direis vós vay Agar ? Porisso mesmo, porque era mãy. Como mãy que era, podia ser occasiaõ, de que tornasse para casa o filho; e para que o filho se vâ, e não torne; vâ não só o filho, mas tambem a occasiaõ. Ser a mãy occasiaõ de poder vir o filho, e tella Abrahaõ em casa? Isto não. Se não ha de voltar o filho, vá-se tambem a mãy: *Ancillam, & filium ejus.* Que he, meus Catholicos, o peccado, senaõ filho da occasiaõ, e a occasiaõ o que he, senaõ a mãy do peccado? Desengano pois, que em quanto a mãy não for fóra, não se póde assegurar que vay o filho: se ha de ir, e não tornar o filho, ha de ir, e não tornar a mãy: *Ancillã hanc, & filium ejus.*

E notem, que ainda isto he mais: Não diz, que primeiro vay fóra o filho que a mãy, mas primeiro falla em ir a mãy: *Ancillam hanc,* e depois em ir o filho: *Et filium ejus.* Tal he o perigo, que nisto da occasiaõ ha que temer, que havendo de lançar-se fóra, ou a oc-

casiaõ, ou o peccado, ainda antes de ir o peccado ha de ir primeiro a occasiaõ: *Ancillam hanc, & filium ejus.*

Eis-aqui o effeito, que a nossa contriçaõ ha de fazer em nós: largar os peccados por huma vez, e a occasiaõ dos mesmos peccados: não só havemos de interrompellos, mas havemos de rompellos: havemos (para ser Templos vivos de Deos) destruillos, e aniquilallos, porque desta ruina do peccado dependem as assistencias de Christo.

Quando o Senhor entrou no Egypto, se arruinaraõ todos os Idolos em final de que entrava o verdadeiro Deos naquelles Reynos: *Cõmoverunt simulachra Ægypti à facie ejus.* Ar-^{v. I.} ruinavaõ-se os Idolos, quando entrava Deos, porque como se não compadecem bem a luz, e as sombras, era preciso que para assistir a luz da divindade, se destruisse a sombra da idolatria. Tambem ao collocar-se a Arca de Deos no Altar do Idolo Dagon, diz o Texto, q̃ cahira por terra o Idolo, e se fizera

1. Reg. fizera em pedaços : *Ecce*
 5. v. 5. *Dagon pronus in terra jac-*
cebat. Como Deos , e o
 peccado não podem affistir
 juntos , era força que aonde
 Deos havia de levantar o
 feu throno , não tivesse o
 peccado o feu domicilio :
 collocou-se no Altar a Ar-
 ca, e cahio do Altar o Ido-
 lo, porque aonde o pecca-
 do tem as suas ruinas , ahi
 acha Deos as suas exalta-
 çoens.

Oh se do Altar dos cora-
 çoens humanos cahiraõ ar-
 ruinados os nossos Idolos ,
 como he certo , que nelles
 se acharia Deos mais exalta-
 do, nelles se veria Christo
 mais engrandecido ! Aquel-
 la pedra, que derribou a Es-
 tatura de Nabuco , diz Dani-
 el, que assim como a Esta-
 tua se desfez em cinza , a
 pedra avultou na grandeza:

Dm. 2. *Lapis , qui percu, erat sta-*
v. 35 *tuam, factus est mons mag-*
nus. Era a Estatua hum
 Idolo adorado , e a pedra
 era o mesmo Christo : em
 quanto a Estatua esteve em
 pé , andou a pedra pelos
 pés da Estatua ; mas tanto
 que a Estatua cahio , logo

a pedra creſceo : *Factus est*
mons magnus. O estarem
 em pé os nossos Idolos , nos
 faz trazer a Christo por de-
 baixo dos pés : mas se os I-
 dolos se arruinarem , se os
 peccados se romperem , se
 houver hum córte nas vai-
 dades , se se der hum golpe
 nas ambiçoens , se se mode-
 rarem os faustos, se se reprim-
 irem os roubos , se de to-
 do se acabarem tantas inso-
 lencias , crueldades , e sem
 razoens , quantas no mun-
 do ha , e pelo mundo , co-
 mo se verá Christo no Tem-
 plo das nossas almas com a
 mais avultada gloria , e com
 a mais creſcida grandeza !

Assim pareceria hoje a
 quem em Jerusaleem vio o
 Senhor no Templo renova-
 do por Judas. Tomava Chri-
 sto em todo aquelle atrio
 hum largo pasſeyo , diz S.
 João : *Ambulabat Jesus in*
templo in porticu Salomonis.
 Mas era tal a gloria , que
 daquella renovação lhe re-
 sultava , que não deixava
 reduzir-lhe às margens de
 hum só lugar a sua grande-
 za : passava ſim para en-
 cher ao mesmo tempo mui-
 tos

tos lugares. Oh imite nesta renovação o homem a sua espirital renovação, e se verá, como no Templo de hoje, tão glorioso Christo, que terá por augusto Palácio o mais largo Templo: *Ambulabat Jesus in Templo.*

II. PONTO.

O Segundo effeito da architectura espirital, que depende do segundo acto da verdadeira penitencia, são as lagrimas da confissão: fez a contração as ruinas cortando pelos Idolos, produz a confissão as lagrimas para lavar as manchas. He o segundo acto da penitencia a confissão, e o officio da confissão he lavar as almas, e lavar os corações; mas ha neste sentido dous generos de lavatorios, ou dous generos de confissões: ha confissão de palavras, e ha confissão de lagrimas; na confissão de palavras lava Deus o peccador, e na confissão de lagrimas lava-se o peccador a si mesmo. Desta segunda confis-

saõ he que eu fallo: lagrimas, que nos lavem os corações, he o que peço, e de nossos mesmos corações haõ de sahir estas lagrimas: *Lachrymas cordis*, diz Santo Agostinho meu Padre. E bem; porque lagrimas, que para lavarem culpas naõ sahem do coração, ou naõ lavão culpas, ou naõ saõ lagrimas.

Sangue, e agoa (diz S. Joã) sahe do peito de Christo ao golpe da lança: *Sanguis, & aqua*. Por nenhuma das outras feridas lançou Christo agoa, fenaõ sangue. E pois como só por esta o Senhor lança sangue, e mais agoa: *Sanguis, & aqua*. Chrysoftomo neste lugar, e Theodoreto nos daõ a melhor razãõ. Theodoreto diz, que por esta agoa se entendiaõ as lagrimas: *Agnosce in qua lachrymas*; e Chrysoftomo, que nelle se representava o Bap-
Joan. 19. v. 34.
Theod. n. 10. 15.
D. Chryf. Hom. ad Nicoph. 1. 5.
 tismo: *Aqua Baptismatis Symbolum*. E pois que? He Bap-
 tismo, e saõ lagrimas? Sim. Lagrimas, que saõ Bap-
 tismo, saõ lagrimas, que lavaõ culpas: e lagrimas, com
 que

que as nossas culpas se hão de lavar, donde senão do coração haviaõ de sahir. Sa-hem estas lagrimas do coração de Christo, porque para nos lavarem como lagrimas, haviaõ de ser lagrimas do coração: *Lachrymas cordis. Agnosce in aqua lachrymas.*

Grande duvida, no que diz S. Paulo, mas agradeça-o pela soluçãõ. Christo na Cruz, conforme S. Paulo diz, ao tempo que morreo, chorou: *Cum clamore valido, & lachrymis.* Pois agora: se em Christo (dizeis vós) assim as lagrimas dos olhos, como as do coração tem o mesmo valor; porque mais este lavatorio das culpas se ha de attribuir ás lagrimas do coração, que ás dos olhos? Respondo: Verdade he, que em Christo não ha nas lagrimas differença; mas quanto a nós, vay muito de humas lagrimas a outras lagrimas. As lagrimas nos olhos, já vedes que se destillaõ em agoas; as lagrimas no coração sabeis já, que se exhalãõ em sangue. Porisso as que sahirãõ do coração de

Christo, vieraõ com sangue juntamente: *Sanguis, & aqua.* E para Christo mostrar (he a conclusãõ) que as nossas culpas, ou as lagrimas, que lavaõ as culpas, haviaõ de ser mais de sangue que de agoa: para que foubeslemos que só com lagrimas de sangue se haviaõ de lavar as nossas culpas, não se attribue tanto este lavatorio ás lagrimas dos olhos, quanto ás lagrimas do coração. Não ás lagrimas dos olhos, porque são só lagrimas em agoa; mas ás lagrimas do coração, porque são lagrimas em sangue: *Sanguis, & aqua. Agnosce in aqua lachrymas.*

Estas (Catholicos) estas são as lagrimas, com que só ficariaõ os coraçãoes bem lavados, se com ellas lavassemos os coraçãoes: lagrimas de sangue, e mais sangue: lagrimas do coração, e mais coração. Agora alcanço eu a energia, com que fallando no coração dos homens Santo Agostinho meu Padre diz, que os homens não hão de ter o coração no peito, senão nos olhos:

Homi-

D. Au- *Homines non in corde cor*
 84st. *habebant, sed in oculis.* E
 pois nos olhos haõ de ter
 os homens o coração? Sim:
 como os olhos são as fontes,
 por onde o homem chora,
 quiz mostrar, que só chora-
 va bem, quem chorava com
 o coração nos olhos. No
 lugar dos olhos quer Santo
 Agostinho que esteja o nos-
 so coração: porque quando
 os olhos houvessem de chor-
 rar, foubessem, que o co-
 ração havia de chorar pelos
 olhos: *Non in corde cor ha-*
beant, sed in oculis.

Mas que remedio (me di-
 reis vós agora) para que os
 coraçãoes chorem, e as nos-
 sas lagrimas sejam lagrimas
 do coração? *Lachrymas cor-*
dis. Eu o direy, ou o mes-
 mo Agostinho, que o dirá
 melhor que eu. Nos olhos
 (diz Agostinho) hade estar
 o coração dos homens: *In*
oculis. E bem: tem os olhos
 (como sabeis) dous officios:
 o officio de ver he hum, e
 o officio de chorar he ou-
 tro. Pois alto, diz o gran-
 de Padre: se o coração ha
 de estar nos olhos, hade
 chorar, e hade ver junta-

mente: melhor: hade ver;
 para juntamête chorar. Eis-
 ahi o remedio: veja-se o co-
 ração a si como peccador,
 e logo se verá a si como pe-
 nitente: tenha olhos para
 ver as suas culpas, e logo
 os terá para chorar muitas
 lagrimas. Finalmente, ve-
 ja-se o que he, e logo cho-
 rará o que vê. Temos quem
 autoriza o remedio, e o jus-
 tifica.

Converte-se em fim a
 Magdalena, e deixando as
 galas, com que se ornava
 para peccar, só não deixou
 os unguentos, com que para
 o mesmo se enfeitava. Le-
 vou consigo a ambula dos
 unguentos aos pés de Chri-
 sto: *Attulit alabastrum un-*
guenti. Teve-os em casa de Luc. 7.
v. 27.
 Lazaro, em casa do Lepro-
 so, tambem os teve no se-
 pulchro, e até no dezerto
 os teve, que por isso a pin-
 taõ no dezerto com a am-
 bula dos unguentos junto de
 si. E pois, valhame Deos!
 Se a Magdalena na sua con-
 versão deixa os vestidos,
 porque não deixa tambem
 os unguentos? Para que quer
 conservar consigo a Magda-
 lena

lena huma memoria taõ viva dos seus peccados? Porisso mesmo, e pelo mais que direy: A ambula dos unguentos da Magdalena, diz o Texto, que era de alabastro, o qual por transparente, e cristallino tem suas qualidades de espelho: *Attulit alabastrum unguenti.* E como a Magdalena tinha nos unguentos huma memoria dos seus peccados, e no alabastro hum espelho, em que se estava vendo; porisso leva consigo a ambula dos seus unguentos, para sempre se eitar vendo, e revendo neste espelho dos seus peccados: olhando a Magdalena para o alabastro, via-se, o que era: olhando a Magdalena para os unguentos, lembrava-se, do que fora, e desta vista, e desta lembrança nasciaõ as incessantes lagrimas da Magdalena: *Lachrimis capit rigare pedes ejus.* Olhe tambem para si cada hum de nõs: olhe para aquillo, que he, e aquillo que foy, o que tem fido, e o que està sendo, e logo tera da Magdalena os olhos, e o coraçãõ,

ou com a mesma Magdalena chorarã com os olhos: *Dilexit multum.* *Lachrimis capit.* Ib. v. 47.

Ainda (mais em breve) outro remedio. Se o coraçãõ quizer chorar como deve, lembre-se, diz S. Bernardino, que he coraçãõ; se a dor, diz o Padre, tanto mais agudamente fere, quanto o amor mais intensamente abraza: *Quantò profundior est amor, tanto altius tangit dolor.* D. Bern. Sen. Ame o coraçãõ, como quem he, e logo chorarã, como quem ama. He hum coraçãõ que ama (vemos nõs) como huma tocha que arde: quando arde huma tocha (se advertires) toda com o calor do fogo se derrete em lagrimas aquella cera. Assim o coraçãõ, he por amante taõ brando como a mesma cera, e como saõ muitos os seus ardores, todo se desfaz em lagrimas. He o que se vio na Magdalena ardente tocha.

Com excessõ sentio a Magdalena as offensas de Christo, porque o amou com excessõ: *Dilexit multum.*

tum. Sentio com excesso, logo amou muito: amou com excesso, logo não sentio pouco: a Magdalena poz por antecedente o sentimento nas lagrimas: *Cæpit rigare*. Christo tirou por consequencia o excesso nas finezas: *Dilexit multum*.

Mas o mesmo he chorar, que sentir, o mesmo sentir, que amar, o mesmo *Rigavit*, que *Dilexit*, o mesmo trazer os olhos com agoa, que arder o coração em fogo; e porque nella foy tudo fogo no coração: *Dilexit multum*, tudo foraõ lagrimas em os olhos: *Lachrymis cepit*. Mas notay, e não menos nas lagrimas o *Cepit*, que no amor o *Multum*. Amou muito a Magdalena, diz Christo: *Multum*. E pois muito? E quanto amou? Isso não o diz Christo. Chorou a Magdalena, diz S. Lucas: *Lachrymis cepit*. E quanto chorou? Tambem o não diz. Apontou o principio ás lagrimas: *Cepit*, mas o fim não lho achou. De sorte, que tais foraõ na Magdalena as lagrimas, qual o amor:

chorou á medida do que amava, e como amava sem termo, chorou sem fim; porisso nem Christo lhe poem termo ao amor: *Dilexit multum*, nem S. Lucas fim ás lagrimas: *Lachrymis cepit rigare pedes ejus*.

Alto pois, Catholicos meus, se o coração chora pelo que vê: se quanto ama o coração, tanto chora, de duas huma: ou veja o nosso coração, ou ame, e logo haverá lagrimas em nós, e lagrimas do coração: *Lachrymis cordis*. Neste caso (e he a conclusão de tudo) lavado assim o coração de toda a mancha, purificado assim o coração de toda a culpa, será cada hum de nós hum Templo, em que Deos assista, e taõ glorioso, que de Templo passe a ser Ceo, e de Ceo a ser throno do mesmo Deos. Não deixemos ainda a Magdalena, que para aqui nos dará o melhor.

Aos pés de Christo se lançou a Magdalena no sepulcro, e o Senhor com ciofa soberania, diz S. Joaõ, lhe negou nesta occasião os seus

Joan. 4.^{v.}52 seus pés: *Mulier noli me tangere*; Tá mulher, não me toques, diz Christo. E pois Senhor, como assim? Se em casa do Fariseo lhe déstes já os pés: *Stans retrò secus pedes ejus*: se em casa de Lazaro feu irmão lhos confessastes seus por escolhidos: *Optimam partem elegit*, como agora, o que já lhe déstes liberal, lho negais avarento: *Noli me tangere*. Ora direy: havia hum decreto do Eterno Pay, que Christo depois da sua Ressurreiçãõ não pozesse os pés no Ceo, nem no seu throno dentro de quarenta dias: e como a Magdalena tinha já destillado o coração pelos olhos, e já com as proprias lagrimas se havia lavado nellas o coração, estava taõ propriamente feita hum Ceo, e hum throno de Christo, que achou Christo, feria quebrar hum decreto do Eterno Pay, pondo os pés no Ceo, ou no seu throno, se consentisse que a Magdalena se pozesse alli aos seus pés: *Mulier noli me tangere*. O mesmo Senhor no que ainda diz, mais o

confirma: *Nondum ascendi ad Patrem meum*. Não tenho sobido ainda a meu Pay, diz o Senhor: como se dissera: só sobindo eu ao Pay, poderey pôr entãõ os pés no Ceo; mas a não ter sobido ainda: *Nondum ascendi*, como hey de consentir, que todo hum Ceo se ponha aqui a meus pés: *Noli me tangere*.

Assim (oh Christãos !) assim he Templo, assim he Ceo, e assim he throno de Christo, hum coração, que destillado pelos olhos em lagrimas, sabe lavar as manchas dos peccados, e os vestigios das culpas. Se cada hum de nós o fizer assim, qual em Templo glorioso feu, assistirá Christo no nosso coração como em Jerusalem no seu Templo: *Ambulabat Jesus in Templo*.

III. P O N T O.

O Terceiro effeito da architectura espiritual, que depende do terceiro acto da penitencia, são os sacrificios da satisfação. A contriçãõ faz as ruinas cortando

tando pelos Idolos, a confissão produz as lagrimas para lavar as manchas, e a satisfação offerece os sacrificios para limpar as offensas. He o terceiro acto da penitencia a satisfação, cujo officio, ou cujo effeito, he limpar os corações. Tres cousas distinguem os Doutores na malicia do peccado; a culpa, a mancha, e a injuria: a culpa he do peccador, a mancha he da alma, e a injuria he de Deos: a dor remedeia a culpa, as lagrimas lavaõ a mancha, e a satisfação alimpa a injuria. Dous actos tornaõ a distinguir os Theologos na satisfação: o primeiro he restituir a perda, o segundo dar de mais alguma compensação da injuria. Ponhamos exemplo.

Nós, quando nos confessamos, e commungamos, fica este nosso coração hum Templo, e hum Sacrario em q̄ assiste o mesmo Deos. Peccando pois, profanamos este Templo, lançamos a Deos deste Sacrario, e entregamos ao demonio o nosso coração. Para satisfazer

cabalmente este furto, não basta restituir a Deos o coração como Templo, e Sacrario seu, se não que devemos dar de mais alguma satisfação pela injuria, que temos feito a Deos. Temos o caso na Escritura. Furtaraõ os Filisteos a Arca do Mannà, e castigou-os logo Deos por esta culpa. Conheceraõ os barbaros o castigo, determinaraõ satisfazer o peccado, e consultando para isto os seus Sacerdotes, lhe deraõ este conselho: *Si remittitis arcam Dei, nolite dimittere eam vacuum, sed quod debetis reddite pro peccato ... Facietis quinque annos aureos.* Olã Besamitas, quereis restituir a Arca ao Deos de Israel? Pois não a queirais mudar vazia: *Nolite dimittere eam vacuum*; mas offerecey a Deos de mais da sua Arca cinco peças de ouro para compensação da injuria: *Quinque annos aureos reddite pro peccato.* Appliquemos agora o caso.

Nós, quando peccamos, roubamos a Deos este seu

Tem-

1. Reg.
6. v. 3.
& 5.

Templo, que he a nossa alma, e este seu Sacrario, que he o nosso coração, assim como là os Befamitas, que furtaraõ a Arca, que era Templo, e Sacrario, onde assistia Deos: *Arca dei*. Nós, mais com o medo do castigo, que do proprio arrependimento, queremos algumas vezes satisfazer este furto. Os Befamitas, não sendo Christãos, satisfizeraõ o furto restituindo a Deos a Arca, e dando mais alguma compensação da injuria. Sigamos nós, pois somos Catholicos, o exemplo daquelles gentios: quando restituimos a Deos esta alma, que he o seu Templo, este coração, que he o seu Sacrario, não só havemos de restituir-lhe o furto do Sacrario, e do Templo, senão que o havemos de mandar cheyo de boas obras, cheyo de penitencias: havemos de mandar, como là os Befamitas, outras cinco peças de ouro: oração, esmola, jejum, disciplina, e cilicio, para que assim deste modo satisfaçamos cabalmente o furto, compensemos a injuria, e

Tom. IV.

alimpemos o peccado: *Quinque annos aureos red-dite pro peccato*.

Este he, Senhores, o terceiro acto da verdadeira penitencia, que alimpando os nossos corações de toda a mancha, e satisfazendo a Deos toda a injuria, faz que assista Deos no renovado Templo do nosso coração, assim como em Jerusalem no Templo renovado por Judas: *Ambulabat Jesus in Templo*.

E estes são tambem os tres effeitos da architectura espiritual, com que nós devemos renovar o Templo da alma, para que lhe assista Deos, que se o mesmo Deos tomou à sua conta a dedicação deste Templo no Bautismo, agora a sua renovação pela penitencia quer que corra por nossa conta: *Satagas tu quoque*, Theod. diz Theodoreto, *spirituales in Car.* *encenias tui templi celebrare*. Vós Christãos: *Tu quoque*, vós, porque sendo por vossa causa a sua ruina, he bem, que corra por vossa conta a sua restauração: Deos tomou a dedicação

R por

por sua conta , mas a renovação só ha de ser pela vossa: *Tu quoque.*

Escreveo Deos a sua Ley em duas laminas de pedra , feitas , e preparadas pela sua mão : *Factas opere Domini.* Peccando depois o seu povo , quebrou Moysés de zelo estas pedras , em que estava a Ley de Deos ; e querendo o mesmo Senhor escrever a sua Ley outra vez , mandou q̃ preparasse Moysés as segundas pedras : *Præcide tabulas lapideas instar priorum , & scribam super eas verba , quæ habuerunt tabulae , quas fregisti.* Agora pergunto : E porque não preparou Deos por si as segundas pedras , assim como preparou as primeiras ? Ou porque não mandou por Moysés preparar as primeiras , assim como mandou preparar as segundas : *Præcide tabulas lapideas.* Direy : Eraõ estas pedras , em que se escreveu a Ley de Deos , os nossos coraçõens , e assim como Deos escreveu duas vezes a sua Ley naquellas pedras , assim tambem nos nossos coraçõens

se escreve a Ley de Deos duas vezes , a primeira vez he no Bautifmo ; e quando depois com o peccado riscamos esta escriptura , torna Deos a escrever a sua Ley nos coraçõens com a penitencia : e como para a primeira escriptura do Bautifmo corre por conta de Deos o prepararnos os coraçõens , porisso preparou o mesmo Deos as primeiras pedras : *Factas opere Domini* ; mas como para a segunda escriptura da penitencia quer Deos que a preparação dos nossos coraçõens corra por nossa conta , porisso mandou a Moysés que preparasse elle as segundas pedras : *Præcide tabulas lapideas.*

Vejaõ agora lá se correndo por conta de Deos a dedicacão deste nosso templo no Bautifmo , deve correr muito por nossa conta a sua renovação pela penitencia : *Satagas tu quoque spirituales encenias tui templi celebrare.* Mas ainda pergunto mais : E como prepararia Moysés aquellas pedras , em que se escreveu a Ley de Deos ? Preparou-as da mes-

ma sorte, que cá se preparaõ humas pedras para escrevermos nellas: cortaõ-se, lavaõ-se, e alimpaõ-se. Isto fez Moysés: cortou-as, lavou-as, e alimpou-as. E com que faria Moysés esta grande obra? Com a sua vara, já costumada a ferir, e a partir pedras. Bem, e que significava esta vara? Já sabem, que a penitencia: *Virga pœnitentie cordis rigorem conterat*. Estes foraõ os tres effeitos, que fez a vara de Moysés naquellas pedras, que representaõ os nossos coraçoes, e estes os tres actos da penitencia, que eu tenho prégado, e tambem os tres effeitos da architectura espiritual, com que cada hum de nós deve renovar o seu Templo, para que nelle assista Deos: hade cortar, hade lavar, e hade alimpar, que estes tres effeitos fazem, como a vara de Moysés, os tres actos da penitencia: a contrição, a confissão, e a satisfação: a contrição faz as ruinas cortando pelos Idolos: a confissão produz as lagrimas para lavar as manchas; e a

satisfação offerece os sacrificios para alimpar as offensas. Isto he o que Deos quer que façamos na renovação do Templo da nossa alma, porque isto he, o que mandou a Moysés, que fizesse na preparação daquellas duas laminas de pedra; e assim como nas pedras de Moysés se escreveo a Ley de Deos; porque com os tres golpes da vara as cortou, as lavou, e as alimpou; assim tambem se nós com os tres actos da penitencia renovarmos o Templo da nossa alma; cortando, lavando, e alimpando: cortando Idolos, lavando manchas, e alimpando offensas, assim assistirá Deos neste renovado Templo, como lá em Jerusalem no Templo renovado por Judas: *Ambulabat Jesus in Templo*.

Tenho acabado o Sermão, e se nelle está reformado já o Templo da alma, resta só que seja o nosso coração o sacrificio, que offereçamos a Deos neste Templo. Senhor, se nos Templos materiais vemos que a

piedade Christãa vos offerece amantes holocaustos , e amorosos sacrificios, nós no Templo da nossa alma, porque não offereceremos por victima do nosso amor o nosso mesmo coração. Aceitay Senhor esta penitente victima, e mostray que para vós hum coração contrito he o sacrificio mais aceito: *Cor contritum, & humiliatum Deus non despiciet.* Bem sey que até agora foy este coração de duro bronze, mas o mesmo que foy até aqui de bronze para resistir às vossas settas, agora está de cera para se desfazer todo nestas lagrimas.

Catholicos meus, chegay com o vosso coração àquelles pés, que se nos Altares se offerecem as victimas, naquelles pés tendes para esse sacrificio o melhor Altar. Chegay, que huma vez que o Prodigio chegou, o mesmo, em quem buscava os pés, lhe deo os braços. No Templo de hoje, ou no atrio do mesmo Templo paleava Christo, *Ambula-*

bat Jesus in Templo. De hum passeio viraria as costas a huma parte, em demonstração da sua justiça; mas de outro se voltaria a lhe pôr os olhos por execução da sua misericordia. Era Templo renovado pela penitencia, que isto quer dizer Judas: *Il est, penitens*; e pela penitencia se torna em Deos misericordia a mesma justiça. Em hum dia pois, em q' n'um voltar de olhos podemos achar certa a misericordia de Deos, chegue-mos, que nos ha de dar os braços, se lhe cahirmos aos pés; e se o nosso coração he a victima desta penitencia, fazey Senhor, que dentro no mesmo coração respondaõ aos gemidos da penitencia os eccos da misericordia. Misericordia, meu Deos, por quem sois, e sejaõ, Senhor, repetidas as misericordias; huma cá, para termos a vossa graça, e là outra, para lograrmos a vossa Gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ

DA

C I R C U M C I S A M,

E

NOME DE JESUS.

ENFERMIDADE DE AMOR DIVINO.

P R E G A D O

Na Igreja do Hospital de Lisboa.

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus. Luc. 1.

Quem differa, que a qualidade morbida de huma maçãa partida assim como no Paraíso fez adoecer o homem pela culpa, havia de fazer no Presépio, que adoecesse hum Deos por fineza! Pegou-se em Belém o fogo do amor ao feno da humanidade: *Omnis caro fenum*; e como a humanidade (ainda que já em

Isai. 4.º v. 6.

Tom. IV.

Deos) era carne enferma: *Caro autem infirma*, o amor se lhe acendeo em febre, e tal febre, que ao mesmo Deos fez enfermar de amor: *Amore longueo.*

Já na Encarnação começou a enfermidade, porque Deos tanto que encarnou, logo cahio: *Inclinavit cælos, & descendit.* Enfermidade foy de amor, porque enfim foy por inclinação:

Cant. 2. v. 5.

Psal. 17. v. 10.

R 3 In-

Inclinavit: Nasceo depois , e como se no Presépio crescesse mais a doença , logo apenas nasceo , cahio na cama : *Reclinavit eum in Presépio*. Senaõ dizemos que a doença , que na Encarnação foy quèda : *Inclinavit* , no Presépio foy recalhida :

Luc. 2. v. 7. *Reclinavit eum*. Oh febre , e quanto mais de amor , tanto mayor febre : *Nec enim*, diz Santo Ambrosio , *minorem febrem amoris esse dixerim , quàm calor*.

ib. 3. v. 38. Predominava o sangue no Menino enfermo , porque ainda que Deos , era descendente de Adão quanto à carne : *Qui fuit Adam , qui fuit Dei* ; e como nelle predominava o sangue , logo aos oito dias foy preciso rasgar a vea , e acodir com sangria : *Ut circumcidetur puer*. Emfim recebeo no nome o ultimo remedio , que donde he grave a doença , só póde ser remedio hum remedio de nome : *Vocatum est nomen ejus Jesus*. O que porém vejo aqui , e o que admiro he , que applicando-se a cura no oitavo dia , a doença , ainda

que mortal , naõ teve setteno : *Postquam consummati sunt dies octo*.

Esta pois , e por este estylo posta , ou proposta , ferà a materia do Sermaõ de hoje. Nem o lugar me podia permittir outro assumpto , nem eu , sendo o assumpto outro , me ajustara bem a este lugar. Deos em hum Hospital nascido , e ser o amor o que o trouxe aqui ? Isto meu Deos , se he enfermidade o amor , he vires por enfermo a hum Hospital. Nesta conformidade huma doença de amor , e os remedios della , seraõ como digo a materia do Sermaõ. O Evangelista , que he S. Lucas , tambem foy Medido , e hoje naõ menos o queremos Medico , que Evangelista : como Evangelista nos proporà a doença , e como Medico lhe applicarà a cura.

Tres cousas , se advertires , contem o nosso Thema , que vem a ser : o tempo , a Circuncisaõ , e o Nome. O tempo : *Postquam consummati sunt dies octo*. A Circuncisaõ : *Ut circumcidetur puer* , e o Nome : *Voca-*

tum

Da Circumcisão , e Enfermidade de amor. 263
tum est nomen ejus Jesus. amoris esse dixerim, diz o Gal. 1
 Temos o assumpto dividido Padre. E tem fundamento Matth
 em tres partes: na primeira no Principe da Medicina cap. 1.
 tomaremos o pulso á doen- Galeno, que definindo a fe-
 ça: na segunda veremos a bre diz assim: *I ebris*, diz o
 qualidade da sangria, e na grande Douto, *est calor*
 terceira applicaremos a cu- *praeter naturam in corde ac-*
 ra. Melhor o direy: na pri- *ensus*, donde digo, que se
 meira a doença se verá gra- o amor he fogo, e o cora-
 ve pelo tempo: *Dies octo.* ção he centro do amor, fe-
 Na segunda a sangria rigo- bre he o amor, porque he
 rosa pela Ley: *Ut circumci-* fogo, que arde no coração:
deretur. E na terceira no- *Calor in corde accensus.*
 tavel a cura pelo Nome: Que tambem o coração ar-
Vocatum est nomen. da, ou o amor seja fogo do
 Começemos pela primeira parte, coração, lá o sentiraõ em
 e vamos vendo neste cresci- Emaüs os mesmos Discipu-
 mento de oito dias, o como los do Senhor: *Nomè cor*
 a febre pelo tempo he ma- Luc. v. 37.
 yor febre: *Postquam con-*
summati sunt dies octo.

I. PONTO.

EM primeiro lugar: to-
 mado por S. Lucas o
 pulso ao Menino enfermo,
 temos huma febre de amor,
 e quanto ao tempo della,
 temos oito dias de febre:
Dies octo. Que seja febre o
 amor, (vamos com distin-
 ção) ou que este se chame
 febre, já com Santo Am-
 brosio o dissemos: *Febrem*

Emfim, temos huma fe-
 bre hoje, e febre, que he de
 cuidado, porque o he de
 amor: *Febrem amoris.* Mas
 que grãos, que calor, e que
 intensaõ a desta febre? S.
 Lucas, computando-lhe o
 calor pelos dias, a poem ho-
 je febre *ut octo*, porque a

poem em oito grãos de calor: *Dies octo*. Estremada febre! Não he febre intermitente, diz S. Lucas, porque a não ter dias para o descanso, he febre de todos os dias. Febre fim, mas sem syntomas: nem faz delirios no juizo, nem intercadencias no pulso: delirios não, porque em Deos, o que no coração he fogo, no entendimento he luz: intercadencias menos, porque hum amor donde não ha pausas, he febre sem intercadencias. Tambem (oh Divina febre!) nem ao cuidado dá ferias nas somnolências do letargo, nem á prudencia desfouros nas loucuras do frenesi. Finalmente, he de oito dias o crescimento, e se mais tempo tivera de vida, mais o teria de febre: *Dies octo*. Mas oh prodigio. Aqui as admiracoens agora, e aqui os pasmos. Notay assim.

Na ordem, e circumstancia dos dias, he certo, tem suas indicaçoens as doenças. No dia setimo, a que chama decretorio a Medicina, costuma fazer a doença hum

de dous crises, ou na mutação, que faz *ad melius*, ou na mutação, que faz *in deterius*. Hoje porém (agora comigo) não houve no seteno. indicação alguma, que mostrasse convalecer na febre o Menino Deos, porque emfim o temos fugeito a remedios no oitavo dia: *Dies octo*. De maneira, que a febre ainda no dia oitavo he tão intensa, que obriga a remedios. Logo, se a febre he a mesma no dia oitavo, he certo, que não declinou, nem convaleceo no seteno. Até aqui febre, e até aqui amor! Febre, que passando além do seteno, não ha nelle crises de declinação: febre, que chegando ao oitavo dia, ainda sem se julgar passa do seteno! Nem ha amor mayor, nem mayor febre!

Vista por Jacob peregrino Rachel formosa, enfermou Jacob de amor, e como quem queria a morrer, morria por ella: *Osculatus est eam, & elevata voce flevit*. Emfim, ateou-se o amor em febre, e tomando-lhe Jacob o pulso, e mais Labão,

baõ, ambos que daõ o seu voto, dizem assim: *Serviam tibi pro Rachel septem annis*, diz Jacob; e Labaõ logo: *Septem annis aliis serviturus es mihi*. Como se differaõ: Se he febre o amor (diz Jacob) o pulso a promete em mim por sete annos: *Septem annis*; e se he doença a recahida (diz Labaõ) ainda haveis de ter outros sete annos de febre: *Aliis septem*. Notavel febre, notavel pulso, e notavel computo o destes annos! Sete annos de febre, quando o pulso o toma Jacob: *Septem annis*, e sete annos de febre, quando o pulso o toma Labaõ: *Aliis septem*. Pergunto: E porque naõ ferá no juizo de cada hum mayor a febre nos annos, ou menor? Naõ ha de ter mais annos que sete no juizo de Labaõ, nem ser menos que de sete annos no juizo de Jacob? Naõ, porque chegar ao seteno, e naõ passar, he o mais em huma febre de amor. Passar o amor do seteno (diz Labaõ) ferá oufadia. Naõ chegar o amor ao seteno (diz Jacob) ferá

fraqueza. Pois chegue até aqui, e naõ passe, dizem ambos, que donde o amor he febre, a baliza he o seteno: *Septem annis. Aliis septem*.

Oh Jacob Divino, hoje mais enfermo pela Igreja Rachel vossa, do que lá por outra Rachel o outro Jacob. Chegar a febre ao seteno, e parar nelle, até-hi fiou Jacob do seu amor. Mas chegar ao seteno, e naõ parar: arder, e naõ ter indicação no seteno? Isto só no vosso amor se vê, e na vossa febre. Muitas occasiões houve, em que até em Deos se viraõ indicaçoens no seteno. Para a febre declinar por milagre no filho daquelle Regulo, esperou o Senhor por hum seteno de horas: *Hora septima reliquit eum febris*. Nas obras da creação, para cessar em Deos o calor grande de obrallas, dispoz tambem outro setteno de dias: *Requievit Deus die septimo*. Para a Arca fluctuante no Diluvio descancar nos mões de Armenia, o Senhor computou hum setteno nos mezes;

mezes : *Mense septimo requieuit Arca.* E até para libertar no Exodo os Hebreos escravos, lhe avinculou Deos a liberdade a hum seteno de annos : *Si sex annis serviet tibi, in septimo egredietur liber.* Emfim, ou sejaõ de annos, ou de dias, ou sejaõ de mezes, ou de horas, o certo he, que em Deos nas obras do feu amor houve setenos; mas se houve tantos para as obras, só para o amor os não houve. He febre hoje o amor de Christo, e tendo passado o seteno, diz S. Lucas, arde o amor, e pulla a febre : *Postquam consummati sunt dies octo.*

Ora eu para encarecer dignamente este amor de hoje, quero lavrar hum diamante com outro diamante: comparemos com o mesmo amor de Christo o feu amor. A febre mayor, em que se ateou ardente o amor de Christo, foy a febre da Cruz. Ardeo o amor, ateou-se a febre, e pegando em enfermidade mortal, diz S. Paulo, o Senhor morreo, e morreo por esta enfermida-

de : *Crucifixus est ex infirmitate.* Vedes o a que chegou Christo, ou em Christo a febre da Cruz? Ora ouvi agora o Feniz de amor de Africa o grande Agostinho D. meu Padre : *In Cruce pretium, diz Santo Agostinho, in circumcissione amorem, & voluntatē ostendit.* Comparay (diz o Doutor grande) comparay febre com febre, ou amor com amor, e vede o que achais. Que o da Cruz, diz elle, foy paga por divida : *In Cruce pretium,* e o da Circumcisaõ foy méro amor, e vontade méra : *Amorem, & voluntatem ostendit.* Notay : Não diz que foy só vontade, nem só amor, mas amor, e mais vontade : *Amorem, & voluntatem.*

E pois como assim? Se a vontade he o mesmo amor, e se o amor he a mesma vontade, para que dobra aqui os termos Santo Agostinho? Porque falla na febre da Cruz por hum termo só : *Pretium,* e na da Circumcisaõ por repetidos termos : *Amorem, & voluntatem.* Mas eis-ahi o quanto excede

Exod.
34.v.2

5. Ad
Cor. 13
v.4.

D.
Aug.

de (se a si se póde exceder) esta febre áquella febre. Entre a febre da Cruz, e a febre da Circumcisaõ, houve esta differença : a da Cruz foy huma efimera de tres horas, e a da Circumcisaõ foy hum crescimento de oito dias : e febre, que não passa de poucas horas, com hum termo só se define ; mas febre de tantos dias sem muitos se não encarece. Porisso Santo Agostinho querendo reduzir a termos os ardores desta febre, explica por hũ termo só a febre da Cruz : *Pretium*, e por duplicados termos a febre da Circumcisaõ : *Amorem, & voluntatem*.

Huma difficuldade entra agora, e não pequena difficuldade. Notay : a febre da Cruz, verdade he, que foy de poucas horas, e não chegou ao seteno, mas foy febre que matou. A febre da Circumcisaõ, verdade he, que foy de muitos dias, e passou do seteno, mas não matou esta febre. Logo mais intensa, e mayor febre, direy eu, que foy a da Cruz, do que a da Circumcisaõ ?

Respondo : a febre quanto á intensaõ sempre foy a mesma : era amor Divino, e não podia haver nelle crescimento, nem declinaçaõ. Mas quanto aos effeitos de matar, ou não matar, isso mais parece que procedeo dos remedios, que da febre. Expliquemo-nos : na Circumcisaõ, e mais na Cruz se applicáraõ remedios á febre de Christo. Na Cruz houve sangrias, porque o Senhor se sangrou nos braços, e mais nos pés : houve cordeal para o coração, porque se lhe deo por cordeal fel, e vinagre. Para a cabeça houve defensivos, porque lhe acodiraõ com o titulo, e com a coroa, e até por soffocallo o calor amoroso, fez que para ventilar-lhe o coração lhe abrissem o peito. Mas sem embargo de remedios tantos, ainda assim o matou a febre. Isto foy na Cruz. Na Circumcisaõ houve tambem sangria, e tambem cura : a cura no Nome : *Vocatum est nomen*, e a sangria no golpe : *Ut circumcideretur puer*. Mas sendo menos aqui os remedios,

dios, a febre ainda assim não matou. Isto foy na Circumcisaõ.

E pois que he isto? Pergunto agora: a febre na Cruz mata, e saõ nella os remedios mais? A febre na Circumcisaõ não mata, e saõ nella os remedios menos? Sim, e pelos mesmos remedios torno a dizer. Entre os remedios da Cruz, e os da Circumcisaõ, vede o que houve: os da Cruz foraõ applicados pelo odio, que a respeito do amor atormẽta menos. Os da Circumcisaõ (como foy a Senhora, a que deo o golpe, dizem muitos, e o Ceo o que poz o nome) foraõ applicados pelo amor, que a respeito do odio atormenta mais. Alto pois: mate a febre da Cruz, e não mate a da Circumcisaõ. Se o amor em Christo só de penas se alimenta: na Cruz, donde os remedios doem menos, o amor o sente mais, e a febre mata; e na Circumcisaõ donde os remedios doem mais, o amor o sente menos, e não mata a febre. Oh amor grande, que tendo

por alimento penas, e mais penas, sente mais o que lhe doe menos, e sente menos o que lhe doe mais. No Calvario temos o mesmo q̃ a Circumcisaõ pleitea com a Cruz. Vede.

Falla nos martyrios da Paixaõ de Christo a Igreja, chamandõ aos cravos doces, chamou á lança cruel: *Dulces clavos, diro mucrone lanceæ.* E pois se todos toraõ instrumentos para o martyrio, como foy cruel a lança, e doces os cravos? Direy: Foraõ doces os cravos, porque atormentaraõ mais: foy cruel a lança, porque atormentou menos. Tudo foy: os cravos atormentaraõ mais, porq̃ passaraõ de parte a parte as mãos; e a lança atormentou menos, porq̃ ferindo o peito, e nelle hum lado só, não passou de parte a parte: *Latus aperuit.* E como Christo (digamos logo) achava refrigerio nas penas, e o padecer o tinha por refrigerio: os cravos, que na Cruz lhe passaraõ as mãos, foraõ doces: e a lança, q̃ lhe não trespassou o peito, foy cruel. Cra-

vos,

Ex
Sacr.
Rom.
Eccel.

vos, donde o rigor he mais, e mayor a pena, saõ doces, e atormentaõ menos: *Dulces clavos*. Lança, donde o rigor he menos, e menor a dor, he cruel, e atormenta mais: *Duro mucrone*. Melhor o direy: Por estas feridas todas lançou fangue o amor de Christo, mas com differença: que o fangue das mãos foy fangue puro, e o fangue do peito fangue, e agoa. Oh ancia de quem padece por amor! Feridas, donde os cravos passaõ a mãos, e atormentaõ mais, o gosto no fangue puro sahe perfeito: mas donde não trespassa a lança, e atormenta menos, o gosto no fangue, e agoa, se vê agoado: *Exiit sanguis, & aqua*.

Eis-aqui o que (da mesma forte que na Cruz só) passa na Circumcisaõ, e mais na Cruz: lá entre ferida, e feridas: cá entre remedio, e remedios. Na Cruz, como o odio ministrou os remedios, não foraõ tão rigorosos, e doeraõ mais. Na Circumcisaõ, como foy o amor, o que os applicou,

foraõ mais violentos, e doeraõ menos. Menos rigorosos na Cruz, e porisso sentindo-os o amor mais, a febre mata. Mais violentas na Circumcisaõ, porisso sentindo-os menos o amor, não mata a febre. Oh febre de amor ardente! Se na Cruz efimera de tres horas, na Circumcisaõ crescimento de oito dias: lá febre de morte, porque as penas, de que o amor vive, foraõ menores: cá febre sem morte, porque foraõ para alimentar-se o amor mayores as penas. Mas febre em grão tão sobido, febre em calor tão intenso, febre em ponto tão agudo, que hoje pelo computo dos dias, se lhe conta o numero dos grãos: febre *ut actõ*, porque a passar do seteno, diz S. Lucas, oito dias lhe contamos de febre: *Postquam consummati sunt dies octo*.

II. PONTO.

EStamos na segunda parte do Sermaõ. Sagrado aos oito dias de nascido (he a segunda parte) temos hoje

je o Menino Deos: *Ut circumcideretur puer.* Verdade he que logo, que este Menino nasceo, deo sangrias ao coração pelos olhos, e hoje aos olhos de todos se vê fugeito ao rigor de huma sangria. Tudo he derramar sangue: porque se o sangue he o pranto das vevas, as lagrimas são o sangue do coração: mas como he tão grande o amor, e tão ardente a febre, não bastará o defafogo dos olhos, se também senão picassem as vevas. Temos, digo, nascido a Deos, e já sangrado: Hum Sol banhado em lagrimas, huma Rosa cortada em flor, e hum Menino lavado em sangue: ao córte da Rosa se lavou em sangue o Menino, e se banhou em lagrimas o Sol.

Dizem, que com azas se pinta o amor, e não sey se diga, que nas azas se conhece o amor pela pinta, não só pelo que tem de ligeiro, mas pelo que tem de soffrido: he ligeiro, porque tem nos hombros as azas: e soffrido, porque toma ás suas costas as penas. Isto,

que a antiguidade fingio no amor humano, se vê hoje no Menino Deos retrato do verdadeiro amor: he ligeiro, porque sem soffrer dilacão, aos oito dias derrama sangue: (antes foy muito, que para o derramar esperasse oito dias) he soffrido, porque logo apenas nasce, nasce para ter penas. Emfim, não esperou para tirar sangue, mais que oito dias o amor: como os golpes eraõ finezas, mais pena dava a dilacão, que os golpes.

Para agora devia de dizer a Esposa, que nas flores era o tempo do cortar, e de florecer, hum mesmo tempo; porque esta celestial flor apenas se vê nascida, quando se vê cortada: *Flores ap-* Cant. 2
paruerunt in terra nostra v. 12.
tempus putationis advenit.

Tambem hoje, e começa a verificar-se o que a mesma Esposa disse do seu amado: *Dilectus meus candidus*, Ibid. 5;
& rubicundus. O meu ama- v. 10.
do, diz a Esposa, he Alucena pura pelo candido, e engraçada Rosa pelo purpleo: Alucena, porque ao nascer no Inverno se vê
hoje

hoje, ou fria pelo nevado, ou enfiada pelo frio. E Rosa, porque magoada entre os espinhos das nossas culpas, começa a derramar purpuras as suas veyas. Divina flor: que podendo bastar por fineza o nascer com o orvalho nos olhos, hoje depois de espalhar tantas perolas, começa a derramar tantos rubins: *Candidus, & rubicundus.*

Mas valhame Deos! Christo na Circumcisaõ sagrado, e por Ley da Circumcisaõ: *Ut circumcideretur puer.* Entremos a averiguar, que sangria he esta, e te ao nosso Menino enfermo convem hoje, ou não convem sangria. Primeiramente a sangria da Circumcisaõ, já sey, e o sabem todos, que foy huma medicina dada por Deos; mas o mesmo Deos Menino se sangra hoje contra todas as Leys da Medicina. Sim; era medicina a Circumcisaõ contra o contagio da culpa original: e se para Christo nenhuma Ley havia, que o obrigasse, ou pudesse obrigar a circumcidar-se, contra a medicina

he, e contra as Leys da Medicina, o sangrar-se Christo: logo se não está fugeito ás Leys da Medicina, como toma o remedio, não tendo a enfermidade? Mas oh, que a enfermidade, que tinha, era de amor: e que amor ha, que não tenha por Ley da fineza disfarçar as finezas com a Ley? Não he grande amor aquelle, que faz de necessidade virtude: aquelle fim, que á mesma virtude a faz parecer necessidade. Expliquemos com o amor de Jacob este grande amor.

Fugiebatque somnus ab oculis meis. Não dorme quem tem amores, diz Jacob, e amim até o sono me foge: *Fugiebatque somnus.* Como assim? Será Jacob fino no que ama, mas he rustico Pastor no que diz. De dous modos pôde não dormir quem ama: ou pôde não dormir, porque foge ao sonno; ou pôde não dormir, porque o sonno lhe foge. Não dormir Jacob, porque foge ao sonno, isso he fineza; mas não dormir, porque o sonno lhe foge,

Gen.
31.v.
40.

ge, he necessidade. Pois se Jacob quer acreditar seu amor, porque não diz, que elle he o que foge ao sonno; mas que he o sonno o que lhe foge a elle: *Fugiebatque somnus*. Porisso mesmo, e com razão: disfarçar Jacob a sua fineza com a sua necessidade, e fazer, que pareça nelle necessidade o mesmo, que he fineza: este he o amor, de que mais blazona Jacob. Porisso não diz que foge com os olhos ao sonno, mas que o sonno lhe foge dos olhos: *Fugiebatque somnus ab oculis meis*.

Eis-ahi na sangria da Circumcisaõ o Menino Deos. Dar á fineza cores de obrigação, e por força da Ley fazer que pareça obrigação, o que he fineza: Isto só o podia fazer no caso desta sangria hum amor tão fino hoje como huma lanceta: nem o cutelo da Circumcisaõ podia cortar mais sutil, nem o amor no cutelo adelgaçar-se hoje mais. Torne-mos com Santo Agostinho a combinar a Circumcisaõ com a Cruz.

Sangrou-se Christo na

Cruz, diz Santo Agostinho, e sangrou-se na Circumcisaõ; mas aqui com febre mayor de amor do que alli: na Cruz conta-se o calor da febre por hum grão só: *In Cruce pretium*; e na Circumcisaõ a conta Santo Agostinho por dobrados grãos: *Amorem, & voluntatem ostendit*. Notavel differença! Febre, que he mayor, mais sangrias pede; na Cruz as sangrias foraõ muitas, e na Circumcisaõ foy só huma; como logo suppoem menos febre de amor as sangrias, que na Cruz saõ mais; e suppoem mais febre de amor as sangrias, que na Circumcisaõ saõ menos? Ora Santo Agostinho, que o diz assim, sabe o que diz. Na Circumcisaõ, e mais na Cruz se sangrou Christo. Mas notay. Na Cruz fazendo da obrigação fineza, e na Circumcisaõ fazendo da fineza obrigação. Sim: fez na Cruz da obrigação fineza, porque o morrer, sendo decreto do Pay, diz por Isaias, que fora fineza de amor: *Oblatus est, quia ipse voluit*. Na Circumcisaõ fez da fineza obri-

obrigaçãõ, porque não havendo Ley, que o obrigasse, toma a sangria por obrigação da Ley: *Circumcidi- tur, ut verus Abrabæ filius*, diz S. Bernardo. Oh amor grande! Fazer nas sangrias da Cruz da obrigaçãõ fineza, he fazer, como dissemos, da necessidade de virtude: fazer na sangria da Circumcisaõ da fineza obrigaçãõ, he fazer sem duvida da virtude necessidade; e se aquelle amor he em Christo febre ardente, este duplicado nos grãos, diz Agostinho, he mayor febre. Porisso, se na Cruz amor de preço: *In Cruce pretium*; na Circumcisaõ dobrado amor: *Amorem, & voluntatem ostendit*.

Estremada sangria, meu Deos Menino, estremada sangria! Sangrar contra as Leys da Medicina, só por dar á fineza novas Leys! Sangrar, tendo por Ley da fineza o fazer, que a fineza se disfarce com a Ley? Não ha mais amor, nem mais bella sangria: *Ut Circumcideretur puer*.

Mas torno a reparar, e
Tom. IV.

devamos à lanceta do amor para a sangria de hoje mayor agudeza. Christo na sangria da Circumcisaõ parece filho de Adão quanto a culpa. Logo não he, nem pôde ser conveniente à Christo esta sangria? Mas oh, que he de amor a sua enfermidade! He huma hydropesia de padecer, que isso he enfermidade de amor. E por mais, que a causa da Circumcisaõ seja a culpa, o Menino recebe a ferida, e não repara na causa? Houve-se aqui o Menino enfermo, como se ha hum doente febricitante, o qual para matar a sede, não repara na qualidade da agua. Na Circumcisaõ havia causa, e havia effeito: a causa era a culpa original, o effeito era levar huma ferida, e derramar o sangue. E pode tanto com o Menino Deos a febre do amor, que não reparou na causa, só por conseguir o effeito. Como se dissera: esta sangria, este rasgar de veyra, he ventilar, e delabafar o amor. Pois alto: dê-se a sangria, e não se repare na cavila. Oh fineza!

za ! Reparar nos meyos para não conseguir o fim , isto he no amor esquivança. Mas pelo contrario , não reparar nos meyos , para que o fim se confira , isto he só fineza de amor. Tudo na Esposa acharemos.

Gant.
3.v.2.

Aperi mihi soror mea , diz á Esposa querida o Esposo amante. Abri-me Esposa a porta. E que respondeo ella neste caso : *Lavi pedes*

Ibid.v.
3.

meos. Lavey os pés : *Expoliavi me tunica mea* : Despi a tunica. Oh esquivança , por não dizer defamor ! Eu me vou , diz logo o Esposo :

Ibid.v.
6.

At ille declinaverat , atque transferat. Amor , que para abrir a porta , que he o fim : *Aperi mihi* , repara nos meyos , que he vestir a tunica , ou manchar os pés :

Ibid.v.
2.

Quomodo inquinabo ? Quomodo induar ? Amor que se confessa enfermo : *Amore languedo* , e ainda assim nos meyos , em que não ha de reparar , faz reparo ? Isto , diz o Esposo , terá de amor o nome , mas he mais esquivança , que amor : *Declinaverat , atque transferat*. Até aqui a parte primeira

do pensamento , vede a segunda.

Paululum cum pertransissem eos , inveni , quem diligis anima mea. Achou depois a Esposa ao seu querido : *Inveni*. Mas quando ?

Depois de ter passado o que passou : *Paululum cum pertransissem*. Notay : passou a Esposa desvelos , porque fahio de noite : *Surgam , & circuibo*. Passou sustos , porque encontrou os guardas : *Invenierunt me vigiles*. Passou desnudez , porque lhe tirárao o manto : *Tulerunt*

pallium meum mihi ; e passou golpes , porque emfim a feriraõ , e a maltratárao :

Percusserunt me , & vulneraverunt me. Agora fim , diz o Esposo , agora que para o fim de acharme , não repara a Esposa em meyos taõ custosos , e portudo passa : *Cum pertransissem eos* ; agora , que para remedio da sua enfermidade de amor : *Amore languedo* , ella para me achar , passa tudo , e passa por tudo : *Cum pertransissem* , digo , que he a sua fineza taõ grande , que eu só posso ser o premio de tanta

tanta fineza: *Inveni, quem diligit anima mea.*

Eis-ahi o que passa em Deos na sangria da Circumcisaõ: havia nella causa, e havia effeito; mas como a enfermidade eraõ desejos de padecer, só a fim de conseguir o effeito, não repara na causa. Fineza, de quem ama, que tendo no padecer refrigerio, toma a sangria por brinco: he padecer por amor, e para Deos não ha brinco melhor de sangria: *Ut circumcideretur puer.*

Ainda, por dizermos tudo, digo mais: Gotas de sangue custa ao Menino Deos a sangria de hoje. Mas que peregrina sangria! Nũca o amor se apura mais, que quando, ou escreve com sangue as suas finezas, ou lhe custãõ por finezas gotas de sangue. Hum vestido salpicado de sangue vio S. Joãõ no Apocalypse ao Filho de Deos: *Vestitus veste aspersa sanguine.* Salpicado diz: *Aspersa.* Mas fim: o sangue, que salpica, he sangue em gotas: e finezas em gotas de sangue escritas, finezas com gotas de

sangue obradas, assim faz dellas gala o amor de Christo, que atè no exterior do vestido as traz por gala: *Vestitus veste aspersa sanguine.*

De ordinario, entre os amantes se chama Rey o amor. Mas que Rey ha, que para mostrar-se Rey, se não vista de purpura? Divino amor! Em purpuras de sangue Rey, e hoje o Rey dos amores. A Christo nascido buscaõ no Portal os Reys para o adorarem: *Venimus adorare,* e a Christo nascido buscaõ no Portal os Pastores para o verem: *Videamus hoc Verbum.* E pois visto, he só dos Pastores: *Videamus,* e adorado, he só dos Reys: *Adorare.* Sim. Quando foraõ os Pastores, ainda na sangria da Circumcisaõ se não tinha revestido o amor em purpuras de sangue. Quando porẽm foraõ os Reys, já o amor havia derramado sangue, e se havia banhado em purpuras na sangria. E como o Rey só se conhece Rey pela purpura, antes de derramar sangue o amor, não, o ado-
raõ

Matth.
2.v. 8.

Luc. 2.
v. 15.

Apoc.
19.v.
5.

raõ como a Rey os Pastores; depois fim de derramar sangue, entaõ como a Rey o adoraõ os Reys. Porisso os Pastores naõ vaõ tanto a adorar, como só a ver: *Videamus*, e porisso os Reys naõ vaõ sómente a ver, mas a adorar: *Venimus adorare*.

Digamos logo, e concluamos: se he gloria do amor de Christo dar á fineza cores de obrigaçãõ: se he gloria do amor de Christo conseguir o effeito, e naõ reparar na causa, e se he gloria do amor de Christo dar nas purpuras do sangue esplendor á fineza: esta sangria de hoje, ou tenha contra si a Ley, que a faz violenta, ou tenha contra si a causa, que a faz estranha, ou o custo de derramar sangue, que a faz rigorosa, he sangria, em que tem o amor seus requintes, he sangria, em que tem o amor seus realces; e donde sobrepua tanto a gloria do amor, a sangria (oh amor incuravel) he para o amor hoje estremada sangria: *Ut circumcideretur*.

III. PONTO.

Ultimamente, no Nome Santissimo de Jesus tem o Menino Deos o ultimo remedio, e nelle hũ remedio de Nome: *Vocatum est nomen ejus Jesus*. Dizem, que quando o amor se faz doença, he mal sem remedio: *Nullus*, diz Ovidio, *amor est medicabilis herbis*. Mas eu digo, que Jesus pelo significado do seu Nome he o remedio desta doença. Ser Jesus he ser Salvador: *Jesus Salvator*, e naõ ha salvaçãõ, (como em Christo se vê) que naõ supponha duas cousas: suppoem vida, e suppoem morte: morte, em quem a dá, e vida, em quem a recebe: morte para o Salvador, e vida para os salvados. He o que a Igreja canta: *Mortem subires innocens, à morte nos ut tolles*. Oh remedio para quem enferma de amor! Vida, e mais morte? Vida para nós, e morte para si. Vida para os amados, e morte para o amante. Emfim padecer a morte

Ovid.
Meta.
morph.
lib. I.

InHym
Ascen.
D. ad
Laud.

morte só por nos dar a vida? Este he Jesus pelo significado do Nome, e este para quem enferma de amor o Nome Santissimo de Jesus. Vamos á Escritura.

Orietur vobis timentibus nomen meum Sol justitiæ, & sanitas in pennis ejus. Tudo o que o discurso contém, diz aqui Malaquias. Temos aqui a Christo, que he Sol de justiça: *Sol justitiæ.* Temos febre de amor, porque he Sol que ardê: *Orietur Sol.* Temos Nome de Jesus: *Timentibus nomen meum,* e temos entre as penas da morte: *Pennis ejus,* a vida d'alma: *Sanitas in pennis ejus.* Supposto isto: tomemos pelo que soa a palavra: *Pennis,* e vamos á prova.

Maa-1
cb. 4.
v. 2. *Orietur vobis Sol, & sanitas in pennis ejus.* Notay: Traz penas este Sol, diz Malachias, e traz-nos a faude nas penas: *Sanitas in pennis.* Mas adverti, que ás penas chama Malachias suas: *Pennis ejus,* e a faude chama-lhe nosla: *Vobis sanitas.* E pois como assim? Havendo neste Sol penas, e mais faude, a faude he

Tom. IV.

nosla: *Vobis,* e as penas suas: *Pennis ejus.* Sim: e isso faz em huma febre de amor o nome Santissimo de Jesus. Havia aqui Nome, e havia febre: febre, porque ardia o Sol: *Orietur Sol.* Nome, porque se fallava nelle: *Nomen meum.* E o remedio, que o Nome de Jesus applica a esta ardente, e amorosa febre, he o que nelle ha como Redemptor: faude, e mais penas. Mas penas para si, e faude para nós: penas para o amante, e faude para os amados: penas, que sendo noslas, são suas: *Pennis ejus;* e faude, que sendo sua, he nosla: *Vobis sanitas.* *Orietur vobis timentibus nomen Sol justitiæ, & sanitas in pennis ejus.*

Oh nome admiravel! Enfermar de amor, e obrigar-se a morrer por darnos vida, não ha remedio tal, como o de tal nome! Deste sagrado Nome falla em tom de remedio a Esposa dos Cantares, e diz assim: *Oleū* ^{Cant. 1}
^{v. 2.} *effusum nomen tuum.* Oleo derramado, diz ella, he o Nome do meu Esposo, Mysterioso dizer! Não só

S 3 diz,

diz, que he oleo, mas oleo derramado: *Oleum effusum*, vamos por partes. He oleo este sagrado Nome, diz a Esposa: *Oleum*. O oleo, sabem já, que tem dous ministerios: he remedio, e he unção: he remedio para os enfermos, que porisso ao ferido de Jericó se lhe curá-raõ as feridas com oleo: *Fundens oleum, & vinum*; e he unção para os moribundos, porque dos Santos oleos ordenou a Igreja, ou Christo na Igreja que ordenou, a materia da Santa Unção. Agora notay: a Unção annuncia morte, o remedio promete vida: e acha-se no Nome de Jesus remedio, e mais Unção, porque este Nome, se para nós he vida, para Christo he morte. He Nome de Redemptor, e se para Christo he Unção, com que se morre, para nós he remedio, com que se vive: remedio de vida para nós, e Unção de morte para Christo: *Oleum effusum nomen tuum*.

Na segunda palavra se verifica mais a primeira: *Oleum effusum*. Não diz, que he

oleo recolhido, mas que he oleo derramado: *Effusum*. E bem, o oleo recolhido será remedio de hum só, o oleo derramado he remedio de todos, e para todos: e donde o Nome de Jesus he remedio nosso, e remedio tambem de Christo: de Christo, porque lhe dá a morte, e nosso, porque da sua morte pende a nossa vida: a todos este remedio abrange, e como oleo derramado: he para todos: *Oleum effusum nomen tuum*.

Eis-aqui como na enfermidade do seu amor he para Christo remedio o seu Nome. Mas não posso deixar de raparar, e com razão, em q̄ este Nome sendo para Christo morte, se chame remedio. Remedio hum Nome, que he morte para Christo? Pergunto: Se para fugir á morte se applicaõ na enfermidade os remedios, que remedio póde ser para Christo hum remedio, que lhe dá a morte? Mas he pelo que já dissemos, e direy ainda: era de morte a enfermidade, porque o era de amor; e se doença, que he

de amor, he mal sem cura, q̃ remedio neste caso? O da morte. O certo he, que donde o mal he de morte, só o morrer he remedio. Concluamos.

Ao Nome de Jesus, no titulo do Calvario, chamaõ causa da morte os Evangelistas: *Posuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam.* Que fallassem aqui expressamente neste sagrado Nome, o disse Santo Ambrosio: *Causam ejus lego,* diz o Padre, *cum nomen ejus lego.* Verdadeiramente, que se a proposiçaõ por fer dos Evangelistas naõ fora de fé, e a explicaçaõ della naõ fora de hum taõ sagrado, e taõ illustrado Doutor, eu a naõ crera. O Nome de Jesus na lingua Grega, confórme S. Cyrillo Jerosolymitano, e S. Bernardo, he o mesmo que Medico, ou Medicamento: *Et Medicina est,* diz S. Bernardo: *Medicina verò sonat,* diz S. Cyrillo. E pois se o Nome de Jesus he Medico, e he Medicina: se he Medicina q̃ sára, e he Medico q̃ cura; como he possivel, que hum

remedio, qual este Nome, e que por tantas razoens he remedio, seja, como he, causa da morte? *Causam ipsius scriptam.* Porisso mesmo. Estava Christo enfermo de amor, doença mortal que era para o mesmo Christo: *Crucifixus ex infirmitate.* E serve-lhe o mesmo remedio de causa para morrer, porque a ser mortal a doença, o morrer era só o remedio: he morte para Christo este Nome, e he remedio: mas a ser a enfermidade amor: *Ex infirmitate,* naõ fora para elle remedio: *Medicina est;* se tambem naõ fosse morte: *Causam ejus lego, cum nomen ejus lego.*

Oh que remedio, meu Menino Deos, o de tal Nome para tal enfermidade! Naõ tem a vossa enfermidade remedio, e só esse Nome o póde ser desta enfermidade: he remedio que vos vem do Ceo: *Vocatum est ab Angelo;* mas em tal enfermidade só de Deos vos podia vir o remedio. E se hoje se vê cifrado em hum Nome grande: *Nomen, quod*

Matth
27.v.
17.

D.
Ambr.
in cap.
23.
Luc.

D.
Bern.
serm. 5.
in cãt.
D. Cy-
ril. Hi-
erofca-
tech. f.
10.

est super omne nomen, dizey eu, que não só tem nome de remedio, mas que grande he hum remedio de nome: *Vocatum est nomen eius Jesus*.

Temos acabado o Sermão, examinada a febre, applicada a sangria, e receitada a cura: a febre sobida nos grãos: *Dies octo*, a sangria rigorosa na Ley: *Ut circumcideretur puer*, e a cura mysteriosa no Nome: *Vocatum est nomen*. Mas satisfeito assim o assumpto, huma queixa nos resta ainda que satisfazer. Hum Hospital, aonde todos os q̄ a elle vem, vem só a buscar faude, e mais faude; vir eu hoje, e não lhe praticar outra cousa, que enfermidades só, e mais enfermidades, isto em dia de anno bom, donde o annuncio de ser o anno faudavel, nos podia só dar, ou prometter-nos bom anno? Com razão pôde queixar-se do seu Prêgador o nosso Hospital. Mas não; nunca o Hospital se verá mais Casa de faude, que agora que no juizo do anno se fizer juizo aqui

desta enfermidade. Christo enfermo em dia de anno bom, oh que faude (enfermos meus) para todo o anno!

Omnes malè habentes curavit, diz S. Mattheus falando de Christo. Curou o Senhor aõs enfermos todos, diz elle: *Omnes curavit*. Mas como, ou de que forte os curou? O mesmo S. Mattheus por Isaias: *Infirmittes nostras accepit, & agrotationes nostras portavit*. A mezinha, o remedio, a cura, que a todos fez, sabeis qual foy? Tomar as nossas enfermidades em si: *Infirmittes nostras accepit*, e padecer, ou fazer suas as mesmas enfermidades: *Et agrotationes nostras portavit*. De maneira, que a nossa cura esteve na sua doença, o seu padecer foy o nosso farar, e da sua enfermidade nasceo a nossa faude. Mas esse he Deos, e isso faz quem o he. Então, quando elle enferma, nos cura a nós, e o final mais certo de fararmos nós, he adoeecer elle: *Infirmittes nostras accepit. Omnes malè habentes curavit*. Isto

Iffo que Ifaias disse em Profecia, e S. Mattheus depois com Ifaias, o mostrou por fim no Calvario a mesma experiécia. Obrou Christo na Cruz a nossa faude, diz David: *Operatus est salutem in medio terra*, e na mesma Cruz, o Senhor morreo por enfermidade, diz S. Paulo, *Crucifixus est ex infirmitate*. Notay: Padeceo enfermidade, quando deo faude, e assim foy huma a consequencia da outra, que fõ entaõ nos allegurou faude: *Salutem*, quando morreo por enfermidade: *Ex infirmitate*.

Alviçaras, pois, enfermos venturosos (com todos fallo, que se he hum Hospital o mundo, todos somos enfermos) alviçaras, q̄ Christo enfermo em dia de anno bom. Saude annuncia a todos para todo o anno. O mesmo Christo disse, que o final de ser sereno o dia, era apparecer vermelho o Ceo:

Matth. 36. v. 2 *Serenum erit, rubicundum est enim Cælum*. Hoje he o dia, em que o Ceo apparece vermelho, naõ só pelo abrazado da febre, mas pe-

lo rubicundo do sangue: pela febre Ceo incendio, e pelo sangue Ceo rubricado. E quando se vê hoje taõ vermelho o Ceo, que serenos naõ feroã para nós os dias? Serenos sem a tormenta dos trabalhos: serenos sem a tempestade das doenças: serenos na tranquillidade da vida: serenos na quietação da alma, e finalmente serenos na abundancia dos bens, nos soçegos da consciencia, e nos logros da Bemaventurança: *Serenum erit, rubicundum est enim Cælum*. Naõ ha mais serenidade para os dias do anno, oh prodigioso Ceo! Nem nós vendo o Ceo taõ rubicundo, podemos esperar delle menos serenidade, anno felice fim, e muitas vezes felice, o que por esta enfermidade principia. Felice, porque he para nós refrigerio, o que nelle he febre: *Dies octo*. Felice, porque he para nós desafogo, o que nelle sangria: *Ut circumcidetur*; e felice, porque no Nome que o empenha a morrer, temos para remediar a todos hum remedio de

de nome : *Vocatum est nomen. Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus.*

Meu Menino enfermo, e meu muitas vezes amado, e amoroso Jesus. Indicativa he a lingua dos synthomas de qualquer doença, mas para fallar n'uma enfermidade de amor, que curta não será nos hyperboles toda a lingua! A lingua toda, diz S. Paulo, que a confessa:

D. Petr. Omnis lingua confiteatur;
Dam. mas aqui diz S. Pedro Da-
ferm de mião, que Elinguis fit om-
Nativ. nis lingua. Em tres linguas se escreveo na Cruz o nosso Nome. E se o remedio se nos propoz em tres, a enfermidade como se dirá em huma? A vossa só em tudo unica, póde dizer, meu Deos, as finezas do vosso amor. Nem a enfermidade, em quem a sente, se deixa melhor ver, que na propria lingua. Enfim, meu Deos Menino, vós só, que sabeis tomar o pulso á vossa febre,

podereis reduzir a pratica essa enfermidade. Aguda he, porque sendo de amor he fina, mas a faltarem agudezas no meu juizo; como posso ponderar eu doença tão aguda?

Só quizera (e he Senhor o que vós peço só) que se as doenças tambem se pegão, façais, que se pegue em nós hum accidente de tão grave doença. Sim: da vossa doença, para que dando-nos esse amor vosso, seja em nós para amarnos febre ardente. Da vossa doença, para que na Circumcisaõ por vós sangrados demos até o sangue das veas por vosso amor. E da vossa doença, para que o vosso Nome, que a morrer por nós vos empenha, nos empenhe tambem a todos a morrer por vós. Tudo Senhor esperamos do favor da vossa graça, e por tudo, logramos tambem convosco os premios da eterna gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ D A V E R D A D E .

QUEIXAS DE HUMA INNOCENCIA
desterrada sem culpa.

N O D O M I N G O Q U I N T O

D A Q U A R E S M A ,

P R E G A D O

Na Capella Real.

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?
Joan. 8.

PRégar verdades, e
prégallas na Corte,
trabalhosa empreza!
Naõ ha no Mundo
(se advertires) antipatia ma-
yor, que a que tiveraõ sem-
pre as Cortes com a verda-
de. Nasceo Christo no Mun-
do, e logo que se divulgou
o Nascimento do Senhor,
que notavel foy a perturba-
ção de toda a Corte de Jeru-
salem! Os Escribas, e Fa-
rifeos se affustaraõ: alvora-
çaraõ-se os Juizes: atemoriz-
zaraõ-se os Grandes: houve
juntas no Concelho, exames
nos Tribunais, decretos no
Paço: tudo foraõ rumores,
tudo estrondos, e tudo per-
plexidades; estrondos nas
ruas, rumores nas praças,
perplexidades nos animos;
e naõ menos, que desde o
Rey até o Vassallo, porque
sempre andaõ os Vassallos
con-

Matth 2. v. 3. conforme o Rey: *Turbatus est Rex, & omnis Hierosolyma cum illo.* E pois valhame Deos! Tanta perturbação quando nasce Christo? E porque? Porque em Christo, e na pessoa de Christo nascia no Mundo a verdade: *Veritas de terra orta est*, diz David: e o Senhor de si mesmo: *Ego sum veritas.* E he tal a antipatia que as Cortes tem com a verdade, que he o mesmo fair a verdade á luz, que perturbar-se logo a Corte: *Omnis Hierosolyma cum illo.*

Pfal.
84. v.
12.

Foan.
14. v. 6

Oh lastima grande! Não sey na verdade de qual me lastime mais: se das Cortes, se da verdade: mas tudo he muito para lastimar: ver a verdade perseguida, e ver as Cortes sem verdade. Lá entrou na pessoa do Bautista a verdade na Corte, e que lhe succedeo? Que apenas o Bautista soltou a voz, o pagou logo a voz, e mais o Bautista: o Bautista porque lhe deraõ na cabeça, e a voz porque lhe cortaraõ a garganta. Triste verdade! He o mesmo dar na Corte, e

entrar na Corte, que fair logo, ou com o cutello na garganta, ou com as mãos na cabeça. O mesmo foy entrar o Bautista na Corte, que perder logo aquellas immunidades, que só gozou no deserto: *Erat in deserto prædicans.* Mas isso he o que succedeo à verdade. Como a verdade por amargosa he para nós taõ agreste; succede (ainda mal) que mais se dà entre as asprezas do deserto, que entre os melindres da Corte. Por isso là respira: *Erat prædicans*, e por isso espira cá: *Decollavit eum in carcere.* Não he menos, antes poderá ser que mayor, o castigo que nas Cortes de hoje dà à verdade.

Hum dos mayores castigos, que se daõ a hum delinquente, diz Philo Hebreo, he o degredo, castigo na sua opiniaõ mayor que a mesma morte; porque com a morte, diz elle, os males acabaõ, mas com o degredo começaõ: *Mors Phil. calamitatum finis est, exi- Hebr. lium vero non finis, sed novorum malorum initium.* Tal he

Matth
5. v. 2.

he o castigo, que se dá, e daõ à verdade as Cortes de hoje. Antigamente se castigava com pena de morte; mas hoje com que? Com pena de degredo; pena mais cruel, que a mesma morte. Nem por outra razaõ hoje que quizeraõ apedrejar a verdade do Filho de Deos, o mesmo Senhor sahio fóra do Templo, e se ausentou, mostrando, que nem o sagrado do Templo valia já à verdade, e que nos tempos vindouros se veria como degradada, e lançada fóra: *Jesus autem abscondit se, & exiit de templo.*

Supposta pois a diabolica averfaõ, que nas Cortes se tem à verdade: veremos hoje esta innocencia palaciana desterrada, e para onde? Para fóra da Corte: e desterrada por tres sentenças todas confórmes em tres impiísimos Tribunais. Notay assim: Nos Fariseos, que hoje perseguiraõ a summa verdade Christo, predominavaõ tres vicios, que entre todos saõ os capitais inimigos da verdade: vem a ser: a dependencia, a lisonja, e

o respeito: a dependencia, porque entendiaõ q̄ Christo se faria Senhor daquelles lugares, em que elles por filhos de Abrahaõ se conservavaõ: *Numquid tu maior es patre nostro Abraham?* *Quem te ipsum facis?* Em segundo lugar a lisonja; porque como herdeiros, que eraõ do Demonio, a quem tinhaõ por pay: *Ex patre diabolo estis*, naõ professavaõ outra cousa que mentir: *Si dixero, quia non scio eum*, diz o Senhor, *ero similis vobis mendax*. Finalmente o respeito, porque hoje por amor de Abrahaõ quizeraõ apedrejar a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum.*

Estes tres vicios levantaõ em todas as Cortes do mundo tres Tribunais, e nelles por sentença diffinitiva se condenou a verdade a hum desterro para fóra da Corte: Sim, no Tribunal da dependencia: no Tribunal da lisonja, e no Tribunal do respeito. No Tribunal da dependencia se condena a verdade por mal vista. No Tribunal da lisonja

se condena por mal ouvida; e no Tribunal do respeito se condena por mal aceita. Mal vista, porque não póde ver a verdade, quem só para a dependencia olha. Mal ouvida, porque não póde ouvir a verdade, quem só a lizonja escuta. Mal aceita, porque não póde abraçar a verdade, quem só o respeito ama. Ora vamos seguindo a verdade neste seu rigoroso degredo, e sentindo juntamente com ella, o ver-se sem razão desterrada, e com tanta razão queixosa: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

I. PONTO.

EM primeiro lugar, no Tribunal da dependencia se desterra a verdade para fóra da Corte; porque de ordinario (ainda mal) nas Cortes, em que só reyna a dependencia, não ha verdade. Entrou Pedro no Paço do Pontifice, e assim como entrou, negou logo a Christo: *Non novi hominem.* Que Pedro negue a Christo, desgraça he, mas

que o negue, quando entra no Paço? E porque mais no Paço, que fóra delle? Ha de negar a Christo, e negallo no Paço? Sim, e vede vós o que era o Paço, e o que era Christo. Christo era a mesma verdade: *Ego sum veritas*, diz o Senhor; e o Paço? Não era outra cousa que a mesma dependencia: como todos pertendem do Rey, todos dependem no Paço. E foy o mesmo ver-se Pedro no Paço com dependencia, que logo nem de vista conhecer a verdade: *Non novi.*

Oh Paços, em que a verdade não cabe com a dependencia! Entrou Pedro, e negou a verdade: mas como entrava no Paço a dependencia, pela mesma porta, por onde a dependencia entrou, a verdade sahio: *Non novi hominem.* Logo que Pedro entrou no Paço (diz S. Mattheus) teve nelle hum lugar entre os Ministros: *Ingressus intrò sedebat cum ministris.* E que pertenções ^{1b. v.} não traz consigo hum lugar no Paço? Pertenções para se conseguir, e mais pertenções

tenções para se conservar: e donde a dependencia he tanta, quantas são as pertençoens, que verdade se ha de dar as mãos com tal dependencia? Porisso Pedro nega no Paço a Christo, e porisso a verdade nem de vista se conhece no Paço: *Non novi hominem.*

Vedes o que he a verdade no Paço, ou a dependencia com a verdade? Ora ouvi o mesmo Christo, e vereis, que só por milagre se póde a verdade ajuntar com a dependencia. Lá fez Christo por S. Mattheus hum Catalogo dos seus milagres, e depois de dizer, que déra vista a cegos, pés a coxos, mãos a aleijados, faude a enfermos, e vida a mortos, remata como em milagre mayor dizendo que préga-
 vaõ, e evangelizavaõ os pobres: *Ceci vident, claudi ambulat, leprosi mundantur, surdi audiunt, mortui resurgunt*; e por fim, como milagre dos seus milagres, diz: *Et pauperes evangelizantur.* E pois como assim? Evangelizarem os pobres, e préga-rem, he o milagre

dos milagres de Christo? Milagre, que hum pobre seja Evangelista? Sim, e porisso mesmo, por ser Evá-
 gelista, e ser pobre. No pobre, sabeis já que tudo he dependencia, e no Evangelista, que tudo he verdade: he tudo dependencia no pobre, porque como lhe falta tudo, depende de todos: he tudo verdade no Evangelista, porque não seria Evangelista, se não fora a mesma verdade. E haver fugeitos (diz Christo) em quem a verdade de Evangelista se ajunte com a dependencia de pobre: haver quem sendo pobre seja Evangelista, e quem tendo dependencia, tenha verdade, isto he hum milagre taõ grande (diz o Senhor) que o ponho eu por coroa dos meus milagres: *Ceci vident, &c. & pauperes evangelizantur.*

Oh lastima grande! Oh miseria fatal! Que para haver verdade, donde ha dependencia, seja necessario hum milagre de Christo, e o mayor dos milagres? Porisso a dependencia nas Cor-

tes não conhece a verdade, nem de vista, e por isso, donde ha dependencia, não ha verdade. Reparay, que o mesmo Psalmista, por quem se diz, que Deos he a mesma verdade: *Deus mult. e misericordiae, & verax*, diz tambem, que he a mesma independencia:

Ijai. 85
v. 15.

Ibid. *Deus meus es tu, quoniam*
15. v. 2 *honorum meorum non eges.*

Ha de haver independencia, diz David, porque verdade sem independencia, nem em Deos se vê. Tem Deos hum ser absoluto, e soberano: vive dentro de si mesmo, e sempre independente de tudo, que isso he ser Deos. E como em Deos se não dá dependencia: *Non eges*, por isso he Deos de verdade: *Misericordiae, & verax*.

Nem por outra razão a Igreja, que falla na verdade de Deos, falla juntamente no seu poder: *Rector potens*; eis-ahi o poder: *Et verax Deus*, eis-ahi a verdade. Mas sim, que como quem tudo pôde, de nada depende, o mesmo he ver-se Deos independente por po-

deroso: *Potens*, que ver-se conhecido por verdadeiro: *Verax Deus*.

Mas se isto he o que se acha em Deos, não he isto o que se acha nos homens. Em Deos, donde não ha dependencia, ha verdade; mas nos homens, que verdade haverá, sendo dependencia tudo, e mais dependencia? A verdade he, meus Catholicos, que a dependencia nos homens traz desterrada a verdade. Quem fez a verdade tão mal vista de Pilatos, e tal, que a não conhecia de vista: *Quid est Joam. veritas?* Senão a tua vil^{18 v.} dependencia? Ameaçaraõ-^{38.} no com Cesar, de quem dependencia: *Non es amicus Caesaris*. E tanto que entrou a dependencia, logo se desconheceo a verdade: *Quid est?* Aos Fariseos, quem os fez conspirar contra a morte de Christo, verdade que he substancia, e a mesma verdade: *Ego sum veritas*, se-^{Ibid.} não a dependencia, que ti-^{14. v.} nhaõ dos Romanos: *Venient Romani*. Quizerão conservar-se a si, e os seus lugares: *Locum nostrum, & gentem*, e o que

e o que se vio , foy pagar a verdade , o que respeitava a dependencia : *Expedi ut moriatur , ne tota gens pereat.*

Meus Catholicos , tantas injustiças como se fazem , tantos absurdos como se commettem , tantas culpas , que se não castigaõ , tantos merecimentos , que se não premeaõ , quem senaõ a dependencia o faz , e só a dependencia ? Quem estraga a immuniidade da Igreja , quem ulurpa a jurildiçaõ Ecclesiastica , quem traz no mundo a Deos sem gloria , e aos homens nos peccados com desculpa , senaõ a dependencia ? A dependencia : porque como a verdade amarga , achais , que será dar-vos na cabeça , e desgostarvos , o dizer neste caso huma verdade : dizer huma verdade , para haver de se castigar hum culpado : dizer huma verdade , para haver de se absolver hum innocente : dizer huma verdade , para fer dar o castigo a quem errou : dizer huma verdade , para se dar o pre-

Tom. IV.

mio a quem mereceo ; isto , direis vós , he morrer pelo povo , e morrer pelo povo , sempre he morrer. Alto pois : havendo de pagallo , ou a verdade , ou nós , livremos nós , e pague-o a verdade : he o que no Paço succedeo a Pedro.

Negou Pedro a verdade no Paço : *Negavit coram omnibus* , e o peor he , que quanto mais se lhe inquiria , mais a negava : *Negavit iterum*. E pois tão tenaz , e tão pertinaz he Pedro em negar a verdade ? Mas que ha de ser ? Eu se confesso , diz Pedro , mataõ-me : eu se não confesso , fico com vida : pois vida a toda a ley , diz Pedro : havendo de perder-se , ou a verdade , ou eu , primeiro para mim estou eu , do que a verdade. Vejo (diz Pedro) que a verdade se não deve negar , assim he ; mas confessalla eu , e confessalla eu para me desgostar a mim , e dar-me na cabeça , isso não : *Negavit iterum*. Além de que achava-se Pedro com entrada no Paço : *Ingressus intrò* ; achava-se com hum lugar entre os Ministros :

T

nistros:

nistros: *Sedebat cum ministris*; e ariscar-se elle a perder o seu lugar, e a sua entrada; perder tudo, e perder-se a si. E como fico eu (diz Pedro) se me perco? Perder a entrada, perder o lugar, perder a vida, e perder tudo, he muito perder. Tenha pois a verdade paciencia, e a perderme eu, perca-se a verdade: *Negavit, & iterum negavit.*

Póde haver desgraça mayor, isto em hum Discipulo, como Pedro? Mas era homem, e estava no Paço: e esta he a fortuna, por não dizermos desgraça, da verdade, perde-se nos Paços, e perdem-na os homens. Homens palacianos, que ainda que palacianos, sois homens: Triste da verdade nas vossas mãos, objecto do desprezo, alvo da tyrannia, emprego da crueldade, e centro de abominaçoens! Mas não disse bem, não digo, triste da verdade nas vossas mãos; o que digo he, tristes vós, e tristes de vós sem a verdade: Cortes, donde a dependencia desterra a verdade, Cortes, donde a

verdade morre ás mãos da dependencia; nestas Cortes, nestas Monarquias, nestes Reynos (permitta Deos que assim não seja) tudo he ruina, tudo miseria, tudo affloração, e perdição tudo.

Morra Christo (dizem no seu execrando Conselho os da Corte de Jerusalem) *Moriatur homo.* Mas porque, palacianos impios, e mais que barbaros Conselheiros? Porque ha de morrer Christo? *Moriatur. Venient Romani,* dizem elles, *& tollent locum nostrum, & gentem.* Viraõ os Romanos sobre nós, tirarnos-hão o Reyno, os lugares, fazendas, e vidas, tudo affolarão, e perderão tudo: *Locum nostrum, & gentem.* De maneira, que por não virem os Romanos, morre Christo. Bem: morreo Christo, vieraõ os Romanos, ou não? Ouvi o que Euthimio diz: *Prætextum sumpserant, diz o Padre, occidendi Christum, ne à Romanis internecioni traderetur; quia verò occiderunt,* notay agora, *internecioni traditi sunt.*

Joan. 11. v. 50.

1b. v. 48.

Euthim. ref. Silu. bic.

sunt. Vieraõ os Romanos, diz Euthimio, destruiu-se a Corte, affolou-se a Monarquia, perdeu-se o Reyno, tudo affoláraõ, tudo destruíraõ, tudo arrazaraõ, e não ficando pedra sobre pedra, morreraõ todos, e acabou tudo: *Qui verò occiderunt, internecioni traditi sunt.*

Oh valha-me Deos? Por não virem os Romanos, mataõ a Christo, e porque mataõ a Christo, vem os Romanos? Mas eis-ahi o que nas Cortes faz prevalecer a dependencia contra a verdade: eis-ahi o que succede nas Cortes, por morrer a verdade ás mãos da dependencia. Nos Romanos tinhaõ estes homens a dependencia, a quem respeitavaõ: *Tollent locum nostrum, & gentem.* Em Christo tinhaõ estes homens a verdade, em quem não criaõ: *Non creditis mihi.* E tanto que a dependencia nos homens atropellou a verdade, tanto que contra a verdade prevaleceo nelles a dependencia: a Corte, o Reyno, e a Monarquia, tudo se foy, e

igualmente com todos se perdeu tudo: *Quia verò occiderunt, internecioni traditi sunt.*

Tal he hum Reyno, donde só a dependencia vive, e a verdade acaba: mas porque a verdade não estima vinganças, nem ainda no mal alheyo se consola, chore o Reyno, mas não se cõfole a verdade; emfim, porque sem razaõ desterrada, sempre com razaõ queixosa: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

II. P O T N O.

E Stamos na següda parte do Sermaõ. Tambem a lizonja tem nas Cortes seu Tribunal, e tambem no Tribunal da lizonja a verdade se desterra, e se desterra da Corte. O vicio, que nas Cortes tem mayor entrada, e o que nellas domina, e predomina mais, que os mais vicios, he a lizonja. Tem esta a propriedade daquelle animal chamado Estelho, do qual diz o Espirito Santo, que acha mais abrigo nos Palacios, e ma-

Prov.
30.^{v.}
28.

yor agazalho nos thronos: *Stellio manibus nititur, & moratur in adibus Regiis.* Naõ de outra sorte a lizõja: arrima-se como o Estellio aos Palacios dos Reys: *Manibus nititur*, e como acha nelles arrimo, só tem por morada os Palacios: *Moratur in adibus Regiis.*

Este he aquelle monstro abominavel, que entre venenos disfarçado, mas venenos, entre enganos encuberto, mas enganos, todo em caricias mentido, todo em risos aleivoso: serpente, que por fóra he toda Estrelas, e toda por dentro peçonhas; este digo, o que levanta contra a verdade hum Tribunal na Corte, e por superior decreto faz, que sem remissaõ vá desterrada a verdade. Ah pobre verdade! Já S. Paulo chorava de ti em profecia o mesmo, que nós hoje choramos.

2. Ad
Timor.
4. v. 4.

A veritate quidem auditum avertent; dizia S. Paulo, *ad fabulas autem convertentur.* Haverá tempo, diz o grande Apostolo, em que os homens dando á verdade as costas, e dando á

lizonja o coração, sigaõ com effeito a lizonja, e larguem a verdade. Até aqui terribilidade de tempos. Ha de estar o homem em meyo de dous extremos, de huma parte hum, que he a lizonja, de outra parte outro, que he a verdade, e que haja de largar a verdade, e que haja de seguir a lizonja! A lizonja seguir-se como idolatrada, e a verdade largar-se como aborrecida! Oh miseria taõ experimentada hoje, e já entaõ taõ chorada: *A veritate auditum avertent, ad fabulas autem convertentur.*

Mas notay, que tendes que notar ainda. Diz S. Paulo, que os homens, quando hajaõ de seguir a lizonja, haõ de voltar as costas, e as haõ de dar á verdade: isso suppoem o *Avertent*, e isso diz o *Convertentur.* E pois as costas se haõ de dar, e se haõ de voltar á verdade? Sim. Isto de voltar as costas (ao nosso modo de explicar) só quem se despede o faz: despedir-se, he dar as costas, e quando a lizonja levanta nos coraçõens o seu

Tri-

Tribunal, ou a verdade se despede dos homens, ou os homens se despedem da verdade: vay com huma sentença de desterro, e não pôde deixar de ir despedida, quem se vay desterrada: tal he a crueldade da lizonja, e tal a pouca fortuna da verdade: *A' veritate auditū avertent, ad fabulas autem convertentur.*

Eis-aqui o que previo S. Paulo, e o que nós hoje vemos. Mas admiro-me, que o dissesse S. Paulo pelos tempos futuros, quando no seu o podia já dizer dos passados. Tanto que Pilatos perguntou a Christo, que cousa era a verdade: *Quid est veritas?* Adverte S. Joaõ, que sem esperar resposta deo as costas ao Senhor, e se voltára para os Judeos: *Cum hoc dixisset, exivit ad Judeos.* Vira-se Pilatos para os Judeos, e vira as costas a Christo: *Exivit ad Judeos.* Mas isso he o que hum Pilatos faz, e os que se parecem com elle: negaõ-se á verdade: *Auditum avertent,* e voltaõ-se para a lizonja: *Ad fabulas conver-*

tentur. Disto que se via já, e succedia entaõ, S. Paulo reflectindo nas miserias da nossa natureza, e vendo que vay sempre de mal para peor, inferio daqui o q' poderia ser agora. Agora que a fraqueza humana he mais fraca: agora que a lizonja he mais do coração dos homens, e está mais entranhada nos coraçoes, que será da verdade, ou que não será? Mas deixemos que se lastime S. Paulo da verdade, que eu por hora só me quero lastimar dos homens.

Homens cortezaõs, homicidas da verdade, e idolatras da lizonja, que cuidais vós (se he que o cuidais) que ha de ser de huma Corte, donde está introduzida a lizonja, e taõ abominada a verdade? He primeiramente a lizonja nas Cortes, como a frondosa hera nas arvores, a que se arrima. Ao pé de huma copada arvore brota a hera, e quando parece, que se enlaça em seus ramos, para formar-lhe com as proprias folhas co-roas de esmeraldas, entaõ a miseravel arvore se acha

naõ só enredada, mas secca. Parece, que o abraçal-la era amor, e foy traição, porque a meteo em hum labyrintho de enredos, e depois de achar nella arrimo, lhe servio de estrago. Semelhante he o effeito, que n'uma Corte faz a lizonja. Arrima se ao gosto do superior (que de ordinario são mais lizongeados os mais soberanos) e com zelo de amizade semea odios, com capa de justiça fomenta vinganças, e com pretexto de conveniencia aconselha tyrannias. He arvore cercada de hera, com enganos abraçada, e por enganos destruida.

Já se por amor da lizonja a verdade vay de cabeça abaixo, como com effeito vay, aqui vos digo eu, que he a ruina certa, e a destruição infallivel: *Succidite arborem*, dizia lá hum Anjo querendo destruir aquella arvore de Nabuco, ou o seu imperio figurado naquella arvore. Cortay essa arvore, diz o Anjo: *Succidite arborem*. E bem? Humma arvore, em que huma

Monarquia se representa, porque se ha de destruir a arvore, e mais a Monarquia? Se olharmos para a sua utilidade, era tão util, que aos animais da terra, e ás aves do Céo servia de sustento, e de agazalho. Se olharmos para a sua justiça, era tão igual, que as aves as punha no alto dos ramos, e os brutos ao pé do tronco: *Et bestia erant subter eam, & volucres Cæli in ramis ejus.*

E pois huma arvore, ou Monarquia, em quem a justiça he tão igual, e que para a terra he tão util, porque se ha esta arvore de cortar, porque se ha esta Monarquia de destruir: *Succidite arborem*. Mas com razão (diz Hugo de S. Victor) se manda cortar essa arvore, e destruir esta Monarquia. E porque? Porque aquillo mesmo, que vos parece a justifica, isso mesmo a condena. Notay assim.

Tinha esta arvore ao pé do tronco os animais, que significaõ os simples, e os verdadeiros, que naõ sabem mentir: *Bestia erant subter eam.* Ibid. v. 9.

eam. Bestiæ erant rusticani, & simplices. E tinha no alto dos ramos as aves, que significão os mentirofos, e adulaadores, que vivem de lizongear: *Et volucres in ramis ejus. Volucres erant garruli adultores.* Pois arvore, aonde a verdade está taõ opprimida: *Subter eam*, e a lizonja taõ introduzida: *In ramis ejus*: arvore, que poem a lizonja, aonde havia de pôr a verdade, e a verdade aonde havia de estar a lizonja: arvore, que faz esta troca, he muito justo que experimente esta ruina: *Succidite arborem.*

Ah Cortes, Ah Reynos, ah Monarquias, donde tantos altos, e baixos ha entre a lizonja, e a verdade! A lizonja tanto no alto da cabeça: *In ramis ejus*, e a verdade tanto de cabeça abaixo: *Subter eam*? Mas nessa defordem está a vossa ruina, e nessa injustiça a vossa destruição: *Succidite arborem.* Saõ lagrimas de huma innocencia, que não podem deixar de pedir justiça; e defenganai-vos, que

se lá os clamores do Anjo chegaraõ do Ceo á terra; cá os clamores da verdade tambem da terra haõ de subir ao Ceo: tudo faz huma sem razaõ, e porque sem razaõ desterrada, hoje com razaõ queixoza: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

III. PONTO.

ULtimamête, tem mais a verdade contra si o Tribunal do respeito, e he a sentença ultima, porque se desterra a verdade. Em certa occasião fallaraõ com Christo Senhor nosso os Fariseos, e mostrando-se muy zelosos da verdade do Senhor, lhe disseraõ assim: *Magister, scimus, quia verax es, & viam Dei in veritate doces.* Mestre, dizem os Fariseos a Christo, sabemos que sois verdadeiro, e o caminho de Deos o ensinai em toda a verdade: *In veritate doces.* Notavel confissão, e quanto mais inimigos os Fariseos, mais notavel! E que razaõ teriaõ estes homens para confessarem

Ibid.

rem agora, o que negarão sempre? Mas elles mesmos dão a razão: *Non enim respicis personam hominum.* Sabeis porque ha verdade em vós, dizem elles, porque não respeitando a ninguém, como não respeitais: *Non enim respicis*, não ha em vós differença de pessoa a pessoa: *Personam hominū*; de maneira, que o haver verdade, ou não haver verdade, não está mais que em haver respeito, ou não haver respeito. Se ha respeito, dizem os Fariseos, defenganay-vos, que nem que sejais hum Christo, tereis verdade; mas porque viraõ que em Christo se não dava respeito: *Non respicis*, dahi tirãõ, e dahi inferirão que havia verdade em Christo: *Scimus, quia verax es. Non enim respicis personam hominum.*

Oh se os Christãos fossẽm tão bons Logicos, como neste caso os Fariseos! Se tirassem tambem, como elles, esta consequencia: Não ha respeito: *Non enim respicis*, pois he logo verdade: *Verax es.* E se de huma con-

sequencia deduzem outra os Logicos, segue-se tambem, que se a verdade só está, donde não ha respeito, he sem duvida, que donde houver respeito, não haverã verdade. Desta consequencia são as nossas experiencias a melhor prova. Quem senão o respeito do amigo faz faltar a testemunha à verdade do juramento? E lá se vay a verdade por hum respeito. Quem senão o respeito da valia faz sentenciar o Ministro sem ver, nem apurar a verdade? E lá se torna a ir por outro respeito. Emfim essas justicas, que vedes tão torcidas, essas sentenças, que chorais, e tão injustas, que cuidais que são, senão respeitos tudo, e mais respeitos? He o que se vio em Pilatos: porque a morte de Christo dizia respeito a Cezar: *Contradicit Cesari*, elle por hum respeito o entregou à morte: *Tradidit voluntati eorum.*

Ah Ministros, ah Confe-lheiros, ah Julgadores, prevalecer o respeito contra a verdade, e isto em quem

quem por obrigação, e officio não devia olhar respeitos, que dirá Deos? Aos Ministros da terra chamou não menos que Deoses o Senhor do Ceo: *Ego dixi, dii estis*. Não porque Deos queira que os Ministros se-jaõ endeofados, mas sim, porque os não quer também respectivos. Como em Deos se não dá respeito algum em ordem ás creaturas: *Non respicis pers nam hominum*, diz que haõ de ser Deoses os Ministros, porque haõ de saber, que por Deoses não haõ de attender a respeitos. Respeitos, diz Deos, em quem ha de apurar a verdade para a julgar: respeitos, em quem para julgar bem, ha de julgar sem torcer, nem adulterar a verdade: isso serà em Ministros homens, mas não em Ministros Deoses. Se só Deos sabe ter verdade: *Deus verax*, se só Deos não sabe ter respeito: *Non respicis*. Ministros, em que o respeito não ha de ser outro que a verdade só, e mais verdade, Deoses se haõ de chamar, diz Deos, e haõ de

reputar-se por Deoses: *Ego dixi dii estis*.

Eis-ahi porque a verdade no mundo se desterra, porque tudo, como vemos, saõ respeitos no mundo: respeitos nos Tribunais, respeitos nas Secretarias, respeitos nos Conselhos, e o mais he, que até aos pés do Confessor, não sey se por alguns respeitos a verdade se não descobre, ou se se encobre a verdade. Terriveis respeitos, homicidas da alma, obstaculos da gloria, verdugos da consciencia, e presagios da perdição!

Emfim, acha a verdade no Tribunal do respeito o mesmo, que no da lizonja achou, e mais da dependencia. Porisso desterrada hoje, e não menos que por tres sentenças em tres impiissimos Tribunais. No da dependencia, por ser nelle a verdade mal vista: no da lizonja, por ser nelle a verdade mal ouvida; e no do respeito, por ser nelle a verdade mal aceita.

Agora, se eu me não engano, alcanço a causa, porque a verdade no pincel dos

Antigos se pintava na figura de huma Aguia, sempre com as azas abertas, e sempre cõ o vento nas azas. He Aguia a verdade, sim, e Aguia, não tanto por entendida, quanto por desterrada. Notay : Assim a Aguia, como as mais aves, sabemos, que tendo o berço nas agoas em que nascé-
 raõ : *Producant aquæ volatile super terram*, andão desterradas agora no elemento do ar, em que voaõ : *In elemento extraneo peregrinantibus*, diz hum Expositor. Desterra-se a Aguia quando voa, e a verdade he Aguia, que tambem se desterra. Até ás nuvens se estendem no seu desterro os voos da Aguia, e a verdade, tendo na terra o berço : *Veritas de terra orta est*, se vay por desterrada até ás nuvens : *Usque ad nubes veritas tua*. Emfim, tem esta Aguia azas abertas, e tem o vento nas azas : ter o vento nas azas, isto he voo ; ter as azas abertas, isto he Cruz. Triste verdade, ou crucificada sempre por perseguida, ou sempre peregrina

por desterrada. Mas a serem Tribunais tão impios, os que julgaõ a verdade, que ha de ser, senaõ condenar-se a verdade, não por hum, senaõ por tres Tribunais? Em tres linguas se escreveo na Cruz a causa da morte de Christo: *Causam ipsius scriptam*, diz S. Matheus : e S. Lucas : *Literis Græcis, Latinis, & Hebraicis*. Como para condenar huma innocencia haõ de ser as sentenças tres, escreve-se em tres linguas a causa, para se triplicarem nas linguas as sentenças : *Græcis, Latinis, & Hebraicis*. Tal a innocente verdade, condenada por tres sentenças hoje sendo innocente : por huma expulsada da Corte, por mal vista, por outra exterminada da Corte, por mal ouvida ; e por outra degradada da Corte, por mal aceita. Mal vista no Tribunal da dependencia, porque mal pôde ver a verdade, quem só a dependencia olha : mal ouvida no Tribunal da lizonja, porque mal pôde ouvir a verdade, quem só a lizonja elcuta ; e mal aceita

acéita no Tribunal do respeito, porque mal póde abraçar a verdade, quem só o respeito ama. Não ha Tribunais mais impios, nem outras podiaõ fer as sentenças de tais Tribunais. Por isso (oh sentidissima verdade) porque hoje sem razão desterrada, com tanta razão queixosa: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?*

IV. P O N T O.

Tenho acabado o Sermaõ, mas porque não ha sentença, que não possa ter seus embargos, eu que venho a fazer as partes da verdade, tambem quero pôr embargos ás suas sentenças. Primeiramente, na razão da sua innocencia funda per si a verdade a primeira razão destes embargos: inventaraõ-se os castigos (diz ella) para os delinquentes, e assim como não ha criminoso, que por Direito não esteja devedor á justiça, assim nenhuma justiça haverá, que possa castigar sem culpa huma innocencia. He

Texto expresso: *Non est ei imponenda para*, diz o Direito, *qui culpa caret*. De toda a infancia sabemos, que por innocente se livra. Tambem he Texto *In leg. Infans*; e se por innocente se livra huma infancia, como se poderá huma verdade punir, sendo innocente: *Ipsa*, diz da innocencia o Direito, *per se defensionis sufficit, neque excusatione, aut meritis indiget*. Paremos aqui.

Parece-vos, que he sufficiente razão de embargos, a que allega por si a verdade? Pois a desgraça he, que ou os embargos não pegaõ, ou vay desterrada a verdade sem embargo dos embargos. He innocente (dizem os seus Juizes) pois elle he o crime. Que crime mayor para o mundo, que o ser innocente? Tal he a desgraça: Aparentaõ-se no mundo as culpas, como innocencias, e as innocencias se castigaõ tambem, como culpas. Tudo direy.

He innocente este homem, diz Pilatos aos Fariseos, quando accusavaõ a

Chri-

Text. in cap. 2. de constit. ubi Petr. Greg. num. 6.
Agripin. apud. Tacit. lib. 13. Annat.

Christo: *Nibil dignum morte actum est et*; mas o que eu farey (acrescenta elle) dar volo-hey emendado: *Emendatum ego illum dimittam*. Encontrado dizer! Se Christo está innocente, como diz Pilatos, que o dará emendado? Quem diz emenda, suppoem culpa, e donde não ha culpa, não ha de que haver emenda. Ora he verdade que não havia em Christo culpa, porque era a mesma innocencia; mas como no juizo dos homens se avaliaõ as innocencias por culpas, porisso Pilatos diz, que emendará como culpado o mesmo, que não ha mister emenda por innocente: *Emendatum ego illum dimittam*.

Esta he a desordem, e a sem razaõ do mundo: avaliar as innocencias por culpas; e para ser mayor a desordem, e a sem razaõ, avaliaõ-se as culpas por innocencias. De ordinario a innocencia padece, porque não acha asilo; e livra-se a culpa, porque lhe não falta amparo.

Da Arca de Noé fahiraõ

depois do diluvio hum Corvo, e huma Pomba: o Corvo fahio, e não tornou, diz o Texto: *Egrediebatur, & non revertebatur*; mas a Pomba brevemente tornou para a Arca, e parece que com magoados gemidos se queixava de não achar lugar; em que pôzesse os pés: *Cum non invenisset locum, ubi requiesceret pes ejus*. Parece na verdade que se não pôde dar credito a esta Pomba. Se o Corvo sahe, e fica, he certo que achou no mundo lugar. Pois se o achou o Corvo, como o não achou a Pomba? Não vos admireis, que isso he ser mundo, isso he ser Pomba, e isso he ser Corvo.

A Pomba como singella, e simplez, he retrato da innocencia: o Corvo como tenebroso, e sagaz he retrato da culpa: e n'um mundo desordenado, e injusto, acha lugar hum Corvo, e não acha lugar huma Pomba: acha favor hum culpado, e não acha abrigo hum innocente. Torna a Pomba para a prizaõ da Arca, e fica sem tornar o Corvo; porque

porque o mundo o que costuma fazer, he dar liberdade aos Corvos, e pôr em prizaõ as pombas: apadriñar os criminosos, e castigar os justificados: não faltar a hum Corvo com o amparo, e negar a huma Pomba a protecção: *Cum non invenisset locum, ubi requiesceret pes ejus.*

Senão vede là (e passay da figura à realidade) o que succedeo entre Barrabaz, e Christo no Tribunal de Pilatos. Disse Pilatos aos Fariseos, que supposto era costume soltar pela festa hum prezo, alli lhes propunha hum de dous: ou Christo, ou Barrabaz: *Quem vultis dimittam vobis, Barabbam, an Jesum, qui dicitur Christus?* Escolhêraõ elles, mas que? Que mataste a Barrabaz, e soltaste a Christo? Não. Escolhêraõ que mataste a Christo, e soltaste a Barrabaz: *At illi dixerunt, Barabbam.* Oh juizo cruel dos homens! O innocente morre como culpado, e o culpado livra-se como innocente: eis-ahi o que o mundo he, as culpas se apa-

drinhaõ como innocencias, e as innocencias se castigaõ como culpas: *Quem vultis? Dixerunt, Barabbam.*

Se pois (tiremos a conclusaõ agora) a innocencia he no mundo crime, que se castiga, ou se castiga, e reputa no mundo como crime; que póde esperar a verdade na razaõ dos seus embargos? Que os embargos se não aceitem, e que porq̃ he innocente, vã desterrada a verdade sem embargo dos embargos. Ah minha verdade, não fey que destino he o vosso, que logo que nascestes, mostrou a justiça do Ceo, o que seria de vós cõ a justiça da terra.

Veritas de terra orta est, diz David, *& justitia de caelo prospexit.* Nasceo a verdade na terra, diz elle, e olhou de cima a justiça do Ceo. Notay: diz que a justiça olhou, e que olhou de cima: *De caelo prospexit.* Veja là a verdade, o que com ella serà a justiça da terra, se tanto que nasce, logo a do Ceo se vê sobre ella: day-me, que nasça a verdade no mundo, e eu vos darey a justiça

Matth
27.v.
17.

Ib. v.
21.

Psal.
74.v.
12.

Justiça logo sobre a verdade: *De caelo prospexit.* Mas vem a energia do verbo *Prospexit.* Olhou a Justiça para a verdade, diz David. Não fey o que a verdade tem, que tanto se leva os olhos a toda a justiça. Mas se na terra ha huma, e no Ceo outra, nos olhos tem a differença: a Justiça do Ceo olha para trazer a verdade nos olhos, a da terra porém para a trazer entre os olhos. A do Ceo a trará nos olhos por amor, e a da terra entre olhos por paixão: aquella para a defender como justiça, e esta para a desterrar como justiça. Porisso logo que a verdade nasce, se leva tanto olhos á justiça: *Iustitia de Caelo prospexit.*

Vá pois (oh Cortes infelices) vá desterrada a verdade fóra da Corte, e baste por castigo grande, o ficar a mesma Corte sem verdade; sem verdade, e porisso hum chaos sem luz, hum cadaver sem vida, e hum corpo sem alma. Sem verdade, e porisso hum firmamento sem Sol, hum cam-

po sem Troya, e hum inverno sem primavera; finalmente sem verdade, e porisso taõ sem si, que he huma Corte sem Corte.

Mas minha verdade, se o Tribunal, para que appellaõ os perseguidos, he a Coroa da paciencia, vós na perfeccão deste vóssõ desterro, o remedio, que podeis ter, he appellares para a Coroa: paciencia, e mais paciencia. Destes, que somos sequazes vossos (se he que alguns o faõ) aceitay o affecto, com que acompanhamos neste desterro os vossos passos: aceitay o carinho, com que respondemos nesta despedida aos vossos gemidos; e se por não achares quartel na terra, o ides buscar no Ceo, lembray-vos, para nos levar com vosco, dos que somos vossos; e fazey que acabada no desterro deste mundo a peregrinação da vida, lá para esta pátria, donde vos seguimos com o amor, nos leve depois deste desterro o mesmo amor da que só esperamos ter por pátria: *Ad quam nos perducatur, &c.*

S E R M A Õ
 D E
 N O S S A S E N H O R A
 D A P A Z,
 E

PURIFICAC,AM DA MESMA SENHORA.

P R E G A D O

Na Parochial Igreja da Magdalena.

Postquam impleti sunt dies purgationis Mariæ secundum legem Moysi, tulerunt Jesum in Hierusalem, ut sifterent eum Domino. Luc. 2.

H Um titulo para a Mãe de Deos o mais glorioso, e hum mysterio entre os da Mãe de Deos o mais soberano, são hoje o argumento deste dia, e haõ de ser a materia deste Sermão. O titulo glorioso, com que hoje se festeja a Mãe de Deos, he o titulo de Senhora da Paz; e o mysterio, que na mesma Senhora se festeja hoje, he o mysterio da sua Purificação gloriosa. Mas valha-me Deos! Que conexão, ou que congruencia tem este mysterio com aquelle titulo: o titulo da Senhora da Paz com o mysterio da Purificação? Na Purificação da Senhora, o que

D. Tbó-
maz de
vil. N.
v.

que hoje vemos, he que o mesmo Redemptor, que he Christo, se resgata, e a mesma pureza, que he Maria, se purifica. Disse-o assim meu grande Padre, e irmão Santo Thomaz de Villa Nova: *Puritatis totius domicilium hodie purificatur, & Redemptor redimitur.* A Virgem Santissima, de quem podia tomar purezas o Sol, se sujeita hoje ás purificações da Ley: *Dies purgationis Mariæ secundum legem*; e Christo, que vem a ser Redemptor do mundo, hoje he redemido no Templo: *Tulerunt Jesum in Hierusalem, ut sisterent eum Domino?* Mas que tem, pergunto outra vez, que tem esta redempção de Christo, e esta purificação de Maria com o titulo da Paz, com que festejamos a Mãe de Deos? Ora ide ao Evangelho, e vede o que diz nellé Simeão fallando com Christo.

Nunc dimittis servum tuum Domine, secundum verbum tuum in pace. Agora sim, diz o Santo Velho Simeão, agora sim, que fi-

ca o servo do Senhor em paz: *Nunc dimittis servum tuum in pace.* E pois agora? *Nunc.* Agora que Maria se purifica? Agora que Christo se resgata? Agora que a Senhora offerece no Templo a seu Filho, he toda a paz de Simeão, ou se faz Simeão o pregoeiro da sua paz? *Servum tuum in pace.* Sim; e esta he a uniformidade, que tem o titulo da Paz com o mysterio da Purificação. Na Purificação (expliquemo-nos) na Purificação, não só se purificou hoje Maria, mas offereceo-se no Templo Christo: *Ut sisterent eum Domino.* Christo, que por Maria se offereceo no Templo, he a paz dos homens: *Dimittis servum tuum in pace.* Cómmenta Origenes: *Hoc est in Christo, ipse enim est pax nostra.* Porisso quando o Senhor nasceo em Belém, os Anjos, que publicaraõ o seu Nascimento, apregoaraõ na terra a paz: *Et in terra pax hominibus.* He Christo a paz dos homens: e se pelas mãos de Maria se offerece hoje a paz de Christo, ou Christo

Christo que he a mesma paz: quem senão Maria foy hoje desta paz a medianeira? E por consequencia, quem no dia da Purificação mais Senhora da Paz do que Maria?

Nem por outra razaõ o Templo, em que a Senhora se purifica hoje, declara o Evangelho, que he o Templo de Jerusaleem: *Tulerunt in Hierusalem*; porque se Jerusaleem, como sabemos, quer dizer paz, ou visãõ de paz: *Beata pacis visio*; faz tanta consonancia a Purificação com a Paz, que para a Mãy de Deos foy hoje Templo da Paz, o que foy Templo da Purificação. Oh grande congruência a deste titulo com aquelle mysterio: o mysterio da Purificação com o titulo da Paz! Supposta a congruencia, fundemos agora o assumpto, e seja por modo, que igualmente préguemos da Paz, e da Purificação.

Postquam impleti sunt dies purgationis Marie secundum legem Moysi, tulerunt Jesum, ut sisterent eum Domino. Completos

os dias para a Purificação de Maria, como dispunha a Ley, a Senhora se sujeitou pontual á Ley da Purificação, diz o nosso Thema: *Secundum legem Moysi*. Não ha duvida, que a Santissima Virgem por especial privilegio estava izenta de toda a Ley. E pois se a Senhora estava izenta da Ley da Purificação, porque se purifica a Senhora? Mais: Purificar-se a Senhora (como he certo, que a Purificação era huma pensãõ da culpa) seria pôr em riscos a soberania do seu credito: e se a Senhora na Purificação ao parecer se desdoura, porque causa se purifica? Ainda mais: Na Purificação offereceo a Senhora no Templo a seu Filho, e sendo elle o Redemptor do mundo, foy hoje redemido no Templo. A redempção suppoem cattiveiro, e sendo Christo a mesma liberdade, como nos propoem a Senhora cattivo a Christo? Ora venerando as repostas, que daõ a estas duvidas os Expositores, eu não darey outra, que querer Maria estabelecer a Paz

Ex Eccl. in Hym. Dedicat. Eccl.

na Purificação : ou mostrar-se no dia da Purificação Senhora da Paz. Notay.

Tres contrarios, ou tres oppostos entre si se vem hoje pacificamente unidos na Purificação da mayor Senhora. Em Maria fugeita a huma Ley, a que não era obrigada, vejo huma soberania reduzida ao mayor abatimento. Em Maria abraçando huma Purificação, que para as mais mulheres era o remedio da culpa, vejo a mayor honra fugeita, na opiniaõ, ao mayor desdouro; e em Christo, resgatado hoje na Purificação de Maria, vejo a mesma liberdade, ao menos por presumpção, posta em cativeiro. De maneira, que na Purificação de hoje, o que vemos, he hum cativeiro, he hum desdouro, e he hum abatimento. Bem: e neste abatimento, neste desdouro, e neste cativeiro, que vemos? No cativeiro vemos a mesma liberdade; no desdouro vemos a mesma honra, e no abatimento vemos a mesma soberania. Oh grande gloria da Senho-

ra da Paz! Dividindo pois o Sermão em tres pontos, ou em tres discursos, diremos, que Maria na sua Purificação entre todos estes contrarios fez pazes. Fez Maria pazes entre o abatimento, e a soberania: fez pazes entre o desdouro, e a honra: fez pazes entre o cativeiro, e a liberdade. Estas seraõ as tres partes do assumpto, as tres glorias da Purificação, as tres excellencias da Senhora da Paz. Comecemos pela primeira parte, e vamos vendo como em se fugeitar a huma Ley, a que não estava obrigada, resplandeceo a soberania no abatimento, e fez Maria pazes entre o abatimento, e a soberania: *Postquam impleti sunt dies purgationis Mariae secundum legem Moysi, &c.*

I. PONTO.

EM primeiro lugar: na sua Purificação fez Maria pazes entre a soberania, e o abatimento; porque em se fugeitar a huma Ley, que não obrigava a Senhora, vemos

mos que no mayor abatimēto realçou nella a mayor soberania. Quem no mundo não pôde sobir mais, pelo muito que já tem sobido, o remedio, que pôde ter para mais sobir, he descer: ha de descer para tornar a sobir. O Sol depois que chega ao ponto do Meyodia, donde não tem mais a que sobir, começa logo a descer; como não pôde sobir sem descer, desce para tornar a sobir. Sol animado he Maria Santissima: tinha sobido este Sol á mayor grandeza, a que podia chegar pura creatura, que era ver-se Mãy do Filho de Deos: não podia mais sobir, estava no seu Zenith este Sol. Pois que faz, para sobir mais? Desce á humildade da Purificação, e fazendo pazes entre a soberania, e o abatimento, se vê no mayor abatimento com a mayor soberania. Este abatimento foy para a Senhora de mayor credito, era Sol, e foy necessario, que descesse, para que de novo sobisse.

Da levantada eminencia

de hum monte cahio (diz Daniel) para destruir a Estatua de Nabuco huma pedra sem mãos: *Abscissus est lapis de monte sine manibus.* Deo nos pés da Estatua esta pedra: *Percussit in pedibus,* e reduzida a improvisas ruinas toda a Estatua, a pedra cresceo, e se fez hum monte: *Lapis autem, qui percusserat statuam, factus est mons magnus.* Aqui reparo: que arruinados os montes fiquem baixos como os valles, isso mostra a experiencia; mas que cahidas as pedras nos valles, sobrepujem a ser montes, isso he maravilha. Muitos sobiraõ para cahir; mas quem já mais cahio para crescer? Que pedra he logo esta, que cresceo, porque cahio? Cahio pedra, e cresceo a ser monte? Ora ouvi a Origenes, que sua he a resposta: *Lapis avulsus de monte,* diz elle, *est Christus egressus de caelo.* Esta pedra, que desceo do monte, diz Origenes, he Christo, que desceo do Ceo. Temos entendido o mysterio.

Christo no peito do Pa-

dre Eterno não podia sobir mais, porque não ha ponto mais levantado, e assim para sobir, só hum remedio havia, e era descer. Pois porisso desce ao valle, para sobir a ser monte: *Factus est mons magnus*. O que era pedra no alto do monte, se formou monte no baixo do valle: o caminho, porque desceo, foy o mesmo, porque sobio. Não podia o Verbo no peito do Pay ter cadeira mais sobida, porque a não ha mais levantada. Pois que faz? Desce ao humilde do valle, e cresce de pois a ser monte: *Factus est mons magnus*. Eis-ahi o Verbo encarnado: eis-ahi a Mãy hoje do mesmo Verbo. As graças de Maria, por ser Mãy de Deos, tinhaõ chegado ao mayor auge, que podia ser, e assim para que sobisse, foy necessário que descesse. Porisso se fugeita hoje á humildade da Purificação, porque era caminho este, para que á grandeza mayor se desse nova grandeza.

Mas eu (e permitta-mio assim Origenes) quero re-

tratar nesta pedra a Mãy de Deos. Pedra foy Maria, diz Hugo Cardeal: *Virgo fuit* ^{Hug. 1} *petra*, e pedra, que engastada no ouro do amor Divino: *Gemmula carbunculi in ornamento auri*, não só he preciosa por unica, mais unica entre todas por mais preciosa: *Una pretiosa Margarita*. ^{Eccles. 32. v.} Cahio esta pedra, e veyo, como a de Daniel do monte para o valle, porque da altura, e dignidade de Mãy de Deos, hoje na Purificação por humilde cahio Maria: *Abscissus est lapis de monte*. Sempre para o valle da humildade teve Maria, do monte da sua grandeza, muita quèda: *Ecce ancilla Domini*. Daquella pedra sabemos, que ao cahir, cahio sem mãos: *Lapis sine manibus*; e por não obrigalla a Ley a purificar-se, não houve para Maria maõ, ou impulso, que a constrangeisse: *Sine manibus*. Deo a pedra nos pés da Estatua, diz Daniel, e arruinou-a: e na sua propria Magestade hoje abatida arruinou tambem Maria a mayor Estatua. O ouro, a pra-

a prata, o bronze, e o ferro, tudo, e por tudo hoje cortou Maria. Pelo ouro, renunciando nas regalias de Mãe as Magestades de Princeza. Pela prata, negando-se nos privilegios de Virgem ás immunidades de pura. Pelo ferro, e pelo bronze, porque se fugeita ás fragilidades de mulher, a que por antonomasia era mulher forte: *Mulierem fortem*. Emfim, ao humilde do barro fez aqui esta pedra o seu tiro, porque em Maria a sua humildade era o seu ponto todo: *Percussit statuum in pedibus*. Mas que? Assim como a pedra cahio, diz Daniel, logo cresceu: ficou monte, a que era só pedra: *Lapis factus est mons*. He o que dissemos.

Naõ podia a sagraada Virgem sobir a mais por Mãe de Deos: era a dignidade de Mãe o mais, a que podia sobir: *Maximum*, diz Beda, *quia Mater Dei*. E neste caso, para que a Senhora sobisse, foy necessario que hoje descesse: *Abscissus est lapis de monte*. Desceu á

humildade da Purificação, e descendo pedra: *Lapis*, naõ só sobio á grandeza de monte, mas a fer o monte da mayor grandeza: *Factus est mons magnus*. Naõ havia já a que sobir, senaõ pelo caminho do descer; e porisso fazendo pazes entre a soberania, e o abatimento, servio o abatimento de dar novos realces á soberania.

Oh gloria singular! Oh exaltação admiravel a da Mãe de Deos! Abateo-se hoje Maria para sobir, e sobio hoje, quanto se abateo. Mas vejamos a que se abateo, e vejamos a que sobio. Abateo-se primeiramente a Senhora, e fugeita a huma Ley, a que naõ estava obrigada, se reputa hoje com as mais mulheres, e como tal obedece á Ley. Duas coufas temos aqui: Maria reputada com as mais, sendo como nenhuma: *Dies purgationis Mariae*; e Maria fugeita a huma Ley, a q̄ só ella naõ estava fugeito: *Secundum legem Moysi*. Põde haver abatimento mayor, e elle mais sobime exaltação?

Beda.
ref. P.
Em. da
Sylv.
serm.
Anuít
B. Virg.

Vamos por partes.

Maria, que à Ley da Purificação não estava obrigada, hoje com prompta obediencia se fugeita a essa Ley: *Secundùm legem*. Oh gloria singular! Nesta obediencia, neste abatimento, nesta fugeição, a que vos parece que sobiria a Senhora? Assim sobio, e assim se exaltou, que sendo na realidade humana, veste apparencias de Divina: sendo pura creatura, logra fóros de divindade. Tudo he, e se vê tão claro em Maria, como no Sol.

Parou o Sol, diz o sagra- do Chronista, e com reverente obsequio obedeceo à voz de Josué: *Stetit itaque Sol in medio Cæli*. Mas que glorioso vejo nesta obediencia o Rey dos Astros! Quando se diz, que o Sol parou: *Stetit Sol*, se diz que foy Deos o que obedeceo: *Obediente Deo voci hominis*. Notavel dizer! Appellidos de Deos em realidades de Sol? Sim: que no Sol o parar foy obedecer: *Obediente*; e he o obedecer huma obra tão Divina, que o mes-

mo que parando foy Sol: *Stetit Sol*, se diz, que obedeendo he Deos: *Obediente Deo voci hominis*. He certo, que mais fugeito està o homem às influencias do Sol, do que o Sol o póde estar às operaçoens do homem. Mas aqui està o prodigio: obedecer o Sol a hum preceito, a que não està obrigado: ser izento por superior, e não tendo obrigação, obedecer; isto ferà fer Sol na realidade, mas he fer Deos por aclamação: Sol sim: *Stetit Sol*, mas Sol com appellidos de Deos: *Obediente Deo*. Eis-ahi a Maria Santissima: ser izenta da Ley, e fugeitar-se à Ley: *Secundùm legem*; será Maria hum Sol em carne, mas hoje tem mais de Deos, do que de Sol: *Stetit Sol, obediente Deo*.

A tres Leys se fugeitou Christo sem obrigação no mundo: fugeitou-se à Ley da Circumcisaõ: *Ut circumcideretur puer*. A' Ley do tributo, que pagou a Cesar: *Da eis pro me, & te*. E por ultimo á Ley da morte, que tambem padeceo na

Cruz:

Jos. 10
v. 13.

1b. v.
14.

Cruz: *Oblatus est, quia ipse voluit.* Mas com que respaldos de Divino se não vio o Senhor na observancia destas tres Leys? Divino na Circumcisaõ, porque o Nome de Jesus, que recebeo, o deo nella a conhecer por Deos: *Jesus vocatur*, diz S. Bernardo, *ut Filius Dei.* No tributo de Cesar, o mesmo Pedro, por cuja mão o pagou o Senhor, o acclamou tambem Divino: *Tu es Christus Filius Dei vivi*, e até por Filho de Deos, o acclamou estando na Cruz, hum inimigo seu: *Verè Filius Dei erat homo iste.* Oh obediencia muitas vezes admiravel! Não estar a huma Ley fugeito como Christo, e sacrificar-se à Ley! Não estar a huma Ley obrigada, como Maria, e subordinar-se à Ley! Soguitarem-se ambos, ao que não são obrigados, e obrigarem-se ambos, ao que não estão fugeitos! Isto fim, que he medir os triunfos da Divindade pelos rendimentos da obediencia: nem ha mayor obediencia, nem mais creditos de Divindade.

Mas se por abraçar huma Ley, que não obrigava, lo-gras fóros de Divina a Mãy de Deos, que será por se reputar com as mais mulhe-res, e abater-se a se parecer com todas, a que he por Mãy de Deos como nenhuma: *Dies purgationis Marie.* Taõ sublime fez Deos a sua Mãy, taõ unica entre as mulheres por Mãy sua, que a fez, o que entre os Astros o Sol, entre as plantas o Cedro, entre os metais o ouro, entre as flores a Rosa, e entre as Aves a Feniz. He o que della diz o mesmo Senhor nos Cantares: *Multæ Filie congregaverunt divitias, ut supergressa es universas.* Mas hoje (oh prodigio grande) a Feniz se computa com as mais Aves: a Rosa com as mais flores: o Sol com os mais Astros: com as plantas todas o Cedro, e com todos os metais o ouro. Isso val, purificar-se com as mais mulheres Maria, e reputar-se, sendo Mãy de Deos, só por mulher.

Signum magnū apparuit in Cælo, diz no seu Apoca-

lypse S. Joã. Hum grande prodigio se vio no Ceo: *Signum magnum*. E que prodigio? Huma mulher, que sendo Mãy de Deos, como he, se reputa só por mulher: *Mulier*. Via-se esta mulher vestida de Sol, em que se figurava Deos, de quem era Mãy, e Mãy, que na nuvem da humildade, que lhe deo (diz S. Bernardo) ao mesmo Sol que a vestio, vestio ella de nuvem: *Vestis Solem nube*, diz o Santo, & *Sole ipsa vestiris*. E mulher (digamos logo) que na dignidade altissima de Mãy de Deos, em que se vê, se abate, e quer parecer só mulher: *Mulier*. Mulher, ou Mãy taõ alta, que tendo os pés na Lua: *Luna sub pedibus*, dà là com a cabeça nas Estrellas: *Corona Stellarum*; e ainda assim, tem só de mulher o nome, e incluindo-se com as mais, se nomea só por mulher: *Mulier*. Isto entre os prodigios do Ceo, diz S. Joã, he o mais raro prodigio: *Signum magnum apparuit in Cælo*.

Mas que? Pergunto ain-

da: E q̃ mais pareceo Maria neste caso? Esta mulher, em que hoje Maria se figurava, que pareceo? Que toda era Divina, quando só se inculcava mulher: *Mulier*. Tinha esta mulher por gala o Sol, retrato que he glorioso da mesma Divindade: *Amicta Sole*. E como a Divindade no Sol lhe servia de gala: *Et Sole ipsa vestiris*, seria mulher Maria, mas mulher, se na realidade humana, toda na apparencia Divina: mulher, se no ser pura creatura, no traje toda Divindade. Tal he a que sendo entre as mulheres como nenhuma: *Supergressa es universas*, se humilha, e conta no Ceo com as mais mulheres: *Mulier amicta Sole*.

Ora para que o Thema nos não falte ao discurso, tudo o que o discurso contém, o confirme o Thema: *Postquam impleti sunt dies purgationis Mariae*. Notav. ^{Luc. 2.} _{v. 22.} Donde a Igreja diz: *Purgationis Mariae*, o Texto de S. Lucas diz: *Purgationis ejus*. Bem contemplado em S. Lucas este Texto, não

naõ parece cõforme ao que diz a Igre'ia. A Igre'ia falla da Senhora expressamente: *Purgationis Mariæ*, e S. Lucas, mais parece que falla de Christo, que da Senhora: vede o Texto: *Vocatum est nomen ejus Jhesus: eif-ahi a Christo: e diz logo: Postquam impleii sunt dies purgationis ejus.* Esta palavra *ejus* serà dita pela Senhora, como he, mas he reflectindo mais em Christo que na Senhora: *Nomen ejus Jhesus; Purgationis ejus.*

O que supposto, perguntto agora: Se isto faz aqui reflexaõ a Christo, como falla só de Maria, e se falla só de Maria, como faz reflexaõ a Christo? Porisso mesmo: porque Maria està hoje na Purificação taõ divinizada, que o mesmo he fallar o Texto em Christo, que fallar a Igreja em Maria. Sim. Huma Purificação, donde se abate hoje até n. õ mais a Mãy de Deos: que ro d zer: Huma Purificação, donde Maria se fugita a huma Ley, a que ella naõ estava fugita: *Se-*

cundum legem Moysi. Purificação emfim, donde naõ entrando as mulheres com a Senhora em classe, hoje na obediencia da Ley se conta com as mais mulheres: *Dies Purgationis Mariæ.* Aqui se vê taõ alta a Senhora, e com Deos taõ equivocada, que se entende, he fallar de Christo, o que se diz della; e se julga, he fallar della, o que se diz de Christo: *Dies purgationis Mariæ. Dies purgationis ejus.*

Abatey-vos pois (oh Divina Maria) abatey-vos, que esse abater he sobir. Humilhay-vos (Virgem Soberana) que esse humilhar, he crescer. Cresceis hoje, quanto vos humilhais, e sobis hoje, quanto vos abateis. Porisso fazendo pazes entre o abatimento, e a soberania, hoje (oh prodigio grande) nem pòde fer mayor a soberania, nem chegar a mais o abatimento: *Dies purgationis Mariæ secundum legem Moysi.*

II. PONTO.

EStamos na segunda parte do Sermão. Assim como na purificação da Senhora se fizeram pazes entre o abatimento, e a soberania, assim a Senhora na sua Purificação fez pazes entre o desdouro, e a honra. Purificar-se hoje a Mãe de Deos, não ha duvida, que foy hum apparente desdouro da sua pureza. Se a purificação na verdade era huma pensão da culpa, fugitar-se Maria sendo tão pura a esta pensão, que duvida tem, que para a honra da sua pureza foy hum apparente desdouro? Mas oh gloria grande a da Mãe de Deos! Neste desdouro se vio hoje Maria com a mayor honra: nesta Purificação se vio hoje a Senhora com a mayor pureza.

A' porta da Esposa dos Cantares bateo o Divino Esposo, e se bem a sollicitou amante, não ha duvida que a deixou esquivo. Escusou-se a Esposa de abrir a porta, dizendo, que to-

mara hum lavatorio: *Lavi Cant. pedes meos*, ausentou-se logo o Esposo Divino: *At illi declinaverat, atque transferat.* Sahio depois ella a buscallo pela Cidade, e encontrando-se não sey com quem, lhe disse assim: *O' pulcherrima mulierum!* Senhora (diz esta voz) agora sim, agora mais que nunca me pareceis vós mais formosa: *Pulcherrima mulierum.* E pois que mais tinha agora a Esposa para se ver nesta occasião com mais belleza? Que mais, para se respeitar agora com mais formosura? Teve algum dia falta a formosura, ou a belleza da Esposa? Não por certo. E pois que encarecimentos são agora estes de quem a vê? Que? Ter tomado a Esposa hum lavatorio como ella disse: *Lavi pedes meos.* Era a Esposa por natureza pura, e assim não necessitava de lavatorios para se purificar: *Macula non est in te.* E como ella se quiz purificar sem culpa, e fugitar-se, sendo a mesma pureza, a lavatorios: *Lavi*, então aos olhos de todos se vio

vio mais bella, e então se levou a todos os olhos por mais formosa: *O' pulcherrima mulierum.* Como, se quem a vio, lhe disse: Se a vossa formosura póde Senhora ser mais, sabey, que só pela Purificação se vos póde acrescentar a formosura. Porisso quando purificada hoje: *Lavi pedes,* não só sois formosa entre todas, mas sobre todas a mais formosa: *Pulcherrima mulierum.*

Naõ de outra forte Maria, Espõsa, que he dignissima do mesmo Deos: iaõ tão grandes as suas graças, que não podem sobir a mais; porém, se poderaõ, só pela Purificação sobiraõ. Ainda que a purificação em todas as mulheres foy hum lavatorio da macula, em Maria foy huma perfeição da sua belleza: ainda que em todas as mais a purificação foy final da culpa, em Maria foy huma firmeza da graça. Porisso neste lavatorio mais bella: porisso nesta Purificação mais formosa: *Lavi pedes meos. O' pulcherrima mulierum.*

Emfim, por gloria da tua pureza se fugente a purificar-se hoje a Mãy de Deos. Mas duas cousas me suspendem aqui: suspende-me, que a mayor honra se fugente na Purificação ao mayor desdouro; e suspende-me que o mayor desdouro prompa hoje na mayor honra. Tudo direy, e vamos por partes.

Poem Santo Epifanio neste dia os olhos na Mãy de Deos, e exclama dizendo assim: *O' Virgo Beatissima,* ^{D Epi-}
quæ exercitus Angelorum in ^{phan.}
stuporem adduxisti. Oh mar- ^{Serm. de}
ravelha estupenda! Oh Rai- ^{I. M.}
nha prodigiosa! Em cu- ^D
a perfeição toda a Corte do ^{Bern.}
Ceo ficou admirada: em cu- ^{Serm. 3}
ja belleza a grandeza dos ^{Serm.}
Anjos toda ficou attonita: ^{II.}
Exercitus Angelorum in stu-
porem adduxisti. Mysterios da terra, que fazem admirar ao Ceo, grandes mysterios! Desta Purificação se assombraõ estes Espiritos bemaventurados. E quais são as circunstancias, que causão estas admiracoens? O Padre as aponta: *Stupendum miraculum: Mulier*
gestans

gestans lucem in ulnis. O que faz estes pasmos no Ceo, he que se vá purificar huma mulher, que leva em seus braços o Rey da gloria: *Lucem in ulnis.* A luz do Ceo em os braços, atéqui honra: Purificar-se huma mulher, isto he desdouro. E ver-se fugeitar em Maria ao desdouro mayor a mayor honra, este he o assombro dos Anjos: *In stuporem adduxisti.* Mas que maravilha mayor, fugeitar-se na Purificação aos remedios da culpa aquella, que em seus braços leva a luz substancial da graça: *Lucem in ulnis.* Ver a Maria chea de graça do Espirito Santo: vella em braços como Mãe com Deos seu Filho: fugeitar-se na Purificação aos achaques da culpa? Isso (admirem-se os Anjos) não ha mayor maravilha: *Stupendum miraculum. In stuporem adduxisti.*

O milagre, com que Santo Epifanio conferio este milagre, foy o do Apocalypse: *Stupendum miraculum*, diz elle, *mulier amicta Sole.* Tornay ouvir S. João, que

donde elle se admirou tanto, não teremos nós pouco que admirar: *Signum magnum apparuit in caelo.* Apocal 12. v. 1 Huma grande maravilha (diz S. João) vi no Ceo: *Signum magnum.* E qual foy esta maravilha: *Mulier amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim.* A maravilha foy apparecer no Ceo huma mulher, que vestia de Sol, calçava de Lua, e se coroava de Estrelas: e tendo estas galas todas a mulher, mostrava (diz S. João) estar fugeita aos achaques de hum parto: *Et in utero habens: clamabat parturiens.* E pois esta he a maravilha do Ceo, e este o assombro de S. João: *Signum magnum?* Que cousa mais ordinaria, que viverem as mulheres fugeitas a estas dores? A natureza lhes deo a formosura, mas tambem lhe poz esta pensão. E pois sendo certo que toda a mulher esta fugeita aos achaques de hum parto, que maravilha he esta, que o Evangelista conta: *Signum magnum?*

Sabem

Sabem o que, ou o porque desta maravilha? Porque S. João via, que esta mulher no sentir dos Expositores era a Virgem Senhora nossa, e quanto a mim, hoje que se purifica: hoje, porque nas luzes de tantos Astros se inculca Senhora das Candeas. E mulher, que veste de Sol, que são as galas da graça, mostrar-se fugeita aos achaques do parto, que são as pensoens da culpa, não pôde haver mayor maravilha: *Signum magnum*. Esta foy a maravilha, que São João vio no Ceo: Maria vestida de Sol, que he Christo: *Mulier amicta Sole*, e fugeitar-se ás pensoens do parto como mulher: *Clamabat parturiens*, não pôde haver mayor allombro na terra, nem fiaal mayor no Ceo: *Signū magnum apparuit in cælo*.

Eis-aqui o que no Ceo se vio em figura, e eis-aqui o que se vê na terra na realidade. Entra hoje a Senhora no Templo assistida daquelle luz increada, levando em seus braços o Sol Divino; e indo assim desta luz vestida,

fugeitar-se na purificação ao remedio do peccado: isto como se não coubera nos entendimentos da terra, faz allombrar até os Anjos do Ceo: *In stuporem exercitus Angelorum adduxisti. Mulier gestans lucem in ulnis*.

Mas se he prodigio (vamos á segunda suspenção minha) se he prodigio, que Maria levando em braços a luz da graça, se purifique, que prodigio não será, que purificando-se hoje, se veja coroada a Senhora de tantas luzes: *Lucem in ulnis*. Hoje que Maria he Senhora das Candeas, tudo nella são luzes, e luzimentos: luzimentos nas glorias de Mãe, que em si ostenta: luzimentos nas graças do Filho, que comfigo leva, e luzimentos tão gloriosos, que o mesmo Christo, que he a luz do mundo, se vê coroado nella de luzimentos: *Lumen ad revelationem gentium*, lhe diz Simeão. Mas valha-me o Ceo! Tanto luzimento na Purificação de Maria? Maria purificando-se como mulher, e tirando aqui dos desdous

douros honra, e das sombras luzimentos? Isto, diz Santo Epifanio, se bem admira na terra os homens, até no Ceo suspende os Anjos: *Angelorum exercitus in stuporem adduxisti.*

Lá sobio nos Cantares para o Ceo Maria, e os Anjos, que a vem sobir toda luz, se admiraõ das muitas luzes, com que sobio: *Quæ est ista,* perguntaõ elles, *quæ progreditur, quasi Aurora cõsurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* Quem he esta (dizem os Anjos) que penetrando estes ares, nos excede a todos nas luzes? Taõ bella, que poem em cuidados a Aurora: taõ clara, que faz invejas á Lua, e taõ luzida, que empresta vivezas ao Sol: *Quasi Aurora, pulchra ut Luna, electa ut Sol.* Mas suspendey Angelicos Paraninfos, suspendey as vossas admiraçoens, que se fois Astros do Æmpyreio, que luz ha, que possa allombrar no Ceo taõ luzidos Astros? Mas he hoje Maria, ou a luz de Maria, dizem os Anjos. Tinha-se purificado a Senhora, porque tinha to-

mado hum lavatorio, como disse: *Lavi pedes meos.* Da occasiã do desdouro (que isto suppoem a mancha em quem se purifica) sahio com este cabedal de luzes a Mãe de Deos: è tirar Maria, ou fazer do desdouro honra, e da mesma sombra luzimentos, isso he para os Anjos hum prodigio tal, que até no Ceo se allombraõ deste prodigio. Porisso á vista de tanta luz, ou ficaõ de vencidos attonitos, ou de excedidos admirados: *Quæ est ista, quæ progreditur? &c.*

Mas se quereis ver, e ainda com mayor pompa; estes luzimentos hoje da Sagrada Virgem, passay dos Anjos para o Senhor dos Anjos, olhay para Christo, e vereis, que sendo elle filho de Deos, e de Maria, hoje por Filho da Senhora se acha com aquelles luzimentos, com que nasce Filho do mesmo Deos. Ouvi a Simeã, Oraculo, que he Divino neste dia: *Lumen ad revelationem gentium, diz elle, & gloriam plebis tuæ Israel.* Vê Simeã hoje apresentado o Senhor no Templo

plo como Filho glorioso de Maria, e chama-lhe a luz das gentes: *Lumen gentium*, e a gloria de Israel: *Et gloriam plebis tuae Israel*. Dous predicados são gloria: e mais luz: *Lumen, & gloria*. Bem: e este Senhor (pergunto agora) appresentado por Maria hoje, como vos parece que o Pay o gera, ou que procede elle do mesmo Pay?

O Evangelista S. João, Aguia, que se remontou generosa á geração eterna, o diz como Aguia: procede luz: e procede gloria: luz: *Erat lux vera, que illuminat omnem hominem; e gloria: Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti à Patre*. Oh valha-me Deos! Combinay agora o *Illuminat omnem hominem*, que diz o Evangelista, com o *Lumen ad revelationem gentium*, que diz Simeão, e ajuntay, não menos, ou conferi o *Gloriam Israel* de Simeão com o *Vidimus gloriam ejus* do Evangelista. No entendimento do Pay, diz o Evangelista, todo gloria, e todo luz: *Lux vera: gloriam ejus*; e nos

braços da Mãe, diz Simeão, todo tambem luz, e todo gloria: *Lumen gentium. Gloriam Israel*. Emfim, vê-se Christo por Maria hoje tão glorioso, que se acha nos braços de sua Mãe com os luzimentos mesmos, com que nasce Filho do Divino Pay. Póde haver luzimentos iguais aos de Maria?

Oh Virgem Soberana! (digamos logo, e conclua-mos) Ter nos braços a luz da graça, e purificar-se; prodigio grande! Purificar-se, e ter luzes, que dar ao mesmo Rey, e Monarca das luzes, mayor prodigio! E se o ter luzimentos he honra, e o purificar-se apparente desdouro, diga-se que com assombro até dos Anjos: *In stuporem adduxisti*, Maria faz hoje pazes entre o desdouro mayor, e a mayor honra: *Dies purificationis Mariae, secundum legem Moysi*.

III. PONTO.

Ultimamente: as terceiras pazes, que por Maria se vem hoje na sua Purificação gloriosa, são entre

Joan.
1. v. 9.
& 14.

entre o cativo, e a liberdade. Não quero averiguar por ora, se Christo estava obrigado a se apresentar no Templo, ou não estava. He verdade, que Authores gravissimos, seguindo a parte affirmativa, dizem que sim; outros porém, de não menos nota, seguindo a outra parte, affirmão que não. Mas seja a resolução qual for, o que vejo, e S. Lucas diz, he que a Virgem Senhora N. remio hoje no Templo a seu Filho, Redemptor que vinha a ser do mundo. Primor grande! Antes que Jesus remisse a Maria, remio Maria ao seu Jesus: *Pretio redimes*, diz a Ley; e o preço foy, diz S. Lucas: *Parturiturum: aut duos pullos columbarum*.

Mas aqui entro eu a inferir agora, e digo assim: Toda a redempção suppoem cativo: logo, Christo sendo a mesma liberdade se cattivou hoje, e Maria no preço da redempção libertou a Christo: *Pretio redimes*. Neste caso (digo mais) a liberdade se ajuntou hoje com o cativo, e o cativo

se transformou hoje em liberdade. Sim, e tudo o amor faz (quanto mais estes dous amores) o amor de Christo poz a liberdade em cativo: *Ut susterent eum*; e o de Maria reduzio o cativo a liberdade: *Pretio redimes*. Vamos por partes, e abreviemos.

No antigo testamento mandava Deos, que todo o servo depois de servir seis annos, ao settimo ficasse livre: *Sex annis serviet tibi; in septimo egredietur liber*. Exod. v. 12. Mas diz mais, que se o servo amasse a seu Senhor, e elle o confessasse, ficaria cativo para sempre: *Quod si dixerit, diligo Dominum meum, erit servus in perpetuum*. E pois cativo, porque diz que ama? Por ter amor, escravo á força? Sim, que isso faz o amor: taõ cativo a quem he amante, que he o mesmo ter amor, que ser escravo: o mesmo ser amante, que viver cativo: *Si dixerit, dilgio, erit servus*.

Eis-ahi por força de amor, o que Christo he: sempre livre, porque Senhor, mas

mas hoje servo, porq̃ amante : servo fugeito a huma Ley : *Ut siferent eum*, e porisso redemido, porque servo : *Pretio redimes*. Mas fe o amor de Christo lhe poz a liberdade em cativeiro, o amor de Maria lhe deo no cativeiro liberdade. Nesta finca de amor não temos muito que discorrer, mas temos muito que admirar : Maria remindo como Redemptora, a quem vem a ser no mundo o Redemptor de Maria ! Maria, que antes que Jesus a redima a ella, ella redime ao seu Jesus ! Oh Virgem Soberana ! Se a fé não obstara, aqui não sey o que dissera ; mas falle a devoção, e seja sempre reverente à fé.

Todos sabem, que Christo, como Deos que he, foy Redemptor do mundo, e Redemptor, porque era homem Deos : como a offensa a respeito do objecto era infinita, só hum Deos homem podia com satisfação infinita pagar a offensa. Isto supposto : Maria remindo hoje a Christo, que será ? Digo, que hum como Deos

do mesmo Christo. Notay. Era Ley no antigo testamento, que por matar Deos os primogenitos do Egypto por amor dos Hebreos, ficassem todos os primogenitos, que delles nascessem, cativos do mesmo Deos : eraõ de Deos, e para serem de seus pays, era necessario comprallos, e remillos : Esse he o *Pretio redimes*, de que fallamos. Nasceo depois Christo primogenito que he de Maria : *Peperit Filium suum primogenitum*; e ainda que em Christo se não entendia a Ley, a Senhora com tudo offereceo duas rolas no Templo para remir a Christo : barato o comprou, e com pouco o remio : mas com effeito remio-o : *Pretio redimes*. Agora pergunto : E Christo não he Deos de Maria, por ser elle o que a remio ? Sim. Logo se Maria remio a Christo hoje, porque não será hum como Deos do mesmo Christo ? O Filho remio a Mãe, e a Mãe remio o Filho ; o Filho a Mãe com o preço do seu sangue, e a Mãe ao Filho com o tri-

buto da sua offerta : ambos, hum ao outro se remiraõ , e primeiro a Mãy ao Filho , do que o Filho á Mãy : logo se Christo he Deos de Maria , porque a redime , Maria redimindo a Christo he tambem para elle hum como Deos.

Oh Altissima Senhora ! Faz hoje este amor vosso o mesmo , que em Deos faz o empenho do seu amor. O amor de Deos poem-lhe a liberdade em cativeiro , e o vosso amor da-lhe no cativeiro liberdade : e se Deos não he outra cousa , que o mesmo amor , vós porque sois amor toda , me pareceis a mesma cousa com Deos. E se tambem por ser uniaõ o amor , sabemos , que he todo paz ; pazes com uniaõ amigavel faz entre contrarios hoje o vosso amor ; pazes entre o abatimento , e a soberania ; pazes entre o desdouro , e a honra , e pazes entre o cativeiro , e a liberdade. Porisso taõ unida a Purificação com a Paz , que apregoa Simeaõ a Paz no dia da Purificação : *Dies purgationis Mariæ. Nunc*

dimittis servum tuum in pace.

Ora Virgem Santissima , pacifica Princeza , e hoje por Senhora da Paz mais pacifica. Se a Paz he taõ festejada de todos os humanos coraçõens , entrem em lugar dos discursos a festejar esta Paz vossa os nossos affectos. Senhora da Paz sois hoje , e se para apregoar pazes na terra vieraõ , quando Christo nasceo , os Anjos do Ceo : *Et in terra pax hominibus* ; hoje só vozes de Anjos poderaõ acclamar em vós taõ Divina Paz. Na boca de huma Pomba se vio no diluvio a paz da oliveira:

Portans ramum olive in ore suo. Só vós , Pomba Divina Gen. 8.
v. II. (que podeis ser a Chronista de vós mesma) hoje para tomar na boca a Paz podeis ter boca : *In ore suo.*

Aceitay o affecto , com que desejamos festejar em vós taõ alto titulo ; titulo , que por namorado delle o Filho em sua Mãy o toma , quando nasce da Mãy , o mesmo Filho : *Rex pacificus , Princeps pacis.* Pazes fazeis neste dia entre contrarios

trarios grandes; mas quando a Virgem da Paz se mete de permeyo, até nos mayores contrarios se fazem: porisso unida na vossa Purificação gloriosa a soberania com o abatimento, a honra com o desdouro, e com o cativoiro a liberdade.

Agora Virgem Soberana, se tambem a paz tem seus filhos, como Christo diz: *Si ibi fuerit filius pacis*, fa-

zey que por filhos vossos, tenhamos essa Paz por Mãy, e nos chamemos tambem por vós filhos da Paz: *Filii pacis*. Lançay-nos como Mãy amorosa a vossa benção; e enchendo-nos na paz de Deos dos favores da graça, nos levay a gozar com vosco a paz da eterna gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ
 DO G L O R I O S O
 S. N I C O L A O
 DE T O L E N T I N O .

M I L A G R E D A G R A C A , E G L O R I A
 pelos seus milagres da Religiaõ Eremitica.

P R E G A D O

No Collegio de Santo Agostinho.

Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.
 Matth. 19.

SE o milagre mayor, que o mundo crê, he que hum Deos se fizesse homem: hoje q̃ milagre naõ será ver, que hũ homem parece Deos? Do grande Bautista nos diz Guarrico Abbade, que o mundo o venerou pelo milagre mayor: *Miraculum mundi, & ultra naturam hominum.* Mas foy o Bautista, como S. Lucas diz, hum homem, que mais pa- receo Deos, que homem: homem no ser, mas no parecer homem Deos: *Cogitantibus de Joanne, diz elle, ne forte ipse esset Christus.* Oh milagre grande o Bautista! Mas oh Nicolao em tudo hoje o mayor milagre! Ser Nicolao homem, e ser como o Bautista hum Deos por graça: ser homem, e parecer como o Bautista homem Deos: *Nè forte ipse esset Christus.* Isto sim, que he

he venerallo o mundo pelo milagre dos homens : Isto sim, que he reputarem-no os homens pelo mayor milagre do mundo : *Miraculum mundi, & ultra naturam hominum.*

Mas se Nicolao he todo hum milagre, porque parece Deos : eu digo, que o parecer hoje Deos, he por ser o Santo dos milagres. Esta he a gloria sempre singular, esta a prerogativa nunca aflaz contemplada, nem encarecida bem, em Nicolao. A Igreja lha canta por especial gloria sua : *Virtutum, & miraculorum gloria coruscat*, e a minha Religiao a festeja por decóro seu especial : *Eremitarū Ordinem signis, & virtutibus decoravit.* Mas sim, he Nicolao o Santo dos milagres, e parece Deos, e porque parece Deos, he todo hum milagre.

Milagre, e o mayor da natureza, chamavaõ os Hebreos ao seu Moysés : *Tamquam novum naturæ miracul*, diz Philo Hebreo. Era este homem tido em tanta reputação, diz o mesmo

Philo, que julgando-se ser hum composto de ambas as naturezas Divina, e humana, parecia Moysés hum Deos humanado, ou homem que juntamente era Deos : *Incertus*, saõ as palavras, *qualis mens habitaret in ejus corpore, humana, an divina, an mixta ex utraque.* Mas que? Viaõ o Hebreos, que Moysés com espanto da natureza fulminava rayos, e os suspendia, embravecia os ventos, e os socegava, escurecia as luzes, e desterrava as sombras : viaõ que seccava os mares, serenava os Ceos, desfazia as nuvens, abrandava as penhas, e domava os monstros. E como tudo eraõ milagres o que viaõ, parecia-lhes Moysés mais Deos, que homem, e como o suppunhaõ homem, e homem Deos, o tinhaõ por hum milagre : *Tamquam novum naturæ miraculum.*

Oh Nicolao illustre ! Seria Moysés o Nicolao da Ley escrita, mas vós sois hoje o Moysés da Ley da Graça. Comparemos hum Moysés com outro Moysés.

Exod.
v.16.

Fazia Moysés milagres, mas eraõ para hum só povo, e naõ mais: *Dimitte populum*. Nicolao, naõ houve pouvo, naõ houve familia, naõ houve naçaõ, por quem naõ obrasse sempre, e obre milagres. Moysés ao golpe da sua vara tirou no deserto huma fonte de huma pedra; Nicolao, no claustro de Tolentino metteo huma cana secca na terra, e abriu huma fonte. As agoas da fonte de Moysés feriaõ agoas vivas:

Num.
20.v.6

Aquæ vivæ; mas as de Nicolao naõ só eraõ vivas, mas de vida. Tirou Moysés do cativoiro do Egypto a hum povo, e o guiou para a terra de Promissaõ, em que naõ entrou, e Nicolao do cativoiro do Purgatorio tirou hum mundo de almas, e as meteo no Ceo, em que a terra da Promissaõ se figura. Moysés o paõ que repartio ao povo era o Manná, paõ de flores, porque vindo do Ceo; Nicolao, na esmola que dava aos pobres, fez parecer Rosas o que era paõ: converteo por disfarce o paõ em Rosas. Teve Moysés por guia sua huma

columna de luz, e Nicolao huma formosa Estrella. Por Moysés tiveraõ as Aves novo ser nas codornizes do Manná, e Nicolao deo vida a huma pèrdiz, de que lhe fez prato de assado a obediencia. Finalmente, obra Moysés milagres; mas foraõ só na vida, e naõ na morte: porém Nicolao mais milagres obrou, e vay obrãdo depois da morte, que na vida. Oh Santo admiravel! Se Moysés pelos seus milagres parece Deos, que fará hum Santo, que he por antonomasia o Santo dos milagres? Sois homem, mas pareceis Deos, porisso hum milagre hoje como o Bautista: *Miraculum mundi*, e porisso como Moysés todo hum milagre: *Tamquam novum naturæ miraculum*.

Ora supposto que o parecer-se Nicolao com Deos, he o milagre dos seus milagres; este milagre, como coroa que he de todos, prègarẽmos hoje. O Evangelho nos dará o Sermaõ, em que diremos milagres: *Ecce nos reliquimus omnia*, diz o Evangelista, & *secuti sumus te*.

te. Seguir a Christo, e deixar tudo atraz, como o Evangelista diz, gloria singular he, de quem excedendo a todos imita a Christo. He o que em Nicolao se vê: tudo deixa atraz: *Reliquimus omnia*, mas porque seguindo a Christo se adianta a todos: *Secuti sumus te*. Na sua reza lhos canta assim a Igreja: *Ut veteranos quoque omni virtutum genere anteaerit*. Não menos o diz tambem assim o nome de Nicolao. He Nicolao, ou quer dizer o seu nome: *Victoriosa laus*: compoem-se de *Nicos*, que he a victoria, e de *Laus*, que he o louvor. Louvores com victoria proprios são de hum Santo, q̄ deixando atraz os Santos todos: *Reliquimus omnia*, segue por imitação o Senhor de todos os Santos: *Secuti sumus te*. Temos assumpto, que repartiremos desta forte.

Tres, se advertires, são as classes, a que os Santos todos se podem reduzir, que vem a ser: os Santos da Ley da natureza, os Santos da Ley Escrita, e os Santos

da Ley da Graça. A todas estas tres ordens de Santos (exceptuando porém os Sagrados Apostolos) venceo, e deixou atraz S. Nicolao, porisso retrato o mais fiel do mesmo Christo. Para o dizermos melhor, digamos mais. Toda a alma pôde fer imagem de feu Senhor por huma de tres razoens: imagem, porque com Deos se assemelha: imagem, porque com Deos se equivoca; e imagem, porque com Deos se identifica. Tudo Nicolao teve no excessso, com que seguindo a Christo venceo a todos. Excedeo Nicolao os Santos da Ley da Natureza, e foy imagem de Christo por imitação. Excedeo os Santos da Ley Escrita, e foy imagem de Christo por equivocação. Excedeo os Santos da Ley da Graça, e foy imagem de Christo por transformação. Temos o Sermao dividido em tres assumptos. Nicolao, peregrino retrato, por assemelhar-se a Christo. Primeiro assumpto. Nicolao, maravilhoso retrato, por equivocar-se com Christo. Se-

gundo assumpto. Nicolao, estremo retrato, por transformar-se em Christo. Terceiro assumpto. Ora vamos admirando taõ Divina copia, e nas sombras gloriosas do que deixa: *Reliquimus omnia*, se veraõ as luzes, ou cores do que imitava: *Secuti sumus te*.

I. PONTO.

EM primeiro lugar: vêce Nicolao os Santos da Ley da Natureza, e por isso, por imitação retrato do mesmo Christo. Ser Santo, e para a gloria de o ser, obrar o que a razão pede, e a natureza ensina, isso os que na Ley da Natureza foraõ Santos, o fizeraõ. Mas ser Santo, e abraçar para isto hum modo de vida, que passando as balizas da razão, vence atè as Ley da Natureza, quem senaõ o prodigio dos Santos o faz hoje? Nasce S. Nicolao no mundo, e que? Taõ sobre as Leys da Natureza, que nelle se confederaraõ logo, a abstinencia com a infancia, a penitencia com a puericia,

e a mortificação com a innocencia. He o que a sua reza diz: *Vix septennis, tribus cujusque hebdomadae diebus a cibo abstinere cepit*, e acrescenta, *quam consuetudinem per omne vite tempus semper retinuit*. Oh Santo admiravel! E que feraõ os progressos, a serem tais os principios? Emfim, naõ outra cousa Nicolao, que hum singular Artifice, que para levantar o edificio da santidade mayor, os fundamentos, que na Natureza tomou, foraõ ruinas, os seus materiaes estragos, e nos seus despojos os instrumentos. Tambem o diz a sua reza: *Tam aspero, tamque horrido vitæ insituito, fractis lassitudine viribus, omnis vigor in eo elanguit*. Grande Santo! Entre agora o Bautista a dar-lhe os realces, e nós a lavrarmos com hum diamante outro diamante.

Santo sobre as Leys da Natureza foy o Bautista: *Ultra naturam hominum*, diz Guarrico Abbade. Mas naõ por outra razão a meu ver affirma Origenes, senaõ porque

In ejus offic.

In ejus offic.

Orig.
bonil.
II. in
Luc.

porque o Bautista ainda na innocencia da meninice se condenou aos rigores da penitencia : *Erat in deserto Joannes*, diz o Padre, & *nutriebatur novo, & extra naturam modo*. Sim. Nasceu o Bautista, e trocando por humas grosseiras pelles as tenras mantilhas, revestida em cilicio a innocencia, deixou o berço pelo deserto, o regalo pelo jejum, e a conversação pelo silencio, e sem ter outro leite, com que alimentar-se, que a propria abstinencia, o Bautista arvorou os trofeos da santidade sobre os mesmos estragos da natureza: porisso além da ordem da Natureza Santo, e porisso o mayor entre os Santos da Ley da Natureza : *Ultra naturam hominum*.

Eis-ahi (oh prodigio grande !) Eis-ahi qual o Eremita mayor dos Ermos, o nosso tão admiravel Eremita : eis-ahi a Nicolao, e não sey se ainda com ventagens ao Bautista. Nascer Nicolao, e ver-se apenas nascido penitente : *Via septennis*. Nascer Nicolao,

e ter logo por alimento o jejum, e por ama da sua creação a abstinencia : *Acibo abstinere capit*. Nascer Nicolao, e ver-se com admiração de todos passar das olandas para os cilicios, dos cambrais para as estamenhas, e do brando leito para huma cama, não mais, que ou na taboa dura, ou na terra fria : *Sapenumero in nuda tabula, vel humi cubabat*. Ver-se Nicolao do-mando com hum cilicio de ferro o corpo delicado, e castigando seus tenros hombros com cadeas tambem de ferro: *Ferreo cilicio vestiens, dorsumque catenis sepiissime cruentans*. Ver-se Nicolao sem mais genuflexorio para a oração, que duas pedras brutas, huma em que firmava os joelhos; e outra em que, desfalecidos, recoitava os braços : *Duo saxa, quorum alteri genibus innixus, in alterum brachia reclinabat, precandi labore delassata*. Finalmente, ver-se Nicolao tão abstimente, que negando-se aos alimentos proporcionados á conservação da vida, não usou

no espaço de trinta annos de outro alimento, que só paõ, e agoa: *Annos triginta à carniuum esu abstiniuit, pane dumtaxat, & aquá vitam tolerans.* Ser emfim Nicolao, ou a abstinencia de Nicolao, aquella, a quem a Igreja chama incrível: abstinencia, que a não a persuadir a graça, a fizera não crer a natureza: *Incredibili vixit abstinentia.*

Isto, Nicolao divino, isto meu ineffavel, e inexcrutavel Santo, que direy que he? Digo emfim, que se as forças da natureza em Nicolao não foraõ forças: *Fractis lassitudine viribus.* Se Nicolao, por ser mais que homem na virtude, arruinou em si o ser, e a natureza de homem: *Omnis vigor in eo clanguit:* He S. Nicolao sobre a ordem da natureza o mayor Santo: he como o Bautista entre os Santos o mayor na Ley da Natureza: *Ultra naturam hominum.* Mas preciso era, que tudo vencido deixasse atraz: *Reliquimus omnia,* hum Santo, que em seguir a Christo se adiantava a to-

dos: *Secuti sumus te.*

Ora demos a mais fina cor a esta pintura. Suba agora Nicolao, e sobre o excelso, que faz aos homens, realce nas semelhanças, que tem com Deos. Hum homem semelhante ao Filho do homem diz S. Joaõ, que vira no Apocalypse: *Vidi Apoc. 2. v. 13 similem Filio hominis.* Não diz que vira o Filho do homem, mas hum que lhe era semelhante: *Vidi similem.* Pelo Filho do homem entendem os Padres, e Doutores sagrados a Christo, o qual nas Escrituras he chamado Filho do homem: *Nempe Christum, quia passim Filius hominis dicitur.* Sylo. hic. Supposto isto, pergunto agora: E que homem era este, que com Christo tinha tanta semelhança? Melhor. Se Christo he homem Deos, que semelhança podia ter este homem com Christo? Mais: E em que está, ou em que se vio aqui esta semelhança? Tudo direy, e vamos com attençaõ.

Tinha este homem o Sol no rosto, e tinha nas mãos

as Estrellas: *In dextera sua*
 16. *Stellas septem, & facies*
ejus sicut Sol. Tinha mais
 este homem muito fogo,
 affim nos pés, como nos
 16. v. olhos: nos olhos: *Oculi ejus*
 14. & *tanquam flamma ignis*, e
 v. 15. nos pés: *Pedes ejus sicut in*
camino ardenti. Tambem a
 sua voz era como a voz de
 muitas agoas: *Et vox illius*
tanquam vox aquarū mul-
tarum. Mysterioso homem,
 donde as Leys da natureza
 se viaõ exceedidas, ou para
 melhor dizer, donde a mes-
 ma natureza se via sem Ley!
 Expliquemo-nos. Ley he da
 natureza, que as Estrellas
 naõ appareçaõ á vista do
 Sol; mas este homem supe-
 rando a natureza, mostrava
 no rosto o Sol, e se lhe
 viaõ nas mãos as Estrellas.
 Mais: Ley he da natureza,
 que a agoa, e mais o fogo se
 naõ unaõ entre si; mas este
 homem vencendo a nature-
 za chegou a confederar em
 si muito fogo com muita
 agoa. Pois homem (diga-
 mos logo) cujos prodigios
 exceedem a natureza, e a
 vencem: homem, que em
 prodigios tais passa, e deixa

muito atraz as Leys da na-
 tureza, este homem naõ fe-
 rá Christo na realidade, mas
 he Christo por semelhança:
 he hum homem tal, que sen-
 do homem, he hum retrato
 de Christo: *Vidi similem*
Filio hominis.

Vedes, o como este ho-
 mem se faz hum retrato de
 Christo? Agora quizera eu
 faber, que retrato, ou que
 homem he este. Mas se elle
 naõ he S. Nicolao, ou as co-
 res enganaõ os olhos, ou os
 meus olhos naõ julgaõ de
 cores. Notay, e combine-
 mos a Nicolao com este ho-
 mem. Já me lembra, que
 algum dia retratey nelle o
 pay, hoje quero retratar o
 filho, filho em tudo pareci-
 do a seu pay. Vamos affim.
 Vio S. Joaõ este homem,
 diz elle, e o habito, que tra-
 zia (notaõ os Padres) era
 da cor de Jacintõ: habito
 que alludia na cor, ou aos
 Jacintos flores, ou aos Jacin-
 tos pedras, mas tudo eraõ
 Jacintos: *Vesitum podere*, *Sylv.*
 diz S. Joaõ, e os Padres: *hic.*
Vesie Hyacinthina. Habito
 de Jacintos he o habito de
 Nicolao: se as Estrellas saõ

os Jacintos do Ceo: se os Jacintos são as Estrellas da terra, habito tem de Jacintos, quem o tem de Estrellas. Representaõ-se nas Estrellas as virtudes dos Santos: *Tanquam Stella*, e a hum Santo, em quem fizeraõ habito as virtudes, que Estrellas, ou Jacintos se lhe não dariaõ por habito: *Veste Hyacinthina*. Tambem no Racional de Araõ, habito que correspondia a este habito, se lhe ajuntava huma Estrella de ouro, que trazia no peito: *In medio*, diz Procopio, *habebat Stellam auream*. Habito com Estrellas no peito só Nicolao o teve. Por Joya de peito lhe prevenio o Ceo huma formosa Estrella, não só para guiar-lhe os passos, mas para inflamar-lhe os affectos; e se tambem são habitos as medalhas, direy eu, que ter medalha de Estrellas, he telhas no peito por habito: *Vestitum podere. Veste Hyacinthina*.

Vio mais S. Joãõ (vamos com o retrato) vio q̃ aperitava este homem o seu habito com huma correa, ou

cinto de ouro, que o cingia: *Præcinctum ad mammillas zona aurea*. Com huma aspera, e tosca correa se aperitava Nicolao, e se não era de ouro pela pobreza que professava: *Verus Christi pauper*, era mais que de ouro pelo valor das indulgencias que tinha. Correa emfim herdada daquelle pay, de quem podia Nicolao dizer, e dizia, que ainda que lhe vestia o habito, se não achava digno de lhe desfatar a correa: *Cujus non sum dignus corrigiam solvere*.

Os cabellos deste homem (diz S. Joãõ) eraõ arminhos de neve, e os seus olhos globos de fogo: *Capilli autem ejus erant tamquam nix, & oculi ejus tamquam flamma ignis*. Na neve dos cabellos se representava a pureza, assim do corpo, como da alma, e no lume dos olhos se via bem o fogo do coração. Tudo Nicolao teve: pureza até os cabellos, ou até nos mais leyes pensamentos, que nelles se representavaõ, porisso entre as Virgens o mais puro, e por

Virgo

Apo. 1.º v. 13.

In ejus Antiph.

Luc. 3.º v. 26.

ef.
af. V.
o. 9.
e. 25.
30.

Virgo à Deo electus, diz a sua Antifona. Até os olhos era tambem o amor de Nicolao: tinha os olhos em fogo; porque por elles os incendios de Deos Menino, que na hostia chegou a ver com os olhos: *Infantis specie Christum sibi arridentem conspexit*. Ou digamos que teve Nicolao nos olhos muito lume, pela virtude de alumiar a muitos, a quem deo vista nos olhos: *Visum signo Crucis multis restituit*.

Tinha este homem os pés como de bronze; e era como a voz de muitas agoas a sua voz: *Pedes ejus similes aurichalco, & vox illius tamquam vox aquarum multarum*. Voz, por quem as agoas se ouviraõ correr, foy a voz de Nicolao: ao imperio da sua voz se abriã na terra as fontes, e corriaõ as agoas. Tambem naquelles pés de bronze, ou no bronze daquelles pés, mostrava Nicolao a firmeza do seu animo, e se via o dom da sua fortaleza. Todo Nicolao a pezar dos estratagemas do demonio foy na perfeve-

rança da oraçaõ colūna imovel, e todo contra os rogos de hum sobrinho, q̄ o intentou perverter, foy na constancia dos jejuns, e penitencia, inexoravel colūna: *Nullis unquam aut blanditiis, aut terroribus, ut vita asperitatem minueret, adduci potuit*.

Finalmente na mão direita tinha este homem sete Estrellas: *In dextera sua Stellas septem*. Sahia-lhe da boca huma espada penetrante: *De ore ejus gladius acutus exhibat*, e no rosto lhe transluziaõ respaldadores do Sol: *Et facies ejus sicut Sol in virtute sua*. Eisahi a S. Nicolao. Tenha embora aquelle homem as Estrellas nas mãos; mas Nicolao, qual o ethereo firmamento, tem Estrellas ás mãos cheyas. As Estrellas estariaõ na mão daquelle homem; mas Nicolao tem mão até para nos dar Estrellas. Não ha Estrella boa, que não tenhamos por Nicolao. A espada na boca era a sua prégacaõ, e doutrina. Espada foy de deus foy, porque Nicolao a bu-

In ejus offic.

In ejus offic.

ma parte feria , e a outra farava : tinha fios para ferir cortando pelas culpas, e fios para farar curando as chagas. Via-se-lhe tambem o Sol no rosto ; mas quem o mimo foy das Estrellas, até ao mesmo Sol faria cara. Emfim era Nicolao a officina das luzes, e porisso foy o centro do mesmo Sol : *Sicut Sol in virtute sua.*

Oh valhame Deos ! Póde haver retrato mais perfeito de S. Nicolao ! Digamos logo, e concluamos: Se aquelle homem era semelhante a Christo, e se Nicolao he semelhante a este homem, he Nicolao hum homem, que por taõ semelhante he hum vivo retrato de Christo : *Vidi similem Filio hominis.* Mas sim, retrato he de Christo S. Nicolao, e porque ? Porque, ou a natureza se vio nelle excedida, ou quebradas nelle as Leys da mesma natureza.

Maravilha foy (não deixemos ainda aquelle homem) maravilha foy, que ardendo este homem em vivo fogo, S. Joaõ, que nelle o vio, o villo vivo. Nem

por outra razaõ elle mesmo affirmou que o estava (diz S. Joaõ) e naõ huma vez só, mas duas vezes: *Sum vivus*, Apoc. 1. v. 18 eis-ahi huma : *Et ecce sum vivus*, eis-ahi outra. E pois se o Evangelista o vio assim, para que lho diz este homem ? Mas porisso mesmo lho diz, porque o via. Via-se este homem ardendo todo em fogo, diz o Evangelista: todo fogo nos olhos: *Oculi ejus tamquam flamma ignis*, todo fogo nos pés: *Pedes ejus sicut in camino ardenti*, e na face todo fogo, porque em vivos rayos ardia nelle o Sol : *Sicut Sol in virtute sua.* Oh prodigio ! E que estando entre tanto fogo este homem, o veja S. Joaõ vivo ! Quero dizer que sendo natureza no fogo queimar tudo, e queimar a todos, este homem contra as Leys da natureza esteja no fogo vivo sem se queimar ? He isto huma maravilha taõ grande, he hum caso taõ incrivel, que S. Joaõ naõ basta para o crer que o veja, he necessario que este homem lho diga. Porisso diz que está vivo,

vivo, e não huma só vez, fenaõ duas: *Sum vivus, & ecce sum vivens.*

Divino Nicolao: huma abstinencia tão estreita, huma penitencia tão aspera, huma vida tão rigorosa, tão mortificada, e tão dura, isto que outra cousa he mais que fogo, e mais fogo? Fogo que abraza o corpo, fogo que consome a vida, fogo, que arruina as forças, fogo enfim que tudo destrõe, tudo aniquila, e tudo gasta: dizey-o vós: *Omnis vigor in eo elanguit.* E que sendo esta a natureza do fogo; quebre o fogo em vós as Leys da natureza! Oh homem o mais parecido todo ao do Apocalypse! Mas oh homem retrato o mais perfeito do mesmo Filho do homem: *Vidi similem Filio hominis.*

Emfim temos hum retrato de Christo a Nicolao, e isto porque nas asperezas da vida excedeo Nicolao as Leys da Natureza. Mas que glorioso excessõ! Ainda para a gloria do retrato ser mayor, observeo neste excessõ circumstancias de nova

gloria. Ora individuemolhe as açcoens, e o veremos. Por não quebrar S. Nicolao a sua abstinencia, teve a gloria grande de resuscitar aquella tão celebrada perdiz, que elle por abstinente não quiz comer. Ditosa Ave, depois de fobejo da morte, troféo glorioso da vida! Não se gloriê já a Feniz, de que no mundo he unica, porque Nicolao, depois de passar pelo fogo, fez resuscitar esta segunda Feniz. O prato foy o ninho, em que tomou as pennas depois de assada, não sey se por não ser vianda de Nicolao, ao fugir do prato, se foy com pena: *Resumptis illico pennis per fenestram advolavit.* Mais.

In ejus offic.

Por não quebrar a sua abstinencia, teve Nicolao a gloria de o visitar em huma doença mortal que teve, a Rainha do Ceo, a Virgem Senhora Nossa, e em remuneraçãõ do paõ, e agoa de tantos annos, a Senhora lhe ministrou por mezinha o mesmo paõ, e agoa. Aqui se lhe deo a bençaõ dos que chamamos bolõs de S. Nicolao,

colao, mezinha, que estando enfermo o farou a elle, e com que elle fara aos seus enfermos : *Deipara iussu imbutum aqua panis frustum degustans, extemplo valetudinem recepit.*

Por não quebrar finalmente a sua abstinencia, teve Nicolao a gloria, de que para o regalar com musicas o Ceo, lhe dêsem hum doce descante os Anjos, prelude daquelle estupendo favor, de que por seis mezes antes da sua morte lhe repetira o Ceo estas musicas, e estes descantes: *Auditum per sex menses concinentium Angelorum caeleste melos.*

Oh gloria grande a de Nicolao! Tudo isto Nicolao Divino, tudo são tintas, que a tal retrato dão hoje cores de mayor gloria. Vamos por partes. Huma musica se dá no Ceo a Nicolao, e musica Angelica, porque o foy de Anjos. Ahi temos a Nicolao semelhãte a Christo no Presépio. No Presépio, donde Christo nasceo, festejáraõ os Anjos o seu Nascimento, e lhe deraõ huma musica : *Multitudo*

militiae caelestis laudantium Deum. Era Belém Casa de abstinencia, porque era de paõ, e agoa : de agoa nas lagrimas do Menino Deos ; e de paõ nas interpretações da mesma casa : *Domus panis interpretatur.* E deraõ-se nesta Casa a Christo musicas de Anjos, porque donde a abstinencia mortifica, o Ceo regala. Era de abstinencia a Casa de Belém, e ahi donde faltavaõ os regalos da terra, quiz Deos que superabundaem as delicias do Ceo : *Multitudo militiae Caelestis.*

Musicas dá o Ceo a Christo, e a Nicolao, mas ainda com circumstancias mais a favor de Nicolao, do que de Christo. A musica, que se deo a Christo, seria grande, mas foy só huma; a musica que se deo a Nicolao, não só foy grande, mas repetida. A musica que se deo a Christo foy huma noite só, e não mais; a musica que se deo a Nicolao foy por seis mezes, e em todas as noites. Oh que favorecida foy do Ceo a abstinencia de Christo? Mas oh quanto mais favore-

vore-

vorecida a abstinencia de Nicolao ! Vamos adiante.

Resuscitou Nicolao a sua perdiz , e logo que a resuscitou a mandou voar : *Per fenestram advolavit*. Mas oh prodigio ! Nos mesmos voos da perdiz tomou azas para voar a fama de Nicolao. Voou a Ave , e o milagre tambem voou : voou para os affombros , voou para os applausos , e porque nem nos entendimentos coube , atè voou sobre os entendimentos. Grande Santo ! Fazer milagres , muitos tiveraõ esse dom ; mas fazellos , e lançallos á voar , isso só o faz hum Santo , que sobre os mais Santos voa. Aqui temos a Nicolao semelhante a Christo no sepulchro.

Entre as cinzas da morte resuscitou no sepulchro a Fenix da divindade. Texto de Christo he por boca de Job , que o Senhor foy Fenix na Resurreiçaõ , e que resuscitou como Fenix : *Sicut palma. Sicut Phœnix*. Mas notay , que se bem resuscitou tornando á vida , tambem resuscitou dando ás azas. Voou esta Fenix , e

Tom. IV.

affim voou , que do sepulchro desapparecco : *Surrexit , non est hic*. Mas saõ milagres grandes , e não só voaõ , quando se fazem , mas desapparecem , quãdo voaõ : voaõ , porque se não pôdem alcançar ; desapparecem , porque se não chegaõ a cõprehender : voaõ , porque fogem dos olhos , desapparecem , porque transcendem os entendimentos. Porisso neste milagre de Christo voa a Fenix : *Non est hic* , e no de Nicolao a perdiz tambem voa : *Per fenestram advolavit*.

Em conclusaõ , paõ , e agoa deo a Rainha dos Anjos a Nicolao , e nelle a bençaõ dos seus bolinhos , milagrosas reliquias , de quem soube viver tanto a paõ , e agoa. Aqui temos a S. Nicolao semelhante a Christo no Sacramento. Em paõ , e vinho se Sacramentou alli Christo : e em paõ , e agoa se Sacramentou Nicolao. Mas oh admiracãõ ! O que Christo faz em ordem a nós no paõ , e vinho do Sacramento , faz sacramentado Nicolao no seu paõ , e agoa. Parece que

Y

por

por hum bolo de S. Nicolao se póde dizer hoje o que daquelle Sacramento diz David: *Memoriam fecit mirabilium suororum.* He o paõ do Sacramento huma cifra dos milagres de Christo: he hum bolo de Nicolao hum compendio dos mayores milagres. Arde hum incendio, e com hum bolo de S. Nicolao cessou o fogo. Fundem-se os mares, e com hum bolo de S. Nicolao parou o vento. Morreo hum enfermo, e com hum bolo de S. Nicolao acabou o mal. Valha-te Deos por bolo, que todo para os milagres es Sacramento: Sacramento, porque livras da morte: *Si quis ipso manducet, non moriatur:* Sacramento, porque communicas a vida: *Qui manducat hunc panem, vivet:* Sacramento, porque nos dás saude: *Totum se nobis contulit ad salutem:* Sacramento emfim, porque dás nos perigos seguro, dás nos rralhos descanso; dás nas affiçoens alivio, dás nas tempestades porto: he finalmente hum bolo de Nicolao hum Sacramento, por-

que em materia de milagres ninguem mais senhor do bolo: Sacramento que para tudo he, porque he dulcissimo manná, que sabe a tudo: *Omne delectamentum in se habentem.*

Oh grãde Nicolao, naõ he ma só vez retrato de Christo, mas muitas vezes! Parecido huma vez a Christo no Presepio, parecido outra vez a Christo no sepulchro, e outra vez parecido com Christo no Sacramento. Mas justo he, Nicolao Divino, que assim se retrate em Christo hum Santo, que deixando a natureza excedida, vence os mayores Santos da Ley da Natureza: nem podia deixar de lhe ficarem todos atraz, quem assim imitando a Christo se adianta a todos: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te. Ut veteranos quique omni virtutum genere ante iret.*

II. PONTO.

EStamos na següda parte do Sermaõ. Retrato he de Christo S. Nicolao por

por exceder os Santos da Ley da Natureza : e naõ menos he retrato de Christo por exceder os Santos da Ley Escrita. Toda a gloria, e a grandeza toda destes, que na Ley Escrita foraõ Santos, em que cuidais que lha debuxou o Ceo ? Em huma Estrella, alto jeroglifico da pessoa do Messias, que sendo por excellencia Sol, quiz na Casa de Jacob nascer Estrella : *Orietur Stella ex Jacob*. De maneira, que a felicidade, e dita grande; a grandeza mayor, e a mayor gloria destes antigos, e grandes Santos, o em que esteve, foy na Estrella boa, que o Ceo lhes deo : naõ só tiveraõ Estrella de Santos, mas foraõ Santos com boa Estrella : *Stella ex Jacob* : explica Hugo : *Christus ex Judæis secundum carnem*. Val o mesmo que dizer : *Tamquam Stella*.

Divino Nicolao ! Naõ posso (ainda que queira) naõ posso dizer por hora, que a vossa Estrella será mayor ; mas a ferem nella as circunstancias taõ relevantes, di-

rey, que ou ella vos mostra mayor a vós, ou vós me pareceis mayor por ella. Ora combinemos (precisa só a razaõ de ter, ou naõ ter Estrella) combinemos huma com outra, e avaliemos aquelles Santos com este Santo. Teve huma Estrella Nicolao, e teve Jacob outra Estrella. Mas que ? A de Jacob foy Estrella, que para todos nasceo : foy hum favor, em que todos tiveraõ sua parte, porque foy commum, e geral para todos :

Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem. A de Joann. 1. v. 9.

Nicolao naõ só foy Estrella sua, mas foy para elle só : foy hum favor especial, que o Ceo lhe fez, e quanto para elle mais especial, mayor favor : *Singulari Stellæ apparitione* (notay o singulari) *monstravit Deus*. Deo-

fe aquella Estrella a Jacob, mas foy depois de ser muitos seculos pertendida. A Nicolao se deo outra Estrella, mas deo-se-lhe sem nunca ser esperada : aquella veyo em despacho de muitos suspiros : *O' utinam*, csta só em testemunho de grã-

Ibid.

des merecimentos : *Ejus sanctitatem, ac miraculorū virtutem monstravit.* Emfim, digamolo de huma vez: a Estrella de Jacob prometteo-se antes de se lograr, a de Nicolao logrou-se sem se lhe prometter : aquella deo-se a Jacob por huma vez sómente, esta deo-se a Nicolao, naõ por huma, mas por muitas vezes. Toda a vez, que Nicolao fahia para o coro, ou a Estrella lhe seguia os passos, ou elle os passos da Estrella; guiava esta a Nicolao, e firmando no ar o trono da sua luz, se via firme, ou sobre o Oratorio, em que o Santo orava, ou sobre o mesmo Altar, em que dizia Missa : *Ad altare, ubi rem divinam facere, ac precari solebat, diz a Igreja, sidus vidit consistere.* Oh grande excessõ ! Seria grande a Estrella de Jacob; mas que notavel a Estrella de Nicolao ! Aquella faria grandes os Santos da Ley Escrita; mas esta quanto ás circumstancias faz mayor a Nicolao que os mais Santos. Ora notay, que para admirares a mayo-

Ibid.

ria, tudo vereis nos influxos de huma, e outra Estrella. Comecemos por Jacob.

Por Estrella sua, os Tribus Santos, de quem Jacob foy ascendente, e sobiraõ ás Estrellas por Santos, ou por Santos se transformariaõ Estrellas. Nem por outra razã as Estrellas da mulher do Apocalypse seriaõ doze : *Stellarum duodecim.* Apoc. 12.v. 1. Como a cada Tribu (diz Ruperto) correspondia huma Estrella, figuravaõ-se nas doze Estrellas os doze Tribus : *Duodecim Stellæ Tribus sunt duodecim Israel.* Rupert apud Sylv in Apoc. t. 2. cap. 12.v. 1 q 19. Oh Nicolao mais que todos grande ! Se cada Tribu tinha alli huma Estrella, em que se figurava, Nicolao encerrando em si as virtudes dos Tribus todos, teve a Estrella de equivaler, sendo huma, a muitas Estrellas. Póde haver grandeza mayor? Ora observay os nomes dos Tribus, e vede nelles a Nicolao. Eraõ os Tribus doze : o Tribu de *Judà*, o de *Rubem*, o de *Gad*, o de *Aser*, de *Nephthali*, e de *Manasses*. Eis-ahi seis. O Tribu

Tribu de *Simeon*, o de *Levi*, o de *Issachar*, de *Zabulon*, de *Joseph*, e de *Benjamim*. Eis-ahi doze. E teria S. Nicolao isto tudo? Sim, e tudo por força da sua Estrella. Vede: foy Nicolao Estrella na oração, e Estrella fixa, porque nella já mais cessou, nem parou em louvar a Deos. Isto diz no Tribu primeiro o nome de *Judá*: id est, *Laudatio*. Foy Estrella na vigilancia, porque o seu cuidado todo foy olhar, e cuidar sempre no bem das almas. Isto diz no segundo nome de *Rubem*: id est, *Videns filios*. Foy Estrella na felicidade, porque foy o arbitro, e dispensheiro das boas Estrellas. Isto diz no terceiro nome de *Gad*: id est, *Felix*. Finalmente Estrella, porque vivendo no mundo, mais vivia no Ceo, do que na terra: esquecido da terra, que isto quer dizer *Manasses*: id est, *Oblivio*; e metido no Ceo, que isto diz tambem *Aser*: id est, *Beatitudo*. Ou digamos, que na latidaõ amplissima do seu espirito era Estrella taõ

grande, que se lá estava no Ceo, cá enchia a terra. Isto quer dizer *Nephtali*: id est, *Latitudo*. Em conclusaõ, na attençaõ, com que as vozes, porque Deos o chamava, foy Estrella como *Simeon*: id est, *Audiens*. Nos raptos suavissimos, com que sobia a intimar-se com Deos, Estrella como *Levi*: id est, *Assumptus*. Nos favores, e mimos, que o Ceo lhe fez, Estrella como *Issachar*: id est, *Merces*. Na fortaleza, com que resistia ao inferno que o perseguia, Estrella como *Zabulon*: id est, *Fortitudo*. E finalmente no augmento da santidade, em que sempre cresceo, e na gloria com que sobia á mão direita de Deos, e tem para os prodigios que sempre faz, a sua mão direita Estrella como *Joseph*, e Estrella como *Benjamim*; como *Joseph*: *Filius accrescen*, e como *Benjamim*: *Filius dexteræ*.

Vedes os Tribus todos em hum só homem? Vedes os Santos todos em hum só Santo? Vedes as Estrellas todas em huma só Estrella?

Ora vede se deixará a todos atraz, quem sendo hum só, equival por todos, ou para o dizermos de huma vez, vede se será retrato de Christo hum Santo, que por equivaler a todos nas perfeições, encerra as perfeições de todos os Santos. Tal he Nicolao, e porisso por equivocação retrato do mesmo Christo.

Que opiniaõ tinhaõ delle os homens (pergunta Christo aos seus Discipulos : *Quem dicunt homines esse Filium hominis ?* Respondem elles, e dizem : *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex Prophetis.* Senhor dizem os Discipulos : huns affirmaõ que fois o Bautista, outros que fois Elias, dizem outros, que fois Jeremias, e finalmente os mais, que fois Profeta, ou algum dos Profetas. No meyo pois de taõ diferentes opinioens, Pedro que na matéria tinha voto, levantou a voz, e que diria : *Tu es Christus Filius Dei vivi.* O que eu digo, Senhor, diz Pedro, he que

vós fois Filho de Deos vivo. Notavel confissão ! Chamar a Christo Deos, e Filho de Deos, he mostrar, que ninguém o iguala, porque como Deos (sabem já) não ha ninguem : *Domine Deus,* diz David, *non est quis similis sit tibi.* E pois donde infere Pedro este excessõ, ou esta mayoria de Christo ? Donde ? Das premillas que ouvira antes, e infere bem. Vio Pedro que sendo Christo huma Estrella só, encerrava as perfeições de todas as mais Estrellas. Era Estrella na grandeza, porque se dizia ser o Bautista : *Alii Joannem Baptistam.* Estrella no amor, e zelo, porque se dizia que era Elias : *Alii autem Eliam.* Estrella na humildade, e compaixão, porque se dizia ser Jeremias : *Alii vero Jeremiam.* E finalmente, todo por virtude, e por santidade Estrella : porque entre os Profetas se dizia tambem Profeta : *Aut unum ex Prophetis.* E recopilarem-se, diz Pedro, as Estrellas todas em huma só Estrella : ser Christo Estrella, e conter em si

Matth
16 v.
13. &
14.

Ibid. v.
16.

as perfeiçoens, e luzes das mais Estrellas: isto (diz elle) se o ser Deos he não ter igual, Christo, que a todos excede; e tem as perfeições de todos, digo, que he Deos, e Filho de Deos: *Tu es Christus Filius Dei vivi.*

Não posso dizer, que será hum Deos S. Nicolao, isso não, mas digo, que exceder os Santos todos da Ley escrita, e ter, ou conter em si as perfeiçoens todas daquelles Santos, isto fenaõ he ser Deos, he ser hum retrato de Deos. Mas para vermos este retrato á melhor luz, Estrella teve Christo, e mais Nicolao: tornemos a esta, confrimamos huma Estrella com outra Estrella.

Observada por hum Varão de grande virtude a Estrella de S. Nicolao (cujo favor do Ceo lhe revelou, e communicou elle) o que neste caso disse o grande Varão, que cuidais que foy? Que sepultado, diz elle, no mesmo lugar da Estrella o corpo de Nicolao: *Illic corpus ejus conderetur*, a Es-

trella faria patentes a todos os seus milagres: *Multa ibi patrandamiracula*, e allitraria á sua presença as adoraçoens, e veneraçoens de todos: *Venturos undique In ejus offic. populos sanitatis impetrande causa ipsius tumulum veneraturos.* Vedes o que foy para Nicolao a sua Estrella? Ora vede o que achais agora em Christo.

Nasceo Christo em Belêm; e logo que nasceo na terra, a sua Estrella appareceo no Ceo: emfim, nasceo, e nasceo com Estrella: *Vidimus Stellam ejus.* Mas que Estrella de Christo foy esta, ou que alcançou, e teve o Senhor por esta Estrella? Tudo direy: Chegou ao portal a Estrella, diz S. Matheus, e suspendida sobre o mesmo Portal: *Suprà ubi erat puer*, allise fez mostrador glorioso dos milagres mais estupendos, que já mais obrou a Graça, nem vio a Natureza. Allimostrou, q̄ na milagrosa uniaõ de corpo, alma, e divindade, se admiravaõ no Verbo encarnado tres substancias em hum só supposto. Allise

se vio, que na pessoa ineffavel do Senhor se achavaõ duas naturezas com huma só subsistencia, e não menos; que fazendo-se carne aquelle Verbo, que he a mesma cousa com o Pay, e com o Espirito Santo, se não fizesse juntamente carne, nem o Espirito Santo, nem o Pay. Finalmente mostrou alli, que nascendo Deos de Maria, Maria considerando o ser Mãy, e o ser Virgem, se fez Mãy gloriosa do mesmo Deos. Até aqui, e não mais milagres! Mas á vista destes milagres, que vos parece que faria a Estrella? Que? Deo a conhecer por Deos a Christo, e nos Reys, que trouxe á sua presenca, lhe trouxe as primicias das adoraçoens, que todos lhe deviaõ como a Deos: *Et intrantes invennerunt puerum, & adoraverunt eum.* Oh Estrella muitas vezes admiravel! Mas se esta foy a Estrella de Christo, que outra vos parece a de Nicolao?

A Estrella de Christo ascentou o trono da sua luz sobre o berço do mesmo

Christo: *Suprà ubi erat puer.* A Estrella de Nicolao firmou a pompa do seu resplendor sobre o mesmo tumulto de Nicolao: *Ubi corpus ejus conderetur;* ^{11.} verdade he, que hum era tumulto, e outro berço; mas no sentir de Job, nada vay do berço ao tumulto: *De utero translatus ad tumulum.* Se não dizemos, que berço era o tumulto de Nicolao: tumulto para elle de cinzas, e berço para nós de venturas. A Estrella de Christo, indice foy glorioso dos milagres de Christo: tudo, o que no Portal mostrou, foraõ milagres. Tambem no tumulto de Nicolao, officina que foy de milagres, e mais milagres, o seu mostrador foy a sua Estrella: *Multa ibi patranda miracula.* A Estrella de Christo, ao mesmo berço do seu Nascimento lhe trouxe as adoraçoens dos homens: *Venimus adorare eum.* A Estrella de Nicolao, nos muitos povos, que tambem lhe trouxe, trouxe tambem muitos para as adoraçoens: *Venturos undique populos ejus*

ejus tumulum veneraturos. Por Nicolao se podia aqui dizer, ou pela Estrella de Nicolao, o que de Christo se diz pela sua Estrella: *Vidimus Stellam ejus, & venimus adorare eum.* Finalmente os homens por aquella Estrella adoraraõ a hum Deos feito homem, e Nicolao pela Estrella, e adoraçoens que teve, sendo homem pareceo hum Deos. A adoraçaõ de rigor, sabemos, se deve só a Deos, e naõ mais; mas a ser Nicolao adorado por força da Estrella, se naõ he Deos na realidade, tem Estrella de quem he Deos. Oh grande Estrella a de Christo! Oh Estrella tambem grande a de Nicolao! Diga embora S. Paulo, que as Estrellas todas differem entre si: *Stella à Stella differt*; mas entre Nicolao, e Christo, naõ parece ha differença de Estrella a Estrella.

Nem por outra razaõ a Estrella do Senhor, diz S. Mattheus, se chamou especialmente sua: *Stellam ejus.* Taõ parecidas saõ a de Christo, e a de Nicolao, que

por se naõ entender, era esta a de Nicolao, o Ceo se acautelou, e lhe chamou de Christo: *Stellam ejus.* Ou digamos, que por ser Nicolao hum retrato cabal de Christo, o mesmo Ceo quiz mostrar era Estrella de Christo a Estrella de Nicolao: Estrella, que creando a Christo para a dar a Nicolao, elle a tinha por sua propria, ou a fazia chamar propriamente sua: *Stellam ejus*

Mas se Nicolao por força de Estrella he hum retrato do mesmo Christo; a ser Nicolao tal retrato, que gloria haverá mayor, nem que melhor (emfim retrato de Christo) por exceder os Santos da Ley da Natureza, e retrato de Christo, por exceder os Santos da Ley Escrita. Mas que muito que a todos hoje deixe atraz; quem por se equivocar com Christo se adianta a todos: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te. Ut veteranos quoque omni virtutum genere anteciret.*

III. PONTO.

EM conclusão, vejamos exceder Nicolao os Santos da Ley da Graea, e como tal, por transformação retrato do mesmo Christo. Já fey, que na Ley da Graça ha Santos taõ grandes, que com elles se não praticaõ excessos na fantidade. Mas que dirá, quem na morte, antes da morte, e depois da morte, vir em S. Nicolao tais prodigios, que lhe fiquem a perder de vista os mayores Santos? Qual dos Santos da Ley da Graça mereceo, que antes da sua morte o viesse visitar a Mãy de Deos, e entre as ternas palavras da sua boca, lhe ouvisse o nome ternissimo, e suavissimo de filho, senão Nicolao? Assim lhe chamou a Senhora: *Nicolaus electus filius, & dilectus*. Este foy S. Nicolao antes da morte. Qual dos Santos da Ley da Graça mereceo, que no mesmo tempo de morrer, o viesse em pessoa buscar o proprio Christo, e canonizando-o de servo fiel, e

bom. *Euge serve bone, & fidelis*, a mesma gloria se lhe meteo em casa, ou o Senhor levou em braços para a sua gloria: *Intra in gaudiū Domini tui*. Este foy S. Nicolao na morte. E finalmente, qual dos Santos da Ley da Graça (partidos na sepultura os braços, que a devoção lhe queria cortar por reliquia) chegou a lançar sangue vivo aos quarenta annos depois de morto? E ainda hoje nas afflicções, que estão para vir á Igreja, os braços de S. Nicolao se vem suar, e destillar sangue. Este he Nicolao depois da morte. Oh successos admiráveis! Oh casos estupendos! Em breve os diremos por partes, e Nicolao excedendo aqui a todos, ou Christo se verá todo nelle, ou elle transformado todo em Christo.

Filho por eleição (vamos com Nicolao antes da morte) filho eleito, e por amor todo filho, chamou a S. Nicolao a ternura da Mãy de Deos: *Electus filius, & dilectus*. Valha-me o Ceo! E que será Nicolao á vista de

de tal favor? Filho da Virgem, e pela sua boca aclamado, e chamado filho? Vede o que Nicolao ferà entre os Santos, e vede o que a respeito de Christo ferà tambem Nicolao? Filho da Senhora se fez ao pé da Cruz o Sagrado Evangelista: *Ecce filius tuus*. Notavel favor! Mas delle que se seguia? O mesmo que em S. Nicolao admiramos. Seguiu-se fer o Evangelista huma sombra de Christo, e seguio-se, que entre os maiores Santos, a todos o Evangelista fez sombra. He o que no sentir de Santo Agostinho meu Padre dizem aquellas palavras de David: *Operuit montes umbrae jus*. Eis-alli o Evangelista, que delle entende Santo Agostinho estas palavras. Eis-alli o Evangelista huma sombra de Christo: *Umbra ejus*; e eis-alli coroados os Santos com huma sombra do Evangelista: *Operuit montes*. Oh gloria grande! Ter a Maria por Mãe, ser filho, ou chamar-se filho da Mãe de Deos. Não ferà, (porque não póde ser tanto) não fe-

rà ter de Christo as realidades, mas he exceder a todos, e retratar-se em Christo. Melhor o direy, e troquemos aqui hum João por outro João: do Evangelista passemos para o Bautista.

Non surrexit maior Joanne Baptista, diz do seu Precursor o Filho de Deos. Haja embora na minha Igreja muitos, e muy grandes Santos, diz o Senhor, mas entre todos o que he mayor, sabeis qual he? He o meu Bautista: *Non surrexit maior*. Grande Santo! Mas não parando aqui, passou a mais. Aparece no mundo o Bautista, e taõ transformado em Christo na opiniaõ geral de todos, que Jerusalem sabendo do Bautista, mandou perguntar, se era Christo: *Tu es qui venturus es*? E Herodes vendo a Christo affirmou que era o Bautista: *Hic est Joannes Baptista*. Caso notavel! E que tem (pergunto agora) que tem o Bautista, para que na opiniaõ do mundo tenha sombras de Christo? E que tem o Bautista para que na opiniaõ de Christo,

aos Santos todos faça sombra? Que tem? O reputar-se no mundo por filho glorioso da Mãe de Deos. He o que o Anjo disse do mesmo Bautista: *Spiritu Sancto replebitur adhuc ex utero matris sue*. Ha de vir o Espirito Santo sobre o Bautista, diz o Anjo. Mas da onde? Lá do ventre de sua Mãe: *Ex utero matris sue*. Notavel dizer! E pois o Espirito Santo, e a graça do Espirito Santo, o ventre de que veyo ao Bautista, e para o Bautista, não foy o ventre da Mãe de Deos? Sim. Mas chama-se este ventre o ventre de sua Mãe: *Matris sue*, porque tambem a Mãe de Deos foy Mãe do Bautista, e tambem o Bautista filho glorioso da Mãe de Deos. He o que diz Chrysostomo em palavras expressas: *Joannes Baptista*, diz o Padre, *fuit filius Virginis*. De maneira (torno a dizer) que por filho da Virgem se reputou no mundo, e avaliou o Bautista. Pois alto (digamos logo) Santo he, que tem sombras de Christo, e Santo,

q̄ aos mais Santos faz sombra. O Bautista filho da Virgem, diz Christo: este he o mayor dos homens: *Non surrexit maior*. O Bautista filho da Virgem, dizem os homens, este he a mesma cousa com Christo: *Ne forte ipse esset Christus*.

Eis-ahi, não sey se com mayores ventagens, a Nicolao. Filhos foraõ da Senhora, assim o Evangelista, como o Bautista, mas nem ao Bautista, nem o Evangelista a Senhora chamou nunca filhos. Filho por boca da Senhora, esse favor só para Nicolao se guarda, esse mimo só para Nicolao se reserva: *Nicolaus electus filius*. Notay os dous ternissimos encomios, que a Senhora lhe dà: *Electus filius*: & *dilectus*. Filho lhe chama: *Filius*, e filho com duas prerogativas, com a prerogativa de escolhido: *Filius electus*, e com a prerogativa de amado: *Dilectus filius*. Oh mimo singular! Filho escolhido: *Electus*; prerogativa he, que a Christo Filho seu da a Senhora: *Electus ex millibus*.

Filho

Filho amado, *Dilectus*: tambem he prerogativa, que a Senhora da só a Christo: *Dilectus meus*. Não pode Maria dar as realidades de Christo a Nicolao, mas se lhe não deo as realidades, mostrou, que lhe dava as estimações: *Electus filius, & dilectus*. Oh Virgem Maria! Se em tais mimos excede Nicolao àquelles Santos, que a todos exceedem; direy eu, que quem vence ao vencedor, a todos vence. Mayor que todos he, e transformado em Christo se adianta a todos.

Mas se este he Nicolao antes da morte a favores de Maria, na morte q̄ será Nicolao a beneficios de Christo? Entra S. Nicolao em artigo de morte: Occaso, em que este Sol da Santidade, quando para nós se punha, para Deos nascia. Berço, e tumulto juntamente; pois donde o que para o múdo se sepultava homem, para o Ceo renascia Anjo. Emfim, morre Nicolao, e ainda que à custa das faudas da terra, la se vay mais este Serafim para o Ceo. Ap-

parece-lhe neste caso o mesmo Christo em pessoa, e que lhe diria? O que ouvistes ja, e tornareis a ouvir: *Euge serve bone, & fidelis*, diz o Senhor, *intra in gaudium Domini tui*. Oh que divinas palavras! Servo lhe chama Christo, e servo fiel, e bom: *Serve bone, & fidelis*. Não sey se foy la metello no Commum dos Santos, ou se para a sua reza se lhe deo aqui huma Antifona do commum: o que sey he, que se o Pontifice da Igreja se chama servo dos servos de Deos, Christo, que chama servo a Nicolao, lhe dà nos mesmos Pontifices os seus proprios Vigarios por servos. Tambem sey, que se Christo tomou no mundo a fôrma de servo, diz S. Paulo: *Formam servi accipiens*, o Senhor, que a Nicolao chama servo, mostra, que retratado nelle, tem nelle a tua fôrma: *Formam servi*. Emfim, tomou o Senhor a fôrma de servo, e o servo tem a fôrma do Senhor. Oh grande Santo! Balte por gloria de hum servo bom, o dizer-se, que sendo

iendo servo, he hum retrato de feu Senhor: *Sufficit servo*, diz Christo, *ut sit, sicut Dominus ejus.*

Mas sobre a excellencia de servo, ainda Christo lhe dá mais duas excellencias: he servo bom, diz o Senhor: *Serve bone*, e he servo fiel: *Et fidelis*. Fiel lhe chama, porque na negociação dos talentos, que o Senhor lhe deo: *Quinque talenta*, Nicolao não tratou tanto de si, como de feu Senhor: *Ecce alia quinque*. E chama-lhe tambem bom: *Bone*, ou para mostrar, que com o feu bom exemplo a todos fizera bons; porque *Bonum est diffusivum sui*; ou porque o ser elle em todas as virtudes perfeito, o ser elle em todas as perfeições consummado, era só ser bom por excellencia, e porisso justamente chamado bom: *Bonum, non nisi ex integra causa*.

Se não dizemos, que lhe chamou servo fiel, e bom, para mostrar, que não estava longe de o retratar em si, que o mesmo, que tinha, lhe dava. Chama-lhe servo,

porque tinha a sua fórma: *Formam servi*. Chama-lhe bom, porque este nome o tem Deos ab intrinseco: *Deus bonus, & optimus*; e chama-lhe fiel, nome que tambem he proprio, e conatural a Deos: *Deus autem fidelis est*. Diz S. Paulo. E veyo Nicolao a ficar, se não hum Deos na realidade, hum como Deos nos attributos; huma copia, hum retrato, e huma Imagem do mesmo Deos.

Neste caso (prodigio grande) canonizado assim o servo do Senhor: *Serve bone, & fidelis*, e chegado o tempo, em que a merecimento tal havia de responder o Ceo com o devido premio: de improvizo se abrião os Ceos, se rasgariaõ as nuvens, se romperiaõ as esferas, baixariaõ Anjos, vieraõ Serafins, desceraõ Bemaventurados, e como se o Ceo neste dia se tresludara para a terra, ficou na terra a Cella de Nicolao transformada em hum Ceo. No tempo pois, em que naquella ditosa Cella as musicas se confundiaõ com lagrimas,

grimas, e com suspiros os vivas : vivas , que proferiaõ os Anjos , e suspiros , que respondiaõ os homens : musicas , que suavizavaõ o Ceo , e lagrimas , que inundavaõ a terra : Nicolao (valha-me Deos) affittido de Christo Senhor nõsso , acompanhado da Virgem nõssa Senhora , e naõ menos do seu grande Padre , e Padre tambem meo Santo Agostinho , exhalou (oh ditosa morte) exhalou aquelle espirito bemitissimo , que tendo alli a gloria de entregar-se nos braços do Senhor , o Senhor o levou em braços para o logro da sua gloria : *Iniram gaudiũ Domini tui.* Oh Nicolao , entre os mayores Santos o mayor ! Nos favores do Senhor do Ceo a todos preferido , e porisso , se na realidade fervo , nas regalias Senhor.

Em conclusaõ : tambem depois da morte , Nicolao excedendo a todos , se retrata elle em Christo , e Christo nelle. Sangue vivo lançaraõ aos quarenta annos da sua morte os braços de Nicolao , e ainda nas affi-

çoens , que a Igreja padece , os seus braços se vem hoje suar sangue : gottas de sangue lhe custa a Nicolao a Igreja. Oh sangue generoso ! Naõ he fraqueza em Nicolao suarem os seus braços sangue , he fim mostrar este sangue , que para defender a Igreja ainda Nicolao tem braços. Columnas forraõ da Igreja os Santos da Ley da Graça , mas para a sustentar firme , sãõ estes braços as melhores colunas : columnas de jaspe , porque com veas de sangue. Emfim , deixemos-lhe os braços ; porque Nicolao os naõ dá a torcer facilmente. O sangue seguiremos , e nelle mostrará Nicolao , o que sempre he. Lançaõ ainda mortos sangue vivo os braços de Nicolao. Nas arterias da morte pulsava nelles o sangue com vida. Grande Santor ! Se já naõ foy alheyo de hum Deos o tomar sangue , este sangue de Nicolao (a naõ obstar a fê) o fizera crêr Deos. Vamos á Escritura , e concluamos.

Rompê huma lanca na Cruz o peito de Christo . e
ao g.c.l-

ao golpe da lança responde o triunfo mayor da sua Divindade : *Verè Filius Dei erat iste*. Brado foy, que a lançada deo, dizem os Padres, porque o mesmo, que lhe meteo a lança, cantou o triunfo : *Ille est*, diz hum Expositor, *qui dixit : Verè Filius Dei erat iste*. Supposto isto, pergunto : Se este triunfo da Divindade ha de responder aqui ao golpe de huma ferida, porque mais he na ferida da lança, que nas dos cravos ? Melhor direy : Ferirão a Christo os cravos, e mais a lança : os cravos estando vivo, e a lança estando morto : e se a morte he repugnante á Divindade, o triunfo porque não respondeo aos cravos, senão á lança ? Porisso mesmo, e pelo mais que direy. O sangue dos cravos foy sangue de hum corpo vivo, o sangue da lança foy sangue de hum corpo morto : e dar sangue hum corpo vivo, isso he ordinario, mas que hum corpo morto dé sangue ! Que saya sangue vivo de

hum cadaver morto ! Isto assim he proprio de hum Deos com sangue de homem, que he o mesmo ver-se este sangue, que acclamar-se logo Christo por homem Deos : *Verè filius Dei era iste*.

Eis-ahi o que passa no sangue de Christo, e eis-ahi o que mostra o sangue de Nicolao : o de Christo, como sangue vivo em corpo morto, fez que o ser que tinha de Deos desse nelle brado ; o de Nicolao, que tambem depois de morto correo vivo, que brado, e demonstraçoens não dará, de que parece Deos ? Oh milagroso sangue ! Milagroso o de Christo, não só porque correo na Cruz, mas porque ainda corre na Mesa do Sacramento : *Imò ipse sanguis*, diz Ludolfo, *quem quotidie sumimus* : o de Nicolao milagroso não só, porque correo da sepultura, mas porque a favor da Igreja he sangue, que ainda corre. Na Mesa do Sacramento ; hum rio de milagres : *Perennes effluunt*, diz S. Cypriano ;

Ref.
Sylv.
bic.

no de Nicolao são os milagres tantos, e para todos tão correntes, que nelle correm a rios. O de Christo logo que correo, deo vista nos olhos, a quem lho tirou do peito: *Illuminatus est*, diz Santo Ifidoro, *intus & foris*; o de Nicolao ao mesmo, que lhe cortou os braços, e tirou o fangue, fez abrir os olhos. Finalmente, tudo são milagres no fangue de Christo, e milagres tudo no de Nicolao; e se Nicolao não só na morte, mas antes da morte, he hum retrato de Christo, justamente deixa todos atraz como vencidos, quem por ser hum Deos por graça se adianta a todos: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te. Ut veteranos quoque omni virtutum genere anteiret.*

Acabey, inclyto Nicolao meo, e Santo muitas vezes glorioso, e ineffavel. Acabey, e não acabara nunca, se pudera nunca acabar. Mas á vista dos prodigios da vossa inimitavel santidade, justamente def-

mayado o juizo, para a penna, e justamente desanimado o discurso, calla a lingua. Não digo mais, e será melhor, por offender-vos menos. Digo só, que como retrato glorioso que sois de hum maravilhoso excelso dos Santos todos, excedeis os Santos da Ley da Natureza, excedeis os Santos da Ley Escrita, e excedeis os Santos da Ley da Graça. No primeiro excesso sois hum retrato de Christo por imitação: no segundo hum retrato de Christo por equivocação; e no terceiro hum retrato de Christo por transformação: Santo emfim, que por exceder a todos os Santos, vos assemelhai a Christo, vos equivocais com Christo, e vos transformaes em Christo. Não ha grandeza, nem para desculpar a minha limitação mayor escusa.

Recebey agora (oh prodigiosissimo Nicolao) recebey, em lugar de humildes discursos, reverentes affectos; e fazendo accitação do amor, com que de-

sejey dizer de vós, o que não posso dizer, vos peço, que ponhais os olhos em que sois, por filho de Agostinho, irmão nosso; e fazey, que seguindo como podermos o vosso exemplo, nos pareçamos em tudo como irmãos. Pay

fois, e irmão juntamente, mas se como irmão deveis entrar conosco à partilha dos bens da graça, como pay não podeis negar-nos a benção para a herança de Deos à eterna gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ
 D O
 AMOROSISSIMO CORAC,AM
 DA SERAFICA MADRE, E GLORIOSA VIRGEM
 S^{TA.} T H E R E Z A
 D E J E S U S.

P R E G A D O

No Convento de N. Senhora dos Remedios
 de Carmelitas Descalços na Cidade de
 Evora.

Et accipientes lampades. Matth. 25.

SEja embora (oh Thereza excelsa, e soberana) seja embora, que a David se désse hum coração abrazado : *Inflammatum est cor meum.* Seja, que lograsse Salamaõ hum coração entendido : *Cor sapiens, & intelligens;* e seja, que por ter hum coração brando, se resentisse o E-

poso de ferido no coração : *Vulnerasti cor meum.* Mas vós, oh coração ineffavel de Thereza! Alma da ternura, officina do amor, fragoa da fineza, e victima da caridade. Vós, digo, tomando dos coraçoes de todos a parte melhor, imitais a todos, e sois como nenhum. Abrazado sim, e por

illo coração, como o de David : *Inflammatum est*. Entendido fim , e porisso coração , como o de Salamaõ : *Cor intelligens*. Resentido finalmente , e brando , e porisso coração , como o do Esposo : *Vulnerasti cor meum*.

Lá quiz pintar a Venus o celebrado Zeuzis, e tomando nas bellezas mais celebres a sua primorosa idéa , imitou a todas, e sabio Venus , como nenhuma : de todas tirou a parte mais perfeita , e ajuntando tantas perfeçoens n'uma copia , ficou Venus o aslombro da formosura. Parece que na fabrica de Thereza , ou do feu coração, se houve entãõ Deos como Zeuzis na pintura de Venus. De David , poz neste coração o abraçado : *Inflammatum* ; de Salamaõ lhe deo o entendido : *Intelligens* , e do coração do Esposo o fer brando de coração : *Mitis sum , & humilis corde*. De todos fez hum coração só , mas hum , em que se encerraõ os coraçãoes de todos.

O coração mayor , que Deos creou, foy o Sol : chama-se o Sol o coração do Ceo , e se não ha mayor corpo , não ha mayor coração. Mas a ser Thereza hum Ceo animado , que ferá nella o feu coração , senãõ hum Sol? Sim , coração , em que se encerraõ todas as graças , Sol he , em que se comprehendem as luzes todas. Peregrino coração ! Abraçado , porque Sol ardente ; entendido , porque Sol brilhante ; e humano , ou humanado , porque Sol cadente. Emfim , todo Sol nas perfeçoens , e porque em tudo Sol , todo só : *Dicitur Sol , quia solus*.

Este coração pois , ou para melhor dizer , este Sol dos coraçãoes , ferá a parte só , que hoje prégregery de Thereza. Bem que hum coração , que todo foy amores na vida , e morrendo morreo de amores , nem na eloquencia cabe para se decrever , nem terá forças a Rhetorica para o louvar. Das perfeçoens da Esposa fallou nos Cantares o Esposo amante , mas descreven-

do-a

do-a por partes , só no seu coração não fallou. Fallou na galhardia dos olhos , na formosura dos cabellos , na bizarría da bocca , na magestade do peito , na galantaria das mãos , e no delicado , ou abbreviado dos pés. Só porém , nem huma palavra só fallou no coração. Mas era o coração da Esposa , o que o de Thereza he : era coração , que adoecia de amor , e de amores morria :

Cant. 2
v. 5.

Amore languet. E tal coração , por mais que se possa dizer as prendas de huma alma , as deste coração não cabem na esfera do dizer. Porisso o Esposo , que tudo louva , só aqui , ou suspendeo a penna , ou divertio a historia. Mas Thereza Divina , se a penna tambem para voar tem semelhanças de seta , permita esse coração vosso , que donde para ferir-vos chegou já huma seta , hoje para louvar-vos voe tambem huma penna. Fundemos o Sermao , e dem-nos para isto luz as luzes do Evangelho.

Com luzes , e alampadas
Tom. IV.

nas mãos nos pinta o Evangelho a Thereza Santa : *Accipientes lampades suas.* Toda a alampada , ou luz de qualquer alampada , tem , se advertires , forma piramidal , que he a fórma do coração humano ; e a pintar-se Thereza nas mãos com luzes , que he , fenaõ pintar-se com o coração nas mãos ? Do amor do seu coração dizia lá o Esposo , que ardia como alampada : *Lampades ejus lampades ignis , atque flammarum.*

Cant. 8
v. 6.

È se o Esposo (direy eu) descreve o seu coração por alampada , em Thereza o mesmo , que he alampada , porque não será coração ? Ou digamos : he alampada o coração de Thereza , porque nas qualidades da luz mostra ser hum coração este com todas as qualidades. Tudo na luz se vê : a luz arde : eis-ahi hum coração abrazado : *Inflammatum.* A luz respládece : eis-ahi hum coração entendido : *Intelligens.* A luz morre : eis-ahi hum coração humanado , relentido , e brando : *Vulnerasti.* Emfim , hum cora-
ção

ção só, mas com as qualidades bellas de muitos coraçens.

Para vermos pois estas fórmãs, ou formalidades todas no coração, que admiramos, digo que este coração generoso o vejo com tres figuras hoje differentes: notay: He coração, que he Feniz. He coração, que he Aguia. He coração, que he Pomba. Tudo he: Feniz, no ardente dos extremos, Aguia, no sublime dos escritos, e Pomba na passibilidade dos trabalhos. Temos o Sermaõ dividido em tres assumptos. Na fineza dos extremos arde o coração de Thereza, como Feniz. Primeiro assumpto. Na relevancia dos escritos, voa o coração de Thereza, como Aguia. Segundo assumpto. E na tolerancia dos trabalhos geme o coração de Thereza, como Pomba. Terceiro assumpto. Vamos vendo este prodigioso coração, que sendo Feniz, Aguia, e Pomba, he luz nas formalidades todas do que he: *Lampades ejus lampades ignis. Et accipientes*

lampades suas.

I. PONTO.

EM primeiro lugar: Feniz entre as chammas do amor he coração admiravel de Thereza. Sabido he aquelle taõ maravilhoso successo: aquelle nunca aytas contemplado, nem bem encarecido prodigio: quero dizer: O coração de Thereza, a quem com huma setta de ouro passou de parte a parte hum Serafim. Veyo (foy o successo) hum Serafim do Ceo, e com huma setta de ouro (naõ menos fuzilando chammas, que scintillando faiscas) applicando-a ao coração de Thereza (oh que doçura!) e entranhando-lhe no coração esta setta (oh suavidade) lhe arrancou (naõ se póde referir sem lagrimas mimo tal) lhe arrancou, e naõ sey se á força das armas roubou sem força o coração: *Tanto, diz a Igreja, Dixi amoris incendio cor ejus conflagravit, ut merito Angelum ignito jaculo sibi praeordia transverberantem*

rantem viderit. Thereza Divina, que he isto? He virem pegar fogo à terra os Serafins do Ceo, ou he buscarem na terra fogo para mais arderem os Serafins? Mas que ha de fer? He fer Feniz de amor o coração de Thereza. Arde a Feniz entre as chammas, e arde este coração como a Feniz. Ora vamos ponto por ponto vendo arder esta Feniz, e abraçar-se este coração.

Fere amorosamente hum Serafim o coração de Thereza. Mas notay, que não diz, se se lhe ferio o coração para que ardesse, mas sim, que por arder-lhe o coração, se lhe ferio. Ouvi as palavras: *Tanto Divini amoris incendio*: eis-ahi o arder primeiro: *Ut meritò ignito jaculo*: eis-ahi o ferir depois. E pois valha-me Deos! Arde o coração de Thereza, e o Ceo às lançadas a elle, porque arde? Mas sim, que donde o fogo do amor he muito, brechas se haõ de abrir para respirar o incendio. Feniz he Thereza até o coração, e se no fogo respira a Feniz,

que renasce, este coração porque não se abrirá em brechas, porque respire?

Obrada finalmente a nossa Redempção, hum soldado mais cego por cruel, do que por cego, abriu a Christo o coração à ponta da lança. Mas he de notar, que dando-se a lançada em Christo, não foy antes de consummada a Redempção, fenaõ depois de consummada: *Consummatum est*, diz o Senhor, e logo S. Joaõ: *Unus militum lancea latus ejus aperuit.* Alta disposição! Pergunto: ou a lançada era precisa aqui, ou não era? Se o não era, para que a leva Christo depois de ter consummado tudo? E se o era, porque antes de a levar, nos diz, que tudo está já consummado? Ora direy: precisa foy aqui a lançada, e não foy precisa: não precisa, pelo tocante à Redempção do mundo, mas precisa, pelo tocante ao coração de Christo. Explico-me: era o coração de Christo (diz elle) ou huma pyra de amor ardente, ou hum Ethna do mesmo amor:

Job.
29.v.
13.

Lampades ejus, diz o Senhor, *lampades ignis, atque flammaram.* É que mais! Era huma Feniz, que morria nas chammas: *Moriar*, e era huma Feniz, que nas chammas renascia: *Sicut Phoenix multiplicabo dies.* Ah fim? Pois abra a lança huma porta a este coração amante. Coração, que renasce Feniz, quando arde, portas lhe ha de abrir a lança, porque respire. Nem por outra razão se falla com mysterio grande nesta ferida da lança: não diz S. João *Vulneravit*, mas diz *Aperuit.* Mysterio foy, diz Santo Agostinho: *Vigilanti verbo usus est Evangelista.* E he, que donde o fogo para respirar era muito, não bastou, que à porta se chamasse ferida: *Vulneravit*; mas diz, que na ferida se vira abrir huma porta: *Latus aperuit.*

D.
Aug.
serm.
120. in
70. an.

Tal vez (e será porisso) a lançada, que se deo no Senhor, não foy antes da sua morte, senão depois. Como a ferida n'um corpo morto se não fecha naturalmente, quiz dizer-nos, que

donde he chamma o coração, não serve porta fechada: se ha de respirar o coração, ha de estar aberta a porta. Mais. Porta he da vida (diz Santo Agostinho) a ferida do lado: *Ut vitæ ostium panderetur.* E se a vida se define pela respiração: *Spiraculum vitæ*; hum coração, cujo amor he fogo, e cuja respiração he vida, não ha de ter fechada a porta, senão aberta. Digamos logo, e conclua-mos: se a lançada em Christo foy depois de consummado tudo, e não antes, tal lançada seria para a Redempção do mundo obra escutada; mas foy para o coração de Christo diligencia precisa: *Consummatum est. Unus militum lancea latus ejus aperuit.*

D.
Aug.
Ibid.

Eis-ahi (oh prodigio grãde) eis-ahi o coração de Christo, e eis-ahi o coração de Thereza. O de Christo aberto para respirar à ponta da lança, e o de Thereza para vaporar ferido ao golpe da setta. Pyras ambos de amor: porisso ambos abrindo em brechas, e brotando

tando em chammas. Mas oh Thereza admiravel ! Se com Christo se puderaõ apostar ventagens, não sey se a lança de Christo as fizera hoje a setta de Thereza. Ferio a Thereza a setta, e a Christo a lança, mas como? A lança abrindo: *Aperuit*, e a setta trespassando: *Transverberantem*. Notay, que mais diz o *Transverberantem*, que o *Aperuit*. Picou a lança, e fez huma ferida só: trespassou a setta, e fez duas feridas: isso diz a palavra *Trespasar*: he ferir de huma parte a outra: fazer de huma parte huma ferida, e outra da outra parte. Valha-me o Ceo! Eu não digo que era em Thereza mayor o fogo do amor, isso não; mas digo, que abrindo em Christo a lança huma porta só: *Aperuit*, em Thereza a setta fez abrir duas portas: *Transverberantem viderit*. Ora accommodemos os casos; que donde não póde haver ventagens, o accommodar he melhor.

Duas foraõ as feridas de Thereza, e se advertires, duas tambem as de Christo.

Tornay ao *Aperuit* da lança, que diz S. Joã? Toda a energia do verbo *Aperuit* não está em abrir de novo a ferida, mas em entrar pela ferida já aberta. Isso foy, o que a lança fez, diz S. Bernardo: *Non dixit, vulneravit, sed aperuit, quia jam amoris lancea fuerat vulneratum*. Logo antes de ferir a lança a Christo, estava ferido com outra lança? E que lança? Aquella, que forjada em duas settas de amor, lhe fez, e abriu nos Cantares duas feridas: *Vulnerasti cor meum*. Eis-ahi huma: *Vulnerasti cor meum*. Eis-ahi outra. Teve logo (qual o coração de Thereza) duas feridas o coração de Christo: e se hum coração he espelho do outro, aqui o he já hum coração de outro coração: ambos feridos, ambos abraçados, ambos rotos, e finalmente mina de fogo ambos, e fogo tão activo, que por duas partes rompeo a mina: mina em fogo ardente, que quanto mais fogo tem, em mais brechas rompe. Porisso abertos ambos, não em huma

D.
Bern.
Ref. P.
Emm.
da Silva
in sermo. S.
Th.

humas portas só, mas em duas portas: *Transverberantem viderit. Vulnerasti, & vulnerasti.*

Lá ferio Moysés duas pedras, para que desatadas em doce cristal ao povo fequioso abrissem fonte. Mas foy notavel, ou diferente o modo, com que Moysés as ferio. Na pedra de Horeb fez huma ferida só:

Percuties petram. Et fecit ita; e na pedra de Cadez fez duas feridas: *Percuties virga bis silicem.* E pois como assim? Fere Moysés duas pedras, e ferindo-as para o mesmo effeito, abre mais feridas em huma, que em outra? Sim, e o Texto diz o porque. A pedra de Horeb, diz o Texto, era só pedra: *Petram;* e a de Cadez, não era pedra, senão pederneira: *Silicem;* mais; nestas pedras (como mixtos, que se compoem das quatro qualidades dos elementos) havia seu fogo; mas com differença, que na pedra era o fogo moderado: e na pederneira estava com predominio. De maneira, que tendo fogo am-

bas as pedras, era na pedra menos, e na pederneira mais. Pois alto: dê Moysés na pedra hum só golpe, e dous golpes na pederneira. Se conforme he nas minas o fogo, se abrem às brechas: pedra donde o fogo he menos, huma só porta-lhe basta em huma só ferida: *Percuties petram;* mas pederneira, donde o fogo he mais, ha de repetir-lhe as feridas, para abrir muitas portas: *Percuties virga bis silicem.*

Oh Thereza Divina! O Ceo, que para desafogo desse coração abriu duas portas nelle, sabia, que para tanto fogo huma só não bastava: não huma, que isso seria ser pedra, e ser o fogo menos: *Petram;* mas duas, que isso era ser pederneira, e ser o fogo mais: *Silicem.* Tal o coração de Thereza para com Christo, e tal o coração de Christo para com Thereza. Porisso o de Thereza tem na setta, que o trespassa, duas feridas: *Transverberantem;* e o de Christo tem para lhe fazer outras duas,

Exod.
17.v.6
Nun.
29.v.
11.

duas, duas settas: *Vulnerasti, & vulnerasti.*

Ferio-se emfim o coração ardente de Thereza; mas tenho para mim, que se por ardente se ferio, então ficou por ferido mais ardente. Foy o instrumento da ferida huma setta là forjada na officina dos Serafins, e se bem lhe picou a setta o coração, o amor se picou na setta. O certo he, que feridas no coração, picadas são no amor. Mas oh fogo do amor de Thereza! Ardia este coração em fogo, e quanto mais a setta o picava, o fogo ardia. Divino coração! Picado, porque ardente, mas então mais ardente, porque mais picado.

Ardia a Carça de Moysés (diz o Texto) e elle, que a via, se admirava: *Visionem magnam.* Mas porque arde huma Carça, se admira Moysés? Sim que o fogo, que na Carça ardia, picava-se na mesma Carça. Ardia o fogo entre os espinhos, e os espinhos picavaõ o fogo: e como era fogo, que ardia picado, allombra-

va no que ardia. Arder sem se picar o fogo, arder he ordinario: picar-se, e não arder, he arder nunca visto. Arder, e não se picar, he menos, e não allombra: picar-se, e então arder, he mais, e porisso admira: *Visionem magnam.*

Quero dizello por outro modo, e tal vez que à verdade do Texto mais concernente. Toda a admiração de Moysés foy que ardendo a Carça em fogo, o fogo não consumisse a Carça: *Quare comburatur Rubus.* E bem, porque arder picado, e não consumir o fogo, admiravel he. Que o fogo não consumisse a Carça sendo só fogo, menos fora. Mas picar-se, e não consumir! Não consumir hum fogo, que por picado arde mais, e he fogo tanto mais activo, quanto mais picado! Isto, entre as maravilhas mayores he a mayor maravilha: *Visionem magnam, non comburatur Rubus.*

Eis-ahi qual a Carça de Moysés o coração de Thereza. Coração admiravel!

Que

Que não sey na verdade, se es Carça, ou se es coração. Ardia em fogo aquella Carça, e ardia este coração em chammas. O fogo na Carça picava-se nos espinhos, e as chammas no coração picavao-se na setta: e como em ambos o fogo ardia picado, quanto mais nelles se picava, mais ardia. Oh quanto arde hum fogo picado na Carça! Oh quanto se abraza hum amor picado na setta! Mas ainda (notemos esta ventagem) ainda a impulso da setta ardeo mais no coração o fogo, que na Carça. Dous effeitos costuma fazer o fogo: ou consome, ou derrete. Se he activo, derrete; e se mais activo consome. Isto porém que na Carça não fez o fogo, o fez no coração de Thereza. Na Carça não, porque nem a destillou derretida, nem a consumio abrazada. No coração fim, porque igualmente o consumio, e o derreteo: consumio-o nas cinzas da morte, e derreteo-o em ternuras na vida. Tudo direy.

Chorava Thereza, e lá se hia o coração derretido em lagrimas. Suspirava Thereza, e lá se hia o coração exhalado em suspiros. Isto mostravao nella aquelles suspiros de cada hora; e aquelles lagrimas de cada dia: *Domine, aut pati, aut ^{In ejus} mori*. Emfim, donde o fogo era picado, consequencia era hum coração derretido: *Factum est cor meum, ^{Ps. 21} tamquam cera liquescens, ^{v. 15} in medio ventris mei*. Do feu coração na Cruz, diz Christo, que se derreteo como cera: *Tamquam cera ^{Hug.} liquescens*. Hugo Cardeal: *Liquescens ad ignem ^{Card. bic.} passionis*: derreteo-se, diz Hugo, o coração de Christo, e derreteo-se ao fogo da sua paixão: *Ad ignem passionis*. Pergunto: e porque mais ao da Paixão, que ao mais fogo? O que não faz hum fogo em trinta e tres annos de vida, o faz agora só em tres horas de Cruz? Sim, que na Cruz o fogo ardeo picado: entrou a lança, e picou o fogo: e como o fogo se vio picado, o coração ficou derretido. Derretido

tido como cera ao fogo, diz Christo: *Cera liquefcēs*, e taõ derretido, diz S. Joaõ, que sahio destillado em fangue, e desfeito em agoa: *Sanguis, & aqua. Liquefcens ad ignem passionis.*

Mas se por picado derreteo o fogo o coração de Thereza, tambem por picado o consumio. Que outra foy a morte de Thereza, senaõ de amor: *Suavior mors*, diz a Igreja, *divini amoris cupide.* Ardeo o fogo, e consumio o coração: fogo que tudo, o em que arde, faz em cinzas: e se da morte saõ as cinzas os sobejos, neste coração os effeitos do amor foraõ da morte: *Fortis est, ut mors, dilectio*, diz em nome de Christo o Esposo amante. He morte (diz elle) para mim o meu amor: *Mors dilectio.* E isto porque? Porque sendo este amor fogo: *Lampades ignis*, a este fogo picaraõ settas: *Vulnerasti cor, & vulnerasti.* E fogo, que arde picado, amor he com effeitos de morte: *Mors dilectio.* O

que a morte faz, he deixar cinzas por despojos, e picado o amor em fogo, faz o coração em cinzas. Porisso amor no nome: *Dilectio*, mas morte nos effeitos: *Mors. Fortis est, ut dilectio.*

Divino coração, Thereza illustre, Divino coração! Mariposa em chammas de amor ardente incendiada. Salamandra em incendios da verdadeira caridade abrazada. Picou-se em settas de amor o fogo deste coração, e que? Mais activo que na Carça de Moysés, fez o que naõ fez na Carça: consumio, e juntamente derreteo: derreteo, porque ardendo o desfez em ternuras: consumio, porque abrazando o reduzio em cinzas. Mas aqui (prodigio raro!) Ainda que em cinzas da morte, sempre Feniz. Feniz entaõ renascida, quando abrazada; Feniz, entaõ eternizada; quando consumida. Porisso alampada hoje em fogo ardente, e porisso o que nella he coração se chama a lampada: *Lampades ejus,*
lam-

In ejus
Offic.

Cant. 8
v. 6.

lampades ignis. Et accipientes lampades suas.

II. P O N T O.

E Stamos na segūda parte do Sermaõ : abraçou-se, qual Feniz de amor, o coração de Thereza ; mas se bem se abraçou como Feniz , tambem se remontou como Aguia. He a segunda parte. Já sey que isto , a que chamamos ser Aguia , pertence mais ao entendimento , que ao coração ; mas se o coração he huma escola de virtudes, qual o de Thereza he : se he coração, que a todos inflamma, e illustra ; que a todos allumea, e abraza , este será Aguia no entendimento, ou será coração com penna, e voos de Aguia.

Lá vio S. Joaõ no Ceo a Pessoa do Verbo , e o lugar em que o vio , diz que fora o coração do Pay : *Unigenitus , qui est in sinu Patris.* Notavel visãõ? E attendendo á pessoa, e ao lugar, ainda mais notavel. He o coração o lugar do amor , o Verbo todo entendimento.

E pois o entendimento no lugar do amor , o Verbo no lugar do coração? Sim, que este coração era coração de Deos: *In sinu Patris.* E afflize o entendimento no coração de Deos , porque em Deos , nem se dá coração sem entendimento, nem entendimento sem coração : coração q̄ he de Deos, he coração com entendimento: *Unigenitus in sinu Patris.*

Que coração mais de Deos, que o coração de Thereza, todo de Deos, porque nelle o tinha , e todo de Deos, porque com elle estava. Nem por outra razão se chama Thereza de Jesus a nossa Santa : taõ sua até o coração , que coração , e ella, tudo he de Jesus : e hum coração tal , que todo a Deos se dá , e he todo de Deos: *Dilectus meus mihi, Cant. 2 & ego illi;* Aguia direy eu ^{v. 36.} que he, ou coração com entendimento de Aguia. Coração Aguia, e naõ sey se a Aguia dos coraçõens, foy o de Salamaõ. Aguia pelo que tem de fabio : *Cor sapiens,* e Aguia pelo que ^{3. Reg. 3. v. 12} tem

tem de entendido: *Intelligens*. Mas foy coração este, que Deos especialmente fez para lhe dar: deo-lho Deos, e era de Deos: *Feci tibi, & dedi tibi*. E hum coração, em que Deos meteo tanto a sua mão: *Feci*: hum coração, q̄ o foy tanto das mãos de Deos: *Et dedi*, não havia de ter de Aguia, nem só o entendido, nem só o fabio: mas como Aguia dos corações, havia de ser igualmente fabio, e mais entendido: *Sapiens, & intelligens*.

Emfim, Aguia foy o coração de Thereza. Mas em que? Nos seus escritos. Parece que da mesma setta, com que o Serafim o ferio, esta Aguia formou a penna, com que escreveo. Transformou Thereza em delgada penna a polida setta: e q̄ fez? Escreveo em tudo com penna tão aguda, que em tudo o que escreveo, mostrou ter penna de Aguia. De Aguia, porque na obra, e obras dos seus livros; isto he, no livro da sua vida: do seu caminho da perfeição: no livro das suas

fundações, e no seu castello, ou morada interior; a penna foy discursiva, foy remontada, e foy douta. De Aguia, porque no tratado das suas Meditações nos Cantares: nos seus Avizos espirituais: nas Relações do seu espirito: nas suas Cartas, e exclamações, a penna foy aguda, foy fina, e foy elevada. Finalmente foy este generoso coração Aguia, e mais Feniz; Feniz na chamma, e Aguia na penna. Mas porisso mesmo (drey eu) porque foy coração, que ardeo como Feniz, o foy tambem, que voou como Aguia.

Seis azas (diz Isaias) tinhaõ lá os Serafins, que affiltiaõ a Deos: *Sex ale uni, & sex ale alteri*. Mas he de notar, que sendo as azas seis, só voavaõ com duas: *Et duabus volabant*. Voavaõ, diz o Profeta, mas não voando com as azas, que correspondiaõ ao rosto: *Velabant faciem*; não voando com as azas, q̄ lhes correspondiaõ aos pés: *Velabant pedes*; só com as azas, que lhe nasciaõ do coração he que

que voavaõ : *Et volabant.*
 É pois como assim? Só o coração he nos Serafins, o que voa? Voão os Serafins, e he só com as azas do coração? Sim; que era coração este de Serafins, e se bem este coração he Feniz para arder, he tambem Aguia para voar. Não ha Serafim amante, ou não ha coração de Serafim, que se huma vez se vê arder como Feniz, se não veja sempre voar como Aguia. Mais direy : Tinhaõ seis azas os Serafins, diz Isaias. Mas não voando com as mais, só com as do peito voavaõ. E pois estas só são as q̄ voaõ, e não as mais? Sim, que quando o coração de hum Serafim se apõsta a voar, não só ficaõ as mais azas rasteiras, mas nem para voar são azas; voaõ as azas do coração, e não voaõ as outras; mas que azas, quando voa o coração, se dirá que voaõ? Porisso, quando estas se estendiaõ, as mais se encruzavaõ, e quando se remontavaõ estas, as mais se encolhiaõ: *Velabant faciem, & volabant.*

Oh Serafim admiravel!
 Oh Thereza soberana! Aguia fois, e Serafim juntamente, mas porisso mais Aguia, porque mais Serafim. Não só voou a penna de Thereza entre as mais penas, mas á vista della todas as mais ficaõ a perder de vista. Aguia da carroça do Senhor (diz Ezequiel) que tendo os mais espiritos azas para voar: *Alas senas*, só voava a Aguia, e não os mais. Não só voava sobre todos: *Desuper ipsorum quatuor*, mas á vista de todos ella só voava: *Simile Aquila volanti*. Emfim, era a penna deste coração hum rayo do seu espirito: que alcance se podia dar a huma penna, que era rayo? Penna ineffavel! Que quanto mais o espirito ardia, a penna voava. Lá voava a Aguia de Ezequiel, diz elle, e hia por onde a levava o espirito: *Ubi erat impetus spiritus, illuc gradiebantur*. Mas se aquella Aguia voava lá ao compasso do Espirito, em Thereza o seu espirito a faz voar como Aguia.

Apoc.
4. v. 8.

Ezech.
1. v.
10.

Apoc.
4. v. 7.

Ezech.
1. 12.

Huma

Apoc.
12.v.
14.

Huma mulher vio S. Joaõ no Apocalypse, e dando-lhe o Ceo duas azas para voar, diz com advertencia o Evangelista, que eraõ de Aguia aquellas azas: *Datæ sunt mulieri alæ duæ Aquilæ magnæ.* E pois se para voar quaesquer azas bastaõ porque se haõ de dar azas de Aguia a esta mulher? Ha de ter azas, e azas de Aguia? Sim. Trazia esta mulher o Sol no peito:abrazava fe-lhe em vivos rayos o coração: *Amicta Sole*; e quando no coração tudo saõ rayos, de Aguia haõ de ser as pennas para os voos: coração, que todo nos rayos he Sol, nas azas, que ha de ser, fenaõ Aguia: *Alæ Aquilæ.*

Que mulher era esta, fenaõ Thereza soberana? Via-se nesta mulher o Sol no peito, aos pés a Lua, e as Estrellas na cabeça. Cabeça com Estrellas, de Thereza he; que naõ podia deixar de ter Estrellas na cabeça, quem no entendimento tinha tanta luz. Peito de Sol, tambem he de Thereza; que naõ era muito trouxesse

Tom. IV.

o Sol no peito, quem a Christo por Esposo trazia no coração. Finalmête he Thereza, pelo que a seus pés mostrava, a Lua; que donde huns pés descalços se viaõ atropellar o mundo com desprezo, a Lua, em que o mundo se figura, lhe cahe aos pés. Mais: Esperava-se desta mulher o nascimento de hum filho: *Filium masculinum*, e hum dragaõ terrivel começou a fazer guerra, e aperseguir a mulher: *Draco stetit ante mulierem.* Na espirital criação dos filhos, de quem he Mãy, que contradiçoens, e trabalhos naõ padecco Thereza? Naquelle mulher houve dores de parto: *Clamabat parturiens*, e os filhos de Thereza foraõ tambem para ella filhos de dores. Dos braços daquella Mãy o Filho, diz S. Joaõ, foy arrebatado para Deos, e para o throno de Deos: *Raptus est ad Deum, & ad thronum ejus.* Estes filhos, como filhos de huma Mãy, Mestra taõ insigne da Oração, tudo, o que nelles se vê, saõ extasis amorosos:

Aa tudo

tudo são raptos suavísimos. Finalmente voou aquella mulher para hum deserto, e nelle achou propria habitação, diz o Evangelista: *Vers 6. In desertum, ubi habebat locum paratum.* Em trinta e sete Conventos, de que Thereza foy Fundadora, o que nelles edificou, foraõ desertos, foraõ ermos, e foraõ Bullacos, moradas da solidão, hospícios da penitencia, e officinas da santidade.

Emfim era Thereza a que se via naquella mulher. Pois tenha o Sol no peito, e veja-se com azas de Aguia: o Sol no peito para se abraçar amante, e azas de Aguia para se remontar discreta: Sol, para ter no coração incendios, e Aguia, para no entendimento dar voos. Em summa: Thereza com peito de Sol: *Amicta Sole*, he Thereza com pennas de Aguia: *Ala duæ Aquile magne.*

Generosa Aguia! Mas se generosa pelo que escreveu, ainda pelo que encobrio mais generosa. Escreveo Thereza as obras altísimas

dos seus livros, e com importuna recômmendação escreve aos seus Confessores, que tais obras não fayaõ a luz. Não (diz Thereza) nem tenhaõ no Mundo nome obras, que são minhas, nem por minhas, se ponha nellas o meu nome. Alta resolução! Mas assim voa huma Aguia, que sobre todas voa. Aguia (quer dizer) que remontando-se nos voos da penna, o seu destino he só occultallos, o seu empenho he só encobrillos: esta Aguia, não só he Aguia como as mais, mas por antonomasia grande entre as mais Aguias.

Duas azas de Aguia se deiraõ áquella mulher do Apocalypse, mas he de notar, que não foraõ só de Aguia estas azas, foraõ azas de Aguia, e Aguia chamada grande: *Ala duæ Aquile magne.* Eu o dissera: deiraõ-se aquella mulher estas azas para voar: *Ut volaret.* Voou a mulher, e para onde? Para hum deserto: *In desertum.* Notay: He o deserto o lugar, donde foge á publicidade, quem para elle

elle foge: he lugar, donde na noite da solidão vive só escondido, quem nelle vive; Aguia, digamos logo, que estendendo as azas, e dando voos, os dirige a hum deserto para esconder-se, os encaminha a hum deserto para ocultar-se: *In desertum*, esta Aguia não só he grande nos voos, mas he Aguia por antonomasia grande: *Ale due Aquila magne.*

Na Encarnação o mesmo Verbo, que he Deos, e por fer Deos, não pôde fer mais do que he, diz delle S. Gabriel, que seria grande: *Erit magnus.* Mas he o Verbo entendimento, e a Encarnação huma cortina, que encobre esse Verbo. E encobrir-se na Encarnação hum Verbo, que he entendimento, dar Deos na Encarnação o seu entendimento feito obra: *Verbum, quod factum est*; e encobrir nesta obra Deos a mayor obra do seu entendimento? Isto até á grandeza Divina parece que dá mais grandeza. Sempre Deos he grande, porque he Deos,

mas a encobrir as obras do seu entendimêto, até Deos, que não pôde crescer, parece mais grande: *Erit magnus.*

Voay pois, Aguia generosa, voay, que se voais muito no que escreveis, no que encobris, voais mais. E se em tudo esse coração he Aguia, ou sois Aguia até o coração; assim como não ha coração mais abraçado, o não ha tambem mais entendido. Porisso, qual alampada em luz, o mesmo, que he em vós coração, se chama alampada: *Lampades ignis, atque flammamarum. Et accipientes lampades suas.*

III. PONTO.

ULTimamente: na tollerancia dos seus trabalhos geme o coração de Thereza como Pomba. Geme a Pomba, quando a setta do caçador destro lhe fere o peito fugitivo. Geme Thereza, quando por mãos de hum Serafim do Ceo se lhe atravessa no coração huma setta. Deixo por ora

Luc. 3. v. 32. *Erit magnus.* Mas he o

Ibid. 2. v. 15.

aquelles trabalhos grandes, que Thereza padeceo em toda a sua vida, porque toda a vida de Thereza foy cheya de trabalhos. Aquellas vigílias taõ continuas, aquellas disciplinas taõ rigorosas, aquellas mortificaçoens taõ estreitas, aquelles je uns, aquelles cilícios, aquellas peregrinaçoens, aquella desvelo incançavel, com que para salvar as nossas almas, deo no mundo tantos passos, e escreveu tantos livros; e finalmente aquellas contradicções grandes, que na fundação de trinta e sete Conventos padeceo, e na espirital criação de tantos filhos tolerou. Todos estes trabalhos deixo, porque ainda que grandes, não faõ os que mais chegáráo ao coração de Thereza. O trabalho mayor dos seus trabalhos, e o que lhe chegou mais que todos ao coração, foy este: ferir-lhe o coração hum Serafim, e passar-lhe de parte a parte com huma setta o coração: *Ut meritò ignito jaculo sibi præcordia transverberantem vid. rit.* Digo

que este foy o seu trabalho mayor, porque nelle padeceo mais Thereza, que nos mais trabalhos.

O mayor trabalho, a que Thereza se podia sacrificar por amor de Deos, era o martyrio, que ella quiz padecer sendo menina: *Terris Theresa barbaris*, diz a Igreja, *Christum datura, aut sanguinem.* Mas que? E parece-vos que seria mayor este trabalho que o primeiro? Não, o primeiro fim foy muito mayor que este. Duas razoens direy, comecemos por huma. No martyrio podia Thereza padecer ás mãos dos homens: no nollo caso padeceo Thereza ás mãos de hum Serafim. Padecer ás mãos dos homens seria ter por verdugo o odio; padecer ás mãos de hum Serafim foy ter o amor por verdugo. E que diremos? Que o trabalho mayor he este, e só este. Será grande para atormentar a tyrannya do odio, mas he mayor, porque he dobrada a tyrannia do amor.

Disse Saul a David, que
se

se mataſſe cem Filisteos, caſaria com ſua filha Michol :

1. Reg. 18. v. 25. *Non habet ſponſalia neceſſe, niſi centum præputia Philiftinorum.* Sahe David à

campanha , e havendo de tirar cem vidas , diz que

27. *deo duzentas mortes: Abiit David, & percuffit ex Philiftinim ducentos viros.* No-

tavel differença! Pergunto :

Saul diz que mate cem : *Centum præputia* , e David

mata duzentos : *Ducentos viros*. He mayor a cruel-

dade de David , do que a tyrannia de Saul? Sim. Saul

mandou tirar eſtas vidas obrigado do ſeu odio : Da-

vid ſahio a dar eſtas mortes movido do ſeu amor. Saul

20. *para ſe vingar dos Filisteos: Ut fiat ultio de inimicis.* David para ſe caſar com

Michol : *Dilexit autem David Michol.* E he tanto

mais cruel para atormentar o amor, do que o odio; que

ſe para o odio de Saul baf-tava o tirar cem vidas : *Centum* , o amor de David não

ſe contenta menos , que com dar duzentas mortes : *Percuffit ex Philiftinim ducentos viros.* Eis-ahi o que

vay do amor ao odio : eis-ahi o que em Thereza fora, comparada no martyrio, que lhe podia dar o odio, com o martyrio, que ferindo-lhe o coraçõ, lhe deo o amor. Segunda razaõ.

Acabar Thereza a vida no martyrio, ſeria padecer nelle huma morte ſõ; mas ter o coraçõ atravellado, e viver, era padecer na vida muitas mortes. E o que vay de huma morte a muitas, vay do martyrio, que não foy, a eſte martyrio. A morte, e mais ao Inferno ſe comparaõ os tormentos do amor; mas com advertencia : que do amor grande (que iſſo quer dizer *Dilectio*) ſe comparaõ com a

morte : *Fortis eſt ut mors* Cant. 8 v. 6.

(que iſſo quer dizer *Emulatio*) ſe comparaõ com o

Inferno : *Dura, ſicut infernus, emulatio.* Tudo ſão

tormentos; mas com a differença, que vay do In-

ferno a morte : e he que a morte he tormento de hum

dia ſõ, e o Inferno tormento de todos os dias : o tormento de hum dia ſõ

será morte, mas he só huma: o tormento de todos os dias he Inferno, e são muitas mortes. E se de muitas mortes a huma vay o mesmo, que do Inferno à morte, vede o que será Thereza, avaliado o martyrio, que o amor lhe deo, e o que lhe pudera dar o odio: o morrer de huma só vez ás mãos do odio, ou viver morrendo sempre às mãos do amor.

Oh valor grande! Oh constancia admiravel! Que o coração de Thereza morresse cada dia? Que vivesse este coração morrendo sempre; e que tudo para elle fossem mortes, e mais mortes? He o que Thereza diz. Mas supposto o diz pela sua boca, ouviu-o também na sua lingua: *Vivo sin vivir en mí*, diz Thereza, *y tan alta vida espero, que muero porque no muero*. Oh valha-me Deos! Ou Thereza falla como hum S. Paulo, ou he S. Paulo o que falla aqui em Thereza: *Quotidie morior*, diz o grande Apostolo: A minha vida he huma cõtina mor-

te, eu morro, e morro cada dia: *Quotidie morior*. Apostolo sagrado; se estais vivo, e vós o dizeis: *Vivo ego*, como he continua morte a vossa vida? Mas oh, diz S. Paulo. Morro cada dia, e porque? Porque desejando verme com Christo: *Cupio dissolvi*, e tendo na minha morte o meu lucro: *Mori lucrum*, não acabo de morrer, como desejo. E como não acabo de morrer, morro, porque não morro. He morte continuada esta vida: porque como morro por morrer, e não posso, todos os dias morro: *Quotidie morior*.

Valente coração, Thereza Divina, valente coração! E porque Deos para os trabalhos o vio tão valente, porisso reservando-o para o martyrio da setta, lhe impedio algum dia outro martyrio. Mas oh setta, não sey se mais tyranna, que suave: nem sey, se mais doce, que cruel? Sey sim, que a serem os trabalhos estes, hum coração, que he Pomba, como gemerá nos trabalhos! Pomba

era

era a Esposa dos Cantares: *Columba mea*, e Pomba, que só nas aberturas de huma pedra: *In foraminibus petrae*, mostrava gemer como Pomba: *Vox tua in auribus meis*. Que outra coufa, senão pedra com aberturas, era o coração ferido de Thereza? Pedra pelo que tem de firme, e diamãte pelo que he no valor. E se pelas aberturas da Pedra geme a Pomba, Thereza só pelas feridas do coração direy que geme: *Vox in foraminibus petrae*.

Mas que gemidos são os desta Pomba? Perguntára eu. Tudo ella dirá, e Christo tambem por ella: *Domine*, diz Thereza, *aut pati, aut mori*. Senhor, padecer mais, he o que quero, e padecer até não mais. Huma de duas, meu Deos; ou morrer, ou padecer. Oh coração valente! Quereis vida para os trabalhos *Pati*, e não havendo trabalhos, não querer vida: *Mori*. Atéqui coração! Morre Christo na Cruz: *Expiravit*, e morre depois de acabar com os seus tormentos, diz

elle: *Consummatum est*. Não morre antes de acabarem, senão depois: *Consummatum est, expiravit*. Mas sim: se hum coração que ama, diz o Senhor, ou ha de morrer, ou padecer: *Aut pati, aut mori*; não tendo já que padecer o meu coração: *Consummatum est*, que lhe resta, senão morrer: *Expiravit*. Ter vida, diz Christo, em quanto os tormentos duraõ, isso sim; mas se se acabaõ os tormentos: *Consummatum est*, para que quero mais vida: *Expiravit*. Eis-ahi o coração de Thereza, e os gemidos tambem do seu coração. Ou padecer (diz ella) ou não ter vida. Ah meu Deos! Ou me tiray a vida, ou me day que padecer: *Aut pati, aut mori*. Isto sim, que he gemer como Pomba o coração de Thereza; e se bem pelos incendios he Feniz, se bem pelos discursos he Aguia, tambem pelos gemidos he Pomba. Alampada em luz mortal, e refentida, porisso hoje, o que nella he coração, se chama alampada: *Lampades ignis*.

Accipientes lampades suas.

Tenho acabado os discursos, e em breve acabarey o Sermaõ. Pomba, Aguia, e Feniz, vimos o coração de Thereza. A ultima coroa lhe falta, que serãõ os espiritos deste coração. Espiritos são do coração de Thereza estes, que no candor da innocencia são filhos de hum coração, que he Pomba: estes que no elevado da sabedoria são filhos de hum coração, que he Aguia; e sem embargo de que a Feniz por unica não tem filho, nestes filhos em tudo unicos renasce sempre unica esta Feniz. Generoso coração: e filho, que só de hum coração tal se póde dizer, que são filhos!

O coração mayor, que o mundo vio, dissemos já, que era o Sol: coração do Ceo, e porisso o mayor: *Luminare maius*. Mas que altos, que elevados, e que soberanos se ostentão os filhos deste coração! Todos são Astros, e por Astros, fugeitos celestes: por Astros fugeitos luzidos: por

Astros, fugeitos eminentes; enfim tochas do Firmamento, e luminarias do Mundo: e se estes são os filhos de hum coração, que he Sol, que outros serãõ hoje os filhos do que he o Sol dos coraçoes? Todos Astros da Igreja Catholica, ou para melhor dizer, cada hum delles hum Sol, que no Ceo da Igreja dá luz a todos os Astros. Não são menos, os que de Thereza, ou da sua Reforma são hoje filhos.

A luz, que no primeiro dia do Mundo foy luz, no dia quarto se chamou Sol. E pois he Sol no dia quarto, e no primeiro he só luz? Sim; que essa mesma luz depois de creada no primeiro dia, no quarto foy reformada: reformou-se em Sol, o que se creou em luz: e foy tanta na sua reformação a sua gloria, que a mesma, que na criação foy luz, depois na reformação foy Sol. Ah Sois reformados, e hoje quanto mais reformados Sois! Cada filho de Thereza seria na sua criação hum rayo de luz,
mas

mas cada filho de Thereza ficou na sua reformaçãõ hum Sol coroado de rayos. Sol digo, porque se o Sol dá vida, dá calor, e dá luz, tudo se acha nestes viventes, e animados Sois: daõ luz, para illustrar o Mundo com os rayos da sua doutrina; daõ calor às almas, para seguirem com o seu exemplo o caminho da mayor perfeiçãõ, e quanto he mais alta a vida espiri- tual, que a temporal, tanto mais gloriosa he a influ- encia, com que estes Sois da Christandade nos daõ vi- da. Tambem he o Sol mate- rial hum compendio lumi- noso de todas as luzes; e cada hum destes humana- dos Sois, que he, senaõ hum epilego das virtudes todas?

Todas as virtudes dos Santos se encerraõ glorio- samente em Christo Filho de Deos: he o que diz por David o mesmo Padre: *In- splendoribus sanctorum ge- nuite*. Mas o que naquelle Filho se encerra a respeito dos mais filhos futuros, nes- tes (em devida proporçãõ)

se encerra a respeito dos mais filhos passados. Em ca- da filho de Santa Thereza se vem refuscitados hoje os Macarios, or Arsenios, os Hilarioens, os Bautistas, os Heliseos, e o mais he, o es- piritu, e virtude do seu Elias: *In spiritu, & virtu- te Heliae*.

Ja naõ quero crêr, que seriaõ só trinta e sete Con- ventos, os que Santa The- reza fundou na vida: mi- lhoens, e milhoens de Con- ventos, isso fim, porque cada filho, que reformava, era hum Convento, que eri- gia: hum Convento, por- que cada Religioso seu val por hum Convento de Re- ligiosos. Se os que fazem vida Religiosa, se diz que fazem de si, e em si Con- vento: *Conventum facite, qui diligitis Deum*; que Conventos naõ faraõ os que vivem taõ reformados na vida? Saõ aqui tantos os Cõ- ventos, quantos os Reli- giosos, porque cada Reli- gioso faz hum Convento: *Conventum facit*. Enfim por elles póde dizer There- za, ou por cada hum del- les:

les : *In splendoribus sanctorum genui te.* Tal he o Filho, que o he de coração do Pay : *Qui est in sinu Patris,* e na proporção de vida, tais tambem os filhos, que o são daquelle coração : daquelle, que sendo coração he Pomba : daquelle, que sendo coração he Aguia : daquelle, que sendo coração he Feniz, e finalmente daquelle, que por ardente, por luzido e por suave, he alampada em luz, e porisso o que tem de coração, tem de alampada : *Accipientes lampades suas. Lampades ignis, atque flammaram.*

Ora Thereza illustre, affombro da natureza, e maravilha da graça : se só os pays conhecem os filhos, e se os filhos só conhecem os pays : *Nemo novit filium, nisi Pater, neque Patrem quis novit, nisi filius.* Quem, senão vós, podeis louvar hoje a vossos filhos, e quem senão vossos filhos vos podem só louvar a vós? Vós, porque para os conheceres fois Mãe : elles, porque pa-

ra vos conhecerem são filhos. Dizey pois, (que só vós o podeis dizer) o que elles são, e digaõ elles, que só elles podem dizer, o que vós fois. Eu só direy, que se os frutos são conforme a arvore, nem ha mais excelsa arvore, nem mais preciosos fructos : arvore, em que os ramos, de que se guarnece, todos são de graça, e de honra : *Rami mei honoris, & gratiae,* e fructos, que pelo serem de tal arvore, o são de honra tambem, e de virtude : *Fructus honoris, & honestatis.*

A vós, oh fructos gloriosos, bastevos por honra o procederes desta arvore, e a vós, oh Arvore admiravel, baste-vos por coroa, a que vos daõ estes fructos. Todos (assim os fructos, como a arvore) vivaõ para gloria do Ceo, para terror do Inferno, para ruina do peccado, e para reformação do mundo. Vivaõ para Mestres da Doutrina Evangelica, espelhos da Religião Catholica, artifices da vida contemplativa, e para que me-

metendo a todos no caminho da salvaçãõ, nos alleguem (assim o permita Deos) depois de lograr na

terra os favores da graça, sobirmos a gozar no Cœo por eternidades a gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ
D O M O N T E
D O
A M O R D I V I N O .
P R E G A D O

NO MOSTEIRO DA ESPERANCA,

Em o primeiro dia do solemnissimo Triduo , que se lhe dedica todos os annos no mez de Setembro.

Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.
Joan. 3.

N Aõ fey , que tem com os montes o amor Divino, que os theatros mais gloriosos da sua grandeza foraõ sempre montes , e mais montes. No Monte Thabor se vio este amor transfigurado já todo derre-

tido em neve , e todo abrazado em Sol : *In montē excelsūm sorsum : resplenduit sicut Sol, & sicut nix.* No Monte do Deserto se vio tambem fugitivo este amor, mas entãõ mais estremado, quando mais fugitivo : peregrino incançavel , que fugindo

Matth 12.v. 1.&2.

gindo de nós para nós, anda por nós peregrino de monte em monte: *Fugit iterum in montem ipse solus.*

Joan.
6.v.15

No monte Sion este mesmo amor se sacramentou, e crescendo a montes no Sacramento, se fez pelo Sacramento hum grãde monte: *Mons Dei, mons pinguis, mons coagulatus: in quo beneplacitum est Deo habitare in eo, etenim Dominus habitabit in finem.* Finalmente no monte Calvario morreo, e no monte Olivete se ausentou, deixando só aqui em duvida, se se mostrara mais fino nas despedidas do Olivete, se mais estremofo nas penas do Calvario; e constituindo nos montes sempre os thronos da sua grandeza, mostra, que desde que veyo ao mundo, veyo destinado já a saltar, e andar pelos montes: *Ecce iste venit saliens in montibus, & transfiliens colles.*

Cant.2
v.8.

Mas se o Divino Amor assentou sempre nos montes o throno; que serà, senão querer appropriar-se a gloria de tambem se cha-

mar, e intitular monte? Como os montes saõ a coroa dos valles, monte havia de ser hum Amor, que serve a todos os amores de coroa. Saõ os montes, os que mais se apartaõ da terra, e os que mais se avizinhaõ ao Ceo: e que havia de ser, senão monte hum Amor, que por Divino, mais o he do Ceo, do que da terra. E finalmente, se os montes, por terem a fórma piramidal, tem o feitio de coraçã: hum Amor, que todo he coraçã, ou hum coraçã, de quem todo he Amor, que se havia de chamar, se não monte?

Mas oh Monte sobre todos excelfo, e soberano! Quem (drey eu agora como David) quem (sem que o juizo desfmaye) quem (sem que o discurso vacille) quem (sem que o entendimento tropece) quem se atreverà hoje a sobir à grãdeza deste monte: *Quis ascendet in montem Domini?* Como se differa David: *Sobir ao monte do Amor Divino, não he outra coufa, que sobir montes, e andar*

Psal. 23. v.2

dar por montes : sobir montes, porque se não faz sem tropeço : andar por montes, porque o não ha sem precipicio : não ha chegar lá, sem o temor de cahir; nem ha sobir lá, sem o risco de se despenhar : *Quis ascendet in montem Domini?*

O Evangelista, de quem he o Thema, nos diz a difficuldade, e a diz melhor no q̄ nos não diz : *Sic Deus dilexit mundum*. Assim amou Deos ao mundo. *Sic*: assim. E pois assim? *Sic*. E como foy este assim? Isso não diz S. João nas maravilhas deste Amor, nem S. João póde dizer, o que sente: tais são, que não cabem na esfera do dizer. Coube este Amor no coração do amante, mas não cabe este amor na penna do amado: no coração do amante coube para a fineza, na penna do amado não cabe para a explicação. Monre tão alto, que nem o Evangelista, sendo Aguia, pode lá chegar. E se isto succede ás Aguias, a quem o não for, que será: *Quis ascendet in montem Domini?*

Mas oh Aguia generosa! Sim voou o Evangelista, e voou a este monte naquella *Sic: Sic dilexit*. Aqui lhe medio a grandeza, porque mostrou, que medindo-se, era tal, que se não podia medir. S. João Chrysofostomo neste lugar : *Sic Deus dilexit mundum*, diz o Evangelista, e Chrysofostomo diz : *Illud verbum, sic dilexit, immensam Divini amoris significat vehementiam*. Notay o *immensam*. He tão fem medida a grandeza deste monte, que tomar nelle as medidas ao amor, he achar-se em todo elle hum amor sem medida : *Immensam Divini amoris significat vehementiam*. Temos assumpto: mas se hum luz só com outra realça, entre a dividir S. Paulo Doutor das gentes, o que Chrysofostomo nos propoz, como tão insigne Doutor.

Em toda a boa Filosofia toda a quantidade, sabemos, que tem tres medidas. Tem largura, tem comprimentos, e tem profundidade: he larga, he extensa, e he profunda. São as tres medidas, com

D.
Joan.
Chryf.
Hom.
26 in
Joan.

com que S. Paulo Principe dos Filozofos medê hoje o Monte do amor Divino: ouvya a S. Paulo: *Ut possitis comprehendere cum omnibus sanctis*, diz o Apostolo, *que sit latitudo, que longitudo, sublimitas, & profundum. Scire etiam*: notay bem, *supereminentem scientiæ charitatē Christi*. Medi, diz o supremo Doutor, medi a grandeza deste Monte, e nelle, ainda que sem medida, achareis tres medidas; achareis largura: *Que sit latitudo*: achareis comprimento: *Que sit longitudo*; e achareis profundidade: *Sublimitas, & profundum*.

Atéqui S. Paulo: agora pergunto eu: e como, ou porque compasso (Apostolo Divino) se haõ de tomar as medidas deste Monte? O thema em huma palavra: *Ut Filium suum Unigenitum daret*. Naquelle *daret* temos tres cousas: o muito, que o Amor dá: *Filium suum*; os muitos, a quem se dá: *Dilexit mundum*, e o muito, para que se dà: *Ut omnis, qui credit in eum*

non pereat, sed habeat vitam æternam.

Divino compasso, e para taõ grande Monte adequadas medidas! No muito, que o amor dà, temos hoje hum Monte infinitamente largo: *Latitudo*. Nos muitos, a quem se dà, temos hum Monte infinitamente extenso: *Longitudo*; e no muito, para que se dà, temos hum Monte infinitamente profundo: *Sublimitas, & profundum*. Vem a fer, e he o Sermão em tres assumptos, Monte com largueza, pelo muito que dà: Monte com extensão, pelos muitos a quem dà, e Monte com profundidade, pelo muito para que se dà. Estas seraõ as tres partes do Sermão: as tres medidas deste sagrado Monte, donde sem embargo de se tomarem nelle as medidas ao Amor, hoje em todo elle se verá hum amor sem medida: *Sic Deus dilexit mundum. Illud verbum, sic dilexit, inmensam Divini amoris significat vehementiam*.

I. PONTO.

EM primeiro lugar, no muito, que o amor dá, se vê sem medida largo o Monte do Amor Divino. Em nenhuma cousa se conhece melhor a largueza do Amor, (diz S. Bernardo) que na largueza das dadi-
 D Bern-
 vard.
 vas: *Amor sentitur in donis*, diz o Padre. E he tão certo, o medirem-se entre si huma cousa com outra, que nem as mãos tem compasso mais fiel do que o amor, nem o amor demarcação mais cabal do que as mãos. Vamos à pedra de Moysés, e acharemos em hum lugar commum hum Texto particular.

He notavel a differença, com que o Texto falla naquella agoa, que lá para beber o povo de Moysés deo aquella pedra. A primeira vez chama-se agoa, e não mais: *Aquam de petra*. E a segunda não he só agoa, mas agoa com largueza, ou larguissima corrente de agoa: *Aque largissima*. Pergunto: Se a pedra

era a mesma, e a mesma a vara, que ferio a pedra, porque ha de ser na primeira vez agoa menos, e na segunda ha de ser mais? Porque se ha de chamar huma vez fonte de agoa, diz Moysés: *Fontem aquae*, e na outra agoa por muitas fontes: *Aquae largissime*.

Mas sim: e a differença, com que se falla na agoa, se vê na differença, com que se falla na pedra. Aquella pedra a primeira vez era só pedra: *Aquam de petra*; e a segunda não só era pedra, senão pederneira: *Percutiens virga bis silicem*. A pederneira, sabem ja que tem fogo dentro em si, e a pedra não. E como o fogo he hum jeroglifico do amor, diz Christo: *Lampades ejus lampades ignis*; porisso dá menos agoa a pedra, quando he pedra, e porisso dá mais agoa, quando he pederneira: quando he pedra, dá huma só vea de agoa, porque não tem fogo nas veas: *Aquam de petra*; e quando he pederneira, como toda se abraza em fogo, defata-se toda em agoa: *Percu-*

Num.
20.v.8

Ib.v.
21.

Percutiēs virga bis silicem, egresse sunt aquae largissimae.

Eu não sou tão bom de contentar, que me accomode com pouco: a palavra *Largissimae* he mais do nosso caso, e ainda diz mais: *Aquae largissimae*; agoas com largueza, diz o Texto. E quando? Não quando a pedra he pedra: *Petram*, mas quando a pedra he pederneira: *Silicem*. Eu venho em que a pederneira, e mais a pedra, tenhaõ ambas seu fogo, porque isso he serem mixtos, que se compoem das quatro qualidades dos elementos: mas na pedra o fogo era moderado, e na pederneira estava com predominio: na pedra era menos, e na pederneira era mais. E como a largueza com que se dà, està no mais, ou menos amor de cada huma, porisso dà com menos largueza a pedra, porque nella o fogo he menos. Porisso dà com mais largueza a pederneira, porque nella o fogo he mais. Pedra, donde o fogo do amor he pouco,

não pôde dar muito: *Aquae de petra*. Pederneira, donde o fogo do amor he muito, não sabe dar pouco: *Aquae largissimae*.

A energia mayor deste Texto nos salta ainda. Que pedra he esta (pergunto) ^{1. Ad Corint. 10. v. 4.} tanto mais liberal por pederneira, que por pedra? S. Paulo divinamente: *Petra autem erat Christus*; esta pedra he Christo, diz S. Paulo. Bem, e Christo não he aquella pedra, que se trãsformou em monte, sendo só pedra? Sim. Na ruina da Estatua de Nabuco, huma pedra, que foy Christo, cahio de hum monte, e se fez outro monte: cahio de hum monte: *Abscissus est lapis de monte*, e se fez outro monte: *Lapis, qui percussus erat statuam, factus est mons magnus*. Este he Christo, pedra, que lá veyo do monte da Santissima Trindade: *Ipsa Trinitas est mons*, diz Origenes, *unde abscissus est lapis*.

De maneira, digamos logo, que Christo naquella pedra figurado (diz Daniel) era hum monte: *Mons magnus*.

mus. E que mais? Que se era monte, em quanto pedra, era Monte de Amor Divino, em quanto pederneira: sim porque tudo, o que em si tinha de fogo, mostrava tello de Amor. Pois alto: pedra, que he Monte de Amor Divino, ha de mostrar no largo da liberalidade a largueza do Amor: assim ha de medir em si huma largueza com outra, que para se mostrar no Amor hum Monte largo, não fó ha de mostrar que dá, mas que dá com largueza: *Percutiens virga bis sili- cem, egressæ sunt aquæ largissima.*

Ora para abono do que está dito, e para fundamento mayor do que podemos dizer, ouçamos o que diz o nosso Thema: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitū daret.* Que- reis saber (diz S. João) que largo foy, ou a quanto se alargou em Deos o Monte do seu Amor? Pois não foy menos que a dar-nos seu unigenito Filho: *Ut Filium suum unigenitū daret.* Pe- zay bem as palavras, que Tom. IV.

cada huma tem de per si muito pezo: deo-nos o Filho, diz S. João: *Filium deo-nos hum Filho que era seu: Filium suum;* e finalmente, que sobre ser seu, e ser Filho, era Filho seu unigenito: *Filium suum unigenitum daret.* Póde o Amor Divino dar mais, ou mostrar-se com largueza mayor no que dá? Tornay a notar, e seja palavra por palavra.

Hum Filho (diz Chry- sostomo (e não hum servo. Hum Filho (diz elle) e não hum Anjo: e creando Deos tudo para dar, tudo nos deo em dar o Filho.

Ouvi o Padre: *Filium de- dit, non servum, Filium, & non Angelum.* E em ou- tra parte: *Largitatem ostendens, quod enim maximum donum erat, hoc dedidit, non pedetentim, sed cumulatè, omnium honorum vobis fontem diffundit.* Segunda palavra: Filho seu, diz S. João: *Suum.* Seu (notou Santo Hilario) e não alheyo: seu, e não adoptivo: *Non adoptivum Filium, nec alienum, sed suum.*

suum. Estremado Amor! Ser largo em dar o alheyo, isso nem he ser Amor, nem ser largo: dar porém o seu, e dar do seu, isto só he largueza de Amor: *Largitatem ostendens*. Emfim, sobre o Filho ser seu, he unigenito: *Unigenitum*. Ter muitos filhos, e dar hum, grande amor será; mas ter hum só, e dallo, he mais que grande. Hum Doutor em voz de Chrysofotomo:

Silv. 1. 4. l. 4. c. 4. *Si multos haberet filios, & unum dedisset, mira dignatio: dum autem unicum dat amoris excessus.* Oh valhame o Ceo! Concluamos:

In Exp super illud: Sic Deus dil. mund.

Ser hum Filho, o que se dá: *Filium*: ser Filho que he seu: *Filium suum*, e Filho tambem Unigenitum: *Unigenitum daret*. Nem a dadiva póde passar daqui, nem ser mayor o Amor, a ser esta a dadiva. Tudo nos provará hum só Texto, e terá de mais singular, o que tiver de ser só.

O amor mayor, que entre os homens do mundo se teve a Deos, foy aquelle grande amor, que Abrahaõ lhe teve. Amor taõ grande,

que se huma vez move a curiosidade em Deos para as experiencias, em outra lhe empenha a urbanidade para as acclamaçoens: tudo foy: o Senhor o experimentou antes: *Tentavit Deus Abraham*; e logo o acclamou depois: *Nunc cognovi*, diz por hum Anjo, *quòd times Deum*. Já sabeis que aquelle *Times* em fraze da Escritura he o mesmo que *Diligis*. Assim o tresladaõ muitos, e o interpretaõ todos: *Nunc cognovi, quòd diligis Deum*. E pois como assim? Taõ pago se mostra Deos aqui do amor de Abrahaõ? Que amor foy este, ou em que mostrou Abrahaõ ter a Deos taõ grande amor? O mesmo Senhor o diz, e naõ menos nas confissoens de depois, que nas experiencias de antes. Experimentou Deos este amor: *Tentavit Deus Abraham*, v. 1. e em que? *Tolle filium tuum & 12. unigenitum Isaac, & eum & 16. offeres in holocaustum*. Eisahi a experiencia. Acclama depois Deos este amor: *Nunc cognovi, quòd diligis Deum*. E porque? *Quia unigenito*

unigenito filio tuo non percipisti propter me. Eis-ahi a confissão. Ora digamos o caso, e nos explicaremos melhor.

Sacrifica Abrahaõ por mandado de Deos a prenda mais terna do seu amor, e neste amoroso sacrificio, revestido elle de huma pia crueldade, pay juntamente, e homicida, levanta sobre o tenro Isaac o robusto alfange, e em huma morte só intenta fazer tres mortes: he o que diz o Senhor: Em Isaac quer matar hum filho *Filium*: he a primeira. Matar hum filho que he seu *Filium tuum*: he a segunda. E finalmente hum Filho que sobre ser filho, e ser seu, era filho tambem unigenito: *Unigenitum Isaac*; e he a terceira. Oh amor grande o de Abrahaõ! Amor, que no filho, que sacrifica, sacrifica naõ só filho, mas filho seu, e filho naõ só seu, mas unigenito: *Filium tuum unigenitum Isaac*. Este amor empenhe embora a Deos em curiosas experiencias, e obrigue tambem a Deos a primoro-

fas acclamaçoens: experimente-o Deos como considerado: e acclame-o Deos como agradecido. Porisso o mesmo Senhor se huma vez o examina antes: *Tentavit Deus*, outra o canoniza depois: *Nunc cognovi, quòd diligis Deum*.

O lugar naõ dá taõ pouco de si, que naõ haja nelle mais que ver, e mais que admirar. *Nunc cognovi*, diz Deos, *quòd diligis Deum*. Agora conheço (oh Abrahaõ) o vosso amor: *Nunc*: agora. Notay o *Nunc*. Quê diz, que agora o conhece, suppoem que o naõ conheceo atégora. E pois agora conhece Deos este amor, e atégora naõ: *Nunc cognovi*. Certo, Senhor, que se vós podereis ser ingrato, Abrahaõ, dissera eu, se podia aqui queixar de vós. Naõ he Abrahaõ aquelle, que já por amor vosso, e com mil gentilezas de amor, trocou a patria pelo desterro, o descanso pela peregrinaçaõ, a casa propria, e grande por huma pobre, e humilde choupana, a companhia dos que

eraõ feu fangue , pela de gente, que o não era , e sobre tudo sem saber para onde hia , ou o levavaõ , se foy para onde vós o mandastes ir ? Tudo assim foy : *Egredere de terra tua, & de cognatione tua, & de domo patris tui, & veni in terram, quam monstravero tibi.*

Gen.
12.v.1

E pois se isto he tudo amor, e cada cousa de per si hum a pedra de toque, em que o amor descobre a sua fineza, como atégora se não viraõ estes quilates, e agora sim? Como conheceis agora este amor, e não atégora: *Nunc cognovi.* Mas sim, diz o Senhor, porque comparada fineza com fineza, e visto amor com amor, á vista do amor deste sacrificio, todo o mais fica a perder de vista. Sacrificio, em que hum pay offerece hum filho, e filho não só seu, mas além de seu, e de filho, filho tambem unigenito: *Unigenito filio tuo*; este, ou os mais amores com este, se na verdade são muitos, quando se cantaõ, nenhuns parece que são, quando se

avaliaõ. Porisso sem embargo do amor de atégora, diz Deos, só agora conheço (Abrahaõ) o vosso amor: *Non cognovi, quòd diligis Deum.*

Ainda nos falta neste Texto o principal. Houve de fazer Abrahaõ esta façanha de amor: hõuve de examinallo Deos, e approvallo, e qual vos parece que seria lugar, que para isto escolheo o Senhor? Nenhum outro, que o cume de hum monte: *Super unum montium; quem monstravero tibi.* Mas teve por teatro hum monte o amor de Abrahaõ, porque não fora este amor o que he, se lhe faltasse o ser hum monte de amor. E notem que não diz Deos só que era monte, mas hum dos montes: *Unum montium.* E para que falla nos outros, quando falla neste? Porque como sem competência não ha mayoria, para mostrar a mayoria deste, fallou nos outros. Hum, e taõ superior a todos (diz Deos) que entre os mais este foy só o visto: *Terram visionis*, e sobre

fobre os mais elle só o mostrado : *Quem monstraverò tibi.* Mas oh amor, e monte sublime de amor ! Não podia deixar de ser grande o monte, donde o amor he tão grande ! Amor, que na larga mão com que dá, dá não só hum filho, mas seu, e filho não só seu, mas unigenito : *Unigenito filio tuo propter me*; este amor tenha hum grande monte por teatro, e na mesma grandeza do monte se veja a largueza do amor : *Super unũ montiũ. Nunc cognovi, quòd diligis Deum.*

He tão do nosso caso o lugar, que não ha mister para accommodallo, mais que mudar-lhe dous nomes, o nome de Isaac em Christo, e o de Abrahaõ no Padre Eterno. Figura expressa de Christo foy Isaac, e não menos do Padre Eterno o foy Abrahaõ. Abrahaõ no seu Isaac sacrificou hum filho seu, e unigenito : *Unigenito filio tuo.* O Padre Eterno em Christo, hum Filho tambem unigenito, e seu : *Filium suum unigenitum daret.* O Padre em

Tom. IV.

hum monte como Abrahaõ, Abrahaõ em outro monte como o Padre : donde para cada hum o seu Monte não foy menos que hum Monte largo de Amor. E se em Abrahaõ não podia chegar a mais o amor de hum pay, que he homem; em Deos a que mais se podia alargar o Amor de hum Deos, que he Pay? Amor emfim, que tendo no que dá a medida do que ama, he Monte, que nas medidas de largo se vê largo, e sem medida : *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret. Sic, immensam Divini amoris significat vehementiam.*

II. PONTO.

EStamos na segunda parte do Sermaõ. Não só dá muito o Amor Divino, mas dá a muitos; e se pelo muito que dá, he este amor Monte largo, tambem porque dá a muitos, he Monte extenso de Amor. Na imaginação dos humanos não he o amor aquillo que se cuida: cuidaõ que o amor

Bb 3 con-

confiste em se amar a hum só; mas não sabem que se he hum só o amado, não he, o que deve ser o amor. O emblema mais perfeito do amor, diz Plutarco, he a hera: *Amor est sicut hederæ*; e he, diz elle, porque a hera a tudo, o que se arrima, se abraça: *Semper invenit, ubi se colligat*. Nasce a hera, e ou seja nas ruínas de hum muro, a que se encoísta, ou seja nas rustiquezes de hum tronco, a que se inclina, ou finalmente amparada de huma penha ruíde, e favorecida de huma planta agreste, a hera em verdes labirintos de amor metida, equivocando os ramos em braços, e os braços em ramos, se faz toda grilhoens de affectos para se prender, e toda prizões de amores para se enlaçar: *Semper invenit, ubi se colligat*.

Mas por quem, ou a quem te prendes herva insensível? A hum tronco? A huma penha? A hum muro? A huma planta? Sim, e tudo notou o Laureto: *Cum per se stare non possit*, diz elle, *arboribus, muris, &*

saxis adheret. Mas isso na verdade he ser a hera amor (ainda que não amor destas eras) Não faz o amor differença, nem de planta a tronco, nem de muro a penha: abraça igualmente a penha rasteira, e o muro altivo: o tronco inútil, e a planta florida: he hera que a todos prende, e só então mais amor, quando mais de todos: *Amor est sicut hederæ*.

Esta generosidade pois, esta grandeza, ou extensaõ no amar, em quem fenaõ no amor Divino se acha hoje? Ora ouvi a S. Joãõ, e fundemos o Thema: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret*. Não diz, que no mundo, que Deos ama, ama huma só parte do mundo: não que ama o mundo, ou em partes só, ou só por partes: mas o mundo todo: os presentes, todos os preteritos, e todos os futuros: todos os homens do mundo: isso diz o *Mundum*. Oh monte de Amor extenso! Amor que a todos chega, e dà geralmente a todos, atéqui extensaõ

Plu-
tarch.
ref.
An-
drad.
tract.
18.c.6.

Silv.
alleg.
verb.
Heder.

tenção de Amor: *Sic Deus dilexit mundum*. Sobre isto que diz S. João, entrem as Escrituras agora, e os Escriitores.

Do feu amor nos Cantares, diz o Senhor, que he femelhante à morte: *Fortis est ut mors dilectio*. E pois como a morte o Amor de Deos? Sim: A morte para todos he igual, a todos chega, a todos avassalla, e a todos piza: *Omnes morimur*, diz o Espirito Santo: e he o amor de Deos como a morte, porque não fora este Amor Amor feu, senão fora geral para todos: *Omnes morimur. Ut mors dilectio*. Não falte a circumstancia do Monte a esta grandeza de Amor.

Daquella pedra de Daniel dillemos já, que passou à grandeza de monte, e monte, diz Daniel, que toda a terra encheo com a sua grandeza: *Factus est mons magnus, & replevit universam terram*. Mas era esta pedra Christo, Monte de Amor Divino: *Ad montem, qui Christus est*, diz a Igreja. E enche este

Monte a terra toda: *Replevit*, porque não ha Amor Divino, que para se estender a todos, não encha a tudo: *Universam terram*. Tudo enche o divino Amor, e a tudo se estende: a toda a terra, a todo o mar, a todo o Ceo, e ao mundo todo: toda a terra: *Universam terram*: todo o mar: *à mare usque ad mare*: todo o Ceo: *Quem Celi capere non poterant*; e todo, ou por todo o mundo: *Dilexit mundum*. No Ceo este Amor se accende em luzes, no mar se enthesoura em perolas, na terra se ostenta em flores; e se o mundo se compoem de Ceo, de mar, e de terra, Monte he este Amor, e tão extenso, que enche o mundo: *Dilexit mundum*.

Mas valha-me Deos! Entremos a duvidar agora, e tambem a admirar! O mundo compoem-se de bom, e de máo: isso he fer mundo: o bom he digno de amor, e o máo indigno. E pois ama este Amor igualmente assim aos máos, como aos bons? Mas eis-ahi o que he

Dan.2.
v. 35.

Ex
Ecc.

fer o Amor como a hera: he hera Divina, que para todos he. Não faz distincão a hera nem de tronco a penha, nem do muro a planta, e assim como a hera abraça a todos sem differença, este Amor a todos se dá sem excepção; pequenos, e grandes; pobres, e ricos; plebeos, e senhores, e o mais he, dignos, e indignos, a todos se estende, e com toda a igualdade he para todos.

Sobre hum monte morreo Christo no mundo, e tomando David as medidas à terra por este monte, diz que este monte estava no meyo da terra: *Operatus est salutem in medio terra*; Hugo Cardeal com Santo Agostinho meu Padre, e S. Remigio, entendem da morte de Christo, e do lugar da sua morte, este lugar de David: *Operatus est salutem*, diz Hugo, *morte, & passione sua*, e diz mais: *in medio terra, id est, in Jerusalem*. Notavel circumstancia! Pergunto: Se Christo ha de morrer em hum monte, porque mais he no

meyo da terra, que no principio; ou porque não no fim da terra, senão no meyo?

Os Oradores dizem aqui, que se tem seu meyo a virtude, o ha de ter tambem o amor: amor nos principios he bizonho, porque começa: amor nos fins he tibio, porque acaba, e a ter o amor seu meyo, nem terá as tibiezas do fim, nem as bizonherias do principio. Até aqui os Oradores. Eu porém, para satisfazer huma cousa, proporey outra. Em que cuidais vós, ou qual será a razão (se a cuidais) porque o coração do homem está no meyo do corpo? Por nenhuma outra que para assistir igualmente a todas as partes delle. Do meyo, com huma certa especie de immensidade, assiste o coração, não menos à cabeça, que aos pés, não menos aos pés, que ás mãos, e extendendo a todos seus vitais espiritos, está juntamente nas mãos, nos pés, e na cabeça. Este he o coração. Agora ao caso.

Que são os homens todos do

Pfal.
73.v.
12.

Hug.
Card.
bic.

do mundo, mais que hum corpo em tudo da terra, e de terra? E deste universal corpo quem foy o coração, que na Cruz lhe deo vida, fenaõ Christo? Poz-se este coração no meyo deste corpo: *In medio*. E que? Que deste meyo, com repartição sempre igual, os espiritos por huma parte subiaõ delle à cabeça, por outra os alentos desciaõ delle aos pés, e aos brios por outra se extendiaõ às mãos; e cõmunicado assim a mãos, cabeça, e pés, o coração, que hé Christo, por abranger a todos os lados, està no meyo: *In medio terra*. Eis-aquí o que Christo he, ou o Monte do Amor de Christo.

Està no meyo, diz David: *In medio*. E que se segue daqui? Que dividido o mundo em quatro partes, o Monte do Amor no meyo se extendia a todas as partes do mundo. Por huma parte estava o Oriente, por outra o Occaso, por outra o Setentrião, e finalmente por outra o Meyo-dia. Grande extenção de Mon-

te! A medir-se este amor de huma parte, là chegava do Meyo-dia ao Setentrião: *Surge Aquilo, veni Aufer*; e a medir-se da outra parte, là chegava do Occaso ao Oriente: *A solis Ortusque ad Occasum*. Póde haver mais comprido Monte! Ainda não dillemos o mais.

He no meyo da terra effe Amor, o que no meyo do corpo o coração. Compõem-se o corpo, como ja difsemos, de mãos, cabeça, e pés. Nos pés estão figurados os humildes, e os plebeos: na cabeça os soberanos, e os illustres: nas mãos os ricos, e opulentos. E que faz no meyo o coração? Assiste igualmente a pobres, e a ricos, a illustres, e a plebeos, a humildes, e a soberanos. Para todos he igual, e como a hera, que abraça a todos.

Naõ menos na terra Christo, ou no meyo da terra. Ha no Oriente luzes, em que se figuraõ os justos, no Occaso sombras, que são os peccadores, nos rayos do Meyo-dia estão os Santos,

e nos frios do Setentriaõ os obstinados. E que faz o Amor neste meyo. Ser igual para justos, e para obstinados: o mesmo para peccadores, e para Santos: coraçãõ que a todõs assiste, e quanto mais no meyo, mais de todos. Oh Monte de Amor admiravel ! Se o Senhor naõ estivera no meyo como està: se para aqui se inclinasse mais que para alli, mostraria ter mais Amor a huma parte que à outra. Pois Monte, que he de Amor, e Amor Divino, assim he igual para todos, que està no meyo: *In medio terræ*. Naõ ha mais largo Monte pelo muito que dá: *Filium suum*; nem Monte mais extenso pelos muitos a quem dá: *Dilexit mundum*. Monte enfim, que tendo as medidas no dar, em tudo se vê sem medida: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret. Sic immensam Divini amoris significat vehementiam.*

III. PONTO.

Ultimamente: a medida ultima deste móte he, como S. Paulo diz, a sua profundidade, e altura: *Sublimitas, & profundum*. Para nos dar Deos a vida eterna (diz S. Joaõ) nos dá por Amor seu a seu mesmo Filho: *Filium suum*, diz elle, *Ut omnis, qui credit in eum, non pereat, sed habeat vitam eternam*. Eisahi neste Monte de Amor a sua altura grande, e a sua profundidade summa. He Monte profundo, porque por elle desce Deos do Ceo á terra: *Filium suum unigenitum daret*. He Monte alto, porque por elle sobe o homem da terra ao Ceo: *Ut habeat vitam eternam*. Alto, e profundo? Sim. Para Deos profundo, porque o inclina até o trazer a ser homem: *Factus est Deus homo*; e para o homem alto, porque o eleva até o sobir a ser Deos: *Ut homo fieret Deus*. Póde haver altura mayor, nem mayor profundidade de Monte?

O mon-

O monte para nós mais alto, e o mais profundo para Deos, foy o Calvario: alto para o homem, porque da terra em que jazia se levantou: *Multi, qui dormierant, surrexerunt*. Profundo para Deos, porque se abateo por elle ao mais profundo da terra: *Infixus sum in limo profundi*. Mas foy para Deos o Calvario o Monte do feu Amor, diz Ifaias: *Oblatus est, quia ipse voluit*: e nunca o Amor de Deos se vio no Monte, que não fosse para exaltar o amado: *Surrexerunt*, e para abater o amante: *In limo profundi*. He o que entre Moysés, e Deos se vio no monte Oreb.

Ardia neste monte huma C,arça, cujo fogo todo era amor, ou em que o amor todo era fogo, e porisso senão fogo que queimava, era fogo que ardia: *Quod arderet, & non combureretur*. Neste monte pois, teatro do amor de Deos, e Monte do feu Amor, que foy o que em Deos se vio, e em Moysés? Explicar Deos alli a sua vinda por

hum descer: *Descendi, ut liberem eum*, e Moysés explicar a sua ida por hum sobir: isso diz o *Vadam*, id est, *Ascendam*. Oh Monte, em que o Amor arde! Para Deos profundo, pois es monte, porque se desce: *Descendi*; e para Moysés alto, pois es monte, porque se sobe: *Ascendam*.

Eis-ahi o Calvario, Monte tambem de Amor como este Monte. Desce neste Monte Deos, e sobe neste Monte o homem. Do homem se falla aqui por hum *Ascendet*: *Quis ascendet in montem Domini?* E por hū *Descendet* em Deos: *Sic descendet Dominus, ut praelietur super montem*. Emfim he Monte de Amor, e se bem levanta o amado: *Surrexerunt*, tambem abate o amante: *In limo profundi*.

Mas ainda (adiantemos mais) ainda tem esta profundidade mais fundo, e esta altura mayor eminencia. Sobem o homem, diz S. Joaõ, e desce Deos: Deos para se fazer homem desce: *Filium unigenitum daret*; e o homem para se fazer Deos

Matth
27.v.
52.

Psal.
21.v.
13:

Ifai. 3.
v.7.

Exod.
3.v.3.

Psal.
23.v.
3.

Ifai.
13.v.

4.

Deos fobe : *Ut habeat vitam æternam*. Singular troca na verdade ! Deos feito homem faz suas as penas do homem : o homem feito Deos faz suas as glorias de Deos. He o que o Amor faz, ou hum Monte, que o he de Amor : toma as nossas penas para si, e quer as suas glorias para nós : as glorias, que são suas, as faz nossas, e as penas, que são nossas, as faz suas. Ha Monte mais estremado de Amor ?

Hum cordeiro em lugar do seu Isaac sacrifica Abrahão no monte. Dictame foy (diz S. Zeno) da providencia : livra-se do golpe Isaac : *Ne extendas supra puerum*, e morre do golpe o cordeiro : *Arietem, quem obtulit pro filio*. Ouvi o que o Padre diz : *Eodem ferro maclavit arietem*, diz elle, *quo filium percutere jam parabat*. E pois como assim ? Se he Isaac, o que vay aqui a morrer : *Offeres eum*, como morre o cordeiro, e vive Isaac ? Mas he (dizem os Padres) o ver-se aqui neste monte, o que se vê. Humma columna de fogo (di-

zem elles) vio alli Abrahão, emblema certo do Amor de Deos : Amor ardente, porque em fogo, e Amor estavel, porque em columna : *Super montem illum*, diz o Abulense, *vidit quandam columnam ignis Abraham*. E Monte em que o Amor de Deos he fogo que arde : a morte, que era do amado, a toma o amante, e a vida, que era do amante, a deixa ao amado. Era o amante Christo figurado no cordeiro, era o amado o homem representado em Isaac : e donde o Monte o he de Amor, as glorias todas da vida são do homem, e as penas todas da morte são de Christo. Deste monte sahio Isaac coroado de gloria : *Benedicentur in semine tuo, id est, in Isaac*, e neste monte ficou o cordeiro submergido em penas : *Obtulit arietem pro filio* : do cordeiro foraõ as penas, que haviaõ de ser de Isaac, e de Isaac foraõ as glorias, que haviaõ de ser do cordeiro. Mas era do Amor este Monte : *Columnam ignis*, e se por elle desce o amante pa-

ra as penas, de quem morre: *Filium suum unigenitum daret*: e por elle sobe o amado para as glorias, de quem vive: *Ut habeat vitam aeternam*.

Entra huma difficuldade, e não pequena: Sobir o homem, e descer Deos, não ha duvida que desigualdade he; e se o amor, dizem que faz iguais, como pôde ser effeito do Amor descer neste Monte Deos ao mais profundo, e sobir neste Monte o homem ao mais alto? Mas sim, e o segredo está em ser o amor a montes, ou não ser. Se o amor he sómente amor, com fazer iguais se contenta; mas se o Amor he Monte, ou he amontes, sempre faz desiguais. He o que se vê no fogo retrato do amor: se o fogo he moderado, aquenta, mas se he excessivo, abraza. Assim o amor: se não passa de ser amor, iguala o amante com o amado; mas se he amor de excessivos, os desiguala, exalta o amado, e abate o amante.

Como a morte (diz o Esposo) he o amor grande:

Fortis est, ut mors, dilectio. Mas o mayor, diz elle, he como o inferno: *Dura, sicut infernus, aemulatio*. E bem; porque se a morte iguala a tudo, no inferno nenhuma igualdade ha: como ha de haver igualdade, donde se não diz que ha ordem: *Ubi nullus ordo*, diz Job. E se donde o amor iguala, pôde ser grande como a morte: *Ut mors*, donde não tem igualdade, he mayor, porque he inferno: *Sicut infernus aemulatio*. Seja pois, oh Divino Amor, seja este Monte vosso, para vós profundo, e para nós alto, e veja-se que descendo Deos nelle do Ceo á terra: *Filium suum unigenitum daret*, o homem sobe por elle da terra ao Ceo: *Ut habeat vitam aeternam*. Monte emfim, que na sua altura grande, e na sua profundidade summa, em toda a medida que tem, se mostra não ter medida: *Sic. Illud verbum, sic dilexit, immensam Divini amoris significat vehementiam*.

O Sermaõ está acabado,
mas

mas o Sacramento queixo-fo. Eu o dissêra, a não ser o mesmo prégar do Amor Divino, que prégar do Sacramento. Ora ouvi a Christo, e conferi o que atégora dissemos, com o que ouvireis agora: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus, qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo.* Vay Christo medindo o seu Amor no Sacramento, e não são as medidas outras, que as mesmas, porque atéqui medimos o Monte do seu Amor. Notay assim.

Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus. Em carne, e em sangue, diz Christo, se dá todo naquelle Sacramento. Eis-ahi a primeira medida: o largo do amor, no muito que dá: *Caro, & sanguis.* Em segundo lugar: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem;* dá-se alli Christo, e dá-se sem excluir a ninguém: todo elle, e para todos. Eis-ahi a segunda medida: o extenso do amor, nos muitos, a

quem dá: *Qui manducat, & bibit.* Finalmente *In me manet, & ego in illo;* no Sacramento, diz o Senhor, e por virtude delle, o mesmo Deos se transforma no homem, e o homem fica transformada em Deos. Eis-ahi a terceira medida: o alto, e profundo do amor, no muito para que se dá: *In me manet, & ego in illo.*

De maneira, que medido o amor no Sacramento, ou medido em quanto Monte do Amor, todo tem as mesmas medidas: tem largura, tem extensaõ, altura, e profundidade. He largo no muito que dá: *Caro, & sanguis.* He extenso nos muitos a quem dá: *Qui manducat, & bibit.* He profundo, e alto no muito para que se dá: *In me manet, & ego in illo.* E se este he o Amor no Sacramento, e este o Monte do mesmo Amor, não foy outra couza prégar atégora deste Monte, que prégar do Sacramento.

Ora meu Deos, em materias do vosso Amor Divino,

no o fallar menos, he dizer mais. Se os impossiveis não são da esfera do discurso, mais os encarece, quem para os não dizer, os venera impossiveis. Verdade he que neste Monte do vosso Amor vos tem por mais louvavel, e mais para louvado David: *Laudabilis nimis in monte sancto ejus*; mas se os valles não podem lá chegar, aceitay Senhor, que em lugar dos valles vos louvem os montes: *Et montes exultabunt à conspectu ejus*. Tambem David dizia, que os montes se havião de transferir alguma hora para o coração do mar:

Transferentur montes in cor maris. Mar he o mundo, ou os peccadores delle, que são hum mar: fazey Senhor se cumpra a profecia em nós, e se transfira para os nossos coraçoes esse Monte: *Montes in cor maris*. Em nós, digo, para que tendo esse amor mais de casa, logremos por elle em vós favores a montes, e vós experimenteis por elle louvores a mares. Tudo pôde fazer, meu Deos, a vossa Divina graça, e por tudo, Senhor, ciperamos beijar-vos os pés no Monte da vossa gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

SERMAÕ

DO

GLORIOSO PATRIARCA

S. JOZÉ

P R E G A D O

Na Capella Real.

Joseph fili David noli timere. Matth. i.

AO Pay glorioso de Christo (permitta-no-lo assim o Padre Eterno) ao Esposo felicissimo de Maria (haja-o assim por bem o Espirito Santo) a vós Divino Jozé, mimo da ventura, assombro da natureza, e maravilha da graça; a vós digo, que com tanta gloria vossa merecestes (se tanto se podia merecer) merecestes, qual retrato do Padre Eterno, ser Pay glorioso do me-

lhor Filho, este he Jesus: *Pater tuus, & ego*, diz por Luc.2^o S. Jozé a Mãe de Deos: v.48. merecestes, qual espelho do Espirito Santo, ser o Esposo da melhor Esposa, esta he Maria: *Joseph autem vir ejus*, diz S. Mattheus. A vós emfim, e devidamente a vós se confagra, se dedica, se tributa, neste grande, e felice dia, esta grande, e solemne festa.

A mim me destinaraõ
por

por Orador ; mas verdadeiramente que de nenhuma forte pudera eu satisfazer melhor as obrigaçoens desta festa , e deste dia , que descendo-me agora do pulpito , dando já por feito , e por acabado o Sermaõ ; porque depois de dizer de S. Jozé , o que tenho dito : depois de dizer de S. Jozé , que teve a Jesus por Filho , e a Maria por Esposa : que foy Esposo glorioso de Maria : *Vir ejus* , e Pay esclarecido de Jesus : *Pater tuus* , não ha , nem me fica mais que dizer de S. Jozé : nem os Santos atè agora souberaõ dizer mais , nem eu poderey passar agora donde emmudeceraõ os Santos.

Se aqui prégara hoje hum Santo Agostinho , se aqui prégara hum S. Pedro Chryfologo , se aqui prégara hum S. Joã Chryfostomo , e finalmente para que nos não cancelmos mais , se hoje prégara aqui a mesma Sabedoria increada do Filho de Deos , não pudera dizer mais de S. Jozé , que o que ja fica dito em duas clausulas breves , em duas

palavras compendiosas : *Pater tuus , & ego. Joseph autem vir ejus*. Porisso eu digo , que para prégar hoje com todo o acerto , não havia de fazer mais que repetir estas palavras , e descerme do pulpito ; mas porque não sey , se me quererá taõ breve , quem hoje me manda prégar , direy , oh illustre Jozé , direy sobre o que tenho dito , o mais que puder dizer ; e se ainda assim for aggravo vosso , lembra-vos que sois Jozé , e achareis que para perdoar-me nascestes nobre : *Joseph fili David*.

Com estas palavras (que são as do Thema) desfez hum Anjo as desconfianças , e socegou os temores do exemplar dos Esposos , e do mayor dos amantes o glorioso S. Jozé. Lutavaõ no peito deste zeloso Patriarca humas não leves suspeitas da pureza virginal de Maria : considerava-se offendido , pelo que descobriaõ os olhos , pois sem reconhecer em si accoens particulares de Pay , divisava na Senhora indicios manifestos de

Mã: *Inventa est in utero habens de Spiritu Sancto.*

Era Jozè justo (adverte o Evangelista) e imaginando a Senhora culpada na fidelidade de Esposa, se dispoz a deixalla confusa nos defenganos de delinquente: *Cum esset justus; & nollet eam traducere, voluit occultè dimittere eam.*

No tempo pois, em que a S. Jozè o desvelavaõ estes cuidados: *Hec autem eo cogitante*, estando padecendo affim huma tormenta desfeita de ciumes, e hum mar tempestuoso de perplexidades, lhe appareceo hum Anjo em sonhos, diz S. Mattheus, e serenou todas aquellas tormentas com estas mysteriosas palavras: *Joseph fili David noli timere*, Jozè filho de David, não temas. Jozè filho de David? Notaveis palavras a tal tempo, e em tal caso! Se de David a Jozè (pergunto) eraõ passadas já não menos que trinta e oito geraçoens, como chama o Anjo a Jozè filho de David a estas horas? A duvida he de S. Pedro Chryfologo, e a repo-

sta ferá de S. Bernardo: *D. Trigesima, & octava generatione natus*, pergunta Chryfologo, *quomodo David filius dicitur?* S. Bernardo responde: *Planè filius David, quem tamquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum.* Chamava o Anjo a Jozè filbo de David, diz Bernardo, porque aquella grande, e singular excellencia, que David teve em ser hum homem taõ ajustado ao coração de Deos, essa se achou com toda a eminencia em S. Jozè. Oh grande, oh alta, oh prodigioso excellencia de Jozè: *Quem tamquã alterum David Dominus invenit secundum cor suum.* Quereis saber, qual he a medida das excellencias de Jozè? Pois ponde os olhos na grandeza do amor de Deos. Quereis saber, qual he a medida (se a póde haver) no amor de Deos? Pois olhay para as excellencias de S. Jozè. Nem Deos, parece, podia amar mais, do que amou a S. Jozè, nem S. Jozè podia ser mais amado, do que foy amado de Deos.

Este

Este será o Sermaõ que repartiremos desta sorte.

Este termo, ou esta palavra Deos (dizem os Theologos, e sabem todos) que comprehende em huma só effencia tres pessoas. A pessoa do Pay, e a pessoa do Filho, e a pessoa do Espirito Santo; e ainda que em todas ellas ha hum mesmo amor, e huma mesma vontade, veremos para credito mayor de S. Jozè, e divisaõ do assumpto do meu Sermaõ, como cada huma das tres Divinas Pessoas se empenhou especialmente em amar, quanto podia ser, a S. Jozè: veremos o extremo grande, com que o amou Deos na Pessoa do Pay, o extremo grande, com que o amou Deos na pessoa do Filho, e o extremo grande, com que o amou Deos na pessoa do Espirito Santo. Mais veremos: Se o amor, dizem, que faz semelhantes, veremos a S. Jozè hum vivo retrato de Deos a empenhos do seu amor. Hum quasi Deos por semelhante ao Pay. Hum quasi Deos por semelhante ao

Filho. Hum quasi Deos por semelhante ao Espirito Santo. Estas serão as tres partes do meu Sermaõ, as tres excellencias de S. Jozé, em tudo hum Deos por semelhança, e em tudo á medida do coração de Deos: *Quem tanquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum. Joseph fili David noli timere.*

I. PONTO.

PRimeiramente: amou Deos na pessoa do Pay com taõ grande extremo o assumpto glorioso da nossa oraçaõ, que chegou a fazer o Padre Eterno por S. Jozè tanto, ou mais, que por todos os homens do mundo. Oh prodigio grande! O mais que o Eterno Padre chegou a fazer pelo mundo, que cuidais que foy? Foy dar-lhe a seu Filho Unigenito. Assim o encareceo S. Joã, e assim o notou S. Joã Chrysoftomo: *Sic Deus di-* Joan.
lexit mundum, diz o Evan- 3.v.16
gelista; ut Filium suum unigenitum daret; e Chrysoftomo neste lugar: *Illud*

D.
Chrisost
Hom.
26. in
Joan.

verbum sic dilexit, immensam divini amoris significat vehementiam. A vehemencia, o extremo, e o prodigio mayor do amor do Pay foy dar ao mundo seu Filho: *Ut Filium suum unigenitum daret.*

Isto que foy o mais que Deos fez ao mundo, e pelo mundo, fez, e obrou tambem por S. Jozé: deo-lhe a seu Filho, porque foy S. Jozé Pay do Filho de Deos: *Ego, & Pater tuus.* Nesta circumstancia, ou neste excessõ de amor, ainda o Eterno Padre fez por S. Jozé mais, e muito mais, que pelo mesmo mundo; e a razão he; porque dando Deos seu Filho ao mundo, não houve nelle homem algum, que se chamasse Pay do Filho de Deos, senão S. Jozé: só S. Jozé foy tão unico, e tão singular entre todos, que não só lhe deo Deos seu Filho, mas tambem o fez seu Pay. Emfim Pay do Filho de Deos só Deos, e mais S. Jozé. Oh grande extremo de amor, oh grande extremo de estimaçãõ! Vamos à conse-

quencia de tudo isto.

Esta estimaçãõ singular, deste amor nunca visto, que se segue? Oh Jozé, hum quasi Deos por semelhante ao Pay! Segue-se, que dando o Padre Eterno seu Filho a S. Jozé, ficou sendo S. Jozé hum retrato do Padre Eterno: fello seu substituto, pollo em seu lugar, e deo-lhe as suas vezes. Por isso ambos como Pays do mesmo Filho, se não são a mesma cousa na realidade, são a mesma cousa por semelhança. Ora ouvi o Anjo S. Gabriel, que o dirá como hum Anjo.

Falla S. Gabriel com a Senhora, quando diz que será Mãe de hum Filho Deos, e entre outras palavras lhe diz estas: *Ecce concipies, & paries Filium, hic erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur.* Senhora, diz o Anjo, concebereis, e parireis hum Filho, o qual será grande, e poderoso, e chamar-se-ha Filho do Altissimo. Venero por infalliveis as palavras do Anjo, mas duvido assim. Diz o Anjo que Christo será

Luc. I.

v. 31.

& 32.

Ibid. 7.
v. 16.

rá grande , e poderoso , e que se chamará Filho do Altissimo. Mas noto eu , que referindo-se nas Escrituras o poder , e a grandeza de Christo : *Propheta magnus surrexit in nobis* , se não falle só , em que este Senhor se chamaſse Filho do Altissimo , como o Anjo diz. O que só acho , e a cada paſſo , he , que Christo foy chamado de todos , e por todos Filho de Jozè : *Vocabatur Filius Joseph* , diz S. Lucas : *Non ne hic est Filius Joseph* , diz S. Joaõ : *Putabatur Filius Joseph* , diz S. Mattheus.

Pois se Christo só se ha de chamar Filho de Jozè , como diz o Anjo , que se ha de chamar Filho do Altissimo : *Filius Altissimi vocabitur*. Como livraremos o Anjo , ou da calumnia de hum engano , ou do fingimento de huma lizon'ia , pois dizendo que Christo se ha de chamar Filho do Altissimo : *Filius Altissimi* , vemos que se chama só Filho de Jozè : *Vocabatur Filius Joseph* ? Ora bem diz o Anjo , no que diz. Diz que Christo

Tom. IV.

se ha de chamar Filho do Altissimo , quando vê que se ha de chamar Filho de Jozè ; porque he Jozè , em quanto Pay do Filho de Deos , taõ semelhante ao Eterno Padre ; he , ou parece tanto a mesma cousa com o Altissimo , que o mesmo parece que he , chamar a Christo Filho do Altissimo , que chamar-lhe Filho de Jozè , e o mesmo chamar a Christo Filho de Jozè , que chamar-lhe Filho do Altissimo : *Vocabatur Filius Joseph. Filius Altissimi vocabitur*.

Ainda o lugar dá mais de ſi , notemolo com attençaõ. Diz o Anjo à Senhora , que será Christo grande , e poderoso : *Hic erit magnus*. Mas he de notar , que quando falla em ser Filho do Altissimo , não diz o Anjo que o será : *Erit* , diz que se chamará : *Vocabitur*. Pergunto : affim como Christo havia de ser grande , e poderoso : *Erit magnus* , não havia de ser tambem Filho do Altissimo ? Claro está que ſim. Pois porque não diz o Anjo que ha de

Cc 3 ser,

fer, senão que se ha de chamar Filho do Altissimo: *Filius Altissimi vocabitur*. Dizey: porque como havia de ser, ou parecer o mesmo, chamar-se Christo Filho do Altissimo, que chamar-se Filho de Jozè, não sendo Christo Filho de Jozè, não se havia de dizer que era Filho do Altissimo. Christo não era Filho de S. Jozè: chamava-se Filho de S. Jozè: *Vocabatur Filius Joseph*. Pois não se diga que ha de ser Filho do Altissimo; diga-se que se ha de chamar Filho do Altissimo: *Filius Altissimi vocabitur*. Para que se veja que parecem tanto a mesma cousa S. Jozè, e o Altissimo, que a dizer-se que Christo era Filho do Altissimo, havia quem dissesse que era Filho de Jozè; e como Christo não era, senão que só se chamava Filho de Jozè: *Vocabatur Filius Joseph*, porillo senão diz que ha de ser, se não que se ha de chamar Filho do Altissimo: *Filius Altissimi vocabitur*.

Atéqui provámos o pen-

famento com as palavras, que o Anjo disse à Senhora; agora confirmemos o pensamento com as palavras, que a Senhora respondeo ao Anjo. Depois que o Anjo representou à Virgem Santissima que seria Mãe de hum Filho Deos: *Quod enim ex te nascetur, vocabitur Filius Dei*, a Senhora respondeo ao Anjo, e disse assim: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?* Como he possível (diz a Senhora) que eu haja de produzir hum Filho Deos, se eu não conheço a meu Esposo S. Jozè. Tal he Jozè prodigioso, que de Maria não conhecer a Jozè infere o não poder produzir Filho Deos. Mostrou aqui a Senhora (ou como se o quizesse mostrar) que havendo de produzir Filho Deos, era Jozè tão Divino, que de ninguem o podia produzir, senão de Jozè; e como era impossível o produzir Filho de Jozè pelo voto da pureza, pareceo-lhe impossível o produzir Filho Deos pela promessa do Anjo: *Quomodo fiet*

Luc.
ub sup.
v. 34.
e 35.

fiet

fiet istud, quoniam virum non cognosco?

Naõ he só isto o que eu quero dizer : tornemos ao lugar , e diremos o mais. Disse o Anjo á Senhora que havia de produzir hum Filho Deos : *Vocabitur Filius Dei* ; e respondeo a Senhora , que sendo impossivel nella o conhecimento de Jozè , era por consequencia impossivel a producção desse Filho : *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?* Eu bem sey a intelligencia verdadeira deste lugar ; mas por grandeza mayor de S. Jozè lhe daremos , no modo possivel , outra intelligencia. Sabia a Senhora (notay assim) que a razão de produzir Filho Deos (como dizem os Theologos) era o conhecimento , e comprehensão das excellencias do Padre Eterno. Este he o acto , com que o Padre Eterno gera a seu Filho , conhece-se a si , e as suas perfeiçoens , e por este conhecimento o gera. E como Maria (digamos agora) tinha como por impossivel o conhecimento , e a com-

prehensão das excellencias de S. Jozè , achou que tambem feria impossivel a producção desse Filho Deos.

Como se dissera a Senhora : Para o Pay produzir Filho Deos he necessario o conhecimento , e a comprehensão das suas excellencias : para eu produzir Filho Deos , será necessario o conhecimento , e a comprehensão das excellencias de Jozè. Eu (se posso dizello assim) eu naõ as posso comprehender , logo naõ o posso produzir. Pois Virgem Santissima : porque a razão de produzir Filho Deos no Pay he o conhecimento , e a comprehensão das suas excellencias , porisso a razão de produzir Filho Deos em vós ha de ser o conhecimento , e a comprehensão das excellencias de Jozè ? Oh semelhança altissima , e ineffavel de Jozè com o Padre Eterno ! He Jozè taõ Divino ; diz a Senhora , que assim como no Padre Eterno só póde ser razão de produzir Filho Deos o conhecimento do mesmo Padre , assim em mim só póde ser

razaõ de produzir Filho Deos o conhecimento de Jozè: e como eu tenho por impossivel este conhecimẽto, porisso acho q̃ naõ sera possivel aquella producçaõ: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?*

Oh Jozè prodigioso! Oh Jozè admiravel! Pay soberano de Deos Filho, e retrato fiel de Deos Pay. Corroemos este discurso com humas palavras do mesmo Eterno Padre: *Eruçtavit cor meum Verbum bonum*, diz o Padre Eterno por boca de David: O principio productivo do Verbo foy o meu coraçãõ: *Cor meum*. Supposto isto, pergunto, ou duvido assim: Se o Padre differa que o principio productivo do Espirito Santo era o seu coraçãõ, bem estava, porque sendo o Espirito Santo amor, o coraçãõ lugar he desse amor. Mas dizer que o seu coraçãõ fora o principio productivo do Verbo, como pôde ser? Se o Verbo foy gerado pelo entendimento, como diz agora que fora produzido pelo coraçãõ?

S. Bernardo divinamente.

Naõ vem, diz S. Bernardo, que he Jozè huma semelhança do coraçãõ do Padre: *Quem tamquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum*. Pois se Jozè he huma semelhança do coraçãõ do Padre, ou se o coraçãõ do Padre he huma semelhança de Jozè, diga-se, que ainda que o Verbo procede do entendimento, là procede do coraçãõ. Para que se veja, que he Jozè pela dignidade de Pay de Christo taõ semelhante ao Padre Eterno, que o mesmo he dizer-se que o Verbo procede do entendimento, em que o gera o Pay, que dizer-se que procede do coraçãõ, em que se representa Jozè. Representa-se Jozè no coraçãõ do Padre, procede o Verbo do seu entendimento, e por mysteriosa equivocação de Jozè com o Padre, ainda que o Verbo proceda do entendimento, diz elle, que lhe procede do coraçãõ: *Invenit secundum cor suum. Eruçtavit cor meum Verbum bonum*.

Tor-

Matth
3. v. 17

Tornemos a ouvir outras vozes do mesmo Eterno Padre. Nas prayas do Jordão aos trinta annos da idade de Christo o acclamou o Padre Eterno por seu Filho : *Hic est Filius meus dilectus , in quo mihi complacui.* Até a presente occasião não havia dado o supremo Senho semelhante testemunho em abono de Christo , foy esta a primeira vez , que depois de tantos annos o declarou Filho seu : *Filius meus.* Isto supposto , pergunto : Se no largo tempo de trinta annos não nomea o Eterno Padre a Christo por seu Filho , como agora , passados estes annos , e este tempo , he que o nomea ? Direy.

Na opiniaõ dos Santos Padres a morte de S. Jozé foy aos trinta annos da idade de Christo. E como Jozé sendo vivo foy hum retrato , e huma Imagem do Padre Eterno , achou o mesmo Padre Eterno que se escusava declarar-se Pay , em quanto Jozé existia , era preciso declarar-se Pay , quando já não existia Jozé.

Escusava declarar-se Pay , quando Jozé existia , porque ainda sendo o Padre Eterno taõ grande , via bem cheyo o seu lugar , e bem substituida a sua pessoa na pessoa de Jozé. Era preciso declarar-se Pay , quando já não existia Jozé , porque as faltas de hum Jozé só as póde substituir hum Padre Eterno. Até ali substituiu S. Jozé o lugar de Deos Padre , e dava-se Deos por contente , mas dalli em diante entrava o mesmo Padre a substituir o lugar de Jozé , que isso só o póde fazer todo hum Deos. Grande Santo , que não só foy substituto de Deos , mas quiz parecer Deos seu substituto. Porisso se antes de morrer Jozé se não declara o Padre Eterno Pay de Christo , depois que S. Jozé morreo , entãõ o nomea por Filho , entãõ se declara por Pay : *Hic est Filius meus dilectus , in quo mihi complacui.*

Póde haver mayor , nem mais alta excellencia de S. Jozé ? Equivocallo consigo o Padre Eterno , e mostrar que

que não só o fazia substituto seu, mas que se fazia elle seu substituto? He isto coufa, que caiba na grandeza de hum puro homem, nem que se possa esperar mais da grandeza do amor de hum Deos? A maravilha mayor de S. Pedro, esteve em que fosse substituto de Deos, sendo puro homem: e Jozè sendo puro homem, não só foy substituto de Deos, mas teve o mesmo Deos por seu substituto. Oh grande Santo! Oh homem sobre todos os homens! Ainda no lugar, de que fahimos agora, temos nova reflexão.

Digno reparo he, que o Padre Eterno, não em pessoa de outrem, mas em sua propria pessoa (diz Chryfologo) assistite no Jordaõ a acclamar a Christo: *Hic est Filius meus dilectus*. Nas appareçoens da Ley antiga, Deos apparecia nas pessoas dos Anjos, e fallavaõ os Anjos em nome do mesmo Deos. He o que succedeo a Jacob, a Moysès, a Abrahaõ, e a outros muitos. Porém aqui resolvem com S. Chryfologo os Dou-

tores, se ouvio só o Pay, e a voz do Pay: *Pater Deus*, diz o Padre, *ipse assertor assistit: Hic est Filius meus dilectus*.

D.
Chrif.
serm. I.
60. qui
est E-
pist. 5.

Pergunto: e pois porque em lugar de Deos não fazem no Jordaõ os Anjos, o que fizeraõ sempre? Se sempre substituirão o seu lugar, e tomaraõ para isto a fórma de homens, porque não falla Deos aqui por algum homem, ou por algum Anjo? He pelo que dissemos, e direy ainda. No Jordaõ a voz, que acclamava a Christo, chamava-lhe Filho seu: *Filius meus*. E he grandeza taõ superior, he taõ singular excellência o ter por Filho a Christo, e chamar-lhe Filho: *Filius meus*, que isso só Jozè o tem, e o Padre Eterno. Nomear a Christo por Filho, e declarar-se Pay de Christo, ninguem senão só o Padre, ou só Jozè: só Jozè substituindo ao Padre, ou só o Padre substituindo a Jozè. Melhor o direy.

Se outrem, que não fora o Pay, nomeaste por Filho a Christo: *Filius meus*, haveria

veria Pay no mundo, e feria este, que, ou fosse sustituto de Deos, ou tivesse a Deos por seu sustituto. E tal gloria, tal grandeza, tal prerogativa, só Jozè a teve, e ninguem mais. Ser Pay de Christo, e como tal ser substituto de Deos: ser Pay de Christo, e por tal ter a Deos por seu substituto, isto, abaixo só de Jozè, nem Deos o fiou de outrem, nem outrem o alcançou de Deos: *Ipse assertor assistit. Hic est Filius meus dilectus.* Oh Divino Jozè, isto sim, que he ser Santo por excellencia, isto sim, que he ser a excellencia dos Santos! Mas assim estima o Padre Eterno a quem assim ama, assim engrandece, a quem assim estima. Porisso as excellencias de Jozè saõ á medida do amor de Deos, e porisso o Anjo chama filho de David a S. Jozè: *Joseph fili David noli timere. Quem tanquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum.*

II. POTNO.

EStamos na següda parte do Sermaõ. Visto o extremo grande, com que Deos na pessoa do Pay amou a S. Jozè, segue-se ver agora o extremo, com que o amou tambem Deos na pessoa do Filho. Assim amou o Filho de Deos a S. Jozè, que se fez seu Filho para o fazer seu Pay: mereceo S. Jozè ser Pay glorioso do mesmo Filho de Deos: *Pater tuus, & ego.*

Oh grande amor o de Deos para com Jozè! Mas para o dizermos melhor, digamos mais. E que fez, ou que resultou a Jozè de se fazer Filho seu o mesmo Filho de Deos? Que? Que se hum filho he retrato de seu Pay, Jozè, e o Filho de Deos se parecem hoje como Pay, e Filho. Póde haver mayor amor? Ora vamos vendo esta excellencia, digna dos amores de tal Filho, e dos merecimentos de tal Pay.

Primeiramente: huma das excellencias grandes, que

que tem o Verbo Divino, quiz o mesmo Senhor luzisse com eminencia em S. Jozè. O Verbo Divino tem por excellencia o proceder do Pay trazendo em si recopiladas todas as virtudes dos Santos. He o que diz David: *In splendoribus sanctorum ex utero ante luciferum genui te.* Desta forte, e com esta excellencia gerou o Eterno Pay a seu Filho; desta forte, e com esta excellencia parece que tambem creou a S. Jozè. Estaõ em S. Jozè unidas, e juntas aquellas virtudes, que estaõ pelos outros Santos divididas, e espalhadas. Vejamo-lo no Evangelho.

Joseph autem vir ejus cum esset Justus, & nollet eam traducere, voluit occulte dimittere eam. Como S. Jozè fosse justo, diz S. Mattheus, e naõ quizesse entregar a Maria sua Esposa, se resolveo a querer deixalla. Se perguntares aos Expositores, o que se entende aqui por aquella palavra: *Justus, cum esset Justus*, respondervos-haõ que naõ entendem aqui o *Justo*,

por aquella virtude especial da Justiça, cujo objecto he dar a cada hum, o que he seu, mas sim por huma rectidaõ de animo; que consta de hum aggregado de todas as virtudes. Ouvi hum Expositor dos Evangelhos: *Non sumitur hic, Silo. Justus, pro speciali virtute Justitia, sed pro omni perfectione virtutum. bic.* De maneira, que o mesmo he dizer aqui, como S. Jozè fosse Justo, que dizer: como tivesse, e estivesse em S. Jozè as virtudes todas de todos os Santos. O mesmo Expositor: *Qui omnis hæc perfectio reperta est in divo Joseph.*

Nem por outra razaõ, havendo de descrever o Evangelista as virtudes de S. Jozè, naõ disse, nem fallou mais que nesta só virtude: *Cum esset Justus.* Bem falia o Evangelista que o naõ querer S. Jozè entregar a Senhora imaginando-se offendido, era piedade, como diz Chrysologo. O querer fogir à occasiaõ de affronta por evitar o sentimento do agravo, era prudencia, como

Pfal.

112. v.

3.

como diz Euthimio. O pa-
 decer a pena sem se queixar
 da causa, era valentia, co-
 mo diz Santo Ambrosio.
 Mas nada disto disse o E-
 vangalista, senão só, que
 Jozè era Justo: *Cùm esset*
Justus. Entendendo, que
 em dizer que era Justo, di-
 zia que era piedoso; em di-
 zer que era Justo, dizia que
 era prudente; em dizer que
 era Justo, dizia que era
 amante, achando, que co-
 mo tudo em ser justo se en-
 cerrava, tudo em dizer que
 era Justo se encarecia. He
 o que diz S. João Chryso-
 stomo neste lugar: *Justus*
hic in omni virtute dicit esse
perfectum.

D.
 Chri-
 stomo
 Hom.
 4. in
 Matth

Oh valha-me Deos! pas-
 ma aqui o entendimento.
 A huma creatura se ha de
 conceder tal favor? Em hu-
 ma creatura se ha de achar
 tal excellencia? Aquillo
 mesmo, que tem o Verbo
 Divino por perfeição da
 sua natureza, ha de ter
 hum puro homem por pri-
 vilegio da sua fantidade?
Cùm esset Justus. Sim,
 que he esse homem S. Jozè,
 Esposo dignissimo de Maria,

e Pay putativo de Christo,
 e tanta estimação fez delle
 aquelle Senhor, que o tem
 por Pay, que quiz que ti-
 vesse, no modo que podia
 ser, em seu Nascimento il-
 lustre o mesmo, que elle
 tivera, sendo Verbo, em
 sua geração eterna. O Ver-
 bo Divino por virtude da
 sua geração he hum epilo-
 go de todas as virtudes dos
 Santos: S. Jozè por bene-
 ficio do seu nascimento he
 hum espelho de todas as
 suas virtudes: *Cùm esset*
Justus. Alli vê hum Moy-
 sés a sua mansidão, hum A-
 brahaõ a sua fé, e hum Isaac
 a sua obediencia. Alli vê
 o seu amor hum Jacob, a
 sua castidade hum Jozè, o
 seu zelo hum Elias, a sua
 paciencia hum Job, e final-
 mente todas as virtudes,
 que nos outros estaõ divi-
 didas, estaõ em S. Jozè re-
 copiladas: *Joseph autem*
vir ejus cùm esset Justus.
Justus hic in omni virtute
dicit esse perfectum.

Supposta esta resolução,
 agora acho intelligencia à-
 aquellas palavras tão difficul-
 tosas do Anjo: *Joseph fili*
David,

David, Jozè Filho de David. Torno a difficultar com S. Chryfologo : Se entre David, e Jozè dimidiavaõ já trinta e oito geraçoens, com que fundamento chama o Anjo agora a Jozè filho de David? Mas chama-lhe assim o Anjo, diz Chryfologo, não porque S. Jozè nascesse immediatamente de David, fenaõ porque toda a profapia de David estava resumida em S. Jozè. Todas aquellas virtudes, todas aquellas excellencias, que pelos descendentes de David estavaõ divididas, estavaõ em Jozè recopiladas, e o mesmo era ver-se no mundo este descendente de David, que ver nelle David todos os seus descendentes : *Videtis fratres*, são as palavras do Santo : *in persona genus vocari, videtis in uno tantum profapia nuncupari, videtis in Joseph totam seriem Davidici stematis jam citari.* Oh homem mimo singular de Deos, maravilha soberana dos Santos, e credito glorioso dos homens! Não he isto ser S. Jozè hum re-

trato do Verbo Divino? Não he isto ser huma fiel imagem do Filho de Deos? Ora vamos adiante, que ainda temos mais que ver, e mais que admirar.

Tem o Verbo Divino outra excellencia, que he ser Principe glorioso dos Anjos. Esta excellencia teve tambem S. Jozè. Foy S. Jozé Principe dos Anjos, porque foy Pay do Filho de Deos. Como Pay, tinha jurisdicção, e dominio sobre o Principe da gloria, e necessariamente havia de ter jurisdicção sobre os vassallos, quem a tinha sobre o mesmo Principe. Não quero prova melhor que o nosso Thema.

Joseph fili David noli timere. Aparece hum Anjo em sonhos a S. Jozé, e fallando-lhe com toda a reverente summissão, lhe pede que não queira temer: *Noli timere.* Não queiras temer Jozé, diz o Anjo. Não queiras temer? Notavel cortezania a de hum Anjo, e notavel Magestade a de hum Jozé! E porque não manda aqui o Anjo imperiosa-

riofamente a S. Jozé, affim como na Encarnação mandou a Maria? *Ne timeas Maria.* A Maria manda-lhe o Anjo que não tema? *Ne timeas*, e a Jozé pede-lhe que não queira temer: *Noli timere.* Sim. Quando o Anjo mandou a Maria, como era antes da Encarnação, não era ainda a Senhora sua Rainha, que nem Maria foy Rainha dos Anjos, senão em virtude da Encarnação. Porém quando pedio a Jozé, como já a Encarnação se havia obrado na Senhora, e Jozé tinha dominio em tudo, o que se encerrava em seu Ventre, já Jozé era Principe dos Anjos, porque já no Ventre de Maria tinha debaixo da sua jurisdicção o proprio Deos. Pois peça, e não mande a S. Jozé este Anjo; que como o Anjo he vassallo, e Jozé he Principe, aos seus Principes terão confiança os vassallos para lhe pedir, mas não podem ter jurisdicção para os mandar. Aos mais fugeitos poderaõ os Anjos mandallos com confiança, mas a Jozé devem

pedir-lhe os Anjos com cortezia. Porisso, se antes da Encarnação manda hũ Anjo a Maria: *Ne timeas*, depois da Encarnação pede hum Anjo a Jozé: *Noli timere.*

Naõ diffemos ainda tudo. Pede a S. Jozé este Anjo, diz S. Mattheus: *Noli timere.* Mas notay, que ainda o pedir-lhe o não faz o Anjo, senão em sonhos: *Apparuit in somnis Joseph dicens.* E pois em sonhos apparece o Anjo a S. Jozé, e em sonhos lhe pede? E porque o não manda aqui este Anjo, se falla em sonhos? Porque? Porque o mandar a Jozé, nem por sonhos o fazem os Anjos. Tal he a timida reverencia, que os Anjos tem a Jozé, que se em sonhos se resolvem a pedir-lhe, o mandallo, nem o fazem por sonhos. E notem, que apparecendo a Maria hum Anjo, e outro a Jozé, a Maria appareceolhe velando, e a Jozé dormindo: *Apparuit in somnis.* E pois para Jozé espera o Anjo que durma, e a Senhora he só acordada? Oh respeito-

respeito grande o dos Anjos para com Jozé ! Atrevem-se cara a cara os Anjos a ver em Maria os resplandores da sua pureza, mas não parece rosto a rosto se atrevem a contemplar em Jozé as magestades da sua vista : feraõ grandes as atenções dos Anjos para com Maria , mas não sey se ao parecer são mayores para Jozé : *Apparuit in somnis : Josph noli timere.*

Assim havia de ser Divino Jozé, assim havia de ser: não podiaõ deixar de reconhecer-vos os Anjos por seu Principe , pois viaõ que tinheis jurisdicção , e dominio sobre o mesmo Principe dos Anjos. *Omnes creature*, diz Gersão, *obediunt Josph, cum ipse Dominus omnium ei obediens extiterit.* Sois Principe glorioso dos Anjos , e porisso retrato daquelle Senhor, a quem elles adoraõ , e reconhecem por Principe.

Em conclusãõ, tem mais o Verbo Divino por excellencia o ser imagem do Pay: esta excellencia teve tambem S. Jozé. He o Verbo

imagem do Pay na natureza, e Jozé he imagem do Pay na Paternidade. Ouvi a Santo Ifidoro : *Gessit Josph personam Patris*, diz o Santo, *omnium conditoris per Verbum, dum ejusdem Verbi incarnati putabatur Pater.* Não communicou o Padre Eterno a S. Jozé a natureza, que communicou ao Filho , porque não podia ser ; mas para fazer imagem sua a S. Jozé , communicou-lhe em certo modo a Paternidade , que a seu Filho nem podia comunicar , nem communicou. Perguntay lá aos Theologos , se pôde o Pay comunicar ao Filho a relação da Paternidade , e respondervos-haõ que não pôde , porque nem o Pay pôde ser Filho , nem o Filho pôde ser Pay. Esta Paternidade pois , que o Padre Eterno não communicou , nem pôde comunicar a seu Filho, communicou, no modo que podia ser , a S. Jozé. Chamou-se S. Jozé Pay daquelle Filho , de quem o mesmo Deos he Pay : *Gessit Josph personam Patris.* E por este

te modo se desempenhou o Padre Eterno com S. Jozé em ordem ao proprio Filho; porque se communicou ao Filho a natureza, que não póde comunicar a Jozé, communicou a Jozé a Paternidade, que não póde comunicar ao Filho.

He (digo) o Filho de Deos imagem do Pay na natureza, e Jozé he imagem do Pay na Paternidade, e isto com tão singular admiração, que se o Verbo he só imagem do Pay, Jozé de toda a Santissima Trindade he imagem. He imagem do Pay, porque tem a sua Paternidade: he imagem do Filho, porque tem as suas excellencias: he imagem do Esposo Santo, porque teve os seus desposorios. Oh Jozé Divino, oh Jozé soberano! Retratou-se Deos em vós por amor, e porisso as vossas excellencias se medem pela grandeza do amor de Deos: *Quē, tamquam alterum David, Dominus invenit secundum cor suum. Joseph filii David noli timere.*

Tom. IV.

III. PONTO.

Ultimamente, vejamos o extremo grande, com que Deos na pessoa do Espirito Santo amou a S. Jozé. De tal forte, e com tal extremo foy S. Jozé amado do Espirito Santo, que quanto á sua estimação, e aos nossos olhos, o Espirito Santo (oh prodigio grande!) chegou a igualar a si, e consigo a pessoa de Jozé. Parecerá proposição difficultosa, e na minha opiniaõ he huma verdade sem duvida. Senaõ pergunto: Qual foy a coufa mayor, que o Espirito Santo teve? (fallando, como costumamos dizer, cá de telhas abaixo.) A coufa mayor (no sentido, em que fallamos) foy o ser Esposo da Virgem Santissima: *Spiritus sanctus superveniet in te*, diz o Anjo S. Gabriel. Bem. E que foy o que tambem teve S. Jozé? Teve a Virgem Santissima por Esposa: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph*, diz o Evangelista

Dd lista

lista S. Mattheus. Logo, recebendo o Espirito Santo por Esposa a Esposa de Jozè, e dando-se a S. Jozè por Esposa a mesma Esposa do Espirito Santo, ficou no modo, que podia ser, o Espirito Santo igualando a si, e comfigo a pessoa de Jozè. Não he isto huma cõsequencia infallivel? Não he isto huma verdade evidente? Ora vede a confirmação, e cuido ainda que o reparo seja cõmum, ha de ser a soluçãõ particular.

Celebrados os desposorios de S. Jozè com Maria, diz S. Mattheus, que antes de chegar o dio do seu recebimento, naquelles mezes, que foraõ quatro, entre o recebimento, e os desposorios, se achou, que nas entranhas da Senhora havia encarnado o Filho de Deos. Estè mysterio tem, dizem muitos Padres, aquellas palavras de S. Mattheus: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph, antequam convenirent, inventa est in utero habens de Spiritu Sancto.* Quer dizer: Desposou-se com S. Jozè a

Rainha dos Anjos, e depois de desposada: *Cum esset desponsata*, mas antes de recebida: *Antequam convenirent*, entãõ se obrou a Encarnação na Senhora: *Inventa est in utero habens de Spiritu Sancto.* Supposto isto, pergunto.

E que motivo teria Deos para dispor q̃ se não obrasse a Encarnação, sem que Maria se desposasse primeiro com S. Jozè; e para dispor que se não recebesse S. Jozè com Maria, sem que primeiro se obrasse a Encarnação? Se a Encarnação se ha de obrar na Senhora, porque se não obra hum dia antes dos desposorios, ou hum dia depois do recebimento? Mas entre o recebimento, e os desposorios se obra na Senhora a Encarnação? Grande segredo da Providencia de Deos! Grande louvor dos merecimentos de Jozè! Vede a razaõ.

Obrou Deos mysteriosamente a Encarnação entre as bodas, e os desposorios de S. Jozè com a Virgem, porque? Porque como na Encar-

Encarnação havia de ter Maria o Espirito Santo por Esposo, e como nas bodas havia de receber a S. Jozè por marido, dispoz Deos que a Senhora tivesse a dignidade de Esposa de Jozè para se desposar depois com o Espirito Santo; e que tivesse primeiro a grandeza de Esposa do Espirito Santo, para se receber depois com S. Jozè. Como se differa, ou quizera dizer Deos: só huma Esposa de Jozè póde ter por Esposo a terceira Pessoa da Santissima Trindade; e só huma Esposa da terceira Pessoa da Santissima Trindade póde receber por marido a S. Jozè.

De sorte, que os primeiros desposorios de Maria foraõ o dote, com que alcançou os segundos, e os segundos foraõ o dote com que aperfeiçoou os primeiros. Porisso Maria se não desposa com o Espirito Santo, sem primeiro se desposar com S. Jozè; e porisso se não recebe com S. Jozè, senão depois de se desposar com o Espirito Santo: *Cum*

esset desponsata, &c. Este feria a meu ver o pensamento do Anjo, que na occasião dos seus temores fallou em sonhos a S. Jozè. Alguns Padres tem para si, que nunca S. Jozè chegou a imaginar, que a Senhora o offendera na fidelidade de Esposa, antes que conhecera cabalmente ainda sem lho dizer o Anjo que havia concebido do Espirito Santo; e que o querer Jozè deixar a Maria, fora meramente respeito, e veneração, tendo-se por indigno de ser marido de huma Senhora, que tinha o Espirito Santo por Esposo. Desta opiniaõ he Origenes, S. Basilio, S. Bernardo, S. Jeronymo, Alberto Magno, e Theofilato, e tem fundamento nas palavras do Evangelho: *Inventa est in utero habens de Spiritu Sancto.* Que fora achado por Jozè que Maria concebera do Espirito Santo, e nesta conformidade entendo agora assim as palavras do Anjo.

Joseph fili David noli timere accipere Mariam conjugem tuam. Jozè filho

de David não temas. Isto he, não te julgues pouco merecedor, e indigno de receber por Esposa tua essa Senhora, que veneras Esposa do Espirito Santo, e Mãy do Filho de Deos, porque faz o mesmo Deos tanta estimação dos teus merecimentos, que quiz que Maria tivesse o Espirito Santo por Esposo, para haver de te receber a ti por marido: quiz desposalla primeiro com a terceira pessoa da Santissima Trindade, para que vissem, que era Jozè tão grande, que era Jozè tão admiravel, que só huma Esposa do Espirito Santo podia ter por marido a S. Jozè.

Não te assombrem, nem te metaõ medo estes Divinos desposorios, que não são mais que o dote, que Deos deo a Maria, para se receber com hum Santo de tantos merecimentos. Bem pôdes já celebrar com Maria as tuas bodas: *Accipere Mariam conjugem tuam*; porque se o ser Maria Esposa do Espirito Santo he o dote, que Deos lhe dà

para a receberes por mulher, já Maria he Esposa do Espirito Santo, e assim que para se receber contigo traz já nesta grande dignidade o melhor dote: *De Spiritu Sancto est. Accipere Mariam conjugem tuam.*

Este sois soberano Jozè, assombro prodigioso da natureza, maravilha fatal do mundo, e pasmo sagrado dos seculos: estes os vossos merecimentos para com Deos; tanto parece vos igualou com a pessoa do Espirito Santo na sua estimação, e no seu amor, que o dote, que deo a Maria para ser Esposa do Espirito Santo, foy o ser vossa Esposa; e o dote, que deo a Maria para ser vossa mulher, foy o ser Esposa do Espirito Santo: achando, parece, que ficava bem paga a terceira Pessoa da Santissima Trindade, tendo por Esposa huma Esposa de Jozè; e que ficava bem pago Jozè, tendo por mulher huma Esposa da terceira Pessoa da Santissima Trindade.

Porisso a Encarnação se não

naõ obrou em Maria, nem hum dia antes dos desposorios, nem hum dia depois do recebimento, senaõ entre o recebimento, e os desposorios, para que o Espirito Santo, e mais Jozè entrassem ambos com os seus dotes a serem Esposos de Maria. Jozè levando por dote os desposorios do Espirito Santo, e o Espirito Santo levando por dote os desposorios de Jozè. Oh estimação espantosa! Oh igualdade admiravel! Oh Jozè verdadeiramente Santo do coração de Deos! Porisso as vossas excellencias se medem pelo seu amor, e se regulaõ pelo seu coração: *Joseph Fili David. Quem tamquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum.*

Tenho acabado o Sermaõ, e me parece que depois de vermos a S. Jozé taõ grande, naõ necessita de outras recõmendaçoes a devoção de S. Jozè. Hum Santo taõ amado de Deos na pessoa do Pay, taõ querido de Deos na pessoa do Filho, e taõ estimado de

Tom. IV.

Deos na pessoa do Espirito Santo: hum Santo emfim, que em todas as tres pessoas Divinas he hum retrato glorioso do mesmo Deos, quem o naõ ha de amar? Quem o naõ ha de querer? E quem naõ estimará muito, e em muito o patrocinio grande de taõ grande Santo? Meus Catholicos, ter a S. Jozè, naõ digo que he ter a Deos nelle, he ter a Deos por elle. Tem a Deos, quem tem a Jozè.

Lá diz o Texto, que recorrendo-se nos trabalhos do Egypto a El Rey Faraõ: *Clamavit populus ad Pharaonem*, elle para remediar ao povo o mandava a Jozè: *Ite ad Joseph, & quidquid ipse vobis dixerit, facite.* ^{Gen: 41.v. 55a}
E pois as petiçoens eraõ ao Rey: *Ad Paraonem*, e o Rey remettia-as a Jozè: *Ite ad Joseph*. Sim. Na maõ de Jozè estava o poder todo do Rey. Assim despacha o Rey pela sua maõ, que sem Jozè, nem o Rey despachava a Jozè, quem busca ao Rey, porque o caminho de ter o Rey, he ter a Jozè: *Ite ad Joseph.*

Dd 3

Eis-

Eis-ahi (qual deste Jozè para com Faraó) o nosso Jozè para com Deos. Buscáis em Deos a vida, buscáis a faude, o remedio, a consolação, o despacho, e o q̄ mais he, os bens da alma, e para a alma, e que? Recorreis ao Pay? Ide a Jozè, diz elle: como Pay que he de meu Filho, está em meu lugar: *Ite ad Joseph.* Recorreis ao Filho? Ide a Jozè, diz tambem; como Filho que sou seu, o respeito por Pay: *Ite ad Joseph.* Finalmente recorreis ao Espirito Santo? Pois Jozè, e mais Jozè: como Esposos ambos de huma Esposa, elle (diz o Senhor) faz as minhas vezes, e eu as delle: *Ite ad Joseph.* Oh Jozè grãde! A Jozè (diz Deos) q̄ para me teres a mim, basta ter a Jozè: *Ite ad Joseph.* Mais diz: He taõ grãde Senhor Jozè, está a minha mão tanto na sua, e eu tanto nas suas mãos, que estou (diz Deos) porque façais tudo, o que elle disser: para mim (gloria notavel !) o que Jozè disser, he dito, e o que por elle se fizer, he feito:

Ite, & quidquid ipse vobis dixerit, facite.

Mas se taõ grande he para todos a protecção de Jozè, a que hoje para os nossos Reys he nelle especial, que será? Dêm licença os mais Santos: Jozè para a Real protecção de hum Rey, e de huma Rainha, taõ cuidadoso he, que atè nos seus descuidos he Jozè cuidadoso: antes dissera, que por mais cuidadoso que todos, hum só Jozè val dormindo, o que todos os mais acordados. Tudo no Evangelho se vê.

Hæc autem eo cogitante, diz S. Mattheus, *ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei, dicens: Joseph noli timere accipere Mariam, quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.* Para o Anjo recomendar a Maria na protecção de Jozè: *Accipere Mariam,* e para recomendar-lhe a Christo, ainda no ventre de Maria: *Quod in ea natum est,* o Anjo appareceo a Jozè, e lhe appareceo em sonhos: *Apparuit*

paruit in somnis. E pois em sonhos a protecção de hum Rey, que he Christo? Em sonhos a protecção de huma Rainha, q̄ he Maria? Sim. Encômenda-se a Jozè esta protecção dormindo, porque para protector de Reys, ainda dormindo, he grande protector S. Jozè: o que se fia dos outros só quando acordados, se fia só de Jozè estando dormindo: *Apparuit somnis.*

Mas porque (pergunta mais) porque se ha de fiar de Jozé dormindo, o que dos mais se fia só acordados? Tudo o Texto diz: *Hæc autem eo cogitante, apparuit in somnis.* Notay; diz que estava Jozè cuidando: *Eo cogitante*, e que o Anjo lhe appareceo dormindo: *Apparuit in somnis.* E pois estava dormindo, e estava cuidando? Como he possivel? Se Jozè dormia, como cuidava, e se cuidava, como dormia? Porque este entre os mais Santos he S. Jozè. Nos mais são só cuidados os seus disvellos, em Jo-

zè tambem os seus descuidos são cuidados: os mais cuidaõ, quando vigiaõ, Jozè ainda dormindo cuida: os mais com os olhos abertos, Jozè com os olhos fechados; os mais velando, Jozè dormindo. Por-illõ para a protecção de hum Rey, e de huma Rainha, ainda quando Jozè dorme, o Ceo lhe encarrega a protecção: *Apparuit in somnis ... Accipere Mariam, quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.*

Aqui (oh Divino Jozè!) aqui em outro Jozé figurado vejo q̄ com razaõ mayor vos adoraõ os Astros todos como lá a Jozè: *Solem, Lunam, & Stellas* Gen: 37.v.9 *adorare me.* O Sol vos adora pela protecção, que em vós acha hum taõ grande Monarca: *Solem.* A Lua vos adora pela protecção, que em vós respeita huma taõ grande Rainha: *Lunam.* E adoraõ-vos tambem as Estrellas, porque não ha vassallos desta Lua, e deste Sol, a que tambem não chegue

a vossa Real protecção : *Et Stellas adorare me.* Mas justo he que como a hum Deos na terra vos adorem todos , pois para todos na estimação , e no amor sois hum quasi Deos : *Quem tamquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum. Joseph fili David noli timere.*

Ora Jozé illustre , eu me suspendo , porque seguir os passos ao Sol , ou he despenharme , qual Icaro , ou cahir , qual Faetonte. Sois o que eu não posso dizer , porque se não permite a exames , quem he Sol. Santo tão admiravel , que o sois à medida do coração de Deos : não ha maior coração , nem póde haver mayor Santo. Fez-vos o seu amor hum retrato seu , e para ser este a joya do seu peito , vos fez muy conforme ao seu coração : *Quem tamquam alterum David Dominus invenit secundum cor suum.* Sois huma imagem viva de Deos , credito da melhor Mãy por Esposo : *Joseph autem vir ejus ;* e cifra da

mayor grandeza por justo : *Cum esset justus.* Sois o mimo de toda a Santissima Trindade , pois todas as tres pessoas Divinas vos amaraõ até não mais : se o amor se explica pelos beneficios , diz Bernardo : *Amor sentitur in donis,* não podendo ser mayores os beneficios , não podia ser mayor o amor. Fizeraõ-vos tudo , o que vos podiaõ fazer , e amaraõ-vos sobre tudo , o que vos podiaõ amar. Fizeraõ-vos mais puro que os Anjos , mais nobre que os Archanjos , mais firme que os Tronos , mais levantado que as Dominaçoens , mais soberano que os Principados , mais poderoso que as Potestades , e até mais alto , e glorioso que os mesmos Cherubins , e Serafins. Mas claro está , pois vos fizeraõ Esposo de Maria , Pay de Christo , e semelhante ao coração de Deos : *Secundum cor suum.* E se vos não fizeraõ mais , foy , porque não havia mais , que ser , porque daqui não se póde sobir a mais : *Non plus*

plus ultra. Fazey vós agora, oh prodigio discretamente ignorado! Oh Patriarca cabalmente favorecido! Fazey, que pois tanto tendes da vossa mão a Christo, e a Maria, vejamos na infallibilidade do seu favor, terem para com

elles os vossos rogos huma como jurisdicção de preceitos, alcançando-nos infallivelmente de Maria seja medianeira nossa para a graça, e de Christo, nos leve a gozar comvosco da eterna gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

S E R M A Õ

DO

TRIUNFO DA CRUZ

S A G R A D A

EM DOMINGO DE RAMOS A' TARDE.

P R E G A D O

Na Igreja de N. Senhora das Necessidades.

ASSISTIO A SERENISSIMA MAGESTADE DE ELREY
D. Pedro II. e toda a Corte.*Ascendam in palmam, & apprehendam fructus
ejus. Cant. 7.*

Que os frutos de huma palma sejaõ triunfos, será proporcionar o glorioso da vitoria com o significativo da palma. Mas que os frutos de huma Cruz sejaõ vitorias, ou esta arvore não he já o que foy, ou estes frutos não parecem desta arvore. Era antigamente a Cruz hum affrontoso patibulo, onde se castigavaõ os delinquentes, porisso o

theatro das affrontas, a officina dos opprobrios, e o centro das abominaçoens: *Maledictus homo, qui pe-* Deut.
pendit in ligno. E se nas 21.v.
memorias da posteridade 23.
foy esta a sagrada Cruz; hoje como podem ser vitorias os seus frutos, e a Cruz como ha de ser palma? Mas quem podia fazer esta gloriosa transformaçãõ, senãõ o singular genio do nosso Deos.

Costu-

Costuma Deos Senhor nosso tirar os mais abondos creditos dos mais affrontosos opprobrios; porque lavrando em cada injuria nossa huma victoria sua, faz com singular admiracão, que as suas victorias cresçam ao compasso das nossas injurias. Tal he a natureza deste generoso Deos, que quanto mayor he o agravo, que se lhe intenta, tanto he mayor o triunfo, que se lhe fabrica; e se antigamente foy affrontoso lenho, o lenho da Cruz; hoje para gloria do nosso Deos, as suas injurias são victorias, e as suas affrontas são palmas.

Palmas chamou o Evangelista S. Mattheus ás mayores affrontas de Christo, quando hum soldado com insolente mão violou o sagrado do seu rosto: *Palmas in faciem ejus dederunt.* Toda a palma (ainda que fallemos em voz equivocada) sabemos, que quer dizer victoria, e assim triunfa nas injurias o nosso Deos, que lhe servem as affrontas de palmas: são as injurias, que

lhe fazem, palmas, que lhe florecem. A mesma mão, que se levantou contra Christo para fazer em seu rosto a mayor affronta, ella lhe offereceo para seu triunfo a melhor palma. Santo Ambrosio: *Quem per ludibrium pulsabant ei triumphalia addiderunt ornamenta:* essas injurias, que lhe faziao, forao palmas, que o corcavao; que crescem no nosso Deos as palmas dos seus triunfos com o excessão dos nossos agravos: *Palmas in faciem ejus dederunt.* Seja pois hoje palma a sagrada Cruz, e diga Christo que quando sobe á sua Cruz, sobe a colher os frutos da sua palma: *Ascendam in palmam, & apprehendam fructus ejus.*

Que por esta palma, a que o Esposo sobe, se entenda a sagrada Cruz, he commum sentir dos Santos Padres, e Sagrados Expositores; e tem grande conveniencia a palma para significar a Cruz, não só (dizem alguns) porque tambem a Cruz era de palma: *Ligna Crucis palma, &c.* diz Anasta-

Anast. Anastasio Sinaita; mas porque se a palma he simbolo da vitoria: *Palma victoriis, atque triumphis dedicata est*, ella foy tambem para Christo a sua Cruz: *Ascendisti Domine palmam*, diz S. Cypriano, *quia illuc Crucis tue lignum pendebat triumphum*. He logo palma a sagrada Cruz, e palma, donde nos triunfos mais gloriosos se colhem hoje os frutos mais fazondos: *Apprehendam fructus ejus*. Nem por outra razaõ se feste aõ hoje no Domingo das Palmas, os triunfos da Cruz, porque se a palma toda he triunfos, a Cruz em tudo hoje he palma: *Ascendam in palmam*.

Os que determino acclamar hoje, não são outros, que os que em Jerusalem se acclamaraõ em Christo sobindo com os olhos na sua Cruz: *Ecce ascendimus Jerusalem, & Filius hominis tradetur ad crucifigendum*. Sobe hoje Christo a Jerusalem, e em final do seu triunfo se ouviraõ humas alegres vozes, que entre o estrondo triumphal das

palmas soavaõ em acclamaçoens, e vivas: *Hosanna* *Ibid.* *Filio David, Rex Israel,* *21.v.9* *benedictus qui venit in nomine Domini.* *Joan.* *Vivas eraõ,* *12.v.* *13.* que se davaõ ao amor, ao poder, e à Divindade de Christo: ao seu amor; conhecendo-o tão humano, que o confessavaõ Filho de David: *Filio David*: ao seu poder, pois o acclamavaõ por Rey de Israel: *Rex Israel*; e á sua Divindade, pois o reconheciaõ por Messias, e Filho de Deos: *Benedictus qui venit in nomine Domini*.

De maneira, que nos primeiros passos, que Christo hoje dá para a sua Cruz, se acclama a sua Divindade: *Benedictus qui venit*, o seu poder, *Rex Israel*, e o seu amor: *Filio David*; e como tudo foy, ou pondo na Cruz os olhos, ou dando passos para a sua Cruz: *Ad flagellandum, & crucifigendum*; podemos dizer, que por meyo da sagrada Cruz triunfou em Christo a sua Divindade, triunfou em Christo o seu poder, e triunfou em Christo o seu amor.

Para

Para serem estes os tres pontos do Sermaõ , havemos de suppor , ou presuppor com verdade , que na Cruz houve glorias , que Christo ostentou , houve culpas , que Christo remio , e houve penas , que Christo padeceo. Dividindo pois assim o Sermaõ em tres assumptos , direy no primeiro , que na Cruz triunfou a Divindade de Christo na ostentaçaõ das suas glorias : no segundo , que na Cruz triunfou o poder de Christo na redempçaõ das nossas culpas ; no terceiro , que na Cruz triunfou o amor de Christo na tolerancia de tantas penas. Estas seraõ as tres partes do Sermaõ , os tres triunfos , que na palma da sua Cruz alcançou Christo , ou as tres vitorias , que como frutos colhe hoje da sua palma : *Ascendam in palmam , & apprehendam fructus ejus.*

I. PONTO.

PRimeiramente : o primeiro fruto , que Christo hoje colhe da sua palma:

o primeiro triunfo , que alcança hoje na sua Cruz , he o da Divindade na ostentaçaõ das suas glorias. Com os olhos na sua Cruz sobe hoje Christo a Jerusalem , e logo entre as palmas do seu triunfo se ouviraõ em vivas as acclamaçoens da Divindade de Christo : *Benedictus qui venit in nomine Domini.* O certo he , que glorias da Divindade nunca melhor se ostentaõ , que quando Christo , ou tem a sua Cruz nos olhos , ou dá passos com os olhos na sua Cruz. Grande Texto , se a estimaçaõ me não engana.

Vio Isaias a Deos no Ceo entre dous Serafins , e diz , que com as azas superiores os Serafins cobriaõ o rosto ao mesmo Deos : *Vidi Dominum super solium excelsum , & elevatum , & Seraphim velabãt faciem ejus.* Que o rosto de Deos ; no Ceo esteja assim coberto , e encoberto com as azas dos Serafins , seja embora : mas que encobrindo-lhe os Serafins o rosto , diga Isaias , que vê a Deos , ou que he Deos aquelle , que vê , co-
póde

pôde ser? Se a Deos lhe cobrem os Serafins o rosto: *Velabant faciem*, como vê Isaias, que quem alli está, he Deos: *Vidi Dominum*. Mas sim, e não se enganou na vista, quem soube penetrar a visãõ. Que diz Isaias? Que vê a Deos: *Vidi Dominum*. E que mais? Que os Serafins com as azas lhe cobrem o rosto: *Velabant faciem*. Mas he advertir, que as azas, com que lho cobrem, diz o Alapide, estaõ cruzadas, e postas em Cruz: *Dispositio alarum ex trina Cruce constabat*. E como Deos com a Cruz no rosto está mostrando, que ou tem a Cruz nos seus olhos, ou poem os olhos na sua Cruz: o mesmo he pôr Deos os olhos na Cruz, que dar-se a conhecer que he Deos com os olhos na sua Cruz, diz Isaias: *Velabant faciem*, por mais que elle se encubra alli, eu heide affirmar que he Deos: *Vidi Dominum*. Outra vez o direy, e direy mais.

Assim como os Serafins faziaõ em Deos huma Cruz no rosto (diz Isaias) lhe

faziaõ nos pés outra Cruz: *Velabant faciem, & velabant pedes*. Agora assim: Deos com huma Cruz nos pés he Deos dando passos para a sua Cruz: Deos com huma Cruz no rosto he Deos com os olhos na mesma Cruz. E quando Deos, como no dia de hoje, poem os olhos na sua Cruz, e dá para ella passos, ou quando dá passos para a sua Cruz, e poem nella os olhos: *Ascendimus ad crucifigendum*, o que resulta, e se colhe daqui, saõ acclamaçoens á Divindade, e mais acclamaçoens: á Divindade conhecida na terra: *Benedictus qui venit*; e á Divindade reconhecida no Ceo: *Vidi Dominum Faciem ejus velabant, & pedes ejus*.

Oh grande fruto o de taõ gloriosa palma! Oh triunfo sempre grande o de taõ excelsa Cruz! Mas não me admiro, que a Divindade triunfe tanto pela Cruz, porque tambem na Cruz parece que ha Divindade: digo, que ha Divindade, porque he tal a Cruz para o mesmo Deos, que quan-
to

to a nós, elle, e a sua Cruz são o mesmo. Ajuntemos ao Texto de Isaias outro Texto, e tudo acharemos.

Matth
18.v.
10.

Angeli eorum semper vident faciem Patris, diz Christo. Os Anjos no Ceo (diz o Senhor) estão vendo sempre a face do Eterno Pay. Isaias diz, que os Serafins com as azas lhe estão encobrendo no Ceo a mesma face: *Seraphim stabant super illud, & velabant faciem ejus*. E pois se os Serafins he certo que lha cobrem, como diz Christo que sempre os Anjos a vem; e se os Anjos a vem, como diz Isaias, que os Serafins lha cobrem? Como se pôde concordar aqui o *Velabant faciem ejus* com o *semper vident faciem Patris*? Mas concorda-se com toda a facilidade, porque tudo he. Que he o que Christo diz? Que os Anjos estão vendo sempre a face do Eterno Pay. E que diz Isaias? Que os Serafins com as azas lhe estão encobrendo sempre a mesma face. Mas he (torno a dizer) que essas azas se vem ahi cruzadas, e postas

em Cruz: *Trina Cruce constabat*. E como os Anjos olhando para a face de Deos estão vendo nella huma Cruz, he o mesmo que se vissem a face de Deos, porque Deos, e a sua Cruz são o mesmo: *Velabant faciem ejus. Semper vident faciem Patris*.

Até aqui, (oh prodigio grande!) até aqui equivocação, e não mais! Mas se entre Deos, e a sua Cruz he tão grande a equivocação, que muito, que donde Isaias vê a Cruz, diga logo que vê a Deos: *Vidi Dominum*. Eu porém ainda digo, e acrescento: Não só se dá a conhecer pela sua Cruz a Divindade de Deos, mas a Divindade mais engrandecida: a Divindade mais exaltada: os triunfos, as glorias, e as soberanias maiores da Divindade. Não vos enfastie o lugar, em que ainda estamos, porque nos falta o melhor.

Vidi Dominum, diz I-Isai. v. saias, *super solum excelsum*, ^{1. & 2.} *& elevatum*, *Seraphim stabant super illud*, ^{& 3.} *& dicebant: Sanctus, Sanctus, Sanctus*

Sanctus Dominus Deus exercituum, plena est omnis terra gloria ejus. Em todas estas palavras tudo, o que ha, são glorias, são triunfos, aclamaçoens da fantidade, e exaltaçoens da soberania. Ha exaltaçoens: *Super solium excelsum, & elevatum*: aclamaçoens da fantidade: *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. Glorias, e mais triunfos: *Dominus Deus exercituum*, eis-ahi os triunfos: *Plena est omnis terra gloria ejus*, eis-ahi as glorias. He o que neste caso se vê em Deos, diz Isaias, mas isto quando? Quando nas azas dos Serafins, ou poem a sua Cruz nos olhos: *Velabant faciem*, ou dá passos com os olhos na sua Cruz: *Velabant pedes*. Tal he, e toda para Deos de gloria tal a Cruz sagrada! Tudo em Deos são glorias, quando tudo para Deos he Cruz. Mas ainda temos por fim que notar aqui.

Tres Cruzes, diz Isaias, que faziaõ aqui os Serafins *Trina Cruce*. Huma na cabeça, outra no peito, e nos

pés outra. Tal vez porisso as aclamaçoens seriaõ tres, e outras tres as exaltaçoens. As exaltações tres: *Super solium*, eis-ahi huma: *Excelsum*, eis-ahi outra: *Et elevatum*, eis-ahi outra. E tres as aclamaçoens: *Dicebant: Sanctus, Sanctus, Sanctus*. Como em Deos a sua gloria toda se cifra na sua Cruz, quiz que a cada Cruz lhe correspondesse alli huma gloria. Ou digamos: Tem huma Cruz na cabeça, tem outra no peito, e outra tambem nos pés. De pés a cabeça se vê Deos alli em Cruz, diz Isaias. Mas queria ostentar-se grande, e mostrar-se Deos, e porisso se poem em Cruz todo de pés a cabeça: *Faciem ejus velabant, & pedes ejus*. Oh triunfo grande o da mesma Divindade! Porisso a Cruz para Deos hoje palma de triunfos: *Ascendam in palmam*, e porisso os vivas de hoje todos frutos de huma palma: *Et apprehendam fructus ejus*.

Temos a meu ver provado este discurso; mas como a realidade monta tal vez
mais

mais que a figura, e mais que a representação a experiencia, pergunto: E dar-se-ha caso, que já por experiencia se visse o mesmo, que Isaías nos diz? Triunfou por ventura Deos alguma hora pela sua Cruz, e deo-se a conhecer nella, ou por ella a Divindade de Deos?

Matth
27.v.
54.

Ouvi o que disse no Calvario o Centuriaõ: *Verè*, diz elle, *Filius Dei erat iste*. Ha triunfo mayor em abono da Divindade? Verdade he, (dizeis) que esta mesma confissão a fez Pedro, fella Marta, e o Bautista tambem a fez. O Bautista:

Jean.
3.v.16

Ecce Agnus Dei. Pedro, e Maria fallando ambos por

Matth
16.v.
16.

huma mesma boca: *Tu es Christus Filius Dei vivi*.

Jean.
11.v.
27.

Mas este testemunho do Centuriaõ (dèm licença os mais) como foy, de quem lhe meteo a lança até o coração, teve de mais abonado (diz S. Jeronymo) o que de menos affectuoso, e foy para o Senhor tanto mais glorioso, quanto mais defenterassado:

D.
Hieron.
Epist.
ad P^{am}.
machi.

ouvi o Padre: *Nunquam de amicorum judicio gloriaris*, diz Jeronymo; *illud verum*

est testimonium, quod ab inimica voce profertur.

Além de que (passemos àvante) o Centuriaõ não só fez, o que fizeraõ todos, mas mais do que elles fizeraõ. Os outros acclamaraõ a Christo por Deos, e não mais; porèm o Centuriaõ não só o acclamou por Deos, mas por Deos verdadeiro, ou por Deos, que verdadeiramente era Deos. Isso diz o *Verè*: *Verè Filius Dei erat iste*. Grande triunfo! E deveria Christo este triunfo à sua Cruz? Este lugar nos responda.

Acorda Jacob do seu sono, e abrindo os olhos no que sonhara, crê a olhos fechados o que vira: *Verè*, Gen. diz elle, *Dominus est in loco sancto isto, & ego nesciebam*. Verdadeiramente, diz Jacob, que Deos he, o que está aqui, e Deos com tanta verdade, que verdadeiramente he Deos: *Verè Dominus*. E pois para q̄ tanta alleveração neste caso? Se basta dizer que he Deos, o que alli está, para que diz que na verdade he Deos? *Verè*. Direy. Como vio ne-
Ee ste

ste caso Jacob a Deos: *Domini innoximum scale*. Vio a Deos sobre huma escada: vio a Deos em huma Cruz; esta he a escada de Jacob, diz S. Jeronymo, Cruz em figura de escada: *Puto*, diz o Santo, *Crucem Salvatoris istam esse scalam, quam Jacob vidit*. E como Jacob neste caso vio a Deos crucificado, logo o conheceo, e o teve por Deos verdadeiro. Naõ diz só que he Deos, o que alli vio, mas que vio, que quem alli estava, verdadeiramente era Deos: *Verè Dominus est in loco sancto isto*.

Ora combinay agora hum *Verè* com outro *Verè*. O *Verè* de Jacob antes com o *Verè* do Centuriaõ depois. Hum, e outro vem ao Senhor na Cruz: o Centuriaõ na realidade, e Jacob em figura; mas assim na figura, como na realidade taõ conhecido por Deos pela sua Cruz, que foy o mesmo o vello na Cruz, que afirmar, que verdadeiramente era Deos: *Verè Dominus est in loco sancto isto*. Isto sim, que he ser a Cruz palma de

triunfos: *Palmam*, e os vias da Divindade serem hoje frutos desta palma: *Et apprehendam fructus ejus*.

Os creditos de Filho de Deos (remate com hum encarecimento o discurso) os creditos de Filho de Deos deve Christo à sua Cruz; mas dissera eu, que se houvera mais creditos, ou os pudera haver, ainda Christo lhe devera mais; porque faz a Cruz taõ grande a Christo, que sendo (notay agora) sendo como he Filho de Deos, e tendo Cruz, mais avultaõ as suas glorias pela sua Cruz, que por Filho do mesmo Deos. Naõ me atrevèra a dizello assim; se em abono meu naõ tivera dous grandes lumes da Igreja, S. Jeronymo, e S. Joaõ Chrysoftomo, ambos na exposiçaõ deste lugar. Ouvi o lugar, e logo ouvireis os Santos.

Naquelle dia, em que a terra se vestio de luto, e o Ceo de gala, rompendo os homens em queixas, e os Anjos em vivas; naquelle dia, que ensinando-o a Fé pelo mais gentil, o debu-

D.
Hieron.
tom 7.
in Pj.
21.

Do Triunfo da Cruz Sagrada.

xou o amor pelo mais cruel; pois sendo de magestade para quem partia, era de fauldade para quem ficava: dia da Ascençaõ, digo, sobindo Christo ao Ceo, mandou, que para entrar se tirassem as portas delle: *At-*

Pfalm. 23. v. 7. tollite portas principes vestras, & introibit Rex gloria. E pois como assim?

Estas portas, por onde o Verbo encarnado entrara no Ceo, não são as mesmas, por onde o Verbo Divino desceõ para a terra? Não tem duvida. Pois se para sahir, e descer, bastou que as portas se abrissem; como para sobir, e entrar, manda que se tirem as portas: *Attollite portas.* Coube por ellas antes ao sahir, e não coube depois por ellas ao entrar? Não, (diz S. Jeronymo) porque aquelle Deos, que em si não póde crescer, nem ser mayor, mais parece que avultou depois, quando sobio, do que avultava antes, quando desceo. Ouvi o Padre: *Pulchré*, diz S. Jeronymo, *levari jubentur portæ, maior enim (notay o maior) revertitur ad Cæ-*

los, quam ad terram ven- rat. Alto dizer, mas o por que ainda o não sabemos.

Entre agora sobre S. Jeronymo o grande Chrystomo, e nos dirá o porque: sobio o Verbo sim, e desceo o Verbo; mas aqui a differença. O Verbo, quando desceo, vinha do seyo do Pay, o Verbo quando sobio, hia dos braços da Cruz: e avulta tanto mais ao parecer, quando vay da Cruz, que quando vem do Pay; que cabendo as suas glorias, quando vem do Pay, por humas portas abertas, depois para as suas glorias caberem, quando vay da Cruz, manda que se tirem as portas. Ouvi a Chrystomo: *Propter trophæa Crucis*, diz o Padre, *maiores querebant aditum revertenti.* Tanto mais, (oh gloria grande !) tanto mais avultaõ as glorias de Christo, quando vay da Cruz, que quando vem do Pay; que pelas portas, por onde coube antes, como Deos glorioso, não parece que coube depois, como homem crucificado: porisso alli ba-

sta que as portas se abraõ, e aqui manda, que se tirem as portas: *Attollite portas. Propter trophæa Crucis maiorem querebant aditum revertenti.*

Vejaõ agora, se sendo Christo Filho de Deos creceu mais, no modo que podia ser, a sua gloria com a sua Cruz? Antes me persuado, que não só na nossa estimaçãõ, mas na de Christo, foy a sua Cruz toda a sua gloria. Concluamos com este lugar o discurso.

No monte Thabor, mostrando Christo a sua gloria a cinco homens, tres deste mundo, e dous do outro, que como eraõ favores de Deos, todos haviaõ de entrar nelles, vivos, e mortos, que só para com Deos se não pôde dizer, que morre quem morre, porque para os seus favores todos somos vivos. Neste monte, donde os rochedos se tornãõ em rayos, e as penhas se convertêraõ em Soes, se vio taõ glorioso o Senhor, que sobre ser enveja do mesmo Sol o seu rosto, era emulaçãõ da neve o seu ve-

stido, porque se neste aprêdia ampos a neve, naquelle bebia rayos o Sol: *Resplenduit facies ejus sicut Sol, & vestimenta ejus sicut nix.* *Matth 17. v. 2*

Mas noto eu, que estando Christo taõ para visto, não manda o Eterno Pay que o vejaõ, senãõ que o ouçaõ: *Hic est Filius meus dilectus, ipsum audite.* *Ibid. v. 5.* E pois como affim? Se com aquelles abrazados reflexos se estavaõ avivando os desejos mais tibios, e os olhos mais descuidados; como manda o Eterno Pay, que se attenda só á sua pratica, e não à sua pompa: *Ipsium audite.* He a razãõ a meu ver: porque a pompa, q̄ se via, toda era de glorias: *Resplenduit:* e a pratica, que soava, toda era de Cruz: *Loquebantur de excessu.* *Luc. 9. v. 31.* E achou o Eterno Pay, como quem conhecia tanto o genio de Christo, que não havia para elle mayor lisonja, que attender à sua Cruz na occasiãõ das suas glorias: para mostrar, que não havia para elle mayor gloria que a sua Cruz: *Loquebantur*

tur de excessu. Ipsum audite.

Porisso o Eterno Pay manda aos Discipulos que ouçaõ a Christo: *Ipsum audite.* Porisso Christo manda ao Discipulos que os não ouça ninguem: *Nemini dixeritis.* Porque o que os Discipulos ouviaõ dizer, era fallar na Cruz do Calvario: e o que os Discipulos podiaõ fallar, era dizer as glorias do Thabor: e na estimaçãõ de Christo, e ainda na do Padre Eterno, vay tanta differença de huma cousa a outra, quanta vay de huma breve vista: *Visiõnem, quam vidistis, a hum excessõ muy grande: Loquebantur de excessu.*

De monte a monte hiaõ as glorias de Christo, ou pelas que se viaõ no monte Thabor: *Trãfiguratus est,* ou pelas que se haviaõ de ver no monte Calvario: *Loquebantur de excessu.* Agora, sobre qual estivera mais glorioso, illõ pôdem contender os montes.

Diria o Thabor, que era taõ luzido, que sendo de noite estava cheyo de ref-

plandores do mais formoso Sol: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* Responderia o Calvario, que eraõ tanto mais valentes as suas luzes, que sendo de dia, ao meyo dia fez escurecer o mesmo Sol: *Obscuratus est Sol.*

Diria o Thabor, que foy magestoso theatro da gloria do Filho de Deos, e que o mesmo Eterno Pay o declarou assim: *Hic est Filius meus dilectus.* Responderia o Calvario, que a Divindade de Christo fora reconhecida nelle com mais ventagens, que em todo o mundo; e se Deos o acclamou no Thabor por seu Filho, aqui hum inimigo seu o confessou por Filho de Deos: *Veré Filius Dei erat iste.*

Diria o Thabor, q̃ foy taõ grãde a torrente da sua gloria, que affombrados os Discipulos, não podendo tomar pé, cahiraõ porterra: *Ceciderunt in faciem suam.* Responderia o Calvario, que sendo nelle mayor o diluvio de penas, qual nunca vio, nem ha de ver o mundo, todos, os que se chegaraõ

a elle , tomaraõ pé ao pé da Cruz : *Stabant juxta Crucem.*

E finalmente , se os Discipulos lhe pareceo no Thabor a gloria a montes , no Calvario para Christo com a sua Cruz foy o monte da sua gloria : *Crux tua gloria tua , ò Domine* , diz S. Drogo. E se a Cruz foy taõ gloriosa para Christo , diga-se , que a sua Divindade colhe nesta palma o melhor triunfo , e que para elle foraõ vitorias os frutos desta palma : *Ascendam in palmam , & apperhendam fructus ejus.*

II. P O N T O.

E Stamos na següda parte do Sermaõ : o segundo triunfo , que Christo alcançou pela sua Cruz , foy o do seu poder. Rey de Israel chamaraõ hoje a Christo em Jerusaleem : *Rex Israel.* E donde melhor que na sua Cruz , ou seja nella , ou por ella , se vê Christo com aclamaçoens de Rey ? Ouvi primeito que tudo , o que os Reys do Oriente

differaõ a Christo.

Ubi est , qui natus est Rex Matth 2. v. 2.

Judeorum , vidimus enim

Stellam ejus in Oriente. Este

Menino , a quem buscamos (dizem elles) he Rey ,

e o reconhecemos Rey : *Rex*

Judeorum. Mas sabeis por-

que? Porque o vimos affim

na Estrella , que lhe vimos : *Vidimus enim Stellam ejus.*

Notay o *enim* , que he hu-

ma particula causal. De ma-

neira , que a causa , o moti-

vo , e o porque de se accla-

mar Christo Rey , foy ver-

se a Estrella de Christo : *Stellam ejus.* Valhame Deos!

E que Estrella era esta , ou

que viraõ os magos nesta

Estrella , para acclamarem

por ella a Christo Rey? S.

Joaõ Chrysofomo divina-

mente : *Stella* , diz o Padre ,

habens in se formam quasi

pueri parvuli , & super se

similitudinem Crucis. O q̄

nesta Estrella se via (diz

Chrysofomo) era hum Me-

nino com huma Cruz em

braços , ou hum Menino

nos braços de huma Cruz :

Super se similitudinem Cru-

cis. Alto pois , (dizem os

Magos) Rey he Christo pe-

la

la sua Estrella: *Rex Judaeorum*. Tanto que na Estrella viraõ Cruz, logo inferiraõ, que o Menino era Rey: assim se conhece Christo Rey pela sua Cruz, que foy o mesmo verem na Estrella a Cruz, que acclamar-se por Rey a Christo: *Vidimus enim Stellam ejus. Ubi est, qui natus est Rex?*

De ordinario sabemos, que a Cruz se chama final: *Per signum Sanctissime Crucis*. Mas se he final a Cruz, que final será? Não outro, (diz a Igreja) que o final do grande Rey: *Hoc signum magni Regis est*. Notay: Não diz Rey sómente, mas grande Rey: *Magni Regis*. O ser grande Rey (sabeis já) consiste na grandeza das conquistas, e na gloria das vitorias: e a quem senaõ á Cruz, ou ao final da Cruz, se attribue este poder, e esta gloria: *In hoc signo vinces*, diz a nossa moeda. Seja pois Christo acclamado Rey pelos Magos: *Rex Judaeorum*: e digaõ, que o verem a Cruz na Estrella, ou a sua Estrella com Cruz, foy o final de se acclamar

Rey, e o mayor dos Reys: *Vidimus enim Stellam ejus. Hoc signum magni Regis est. Ubi est, qui natus est Rex Judaeorum?*

Vedes o que foy a Cruz no Presépio ainda em figura? Ora vede, o que no Calvario foy na realidade: *Si Rex Israel est*, dizem os ^{Matth 27.v. 42.} Judeos a Christo estando na Cruz: *Descendat nunc de Cruce, & credimus ei*. Se he Rey de Israel (dizem elles) desça da Cruz, e nós o creremos Rey. Notavel partido! E que fez neste caso o Divino Senhor? Desceo por ventura da Cruz? Não, e duas razoes darey. Não desce Christo da Cruz (dizem huns) ainda que o reconheçaõ Rey, porque para Christo, e para a sua estimação, mais facil era deixar de ser Rey, do que deixar a sua Cruz. Assim estima Christo a sua Cruz, que a não deixará, nem pela coroa de Rey. Melhor razão.

Não deixa a Cruz (dizem outros) quando lhe dizem, que será Rey, porq̄ achou, que o mais adequado meyo

de se conhecer Rey, era o ver-se na sua Cruz. Sim, diz S. Bernardo: ser Christo Rey, e descer da Cruz (diz elle) oh ignorancia! Não desce da Cruz, porque do seu Reyno tem o Senhor alli o titulo mais illustre, e do seu principado tem o testemunho mais evidente: he de S. Bernardo: *O stulti, diz o Padre, immò quia Rex Israel est, titulum Regni non deserat, virgam Imperij non deponat.*

D.
Bern.
serm.
in di
Pasch.

Nem por outra razaõ o titulo de Rey, que o Senhor recusou tantas vezes, só na Cruz o aceitou. Esse mysterio teve aquella inclinação da cabeça: *Inclinato capite.* Inclinou a cabeça Christo, ou para descobrir o titulo, que tinha na Cruz, ou para mostrar, que aceitava o mesmo titulo. Tal he a Cruz para o Rey Divino, que se não pôde negar a ser Rey, tanto que se vê, ou mostra na sua Cruz: *Inclinato capite.* Tambem o Ladrão o acclamou Rey estando na Cruz: *Dum veneris in Regnum tuum.* Assim anda o ser Rey em Chri-

Juan.
19.v.
31.
Luc.
23.v.
42.

sto avinculado á sua Cruz; que foy o mesmo ver-se Christo na Cruz, que logo acclamar-se Rey: *In Regnum tuum.* Porissõ Christo não desce da Cruz para aceitar a coroa, que os Judeos lhe offerenciaõ, e porissõ nos Judeos foy erro, offerecerem a Christo a coroa, se descesse da Cruz: *O' stulti! Quia Rex Israel est, titulum Regni non deserat, virgam Imperii non deponat.*

Emfim, que o ser Christo Rey, e chamar-se Rey, o colhe hoje na palma da sua Cruz, e o tem por fruto da mesma palma: *Rex Israel. Apprehendam fructus ejus.* Mas eu dissera, que não só se vê Christo Rey pela sua Cruz, mas pela mesma Cruz se vê grande Rey: *Magni Regis est.* Notay: Na obra da nossa redempção o Senhor se mostrou grande Rey pelo poder, que nella mostrou: poder em vencer o mundo: poder em destruir o inferno: poder em abrir o Ceo, e finalmente poder em multiplicar no Imperio das creaturas

turas a grandeza do seu Imperio. Tudo isto na nossa redempção mostrou Christo. Bem: e seria isto tudo pela sua Cruz? Ouvio-o primeiro em profecia, e depois o vereis pro experiencia.

Isai. 9. v. 6. & 7. *Parvulus natus est nobis ... Factus est principatus super humerum ejus ... Et multiplicabitur ejus Imperium.* Nasce no mundo Deos feito Menino (diz Isaias) e nascido assim o Menino Deos, o seu Principado o trará sobre o seu hombro: *Principatus super humerum ejus*; e em nós multiplicará tambem o seu Imperio: *Et multiplicabitur ejus Imperium.* Reparay: A consequencia, o effeito, e a resultancia de trazer o Principado no hombro: *Super humerum*, he ver-se o seu Imperio multiplicado: *Multiplicabitur ejus Imperium.* Pergunto: E que Imperio he este, que se multiplica com o principado ao hombro, ou que Principado he este, que posto ao hombro, multiplica em Deos o seu Imperio? S. Je-

ronymo divinamente: *Factus est Principatus super humerum ejus*, diz o Santo, *quia Crucem suam ipse portavit.* Era o Principado no hombro a sua Cruz sagrada: e he tal a gloria deste Principado, que por elle multiplica Christo a grandeza do seu Imperio. Dayme que Christo tenha o principado da Cruz em o hombro: *Principatus super humerum.* E eu vos darey que se multiplique logo o mesmo Imperio de Christo: *Et multiplicabitur ejus Imperium.* Até aqui o que em profecia diz Isaias, passay agora da profecia á experiencia.

Considera-se na sua Cruz o Filho de Deos, e fallando nisto diz assim: *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.* Eu (diz o Senhor) se me vir exaltado da terra, se me vir posto na Cruz, tudo heide levar comigo, e atrahir a mim: *Omnia traham ad me ipsum*, S. Leão Papa, pezando bem o valor daquelle *Omnia: Omnia traham*, diz que a todas as creatu-

D.
Hieron
ref.
Cast. de
vest.
Arr. v.
5. n. 31

Joan.
v. 32.

creaturas equivale, porque Christo na Cruz todas geralmente attrahio: a terra para os tremores, os Astros para os eclipfes, o véo do Templo para os rasgos, as pedras, o inferno, as sepulturas, e o mais he, o Ceo para o dar aos homens, e os homens para os levar para o Ceo. Isto diz o *Omnia*. Mas porque? (Exclama por fim

D. Leo. o Santo) *O' admirabilis potentia Crucis!* Estava na Cruz o Senhor: e com o instrumento da sua Cruz, nem ao Imperio de Christo deixaria de se render tudo, nem Christo de multiplicar em tudo a grandeza do seu Imperio: *Admirabilis potentia Crucis. Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum.*

Eis-aqui multiplicado pela Cruz o poder de Christo, e ex-aqui grande Rey a Christo pela sua Cruz. Mas offerece-se huma difficuldade: Christo como Rey Divino que he, tudo tem, tudo pôde, e tudo domina: *Rex potens, & Dominans Deus.* Não ha nada, que de novo pôssa ter este Divi-

no Rey: como logo dizemos delle, ou podemos dizer, que pela sua Cruz ha de attrahir tudo a si: *Omnia traham*, e se ha de multiplicar no Imperio: *Multiplicabitur ejus Imperium.* Mas sim: He verdade que o Rey Divino tudo tem, por ser tal Rey, mas he tal a Cruz de Christo na estimação de Christo, que o tudo, que este Senhor tem, sem a sua Cruz lhe parece nada; e o nada, que este Senhor alcança, com a sua Cruz lhe parece tudo. Digna gloria da sagrada Cruz! Sem ella o tudo he nada, e com ella o nada he tudo.

Exhibeamus nosmetipsos, diz S. Paulo aos de Corinthio, *sicut Dei ministros, nihil habentes, & omnia possidentes.* Oh lá Corinthios, diz Paulo, sabey que nos havemos de portar como Ministros de Deos, os quais não tem nada, e tem tudo: *Nihil habentes, & omnia possidentes.* Como pôde ser? Se tem tudo, como não tem nada, e senão tem nada, como tem tudo; Como se podem concordar aquelle *Nihil,*

Ex
Eccl.
ad E-
vang.
Joan.
I. v.
26.

Nibil com aquelle *Omnia?* Direy : que he o que fazem estes Ministros de Deos? O mesmo Senhor o diz : *Qui mihi ministrat , me sequatur , & ubi ego sum , illic sit & minister meus.* Seguem , e acompanhaõ a Christo. Bem. E os que seguem , e acompanhaõ a Christo , que fazem? Tambem o diz o Senhor : *Si quis vult post me venire , abneget semetipsum , tollat Crucem suam , & sequatur me.* Negaõ-se a si , tomaõ huma Cruz , e seguem os passos de Christo. Ha sim ! Pois diga S. Paulo , que estes Ministros de Deos tem tudo , naõ tendo nada , porque se cada hum delles tem sua Cruz : *Tolle Crucem , nada com a Cruz he tudo : Nihil habentes , & omnia possidentes.*

Matth
16. v.
24.

Oh triunfo grande o de hum poder , que quando naõ póde ser mayor em si , ainda pela Cruz se faz mayor ! Triunfo donde o nada se reputa por tudo : *Omnia traham ; e donde o Imperio se estende no nada : Multiplicabitur ejus Impe-*

rium. Mas a ser a Cruz palma de triunfos : *Ascendam in palmam , que glorias naõ seraõ os triunfos desta palma : Et apprehendam fructus ejus.*

III. PONTO.

ULtimamente: triunfa pela sua Cruz em Christo o seu amor , e he a terceira parte. Huma das cousas , em que o amor mais gloriosamente triunfa , he a tolerancia das suas penas : saõ estas o ardente crisol , em que apura este ouro os seus quilates : e saõ a pedra de toque , em que melhor se descobrem os seus requintes. Com azas se pintaõ no Ceo os Serafins de Ifaias : *Sex ale uni* , diz o Profeta. E se as azas só de penas se compoem , nas penas , que hum amor padece , costuma ter azas com que sóbe. Tambem nas azas se viaõ postos em Cruz os Serafins : *Trina Cruce.* Penas de Cruz saõ para sobir de ponto o amor as mais ligeiras azas.

Nem por outra razaõ , hoje que Christo vay com

os olhos na sua Cruz, se nos
 q̄ diz sobe: *Ecce ascēdimus*.
 Sobir á Cruz hum amante,
 he sobir pelas penas o amor:
Ascēdimus. Oh quanto
 sobe o amor de Christo pe-
 la Cruz, a que hoje sobe!
 Sobe na paciencia, sobe na
 constancia, sobe no valor,
 e finalmente, começando a
 dar passos hoje para a sua
 Cruz, he tão valente, que
 não faz pé atrás nos seus
 passos. Mas sim, regulaõ-se
 os martyrios de Christo pe-
 los extremos de Christo, e
 quem na Cruz tem hum co-
 ração tão cheyo de extre-
 mos, não póde fazer pé
 atrás nos martyrios.

No madeiro da Cruz se
 plantou no Jardim do Cal-
 vario a melhor flor do Pa-
 raíso, e sendo que os dous
 pés desta flor eraõ plantas
 de huma Rosa, vieraõ a fer
 na Cruz pés de dous cravos.
 A mais certa opiniaõ dos
 Doutores he, que com dous
 cravos se pregáraõ na Cruz
 os pés de Christo: donde se
 infere, que os pés se não
 pregáraõ entaõ como os
 pintaõ agora. Agora como
 não tem mais que hum só

cravo, estaõ os pés sobre-
 postos: entaõ como os cra-
 vos eraõ dous, ficaraõ os
 pés igualados. E pois por-
 que dispoz a Prøvidencia
 Divina, que o Senhor com
 os pés igualados, e não so-
 brepostos passasse desta vi-
 da mortal para a outra vi-
 da? Direy. Estarem sobre-
 postos na Cruz os pés de
 Christo, era ficar-lhe hum
 pé de traz, e outro diante,
 e como Christo se arrojou
 com amor ás penas da Cruz,
 não se havia de ver em tais
 penas, que fazia o seu amor
 pé atrás. Regulavaõ-se os
 martyrios de Christo pelos
 extremos de Christo, e quẽ
 tinha hum coração tão che-
 yo de extremos, não podia
 fazer pé atrás nos marty-
 rios.

Mas se o amor na Cruz
 se canonizou nas penas, em
 que estava, tambem se ca-
 nonizou o amor em adoçar
 o que padecia. Era a Cruz
 (o que ella he) huma Cruz,
 mas o que na intençaõ do
 odio foy centro de penas,
 na do amor o foy só de de-
 licias. He o que o amor faz:
 converter em delicias do-
 ces

ces as penas amargosas.

Cant. 8 v. 6. Flores apparuerunt in terra nostra, dizia a Deos aquella Alma, que por ser hum retrato da perfeição, era huma alma de Deos. Apparecêraõ as flores na nossa terra. S. Bernardo cõmentando este lugar, diz que por estas flores se entendem os espinhos da coroa de Christo estando na Cruz: *D. Bern.* Flores apparuerunt, id est, spinæ in capite Christi sponsi in Cruce positi. E pois que tem que ver os espinhos com as flores, para que diga a Divina Esposa, que vê flores, quando vê espinhos? Mas fallou a Esposa, como quem sabia tanto de amor: chamou-lhe flores sendo espinhos, porque para quem ama, o mesmo he entrar por espinhos, que pizar flores: assim lhe adoça o amor os trabalhos, assim lhe suaviza o amor os tormentos, que por dar na flor até de abrandar espinhos, não ha espinho, de quem não faça huma flor: Flores apparuerunt, id est, spinæ, &c.

O mesmo que na Cruz passa com os espinhos, pas-

fou, se bem advertires, com a mesma Cruz: *Jesum queritis Nazarenum crucifixum*, dizem ás tres Marias os Anjos no sepulcro: Se buscais a Jesus Nazareno Crucificado lhe dizem os Anjos. Nazareno, e Crucificado? E porque ajuntaraõ aqui os Anjos ao titulo de Crucificado, o titulo de Nazareno: *Nazarenũ Crucifixum*. Porque? Porque quizerãõ mostrar no Sepulcro, o que já no Calvario havia feito o amor. No titulo de Nazareno tudo em Christo são flores. No titulo de Crucificado tudo em Christo he Cruz. E ajuntaraõ os Anjos o Crucificado ao Nazareno, para que visse que taõ de flores era a Cruz para Christo, que não havia nelle Cruz, que lhe não estivesse de flores. De flores chamou a Esposa ao leito da Cruz: *Leclulus noster floridus*. Seria de penas todo na intenção do odio, mas todo Jardim de flores na estimação do amor. Porisso Christo se todo he Cruz no *Crucifixum*, he todo flores no *Nazarenum: Jesum* *Marc. 16. v. 6.*

Jesum Nazarenum Crucifixum.

Oh que triunfante se vê pela sua Cruz o amor de Christo ! Triunfante na tolerancia das penas que padece , e mais triunfante por tornar em doçura as mesmas penas. Emfim palma de triumphos hoje : *Ascendam in palmam* , e por ella o amor se coroa nos frutos desta palma : *Et apprehendam fructus ejus.*

Ora Cruz Divina , sempre gloriosa , e hoje victoriosa Cruz. Seja embora , que antigamente fosseis o centro das mayores affrontas , hoje porém sois o theatro das mais altas glorias. Sois (assim o faiba dizer eu , como vós o sois) o trono mais apparatuso que o de Salamaõ ; porque se aquelle o cercavaõ em roda settenta guardas : *Sexaginta fortes ambiunt* , a este lhe assistem em Coroa settenta e dous archeiros : *Plectentes coronam de spinis.* Sois a Arca mais triunfante que a de Noé , porque se naquella se salvaraõ só as reliquias do mundo : *Octo anime* ,

nessa hum mundo inteiro se salvou : *Atque portum preparare Arca mundo naufragio.* Sois a cithara mais sonora que a de David : porque se aquella tocada com huma penna só , era cithara , e soava a cithara : essa tocada com penas sobre penas , soa a doces cravos no que soa : *Dulce lignum , dulces clavos.* Sois a escada mais firme que a de Jacob , e sois a chave mais poderosa que a de S. Pedro : escada , porque se por aquella sobiaõ Anjos para o Ceo , e deficiaõ Anjos para a terra : por essa não só sobem Anjos , mas homens da terra para o Ceo ; e chave , porque se a de S. Pedro quando muito abre o Ceo a Justos , essa até a hum Ladraõ abriu o Ceo : *Hodie mecum eris in Paradiso.*

Emfim sois a palma dos mais gloriosos triumphos , e triumphos , em que hoje o mayor Senhor se leva a palma. Palma fim , que toda he de triumphos para a Divindade , toda de triumphos para o poder , e toda de triumphos para o amor. A Divindade
nessa

nessa palma triunfa na ostentação das suas glórias; o poder na redempção das nossas culpas, e o amor na tolerancia das suas penas. Peregrinos triunfos, a cuja vista não ha façanhas nos Cesares, proezas nos Augustos, nem nos Pempeos

ha vitorias; porisso hoje, não jde caduco louro, mas de palmas gloriosas coroado: *In palmam*. Em dia pois de tanto triunfo, remate para gloria vossa, a nossa lingua, e diga com a Igreja o que ella diz:

*Pange lingua gloriosi
Lauream certaminis,
Et super Crucis trophæo
Dic triumphum nobilem:
Qualiter Redemptor orbis
Immolatus vicerit.*

Nem de triunfos taõ altos se deviaõ menos vivas á palma da Cruz, nem Christo em taõ nobre palma deixar

de colher para nós entre as flores da graça os frutos da Gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

A

S E R M A Õ
 D E
 N. S^{RA}. D A L U Z
 E M D I A D A N A T I V I D A D E ,
 P R E G A D O

No Convento da mesma Senhora.

Havendo cessado as mortais doenças , e as repetidas
 mortes , que naquella anno houve naquelle
 Paiz.

De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.
 Matth. I.

AStros luminosos, agradaveis depositarios das luzes, e officinas dos raios contra as sombras: vós que como diamantes incendiados sois tochas brilhantes do mundo , e pyrôpos ardentes do Ceo , retiray a brilhante pompa das vossas luzes, afastay a vistosa scintillação dos vossos raios, que se no nascimento do Sol desapparecem allombra-

das as Estrellas , hoje no nascimento de outro mayor Astro, que Sol haverá, que se não alluste, e que Estrella, que se não eclipse ? Nasce hoje a luz de Maria , e na fonte do seu luminoso Nascimento apparece mais brilhante que o Sol , mais resplandecente que a Lua , e mais luzida que as Estrellas, porque he Sol sem eclipse, Lua sem mingoante, e Estrella sem defeito. Finalmente

mente huma luz tal , que dando que cuidar ás Estrelas , faz mil invejas á Lua , e empresta vivezas ao Sol.

Esta he a gloriosa luz , que hoje nasce , e nasce taõ gloriosa , que della (diz o Evangelho) vem já nascendo o Rey , e Monarca das luzes: *De qua natus est Jesus , qui vocatur Christus.* Mas valha-me Deos ! É que difficulosamente se pódem na luz de Maria descobrir realces , quando a luz de Christo concorre no Evangelho com Maria ! He Christo huma luz por natureza , he Maria huma luz por graça : Christo he huma luz Divina , Maria he huma luz humana : e pór , (he o que se segue) pór huma luz humana junto de huma luz Divina , ou fica sendo luz muy pequena , ou não fica parecendo luz.

Naõ he luz o Bautista : (diz o Evangelista S. Joã)

Jo. an. I v. 8. *Non erat ille lux.* Mas he luz o Bautista , diz logo o *ib. 5. v.* mesmo Christo: *Erat lucerna ardens , & lucens.* E pois he luz por boca de Christo : *Erat* , e por boca

Tom. IV.

do Evangelista não he luz ? *Non erat.* Sim , que ser luz a respeito dos homens , como Christo diz , isso ferá o Bautista ; mas ser luz a respeito de Christo , como diz S. Joã , nem o Bautista o he. Fallava Christo do Bautista *respectivé* aos homens : fallava o Evangelista do Bautista *respectivé* a Christo : e como o Evangelista comparava luz com luz : huma luz por natureza com huma luz por graça : como fallava de huma luz humana em concurso de huma luz Divina , achou que era o Bautista luz taõ pequena , que não parecia ser luz : *Non erat ille lux.*

Mas oh illustre Maria ! Naõ he desdouro da grandeza da vossa luz sahir a concurso hoje com o mesmo Sol : realce para vós , e requinte , isso sim. Avultar , e parecer Maria huma luz grande á vista só das luzes creadas , isso não he a grandeza mayor da Senhora ; mas avultar , e parecer Maria huma luz grande á vista do mesmo Creador , e Pay das luzes , isso he o ma-

Ff yor

yor credito da sua grandeza : ser grande diante de hum pequeno, não he muito ; mas ser grande diante de hum grande , e tão grande, como Deos he , isso he prodigio.

O mayor , que nasceo de mulheres , diz Christo , he o grande Bautista : *Non surrexit maior Joanne Baptista*. E bem , porque foy o Bautista tão grande , que não só foy grande diante dos homens , mas foy grande diante de Deos : *Magnus coram Domino*. E ser tanta a grandeza do Bautista , que até diante do mesmo Deos he grande , esse he o prodigio da sua ineffavel grandeza : *Non surrexit maior Joanne Baptista*. Lustre pois , e realce vosso , oh Mãe de Deos , será , que concorrendo no Evangelho com a luz de Christo a vossa luz , digamos que não só he luz na fonte do seu nascimento , mas que he em vós o Nascimento huma fonte de todas as luzes.

Lá vio Mardocheo em sonhos as prerogativas de Esther , e representouse-lhe

huma fonte , que passando a ser rio se converteo em luz , e se transformou em Sol : *Parvus fons crevit in fluvium , & in lucem , solemque conversus est*. Prodigiosa fonte , donde as affluencias são luzes , e os mananciais resplandores ! Tal o sonho , de quem descobrio esta sagrada Imagem , ou que para a descobrir a vio em sonhos. Vio , (assim consta da tradiçã que ha) que sobre huma fonte lhe mostrava huma luz o Ceo , indicio , de que nesta Imagem soberana se descobria huma fonte de luz na terra. Mas he Maria retrato de Esther formosa , e porisso luz toda em fonte , ou fonte toda convertida em luz : *In lucem , solemque conversus est*. Ou digamos , que a nascer hoje Christo de Maria , diz S. Mattheus : *De qua natus est* , em Maria tem toda a luz hoje a sua fonte. Alta , e profundamente o Doutissimo Zerda : *Virgini lucem* , diz o Dou-
to , *que unigenitus a Patre est , infundit , é cujus illa psu virgo fons lucis reddita*

Esther.
10. v. 6

Zerd.
Acod. 3
sec. n.

74.

est.

est. Não ha mais dizer ! No sonho de Mardocheo ao mesmo tempo, que vio a Esther fonte de luz, vio tambem que ella amparava o seu povo, e o livrava dos mortais eclypses, a que se via lastimosamente condemnado. No sonho, que tambem teve, quem descobrio esta sagrada Imagem, vio que o alumiaua ella como fonte de luz, e o tirava das trevas de hum cativeiro, em que se via tirannamente opprimido. Não sey se hum, e outro sonho foraõ preludios, de que nas mortes taõ continuas, e nas doencas taõ mortais, que até aqui sentio esta terra, a Máy de Deos, como fonte de luz que he, todas estas trevas converteria em luz. Ora vejamos como por Maria se soltaraõ em nós aqui estes sonhos.

Pelo peccado de Adão ficou o mundo hum profundo abismo, donde tudo eraõ trevas: *Tenebræ erant super faciem abyssi*; e hoje, diz S. Pedro Damiaõ, pelo Nascimento de Maria, Divina luz, o mundo se allu-

mea nas trevas dos seus abismos: *Ab illa hora tenebræ factæ sunt super universam terram usque ad Virginem, sed nata virgine surrexit Aurora, quia Maria veri prævia luminis, natiuitate sua mane clarissimum serenavit.* Tres, se advertires, saõ os abismos mayores, em que o mundo por falta de luz se precipita: ou para melhor dizer, o homem, que ainda que mundo pequeno, he mundo. A enfermidade abismo, em que se apaga a luz da saude. A morte, abismo, em que se extingue a luz da vida; e finalmente a culpa, abismo, em que desaparece a luz da graça. Todos estes fatais abismos Maria allumiou nesta terra, e continuamente allumea, como fonte que he de luz: *Virgo fons lucis reddita est.* Nasce hoje de Maria como de fonte a luz de Christo: luz saudavel: *Domini est salus*, luz de vida: *Ego sum vita*, e luz da graça: *Plenum gratiæ, & veritatis.* Sendo pois, ou nascendo Maria fonte desta luz, nasce divertindo

as trevas de tres Abismos : do Abismo da enfermidade, do Abismo da morte, e do Abismo da culpa. Isto he : do Abismo da enfermidade, como fonte, em que se bebe a luz da saude : primeiro assumpto. Do Abismo da morte, como fonte, em que resplandece a luz da vida : segundo assumpto. Do Abismo da culpa como fonte, em que se diffunde a luz da graça : terceiro assumpto. Estas seraõ as tres realces da grande luz de Maria, e os tres Abismos, que se divertem no Nascimento da que he Mãy, e fonte da melhor luz : *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. E cujus illapsu Virgo fons lucis reddita est.*

I. PONTO.

EM primeiro lugar: Nasce Maria cristallina fonte, para divertir as trevas da enfermidade, se bebe a luz da saude. Verdade he, que a saude he huma, luz que só a deo, e trouxe ao mundo o Sol encarnado

Christo Filho unico de Maria, e unigenito de Deos : *Orietur vobis timentibus nomen meum Sol justitie, & sanitas in pennis ejus.* Malac. 4. v. 2. Mas tendo este Divino Sol dous nascimentos, hum do entendimento do Pay, e outro das entranhas da Mãy, que diremos? Que mais parece nos deo, e communicou a saude, pelo que tinha de ser Filho de sua Mãy, que pelo que tinha de ser Filho de seu Pay. Primeiro que tudo vamos ao Evangelho.

De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus. Dous nomes tem aqui o Verbo encarnado: o nome de Christo, e o nome de Jesus. Mas he de notar, que havendo de ter a primazia hum destes nomes, se ponha primeiro o de Jesus, e ao depois o de Christo : *Jesus, qui vocatur Christus.* E pois porque não diz S. Matheus, que de Maria nasceo Christo, que se chama Jesus Direy : O nome de Jesus (dizem os Theologos) que de *formali* diz o ser, que Christo trouxe da

da Mãy; e o de Christo de *formali* diz o ser, que Christo trouxe do Pay; e como Christo soberano Sol encarnou, e nasceu para nos trazer a luz da faude, havendo de mostrar-nos, que elle a dava, e despendia mais por Filho de Maria, que por Filho de Deos, poz S. Mattheus primeiro aquelle nome, que diz mayor ordem a sua Mãy, e depois aquelle nome, que diz mayor ordem a seu Pay: *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

*ubi su-
pr.*

Alta confirmação nas palavras, que já dissemos, e tornarey a dizer: *Orietur vobis timentibus nomen meū Sol justitiæ, & Sanitas in pennis ejus.* Nascerá Christo (diz Malaquias) Sol com azas, e trarnos-ha a faude nas pennas. Reparo assim: Se Christo traz pennas como Ave, e tras resplandores como Sol, porque não diz Malaquias, que nos traz a faude nos resplandores, senão nas pennas: *Sanitas in pennis?* Direy: Christo veste resplandores por parte de seu Pay Divino:

Christo orna-se com pennas por parte de sua Mãy, que he humana: veste resplandores por parte de seu Pay Divino, porque, como diz o mesmo Pay, o gerou entre resplandores: *In splendoribus sanctorum genui te.* Orna-se com pennas por parte de sua Mãy, que he humana, porque a Senhora he Ave, e he Sol: quando se veste de Sol: *Amicta Sole*, então se orna de azas: *Data sunt mulieri ale duæ.* Emfim, he Maria Sol com azas: *Ale*, e porisso Christo Sol com pennas: *Pennis ejus.*

E como a faude, (digamos agora) como a faude, que Deos nos dá, he favor especial da protecção, e intercessão de Maria, não diz o Profeta, que Christo a traz nos resplandores, que lhe deo o Pay, senão nas pennas, que tomou da Mãy: *Sanitas in pennis ejus.* Trazer Christo a faude nos resplandores, em que o Pay o gerou, he vir da parte de Deos esta felicidade; trazer porém a faude nas pennas, que tomou da Mãy, he vir

da parte de Maria esta ventura: pois para que se faiba (diz Malaquias) que a faude, que Deos dá, se deve especialmente a Maria, não se diga, que a traz Christo como Sol nos resplandores de seu Pay, mas que a traz como Ave nas pennas de sua Mãe: *Sanitas in pennis ejus.*

Ora ajuntemos, para brilhar mais, o resplendor deste Sol com o de outro Sol. Enfermou de morte Ezequias, e promettendo-lhe hum Profeta a faude por mercê de Deos lhe propoz, para certificar-lhe a promessa, hum de dous finais á sua escolha: ou que tornaria o Sol atraz dez linhas em hum instante; ou que proseguindo o seu curso, se adiantaria no mesmo instante dez linhas. Escolheo Ezequias, e que? Não que corresse o Sol adiante, senão que tornasse atraz: *Nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum.*

Reg. 20
v. 10.

Supposto isto, pergunto: E porque mais escolhe Ezequias que torne o Sol atraz, do que proseguir a

dianete? Se ambos estes dous finais eraõ milagrosos, e se qualquer delles bastava para assegurar-lhe a faude, porque hade ter por melhor, e fazer escolha, não de que se adiante, senão de que retroceda o Sol? Direy o que me parece: Retroceder, e tornar atraz o Sol era buscar no berço do Oriente os braços da Aurora; Sol nos braços da Aurora he Christo no gremio virginal de Maria: e como por Filho de Maria se mostra Christo mais liberal do nosso remedio, só ajuntando-se o Sol com a Aurora, se da Ezequias na faude por mais seguro. Assim devem os homens á Aurora Maria a luz da faude, que o melhor final de comunicalla Christo he ajuntar-se este Sol com esta Aurora: *Nec hoc volo, ut fiat, sed ut revertatur retrorsum.*

Oh Divina Aurora, sem a qual não ha felicidade que se logre, com a qual não ha dita, que se não alcance: sem vós póde communicarnos o remedio o Sol Divino, mas assim quer que a nos-

fa ventura se deva só á vossa intercessão, que tudo o que a sua mão nos dispensa, quer elle, que á vossa mão se attribua. Verdade he, que a luz da faude mais he reflexo do Sol, do que da Aurora, mas elle parece que quer, que se attribua mais à Aurora, do que ao Sol.

Luta Jacob com Deos na pessoa de hum Anjo, e diz Aligrino, que nas amorosas violencias desta luta se representavaõ os ardentes suspiros, com que os Patriarcas anhelavaõ a Encarnação do Verbo: *In Jacob luctante cum Angelo*, diz o Douto, *sancti Patres designantur, qui luctantes cum Domino precibus, & lacrymis obtinere Incarnationem Filij sui nitebantur*. Pertendia Jacob, que encarnasse o Filho de Deos, e que nelle se nos desse a faude, ou nos viesse por elle: *Deus meus es tu*, diz David, *qui mandas salutes Jacob*. Nestas pois tão anciosas pertençaens, quando Jacob andava no mayor fervor da batalha, lhe diz Deos que o

largue, porque já resplandece a Aurora: *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora*. E bem Senhor? Tem Jacob hum Sol nos braços, e hade deixar hum Sol por huma Aurora? Por ventura, para este seu requerimento hade valer-lhe mais a Aurora, que o Sol? Não, e sim.

Naõ: porque a Aurora naõ póde sem o Sol: sim: porque o Sol tudo o que faz he pela Aurora. Se Jacob quer alcançar de Deos o despacho, implore primeiro da Aurora o patrocinio. Pertende Jacob que o Verbo venha á terra a dar faude ao mundo enfermo; e sem fer mediante a Aurora, como ha de nascer no mundo este Sol? Emfim, remedio de faude todo elle será do Sol, mas quer elle que se deva todo á Aurora: *Jam enim ascendit Aurora*, diz Ricardo, *quasi diceret: Jam non puljes ad me primo loco, sed vade ad Matrem meam*.

No nascimento da Aurora se representa o Nascimento de Maria, e neste glorioso Nascimento se af-

fegurou toda a faude do mundo. Porisso a Jacob se mandou que buscasse na Aurora, o que esperava do Sol. Porisso Ezequias, querendo assegurar a faude pedio, que o Sol se juntasse com a Aurora. Porisso o Profeta diz, que nos traria a faude o mesmo Sol, não nos resplandores, que lhe deo o Pay senão nas penas, q̄ tomou da Mãy; e porisso o Evangelista nomeou este Sol encarnado primeiro por aquelle nome, que dizia mais ordem a sua Mãy; e depois por aquelle nome, que dizia mais ordem a seu Pay: *Jesus, qui vocatur Christus.*

Ora confirme o Sacramento, e conclua o discurso. Exposto no Lado de Christo o Sacramento no sangue, foy notavel o testemunho, que o Centuriaõ deo, e ainda como o refere S. Marcos mais notavel: *Veré hic homo*, diz elle, *Filius Dei erat.* Notay, que havendo de preceder em Christo o ser de Deos ao ser de homem, primeiro o Centuriaõ lhe chama ho-

mem: *Hic homo*, e depois chama-lhe Deos: *Filius Dei erat.* E pois a Divindade não está, e deve estar primeiro? Sim. Como logo se dá á Humanidade a primazia, e não á Divindade? He o que já dislemos, e S. Thomaz acabará de dizer. Deo-nos o Sacramento Christo, para nelle bebermos como em fonte a luz da faude: *Totum se nobis contulit ad salutem*, diz Santo Thomaz. E como aqui havia Humanidade, que Christo tomou da Mãy, e como havia Divindade, que Christo trouxe do Pay, havendo de se nos expor a faude no Sacramento: *Salutem*, não se falla na Divindade primeiro, porque se não entenda a dà Christo só por Filho de seu Pay; falla-se primeiro na Humanidade, para que se saiba, que a dà Christo mais por Filho de sua Mãy. Saude bebida no Sacramento como em fonte, diz Christo, minha ferá para a dar como filho que sou de Deos, mas ainda mais minha para a dar, como Filho que sou de Maria.

Porisso

Porisso havendo de acclamar-me primeiro Deos que homem, neste caso tem o lugar primeiro o ser de homem: *Hic homo*, e o segundo lugar o ser de Deos: *Filius Dei erat*. Eis-ahi o *Jesus, qui vocatur Christus* do Evangelho. Oh Maria soberana! Fonte sois hoje, donde se bebe toda a luz da faude, porisso hoje no vosso glorioso Nascimento a luz das luzes nasce de vós toda, como de fonte: *De qua natus est Jesus. E' cujus illapsu virgo fons lucis reddita est*.

II. PONTO.

EStamos na següda parte do Sermaõ. Nasce Maria cristallina fonte, donde para divertir os eclipses da morte resplandece a luz da vida. Todos sabemos, que a nossa vida he huma luz participada da mão de Christo, como fonte que he de todas as luzes; mas podemos entender, que mais asseguraõ esta, os que vivem debaixo da protecção de Maria, que os que vivem

debaixo da protecção do mesino Christo. No principio do mundo creou Deos aquelles dous grandes Astros, o Sol, e a Lua, e dando ao Sol a presidencia do dia, deo à Lua a presidencia da noite: *Fecit duo luminaria magna. Luminare maius, ut præesset diei, & luminare minus, ut præesset nocti*. Fez tambem toda essa variedade de Estrellas, flores do Firmamento, e luminarias do mundo: e havendo de dar-lhes por presidente hum daquelles dous Astros, qual achais que foy? O Sol? Naõ. A Lua? Sim. Porque só na noite em companhia da Lua, e naõ de dia em companhia do Sol resplandecem as Estrellas. E pois como assim? Se as Estrellas vivem com a luz do Sol, como só mostraõ que vivem em companhia da Lua? Porque nesta figura quiz o Ceo que vissemos, o que hoje experimentamos na realidade. O Sol he Christo, a Lua he Maria, as Estrellas saõ os homens. E ainda que Christo seja a fonte, em que os homens bebem

bem a luz da vida, mais parece que a lograão, quando estaõ debaixo da mesma protecção de Christo: são Estrellas, que a mostrarem que tem vida, he só no tempo, em que preside a Lua, e naõ no tempo, em que preside o Sol. Ora vede em huma manifesta contrariedade de huma singular confirmação.

Duas figueiras encontro no Evangelho, e ainda que ambas igualmente criminosas, vejo perdoada huma: *Dimitte illam*, e vejo condemnada outra: *Arefacta est*. Desta, que se seccou, e perdeu, diz S. Mattheus, que estava junto a hum caminho: *Secus viam*. Daquella, que se naõ perdeu, nem seccou, diz S. Lucas que estava plantada em vinha: *Plantatam in vinea*. E pois que? Corre diferente fortuna a figueira, que estaõ na vinha, e naõ a que estaõ no caminho? A que estaõ no caminho, morre, e secca-se: *Arefacta est*, e a que estaõ na vinha naõ se secca, nem morre: *Dimitte illam*. Sim, e a razãõ he.

A que estaõ no caminho: *Secus viam*, estaõ debaixo do favor, e protecção de Christo: porque Christo he via, e he caminho: *Ego sum via*. A que estaõ na vinha: *Plantatam in vinea*, estaõ debaixo do favor, e protecção da Senhora; porque a Senhora he a sua custodia, e a sua guarda: *Posuerunt me custodem in vineis*. E como (por privilegio, que Maria goza) mais facilmente chega a morte, aonde Christo estaõ, que aonde estaõ Maria, porisso a figueira, que estaõ no caminho, se destroe, e a que estaõ na vinha permanece. A que estaõ no caminho destroe-se, porque naõ quer Deos se livre do rayo da morte, ainda quem tem o patrocínio de Christo: *Arefacta est*; mas a que estaõ na vinha permanece, porque naquelles, a quem ampara Maria, muitas vezes dissimula Deos com a morte: *Domine dimitte illam hoc anno*.

Oh grande, e singular gloria da Mãe de Deos! Despenfeira da vida, e defensora da morte: Fonte, donde

Cant.
1. v. 6.

Luc.
13. v. 8

Matth
21. v.
9.

donde para triunfar dos horrores da morte se bebem gloriosas as luzes da vida! Lá fingio hum Antigo Poeta, que a morte namorada da belleza de huma Rosa, lhe offerecêra por tributo do seu amor as mesmas settas, com que tirava as vidas: e daqui veyo, que o nascer a Rosa com espinhos foy por tomar em si as settas da morte. Por onde, desfarmada a morte a respeito da Rosa ficara sem armas para ferir, e se vira sem settas para matar. Isto, que na Rosa material foy ficção mentirosa, em Maria Rosa Divina foy execucao verdadeira. Desarmou a morte a Mãy de Deos, e porisso quando ella favorece, ou donde ella assiste, nem a vida está nas prizoens da morte, nem a morte tem jurisdicção contra a vida.

Que no Calvario a Virgem Santissima assistisse com Christo, não temos duvida. O em que só a tem os Padres, he sobre o lugar, em que assistio: se foy à mão direita de Christo, ou à sua mão esquerda. Santo Anto-

nino de Florença, cuja opiniao he mais provavel, diz, que a Senhora no Calvario esteve à mão esquerda de Christo, e funda o Santo esta sua opiniao naquellas palavras de David: *Considerabam ad dexteram, & videbam, & non erat, qui cognosceret me.* Olhou Christo (diz David) para a sua mão direita, e vio que daquella parte ninguem o conhecia: donde se infere, q̄ dahi não estava a Senhora, porque se estivera, sem duvida conhecêra a Christo. Só da mão esquerda (diz o Santo) não fez Christo esta queixa: *Quare non dicit, ad sinistram?* e responde: *Propter matrem, que ibi erat.* Estando pois à mão esquerda a Senhora, houve Christo de inclinar a cabeça para morrer, e inclinou-a para a sua mão direita. He pia contemplação dos Padres, e tradição da Igreja, vista nas sagradas Imagens do mesmo Senhor Crucificado. Certo (entremos a admirar agora) que se poderá aqui a Mãy queixar com razaão do Filho.

Senhor,

Ps. 141
v. 5.

D.
Ant.
Flor.

Serm. in
Sab. 3.
Quadr.

Senhor, quem na vida vos deveo tanto amor, porq̃ vos não deverà na morte effa inclinação. Se cada hum, confôrme vive, assim morre, inclinay-vos na morte, para quem vivestes taõ inclinado na vida. Oh deixay (diz hum Author grave) que foy taõ profundo, como o foy a inclinação. Inclinou Christo a cabeça para chamar a morte, (diz este Author) porque de tímida, e respeitosa se não atrevia a chegar a Christo : *Timebat enim mors accedere ad eum, & ut mori posset, caput inclinat, ut mortem vocaret.* E como a Senhora estava no Calvario à mão esquerda de Christo, chama Christo a morte pela sua mão direita; porque se daõ taõ mal as mãos a morte, e Maria, que para haver de chegar huma, donde està a outra, he necessario primeiro, que Christo lhe troque as mãos. Porisso Maria não està da parte, donde ha de vir a morte, porisso a morte não vem pela parte, donde està Maria. Oh grande poder de Maria ! Oh grande respeito da morte.

Cast. de
Vest.
Aaron.
v. 37.
n. 88.

Assim se ha a morte com a Senhora, como tambem se ha com o Sacramento. Não chega a morte, donde Maria està | presente, nem chega, donde o Sacramento està exposto. Picou a lança o peito de Christo, e no sangue se expoz o Sacramento no mesmo peito : *Exivit Joann. sanguis, & aqua.* Mas he de notar, que exposto o Sacramento às lançadas, não foy antes de Christo morrer, senão depois : *Ut viderunt eum jam mortuum,* diz S. Joaõ. E pois se Christo por esta lançada havia de merecer, como na previsaõ mereceo; porque mais a leva o Senhor depois de morrer, e não antes? Porque? Porque não matàra a morte a Christo, se o Sacramento, que nelle se expoz, não fora depois da morte. Havia de expor-se no peito de Christo o Sacramento no sangue : *Exivit sanguis;* e como a morte se não atreve a chegar, donde està o Sacramento exposto; para que o Sacramento não servisse do estorvo à morte, o Senhor o não expoem, em quan-

19.v.
34.
Ib.v.
33.

quanto está vivo, senão depois de estar morto: *Ut viderunt eum jam mortuum ... Exiit sanguis, & aqua.* Até aqui gloria do Sacramento. Até aqui privilegio de Maria! Desarmou Maria a morte, como o Sacramento, e se bem he o Sacramento fonte, donde se bebe a luz da vida: *Qui manducat, vivet*; Maria, de quem he fruto o Sacramento fonte, he hum bem, donde nasce hoje a melhor luz: *De qua natus est Jesus. E' cujus illapsu virgo fons lucis red-dita est.*

III. PONTO.

Ultimamente: Nasce Maria fonte, donde para se divertirem os eclipses da culpa, se diffunde a luz da graça. Caminhava S. Paulo para Damasco, (Saulo ainda, e não Santo) e hia tão fóra de caminho, como quem levava o fim em perseguir a Igreja, e favorecer a Sinagoga; mas Christo, que queria tirar este vivo montante à Sinagoga, para o meter nas mãos

da Igreja; cerca-o de huma luz do Ceo, derruba-o do cavallo, e prostrado Paulo em terra, rendida a obstinação da sua vontade ao imperio da voz de Deos, confessa em si os triunfos da Divina graça. Emfim, converteo-se Paulo, mas de todas as circunstancias desta conversão só na luz he que reparo: *Circumfulsit eum lux de Cælo.*

Se Christo quer converter a Paulo, para que o cerca de luz? Não fora mayor credito do seu poder dar-lhe luz interior com hum *Fiat lux*, como no principio do mundo, do que occupar-se em o *Circumfulsit eum lux*, cercando-lhe de luz o corpo? Hora o mysterio a meu ver foy, que como a luz he symbolo da Virgem Santissima, pelas suas mãos quiz Christo que passasse a Paulo esta graça. O intento de Christo era converter a Paulo, e que Paulo de inimigo seu se fizesse verdadeiro amigo, de peccador se tornasse justo, e que deixadas as prizoens infernais da culpa, lograsse aquella liber-

Att.
Apost.
9. v. 3.

liberdade, que traz consigo a graça. Pois cerque-o a Virgem Santissima: põha-lhe sítio a Senhora da Luz: *Circumfulsit eum lux*, que como esta empresa he dar graça para livrar da culpa, isto he commissão, que Deos só tem dada a Maria: *Circumfulsit eum lux de Celo.*

He Maria fonte de luz, donde para se divertirem os eclipfes da culpa, se difundem os resplandores da graça. E não só devemos a Maria o livrar-nos da culpa, mas tambem o livrar-nos da pena; em tal fórma, que ainda quando Deos por nossas culpas quer tomar tempo para nos castigar, achamos na luz da Senhora, ou na Senhora da luz, que só por nós não ver castigar, lhe toma a Deos todo o tempo.

Pf. 74. v. 3. Cum accepero tempus, ego justitias judicabo. Eu heide tomar tempo, diz Deos, para castigar os peccadores. Isto foy o que Deos disse; vede agora o que Maria fez: *Signum magnum apparuit in Celo mulier*

amicta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim. Apareceo não Apocalypse huma lustrosa mulher, aquem as Estrellas tecião na cabeça a coroa mais luzida, o Sol talhava no corpo a gala mais vistosa, e a seus pés erigia trono eminente a mais clara Lua. Que esta mulher fosse Maria Santissima, dizem os Padres, não tem duvida: e que especialmente representasse a Senhora da Luz, isto mostravaõ as muitas luzes, de que se ornava a Senhora.

O meu reparo vem a ser, que a Senhora da Luz nesta figura occupasse a hum mesmo tempo todos os Astros do Ceo: o Sol servindo-lhe de vestido, as Estrellas de toucado, e a Lua de trono. E pois se para a Senhora se mostrar Senhora da Luz, bastava que sómente occupasse, ou o Sol, ou a Lua, ou as Estrellas; porque occupa a hum mesmo tempo Estrellas, Lua, e Sol? Direy. Em todos estes Astros (se advertires) se representaõ

taõ os dous tempos , que ha : no Sol o tempo do dia , na Lua , e nas Estrellas o tempo da noite. E como Deos tinha dito , que havia de tomar tempo para castigar os peccadores , que faz a Senhora da Luz ? Occupa o Sol , a Lua , e as Estrellas , para lhe tomar a Deos todo o tempo. Como se disse- ra a Senhora : Se vós meu Filho , e meu Deos , que- reis castigar os peccadores de dia , fabey , que vos tenho tomado o tempo , por- que me visto de Sol : *Ami- cta Sole*. Se quereis casti- gar os peccadores de noite , tambem fabey , que vos tenho tomado o tempo , por- que me calço de Lua , e me coroo de Estrellas : *Luna sub pedibus ejus , & in ca- pite ejus corona Stellarum duodecim*.

Destá forte toma Maria o tempo a Deos , por não ver castigar os homens : destá forte os livra não só da cul- pa , mas tambem da pena ; e tal he o empenho , com que os deseja a todos meter no Ceo , que parece não quer estar no Ceo , quando

vê que para lá não vão to- dos. Aquella formidavel ba- talha , que S. Joaõ vio no Apocalypse entre os Anjos bons , e os Anjos máos , soy figura do dia do Juizo , e neste dia , diz S. Joaõ , que a Senhora fogira do Ceo pa- ra o deserto : *Mulier fugit in solitudinem*. E porque faz a Senhora esta troca neste dia ? Sabem porque ? Por- que he dia do Juizo ; e co- mo nelle muitos haõ de ir para o inferno , e nem to- dos ir para o Ceo , parece , se não atreve a Senhora a estar no Ceo , vendo que para lá não vão todos ; por- isso deixa o Ceo , e vay pa- ra o deserto , donde se não tem o alivio de remediar , não padece o ver padecer : *Fugit in solitudinem*.

Immortal , e impassivel se deixou Christo no Sacra- mento. Mas se perguntar- mos , o que o Sacramento he , em quanto sacrificio , res- pondernos-haõ , que saõ hu- mas exequias , que fazemos a Christo morto : *Recolitur memoria passionis ejus*. E pois morto , quando está impassivel ? Morto quando está

está immortal? Sim; porque no Sacramento se deixou Christo para salvar a todos, e ainda que para salvar a todos, diz S. Paulo, nem todos, os que o recebem, se salvaõ: *Qui manducat, & bibit indigné, judicium sibi manducat, & bibit.* E he taõ custoso a Christo o ver, que se naõ salvaõ todos, que se bem se deixou alli vivo, se fez retratar como morto: *Recolitur memoria passionis ejus.*

Eis-ahi o que no Sacramento faz o amor de Christo. Eis-ahi o que faz tambem em Maria o seu amor. Maria foge do Ceo, quando vê que nem todos se salvaõ: Christo morre no Sacramento, quando vê que naõ he o Ceo para todos. E se Maria se mostra taõ empenhada em nos assegurar a graça, taõ cuidadosa em nos conservar a vida, e taõ sollicita em nos augmentar a faude, diga-se, que no dia do seu glorioso Nascimento he fonte, donde para se desfazer o eclipse das enfermidades, se bebe a luz da faude; he fonte, donde para se di-

vertir o eclipse da morte, se bebe a luz da vida; he fonte, donde para se extinguir o eclipse da culpa, se diffunde a luz da graça. Luz na nativa fonte do seu Nascimento, e fonte, donde tem hoje o nascimento o mesmo Monarca, e Rey das luzes: *De qua natus est Jesus. Et cujus illapsu Virgo fons lucis reddita est.*

IV. PONTO.

NAõ prometti quarto ponto neste Sermaõ: mas se depois dos tres dias primeiros a luz passou a ser Sol, depois dos tres pontos do Sermaõ veremos transformar-se Sol, a que nasceo luz. Luz he hoje Maria Santissima, e fonte gloriosa de luz: *Fons lucis reddita est.* Mas se he fonte de luz Maria, que lhe falta para ser Sol? Da fonte, em que Mardocheo vio retratada a Esther, diz elle que convertida em luz se transformou em Sol: *In lucem, Solemque conversus est.* Trãformou-se esta fonte em luz: *Lucem,* e tanto que se vio luz em fonte,

fonte, perenne de luz, o que lhe restava ser era Sol: *Solemque conversus est.* Sol temos hoje a Mãe de Deos, e Sol, porque fonte de luz. Fonte, digo, em que se bebe a luz da faude, em que resplandece a luz da vida, e em que se diffunde a luz da graça; e a nascerem de Maria luzes tantas como de fonte, que Sol não diremos que he, ou será?

Ps. 118. v.6. *In Sole posuit tabernaculum suum*, diz David, & *ipse tamquam sponsus procedens de thalamo suo.* Da Encarnação do Verbo entende estas palavras de David Hugo Cardeal: *Agitur de Incarnatione.* Porisso donde diz: *Procedens de thalamo suo*, commenta Hugo: *Id est, de utero virginis.* Supposta a intelligencia, vamos ao enfase das palavras. Encarnou Deos em Maria, diz David: *In Sole posuit.* Mas notay, que não diz só em Maria, mas em Maria, quando he Sol. Isso quer dizer o *In Sole, id est, in Maria, que Sol est.* E pois valhame Deos! Se he Lua a Senhora, se he

Tom. IV.

Estrella, e se he flor, porque não diz, que encarnou em Maria flor, em Maria Estrella, ou em Maria Lua? Mas no Sol, ou em Maria Sol? *In Sole.* Sol ha de ficar pela Encarnação Maria? Sim; porque pela Encarnação se fez Maria fonte de luz: *Fons lucis reddita est.* E quando Maria he fonte de luz, que se ha de dizer, que he, senão Sol: *In Sole, id est, in Maria.* Pela Encarnação em Maria como de fonte nasceo a luz de Christo, e pela mesma Senhora nascêrao em Christo todas as luzes: a luz da faude: *Per quam salus mundi credentibus apparuit.* A luz da vida: *Donavit nobis vitam sempiternam;* e a luz da graça: *Gratiam, & gloriam dabit Dominus.* E se o Sol he fonte, de que todas as luzes nascem, como não ha de ser Sol, quem de todas as luzes he fonte: *In Sole, id est, in Maria, que Sol est.*

Mas tornay ao que o Profeta diz, que ainda diz mais: *In Sole posuit*, diz David, e acrescenta: *Et*

Gg ipse

ipse tamquam sponsus procedens de thalamo suo. Thalamo de Christo Esposo se chama o Sol de Maria. E pois he Sol, quando se chama Thalamo, e he Thalamo, quando se chama Sol? Sim. O Thalamo, sabem todos, que he o lugar do descanço: e donde o enfermo pôde descançar, porque tem faude; donde pôde descançar o moribundo, porque tem vida, e descançar tambem o penitente, porque tem graça: donde finalmente com descanço, e sem cuidado, achão todos a luz da graça, a da vida, e a da faude, ahi he Sol a Senhora, e quando se chama Thalamo, se acclama Sol: *In Sole: Procedens de thalamo suo.* Mais: Em frase da mesma Senhora o Thalamo nos Cantares he leito de flores: *Lectulus noster floridus.* E se as flores, além de serem jeroglífico da graça, são remedio medicinal da faude, e medicamento tambem para a vida: *Fulcite me floribus, quia amore langueo;* donde, entre as flores do thalamo, tudo em

Maria he vida, faude, e graça, que Sol não será a Senhora, e que justamente se não chamará Sol: *In Sole, id est, in Maria, quæ Sol est.*

No Sacramento (confirmame o Senhor) he Christo Sol, dizem os Padres: *Sol in Eucharistia Christus est,* e Sol, que ainda que nas nuvens dos accidentes, he Sol nos resplandores do meyo dia: *Ubi pascas, ubi cubes in meridie,* diz a melhor Esposa. Do Sacramento entendem os Padres este lugar: *De pastu sanctissimi corporis, & sanguinis Christi.* Mas he Sol o Sacramento; porque? Porque he fonte, donde todas as luzes nascem: fonte, de que nasce a luz da faude: *Se contulit ad salutem.* Fonte, de que nasce a luz da vida: *Qui manducat, vivet;* e fonte, de que nasce a luz da graça: *Eucharistia: Bona gratia.* E donde as luzes todas nascem como de fonte, ahi se vê hum Sol coroadado de luzes: *Ubi pascas, ubi cubes in meridie.* Tal he o Sacramento, e tal Maria.

Mend. tr. de Euch.

Chis. cap. I. ex v. 7. in Aut. Pat. Greg. Nic. Hom. in Caet.

ria. Maria hum Sol por graça, e o Sacramento hum Sol de justiça. Mas demos por Maria outra razão, e concluamos.

Por fonte de todas as luzes he Maria o melhor Sol; mas que luzes? Torno a dizer. Até aqui foraõ as que ouvistes, agora saõ as que vedes, e estais admirando aqui. Filhos do Sol saõ os Astros, e a ter Maria nesta casa tantos Astros por filhos, ou tantos filhos, que pelo serem desta luz, pôdem fazer invejas a os mesmos Astros, quem não dirã que he hum Sol? Gloriosa Mãy com filhos taõ luzidos! Venturosos filhos, reflexos da luz de tal Mãy!

Christo, que no Evangelho se chama Filho de Deos, e da Senhora, primeiro se nomea Jesus, que de *formali* diz o ser, que tomou da Senhora, e depois chama-se Christo, que de *formali* diz o ser, que trouxe de Deos. Tal he a estimação, q̄ de ser Filhos da luz o Senhor faz: primeiro, em ordem ao ser, que tem da Mãy, diz que he Jesus,

natus est Jesus; e depois, em ordem ao ser, que tem do Pay, diz que he Christo: *Qui vocatur Christus*. Ora ouvi pela sua boca mesma ao mesmo Senhor.

Dum lucem habetis, diz ^{Joan.} Christo Senhor nosso, *cre-*_{12.v.}
dite in lucem, ut filij lucis^{36.}
sitis. Huma cousa vos encomendo, (diz o Senhor aos homens) e he, que em quanto tendes luz, creais na luz, porque vos convem, e importa, que sejais filhos dessa luz: *Ut filij lucis sitis*. S. João no teu Evangelho diz, que vindo o Filho de Deos ao mundo, dera poder aos homens, para que se fizessem filhos do mesmo Deos: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*. Reparo: Assim como Christo persuadio, e aconselhou aos homens, que se fizessem filhos da luz, porque não diz S. João que os aconselhou, e persuadio tambem, que se fizessem filhos de Deos? Para que se fação filhos de Deos, só lhes deixa poder: *Potestatem*; e para que se jaõ filhos da luz, ha de ser a força da sua persuasão:

Credite, ut fitis. Por ventura importa-lhes mais aos homens serem filhos da luz, que fazerem-se filhos de Deos? Tudo lhes importa muito. Mas o Senhor, como parece que estimava mais o chamar-se Filho da luz, que Filho de Deos, deixa só poder aos homens, para que se fação filhos de Deos: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*; e persuade-os com toda a recomendação, que se fação filhos da luz: *Credite in lucem, ut filij lucis sitis.*

Oh Astros venturosos, os que nesta casa sois filhos de tanta luz! Astros, que tem tal Máy, luzes saõ, com que se esmalta o firmamento, e luzeiros, com que se allumia o mundo. Toda a luz do mundo se pôde reduzir a tres classes: luz resplandecente nos Astros: luz fulminante nos rayos; e luz ardente no fogo. Nos filhos da Senhora da Luz todas estas tres ordens de luzes se achão: como Mestres, que sempre allumiaraõ a Igreja com a sua doutrina, saõ Astros, donde a luz he res-

plandecente: como esforçados Cavalleiros de Christo, que com a espada na mão defenderaõ sempre a mesma Igreja, saõ rayos, em que a luz he fulminante; e como verdadeiros Religiosos sempre abrazados no zelo, e amor de Deos, saõ fogo, em que a mesma luz he ardente. Esta ardente caridade, este abrazado amor, lhes faz trazer em seu peito huma Cruz por habito: por habito trazem Cruz, e a trazem no peito: se tambem ha final de amor, quem duvida, que este o he.

Amor em chama saõ os Serafins no Ceo: estendem estes as azas do peito, (diz o Alapide) e trazem nellas huma Cruz por habito. Ah Serafins abrazados! Peito com Cruz por habito, ou habito de Cruz no peito, isso he só gala de Serafins. Naõ foraõ elles Serafins, se naõ tomassem hum Cruz a peitos, e no peito a naõ trouxessem por habito. Christo fazendo-se Filho da luz de Maria, tomou o habito de homem: *Habitu inventus ut homo*; e nesta Casa ^{Phil.vi}

os filhos da Senhora da Luz ornaõ-se com o habito de Christo : poem o habito no peito , porque metem a Cruz no coração. Naõ sey, se he mais metella no coração, que tomalla aos hombros : o que me parece he, que aos hombros toma-se como pezo, e no peito traz-se por medalha.

Aquella Estrella, que Deos creou para guiar os Magos, diz S. Joaõ Chrystomo, que trazia o habito de Christo : *Stella habens in se similitudinem Crucis*; e estes venturosos Cõmendadores se parecem no habito com as Estrellas. Aquella Estrella, sabemos, que em chegando á Corte de Jerusalem se retirou, e escondido : e estas Estrellas retirando-se tambem da Corte, vivem neste deserto escondidas, mas quanto mais escondidas, mais soberanas, quanto mais retiradas, mais luzidas. Da Lua sabemos que está no primeiro Ceo, do Sol que está no quarto, e no oitavo estão as Estrellas. He propriedade das Estrellas, apartarem-se do

mundo, para se intimarem com Deos : porisso a Deos mais unidas, porque de nós mais apartadas. Emfim se as Estrellas procedem da luz do Sol, aqui he hum Sol a fonte destas Estrellas, e com tanta gloria sua, que entre o serem fabricadas por Deos, ou allumiadas por Maria, primeiro (qual na pessoa de Christo) se poem o proceder de Maria, do que o descender de Deos : *De qua natus est Jesus, qui vocatur Christus.*

Ora Virgem Santissima, Luz que todas as luzes encerra, e porisso Sol fonte de todas as luzes. Se a luz, quando he grande, defalumea os olhos, que muito que à vista de tanta luz o juizo páre, e o discurso vacille. Nascey, para que da fonte do vosso Nascimento nasçaõ as luzes todas como de fonte. Fonte fois, donde para divertir tres fataes eclipfes, nascem de vós hoje tres Divinas luzes. Sim : para divertir o eclipse da enfermidade fois fonte, donde se bebe a luz da saude : para divertir o eclipse

da morte, fonte, donde reflandee a luz da vida; e para divertir o eclipse da culpa, fonte, donde se difunde a luz da graça. O mundo todo experimenta a faudavel efficacia destas luzes, e este fitio, em particular, confessa as milagrosas affluencias desta fonte. Entre luzes tantas (oh sagrada Maria!) fazey, que

naõ fiquem às escuras, os que com tanto affecto vos amaõ, os que com tanto empenho vos adoraõ, e os que com dispendio tanto vos festejaõ; e repartindo com todos os agradaveis reflexos da Divina graça, a todos, para beijar-vos os pés, nos leway a gozar os reflandores da eterna Gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

L A U S D E O.

INDICE

DOS LUGARES DA SAGRADA Escritura.

Os numeros immediatos ao P. mostraõ a pag. e os immediatos ao C. a columna.

Ex Lib. Genesis.

- Cap. I. v. 2. **T** *Enebræ erāt super faciem abyssi ... Et Spiritus Domini ferebatur super aquas*, p. 91. c. 2. p. 451. c. 1.
- v. 5. *Vespere*, & *mane dies unus*, p. 8. c. 1.
- v. 16. *Fecit Deus duo luminaria magna: luminare maius, ut præesset diei, & luminare minus, ut præesset nocti*, p. 457. c. 1. 2.
- v. 20. *Producant aquæ volatile super terram*, p. 298. c. 1.
- Cap. 2. v. 17. *In quocunque die comederis ex eo, morte morieris*, p. 100. 101. c. 1.
- Cap. 3. v. 23. *Emisit eum Dominus de Paradiso*, p. 100. c. 2.
- Cap. 8. v. 7. *Egrediebatur, & non revertebatur*, p. 247. c. 1. p. 300. c. 2.
- v. 9. *Cum non invenisset locum, ubi requiesceret pes ejus*, p. 300. c. 2.
- v. 11. *Portans rammum olive in ore suo*, p. 322. c. 2.
- Cap. 12. v. 1. *Egredere de terra tua, & de cognatione tua, & de domo Patris tui, & veni in terram, quam monstravero tibi*,
Gg 4 p.

- p. 388. c. 1.
- Cap. 16. v. 14. *Appellavit puteum viventis, & videntis me, p. 201. c. 1.*
- Cap. 21. v. 10. *Ejice ancillam hanc, & filium ejus, p. 107. c. 1. p. 247. c. 2.*
- v. 11. *Durè hoc accepit Abraham pro filio suo, p. 107. c. 1.*
- Cap. 22. v. 1. *Tentavit Deus Abraham, p. 386. c. 2.*
- v. 2. *Tolle filium tuum unigenitum, quem diligis, Isaac, & vade in terram visionis, & offeres eum in holocaustum super unum montium, quem monstravero tibi, p. 60. c. 2. p. 107. c. 1. p. 386. c. 2.*
- v. 12. *Nunc cognovi, quod times Deum, p. 386. c. 2.*
- v. 16. *Quia unigenito filio tuo non pepercisti propter me. Ibid.*
- v. 17. *Multiplicabo semen tuum, sicut Stellas Cæli, p. 145. c. 1. p. 222. c. 1.*
- Cap. 27. v. 37. *Tibi post hæc fili mi ultra quid faciam? p. 31. c. 2.*
- Cap. 28. v. 16. *Verè Dominus est in loco sancto isto, & ego nesciebam, p. 433. c. 2.*
- v. 18. *Erexit Jacob lapidem in titulum, fundens oleum desuper, p. 434. c. 2.*
- Cap. 29. v. 11. *Osculatus est eam, & elevata voce flevit, p. 264. c. 2.*
- v. 18. *Serviam tibi pro Rachel septem annis, p. 265. c. 1.*
- v. 27. *Septem alijs annis serviturus es mihi. Ibidem.*
- Cap. 31. v. 40. *Fugiebatque somnus ab oculis meis, p. 271. c. 2.*
- Cap. 32. v. 26. *Dimitte me, jam enim ascendit aurora, p. 455.*

455. c. 2.
- Cap. 35. v. 2. *Jacob verò cōvocata omni domo sua ait: Abjicite deos alienos, qui in medio vestri sunt, & mundamini*, p. 242. c. 1.
- Cap. 37. v. 8. *Numquid Rex noster eris?* p. 197. c. 1.
- v. 9. *Vidi per somnium Solem, Lunam, & Stellas adorare me*, p. 423. c. 2.
- v. 35. *Descendam ad filium meum lugens in infernum*, p. 138. c. 2.
- Cap. 40. v. 14. *Memento mei, ut suggeras Pharaoni, ut educat me de isto carcere, quia furto sublati sum de terra Hebræorū, & hic innocens in lacum missus sum*, p. 112. c. 2. e 113. c. 1.
- Cap. 41. v. 55. *Clamavit populus ad Pharaonem: Ite ad Joseph, & quidquid ipse vobis dixerit, facite*, p. 421. c. 2.
- Ex Lib. Exod.
- Cap. 3. v. 2. **Q**uod rubus arderet, & non combureretur, p. 395. c. 1.
- v. 3. *Vadam, & videbo visionem hanc magnam, quare non comburatur rubus?* p. 363. c. 1. p. 395. c. 2.
- v. 7. *Vidi afflictionem populi mei*, p. 200. c. 1.
- v. 8. *Descendi, ut liberem eum. ibid.* p. 395. c. 2.
- Cap. 7. v. 16. *Dimitte populum;* p. 326. c. 1.
- Cap. 16. v. 4. *Ecce ego pluviam vobis panes de Cælo*, p. 40. c. 2. & 41. c. 1.
- Cap. 17. v. 6. *Percuties petram ... & fecit ita*, p. 362. c. 1. p. 363. c. 1.
- Cap. 21. v. 2. *Si sex annis serviet tibi, septimo*

*timo egredietur
liber, p. 266. c. 1.
p. 225. c. 1. p. 320.
c. 2.*

v. 5. *Quòd si dixe-
rit: diligo domi-
num meum, erit
seruus in perpe-
tuum. Ibid.*

Cap. 25. v. 10. *Habeat duos,
& semis cubitos,
p. 189. c. 1.*

v. 38. *Fiantque de
auro purissimo, p.
153. c. 1.*

Cap. 26. v. 1. *De bysso, cocco-
que bis tincto, p.
189. c. 2.*

v. 7. *Saga cilicina.
Ibid.*

Cap. 14. v. 3. *Præcide tabu-
las lapideas in-
star priorum, &
scribam super eas
verba, quæ ha-
buerunt tabulæ,
quas fregisti, p.
258. c. 1.*

Ex Lib. Numerorum.

Cap. 17. v. 8. **I** *N venit ger-
minasse vir-
gam ... Et erupe-
rant flores, qui,*

*foliis dilatatis, in
amygdalas defor-
mati sunt, p. 227.
c. 2.*

Cap. 20. v. 6. *Aquæ vivæ, p.
326. c. 1.*

v. 8. *Aquam de pe-
tra, p. 383. c. 2.*

v. 11. *Percutiens
virga bis filicem,
p. 67. c. 1. p. 362. c.
2. p. 384. c. 1.*

Cap. 24. v. 17. *Orietur Stel-
la ex Jacob, p.
339. c. 1.*

Ex Lib. Deuteronomij.

Cap. 2 IV. 23 **M** *Aledictus
homo, qui
pendet in ligno, p.
426. c. 2.*

Cap. 32. v. 32. *Uva eorum
uva fellis, p. 204.
c. 1.*

Cap. 33. v. 12. *Quasi in tha-
lamo tota die mo-
rabitur, & inter
umeros ejus re-
quiescet, p. 194.
c. 1.*

Ex Lib. Josue.

Cap. 3. v. 16. **S** Teterunt
aque ad-
instar montis in-
tumescentes , p.
69. c. 1.

v. 17. Et per aren-
tem alveum tran-
sibat. Ibid.

Cap. 10. v. 13. Stetit itaque
Sol in medio caeli,
& non festinavit
occumbere spatio
unius diei, p. 149.
c. 1. p. 310. c. 1.

v. 14. Non fuit an-
tea , nec postea
tam longa dies ,
obediente Deo vo-
ci hominis, p. 148.
c. 2. p. 310. c. 1.

Ex Lib. Judicum.

Cap. 16. v. 30. **M** Ori-
tur a-
nima mea cum Philis-
tibus, p. 112. c. 1.

Ex Lib. 1. Regum.

Cap. 5. v. 3. **E** Cce Dagon
pronus in

terra jacebat , p.
45. c. 2. p. 249. c. 1.

Cap. 6. v. 3. Siremittitis ar-
cam Dei, nolite di-
mittere eam va-
cuam , sed quod
debetis , reddite
pro peccato , p.
256. c. 2.

Cap. 18. v. 1. Conglutinata
est anima Fona-
thae anime Da-
vid, p. 45. c. 2.

v. 20. Dilexit autem
David Michol,
p. 373. c. 1.

v. 25. Non habet
sponsalia necesse ,
nisi centum praepu-
tia Philistinorum.
Ib.

v. 27. Abijt David,
& percussit ex
Philistinum du-
centos viros. Ib.

Ex Lib. 2. Regum.

Cap. 18. v. 33. **Q** Uis det
mibi, ut
moriar pro te fi-
li mi Absalon? p.
138. c. 2.

Cap. 23. v. 16. Noluit bibere,
sed libavit eam
Do-

Domino, p. 60.

c. 1.

Cap. 24. v. 14. *Quasi aquæ dilabimur*, p. 18.

c. 1.

Ex Lib. 3. Regum.

Cap. 3. v. 12. *E*ccet tibi, & dedi tibi

cor sapiens, & intelligens, pag.

355. c. 1. p. 366.

c. 1.

Ex Lib. 4. Regum.

Cap. 2. v. 19. *H*abitatio

optima est, terra verò sterilis, p.

14. c. 2.

Cap. 20. v. 9. *Vis*, ut ascēdat

umbra decem lineis, an ut revertatur totidem

gradibus? pag.

150. c. 1. p. 176.

c. 2.

v. 10. *Nec hoc volo ut fiat, sed ut revertatur retrorsum*, p. 177. c. 1.

p. 176. c. 2. p. 454.

c. 1.

v. 12. *Misit Bero- dach literas, & munera ad Eze- chiam*, p. 177. c. 2.

Ex Lib. Esther.

Cap. 10. v. 6. *P*arvus fons

crevit in fluvium, & in lucem, solemque cō-

versus est, p. 450.

c. 2.

Ex Lib. Job.

Cap. 29. v. 18. *S*icut pal-

ma multiplicabo dies, p.

337. c. 1. p. 360.

c. 1.

Cap. 33. v. 14. *Semel loquitur Deus, & secundo id ipsum non repetit*, pag.

212. c. 2. p. 213.

c. 1.

Ex Lib. Psalmorum.

Pfal. 8. v. 8. *O*Mnia sub-

jecisti sub pedibus ejus, p.

136. c. 2.

Pfal. 10. v. 15. *Quæretur pec-*

- peccatum illus, & non invenietur, p. 2. c. 2.*
- Pfal. 15. v. 2. *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges, p. 288. c. 1.*
- Pfal. 16. v. 10. *Circumdederunt inimici mei animam meam, p. 70. c. 1.*
- Pfal. 17. v. 10. *Inclinavit Caelos, & descendit, p. 261. c. 2. p. 262. c. 2.*
- v. 11. *Ascendit super Cherubim, & volavit, p. 122. c. 2. p. 123. c. 1.*
- Pfal. 18. v. 6. *In sole posuit tabernaculum suum, p. 173. c. 1. p. 465. c. 1.*
- Pfal. 21. v. 15. *Factum est cor meum, tamquam cera liquefens in medio ventris mei, p. 364. c. 2.*
- Pfal. 23. v. 3. *Quis ascendet in montem Domini? p. 380. c. 2. p. 395. c. 2.*
- v. 7. *Attollite por-*
- tas principes vestras, & introibit Rex gloriae, pag. 435. c. 1.*
- Pfal. 31. v. 3. *Quoniam tacui, inveteraverunt ossa mea, dum clamare tota die, p. 212. c. 1.*
- Pfal. 44. v. 2. *Eruclavit cor meum verbum bonum, p. 408. c. 1.*
- v. 14. *Omnis gloria ejus filie Regis ab intus, p. 82. c. 2.*
- Pfal. 48. v. 13. *Comparatus est jumentis, & similis factus est illis, p. 182. c. 2.*
- Pfal. 67. v. 16. *Mons Dei, mons pinguis, p. 380. c. 1.*
- v. 17. *Mons, in quo beneplacitum est Deo habitare in eo, etenim Dominus habitabit in finem. Ibid.*
- Pfal. 68. v. 3. *Infixus sum in limo profundi, p. 395. c. 1.*
- Pfal. 72. v. 21. *Inflammatum est cor meum, p. 355. c. 1.*

- Pfal. 73. v. 12. *Deus autem Rex noster ante secula operatus est salutem in medio terræ*, p. 205. c. 2. p. 242. c. 1. p. 392. c. 1.
- Pfal. 74. v. 3. *Cum accepero tempus, ego iustitias iudicabo*, p. 462. c. 1.
- Pfal. 79. v. 11. *Operuit montes umbra ejus*, p. 347. c. 1.
- Pfal. 81. v. 6. *Ego dixi, dii estis*, p. 297. c. 1.
- Pfal. 84. v. 12. *Veritas de terra orta est, & iustitia de Cælo prospexit*, p. 284. c. 1. p. 301. c. 2.
- Pfal. 85. v. 15. *Deus multa misericordiae, & verax*, p. 288. c. 1.
- Pfal. 86. v. 5. *Homo natus est in ea, & ipse fundavit eam Altissimus*, p. 7. c. 2. p. 220. c. 2.
- Pfal. 92. v. 9. *Altissimum posuisti refugium tuum*, p. 179. c. 2.
- Pfal. 109. v. 4. *In splendoribus sanctorum, ex utero ante luciferum genui te*, p. 161. c. 2. p. 377. c. 1. p. 412. c. 1. p. 453. c. 2.
- Pfal. 112. v. 3. *A Solis Ortus usque ad Occasum*, p. 393. c. 2.
- Pfal. 113. v. 5. *Quid est tibi mare, quod fugisti, & tu Jordanis, quia conversus es retrorsum?* p. 190. c. 2.
- Pfal. 127. v. 3. *Filij tui sicut novellæ olivarum in circuitu mensæ tuæ*, p. 38. c. 2.
- Pfal. 141. v. 5. *Considerabam ad dexteram, & videbam, & non erat, qui cognosceret me*, p. 459. c. 2.
- Pfal. 149. v. 6. *Exaltationes Dei in gutture eorum*, p. 70. c. 2.

Ex Lib. Proverbiorum.

- Cap. 8. v. 18. **M**Ecū sunt divitiæ, & gloriæ, p. 2. c. 2.
- Cap. 9. v. 1. *Sapientia ædificavit sibi domum*, p. 221. c. 2. p. 239. c. 1.

Cap.

Cap. 20. v. 28. *Stellio manibus nititur, & moratur in ædibus Regis, p. 292. c. 1.*

Cap. 31. v. 29. *Multæ filiae congregaverunt divitias, tu supergressa es universas, p. 220. c. 1. p. 315. c. 2.*

Ex Lib. Ecclesiastes.

Cap. 1. v. 5. *O Ritur Sol, & occidit, p. 102. c. 1. p. 109. c. 2.*

Ex Lib. Canticorum.

Cap. 1. v. 1. *O Sculetur me osculo oris sui, p. 130. c. 2.*

v. 2. *Oleum effusum nomen tuum, pag. 277. c. 2.*

v. 6. *Posuerunt me custodem in vineis, p. 458. c. 2.*

v. 7. *Indica mihi, ubi pascas, ubi cubes in meridie, p. 37. c. 2. p. 152. c. 2.*

Cap. 2. v. 2. *Sicut lilium inter spinas, sic*

amica mea inter filias, p. 19. c. 1.

v. 7. *Amorel agueo, p. 261. c. 2. p. 357. c. 1.*

v. 8. *Ecce iste venit saliens in montibus, & transiliens colles, p. 380. c. 1.*

v. 12. *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit, p. 114. c. 2. p. 170. c. 1. pag. 445. c. 1.*

v. 14. *Columba mea in foraminibus petrae, sonet vox tua in auribus meis, p. 375. c. 1.*

v. 16. *Dilectus meus mihi, & ego illi, p. 231. c. 2. p. 366. c. 1.*

Cap. 3. v. 4. *Paululum cum pertrāssem eos, inveni, quem diligit anima mea, p. 274. c. 2.*

Cap. 4. v. 4. *Tota pulchra es amica mea, & macula non est in te, p. 2. c. 1. p. 15. c. 2.*

- c. 2. p. 19. c. 2.
- v. 9. *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum in uno oculorū tuorum*, p. 41. c. 2. p. 84. c. 1. p. 356. c. 1.
- v. 16. *Surge Aquilo, veni Ausler*, p. 393. c. 2.
- Cap. 5. v. 2. *Aperi mihi soror mea*, p. 274. c. 1.
- v. 3. *Expoliavi me tunica mea, lavi pedes meos*. Ibid. p. 274. c. 1.
- v. 6. *At ille declinaverat atque transierat*, p. 274. c. 1.
- v. 7. *Tulerunt pallium meum mihi*, p. 274. c. 2.
- v. 10. *Dilectus meus candidus, & rubicundus*, pag. 270. c. 2.
- Cap. 6. v. 4. *Averte oculos tuos à me*, p. 42. c. 1.
- v. 9. *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora conjurgens, pulchra*
ut Luna, electa ut Sol? p. 10. c. 2. p. 96. c. 2.
- v. 12. *Revertere, revertere Sūnāmitis, revertere, revertere, ut intueamur te*, pag. 16. c. 2.
- Cap. 7. v. 1. *Quàm pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia Principis*, p. 15. c. 2. p. 226. c. 1.
- v. 12. *Videamus, si flores fructus parturiunt*, pag. 227. c. 1.
- Cap. 8. v. 5. *Quæ est ista, quæ ascendit de deserto, delicijs affluens immixa super dilectum suum?* p. 10. c. 2. p. 230. c. 1.
- v. 6. *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachiū, quia tuū fortis est ut mors dilectio, & dura sicut infernus, æmulatio. Lampades*

pades ejus lampades ignis, atque flammarum
 p. 5. c. 1. p. 373. c. 2. p. 179. c. 2. p. 357. c. 2. p. 393. c. 2. p. 397. c. 1.

- v. 14. *Fuge dilectem mi*, p. 42. c. 2. p. 131. c. 1.

Ex Lib. Ecclesiastici.

Cap. 1. v. 8.

Altissimus creavit il-
 lam in Spiritu Sancto, p. 2. c. 1. p. 291. c. 1.

- v. 16. *Initium sapientiae est timor Domini*, p. 152. c. 1.
 v. 20. *Complementum sapientiae est timere Deum*, p. 152. c. 1.
 v. 22. *Corona sapientiae est timor Domini*. Ibid.

Cap. 24. v. 12. *Qui creavit me, requievit in tabernaculo meo*, p. 9. c. 1.

- v. 18. *Quasi plantatio Rosae in Je-*

richo, p. 13. c. 1. p. 105. c. 2.

- v. 22. *Ego quasi Terribintibus extendi ramos meos, & rami mei honoris, & gratiae*, p. 232. c. 2. p. 378. c. 2.

- v. 23. *Flores mei fructus honoris, & honestatis*, p. 224. c. 2. p. 378. c. 1.

Cap. 32. v. 10. *Gemmula carbuculi in ornamento auri*, pag. 308. c. 2.

Cap. 50. v. 7. *Quasi Sol refulgens in Templo Dei*, p. 145. c. 2.

- v. 10. *Quasi vas auri solidum ornatum omni lapide pretioso*, pag. 192. c. 2.

- v. 12. *Gloriam dedit sanctitatis amictum*, pag. 91. c. 1.

Ex Lib. Isaiaë.

Cap. 5. v. 2. **S**pectavit, ut
 faceret uvas,
 fecit autem la-
 bruscas, p. 204.
 c. 1.

Cap. 6. v. 1. *Vidi Dominum*
sedentē super so-
lium excelsum, &
elevatum, pag.
163. c. 1. p. 429. c.
2. p. 431. c. 1.

v. 2. *Seraphim sta-*
bant super illud,
sex alæ uni, &
sex alæ alteri,
duabus ualebant
faciem ejus, dua-
bus uelabant pe-
des ejus, & dua-
bus uolabant, p.
117. c. 2. p. 122. c.
2. p. 132. c. 2. p.
367. c. 2. p. 428. c.
1. p. 431. c. 1.

v. 3. *Et dicebant,*
Sanctus, Sanctus,
Sanctus, Domi-
nus Deus exerci-
tuū, plena est om-
nis terra gloria
ejus, p. 163. c. 2.
p. 432. c. 1.

Cap. 9. v. 6. *Parvulus natus*

est nobis .. factus
est principatus su-
per humerū ejus,
 p. 441. c. 1.

v. 7. *Et multiplica-*
bitur ejus impe-
rium. Ibid.

Cap. 11. v. 1. *Egredietur*
virga de radice
Jesse, & flos de
radice ejus as-
cendet, p. 17. c.
2. p. 75. c. 1. p. 85.
c. 1. 88. c. 1.

Cap. 19. v. 1. *Ecce Dominus*
ascēdet super nu-
bem levem, &
cōmouebūtur si-
mulachra Ægyp-
ti à facie ejus,
p. 18. c. 1. p. 288.
c. 2.

Cap. 40. v. 6. *Omnis caro fœ-*
num, p. 186. c. 2.
p. 261. c. 1.

Cap. 53. v. 7. *Oblatus est,*
quia ipse uoluit,
p. 272. c. 2. p. 395.
c. 1.

Ex Lib. Jeremiæ.

- Cap. I. v. II. **V**irgã
vigilantem, p. 202.
c. I.

Ex Lib. Threnorum.

- Cap. 2. v. 13. **M**agna est
velut mare contritio tua,
p. 243. c. 2.

Ex Lib. Ezechielis.

- Cap. I. v. IO. **D**esuper
ipsorum quatuor, p. 368.
c. 2.
- v. 12. Ubi erat impetus spiritus,
illuc gradiebantur. Ibid. c. 2.
- v. 11. Spiritus vite
erat in ortis, p.
91. c. 2.

Ex Lib. Danielis.

- Cap. 2. v. 34. **A**bscissus
est lapis de monte sine manibus,
& percussus

fit statuam in pedibus, p. 134. c.
2. p. 307. c. 2. p.
384. c. 2.

- v. 35. Redacta quasi in favillam:
nullusque locus inventus est eis
... lapis autem, qui percusserat
statuam, factus est mons magnus,
implevit universam terram, pag.
211. c. 1. p. 249. c.
2. p. 260. c. 1. p.
307. c. 2. p. 384. c.
2. p. 391. c. 1.

- Cap. 3. v. 92. Species quarti
similis Filio Dei,
p. 65. c. 2.

- Cap. 4. v. II. Succidite arborem,
pag. 294. c. 2.

- v. 34. Nunc igitur laudo, & magnifico Regem Celi,
p. 158. c. 2.

- Cap. 5. v. 21. Fœnum ut bos comedet,
p. 182. c. 2.

- Cap. 12. v. 3. Fulgebunt jussit
tamquam Stelle, p. 145. c. 2.

Ex Lib. Zachariæ.

Cap. 9. v. 19. **Q**uid bonū,
& quid
pulchrum
ejus, nisi fru-
mentū electorum?
p. 103. c. 1.

Ex Lib. Malachiæ.

Cap. 4. v. 2. **O**rietur vo-
bis, timen-
tibus nomen me-
um, Sol justitiæ,
& sanitas in pen-
nis ejus, p. 37.
c. 2. p. 277. c. 1. p.
452. c. 2.

Ex Lib. 2. Machabæorum.

Cap. 2. v. 19. **I**gnem ab-
sconderūt
in valle, ubi erat
puteus altus, &
siccus, p. 128. c. 2.

Ex Euangelio Matthæi.

Cap. 2. v. 2. **U**bi est, qui
natus est
Rex Judæorum,
vidimus enim

stellam ejus in O-
riente, & veni-
mus adorare eum,
p. 275. c. 2. p. 343.
c. 2. p. 438. c. 2.

v. 3. Turbatus est
Rex, & omnis
Hierosolyma cum
illo, p. 284. c. 1.

v. 10. Gavisī sunt
gaudio magno
valde, pag. 186.
c. 1.

v. 13. Futurum est
enim, ut Herodes
querat puerum
ad perdendū eum,
p. 47. c. 1. p. 97. c. 2.
p. 103. c. 2.

Cap. 3. v. 1. Erat in deserto
prædicans, pag.
284. c. 2.

v. 17. Hic est Filius
meus dilectus, in
quo mihi placui,
p. 409. c. 1.

Cap. 4. v. 3. Si Filius Dei es,
dic ut lapides isti
panes fiant, pag.
71. c. 2.

v. 4. In omni verbo,
quod procedit de
ore Dei, p. 208.
c. 2.

Cap. 8. v. 16. Omnes malè
ba-

- habentes curavit*
p. 280. c. 2.
- Cap. II. v. 5. *Cæci vident,*
& c. & *pauperes*
evangelizantur, p.
287. c. I.
- v. II. *Non surrexit*
maior Joanne
Baptista, p. 450.
c. I.
- v. 29. *Tollite Fu-*
gum meum super
vos, p. 55. c. I.
- Cap. I6. v. 2. *Serenum erit,*
rubicundum est
enim Cælum, p.
281. c. I.
- v. 13. *Quem dicunt*
homines esse fi-
lium hominis, p.
340. c. I. p. 443.
c. I.
- v. 16. *Tu es Chri-*
stus Filius Dei
vivi, p. 433. c. I.
- v. 18. *Ego dico tibi,*
quia tu es Pe-
trus, p. 191. c. 2.
- Cap. 18. v. 10. *Angeli eorum*
semper vident fa-
ciem Patris, p.
132. c. I. pag. 431.
c. I.
- Cap. 20. v. 23. *Calicem qui-*
dem meum bibe-
- tis ... Non est me-*
um dare vobis,
sed quibus para-
tum est à Patre
meo, p. 32. c. I.
- Cap. 21. v. 19. *Arefacta est,*
p. 458. c. I.
- v. 33. *Homo erat*
pater familias,
qui plantavit vi-
neam, & *sedem*
circumdedit ei,
& *edificavit tur-*
rim, p. 202. c. 2.
p. 203. c. I.
- Cap. 22. v. 11. *Intravit au-*
tem Rex, ut vide-
ret discumben-
tes, p. 216. c. I.
- v. 13. *Mittite in te-*
nebras extero-
res. Ibid.
- v. 16. *Magister sci-*
mus, *quia ve-*
rax es, & *viam*
Dei in veritate
doces, *non enim*
respicis personam
hominum, p. 295.
c. 2.
- Cap. 25. v. 2. *Quinque au-*
tem ex eis erant
fatue, & *quin-*
que prudentes, p.
125. c. 2.

- v. 13. *Vigilate, quia nescitis horam, p. 126. c. 1.*
- v. 35. *Esurivi enim, & dedistis mihi manducare; sitiivi, & dedistis mihi bibere, p. 218. c. 1.*
- v. 42. *Esurivi, & non dedistis mihi, & c. p. 29. c. 1.*
- Cap. 26. v. 23. *Qui intingit mecum manum in paropside, hic me tradet, p. 46. c. 2.*
- v. 41. *Caro autem infirma, p. 261. c. 1.*
- v. 58. *Ingressus intro sedebat cum ministris, p. 286. c. 2.*
- v. 67. *Palmas in faciem ejus dederunt, p. 427. c. 1.*
- v. 70. *Negavit coram omnibus, p. 289. c. 2.*
- v. 72. *Non novi hominem, p. 286. c. 1.*
- v. 74. *Capit detestari, & jurare, quia non novisset hominem, p. 53. c. 1.*
- Cap. 27. v. 17. *Quem vultis dimittam vobis, Barabbam, an Jesum, qui dicitur Christus? p. 301. c. 1.*
- v. 21. *At illi dixerunt: Barabbam Ibid.*
- v. 29. *Plectentes coronam de spinis ... Et illudebant dicentes: Ave Rex Judæorum, pag. 105. c. 1. p. 216. c. 1.*
- v. 37. *Posuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam, p. 279. c. 1.*
- v. 42. *Si Rex Israel est, descēdat nunc de Cruce, & credimus ei, p. 439. c. 2.*
- v. 52. *Multi, qui dormierant, surrexerunt, p. 395. c. 1.*
- v. 54. *Verè Filius Dei erat iste, p. 352. c. 2. p. 433. c. 1.*

Ex Euangelio Marci.

Cap. 6. v. 20. **H** Erodes enim metuebat Joannem,
p. 151. c. 2.

Cap. 12. v. 30. Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde, ex tota anima, ex totis viribus tuis, p. 29. c. 1.

Cap. 15. v. 26. Erat autem titulus, p. 234. c. 2.

v. 39. Verè hic homo Filius Dei erat, p. 456. c. 1.

Cap. 16. v. 6. Jesum quaeritis Nazarenum crucifixum, surrexit, non est hic, p. 337. c. 2. p. 445. c. 2.

Ex Euangelio Lucae.

Cap. 1. v. 13. **U**xor tua pariet tibi filium, p. 81. c. 1.

v. 14. Et erit gaudium tibi, & ex-

ultatio. Ibid.

v. 15. Spiritu Sancto replebitur ad huc ex utero matris suae, p. 81. c. 2. p. 348. c. 1.

v. 31. Concipies, & paries Filium, p. 86. c. 1. p. 404. c. 1.

v. 32. Erit magnus, & Filius Altissimi vocabitur: dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in Domo Jacob in aeternum, & regni ejus non erit finis, p. 83. c. 2. p. 86. c. 2. p. 371. c. 1. p. 404. c. 1.

v. 34. Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco? p. 406. c. 2.

v. 35. Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi, pag. 2. c. 2. p. 91. c. 2. p. 124. c. 2.

v. 38. Ecce ancilla
Hh 4 Do-

- Domini, p. 2.c.2.*
 v. 48. *Ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes, p.93. c. 1.*
 v. 66. *Manus Domini erat cum illo, p. 139. c. 1.*
 Cap. 2. v. 6. *Impleti sunt dies, ut pareret, pag. 226. c. 1. p. 227. c. 1.*
 v. 7. *Et peperit Filium suum primogenitum, & reclinavit eum in præsepio. Ibid. p. 262. c. 1.*
 v. 13. *Multitudo militie cælestis laudantium Deum, p. 336. c. 2.*
 v. 15. *Videamus hoc Verbum, quod factum est, p. 371. c. 2.*
 v. 22. *Postquam impleti sunt dies purgationis ejus, p. 312. c. 1.*
 v. 48. *Pater tuus, & ego, p. 400. c. 2.*
 Cap. 3. v. 15. *Cogitantibus omnibus de Joanne, nè forte ipse esset Christus, p. 324. c. 2.*
 v. 38. *Qui fuit Adam, qui fuit Dei, p. 262. c. 1.*
 Cap. 7. v. 16. *Propheta magnus surrexit in nobis, p. 405.*
 v. 37. *Attulit alabastrum unguenti, p. 252. c. 2.*
 v. 38. *Stans retrò secus pedes ejus, lachrymis cepit rigare pedes ejus, p. 179. c. 1.*
 v. 47. *Dilexit multum, p. 254. c. 1.*
 Cap. 9. v. 31. *Loquebantur de excessu, p. 102. c. 2. p. 436. c. 2.*
 Cap. 13. v. 8. *Dimitte illam, p. 458. c. 1.*
 Cap. 14. v. 16. *Homo quidã fecit cenam magnam, p. 36. c. 1.*
 Cap. 22. v. 58. *O homo non sum, p. 53. c. 1.*
 v. 61. *Respexit Dominus Petrum, p. 206. c. 1.*
 Cap. 23. v. 15. *Nihil dignum morte actum est ei*

ei, p. 300. c. 1.

v. 16. *Emendatum ergo illum dimittam.* Ibidem.

v. 42. *Dum veneris in Regnum tuum* p. 440. c. 1.

Ex Euangelio Joannis.

Cap. 1. v. 3.

Omnia per ipsum facta sunt, & sine ipso factum est nihil, p. 209. c. 2.

v. 8. *Non erat ille lux,* p. 449. c. 1.

v. 9. *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem,* p. 319. c. 2. p. 339. c. 2.

v. 14. *Verbum caro factum est, & habitavit in nobis, & vidimus gloriam ejus, quasi Unigeniti à Patre plenū gratiae, & veritatis,* p. 124. c. 1. p. 175. c. 1. p. 319. c. 1.

v. 18. *Unigenitus, qui est in sinu Patris,* p. 98. c. 1. p.

366. c. 1.

Cap. 2. v. 4. *Quid mihi, & tibi mulier? Nondum venit hora mea,* p. 127. c. 1.

Cap. 5. v. 35. *Ille era lucerna ardens, & lucēs,* p. 120. c. 1. p. 449. c. 1.

Cap. 6. v. 15. *Fugit iterum in montem ipse solus,* p. 380. c. 1.

v. 56. *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus,* pag. 398. c. 1.

v. 57. *Qui manducat meam carnē, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo,* pag. 91. c. 1. p. 398. c. 2.

v. 58. *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem, & qui māducat me, & c.* p. 103. c. 2.

Cap. 8. v. 48. *Samaritanus es tu, & demonium habes,* pag. 170. c. 1.

Cap. 11. v. 43. *Voce magna cla-*

- clamavit, Lazare, veni foras, p. 184. c. 1.*
- v. 44. *Et prodiit, qui fuerat mortuus. Ibid.*
- v. 48. *Venient Romani, & tollent locum nostrum, & gentem, pag. 290. c. 2.*
- Cap. 12. v. 13. *Hosanna Rex Israel, p. 428. c. 2.*
- v. 32. *Et ego si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum, p. 170. c. 1. p. 215. c. 1. p. 234. c. 2. p. 441. c. 2.*
- v. 36. *Dum lucem habetis, credite in lucē, ut filii lucis sitis, p. 467. c. 1.*
- Cap. 14. v. 6. *Ego sum veritas, p. 288. c. 1. p. 293. c. 1.*
- v. 8. *Ostende nobis Patrem, & sufficit nobis, p. 79. c. 1.*
- v. 9. *Tanto tempore vobiscum sum, & non cognovistis me. Qui videt me,*
- videt, & Patrē meum. Ibid. c. 2.*
- v. 13. *Opera, quæ ego facio, & ipse faciet, & maiora horum faciet, p. 62. c. 2. p. 185. c. 1.*
- Cap. 17. v. 1. *Pater, venit hora, clarifica Filium tuum, ut Filius tuus clarificet te, p. 73. c. 1. p. 127. c. 1. p. 293. c. 2.*
- v. 5. *Nunc clarifica me tu Pater claritate, quam habui, priusquā mūdus esset apud te, p. 160. c. 2.*
- Cap. 18. v. 38. *Quid est veritas? p. 288. c. 2. p. 293. c. 1.*
- Cap. 19. v. 19. *Scriptis autē & titulum Pilatus, & posuit super Crucem ... Iesus Nazaremus Rex Iudæorum, p. 106. c. 1. p. 107. c. 1.*
- v. 30. *Consummatū est, p. 360. c. 1. p. 375. c. 1.*
- v. 31. *Inclinato capite,*

- vite, p. 440. c. 1.
 v. 33. *Ut viderunt eum jam mortuum, p. 460. c. 2.*
 v. 34. *Unus militum lanceam latus ejus aperuit, & exiit sanguis, & aqua, p. 250. c. 2. p. 460. c. 2.*
 Cap. 20. v. 17. *Mulier noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum, p. 255. c. 1.*
 v. 27. *Vide manus meas, & affer manum tuam, & mitte in latus meum, p. 30. c. 1. p. 34. c. 2. p. 159. c. 2.*
 v. 29. *Quia vidisti me Thoma, credidisti, p. 35. c. 1.*
 Cap. 21. v. 20. *Discipulum, quem diligebat Jesus qui, & recubant in Cœna super pectus ejus, p. 174. c. 2. p. 179. c. 1.*
 Ex Lib. Actuum Apostolorum.
 Cap. 9. v. 3. **C**ircumfulsit eum lux de Cœlo, p. 461. c. 2.
 Cap. 11. v. 17. *Angelus astitit, p. 191. c. 2.*
 v. 11. *Et eripuit me de manu Herodis. Ibid.*
 Ex Epistola Divi Pauli ad Romanos.
 Cap. 5. v. 12. **O**Mnes in Adam peccaverunt, p. 4. c. 2.
 Ex Epistola prima ad Corinthios.
 Cap. 3. v. 17. **T**emplum Dei sanctum est, quod estis vos, p. 6. c. 2. p. 238. c. 1.
 Cap. 11. v. 23. *In qua nocte tradebatur, accepit panem, p. 119. c. 1.*
 Cap. 15. v. 31. *Quotidie morior, p. 39. c. 1. p. 374. c. 1.*

Ex Epistola secunda ad Corinthios.

Cap. 6. v. 4. **E**xhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros, nihil habentes, & omnia possidentes, pag. 442. c. 2.

Cap. 11. v. 33. Per fenestram in sporta dimissus sum per murum, & sic effugi manus ejus, p. 59. c. 2.

Cap. 13. v. 4. Crucifixus est ex infirmitate, p. 266. c. 2.

Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 2. v. 20. **V**ivo ego, p. 374. c. 2.

Ex Epistola ad Ephesios.

Cap. 3. v. 18. **U**t possitis comprehendere cum omnibus sanctis, quae sublimitas, & profundum, pag. 382. c. 1.

v. 19. *Scire etiam supereminentem scientiae charitatem Christi*, pag. 382. c. 1.

Ex Epistola ad Philippenses.

Cap. 1. v. 21. **M**ori lucrum. p. 268. c. 2. p. 374. c. 2.

v. 23. *Cupio dissolvi, & esse cum Christo*. Ib. pag. 374. c. 2.

Cap. 2. v. 7. *Habitu inventus ut homo*, pag. 468. c. 2.

Ex Epistola secunda ad Timotheum.

Cap. 4. v. 4. **A**veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur, pag. 292. c. 1.

Ex Epistola ad Titum.

Cap. 3. v. 4. **A**pparuit humanitas salvatoris nostri

stris Dei, p. 97.

c. I.

Ex Epistola ad Hebræos.

Cap. 5. v. 7. **C**um clamore
valido, &
lacrymis, p. 251.
c. I.

Ex Epistola prima Petri.

Cap. I. v. 12. **I**n quem
desiderāt
Angeli prospice-
re, pag. 132. c.
I.

Ex Epistola prima Joannis.

Cap. I. v. 16. **D**eus cha-
ritas est,
p. 36. c. I. p. 132.
c. 2.

Cap. 3. v. 18. Non diligamus
verbo, sed opere,
p. 127. c. I.

Ex Lib. Apocalypsis.

Cap. I. v. 8. **E**go sum Al-
pha, &
Omega, pag. 22.
c. 2.

v. 13. Vidi similem

Filio hominis, ve-
stitum podere, &
præcinctū ad ma-
millas zona au-
rea, pag. 330. c.

2. p. 331. c. I. &
2. pag. 332. c. I.

v. 14. Capilli autē
ejus erant tam-
quam nix, & ocu-
li ejus tamquam
flāma ignis, pag.
331. c. 2. p. 332.
c. I.

v. 15. Pedes ejus si-
miles aurichalco,
& vox illius tā-
quam vox aquarū
multarum, pag.
331. c. 2. p. 332.
c. I.

v. 16. Habebat in
dextera sua Stel-
las septem, & de
ore ejus gladius
utraque parte
acutus exhibat, &
facies ejus sicut
Sol in virtute
sua, pag. 331. c.
2. p. 334. c. I.

v. 18. Sum vivus,
& ecce sum vi-
vens, pag. 335.
c. 2.

Cap.

Cap. 4. v. 7. *Simile Aquile volanti*, pag. 368.

c. 2.

v. 8. *Alas senas*.

Ibid.

v. 10. *Mittebāt coronas suas ante thronum*, pag.

193. c. 1.

Cap. 5. v. 8. *Et seniores ceciderunt coram Agno*. Ibid.

Cap. 7. v. 3. *Quoadusque stgnemus servos Dei nostri in frōtibus eorum*, pag.

5. c. 2.

Cap. 12. v. 1. *Signum magnum apparuit in Cælo : Mulier amieta Sole, Luna sub pedibus ejus, & in capite*

ejus corona Stellarum duodecim.

pag. 13. c. 2. pag.

98. c. 1. p. 135. c. 2.

p. 143. c. 2. p. 340.

c. 1. p. 462. c. 2. p.

230. c. 2. p. 316. c.

1. p. 369. c. 2.

v. 5. *Peperit filium masculum*, qui *recturus erat omnes gentes in virga ferrea*, p. 145.

c. 2. p. 369. c. 2.

v. 14. *Data sunt mulieri ale duæ Aquile magnæ, ut volaret in desertum*, p. 369. c. 1. p. 453. c. 2.

Cap. 19. v. 5. *Vestitus veste aspersa sanguine*, p. 275. c. 1.

INDICE

DAS COUSAS MAIS PRINCIPAES
deste Livro.

*Os numeros immediatos ao P. mostraõ a pagina , e os
immediatos ao C. a coluna.*

A

Abatimentos.

SOberano nos seus abati-
mentos se vio no lavapès
o amor de Christo , e
porisso hum prodigio de
amor , pag. 134. c.2.usque
ad pag. 139. col. 2.

Afflombros, em que poem
ao mayor juizo taõ pro-
fundos abatimentos , p.
135. c.2.usq. ad p. 137. c.1.
Vide *Amor*.

Aguia.

NA relevancia dos seus
escritos voou o cora-
ção de Santa Thereza co-
mo Aguia , pag. 366. c.1.
usq. ad p. 371. c. 2.

Foy coração este todo de

Deos, e porisso coração
Aguia, ou a Aguia dos
coraçoes, p. 367. c. 1. e
2. p. 368. c. 1.

Porisso mesmo , porque ar-
deo como Feniz, voou
como Aguia, p. 367. c. 2.
usque ad p. 371. c. 1.

Como a mulher do Apoca-
lypse tinha Thereza pen-
nas de Aguia, e peito de
Sol, p. 369. c. 1. usque ad
p. 370. c. 2.

Descreve-se Santa Thereza
por esta mulher. Ibid.

Por não querer , que os seus
escritos sahisse a luz,
ainda foy mais Aguia , p.
370. c. 1. e 2. p. 371. c. 1.
Vide *Santa Thereza*.

Amor.

ERros do Amor huma-
no na conquista dos
cora-

- coraçõens, e porisso malogradas nelle as suas cõquitas, p. 24. col. I. usque ad p. 27. c. 2.
- Retrata-se o amor nõ Sol, e a mesma guerra, que as sombras fazem ao Sol, fazem as duvidas ao amor, p. 29. c. I. e 2.
- O final, porque o amor se conhece, são as mãos, p. 30. c. I. e 2. p. 31. c. I. e 2.
- He o amor hum relógio, e porque? Ibid.
- Generosidade de amor grãde: a fallar no que dá, diz o menos, e calla o mais, p. 35. c. 2. p. 36. c. I. e 2.
- Pôr em paz o ciume dos amados só o amor Divino o faz: he para todos, e sem ciume, p. 38. c. I. usque ad p. 41. c. 2.
- Dar-se, a quem lhe merece mais, amor serà; mas a quem lhe merece menos, mayor amor, p. 42. c. 2. p. 43. c. I.
- Amar a quem me busca muito he; mas buscar a quem me foge, mais que muito, p. 43. c. 2. p. 44. c. 2.
- De dous coraçõens distinctos faz o amor hum só, p. 46. c. 2. usque ad p. 48. c. 2. Vide *Sacramento*.
- Vive n'uma Cruz quem ama, e se o amor se castiga como delicto, quem quererà ter amor? p. 31. c. I. usque ad p. 53. c. I.
- Na antiguidade do querer cõsiste a firmeza do amar, p. 54. c. I. p. 55. c. 2. Vide *S. Braz*.
- He como Sol o amor, e por elle se descreve, p.
- Das finezas do amor de Deos só pôde ser Chronista o mesmo amor, p. 116. c. I. usque ad p. 119. c. I.
- Tres singulares prodigios se viraõ na hora do Mandato no amor de Christo: amor com excessos, mas sabio: amor com retiros, mas fino: amor com abatimentos; mas soberano. Nas finezas da despedida, sabio nos seus excessos; na instituiçãõ do Sacramento presente nos seus retiros, e na humildade do lava-pés soberano nos seus abatimentos, p. 118. c. 2. p. 119. c. I. Vide *Abatimentos, Retiros, e Excessos*.

cessos. Sabio, Presente, e Soberano.

Febre he amor, porque he fogo do coração, p. 263. c. 1.

De amor enfermou o Menino Deos, e se descreve a sua febre, pag. 264. c. 1. Vide *Febre*.

Para quem enferma de amor, e por amor se fangria, o padecer he o brinco melhor de fangria, p. 274. c. 2. p. 275. c. 1. Vide *Sangria*.

Remedios só de morte podem servir de remedio ao amor, p. 279. c. 1. e 2. Vide *Remedio*.

Affim cativa o amor a liberdade, que he o mesmo ser amante, que cativo, p. 320. col. 2. Vide *Liberdade*.

Será para atormentar grande a tyrannia do odio, mas dobrada a tyrannia do amor, p. 372. c. 1. e 2. Vide *Pomba*.

Em todas as medidas da quantidade se acha no Monte do Amor Divino hum amor sem medida. Vide *Monte*.

Na tolerancia das suas pe-
Tom. IV.

nas triunfou o amor de Christo na sua Cruz, p. 443. c. 1. usque ad pag. 446. c. 2.

Por mayores que sejaõ as penas, naõ faz nellas o amor pé atraz, p. 443. c. 2. p. 444. c. 1. e 2.

Torna o amor em delicias as mais acerbadas penas, p. 444. c. 2. p. 445. c. 1. e 2. Vide *Cruz*.

Angelica.

FLor Angelica foy na sua Conceição Maria, e assim excedeo na pureza aos Anjos, que será para elles lisonja o chamar Angelica a esta flor, p. 9. c. 2. usque ad p. 12. c. 1.

As Angelicas do Ceo se de-
raõ por vencidas já á vista desta Angelica, p. 10. c. 1. usque ad p. 12. c. 1. Vide *Conceição*.

Santa Anna.

HE Santa Anna Mãe de Maria, Avó de Jesus, e Sogra do Espirito Santo : Thesouro, donde se
li achão

achão as riquezas de tres Theſouros : como Mãy de Maria, he Theſouro, em que ſe encerraõ as virtudes da Filha ; como Avò de Jeſus , Theſouro , em que ſe recopilaõ os amores do Neto ; e como Sogra do Eſpirito Santo , Theſouro, em que ſe depoſitaõ os favores do Genro. Retrato de Maria por Mãy , mimo de Jeſus por Avó , e empenho do Eſpirito Santo por Sogra , p. 74. c. 1. uſque ad p. 77. c. 2. Vide *Sogra , Avó , e Mãy. Genro , Neto , e Filha.*

Santo Antonio.

HE Santo Antonio retrato do amor, e por iſſo feitiço dos corações , e quanto mayor amor, mais feitiço he , p. 169. c. 1. uſque ad p. 172. c. 1. Tres ſingularidades houve em Santo Antonio ; favores , em que foy inſigne ; milagres, em que foy eminente, e virtudes, em que foy admiravel. Grande Santo, todo enleyos , to-

do encantos, e todo feitiços. Nos ſeus favores , para Deos hum feitiço ; nos ſeus milagres , para nõs hum encanto ; e nas ſuas virtudes , para todõs hum enleyo. Ibid.

Vide *Enleyo , Encanto , e Feitiço.*

Acha-ſe no Sacramento o meſmo, que em Santo Antonio , por iſſo taõ parecidos ambos, que he o meſmo prégar de Santo Antonio , que do Sacramento , p. 193. c. 1. uſque ad p. 195. c. 2.

Appellido illuſtre.

Vide *Menezes , Coutinhos , e Noronhas.*

Açucena.

REtrato he Maria de huma Açucena na ſua Conceição glorioſa , e ſe deſcrevem nella as ſuas glorias por Açucenas , p. 18. c. 2. uſque ad p. 20. c. 1. Vide *Conceição.*

Avò.

HE Sãta Anna por Avò de Christo o Thesouro dos seus amores, p. 84. c. 2. usque ad p. 91. c. 2.

Tanto como ter a Maria por Mãy estima Christo o ter a Anna por Avò, p. 85. c. 2. usque ad p. 88. c. 1.

Ainda o ter esta Avò (quando não seja mais na realidade) mostra Christo que o estima em mais, p. 88. c. 1. usq. ad p. 90. c. 1. Vide

Santa Anna.

Ausente.

SE he mais conveniente ao amor a presença, se a ausencia? p. 127. c. 1. usque ad p. 131. c. 1.

Resolve-se com primor a questão, p. 131. c. 2. usq. ad p. 134. c. 1. Vide *Presente.*

B

Beneficio.

MAis se acredita hum beneficio declarãdo-

se pelo menos, e menos se acredita declarando-se pelo mais, p. 34. c. 1. p. 35. c. 1.

Bispo.

FOy-o S. Braz taõ infigne, porque nelle (para o ser) corresponderaõ as lagrymas ás instancias, e as contrigoens ás profias, p. 55. c. 1. usque ad p. 61. c. 1.

Porque tenhaõ vida as suas ovelhas, hum Bispo se hade mortificar a si, e crucificar-se na vida, p. 56. c. 2. usque ad pag. 59. c. 2.

Ainda que o seu desejo seja morrer, por não desfamparar as ovelhas, hade crucificar o desejo, p. 57. c. 2. usque ad p. 59. c. 1.

A vida fugitiva he para hum Bispo vida crucificada, quando deseja dar a vida, p. 59. c. 1. e 2.

Bispo, que crucifica o desejo por amor das ovelhas, faz mais, que se crucificasse a vida por seu amor, p. 60. c. 1. e 2.

p. 61. c. 1. Vide *S. Braz.*

Bocca.

Tenha compassiva bocca hum Esmoler; porque esmola he para os pobres huma palavra condoida na bocca, p. 209. c. 2. p. 210. c. 1. Vide *Esmola*.

O Rey, que tem bocca, com huma palavra só faz prodigios, e mostra que he Rey, p. 210. c. 1. usque ad p. 212. c. 1.

Triste do Reyno, donde o Rey para fallar não tem bocca, p. 212. c. 1. e 2. p. 213. c. 1.

Nem o Rey ha de fallar muito, nem ha de deixar de fallar, p. 183. c. 1.

Fallar huma só palavra he fallar como Rey. Ibid. c. 2. Vide *Rey*.

S. Braz.

Com tres cruces, que abraçou na terra, se fez S. Braz hum Serafim do Ceo: Serafim com huma Cruz no peito: Serafim com huma Cruz nos hombros; e Serafim com hu-

ma Cruz na mão: a Cruz no peito o fez o mayor Bispo: a Cruz nos hombros o mayor Martyr; e a Cruz nas mãos (que era a da benção) o fez por milagroso o mayor Santo, p. 50. c. 1. usque ad p. 52. c. 2. Vide *Santo, Bispo, e Martyr*.

C*Cantanhede.*

Por mercê da Mãy de Deos se exaltou (em hum successor que lhe deo) a Casa illustre de Cantanhede, p. 233. c. 2. usque ad p. 235. c. 2.

Tal he a nobreza inclita desta casa, que só se diz o mais della no menos, que se diz, p. 233. c. 2.

No seu successor se exaltou a Casa, e mais o Titulo; porque pelo seu nascimẽto renasceo o Titulo, e mais a Casa, p. 234. c. 1. e 2. pag. 235. c. 1. Vide *Successão*.

Ciume.

CONverte no Sacramento Christo o ciume em conformidade; porque a dadiua he para todos tão igual, que a ninguem lhe fica que invejar, porisso pela igualdade, com que dá, o Senhor triumpho do nosso ciume; p. 36. c. 2. usque ad p. 43. c. 1. Vide *Amor, e Sacramento.*

Conceição.

NA sua Conceição foy Maria a flor da pureza; e porisso na sua Conceição livro, em que as letras são flores, pag. 1. c. 1. usque ad p. 4. c. 1.

Em cinco flores, correspondentes ás cinco letras do Nome de Maria, se retratao nella as glorias da sua Conceição. Ibid. Vide *Maravilha, Angelica, Rosa, Jacinto, e Açucena.*

Em que sentido foy mais prodigiosa, que a Conceição de Christo, a Conceição de Maria, p. 8. c. 2.

Tom. IV.

pag. 9. c. 1.

Tem Maria na sua Conceição por Index das suas flores as flores do Sacramento, pag. 21. c. 1. e 2. p. 22. c. 1.

Nas suas flores tem o livro da Conceição o seu *Finis*, porque lhe poem a Coroa, p. 22. c. 2. p. 23. c. 1.

Proteçora da sua successão felice he para a Casa de Marialva a Senhora da Conceição, p. 219. c. 1. usque ad p. 222. c. 1. Vide *Successão.*

Confissão.

Segundo acto he da penitencia a confissão, e nas lagrimas, que ella produz, se lavao no templo da alma as manchas da culpa, p. 250. c. 1. usque ad p. 255. c. 2.

Lagrimas, que haõ de lavar manchas, haõ de ser lagrimas do coração, p. 250. c. 2. p. 251. c. 1.

Haõ de ser do coração estas lagrimas, para que sejaõ de sangue, pag. 251. c. 1. e 2.

Dous remedios, e a qual
li 3 me-

melhor , para haver em
nós estas lagrimas , p. 252.

c. 1. usque ad p. 254. c. 2.

Por virtude destas lagrimas ,
não só he templo de Deos
o homem, mas de templo
passa a ser Ceo , e de Ceo
a ser throno do mesmo
Deos , p. 254. c. 2. p. 255.
c. 1. e 2. Vide *Templo*.

Contrição.

HE a contrição o pri-
meiro acto da peni-
tencia , e o lançar fóra os
idolos da culpa , o effeito
principal deste acto , p.
242. c. 2. usque ad p. 250.
c. 1.

Naõ se compára a contri-
ção com a terra , senão
com o mar , e porque ? p.
243. c. 2. usque ad p. 245.
c. 1.

Deixar os peccados , e tor-
nar a elles , não he rom-
pello a contrição , he in-
terrompello , p. 245. c. 1.
usque ad p. 247. c. 1.

Exemplo, com que se expli-
ca esta interrupção dos
peccados. Ibid.

Naõ vay o peccado fóra , se
primeiro que o peccado

naõ vay a occasião , pag.
247. c. 2. p. 248. c. 1. e 2.

Mais para temer he a occa-
sião , que o peccado. Ib.
Ruinas do peccado são em
Christo exaltações , pag.
248. c. 2. 249. c. 1. e 2.

A lançar a contrição o pec-
cado fóra , que glorias
naõ terá Christó no tem-
plo da alma ? p. 249. c. 2.
p. 250. c. 1. Vide *Templo*.

Coração.

Poder-se-hão descrever
as perfeiçoens de huma
belleza , mas as de hum
coração , que morre de
amores , não se podem
descrever , p. 356. c. 2. p.
257. c. 1. Vide *Santa The-
resa*.

Nos olhos , diz Santo Ago-
stinho , que haõ de ter os
homens o coração , e por-
que ? p. 356. c. 2. p. 357. c.
1. Vide *Confissão*.

Coroa.

NA gloria da sua Ca-
nonização tem São
João de Sahagum por in-
signia do seu Reyno hu-
ma

ma coroa de gloria, pag.
162. c. 2. usque ad p. 166.

c. 1.

Que coroa mais gloriosa,
que ser Joaõ nas acclama-
coens da santidade hum
Deos por graça, ou nas
glorias da sua Canoniza-
ção hum retrato de Deos.

Ibid.

Por dous Oraculos recebeo

Joaõ em duas Canoniza-
coens a mayor coroa. Ib.

Vide *S. Joaõ de Saba-
gum.*

Coutinho.

Ilustriſſimo Appellido
de Coutinhos. Vide *Ma-
riatva.*

Cruz.

PAlma foy para Christo
a sua Cruz, e do mes-
mo, que nella foraõ affró-
tas, o Senhor colheo pal-
mas, p. 426. c. 1. usque ad
p. 429. c. 1.

Tres foraõ os triunfos, que
Christo na palma da sua
Cruz colheo, quaes fru-
tos da mesma palma.
Houve na Cruz glorias,

que Christo ostentou,
culpas, que Christo re-
mio; e penas, que Chri-
sto padeceo: e por meyo
da sua Cruz a Divindá-
de triunfou em Christo
na ostentação das suas
glorias, o poder na re-
dempção das nossas cul-
pas, e o amor na toleran-
cia das suas penas, p. 428.

c. 1. e 2. pag. 429. col. 1.

Vide *Divindade, Poder,
e Amor.*

Gloriosos epithetos em lou-
vor da sagrada Cruz, p.
426. c. 1. e 2.

Culpa.

A Padrinhaõ-se na terra
as culpas como inno-
cencias, e as innocencias
se castigaõ como culpas,
p. 299. c. 2. usque ad p.
301. c. 1. Vide *Verdade.*

D

Dependencia.

NO Tribunal da depê-
dencia a verdade se
desterra da Corte por mal

vista: nem pôde ver bem a verdade, quem só a dependencia olha, p. 286. c. 1. usq. ad p. 291. c. 2.

Naõ entra a verdade no Paço, porque naõ pôdem estar nelle juntas a dependencia, e a verdade, pag. 286. c. 2. p. 287. c. 1.

Estar a verdade junta com a dependencia, só por milagre pôde fer, e o mayor dos milagres, p. 287. c. 1. e 2. p. 288. c. 1.

He Deos a mesma verdade, porque se naõ dà em Deos dependencia, p. 288. c. 1. e 2.

Faltaõ os homens à verdade, por se naõ desgostarem a si, p. 289. c. 2. p. 290. c. 1.

Mas perdem-se, se por amor de si faltaõ à verdade, p. 290. c. 2. pag. 291. c. 1. Vide *Verdade*.

Desconhecimento.

CONverte no Sacramento Christo o desconhecimento em gratificaçaõ, porque o beneficio he taõ grande, que ninguem o pôde desconhecer: e por-

isso pelo muito que dá, o Senhor triunfa do nosso desconhecimento, p. 28. c. 1. usq. ad p. 36. c. 1. Vide *Amor, e Sacramento*.

Desterro.

HE no seu Desterro Maria hum Livro de Receita, e Despeza: Livro, em que mostra pagar no Desterro em finezas, quanto no Nascimento recebeo a Senhora em glorias. Teve vida no Nascimento, e no Desterro sacrificou a vida: teve patria no Nascimento, e no Desterro sacrificou a patria: teve liberdade no Nascimento, e sacrificou tambem a liberdade. Vide *Liberdade, Patria, e Vida*.

Entre a Familia de S. Bernardo naõ se pôde chamar para Maria Desterro a sua Casa com tal Familia, mais he esta Casa Patria, que Desterro, pag. 113. c. 1. e 2. pag. 114. c. 1. e 2.

Desejo.

Desejo.

Sacrificar a vida muito he ; mas sacrificar o desejo , he mais que sacrificar a vida , e porque ? p. 60. c.2. p. 61. c. 1. Vide *Bispo.*

Divindade.

NA ostentação das suas glorias triunfou a Divindade de Christo na palma da sua Cruz , pag. 429. c. 1. usque ad p. 438. c. 2.

Pôr Deos a sua Cruz nos olhos , ou dar passos com os olhos na sua Cruz , he dar-se a conhecer por Deos , pag. 429. c. 1. pag. 430. c. 1. e 2.

Mysteriosa equivocação entre Deos , e a sua Cruz , p. 430. c. 2. p. 431. c. 1.

Pela sua Cruz a mesma Divindade se vê mais exaltada em Deos , p. 431. c. 2. p. 432. c. 1. e 2.

Por experiencia se vio na Cruz esta exaltação da Divindade , p. 433. c. 1. e 2. p. 437. c. 1.

Christo , que por Filho de Deos não póde ser mayor do que he , mais parece avultaõ nelle as suas glorias pela sua Cruz , que por Filho do mesmo Deos , p. 434. c. 2. usque ad p. 436. c. 1.

Na estimação do mesmo Christo a sua Cruz he toda a sua gloria , p. 436. c. 1. usque ad p. 438. c. 1. Vide *Cruz.*

E

Encanto.

HUm encanto dos homens foy Santo Antonio , e os seus milagres , que foraõ para nós mais que encantos ? pag. 181. c. 1. usq. ad p. 188. c. 2.

Encantava Circe fazendo que os homens parecessem brutos : e Antonio encanta fazendo que os brutos pareçaõ homens , pag. 182. c. 1. e 2. p. 183. c. 2.

No livramento de seu pay mostrou ter tambem seu pacto Santo Antonio , mas

mas que pacto? p. 184. c. 1. e 2. p. 185. c. 1. e 2.

Encantos, com q̄ por Santo Antonio todas as cousas perdidas se defencantaõ, p. 186. c. 1. e 2. p. 187. c. 1.

Até ao demonio encantou Santo Antonio: taõ perito na arte de encantar, que encantou ao mesmo encantador, p. 187. c. 1. e 2. p. 188. c. 1. Vide *Santo Antonio*.

Enfermidade.

HE o amor enfermidade, e até Deos, que não póde enfermar, sendo Deos, enfermou de amor. Propoem-se enfermo de amor o Menino Deos, p. 261. c. 1. usque ad p. 263. c. 1.

Na circuncisaõ este Menino enfermo se poz em cura. Ponderaõ-se tres cousas: a febre, a sangria, e o remedio no Nome, a sangria no golpe, e a febre no tempo. Foy grave a febre pelo tempo, rigorosa a sangria pela Ley, e notavel o remedio pelo Nome. Ib. Vide

Nome, Sangria, e Febre.
Christo enfermo em dia de Anno Bom, saude promette aos enfermos para todo o anno, p. 280. c. 1. e 2. p. 281. c. 1. e 2.

Enleyo.

Santo Antonio pelas suas virtudes he para todos hum estremado enleyo, p. 188. c. 2. usq. ad p. 193. c. 1.

Naõ he Santo Antonio homem, porque he mais que homem; naõ Anjo, porque mais que Anjo; nem Deos, porque menos que Deos. E pois que? Hum enleyo, que se naõ sabe o que he, p. 189. c. 1. e 2. p. 190. c. 1.

A' vista de Santo Antonio naõ ha rio de juizo, que de duas huma, ou naõ pare suspenso, ou naõ fuja corrido, p. 190. c. 2. p. 191. c. 1.

Do enleyo, do que Santo Antonio he, só se poderá fahir, dizendo-se de Santo Antonio que he Santo Antonio, p. 191. c. 2. pag. 192. c. 1. e 2. Vide *Santo Antonio*.

Ef-

Esmola.

HE a virtude da Esmola a mais formosa entre as mais virtudes. Descrevem-se as excellencias da Esmola, p. 198. c. 2. p. 199. c. 1.

Não só no que a mão dá, confiste o dar ao pobre, mas dá-se a Esmola com os olhos, com a bocca, e com as mãos. He a Esmola huma vista condoída nos olhos, he huma palavra compassiva na bocca, e he huma obra caritativa nas mãos, p. 199. c. 2. p. 200. c. 1. Vide *Mãos, Bocca, e olhos.*

Coroa he a Esmola, que nos faz Reys, e a que nos assegura mais que as mais virtudes a ultima coroa, p. 217. c. 2. p. 218. c. 1. e 2.

Deos Espirito Santo.

A Primeira vez, que o Espirito Santo se levantou com a denominação de Santo, foy na Encarnação, e porque? pag.

92. c. 1. e 2. p. 93. c. 1. Vide *Santa Anna.*

No modo que pôde ser, igualou o Espirito Santo a si, e comfigo a pessoa de S. Jozé, pag. 417. c. 2. usq. ad p. 421. c. 1.

Não se desposou com o Espirito Santo a Senhora, senão depois de se desposar com S. Jozé: nem a Senhora se recebeu com S. Jozé, senão depois de se desposar com o Espirito Santo. Alta maravilha! p. 418. c. 1. e 2. pag. 419. c. 1. Vide *S. Jozé.*

Excessos.

SAbio nos seus excessos foy o amor de Christo, e porisso hum prodigio de amor, p. 119. c. 2. usq. ad p. 127. c. 1.

Industria, com que este amor se houve na disposição dos seus excessos, p. 121. c. 1. usque ad p. 124. c. 2. Vide *Amor.*

Extensão.

Monte sem medida extensão he pelos muitos,

tos, a quem dá o Amor Divino , p. 389. c. 2. usq. ad p. 394. c. 2.

Porque a todos se prende, he este Amor como a her- ra, p. 390. c. 2. p. 391. c. 1.

Tambem he como a morte, por ser para todos, pag. 392. c. 1. e 2.

Porque razão o monte, que Christo para morrer escolheo, foy no meyo da terra? p. 393. c. 1. e 2.

Admira-se a extensaõ do amor de Christo neste monte. Ibid. Vide *Monte*.

F

Febre.

HE febre o amor , e computado no Menino Deos o calor pelos dias , teve na Circumcisaõ febre *ut acto* , porque se lhe contaõ oito dias de febre, p. 263. c. 1. usque ad p. 269. c. 2.

Febre, que no seteno não faz *crises* de declinaçaõ , a ser de amor, he a mayor febre, p. 264. c. 1. usque ad p. 266. c. 2.

Para muitas obras de amor de Deos houve seus setenos , mas para a febre do seu amor não os houve, p. 265. c. 1. e 2. p. 266. c. 1.

Matou a febre da Cruz parecendo menos , não matou a da Circumcisaõ parecendo mais ; curiosa especulaçaõ no porque , p. 266. c. 1. usq. ad p. 269. c. 2.

Para hum coração febricitante de amor , os remedios , que dão mais , se sentem menos , e os remedios , que dão menos , sentem-se mais. Ib. Vide *Enfermidade*.

Feitiço.

TOdo para os favores de Deos foy hum feitiço de amor Santo Antonio , nem a serem taes os favores , podiaõ menos ser os feitiços, p. 173. c. 1. usque ad p. 182. c. 1.

Enfeitiçou Santo Antonio a Christo , e quanto ás circunstancias , ainda excedeo a arte, com que Christo enfeitiça , pag. 175. c. 1.

c. 1. e 2. pag. 176. col. 1.
e 2.

Notaveis effeitos, que em
Christo fizeram os feiti-
ços de Santo Antonio, p.
177. c. 2. usque ad p. 179.
c. 1.

Effeitos tambem notaveis,
que em Antonio fizeram
os feitiços de Christó, p.
179. c. 1. usque ad p. 181.
c. 1. Vide *Santo Antonio*.

Feniz.

NA fineza dos seus ex-
tremos ardeo como
Feniz o coração de Santa
Theresa, p. 358. c. 2. usq.
ad p. 366. c. 1.

Respira o Feniz no fogo, em
que renasce, e este cora-
ção, com huma setta fe-
rido, se abre em boccas,
porque respire, p. 360. c.
1. e 2. p. 361. c. 1. e 2.

Duas boccas abriu neste co-
ração a setta: Mina de
fogo ardente, quanto
mais fogo tem, mais boc-
cas abre, p. 362. c. 1. p.
363. c. 1. e 2.

A setta, que ferio o cora-
ção, picou o amor: çar-
ça de Moysés, quanto

mais o fogo se picava,
mais ardia; p. 364. c. 1. e
2. p. 365. c. 1. e 2.

Derrete o fogo, se he gran-
de, e se mayor, consome:
tal o fogo do amor neste
coração, p. 365. c. 1. e 2.
p. 366. c. 1. Vide *Santa
Theresa*.

Filha.

DEixar huma Filha a
sua Mãy excedida na
gloria, não só he gloria
da Filha, mas gloria da
Mãy, p. 80. c. 1. usq. ad p.
83. c. 2. Vide *Mây*.

Filhos.

HERdaão os filhos as vir-
tudes de seus pays, e
nunca se conhecem me-
lhor os pays, que pelos
filhos, p. 77. c. 2. usque ad
p. 84. c. 2.

Atè hum pay immortal se
póde no desterro de hum
filho cuidar que morre,
p. 102. c. 1. e 2. p. 103. c. 1.
e 2. Vide *Vida*.

Deos Filho.

DEo o Filho de Deos as maiores excellencias suas a S. Jozé, e porisso tão parecidos ambos, que se parecem como Pay, e Filho, p. 411. c. 2. usque ad p. 417. c. 2.

As perfeiçoens dos Santos todos, que no Verbo ha por virtude da sua geração eterna, quiz que Jozé tivesse por privilegio da sua virtude, p. 412. c. 1. usque ad p. 414. c. 2.

Tambem teve do Verbo a excellencia de ser Principe glorioso dos Anjos, p. 414. c. 2. usque ad p. 416. c. 2.

Foy tambem imagem do Pay, excellencia especial do Verbo; e como? pag. 416. c. 1. e 2. p. 417. c. 1. Vide *S. Jozé*.

Flores.

DE flores se compoem o Livro de Maria; e que flores? p. 1. c. 1. usque ad p. 4. c. 2. Vide *Conceição*.

G*Genro.*

SER o Espirito Santo Genro de Santa Anna, não só foy gloria de Anna, mas gloria do Genro, p. 91. c. 1. usque ad p. 95. c. 2. Vide *Sogra*.

Graça.

HE Maria fonte de luz, e para se divertir o abyfino da culpa fonte, em que se diffunde a luz da graça, p. 461. c. 1. usque ad p. 464. c. 1.

Emprezas, em que a graça se dá para nos livrar da culpa, são emprezas, que Deos delegou em Maria, p. 461. c. 2. p. 462. c. 1.

Não só nos livra Maria da culpa com a graça, que nos dá, mas até para livrarnos da pena a Senhora tem graça, p. 462. c. 1. e 2. pag. 463. c. 1. Vide *N. Senhora da Luz*.

H

Hypponia.

PAra os applausos da Conceição, a que mais gostosa concorre, he Hypponia, p. 236. c. 1. e 2.

Honra.

PAzes entre o desdouro, e a honra fez na purificação Maria: fugeitou-se ao acto da purificação, aparente desdouro; mas o que nas mais foy final da culpa, em Maria foy firmeza da graça, p. 318. c. 1. e 2. p. 319. c. 1.

Assombraõ-se os Anjos, de que Maria na occasião do desdouro se veja com tantos luzimentos de honra. Ibid.

Atè Christo, Filho do Pay das luzes, participou de Maria a honra dos seus luzimentos. Ibid. Vide *Nossa Senhora da Paz.*

I

Jacinto.

NAsceo do sangue de Ays a flor Jacinto, e Maria por nascer de sangue Real, nasce com regalias de Jacinto flor, p. 16. c. 1. usque ad pag. 18. c. 1.

Nas folhas do Jacinto se escrevem ays, e nos ays da culpa vencida tem Maria como Jacinto a sua Coroa. Ibid. Vide *Conceição.*

Jesus.

Remedio singular' para todos o Nome Santissimo de Jesus, p. 276. c. 2. usque ad p. 279. c. 1. Vide *Remedio.*

Ingratidaõ.

O Amor obriga-se mais das ingraticidaõs para os excessos, que das correspondencias para os extremos, p. 138. c. 1. e 2. p. 139. c. 1. e 2.

Tem

Tem o amor por pedra de toque das suas finezas as ingraticadoens. *Ibid.* Vide *Amor*.

Innocencia.

NO juizo dos homens o fer innocente he o mesmo, que fer culpado; e o peor he, que castigado-se as innocencias por culpas, as culpas se apadrinhaõ como innocencias, p. 299.c.2. usque ad p. 301. c. 1. Vide *Verdade*.

S. Joaõ de Sabagum.

GLorias da Religiaõ Eremitica na Canonizaçaõ de S. Joaõ de Sabagum, p. 142. c. 1. usque ad p. 147. c. 1. p. 166. c. 2. p. 167. c. 1.

Principe he Joaõ na sua Canonizaçaõ aclamado, e com tres insignias de Principe: hum throno, hum sceptro, e huma coroa: o throno de huma cadeira de doutrina, o sceptro a graça do Sacramento, e a coroa a gloria da

Canonizaçaõ, p. 146. c. 1. e 2. p. 147. c. 1. Vide *Throno*, *Sceptro*, e *Coroa*.

S. Jozè.

A Medida do coraçã de Deos foy S. Jozè, e porque taõ conforme ao seu coraçã, hum retrato do mesmo Deos: hum quasi Deos por semelhãte ao Filho; e hũ quasi Deos por semelhãte ao Espirito Santo, p. 400.c.1. usque ad p. 403. c. 2. Vide *Deos Pay*, *Deos Filho*, *Deos Espirito Santo*.

Quem tem a S. Jozè, senaõ tem a Deos nelle, tem a Deos por elle, p. 421. c. 1. e 2.

He protecçaõ especial de Reys a protecçaõ de S. Jozè, p. 421. c. 2. usque ad p. 423. c. 1.

Ainda dormindo he S. Jozè o mais vigilante protector. *Ib.*

L

Lagrimas.

Não haõ de ser só dos olhos as lagrimas de hum peccador, mas sim do coração chorando nos olhos, e porque? p. 231. c. 1. usque ad p. 234. c. 2. Vide *Confissão*.

Largo.

No muito, que o amor dá, se vê sem medida largo o Monte do Amor Divino, p. 383. c. 1. usq. ad p. 389. c. 2.

Não tem o amor mais fiel compaffo, que a largueza das mãos, p. 384. c. 1. usq. ad p. 386. c. 1.

Quanto mais largas saõ as mãos no dar, tanto se acredita mais a grandeza do amor. *Ibid*.

Pay, que chega a dar hum Filho, e Filho não só seu, mas sobre seu, Unigenito, até aqui extremo de Pay, p. 386. c. 1. usque ad p. 388. c. 2.

Tom. IV.

Amor taõ largo, que theatro havia de ter, senaõ hum monte? Vide *Monte*.

Ley Escrita.

Por equivocação foy tambem S. Nicolão retrato de Christo, e poriffso entre os Santos da Ley Escrita o mayor Santo, p. 340. c. 1. usque ad p. 347. c. 2.

No jeroglifico de huma Estrella se retratou toda a gloria daquelles Santos, e Nicolão nas circumstancias de ter Estrella os excedeo na gloria, p. 341. c. 2. p. 342. c. 1. e 2.

Estrella foy Nicolão, que sendo huma só, equivaleo por todas as mais Estrellas, p. 342. c. 1. e 2. p. 343. c. 1.

Por se encerrarem nesta Estrella as virtudes de todas, foy S. Nicolão hum retrato de Christo, pag. 343. c. 2. pag. 344. c. 1. e 2.

Comparaõ-se a Estrella de Christo, e a de Nicolão, e não parece haver diffe-

Kk rença

rença de Estrella a Estrel-
la , p. 345. c. 1. usque ad
p. 347. c. 1. Vide *S. Ni-
colao.*

p. 355. c. 1. Vide *S. Nico-
lao.*

Ley da Graça.

Como retrato de Chri-
sto, que foy por iden-
tificação , se fez Nicolão
mayor entre os Santos da
Ley da graça , p. 347. c.
1. usque ad pag. 354. c.
1.

Antes da morte a Mãe de
Deos o preferio nos favo-
res aos mayores Santos ,
e o fez por filho seu hũ
retrato de seu mesmo Fi-
lho , p. 348. c. 2. usque ad
ad p. 350. c. 2.

Na morte o mesmo Chri-
sto o preferio tambem nos
favores, e o fez tambem
hum seu retrato , p. 351.
c. 2. usque ad pag. 353.
c. 2.

Descreve-se a gloriosa mor-
te de *S. Nicolao* , p. 351.
c. 2. p. 352. c. 1. e 2.

Tambem depois da morte se
fez mayor nos milagres,
que os mais Santos, e por-
isso hum retrato de Deos,
p. 353. c. 2. p. 354. c. 1. e 2.

Ley da Natureza.

Retrato de Christo por
imitação foy *S. Nico-
lao*: a Natureza se vio nel-
le excedida , e elle o ma-
yor entre os Santos da
Ley da Natureza, p. 330.
col. 2. usque ad pag. 339.
c. 2.

Prodigiosa , e sobre a natu-
reza incrível penitencia
a de *Nicolao* , p. 330. c. 2.
usque ad p. 332. c. 2.

Por vencer as Leys da Na-
tureza se pareceo com
Christo , p. 332. c. 1. e 2.
pag. 333. c. 1. e 2. p. 334.
c. 1.

Descreve-se por hum retra-
to de Christo o seu retra-
to , p. 333. c. 2. usque ad
p. 336. c. 1.

Por abstinente fez resusci-
tar a sua perdiz , e se pa-
recoo aqui com Christo
no sepulchro , p. 337. c. 2.
p. 339. c. 1. e 2.

Por abstinente o regalou
com musicas o Ceo , e se
parecoo aqui com Chri-
sto no Presépio , p. 338.
c. 2. Por

Por abstinente lhe deo paõ, e agua a Mãy de Deos, e nelle a benção dos seus bolinhos, e se pareceo nelles com Deos no Sacramento, p. 337. c. 1. p. 339. c. 1. e 2. Vide *S. Nicolao*.

Liberdade.

Tambem a liberdade, que Maria no Nascimento recebeu, sacrificou no Desterro: fineza de amor, quando Maria se desterra por seu Filho, atè da sua liberdade se desterra, p. 110. c. 1. usque ad p. 114. c. 1.

Sacrificar a vida, muito he; mas sacrificar a liberdade, mais que muito, p. 111. c. 1. e 2. p. 112. c. 1.

Além do sacrificio da patria passa tambem o da liberdade, p. 112. c. 2. p. 113. c. 1. Vide *Desterro*.

Entre a liberdade, e o cativo fez Maria pazes na Purificação: offerceo-se Christo, sendo a mesma liberdade, cativo no Templo; e Maria resgatando a Christo fez do mesmo

cativo liberdade, pag. 319. c. 2. usque ad p. 322. c. 1.

Por força de amor cativou a sua liberdade Christo, mas que cativo não he, quem tem amor? p. 320. c. 1. e 2.

Primor grande, antes que Jesus remisse a Maria, remio Maria ao seu Jesus, p. 321. c. 2. p. 322. c. 1.

Hum como Deos de Christo, e para Christo, foy nesta redempção Maria. Ibid. Vide *Nossa Senhora da Paz*.

Livro.

Livro de flores he Maria na sua Conceição, e nas cinco letras do seu nome tem as cinco flores do seu Livro, p. 1. c. 2. usque ad p. 4. c. 1. Vide *Conceição*.

Lisonja.

NO tribunal da lisonja a verdade se desterra da Corte por mal ouvida: nem póde ouvir bem a verdade, quem só a lisonja

ja escuta , p. 291. c.2.usq.
ad p. 295. c. 2.

Nos palacios dos Reys a lisonja allentou o seu throno , e nelles reina , pag. 292.c.1.

Despede-se a verdade , donde se introduz a lisonja , p.292.c.2.

Compara-se com a hera , e porque? p. 293. c. 1. e 2. pag. 294. c.1.e 2.

Monarquia , donde a lisonja se traz na cabeça , e vay de cabeça a baixo a verdade , desgraçada Monarquia , p.294.c.1.e 2.p. 295. c. 1. e 2. Dide *Verdade*.

Nossa Senhora da Luz.

GRande gloria da luz de Maria , atè a vista da luz de Christo mostra que he luz , p. 448. c. 1. usq. ad p. 452 c.1.

Naõ só he Maria luz , mas fonte , donde para divertir as trevas de tres abismos , nascem tres generos de luzes : para o abismo da enfermidade a luz da faude ; para o abismo da morte a luz da vida ; e

para o abismo da culpa a luz da graça , p. 451. c. 2.p.452.c.1. Vide *N. Senhora da Luz*.

Por fonte de todas as luzes he Maria Sol , p.464.c.1. usque ad p. 469. c. 1. e 2.

Tambem he Sol , por ter por filhos huns Astros de tanta luz. Ibid.

Excellencias de taõ luzidos , e famosos Astros.

M

Mãys.

MAria Santissima , e sua Mãys Santa Anna , eraõ parecidas nas virtudes como Mãys , e Filha , p. 77. c. 1. usque ad p.84.c.2.

Quem bem visse , o que era a Filha , naõ podia deixar de conhecer , o que era a Mãys , p. 79.c.1.e 2. p.80. c. 1.

Mayor he a Filha q̃ a Mãys , mas a gloria mayor da Mãys he ver , que a excede a Filha , p. 80. c. 2. usque ad p. 83. c. 2. Vide *Santa Anna*.

Mãos.

A Fortuna mayor de hũ Reyno está, em que o seu Rey tenha mãos, p. 214. c. 1. e 2. p. 215. c. 1. e 2.

Ter mãos para premiar benemeritos, e mãos para castigar culpados, he exaltar-se o Reyno, e mais o Rey. Ibid. Vide *Rey*.

Maravilha.

EM q̃ sentido foy Maravilha a Senhora na sua Conceição, e por quantas razoens se póde chamar Maravilha? pag. 4. c. 1. usque ad p. 8. c. 2.

Maravilha foy Maria, comparada na sua Conceição comnosco, p. 5. c. 2. p. 6. c. 1. e 2.

Maravilha, comparada na sua Conceição comfigo, p. 7. c. 1. e 2.

Tambem Maravilha, comparada na sua Conceição com Deos, p. 8. c. 1. e 2. Vide *Conceição*.

Maria Santissima.

Vide *Conceição*, *Deserto*, *Senhora da Paz*, e *Senhora da Luz*.

He taõ de flores Maria, que em cada letra do seu Nome respira humia flor, p. 1. c. 2. usq. ad p. 4. c. 2. Vide *Conceição*.

Deos, que o finete da sua graça o poz aos mais na testa, a Maria o poz no coração, e porque? p. 5. c. 1. e 2. p. 6. c. 1. e 2.

Foy Maria primeiro Mãy, que creatura, porque primeiro foy nella a graça, que a natureza, p. 7. c. 1. e 2. Vide *Maravilha*.

Teve Maria com os Anjos o privilegio da sobrenatural creação, e por pura excede aos mesmos Anjos, p. 7. c. 1. usque ad p. 9. c. 1. usque ad p. 12. c. 1. Vide *Angelica*.

Entre os espinhos da culpa foy Maria Rosa pela graça, p. 12. c. 1. usque ad p. 15. c. 1. Vide *Rosa*.

Teve Maria a Deos por Pay, e mais se póde dizer que desceo do Ceo,

do que nasceo da terra :
porisso gloriosa na sua
Conceição , p. 16. c. 1. p.
17. c. 1. Vide *Facinto*.

Maria, quando Açucena do
Ceo , não estima em me-
nos , o que he felicidade
nossa , que o que he glo-
ria sua , pag. 19. c. 1. e 2.
Vide *Açucena*.

Nas flores do Sacramento
tem o Livro de Maria o
Index das suas flores , p.
21. c. 1. e 2. pag. 22. c. 1.
Vide *Conceição*.

Tendo Maria a Deos por
Pay, e por filho o mesmo
Deos , mais he para a Se-
nhora a gloria de ser Mãy,
que a dita de nascer filha,
p. 220. c. 2. p. 221. c. 1.
Vide *Succeção*.

Quando Deos quer tomar
tempo para nos castigar ,
a Senhora , por nos não
ver castigar , toma o tem-
po a Deos , p. 462. c. 1. e
2. p. 465. c. 1. Vide *Vida*.

Marialva.

PElo nascimento de hum
filho, que a Senhora da
Conceição lhe deo , se
exaltou gloriosa a Casa

de Marialva , p. 222. c. 2.
usque ad p. 228. c. 2.

Descreve-se a Nobreza mui-
tas vezes grande desta
Casa , p. 223. c. 1. e 2. p.
224. c. 1.

Primeiro lhe deo a Senhora
huma flor para Mãy , e
depois hum fruto para fi-
lho : e que nascimento
será mayor , o do filho,
ou o da Mãy , p. 224. c. 2.
usq. ad p. 226. c. 2.

Não dá a Senhora da Con-
ceição , nem frutos sem
flores , nem flores sem
frutos , p. 226. c. 2. usque
ad p. 228. c. 2. Vide *Suc-
cessão*.

Martyr.

SEguio S. Braz os passos
de Christo, quando Mar-
tyr, e o Senhor em mui-
tas circunstancias deixou,
que se lhe adiantasse nos
passos , p. 61. c. 1. usq. ad
p. 68. c. 1.

Offerecer-se ao martyrio por
seu gosto , mais he acção
de hum homem Deos ;
que de hum puro homẽ ,
pag. 65. col. 1. e 2. p. 66.
c. 1.

Não

Naõ menos parece Divino , quem na Cruz do martyrio padece de huma vez só muitas Cruzes , p. 66. c. 1. usque ad p. 68. c. 1. Vide *S. Braz.*

Misericordia.

F Amosa Idéa , com que retrataraõ os Antigos a Misericordia , p. 201. c. 1. e 2.

Menezes.

P Reclarissimo Appellido de Menezes. Vide *Cãtanbede.*

Monte.

A Ssentar o Amor Divino nos montes o seu theatro , seria por se querer chamar , e intitular Monte , p. 380. c. 1. usque ad p. 381. c. 1.

Difficuldades para se poder fobir a este Monte de Amor , p. 381. c. 2. p. 382. c. 1.

Tres saõ as medidas da quantidade , e em todas ellas este Monte se vê sem me-

dida. Ha em toda a quantidade largura , ha extensãõ , e ha profundidade. Tal este Monte : he profundo , he extenso , e he largo : no muito que dá , infinitamente largo : nos muitos, a quem dá , infinitamente extenso , e no muito, para que se dá , infinitamente profundo , p. 382. c. 1. e 2. p. 383. c. 1. Vide *Profundo, Extenso, e Largo.*

Murmurador.

V Eja que naõ tenha que notar em si, quem houver de cortar por outrem , p. 153. c. 1. usque ad p. 155. c. 1.

Deitar pedras no telhado alheyo , quem tem de vidro o seu , naõ o faz sem risco. Ibid.

Morte.

N Aõ he outra cousa hum desterro, que huma morte , p. 99. c. 2. usq. ad pag. 104. col. 2. Vide *Vida.*

N

Neto.

E Stimacões singulares, que Christo faz de ser Neto de Santa Anna, p. 84. c. 1. usque ad pag. 91. c. 1.

Será hum Neto os amores todos de sua Avó, mas esta Avó he as delicias todas deste Neto, p. 88. c. 2. p. 89. c. 1. Vide *Avó*.

S. Nicoláo.

T Odo S. Nicoláo he hum milagre, por se parecer com Deos; e o parecer-se com Deos he por ser o Santo dos milagres, p. 326. c. 1. usque ad p. 330. c. 1.

Descrevem-se pelos milagres de Moysés os de S. Nicoláo, p. 327. c. 2. p. 328. c. 1. e 2.

Como retrato, que he de Deos, deixará S. Nicoláo a traz os mayores Santos: he retrato de Deos por imitação, e excede os Sá-

tos da Ley da Natureza: retrato de Deos por equivocação, e excede os Santos da Ley Escrita: retrato de Deos por transformação, e excede os Santos da Ley da Graça, p. 329. c. 2. p. 330. c. 1. Vide *Ley da Graça, Ley Escrita, e Ley da Natureza*.

Nome.

D A' o nome de Maria nome ás flores, e he taõ de flores este Nome, que nas suas cinco letras se retrataõ cinco flores, p. 1. c. 1. usque ad pag. 4. c. 2.

No nome de Jesus teve remedio Christo enfermo de amor, e para todos he universal remedio este Nome, p. 282. c. 1. usque ad p. 285. c. 1. Vide *Remedio*.

Noronha.

N Obilissimo Appellido de Noronhas. Vide *Villa Verde*.

O

Occasiao.

HE a occasiao máy do peccado; e se por não tornar Ismael se vay Agar, para que o peccado não torne, vay-se a occasiao, p. 247. c. 1. e 2. Vide *Contrição*.

Odio.

Converte no Sacramento Christo o odio em amor; porque o bemfeitor he tão amavel, que rouba os coraçoes de todos, e a todos se mete no coração: por isso pelo fim para que se dá, o Senhor triunfa do nosso odio, p. 43. c. 2. usque ad p. 47. c. 1. Vide *Amor, e Sacramento*.

Olhos.

Olhos ha de tanta compaixão, que para remediar a hum pobre, basta por esmola porlhe os

olhos, p. 201. c. 2. p. 203. c. 1. e 2.

Em Deos, entre remedios, e vistas, não ha differença, o mesmo que nelle são vistas são remedios. Ibid. Vide *Esmola*.

Toda a fortuna de hũ Reyno, sua dita, ou desdita, não está mais, que em ter o seu Rey olhos, ou não os ter, p. 203. c. 1. usque ad p. 209. c. 1.

Não ha de haver para os olhos de hum Rey, nem longe, nem perto, igualmente ha de ver ao perto, e mais ao longe, p. 206. col. 1. usque ad pag. 208. c. 2.

A dar-se nos seus olhos preferencia, mais ha de ser para os longes, que para os pertos, pag. 207. c. 1. e 2.

Se quer no Reyno ter sугeitos, ponha-lhe os olhos, p. 208. c. 1. e 2. p. 209. c. 1. Vide *Rey*.

Chorar os peccados se faz só com o coração nos olhos, e porque? p. 251. c. 1. usque ad p. 253. c. 1. Vide *Confissão*.

P

Pay.

Conhecem-se os pays pelos filhos, e excederem estes a seus pays na grandeza, he o que mais estimaõ os mesmos pays, p. 77. c. 1. usque ad p. 84. c. 2.

Por immortal que hum pay seja, se pôde cuidar que morre no desterro de hum filho, p. 103. c. 2. p. 104. c. 1. e 2. Vide *Vida*.

Deos Pay.

Retrato de Deos Pay he S. Jozé: pollo em lugar seu o mesmo Deos, e o fez Pay daquelle Filho, de quem o mesmo Deos he Pay, p. 403. c. 2. usq. ad p. 411. c. 2.

Altas razoens de equivocacão entre o Padre Eterno, e S. Jozé, p. 404. c. 2. usq. ad p. 408. c. 2.

Não só teve S. Jozé a gloria de ser substituto do Pay, mas a gloria de querer pa-

recer o Pay seu substituto, pag. 408. c. 2. p. 409. c. 1.

Cuidados do Padre Eterno, para que o chamar-se Pay de Christo, o não tivesse mais que o Padre, e mais Jozé, p. 409. c. 1. e 2. p. 410. c. 1. Vide *S. Jozé*.

Patria.

A Patria, que Deos no Nascimêto deo a Maria, sacrificou Maria no Desterro por amor de Deos: propriedade de flor, que da terra, em que nasce, se traslada para outra terra, p. 105. c. 1. usq. ad p. 110. c. 2.

Sacrificar a vida muito he, mas se o mais custoso he mayor, mais he sacrificar a patria, que a vida, p. 106. c. 1. usq. ad p. 109. c. 2. Vide *Desterro*.

N. Senhora da Paz.

Uniformidade entre o mysterio da Purificacão, e o titulo da Senhora da Paz, p. 303. c. 1. usq. ad p. 306. c. 2.

Tres

Tres pazes fez Maria na sua Purificação. Côtrarios são entre si, a liberdade, e o cativeiro, a honra, e o dehdouro, a soberania, e o abatimento: e Maria na Purificação, entre todos estes contrarios fez pazes: entre o abatimento, e sabedoria, entre o dehdouro, e a honra, entre o cativeiro, e a liberdade, p. 306. c. 2. p. 307. c. 1. e 2. Vide *Liberdade, Honra, e Soberania.*

Peccado.

Como se ha de largar o peccado, para que não torne? p. 245. c. 1. usque ad p. 247. c. 2. Vide *Contrição.*

Penitencia.

Para a renovação do templo da alma ha de ser fogo, e agoa a penitencia: fogo, em que se renasça Feniz, e agoa, em q se renove Agua, p. 446. c. 1. e 2. p. 447. c. 1. e 2.

Tres actos tem a penitencia,

contrição, confissão, e satisfação, instrumetos unicos para a renovação do templo da alma. Vide *Templo.*

Poder.

NA redempção das nossas culpas triunfou na palma da Cruz o poder de Christo, p. 438. c. 1. usque ad p. 443. c. 1.

Pela sua Cruz se daõ a conhecer em Christo poderes de Rey, p. 438. c. 1. usque ad p. 442. c. 1.

Tal he a Cruz na estimação de Christo, que sem ella tudo lhe parece nada, e com ella nada lhe parece tudo, p. 442. c. 2. p. 443. c. 1. Vide *Cruz.*

Pomba.

Pomba foy o coração de Santa Theresã, porque na tolerancia dos trabalhos gemeo como Pomba, pag. 372. c. 2. usque ad p. 376. c. 2.

Padeceo ás mãos de hum Serafim: grave padecer! Não atormenta tanto o odio,

odio , quanto hum amor atormenta, p. 373. c. 1. e 2. p. 374. c. 1. e 2.

Com o peito atravessado vivia morrendo sempre : martyrio, em que se morre cada dia, cruel martyrio, p. 374. c. 1 e 2.

Tanto desejava por Deos a morte, que morria, porqu e não morria, p. 374. col. 1. pag. 375. col. 1. e 2.

Qual o amor de Christo na Cruz, Therefa sem padecer não queria vida : Ou morrer, ou padecer, pag. 376. col. 1. Vide *Santa Therefa*.

Prégador.

O Prégador se ha de cortar por outrem, não tenha que notar em si, p. 153. c. 1. usque ad p. 155. c. 1.

Presente.

Peregrina questaõ : se he mais conveniente ao amor a ausencia, se a presença, p. 127. c. 1. usq. ad p. 129. c. 2.

Nem presente só, nem só ausente hade estar o amor mas ausente, para que o logro não enfaltie, e presente, para que o desejo não maltrate, p. 131. c. 2. usque ad p. 134. c. 1. Vide *Retiros*.

Profundo.

Infinitamente profundo he no muito, para que se dá, o Divino amor no seu Monte, p. 394. c. 1. usque ad p. 397. c. 2.

Toda a profundidade diz altura : para o homem he monte alto, porque sobe por elle a ser Deos; e para Deos he profundo, porque por elle desce a ser homem, p. 394. c. 2. p. 395. c. 1.

Desce Deos para as penas, que saõ do homem, e o homem sóbe para as glorias, que saõ de Deos, p. 395. c. 2. p. 396. c. 1. e 2.

Dá-se a razaõ, porque fazendo igualdades o amor, aqui faz desigualdades, p. 396. c. 1. p. 397. c. 1. Vide *Monte*.

Q

Quantidade.

EM todas as medidas da Quantidade se vê no Monte do Amor Divino huma Quantidade sem medidas, p. 381. c. 2. p. 382. c. 1. Vide *Monte*.

R

Rey.

PAra se conhecer a Magestade de hum Rey, não parece servem tanto as luzes, de quem resplandece, quanto as liberalidades, de quem reparte, p. 197. c. 1. e 2.

O Rey para remediar o seu Reyno, e mostrar que he Rey, tres cousas hade mostrar que tem, olhos, bocca, e mãos: nos olhos mostrará, o que pôde com huma só vista; na bocca, o que obra com huma só palavra; e nas mãos, o q̄ acaba com huma só obra;

pag. 199. c. 2. p. 200. c. 1. Vide *Olhos*, *Bocca*, e *Mãos*.

Rey sem mãos, Rey sem bocca, e Rey sem olhos, ou he Rey de zombaria, ou nada tem de Rey, p. 213. c. 1. e 2. p. 214. c. 1. Só se pôde chamar Rey, o que tudo isto tem, p. 215. c. 1. e 2.

Remedio.

PAra Christo enfermo de amor foy o Nome de Jesus remedio, e remedio de muito Nome, p. 276. c. 2. usque ad p. 280. c. 1. A fer de amor a enfermidade, só hum Nome, que o empenhava a morrer, podia servir de remedio, pag. 277. c. 1. usq. ad pag. 279. c. 1.

Vida, e morte se dá no Nome de Jesus; porisso se remedio para o Redemptor, a quem dá a morte, remedio para os redimidos, a quem dá a vida, Ib. Vide *Enfermidade*.

Reno-

Renovação.

REnova-se a Feniz no fogo, renova-se a Agua no banho, e sobre huma pedra a serpente: tal pela penitencia a renovação de huma alma, pag. 240. c. 2. pag. 241. c. 1.

Respeito.

NO tribunal do respeito a verdade se desterra da Corte por mal aceita: nem pôde abraçar a verdade, quem só o respeito ama, pag. 295. c. 2. usque ad p. 299. c. 1.

O dar-se a verdade, he consequencia de não haver respeito; e não menos o haver respeito, de se não dar verdade, p. 295. c. 2. usq. ad p. 297. c. 2. Vide *Verdade*.

Retiros.

Presente nos seus retiros se deixou no Sacramento o amor de Christo, e porisso hum prodigio

de amor, p. 127. c. 1. usq. ad p. 134. c. 1.

Nem na presença se affina o amor, nem na ausencia se requinta: hade ajuntar-se presença com ausencia: porisso amor gråde, porq presente nos seus retiros. Ibid. Vide *Amor*.

Rosa.

ROsa foy na sua Conceição a Mãe de Deos; e sendo a Rosa o prototypo da belleza, Maria, por pura na Conceição, foy na belleza huma Rosa, p. 12. c. 2. usque ad p. 15. c. 2.

Toda a Rosa tem seu espinho; mas em Maria, que vencidos lhe cahiraõ ao pé, mais foraõ triunfos da bizarrria, que naufragios da belleza, p. 14. c. 1. e 2. p. 15. c. 1. Vide *Conceição*.

S

Sabio.

NAõ ha amor sem sabedoria, e só entaõ maior amor, quando mais sabio, p. 119. c. 2. usq. ad p. 121. c. 2.

Amor, que para obrar finezas espera horas, sabio amor, p. 125. c. 1. usque ad p. 127. c. 1. Vide *Excessos*.

Sabios.

Sabios, que só sabem para si, saõ como as Estrelas, e os que sabem para os outros, como o Sol. Porque, pag. 152. c. 1. pag. 153. c. 1.

Sacramento.

HE o Sacramento paõ de flores, e nas flores do Sacramento tem o melhor Index as flores de Maria, pag. 21. c. 1. e 2. p. 22. c. 1.

Engenhosa conquista, com

que o Divino amor no Sacramento vence aquelles coraçoes, que o amor humano naõ póde vencer, p. 24. c. 1. usque ad pag. 27. c. 1.

Tres generos de coraçoes vence o Amor Sacramentado, que vem a ser: coraçoes amantes, coraçoes inimigos, e coraçoes indifferentes, que naõ saõ inimigos, nem amantes. Nos indifferentes, Christo pelo muito que dá, lhes converte o desconhecimẽto em gratificaçãõ. Nos amantes, pelos muitos, a quem dá, lhes converte o ciume em conformidade: e nos inimigos, pelo fim, para que se dá, lhes converte o odio em amor. Ibid. Vide *Desconhecimento, Ciume, e Odio*.

No Sacramento nos dá Christo tudo, quanto tem, e depois d'elle, nem Deos tem mais que dar aos homens, nem os homens mais que esperar de Deos, p. 31. c. 1. usque ad p. 34. c. 1.

Generosidade de Christo no Sacra-

- Sacramento, calla o que he mais, e falla no que he menos, p. 34. c. 2. p. 35. c. 1. e 2.
- Pelo Sacramento se dá a conhecer a grãdeza de Christo, p. 36. c. 1. e 2.
- Ao Sol no Meyo dia se compara o Sacramento, e porque? p. 37. c. 2. p. 38. c. 1. e 2.
- Porque com igual repartição se dá a todos, poem no Sacramento em paz o nosso ciume, p. 39. c. 1. e 2. p. 40. c. 1. e 2.
- Tanto se dá no Sacramento aos dignos, como aos indignos; e quanto mais aos dignos, mayor amor, p. 41. c. 2. usque ad pag. 43. c. 1.
- Tal he a uniaõ entre os homens, e Christo pelo Sacramento, que primeiro se apartará Christo de si, do que dos homens, p. 44. c. 2. p. 45. c. 1.
- Pelo Sacramẽto os homens, e Christo passaõ de uniaõ a unidaes, p. 45. c. 2. usq. ad p. 47. c. 1.
- Como se hade receber o Sacramento, para os homens se unirem com Christo,
- pag. 46. c. 2. usque ad p. 48. c. 2.
- He fonte de luz o Sacramẽto, donde para se divertirem tres eclypsos, se diffundem tres luzes: para o eclypse da enfermidade a luz da faude: para o eclypse da morte a luz da vida: e para o eclypse da culpa a luz da graça: e porque fonte de tantas luzes, porisso Sol, p. 456. c. 1. e 2. p. 460. c. 2. p. 463. c. 2. p. 466. c. 1. e 2. Vide *Nossa Senhora da Luz*.

Sangrias.

- S** Angria foy para Christo o golpe da Circumcisaõ: era a enfermidade amor, e só lhe podia servir de remedio taõ custosa sangria, p. 270. c. 1. usque ad p. 276. c. 1.
- Sem estar fugeito ás leys da Medicina se sangra Christo; mas ley da fineza he, que as finezas se disfarcem com as leys, p. 271. col. 1. usque ad pag. 276. c. 1.
- Não tinha esta sangria mais causa

causa q̄ a culpa de Adão, mas por padecer o amor tomou a fangria, e não reparou na causa, p. 273. c. 1. usque ad pag. 275. c. 1.

Amor, que se reveste em purpuras de sangue, he o Rey dos amores, p. 275. c. 1. e 2. p. 276. c. 1. Vide *Enfermidade.*

Santo.

NA Cruz da benção se mostrava S. Braz o Santo mais milagroso, e por isso o mayor Santo, p. 68. col. 1. usque ad p. 72. c. 1.

Fello Deos o Santo do estreito, e como lhe deo o posto mais arriscado, fiou delle mais, p. 69. c. 2. p. 70. c. 1.

Glorias, que por Santo do estreito teve S. Braz, p. 70. c. 2.

Faz no estreito milagres cõ huma palavra, e parece hum Deos, p. 71. c. 1. e 2. pag. 72. c. 1. Vide *S. Braz.*

Tom. IV.

Satisfação.

HE a satisfação o terceiro acto da penitencia, e limpos por ella os coraçoes de toda a mancha, faz que assista Deos nos mesmos coraçoes, p. 255. c. 2. usque ad p. 257. c. 2.

Naõ confiste só a satisfação em restituir a perda, mas em dar alguma compensação da injuria, p. 256. c. 2. p. 257. c. 1.

Exemplo de como hade ser a satisfação. Ibid. Vide *Templo.*

Saude.

Fonte de luz he Maria, e fonte, donde para se divertir o abyfmo da enfermidade se bebe a luz da faude, pag. 452. col. 2. usque ad pag. 457. col. 2.

Sendo Christo Filho de Deos, e de Maria, mais parece que nos dá a faude por Filho de Maria, que de Deos, pag. 452. c. 2. usque ad p. 454. c. 1.

Ll Refle-

Reflexo he a faude, mais do Sol, do que da Aurora, mas Deos quer se attribua mais á Aurora, que ao Sol, p. 454. c. 2. usque ad p. 456. c. 2.

Ajuntar-se o Sol com a Aurora he o final mais certo da nossa faude. Ibid. Vide *Nossa Senhora da Luz*.

Sceptro.

NO Sacramento, que lhe pintaõ nas mãos, tem S. Joaõ de Sahagum o sceptro do seu Reyno; grande Principe com tal insignia por sceptro! pag. 155. c. 2. usque ad p. 162. c. 2.

Pelo sceptro do Sacramento mostra Joaõ, que se foy grande nas virtudes, que Deos lhe deo, o foy tambem nos favores do mesmo Deos. Ib.

Via Joaõ no Sacramento a Christo: singular favor! Donde aos mais se esconde, se mostra a Joaõ, pag. 156. c. 2. usque ad p. 158. c. 1.

O peito aberto lhe mostra-

va Christo na Hostia, e alli lhe revelava os segredos do mesmo peito: na razãõ de valido foy Joaõ preferido a outro Joaõ, p. 159. c. 2. p. 160. c. 1.

Tambem se vê no espelho do Sacramento hum espelho das virtudes de Joaõ, p. 160. c. 1. usque ad p. 162. c. 2. Vide *S. Joaõ de Sahagum*.

Soberania.

PAzes entre a soberania, e o abatimento fez Maria na Purificaçãõ; abateo-se á humildade mayor, e quanto mais se abateo, a mais sobio, p. 306. c. 2. usque ad p. 313. col. 2.

Foy a Senhora como o Sol, quando naõ pôde sobir a mais, desce para tornar a sobir, p. 306. c. 1. usque ad p. 309. c. 1.

Por obedecer a huma Ley, que a naõ obrigava, sobio a parecer Divina a Mãe de Deos, p. 309. c. 1. e 2. p. 310. c. 1.

Tambem por se reputar na Purificaçãõ como as mais mu-

mulheres , pareceo Divina , p. 311. c.2. usq. ad p. 313. c. 1. Vide *Nossa Senhora da Paz.*

Soberano.

TAõ soberano se mostrou nos seus abatimentos Christo , que aos pés dos homens, á medida do que desceo , sobio , pag. 134. c. 1. usque ad p. 139. c.2. Vide *Abatimentos.*

Sogra.

POr esposo de Maria teve o Espirito Santo por Sogra a Santa Anna ; altas estimaçoens, que o Senhor fez desta Sogra , p. 91. c.2. usque ad p. 95. c.2. Assim fez gala de a ter por Sogra , que no dia de o fer , se vestio elle de gala , p. 92. c. 1. e 2. p. 93. c.1. Vide *Santa Anna.*

Sol.

HE o Sol hum retrato do amor , pag. 109. c.2.

Succeffaõ.

A Gradecer á Senhora da Conceição a Succeffaõ que dá , he restituirem-se ao Mar os rios , e a luz das Estrellas ao Sol , p. 219. c. 1. usque ad p. 222. c. 1.

Tal he a fortuna da succeffaõ , que mais para estimar he a gloria de fer Mãy , que a dita de nascer Filha , p. 220. c. 2. p. 221. c.1.

Succeffaõ , por quem a Casa de seus progenitores se vê exaltada, felice succeffaõ , p. 221. c. 2. p. 222. c. 1.

No nascimento do inlyto D. Pedro de Menezes a Mãy de Deos deo á Casa de Marialva hum Filho , á de Villa Verde hum Neto , e á de Cantanhede hum Successor : por este Filho se exaltou gloriosa a Casa de Marialva , a de Villa Verde por este Neto , e por este Successor a de Cantanhede. Ibid. Vide *Cantanbede , Vila Verde , e Marialva.*

T

Templo.

Templo arruinado pela culpa, e pela penitencia renovado he o homẽ, p. 238. c. 1. usque ad pag. 242. c. 2.

Descreve-se o homem á maneira de hum Templo, p. 239. c. 2.

Na reedificação do Templo da alma não são outros os fundamentos q̃ ruinas, os materiaes lagrimas, e os instrumentos offertas; he o que fazem os tres actos da penitencia, a contrição, a confissão, e a satisfação: a contrição faz as ruinas cortando pelos idolos; a confissão produz as lagrimas para lavar as manchas; e a satisfação offerece os sacrificios para alimpar as offensas, p. 241. c. 2. Vide *Contrição, Confissão, e Satisfação.*

Santa Theresa.

Hum só he o coração de Santa Theresa, mas nas perfeições, sendo hũ, equivale a todos os corações, p. 355. c. 1. usque ad p. 358. c. 1.

De hum coração, que morre de amores, não se podem descrever as perfeições, p. 356. c. 1. p. 357. c. 2.

Em tres figuras se representa admiravel este generoso coração: he coração, que he Feniz, he coração, que he Aguia, e he coração, que he Pomba. Na fineza dos extremos ardeo como Feniz. Na relevancia dos escritos voou como Aguia. Na tolerancia dos trabalhos gemeo como Pomba, p. 357. c. 2. Vide *Pomba, Aguia, e Feniz.*

Astros, por filhos do Sol, são os filhos deste coração, p. 376. c. 2. usq. ad p. 379. c. 2.

Quanto mais reformados, mais luzidos Astros, pag. 377. c. 1. e 2.

Cada Religioso filho deste cora-

coraçã val por hum Cõ-
vento de Religiosos , p.
378. c. 1. e 2.

Trono.

POr insignia do seu Rei-
no teve S. Joã de Sa-
hagum huma cadeira de
doutrina por trono: exal-
tou-se sobre os mayores
Mestres do mundo, e por
isso para elle trono, o que
he cadeira, p. 147. c. 2.
usque ad p. 155. c. 2.

Começou Joã, por onde
todos acabaõ, e tendo seu
Oriente o Sol, e seu Meyo
dia, Joã na luz das scienc-
cias foy hum Sol, que te-
ve o Meyo dia por Ori-
ente, p. 148. c. 1. usque ad
p. 152. c. 1.

Que o trono da sua luz o
ajuntasse este Sol com as
madurezas do Occaso, o
muito fora; mas que o
ajuntasse com as menini-
ces do Oriente, foy mais
que muito, p. 150. c. 1. e
2. p. 151. c. 1. e 2.

Ensinava Joã com o exem-
plo, e não só se via alli a
virtude em hum menino
da escõla, mas em hum

menino huma escõla de
virtudes, p. 152. c. 1. usq.
ad p. 155. c. 1.

Não ha de ter que notar em
si, quem houver de repre-
hender a outros, p. 153.
c. 2. usque ad p. 155. c. 1.
Vide *S. Joã de Saba-
gum.*

U

Verdade.

NOtavel antipatia, que
as Cortes tem com a
verdade, p. 283. c. 1. usq.
ad p. 286. c. 1.

Por tres sentenças em tres
cruelissimos tribunaes se
desterra a verdade para
fõra da Corte: no tribu-
nal da dependencia se de-
sterra por mal vista; no
da lisonja por mal ouvi-
da; e no do respeito por
mal aceita, p. 285. c. 1. e
2. Vide *Dependencia,
Lisonja, e Respeito.*

He innocente a verdade, e
porisso condemnada por
tres sentenças, pag. 298.
c. 1. e 2.

Embargos, que se poem
por

por innocentes ás sentenças da verdade, p. 299. c. 1. e 2.

Mas porque he innocente, não ha para as suas sentenças embargos: a valiaõ-se no mundo as culpas por innocencias, e as innocencias por culpas, p. 299. c. 2. usque ad pag. 302. c. 2.

Destino notavel; logo que a verdade nasceo, veyo a justiça sobre a verdade, p. 301. c. 1. usque ad p. 302. c. 2.

Vida.

Vida fugitiva vida he crucificada para quem deseja dar a vida, p. 59. c. 1. e 2. Vide *Bispo*.

A vida, que a Mãy de Deos recebeo no Nascimento, no Desterro a sacrificou, porque viver desterrado, he não viver, pag. 100. c. 2. usque ad p. 105. c. 2.

Morre-se na morte huma vez só, mas no desterro muitas vezes: hum desterrado todos os dias morre, p. 102. c. 1. e 2.

Morte para seus pays o desterro de hum filho, pag. 103. c. 1. e 2. p. 104. c. 1. e 2. Vide *Desterro*.

Fonte he Maria de luz, e para se divertirem os eclipfes da morte fonte, em que se bebe a luz da vida, p. 457. c. 1. usque ad p. 461. c. 1.

A vida, que só he de Christo que a dá, mais parece a devemos a Maria, que a Christo, p. 457. c. 1. usque ad p. 459. c. 2.

Mais facilmente chega a morte aos que Christo ampara, que aos que ampara Maria, p. 459. c. 2. p. 460. c. 1. e 2.

Donde Maria está, não pôde chegar a morte, pag. 460. c. 2. p. 461. c. 1. e 2. Vide *Nossa Senhora da Paz*.

Villa Verde.

POr hum neto felice, q̄ lhe deo a Mãy de Deos, se exalta gloriosa a Casa de Villa Verde, p. 229. c. 1. usque ad p. 233. c. 1. Descreve-se a esclarecida, e real nobreza desta Casa,

fa, p. 229. c. 1. e 2.
A poder-se esta Casa exaltar mais, só o podia fazer este neto, p. 230. c. 2. p. 231. c. 1. e 2.

Que gloria he mayor, a successão de hum filho em Marialva, ou o nascimẽto de hum neto em Villa Verde? p. 231. c. 2. p. 232. c. 1.

He neto, que Maria deo, e porillõ a coroa desta Casa, p. 232. c. 1. e 2. p. 233. c. 1.

Vide. *Successão.*

Virtude.

PElas insignias, que os Santos tem nas mãos, se conhecem as suas grandes virtudes, p. 155. c. 2. p. 156. c. 1. e 2. p. 162. c. 1. e 2.

Em si ostentou Christo virtudes às mãos cheas, quã-

do no paõ do Sacramento teve nas mãos o espeelho de todas as virtudes p. 160. c. 2. usque ad pag. 162. c. 2. Vide *Sceptro.*

Z

Zelo.

POr zelo do bem das almas o Bom Pastor se ha de negar a morrer, como deseja, ainda quando deseje o morrer, p. 57. c. 1. usq. ad p. 59. c. 2.

Zelos.

FOraõ prudētissimos zelos de S. Jozé, e nunca S. Jozé mais amante, que quando amante com zelos, p. 401. c. 2. p. 402. c. 1. e 2. p. 429. c. 2. p. 430. c. 1. e 2.

F I N I S.

SOLIDEO HONOR, ET GLORIA,
Solique Deiparæ Conceptionis MARIE,
Magno, ac præclaro meo Augustino Parenti.



